



J. R. Ward

Amante Consagrado

Lover Enshrined

Série Adaga Negra - Vol. 6

Disponibilização: LibrosLibrosLibros

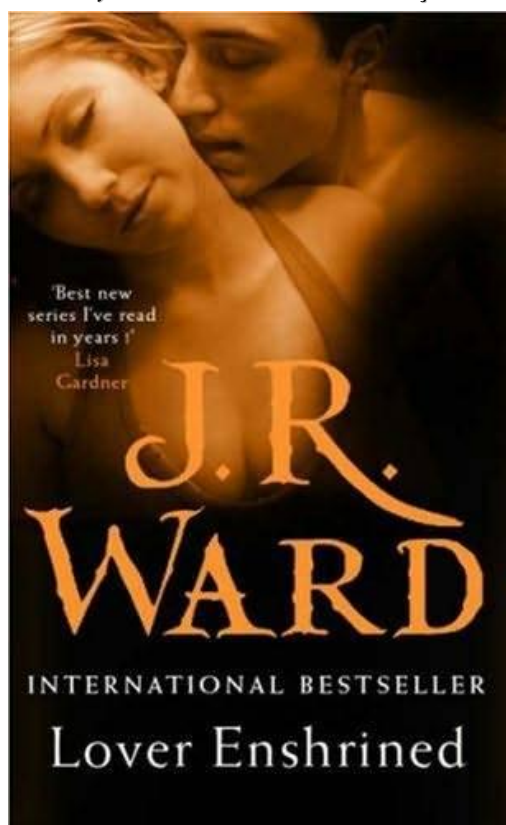
Tradução/Pesquisa: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão Inicial: Lu Avanço

Revisão Final: Etel

Formatação: Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



Nas sombras da noite de Caldwell, Nova Iorque, desenvolve-se uma furiosa guerra entre os vampiros e seus assassinos. E existe um grupo secreto de irmãos como nenhum outro... Seis guerreiros vampiros, defensores de sua raça. E agora, um obediente gêmeo deve escolher entre duas vidas...

Ferozmente leal à Irmandade da Adaga Negra, Phury se sacrificou pelo bem da raça, convertendo-se no macho responsável por manter a linhagem da Irmandade. Como o Primale das Escolhidas, vai ser o pai dos filhos e filhas que assegurarão que sobrevivam as tradições da raça, e, que haja guerreiros que lutem contra aqueles que querem que todos os vampiros se extingam.

Como sua Primeira Companheira, a escolhida Cormia quer ganhar não só seu corpo, mas também seu coração para si mesmo... Ela vê o macho emocionalmente deteriorado atrás de toda sua nobre responsabilidade. Mas enquanto a guerra com a Sociedade Lessening se volta mais severa, e a tragédia mora sobre a mansão da Irmandade, Phury deve decidir entre o dever e o amor.





GLOSSÁRIO

A Irmandade da Adaga Negra - Black Dagger Brotherhood

Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem aos de sua espécie contra a Lessening Society. Como consequência da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma extraordinária capacidade regenerativa —podendo recuperar-se de suas feridas de uma maneira assombrosamente rápida. Normalmente não estão unidos por vínculos de parentesco, e são introduzidos na Irmandade mediante a proposta de outros Irmãos. Agressivos, auto-suficientes e reservados, vivem separados do resto dos civis, mantendo apenas contato com os membros de outras classes, exceto quando precisam alimentar-se. São objeto de lenda e reverência dentro do mundo dos vampiros.

Escravo de sangue - Blood Slave - Homem ou mulher vampiro que sujeita sua existência às necessidades alimentícias de outro vampiro. O costume de possuir escravos de sangue foi suspensa há muito tempo, mas ainda não foi abolida.

Escolhida – Attendhente - Mulher vampiro que foi criada para servir à Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora seu enfoque seja mais espiritual que temporário. Sua interação com os homens é virtualmente inexistente, mas podem emparelhar-se por ordem da Virgem Escriba para propagar sua espécie. Possuem o dom da vidência.

Doggen. Constituem a servidão do mundo vampírico. São fiéis a estritas tradições a respeito de como servir a seus superiores e obedecem a um conservador código de comportamento e vestuário. Podem caminhar sob a luz do sol mas envelhecem relativamente rápido. Sua média de vida é de uns quinhentos anos.

O Fade. Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos para passar juntos o resto da eternidade.

Hellren. Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Está permitido que os homens possam ter mais de uma companheira.

Leelan. Adjetivo carinhoso que se traduz como o/a mais querido/a.

Lessening Society. Ordem ou organização de assassinos reunida pelo Omega com o propósito de erradicar as espécies vampíricas.

Lesser. Humanos sem alma, membros da Lessening Society, que se dedicam a exterminar os vampiros. Permanecem eternamente jovens e só pode lhes matar cravando uma adaga no peito. Não comem nem bebem e são impotentes. À medida que passa o tempo, sua pele, cabelo e olhos, perdem pigmentação até que ficam completamente albinos. Soltam um aroma muito parecido ao talco. Quando ingressam na Sociedade —introduzidos pelo Omega— ele lhes extrai o coração e o conserva em um pote de cerâmica.

Período de zelo - Needing period - Período de fertilidade das mulheres vampiro. Dura em torno de dois dias e é acompanhado de um forte desejo sexual. Produz-se, aproximadamente, cinco anos depois da transição feminina e, posteriormente, uma vez a cada dez anos. Durante o período de zelo, todos os machos respondem, em maior ou menor medida, à chamada da fêmea o que pode provocar conflitos e brigas entre os mesmos, especialmente quando a fêmea não está emparelhada.

O Omega. Ente místico e malévolo que quer exterminar à raça vampírica pelo ressentimento que tem para com a Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui enormes poderes, embora não o da criação.

Princeps. A casta mais alta da aristocracia vampírica, só superado pelos membros da Família Principal ou pela do Eleito da Virgem Escriba. É uma casta que se tem por nascimento, sem que possa ser concedido com posterioridade.

Pyrocant. Termo referido à debilidade vital que pode sofrer todo indivíduo. Esta debilidade pode ser interna, como por exemplo um vício, ou externa, como um amante.

Rythe. Rito pelo que se tenta apaziguar aquele/aquela cuja honra foi ofendido. Se o rythe é aceito, o ofendido escolhe arma e golpeará com ela ao ofensor, que acudirá desarmado.

A Virgem Escriba. Força mística conselheira do Rei, guardiã dos arquivos vampíricos e dispensadora de privilégios. Existe em um reino atemporal e tem enormes poderes. Lhe concedeu o dom um único ato de criação que foi o que utilizou para dar vida aos vampiros.

Shellan. Vampiro fêmea que se emparelhou com um macho. As mulheres vampiros não podem emparelhar-se com mais de um companheiro devido à natureza dominante e territorial destes.

A Tumba. Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Utilizada como convocação cerimoniosa e como armazém para os potes dos lessers. As cerimônias ali realizadas incluem iniciações, funerais e ações disciplinadoras contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba, ou os candidatos à iniciação.

Transição. Momento crítico na vida de um vampiro no qual ele ou ela se transforma em adulto. Depois da transição, o novo vampiro deve beber sangue do sexo oposto para sobreviver e, a partir desse momento, não pode suportar a luz do sol. Geralmente ocorre na idade de vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem a este momento, especialmente os varões. Previamente à transição, os vampiros são fracos fisicamente, sexualmente ignorantes e incapazes de desmaterializarse.

Vampiro. Membro de uma espécie diferente da humana. Para sobreviver devem beber sangue do sexo oposto. O sangue humano os mantém com vida, embora a força que lhes outorga não dura muito tempo. Uma vez que superam a transição, são incapazes de expor-se à luz do sol e devem alimentar-se obtendo o sangue diretamente da veia. Os vampiros não podem transformar aos humanos com uma mordida ou através de uma transfusão, e em raras ocasiões podem reproduzir-se com membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se a vontade, mas para isso devem estar calmos, concentrados e não vestir ou carregar nada pesado. São capazes de apagar as lembranças dos humanos, sempre que essas lembranças não sejam distantes. Alguns vampiros podem ler a mente. A esperança de vida é indeterminável.

Ahstrux nohtrum. Guarda particular com licença para matar que é renomado para esse posto pelo Rei. Pode ser homem ou mulher.

Ahvenge. Ato de mortal retribuição tipicamente levado a cabo pela amada de um macho.

Chrih. Símbolo de uma morte honorável, na Antiga Língua.

The Chosen. A/as Eleita/s pr n. Mulher vampiro que foi criada para servir à Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora enfoquem mais em assuntos espirituais do que temporários. Sua interação com os homens é virtualmente inexistente, mas pode emparelhar-se com Irmãos por ordem da Virgem Escriba para propagar sua espécie. Algumas possuem o dom da vidência. No passado, eram usadas para cobrir as necessidades de sangue dos membros não emparelhados da Irmandade, e essa prática foi reinstaurada pelos Irmãos.

Cohntehst. Conflito entre dois machos competindo pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd. Inferno.

Ehros. Uma Escolhida treinada em matéria de artes sexuais.

Exhile dhoble. O gêmeo malvado ou maldito, é o que nasce em segundo lugar.

Ghardian. Guardião de um indivíduo. Há vários graus de ghardians, sendo o mais poderoso o de uma fêmea sehclused, também chamado whard.

Glymera. O núcleo social da aristocracia, equivalente aproximadamente ao do período da regência na Inglaterra.

Leahdyre. Uma pessoa de poder e influência.

Lewlhen. Dou de presente.

Lheage. Um termo respeitoso que usam os que são submetidos sexualmente referindo-se ao que os domina.

Mahmen. Mãe. Usado de ambas as formas para identificá-las carinhosamente.

Mhis. O mascaramento de um ambiente físico dado; a criação de um campo de ilusão

Nalla (fêmea) ou **Nullum** (macho) adj. Amada/o

Newling. Uma virgem.

Pheursom ou Pherarsom adj. Termo que se refere à potência dos órgãos sexuais do macho. A tradução literal seria algo como “digno de penetrar a uma mulher”

Rahlman. Salvador

Sehclusion. A pedido da família de uma fêmea o Rei pode lhe conferir este estado legal. Coloca à fêmea sob a autoridade exclusiva de seu whard, que geralmente é o macho mais velho da família. Seu whard tem o direito de determinar sua forma de vida, restringindo a vontade toda interação que ela tenha com o resto do mundo.

Symphath. Subespécie do mundo vampírico caracterizada, entre outras peculiaridades, por sua habilidade e desejo de manipular as emoções de outros (com o propósito de um intercâmbio de energia). Historicamente, foram discriminados e durante certas épocas, caçados pelos vampiros. Estão próximos à extinção.

Tahlly. Um termo carinhoso, também traduzido como “querida”.

Trahyner. Palavra usada entre machos que denota mútuo respeito e afeto. Traduzida livremente como “querido amigo”

Wahlker. Um indivíduo que morreu e voltou para a vida do Fade. Outorga-lhes um grande respeito e são reverenciados por suas tribulações.

Prólogo

Faz vinte e cinco anos, três meses, quatro dias, onze horas, oito minutos, e trinta e quatro segundos...

O tempo não era, para falar a verdade, uma perda que se escorria para o infinito. Era maleável e não imutável até o último segundo do mesmo presente. Argila e não concreto. E isso era algo pelo qual o Omega se sentia agradecido. Se o tempo tivesse sido inalterável, não teria nos braços a seu filho recém-nascido.

As crianças nunca tinham sido seu objetivo. E, entretanto, nesse momento, sentiu-se renovado.

—A mãe está morta? —perguntou ao Fore-lesser que vinha descendo as escadas. Era gracioso se tivessem perguntado ao assassino que ano pensava que era e este tivesse respondido 1983. E de certa forma, tivesse estado correto.

O Fore-lesser assentiu.

—Não sobreviveu ao parto.

—As fêmeas vampiras raramente sobrevivem. É uma de suas poucas virtudes. —E neste caso, oportuna. Matar a mãe depois que proporcionasse tão bom serviço, parecia uma descortesia.

—Que deseja que faça com o corpo?

O Omega observou seu filho estirar a mão e agarrar seu polegar. Tinha força ao apertar.

—Que estranho.

—O que?

Era difícil expressar o que sentia. Ou talvez esse fosse o tema. Não esperava sentir nada.

Supunha-se que seu filho seria a reação defensiva contra a Profecia do Destruidor, uma resposta calculada na guerra contra os vampiros, uma estratégia para assegurar a sobrevivência do Omega. Seu filho acharia uma forma nova de lutar e mataria a essa raça de selvagens antes que o Destruidor purgasse a essência do Omega até não deixar nada.

Até esse momento, o plano se executou de forma perfeita, começando com o rapto da fêmea de vampiro que o Omega tinha inseminado e concluindo aqui, com este recém-chegado ao mundo.

O menino levantou o olhar para ele, movendo a boquinha. Cheirava doce, mas não porque fosse um lesser.

Imprevisivelmente, o Omega não desejava soltá-lo. Esse menino em seus braços era um milagre, uma ambigüidade vivinha e abanando o rabo. Ao Omega não foi outorgado um ato de criação, como a sua irmã, mas não lhe foi negado o dom da reprodução. Não era capaz de criar toda uma nova raça completa. Mas podia recriar uma parte de si mesmo a partir do lago genético.

E assim o fez.

— Amo? — disse o Fore-lesser.

Realmente não queria soltar ao bebê, mas para fazer este trabalho, seu filho devia viver com o inimigo, ser criado como mais um deles. Seu filho devia aprender sua linguagem, sua cultura e seus costumes.

Seu filho devia saber onde viviam para poder ir massacrá-los.

O Omega forçou a si mesmo a entregar a criatura ao Fore-lesser.

— Deixa-o no lugar de reunião que te proibi que saqueasse. Agasalha-o e deixa-o, e a sua volta absorverei em mim.

Depois do que morrerá, já que esse é meu desejo, terminou o Omega mentalmente.

Não podia ter filtrações. Nem enganar.

Enquanto o Fore-lesser se dedicava a adulá-lo, o que em qualquer outro momento tivesse despertado o interesse do Omega, o sol saiu sobre os campos de trigo de Caldwell, Nova Iorque. Do piso superior, um suave e borbulhante som cresceu, até transformar-se em um estalo e o aroma de queimado anunciou a incineração do corpo da fêmea, junto com todo o sangue que havia naquela cama.

O que era simplesmente adorável. O esmero era importante, e esta era uma granja nova, construída especialmente para o nascimento de seu filho.

— Vai — ordenou o Omega — Vai e cumpre com seu dever.

O Fore-lesser partiu levando o menino, e enquanto observava como se fechava a porta, o Omega desejou ter a seu broto. Indubitavelmente estava sofrendo pela falta do menino.

Entretanto, tinha a solução para acalmar sua angústia ao alcance da mão. O Omega desejou estar no ar e catapultou a forma corpórea que assumiu para o «presente», à mesma sala de estar em que se encontrava.

O transcurso do tempo se fez evidente em um rápido envelhecimento da casa em que estava. O papel de parede empalideceu e desprende da parede em farrapos. Os móveis deterioraram e desgastaram em concordância com mais de duas décadas de uso. O teto escureceu, passando de uma brilhante cor branca a um opaco amarelo, como se tivesse havido fumantes exalando durante anos. No vestíbulo, as pranchas do chão curvaram nas esquinas.

No fundo da casa, sentiu a dois humanos discutindo.

O Omega flutuou através da imunda, e envelhecida cozinha, que apenas alguns segundos antes tinha visto brilhante como o dia que tinha sido construída.

Quando entrou na casa, o homem e a mulher deixaram de brigar, ficando congelados pela comoção. E então se ocupou do tedioso assunto de desocupar a granja de olhos curiosos.

Seu filho retornava ao redil. E o Omega precisava vê-lo ainda mais do que precisava pô-lo a trabalhar.

Quando o mal tocou o centro de seu peito, sentiu-se vazio e pensou em sua irmã. Ela deu a luz uma nova raça, uma raça concebida pela combinação de sua vontade e a biologia que encontrou disponível. Tinha estado muito orgulhosa de si mesmo.

Seu pai também o tinha estado.

O Omega começou a matar vampiros só para mortificar aos dois, mas logo aprendeu que os atos malvados nutriam-no. Claro que seu pai não pôde detê-lo, já que como resultaram as coisas, as ações do Omega — não, em realidade mesmo sua existência — era necessária para equilibrar a bondade de sua irmã.

Devia-se conservar um equilíbrio. Era o princípio essencial de sua irmã, a justificação que dava ao Omega, e o preceito que seu pai recebeu do dele. A mesma base do mundo.

E assim resultou ser que a Virgem Escriba sofresse e o Omega obtivesse satisfação. Com cada morte acontecida a sua raça, ela sofria, e bem que ele sabia. O irmão sempre tinha sido capaz de conhecer sua irmã.

Entretanto, agora, isso era ainda mais certo.

Quando o Omega imaginava seu filho, sozinho no mundo preocupava-se com o menino. Esperava que estes vinte anos tivessem sido tranquilos para ele. Mas isso era próprio de um pai, verdade? Supunha-se que os pais se preocupavam com seus filhos, alimentavam-nos e os protegiam. Sem importar como fosse sua alma, virtuosa ou pecadora, desejava o melhor para aquele que havia trazido para o mundo.

Era incrível dar-se conta que depois de tudo, tinha algo em comum com sua irmã... era impressionante saber que ambos desejavam que os filhos que engendraram sobrevivessem e prosperassem.

O Omega olhou os corpos dos humanos que acabava de extinguir.

É obvio que isso era um assunto de mútua exclusividade, não é certo?

Capítulo 1

O feiticeiro tinha retornado.

Phury fechou os olhos e deixou que sua cabeça caísse para trás, até apoiá-la contra a cabeceira. Ah, demônios, o que é que estava dizendo. O feiticeiro nunca se foi.

Companheiro, às vezes me enche o saco, disse lentamente a tenebrosa voz dentro de sua cabeça. Na verdade o faz depois de tudo o que passamos juntos?

Tudo o que tinham passado juntos... isso era muito certo.

O feiticeiro era a causa da premente necessidade de fumaça vermelha que sofria, sempre em sua cabeça, sempre amassando a respeito do que não fez, do que deveria ter feito, do que poderia ter feito melhor.

Deveria. Seria. Poderia.

Bonita rima. Sua realidade era a mesma dos espectros do anel do Senhor dos Anéis; levava-o para a fumaça vermelha com a mesma segurança que se o bastardo lhe atasse as quatro patas como a um animal e o atirasse na parte traseira de um carro.

Em realidade, macho, seria bem melhor o pára-choque dianteiro.

Exatamente.

Em sua mente, o feiticeiro aparecia com a forma de um espectro do anel de pé em meio de um vasto páramo (ecossistema neotropical localizado em altas elevações) cinza, cheio de crânios e ossos. Com seu peculiar acento britânico, o bastardo assegurava que Phury nunca esquecesse seus enganos, a contundente letania o induzia a acender um após o outro, só para evitar se meter no armário onde guardava as armas e tragar o chumbo de um calibre quarenta.

Não o salvou. Não os salvou. A maldição caiu sobre eles por tua culpa. É sua culpa... é sua culpa...

Phury tomou outro néscio e o acendeu com o acendedor de ouro.

Era o que no Antigo País chamavam o Exílio Duplo.

O segundo gêmeo. O gêmeo malvado.

Nascido três minutos depois de Zsadist, o nascimento com vida de Phury levou a maldição da instabilidade a sua família. Dois filhos nobres, ambos respirando, em muita boa fortuna, e certamente se restabeleceu o equilíbrio: aos poucos meses, seu gêmeo foi afastado da família, vendido como escravo, e durante um século, abusaram dele de todas as formas possíveis.

Graças à cadela viciosa que foi sua ama, Zsadist levava cicatrizes no rosto, nas costas, nos braços e no pescoço. E cicatrizes ainda piores por dentro.

Phury abriu os olhos. Resgatar o corpo físico de seu irmão não foi suficiente; necessitou-se do milagre que era Bela para ressuscitar a alma de Z, e agora ela estava em perigo. Se a perdiam...

Então tudo voltaria para o lugar adequado e o balanço permaneceria intacto para a seguinte geração, disse o feiticeiro. Honestamente, acredita que seu gêmeo acabaria com a

bênção que representa um menino nascido vivo? Você deve ter filhos além de qualquer limite. Ele não deve ter nenhum. Essa é a forma em que funciona o equilíbrio.

OH, e também tomarei a seu shellan, já te mencionei isso?

Phury segurou o controle e pôs «Che Gelida Manina».

Não funcionou. O feiticeiro gostava de Puccini. O espectro do anel simplesmente começou a dançar ao redor do campo de esqueletos, esmagando com suas botas o que encontrava sob seus pés, seus pesados braços oscilavam com elegância, suas roupas negras e rasgadas assemelhavam a crina arremessada para trás da régia cabeça de um garanhão. Frente a um vasto horizonte de uma ruim cor cinza, o feiticeiro dançava e ria.

Tão. Malditamente. Fodido.

Sem olhar, Phury estirou o braço para a mesinha de noite para tomar a bolsinha de fumaça vermelha e seus papéis de enrolar. Não necessitava medir a distância. Este coelho sabia bem onde estavam suas cenouras.

Enquanto o feiticeiro vozeava *A Bohème*, Phury enrolou dois néscios gordinhos para poder fumar sem interrupções, correntemente, e também fumava enquanto preparava os reforços. Ao exalar, o que saía de seus lábios cheirava café e chocolate, mas com tal de ficar insensível ao feiticeiro, igualmente teria seguido utilizando a coisa mesmo se houvesse sentido como lixo ardente sob seu nariz.

Demônios. Estava chegando ao ponto em que acender um fodido lixeiro, tivesse lhe parecido bem e inclusive maravilhoso, se com isso obtinha um pouco de paz.

Não posso acreditar que não valere mais nossa relação, disse o feiticeiro.

Phury se concentrou no desenho que tinha no colo, no que tinha estado trabalhando durante a última meia hora. Depois de jogar uma rápida olhada para orientar-se, afundou a ponta da caneta no frasco de prata pura que tinha apoiado contra o quadril para mantê-lo equilibrado. O lago de tinta que havia dentro parecia o sangue de seus inimigos, emitia o mesmo denso e oleoso brilho. Entretanto no papel, era de um vermelho profundo atirando a marrom e, não de uma vil cor negra.

Nunca usaria a cor negra para retratar a alguém que amava. Trazia má sorte.

Além disso, essa tinta cor sangue era precisamente a cor dos reflexos que tinha Bela em seus cabelos cor mogno. Assim fazia jogo com o tema.

Cuidadosamente, Phury sombreou a extensão de seu perfeito nariz, entrecruzando os finos traçados da caneta até obter a densidade adequada.

O desenho a tinta era muito parecido à vida real: um engano e tudo ficava arruinado.

Maldita fosse. O olho de Bela não estava de tudo bem nivelado.

Torcendo o antebraço para não arrastar o braço por cima da tinta fresca que acabava de pôr, tratou de corrigir o engano, dando forma à pálpebra inferior de forma que a curva do mesmo estivesse mais no ângulo. Seus traços marcaram delicadamente a folha de papel Crane. Mas o olho ainda não funcionava.

Sim, estava mau, e ele deveria saber, considerando quanto tempo tinha passado desenhando-a uma e outra vez durante os últimos oito meses.

O feiticeiro fez uma pausa em meio de um mid-pleié (passo de balé) e assinalou que essa freqüente rotina da caneta-e-a-tinta era um assunto de merda. Desenhar a shellan grávida de seu gêmeo. Honestamente.

Só um perfeito e fodido bastardo se obcecava com uma fêmea que foi tomada por seu gêmeo. E ainda assim, você o fez. Deve se sentir muito orgulhoso de si mesmo, companheiro.

Sim, o feiticeiro sempre tinha esse acento britânico por alguma razão.

Phury deu outra imersão e inclinou a cabeça para um lado para ver se uma mudança de perspectiva ajudava. Não. Ainda não estava bem. E para falar a verdade, tampouco o estava o cabelo. Por alguma razão desenhou a Bela com seu longo e escuro cabelo recolhido em um coque, com mechas soltas fazendo cócegas em suas bochechas. Ela sempre o usava solto.

Dava igual. De toda forma, era mais que adorável, e o resto de seu rosto estava como habitualmente o retratava: seu olhar amoroso dirigido para a direita, suas pestanas delineadas, seu olhar delatando uma combinação de calidez e devoção.

Zsadist sentava a sua direita nas refeições. De forma que a mão que utilizava para brigar estivesse livre.

Phury nunca a desenhava olhando a ele. O que fazia sentido. Tampouco na vida real, atraía seu olhar. Estava apaixonada por seu gêmeo, e não teria trocado isso, nem por todo o desejo que sentia por ela.

A área do desenho ia da parte alta do coque até os ombros. Nunca desenhava seu ventre de grávida. Nunca desenhava às mulheres grávidas do esterno para baixo. Isso também era má sorte. Igual a um aviso do que mais temia.

As mortes eram freqüentes nos partos.

Phury passou a ponta dos dedos pelo rosto, evitando o nariz, onde a tinta ainda estava secando. Era formosa, inclusive com o olho que não estava bem, e o cabelo que se via diferente, e os lábios que eram menos cheios.

Este estava terminado. Era o momento de começar outro.

Deslocando a mão para a parte inferior do desenho, começou a riscar a curva da hera na curva de seu ombro. Primeiro uma folha, logo um caule florescente... depois mais folhas, curvando-se e engrossando-se, cobrindo o pescoço, amontoando-se contra sua mandíbula, pulverizando-se até sua boca, estendendo-se sobre seu rosto.

Ida e volta para o frasco de tinta. A hera apoderando-se dela. Hera cobrindo os traços de sua caneta, ocultando seu coração e o pecado que vivia nele.

O mais difícil para ele era cobrir seu nariz. Isso sempre era quão último fazia e quando já não podia prorrogar por mais tempo, sempre sentia que ardiam seus pulmões como se fosse ele, que se visse privado da liberdade de respirar.

Quando a hera cobriu a imagem, Phury fez uma pelota com o papel e o atirou ao cesto de papéis de bronze que havia do outro lado do quarto.

Em que mês estavam agora... agosto? Sim, agosto. O que significava... que ainda tinha um ano de gravidez pela frente, assumindo que pudesse conservá-la. Como muitas fêmeas, estava fazendo repouso na cama, já que o parto prematuro era motivo de grande inquietação.

Esmagando a bituca do néscio, estendeu a mão para agarrar um dos dois que acabava de fazer e se deu conta que já os tinha fumado.

Estirando sua única perna inteira, deixou a um lado a tabela de desenho que tinha no colo e voltou a agarrar seu kit de sobrevivência: uma bolsinha de plástico de fumaça vermelha, um magro pacote de papel de fumar, e seu maciço acendedor de ouro. Em questão de um minuto enrolou um novo, e enquanto inalava a primeira baforada, repensou sua reserva.

Merda. Era escassa. Muito escassa.

As venezianas de ferro descobrindo as janelas o acalmaram. A noite, em toda sua escura glória, tinha chegado e, sua chegada outorgava a liberdade de escapar da mansão da Irmandade... e a possibilidade de ir ao local de seu distribuidor, Rehvenge.

Movendo a perna que não tinha pé nem panturrilha através da cama, estirou-se para alcançar a prótese, ajustou-a debaixo do joelho direito, e ficou de pé. Estava o suficientemente aturdido, para sentir que o ar que o rodeava era como algo que tivesse que atravessar, e para que parecesse que a janela para a qual se dirigia estava a quilômetros de distância. Mas estava tudo bem. Sentiu-se consolado pela habitual confusão, aliviado pela sensação de flutuar enquanto caminhava nu pelo quarto.

O jardim que estava abaixo via-se resplandecente, iluminado pelo brilho que saía do conjunto de portas janelas da biblioteca.

Assim era como devia ver uma vista traseira, pensou. Todas as flores viçosas, cheias de vida, as árvores frutíferas carregadas com pêras e maçãs, os atalhos limpos, o arbusto de boj(arbusto trad, buxo) podado.

Não parecia com o lugar em que cresceu. Em nada.

Justo debaixo de sua janela, as rosas de chá estavam em plena floração, suas gordas corolas irisadas, sustentavam-se orgulhosamente sobre os caules espinhosos. As rosas mudaram sua linha de pensamento para outra fêmea.

Enquanto Phury inalava outra vez, imaginou a essa fêmea, a que teria todo o direito de estar desenhando... a qual, de acordo com a lei e os costumes, deveria estar fazendo muito mais que desenhá-la.

A escolhida Cormia. Sua primeira companheira.

Desde quarenta.

Homem, como demônios terminou como Primale das Escolhidas?

Disse-lhe isso, respondeu o feiticeiro. Terá infinidade de filhos, todos os quais terão que sofrer a alegria de ter como exemplo um pai cujo único mérito foi decepcionar a todos os que o rodeiam.

OK, embora o bastardo fosse muito desagradável, esse era um ponto muito difícil de discutir. Não emparelhou com a Cormia como exigia o ritual. Não retornou ao Outro Lado para ver a Directrix. Não conheceu às trinta e nove fêmeas que como se supunha tinha que deitar e fecundar.

Phury fumou com mais ímpeto, o peso dessas significativas minúcias aterrissou em sua

cabeça, brasas ardentes jogadas pelo feiticeiro.

O feiticeiro tinha uma excelente pontaria. Mas para falar a verdade, teve muita prática.

Bom, em definitivo, companheiro, é um alvo fácil. Isso é tudo o que tenho que dizer a respeito.

Ao menos Cormia não estava se queixando pelo descumprimento de seus deveres. Não desejou ser a primeira companheira, forçaram-na a aceitar esse papel: no dia do ritual tiveram que atá-la à cama cerimonial, estendida para seu uso como um animal, absolutamente aterrorizada.

No mesmo instante que a viu, voltou para o modo em que vinha programado com defeito, o modo de salvador absoluto. Trouxe-a aqui, à mansão da Irmandade da Adaga Negra e a pôs em um dormitório contíguo ao dele. Tradição ou não, não havia maneira no inferno em que ele fosse forçar a uma fêmea, e supôs que se ela tomava um tempo para conhecer as coisas, essas seriam muito mais fáceis.

Sim... não. Cormia havia ficado introvertida, enquanto ele estava ocupado com o assunto diário de tratar de evitar implodir. Nos últimos cinco meses, não conseguiram estar mais unidos, e não se aproximaram de uma cama. Cormia raramente falava e só aparecia para as refeições. Se saía de seu quarto, era só para ir à biblioteca procurar livros.

Vestida com uma túnica branca larga, parecia-se mais a uma sombra com aroma de jasmim que algo feito de carne e osso.

Embora a vergonhosa realidade fosse que estava contente com o estado atual das coisas. Pensou que era bem consciente do compromisso sexual que assumia quando tomou o lugar de Vishous como Primale, mas a realidade era muito mais intimidante do que tinha sido o conceito. Quarenta fêmeas. Quarenta.

Quatro e zero.

Devia ter perdido o maldito julgamento quando tomou o lugar de V. Deus sabia que seu único intento de perder a virgindade não tinha sido muito feliz... e isso foi com uma profissional. Embora, talvez, tratar o assunto com uma prostituta podia ter sido parte do problema.

Mas a quem demônios mais poderia ter procurado? Era um ignorante celibatário de duzentos anos de idade. Supunha que se lançasse sobre a adorável e frágil Cormia, bombeasse dentro dela até gozar, e logo saísse disparado para o Santuário das Escolhidas e fizesse como Bill Paxton no seriado Big Love?

Em que demônio estava pensando?

Phury colocou o néscio entre os lábios e abriu a janela. Quando o denso perfume da noite de verão deslizou dentro do quarto, voltou a pensar nas rosas. Viu Cormia com uma, outro dia, uma que evidentemente tinha tirado do ramo que Fritz sempre punha na salinha de estar do segundo piso. Estava de pé perto do floreiro, com a rosa de uma pálida cor lavanda entre dois de seus largos dedos, tinha a cabeça inclinada para o casulo, o nariz em cima do gordo pimpolho. Levava o cabelo loiro recolhido, como sempre, trancado sobre a cabeça e, tinham escapado umas delicadas mechas que caíam para frente e se curvavam

formando um cacho natural. Justo igual às pétalas de uma rosa.

Ela se sobressaltou quando o descobriu olhando-a fixamente, devolveu a rosa a seu lugar, e rapidamente foi para seu dormitório, fechando a porta sem fazer nem um som.

Sabia que não podia tê-la aqui para sempre, longe de tudo o que era familiar e de tudo o que ela era. E tinham que completar a cerimônia sexual. Esse era o trato que ele fez, e esse era seu papel como havia lhe dito, sem importar quão assustada tivesse estado em princípio, estava pronta para desempenhar.

Olhou para sua mesa, ali havia um pesado medalhão de ouro que era do tamanho de uma grande caneta fonte. Lavrado em uma arcaica versão da Antiga Língua, era o símbolo do Primale: não só a chave para todos os edifícios do Outro Lado, mas também o cartão de apresentação do macho que estava a cargo das Escolhidas.

A força da raça, como era conhecido o Primale.

O medalhão havia tornado a soar hoje, como o fez antes. Cada vez que a Directrix o convocava, a coisa vibrava, e teoricamente supunha que devia arrastar seu traseiro para o que deveria ter sido seu lar, o Santuário. Ignorou a convocatória. Como ignorou as outras duas.

Não desejava ouvir o que já sabia: cinco meses sem selar o pacto que fez na cerimônia do Primale, era abusar da situação.

Pensou em Cormia, metida nesse quarto de hóspedes contíguo ao seu, mantendo-se apartada. Sem ninguém com quem falar. Longe de suas irmãs. Tinha tratado de chegar a ela, mas a punha nervosa como o inferno. E era compreensível.

Deus, não tinha idéia como passava as horas sem voltar-se louca. Necessitava uma amiga. Todo mundo necessita amigos.

Entretanto, nem todo mundo os merece, assinalou o feiticeiro.

Phury voltou-se e encaminhou para a ducha. Ao passar junto ao cesto de papéis, deteve-se. Seu desenho tinha começado a desembrulhar-se da bola que ele formou, e entre a enrugada confusão, viu a coberta de hera que tinha acrescentado. Durante um segundo e meio, recordou o que havia debaixo, recordou o cabelo recolhido e as mechas caindo sobre uma suave bochecha. Mechas que seguiam a mesma curvatura que as pétalas de uma rosa.

Sacudindo a cabeça, continuou seu caminho. Cormia era adorável, mas...

Desejá-la seria o apropriado, terminou a oração o feiticeiro. Por isso nem em um milhão de anos seguiria esse caminho. Poderia arruinar seu perfeito recorde de lucros.

OH, espera, quis dizer de cagadas, companheiro. Não é assim?

Phury pôs Puccini a todo volume e se meteu na ducha.

Capítulo 2

Ao anoitecer, quando levantaram as venezianas, Cormia estava muito ocupada.

Sentada sobre o tapete oriental de seu quarto, com as pernas cruzadas, estava pescando

em um recipiente cheio de água, procurando ervilhas. Quando Fritz trouxe os legumes, estavam duros como pedras, mas depois de ficar de molho durante um momento estavam o suficientemente brandas para poder usá-las.

Quando conseguiu capturar uma, estirou a mão para a esquerda e tomou um palito de uma pequena caixinha branca que dizia, em letras vermelhas, *palito de dentes simmons, 500 total*.

Tomou a ervilha e a empurrou até o final do palito, logo tomou outra ervilha e outro palito, e fez o mesmo e com eles formou um ângulo reto. Continuou fazendo-o, criando primeiro um quadrado, e logo um cubo tridimensional. Satisfeita, inclinou-se para diante e o acoplou a outra peça igual, rematando ao colocá-la, a última esquina de uma base de quatro lados que formava uma estrutura de aproximadamente um metro e meio de diâmetro. Agora, continuaria para cima, construindo andares com a estrutura.

Os palitos eram todos iguais, idênticas partes de madeira, e as ervilhas também eram parecidas, redondas e verdes. Ambos recordavam o lugar de onde provinha. A igualdade era importante no Santuário atemporal das Escolhidas. A igualdade era o mais importante.

Aqui, neste lado, muito poucas coisas eram similares.

A primeira vez que viu palitos foi no andar de baixo, depois das refeições, quando o Irmão Rhage e o Irmão Butch os tiraram de uma fina caixa de prata ao sair da copa. Uma noite, quando empreendia o caminho de volta a seu quarto, sem motivo algum, pegou um punhado. Tratou de colocar um na boca, mas não gostou do seco sabor que a madeira tinha. Sem estar muito segura de que mais podia fazer com eles, deixou os palitos na mesinha de noite e os manipulava para formar figuras.

Quando Fritz, o mordomo, entrou para limpar, notou suas maquinações e um momento mais tarde retornou com um recipiente de ervilhas inundadas em água morna. Ensinou-lhe como fazê-lo para que o sistema funcionasse. Uma ervilha entre dois palitos. Logo acrescentava outra seção e outra e outra mais, e antes que se desse conta tinha algo agradável à vista.

Quando seus desenhos cresceram e se voltaram mais ambiciosos, começou a planejar com antecipação todos os ângulos e intercessões, para assim reduzir os enganos. Também começou a trabalhar no chão, onde tinha mais espaço.

Inclinando-se para frente, inspecionou o desenho que fez antes de começar, que usava para guiar-se. O seguinte nível seria de menor tamanho, quão mesmo o que ia depois desse. Logo acrescentaria uma torre.

Pensou que seria bom que tivesse um pouco de cor. Mas como introduzi-lo dentro da estrutura?

Ah, a cor. A liberação da vista.

Estar deste lado tinha seus desafios, mas uma coisa que amava absolutamente era as cores. No Santuário das Escolhidas, tudo era branco: a erva e as árvores, os templos, a refeição e a bebida, os livros de orações.

Com sentimento de culpa, jogou uma olhada a seus textos sagrados. Era difícil

argumentar que tinha estado adorando à Virgem Escriba em sua pequena catedral de ervilhas e palitos.

Alimentar o ego não era o objetivo das Escolhidas. Era um sacrilégio.

E a anterior visita da Directrix das Escolhidas deveria ter o recordado.

Queridíssima Virgem Escriba, não queria pensar nisso.

Levantando-se, aguardou que acontecesse o enjôo, e logo foi para a janela. Debaixo estavam as rosas de chá, e observou cada um dos arbustos, examinando-os em busca de novos pimpolhos, pétalas caídas e folhas novas.

Estava passando o tempo. Podia dar-se conta pela forma em que trocavam as flores, seu ciclo de floração durava três ou quatro dias por cada flor.

Uma coisa mais a que acostumar-se. No Outro Lado, não existia o tempo. Havia periodicidade nos rituais, refeições e os banhos, mas não existia a alternância do dia e a noite, não se media em horas, não havia mudança de estações. O tempo e a existência eram estáticos, quão mesmo o ar, a luz e a paisagem.

Neste lado, teve que aprender que existiam os minutos, as horas, os dias, as semanas, os meses e os anos. Para marcar o passado do tempo utilizavam relógios e calendários, e aprendeu a lê-los, assim como também conseguiu entender os ciclos deste mundo e às pessoas que havia nele.

Fora, no terraço, divisou a um doggen. Tinha um par de tesouras de podar e um grande cesto vermelho e percorria os arbustos, recortando-os para lhes dar forma.

Pensou nos ondulados prados brancos do Santuário. E as imóveis árvores brancas. E as brancas flores que sempre estavam viçosas. No Outro Lado, tudo estava congelado no lugar adequado, para que não se precisasse podar nem secar, nunca se produzia nenhuma mudança.

Aqueles que respiravam esse quieto ar estavam igualmente congelados ainda quando se moviam, vivendo e ainda assim sem vida.

Entretanto as Escolhidas certamente envelheciam. E também faleciam.

Olhou por cima do ombro para a mesa cujas gavetas estavam vazias. O pergaminho que a Directrix veio entregar descansava sobre sua lustrosa superfície. A escolhida Amalya, no desempenho de seu cargo de Directrix, foi a autora de tais cordiais saudações em honra ao dia de seu nascimento e apareceu para cumprir com seu dever.

Se Cormia tivesse estado no Outro Lado, também teria tido uma cerimônia. Embora, é obvio, que não para ela. O indivíduo cujo nascimento se celebrava não recebia direitos especiais, já que no Outro Lado não existia o eu. Somente o conjunto.

Pensar por ti mesmo, pensar em sua pessoa, era considerado blasfêmia.

Ela sempre foi uma pecadora encoberta. Sempre teve idéias errantes, distrações e impulsos. Os quais nunca prosperaram.

Cormia levantou a mão e a pôs sobre o vidro da janela. O vidro através do qual olhava era mais magro que seu mindinho, tão claro quanto o ar, apenas podia considerar uma barreira. Havia momentos que desejava descer ao lugar onde estavam as flores, mas estava

esperando... não sabia que estava esperando.

A primeira vez que veio a este lugar, havia-se sentido atormentada por uma sobrecarga de sensações. Havia todo tipo de coisas que não reconhecia: como tochas encostadas às paredes que acendia para obter luz, e máquinas que faziam coisas como lavar os pratos ou manter a refeição fria ou criar imagens em uma pequena tela. Havia caixas que soavam a cada hora, e veículos de metal que transportavam às pessoas de um lado a outro, e coisas que zumbiam, percorriam o chão para frente e para trás e o deixavam limpo.

Havia mais tinta aqui que em todas as jóias que havia na tesouraria. Aromas também, tão ricos quanto feios.

Tudo era muito distinto, e também o eram as pessoas. De onde ela vinha, não havia machos, e suas irmãs eram intercambiáveis: Todas as Escolhidas usavam a mesma túnica branca, recolhiam-se o cabelo trançando-o da mesma forma e levavam uma pérola com forma de lágrima ao redor do pescoço. Todas caminhavam e falavam com idêntica tranqüilidade e faziam as mesmas coisas ao mesmo tempo. Aqui? Era o caos. Os Irmãos e suas shellans usavam diferentes roupas e conversavam e riam de formas completamente diferentes e identificáveis. Gostavam de certas refeições, mas havia outras que não, alguns dormiam até tarde e outros não dormiam absolutamente. Alguns eram graciosos, outros eram ferozes, alguns eram... formosos.

Uma era definitivamente formosa.

Bela era formosa.

Especialmente aos olhos do Primale.

Quando o relógio começou a soar, Cormia flexionou os braços aproximando-os de seu corpo. As refeições eram uma tortura, dando uma amostra do que seria quando ela e o Primale retornassem ao Santuário.

E olhasse os rostos de suas irmãs com similar admiração e prazer.

Falando de mudanças. Ao princípio, tinha estado aterrorizada do Primale. Agora, passados cinco meses, não desejava compartilhá-lo.

Com sua juba multicolorida, seus olhos amarelos, e a voz sedosa e grave, era um macho espetacular, na plenitude da idade para aparear-se. Mas isso não era o que realmente a atraía. Era o epítome de tudo o que considerava meritório: sempre estava pendente de outros, nunca de si mesmo. Na mesa do jantar, era quem se preocupava em perguntar a cada uma das pessoas como estava, seguindo de perto as feridas recebidas, os mal-estares estomacais e as ansiedades tão grandes quanto pequenas. Nunca requeria que prestassem atenção a ele. Nunca atraía a conversa a assuntos que tratassem a respeito dele. Era imensamente pomenorizado.

Se havia um trabalho difícil, oferecia-se voluntário. Se tivesse um recado para levar, queria fazê-lo ele. Se Fritz cambaleava pelo excessivo peso de uma fonte, o Primale era o primeiro a levantar-se de sua cadeira para ajudá-lo. Por isso ouviu na mesa, era um guerreiro para sua raça, um professor para os recrutas e um muito, mas muito bom amigo para todo mundo.

Certamente, era o exemplo adequado das desinteressadas virtudes das Escolhidas, o perfeito Primale. E em algum momento dos segundos, horas, dias e meses de sua estadia ali, ela passou de estar no caminho do dever para meter-se no enredado bosque da eleição. Agora desejava estar com ele. Não existia nenhum tenho que, devo fazer, é preciso.

Mas o queria para ela sozinha.

O que a convertia em uma herege.

Na porta contígua à sua, a magnífica música que o Primale escutava sempre que estava em seu quarto parou. O que significava que se dirigia para o andar de baixo para a Primeira Refeição.

O som de um golpe em sua porta a fez saltar e girar-se. Enquanto a túnica assentava contra suas pernas, captou o aroma da fumaça vermelha filtrando-se em seu quarto.

O Primale veio procurá-la?

Rapidamente comprovou o estado de seu coque, e meteu algumas mechas soltas atrás das orelhas. Abriu a porta, apenas uma fresta, e furtivamente olhou seu rosto antes de fazer uma reverência.

OH, querida Virgem Escriba... o Primale era tão esplêndido que podia ficar olhando-o durante longo momento. Seus olhos eram amarelos como os citrinos, sua pele de um quente tom dourado, seu longo cabelo tinha uma espetacular mescla de cores, do pálido loiro, passando por uma profunda cor mogno até chegar a uma quente cor acobreada.

Ele se inclinou realizando um rápido e breve movimento com a cabeça a modo de saudação, uma formalidade que ela sabia que desgostava. Embora, o fazia por ela, porque sem importar quantas vezes houvesse dito que deixasse de ser formal, ela não podia evitar sê-lo.

—Escuta, estive pensando — disse.

Na hesitação que seguiu, preocupou-lhe que a Directrix tivesse ido vê-lo. Todo mundo no Santuário estava esperando que a cerimônia se completasse, e todos eram conscientes que isso ainda não ocorreu. Estava começando a sentir uma urgência que nada tinha que ver com a atração que sentia por ele. Com cada dia que passava, o peso da tradição se estava voltando cada vez mais opressivo.

Ele esclareceu garganta.

—Estivemos aqui um tempo, e sei que a mudança foi dura para você. Estava pensando que deve te sentir um pouco só e que talvez você gostasse de ter um pouco de companhia.

Cormia levou a mão ao pescoço. Isto era bom. Chegou o momento de que estivessem juntos. A princípio, não tinha estado pronta para ele. Agora o estava.

—Na verdade penso que para você será bom — disse com sua formosa voz — ter um pouco de companhia.

Fez uma profunda reverência.

—Obrigado Sua Graça. Estou de acordo.

—Maravilhoso. Tenho alguém em mente.

Cormia se endireitou lentamente. Alguém?

John Matthew sempre dormia nu.

Bom, ao menos depois de ter passado pela transição, dormia nu.

Economizava-lhe lavadas.

Com um gemido, colocou a mão entre suas pernas e tocou a ereção que estava dura como uma pedra. Como sempre, a coisa o despertou, tão confiável como um relógio despertador e tão erguida quanto o fodido Big Ben.

Também tinha um temporizador. Se si ocupava dela, podia descansar, mais ou menos, outros vinte minutos antes que voltasse a carregar-se. Geralmente, a rotina era três vezes antes de deixar a cama e outra mais na ducha.

E pensar que alguma vez tinha desejado isto.

Concentrar-se em idéias pouco atrativas não ajudava, e embora suspeitasse que gozar na realidade piorava as coisas, ignorar seu pênis estava fora da questão: quando alguns meses atrás, como experimento, deixou de sentir prazer, depois de transcorridas umas doze horas tinha estado preparado para foder uma árvore, de tão quente que estava.

Não existia algo assim como um anti-Viagra? Cialis Reversalis? Flaccidillina?

Rodando para ficar de barriga para cima, tirou uma perna pelo flanco, afastou as mantas de seu corpo, e começou a acariciar-se. Esta era sua posição preferida, embora se gozava muito forte, em metade do orgasmo se dobrava sobre si mesmo e se apoiava sobre o lado direito.

Como pretrans, sempre desejou ter uma ereção, porque supunha que ficar duro o converteria em um homem. A realidade não tinha funcionado dessa maneira. Certo que, por seu enorme corpo, suas inatas habilidades de guerreiro e a permanente ereção que tinha, fazia que por fora estivesse ondeando a bandeira de Hei-man.

Por dentro, ainda se sentia tão pequeno quanto havia sentido sempre.

Arqueou as costas e bombeou dentro de sua mão impulsinando-se com os quadris. Deus... de todas as formas se sentia bem. Isto sempre sentia bem... sempre e quando fosse sua palma a que fizesse o trabalho. A primeira e única vez que uma fêmea o tocou, sua ereção desinflou mais rápido que seu ego.

Assim, em realidade aí tinha seu anti-Viagra: na forma de outra pessoa.

Mas esse não era o momento de recordar os males de seu passado. Seu pênis estava preparando para estalar; sabia pelo intumescimento. Justo antes de gozar a coisa ficava toda boba, pelo espaço de alguns golpes, e isso era o que estava acontecendo nesse momento enquanto movia a mão acima e abaixo sobre a úmida vara.

OH, sim... aqui vem... a tensão em seu testículo cresceu como se fosse um cabo retorcido e seus quadris balançaram incontrolavelmente, abriu os lábios para poder ofegar mais facilmente... e como se isso não fosse suficiente, sua mente se uniu à ação.

Não... foder... não, ela outra vez não, por favor, não...

Merda, muito tarde. No meio do redemoinho sexual, sua mente se aferrou à única coisa que garantia que se multiplicasse o efeito: uma fêmea vestida de couro com um corte de

cabelo varonil e ombros tão compactos quanto os de um boxeador.

Xhex.

Com um inaudível fôlego, John voltou a tombar-se sobre um flanco e começou a ejacular. O orgasmo seguiu e seguiu enquanto fantasiava a respeito deles dois tendo sexo em um dos banhos do clube, onde ela era chefe de segurança. E enquanto as imagens desdobravam em seu cérebro, seu corpo não deixava de ejacular. Podia seguir fazendo-o durante dez minutos seguidos, literalmente, até que ficava coberto pela substância que saía de seu pênis e os lençóis ficassem completamente encharcados.

Tentou cercar seus pensamentos, tratou de tomar o controle... mas falhou. Simplesmente seguiu ejaculando, acariciando-se com a mão, o coração retumbando e o fôlego entupido na garganta enquanto se imaginava junto a ela. Menos mal que nasceu sem laringe, do contrário, toda a mansão da Irmandade teria sabido exatamente o que estava fazendo uma e outra e outra vez.

Só depois de obrigar-se a retirar a mão de seu pênis, acalmou-se a coisa. Enquanto seu corpo diminuía o ritmo, ficou estendido, tão fraco quanto se tivesse desmaiado, respirando contra o travesseiro, com o suor e outras coisas secando-se sobre seu corpo.

Bonito despertador. Bonita sessão de exercício. Bonita forma de matar o tempo. Mas essencialmente vazia.

Sem nenhuma razão em particular, seus olhos percorreram o lugar e fixaram na mesinha de noite. Se abrisse a gaveta, coisa que nunca fazia, encontraria duas coisas: uma caixa cor vermelha sangue do tamanho de um punho e um velho diário forrado em couro. Dentro da caixa havia um pesado anel de selo de ouro que levava o emblema que representava sua linhagem, como filho do guerreiro da Adaga Negra Darius, filho do Marklon. O antigo diário continha os pensamentos de seu pai, narrando um período de dois anos de sua vida. Também o tinham agradável.

John nunca usou o anel e nunca leu as notas.

Havia várias razões para manter-se afastado de ambos, mas a principal era que Darius não era o macho a que considerava seu pai. Era outro irmão. Um irmão que agora fazia oito meses que se considerava DEA (desaparecidos em ação).

Se fosse usar algum anel, seria um que luzisse o emblema de Tohrment, filho de Hharm. Como forma de honrar ao macho que chegou a significar tanto para ele em tão curto tempo.

Mas isso não ia ocorrer. Era provável que Tohr estivesse morto, sem importar o que dissesse Wrath, e em qualquer caso, nunca foi seu pai.

Não querendo cair em uma depressão, John se obrigou a levantar do colchão e cambaleando-se, meteu-se no banheiro. A ducha ajudou-o a avivar-se e a vestir-se.

Essa noite não tinha aula de treinamento, assim ia passar algumas horas abaixo no escritório e logo se encontraria com o Qhuinn e Blay. Tinha esperanças que houvesse muita papelada de que ocupar-se. Essa noite não tinha muita vontade de ver seus amigos.

Os três foram até o outro lado da cidade ao... Deus, ao centro comercial.

Foi idéia de Qhuinn. Como a maioria das idéias. Na opinião do tipo, o guarda-roupa de

John necessitava uma injeção de elegância.

John baixou o olhar e contemplou seus Levi's e sua camiseta branca Hanes. O único chamativo que usava eram as sapatilhas: um par de Nike Air Max negro. E nem sequer essas eram tão chamativas.

Talvez Qhuinn tivesse razão ao dizer que John era vítima da moda, mas vamos... A quem tinha que impressionar?

O nome que estalou em sua mente fez que amaldiçoasse e que tivesse que acomodar-se: Xhex.

Alguém golpeou sua porta:

—John? Está aí?

John meteu a camiseta dentro da calça e se perguntou que motivo teria Phury para ir a sua busca. Estava em dia nos estudos e ia bem no combate corpo a corpo. Talvez se tratasse do trabalho que fez no escritório?

John abriu a porta.

Olá, disse na Linguagem de Gestos Americano.

—Oi. Como está? —John assentiu e logo franziu o cenho quando o Irmão mudou e começou a falar no LSA.

Perguntava-me se poderia me fazer um favor.

O que queira.

Cormia está... bom, ao estar deste lado se viu submetida a muitas provocações. Acredito que seria genial se tivesse alguém com quem passar um pouco de tempo, sabe... alguém centrado e discreto. Sem complicações. Assim, acredito que poderia fazer as honras? Só fala com ela, ou leva-a a dar uma volta pela casa ou... o que seja. Eu o faria, mas...

É complicado, pensou John para si mesmo.

É complicado, disse Phury por gestos.

Uma imagem da silenciosa e loira Escolhida apareceu na mente de John. Nos últimos meses, observou Cormia e Phury evitar olhar-se sistematicamente, e se perguntou — como sem dúvida o faziam todos outros — se teriam selado o trato.

John pensava que não. Ainda se viam muito, mas muito incômodos.

Você se importaria? Perguntou Phury por gestos. Imagino que deve ter perguntas ou... não sei... Coisas das que falar.

Para falar a verdade, não parecia que a Escolhida tivesse vontades de sair em grupo. Durante as refeições sempre mantinha a cabeça baixa, nunca pronunciava uma palavra e só comia as refeições de cor branca. Mas se Phury o pedia, como podia negar-se John? O Irmão sempre o ajudava com suas posturas de luta e respondia suas perguntas fora da sala de aula e era o tipo de pessoa pela que queria fazer coisas boas, dado que ele era bondoso com todo mundo.

Claro, respondeu John. Estarei encantado em fazê-lo.

Obrigado. Phury aplaudiu seu ombro satisfeito, como se tivesse solucionado tudo. Direi que se reúna com você na biblioteca, depois da Primeira Refeição.

John baixou o olhar e olhou o que vestia. Não estava seguro que os jeans fossem o suficientemente elegantes, mas seu armário estava cheio com mais do mesmo.

Talvez fosse bom que ele e os meninos fossem às compras. O único mau era que não o tivessem feito antes.

Capítulo 3

Por tradição, uma vez que foi induzido na Sociedade Lessening, te conheciam somente pela primeira letra de seu sobrenome.

O senhor D deveria ter sido conhecido como senhor R, R de Roberts. O tema era que no momento em que foi recrutado, a identidade que esteve usando, tinha sido Delancy. Assim que se converteu no senhor D, e nos últimos trinta anos ficou conhecido por esse nome.

Embora em realidade não fosse importante. Os nomes nunca importavam nada.

Ao entrar em uma curva da Rota 22, o senhor D baixou uma marcha, mas passar a terceira não ajudou muito a passar a curva. O Ford Focus parecia ter noventa anos. Também tinha aroma de naftalina e pele ressecada.

Caldwell, Nova Iorque, era uma extensão de uns oitenta quilômetros de campos de trigo e pastaria para vacas, com granjas disposta de forma que assemelhavam um grande beco e enquanto o atravessava, encontrou-se a si mesmo pensando em forquilhas. Matou a sua primeira pessoa com uma. No Texas, quando tinha quatorze anos. A seu primo, Big Tommy.

O senhor D havia sentido orgulho de si mesmo ao não ter recebido nenhum castigo por esse crime. Ser pequeno e aparentar estar necessitado foram seu ingresso de saída. O velho e querido Big Tommy foi um rufião, com mãos grandes como presuntos e uma veia mesquinha, assim quando o senhor D correu gritando para sua mãe, com o rosto golpeado, todo mundo acreditou que seu primo teve um ataque de ira e merecia o que tinha ocorrido. Sim. O senhor D seguiu a Big Tommy ao celeiro e o irritou o suficiente para obter um lábio inchado e o olho negro que necessitava para declarar que tinha sido em defesa própria. Logo agarrou a forquilha que apoiou de antemão contra uma das quadras e pôs mãos à obra.

Só queria saber o que sentiria ao matar a um ser humano. Os gatos, os gambás e os guaxinins que apanhava e torturava estavam bem, mas não eram humanos.

A façanha foi mais difícil do que pensou. Nos filmes, as forquilhas simplesmente atravessavam as pessoas como uma colher atravessa a sopa, mas isso era mentira. Os dentes da coisa ficaram entupidos nas costelas do Big Tommy, de tal forma que teve que escorar um pé no quadril de seu primo para conseguir fazer a alavanca suficiente que permitisse liberá-la. Com o segundo arremesso, atravessou-lhe o estômago, mas havia tornado a entupir outra vez. Provavelmente, na coluna vertebral. De novo, teve que colocar o pé. Para quando Big Tommy deixou de uivar como um porco ferido, o senhor D estava ofegando, aspirando o doce ar com pó de feno do celeiro, como se houvesse muito pouco no ambiente.

Mas não foi um fracasso total. O senhor D realmente desfrutou das expressões cambiantes que viu no rosto de seu primo. Primeiro, tinha havido aborrecimento, o que provocou que golpeasse ao senhor D. Depois, incredulidade. Ao final, horror e terror. Quando Big Tommy tossiu, cuspiendo sangue e ofegando, tinha arregalado os olhos com genuíno medo, do tipo que sua mãe sempre quis que tivesse quando falava do Senhor. O senhor D, o miúdo da família, o pequeno, havia se sentido com mais de dois metros de altura.

Foi a primeira vez que saboreava o poder e queria sentir essa sensação novamente, mas chegou à polícia e houve muitos falatórios na cidade, assim obrigou a si mesmo a comportar-se bem. Trabalhar em uma instalação processadora de carne melhorou sua habilidade com as facas, e quando esteve preparado, voltou a utilizar o mesmo tipo de emboscada que utilizou com o Big Tommy: uma briga de bar com um valentão. Enfureceu ao bastardo e logo o atraiu a uma esquina escura. Uma chave de fenda, e não da classe das que se bebem, fez o trabalho.

As coisas foram mais complicadas que com o Big Tommy. Uma vez que o senhor D se lançou contra o valentão, não foi capaz de deter-se. E era mais difícil tirar-se da manga a defesa pessoal quando o corpo tinha sido apunhalado sete vezes, miserável até detrás de um carro, e desmembrado como se fosse um cachorro quebrado.

Depois de colocar ao morto em umas quantas bolsas pesadas, o senhor D levou a seu coleguinha a realizar uma viagem por rodovia, encaminhando-se para o norte. Usou o próprio Ford Pinto do tipo para percorrer esses quilômetros, e quando o corpo começou a desprender aroma, encontrou o mais parecido que havia a uma colina na parte rural do Mississippi; pôs o carro de costas ao barranco, e deu um empurrão no pára-choque dianteiro. O porta-malas, com sua pestilenta carga, estatelou-se contra uma árvore. A explosão da bomba foi algo realmente excitante.

Depois pegou carona até o Tennessee e logo se manteve fazendo trabalhos estranhos em troca de alojamento e refeição. Matou a dois homens mais, antes de ir-se a Carolina do Norte, onde quase o apanham em fragrante.

Suas vítimas sempre eram grandes e fodidos filhos da puta. E assim foi como se converteu em lesser. Fixou-se como objetivo a um membro da Sociedade Lessening e quando, apesar de seu tamanho, quase mata ao homem, o assassino ficou tão impressionado que pediu ao senhor D que se unisse a eles para caçar vampiros.

Parecia um bom trato. Uma vez superada a etapa de vou ser-um-bom-cão-por-umas-poucas-guloseimas.

Depois de sua indução, o senhor D foi destinado a Connecticut, mas fazia dois anos se mudou a Esquente, na época que o senhor X, o Fore-lesser desse então, tinha tentado mudar um pouco as rédeas da Sociedade.

Em trinta anos, o senhor D nunca foi convocado pelo Omega.

Algumas horas antes, isso mudou.

A convocatória chegou em forma de um sonho quando estava dormindo, e não necessitou das maneiras que sua mãe ensinou-o para o RSVP(por favor, confirme assistência) de forma afirmativa. Mas não podia evitar perguntar-se se ia sobreviver à noite.

As coisas não iam muito bem para a Sociedade Lessening. Ao menos, não desde que o profetizado Destruidor tinha metido seu cavalo no estábulo.

Pelo que o senhor D tinha escutado, o Destruidor foi um policial humano. Um policial humano com sangue de vampiro, com o qual o Omega tinha jogado obtendo muito maus resultados. E é obvio, a Irmandade da Adaga Negra acolheu ao tipo e lhe deu um bom uso. Não eram idiotas.

Já que uma morte às mãos do Destruidor não significava somente um assassino menos.

Se te agarrava o Destruidor, tomava o fragmento do Omega que estava dentro de ti e o absorvia. Em vez do paraíso eterno que prometiam quando se unia à Sociedade, terminava aprisionado dentro desse homem. E com cada assassino que se destruía dessa forma, uma parte do Omega se perdia para sempre.

Antes, se brigava contra os Irmãos, o pior que podia acontecer era que fosse ao paraíso. Agora? Cada vez mais freqüentemente os deixava meio morto até que o Destruidor pudesse ir te inalar até te converter em cinzas, roubando sua eternidade.

Assim ultimamente as coisas tinham estado muito tensas. O Omega se comportou mais tempestuosamente do que era habitual nele, os assassinos estavam irritáveis por ter que estar olhando continuamente por cima do ombro; e a quantidade de novas filiações eram as mais baixas de todos os tempos, já que todo mundo estava tão preocupado por salvar sua própria pele que não se ocupava de procurar sangue novo.

E houve grande movimento entre os Fore-lessers. Embora isso sempre acontecesse.

O senhor D girou à direita, para a RR 149(rota rural), e avançou quase cinco quilômetros até a seguinte RR, o pôster da qual tinha sido esmagado, provavelmente com um taco de beisebol. A sinuosa rota era só um caminho congelado cheia de buracos, e teve que diminuir a velocidade, para que suas tripas não terminassem todas revoltas: o carro tinha a mesma suspensão que poderia encontrar em um forno. O que equivalia a nada.

Uma coisa má que tinha a Sociedade Lessening era que te davam PDMs (pedaços de merdas) para conduzir.

Bass Pond Lane... estava procurando a rota Bass Pond A... aí estava. Girou o volante, pisou no freio com força, e logo teve tempo de desviar-se para a saída da rota.

Sem contar com iluminação pública, passou reto o quebrado terreno coberto de matos que estava procurando, por isso teve que passar marcha ré, e conduzir de volta. A granja estava em pior estado que o Focus, era somente um ninho de ratos que tinha o teto frouxo e cujas paredes apenas se sustentavam em pé, e que estava afogado em um mar do equivalente nova-iorquino do kudzu: a hera venenosa.

Depois de estacionar na estrada, já que não havia uma entrada para carros, o senhor D desceu e acomodou o chapéu de cowboy. A casa recordava seu lar, com o revestimento de papel aparecendo, as janelas sobressalentes, e a grama repleta de más ervas de homem pobre. Era difícil evitar pensar que sua gorda mãe, que vivia trancada em casa, e seu esgotado pai granjeiro não fossem estar ali te esperando.

Deviam ter morrido faz tempo, pensou enquanto caminhava. Ele foi o menor de sete

filhos, e ambos eram fumantes.

A porta com mosqueteiro quase tinha perdido a grade e o marco estava oxidado. Quando a abriu, chiou como um porco preso, chiou como Big Tommy, como o fazia a porta que tinha naquele tempo em seu lar. Golpeou a segunda porta e não obteve resposta, assim tirou o chapéu de cowboy e empurrou contra a porta, usando o quadril e o ombro para fazer saltar o ferrolho.

Dentro cheirava a fumaça de cigarro, mofo e morte. Os primeiros dois aromas eram rançosos. O de morte era fresco, do tipo suculento, com um deixo afrutado que fazia desejar sair e matar tudo para poder te unir à festa.

E havia outro aroma. O persistente aroma adocicado no ar indicou que o Omega esteve ali recentemente. Ou talvez outro assassino.

Com o chapéu entre as mãos, atravessou as escuras habitações da frente da casa e entrou na cozinha que estava ao fundo. Ali estavam os corpos. Dois, jazendo sobre o estômago. Não podia definir o sexo de nenhum, já que foram decapitados e nenhum dos dois usava saia, mas os atoleiros de sangue que estavam onde deveriam ter estado suas cabeças se uniram de tal maneira que parecia que estavam agarrando-se pelas mãos.

De fato, era verdadeiramente adorável.

Olhou uma mancha negra que havia no outro lado da cozinha, no pedaço de parede que havia entre o refrigerador dourado que se utilizava para a colheita e a débil mesa de fórmica. A mancha deixada pelo estalo de uma bomba significava que um companheiro assassino mordeu o pó, de uma maneira muito dura, às mãos do Omega. Evidentemente, o Amo se despediu de outro Fore-lesser.

O senhor D passou por cima dos cadáveres e abriu o refrigerador. Os lessers não comiam, mas sentia curiosidade por saber o que guardava o casal ali. Ah. Mais lembranças. Havia um pacote aberto de mortadela Oscar Mayer e estavam a ponto de ficar sem maionese.

Como agora não tinham que preocupar-se de não poder fazer sanduíches.

Fechou o refrigerador e se inclinou para trás apoiando-se contra...

A temperatura da casa baixou vinte graus, como se alguém tivesse ligado o ar condicionado central e tivesse posto o dial em «Para congelar as Pelotas». A isso seguiu o vento, açoitando a quietude da noite de verão, crescendo em força até que a granja gemeu.

O Omega.

O senhor D pensou no mesmo instante em que a porta dianteira se abria de repente. O que entrou pelo corredor era uma névoa escura como a tinta, fluída e transparente, rodando ao longo das pranchas do chão. Condensou-se frente ao senhor D, elevando-se para formar uma silhueta masculina.

—Amo — disse o senhor D, e fez uma reverência, dobrando-se à altura da cintura, enquanto sentia agitar-se seu negro sangue nas veias pelo medo e o amor que sentia.

A voz do Omega chegou como através de uma larga distância e tinha uma cadência elétrica carregada de estática.

—Nomeio-te Fore-lesser.

O senhor D ficou sem fôlego. Essa era a mais alta honra, o posto de mais autoridade na Sociedade Lessening. Nem sequer sonhou obtendo-o. Talvez pudesse ter esperado fazer uma suplência de alguém nesse trabalho.

—Grac...

O Omega se evaporou, adiantou-se e envolveu o corpo do senhor D como uma capa de alcatrão. Enquanto a dor se apoderava de cada osso de seu corpo, o senhor D sentiu que giravam seu corpo e que o empurravam com o rosto para frente para o balcão, o chapéu saiu voando de suas mãos. O Omega tomou o controle, e ocorreram coisas que o senhor D nunca tinha imaginado.

De toda maneira, o consentimento não existia dentro da Sociedade. Só pronunciava um sim, e esse era no momento em que entrava nela. Todo o resto que vinha depois, estava fora de seu controle.

Quando passaram o que pareceram séculos, o Omega saiu do corpo do senhor D e vestiu uma branca túnica cobrindo-o da cabeça aos pés. Com elegância quase feminina, o mal arrumou as lapelas, suas garras haviam desaparecido.

Ou talvez, simplesmente se tivessem desgastado até transformar-se em cotos, depois de todo o trabalho de rasgar e arrancar.

Debilitado e sangrando, o senhor D se deixou cair e se apoiou sobre a marcada superfície do balcão. Desejava vestir-se, mas não ficou muito de suas roupas.

—Os acontecimentos chegaram a um ponto culminante — pronunciou o Omega—. A incubação se completou. Chegou o momento de deixar cair o casulo.

—Sim, senhor — Como se pudesse dar outra resposta? — Como posso servir-lo?

—Sua missão consiste em me trazer este macho. —O Omega estendeu a mão com a palma volta para cima e apareceu uma imagem flutuando no ar.

O senhor D estudou o rosto, a ansiedade golpeou seu cérebro, pondo-o a toda velocidade. Certamente, precisaria mais detalhe além desta imprecisa fotografia transparecida.

—Onde o encontro?

—Nasceu aqui e vive no Caldwell, entre os vampiros. —A voz do Omega parecia saída de um filme de ficção científica, ecoando ao deslocar-se misteriosamente—. Só transcorreram uns meses desde sua transição. Acreditam que é um deles.

Bom, isso seguro que reduzia as possibilidades.

—Pode formar uma equipe com outros — disse o Omega— Mas deve ser capturado vivo. Se alguém o matar, me prestará contas.

O Omega se inclinou para um lado e pôs a palma sobre o papel de parede, no lugar em que estava a mancha que deixou a explosão da bomba. A imagem de um civil ardeu ali, ficando impressa sobre uma franja de esvaídas flores amarelas.

O Omega inclinou a cabeça e olhou a imagem. Logo, com mão gentil e elegante, acariciou o rosto.

—Ele, este, é especial. Encontra-o. Traga-o de volta aqui. E faça com rapidez.

Não havia necessidade de pronunciar, se sim ou se não.

Quando o mal desapareceu, o senhor D se inclinou e recolheu seu chapéu. Felizmente, não tinha quebrado nem sujado.

Esfregando os olhos, considerou todas as formas que tinha de colocar as mãos em um vampiro macho em algum lugar de Caldwell. Ia ser como procurar uma agulha em um palheiro.

Tomando uma faca de cortar do mostrador, usou-o para recortar a imagem do papel de parede. Depois de desprendê-la com cuidado, estudou o rosto.

Os vampiros eram reservados por duas razões: não queriam que os humanos se misturassem nos assuntos de sua raça, e sabiam que eram perseguidos pelos lessers. Entretanto iam a lugares públicos, especialmente os machos que acabavam de passar pela transição. Agressivos e temerários, os jovens freqüentavam os lugares mais sórdidos do centro de Caldwell porque havia humanos com que ter sexo e brigas nas que envolver-se e todo tipo de coisas divertidas para inalar, beber ou fumar.

O centro. Formaria um esquadrão e dirigiria aos bares do centro. Embora não encontrassem ao macho em seguida, a comunidade vampírica era pequena. Era provável que outros civis conhecessem sua vítima, e solicitar informação era uma das especialidades do senhor D.

Ao demônio se ia trabalhar com o soro da verdade. Dê-me um bom martelo e um par de algemas, e se converteria em uma máquina, que fazia que alguns lábios comesçassem a balbuciar.

O senhor D arrastou seu dolorido e esgotado corpo escada acima e tomou uma meticulosa ducha no asqueroso banheiro dos mortos. Quando terminou, colocou uma calça de trabalho e uma camisa, que naturalmente, eram muito grandes para ele. Depois de enrolar as mangas da camisa e cortar sete centímetros e meio das pernas da calça, penteou-se o cabelo branco, alisando-o contra o crânio. Antes de sair da casa, colocou um pouco do Old Spice que encontrou na mesa do tipo. A coisa era quase todo álcool, como se a garrafa tivesse estado ali por muito tempo, mas ao senhor D gostava de ir elegante.

De retorno ao térreo, cruzou a cozinha, cambaleando-se, e tomou a tira de papel com o rosto impresso. Devorando as feições com os olhos, deu-se conta que apesar de que ainda seguia doendo todo o corpo, estava se excitando igual a como o faria um rastreador.

A caça começou e sabia exatamente a quem ia utilizar. Havia uma equipe de cinco lessers com os quais trabalhou algumas vezes no transcurso dos últimos dois anos. Eram bons tipos. Enfim, bons, provavelmente não fosse a palavra adequada. Mas podia tratar com eles, e agora que era o Fore-lesser podia lhes dar ordens.

No caminho à porta dianteira, deteve-se frente aos cadáveres, colocou o chapéu e deu um golpezinho na beira do mesmo, a modo de saudação.

—Os verei depois.

Quinn entrou no estúdio de seu pai de muito mau humor, e seguro como o inferno que não ia sair dali sentindo-se resplandecente, nem nada parecido.

Lá vamos. No instante em que entrou na sala, seu pai soltou um extremo do Wall Street Journal, que ficou flutuando no ar, para poder pressionar os nódulos contra sua boca e logo tocar cada lado do pescoço. Uma rápida frase na Antiga Língua saiu de seus lábios em um murmúrio, logo devolveu o jornal a seu lugar.

—Requer minha presença na festa de ornamento — disse Qhuinn.

—Não te informou isso um dos doggen?

—Não.

—Ordenei-lhes que te informassem.

—Então, isso deveria ser um não. — Sua intenção ao pressioná-lo para que respondesse, era o mesmo que ao perguntar-lhe a primeira vez, somente queria aporrinhá-lo.

—Não posso entender por que não o informaram isso. — Seu pai descruzou as pernas e voltou a cruzá-las, a raia de suas calças era tão afiada quanto à beira de sua taça de xerez — Realmente, eu gostaria de dizer as coisas uma só vez. Não acredito que seja muito...

—Não vai responder-me, verdade?

—... pedir. Quer dizer, o trabalho dos criados é, realmente, bastante evidente. Seu propósito é servir, e para falar a verdade eu não gosto de ter que repetir as coisas.

Seu pai balançou no ar o pé da perna que tinha cruzada sobre a outra. Seus mocassins com franjas eram de Penetre Haan, como sempre: caros, mas não mais chamativos que um sussurro aristocrático.

Qhuinn baixou o olhar para seu New Rocks. A grossura das solas era de cinco centímetros na planta e sete centímetros e meio no salto. O couro negro chegava até a base das panturrilhas e na parte dianteira se entrecruzavam os cordões que passavam através de três pares de fivelas cromadas.

Na época que recebia uma atribuição, antes que a mudança não solucionasse seu defeito, economizou durante meses para comprar essas botas de tipo duro e filho da puta, e depois de passar pela mudança, comprou-as à primeira oportunidade. Eram o prêmio que outorgava a si mesmo por ter sobrevivido à transição, porque tinha bem claro que não devia esperar nada de seus pais.

O dia que Qhuinn as pôs para assistir à Primeira Refeição, os olhos de seu pai quase saíram das órbitas.

—Desejava alguma outra coisa — disse seu pai por atrás do WSJ(jornal).

—Não. Serei bom e irei tranquilamente. Não se preocupe.

Deus bem sabia que o fez antes em reuniões oficiais, embora em realidade, a quem queriam enganar? A glymera era bem consciente de sua existência e de seu pequeno «problema», e os estirados esnobes eram como elefantes. Nunca esqueciam nada.

—A propósito, seu primo Lash tem um novo emprego — murmurou seu pai—. Na clínica de Havers. Lash pensa transformar-se em médico, assim está fazendo práticas depois das aulas. —O jornal baixou de repente e teve uma breve olhada do rosto de seu pai... o que curiosamente resultou ser mortal, porque Qhuinn alcançou a ver o brilho ofegante nos olhos de seu velho— Lash é uma fonte de orgulho para seu pai. Um digno sucessor nas

responsabilidades da família.

Qhuinn olhou a mão esquerda de seu pai. No dedo indicador, ocupando todo o espaço que havia debaixo do grande nódulo, via-se um sólido anel de ouro que ostentava o escudo da família.

Todos os machos jovens da aristocracia obtinham um depois de ter passado pela transição, e os dois melhores amigos de Qhuinn os tinham. Blay usava o seu todo o tempo, salvo quando estava lutando ou ia ao centro da cidade, e ao John Matthew tinham dado um, embora não o usava. E tampouco eram os únicos em ter vistosos pesos de papeis. Em sua aula de treinamento no Complexo da Irmandade, cada um dos recrutas que passava pela mudança, retornava com um anel de selo no dedo.

Escudos familiares impressos sobre trezentos gramas de ouro: quinhentos dólares.

Que seu pai te dê de presente um quando te converte em um verdadeiro macho: não tem preço.

A transição de Qhuinn ocorreu uns cinco meses atrás. Fazia quatro meses, três semanas, seis dias e duas horas que deixou de esperar que lhe dessem seu anel.

Aproximadamente.

Homem, apesar da fricção existente entre ele e seu pai, nunca pensou que não ia receber um. Mas Surpresa! Uma nova forma de sentir-se fora do rebanho.

Houve outra sacudida de jornal e esta vez foi com impaciência, como se seu pai estivesse afugentando uma mosca para que se separasse de seu hambúrguer. Embora, é obvio, ele não comia hambúrgueres, porque eram muito vulgares.

— Vou ter que falar com esse doggen — disse seu pai.

Qhuinn fechou a porta ao sair, e quando se voltou para ir para o vestibulo, quase se choca com um doggen que vinha da biblioteca que havia na sala do lado. A donzela uniformizada deu um salto para trás, beijou-se os nódulos e aplaudiu as veias que corriam a ambos os lados de sua garganta.

Enquanto fugia, murmurando a mesma frase que seu pai, Qhuinn se aproximou de um antigo espelho que pendurava da parede coberta de seda. Ainda apesar das ondas que tinha o descascado espelho e as manchas obscurecidas que ficaram onde o material refletivo se desprende, seu problema era óbvio.

Sua mãe tinha os olhos cinza. Seu pai tinha os olhos cinza. Seu irmão e sua irmã tinham os olhos cinza.

Qhuinn tinha um olho azul e outro verde.

Agora bem, obviamente houve olhos azuis e verdes em sua linhagem. Só que não um de cada cor na mesma pessoa, e imagine a disparidade não era algo divino. A aristocracia se recusava a tolerar defeitos, e os pais de Qhuinn não só estavam firmemente entrincheirados na glymera, já que ambos pertenciam a alguma das seis famílias fundadoras, e, além disso, seu pai chegou a ser leahdyre do Conselho do Princeps.

Todo mundo tinha esperado que a transição solucionasse o problema, e tanto a cor azul como o verde teriam sido aceitáveis. Sim, bom, negado. Qhuinn saiu da mudança com um

grande corpo, um par de presas, um forte desejo sexual... e com um olho azul e outro verde.

Que noite. Foi a primeira e única vez que seu pai se descontrolou. A primeira e única vez que golpeou ao Qhuinn. E desde esse então, ninguém da família nem do pessoal doméstico voltou a olhá-lo nos olhos.

Em seu caminho de saída, não se incomodou em despedir-se de sua mãe. Nem de seu irmão mais velho, nem de sua irmã.

Do momento de seu nascimento, foi marginalizado por sua família, deixado de lado, afastado por algum tipo de dano genético. De acordo com o código de valores da raça, o único aspecto favorável de sua patética existência residia no fato que houvesse dois jovens saudáveis, e normais na família, e que o macho mais velho, seu irmão, fosse considerado apto para procriar.

Qhuinn sempre pensou que seus pais deveriam ter se detido em dois, que tratar de ter três filhos saudáveis era uma aposta muito alta contra o destino. Entretanto, não podia trocar a mão que havia tocado. Tampouco podia evitar desejar que as coisas fossem diferentes.

Não podia obter que deixasse de importar.

Embora o traje de gala consistisse somente de um grupo de figuras usando vestidos e trajes de pingüim, desejava estar com sua família no grande baile de final do verão da glymera. Queria colocar-se ombro a ombro junto a seu irmão e que por uma vez na vida tomassem em conta. Desejava vestir-se como o resto do mundo e usar seu próprio anel de ouro e talvez, dançar com alguma das nobres fêmeas que ainda não tinham casal. Na brilhante multidão da aristocracia, desejava que o reconhecessem como a um cidadão, como um mais deles, como um macho e não como um estorvo genético.

Não ia acontecer. Aos olhos da glymera, era menos que um animal, não mais apto para o sexo que um cão.

O único que faltava era a correia, pensou, enquanto desmaterializava para a casa de Blay.

Capítulo 4

Ao leste, na mansão da Irmandade, Cormia esperava ao Primale na biblioteca e a quem quer que fosse que, segundo ele, devia passar um pouco de tempo. Enquanto passeava entre o sofá e a poltrona de couro, ouvia os irmãos falar no vestibulo, discutindo a respeito da próxima festa da glymera.

A voz do irmão Rhage retumbou:

—Esse molho de egocêntricos, preconceituosos, folgadas-carentes-de-...

—Cuidado com as referências vagas — interrompeu o irmão Butch— Algumas poderiam ser aplicadas a mim.

—... parasitas, filhos da puta curtos de idéias...

—Não pare, nos diga o que realmente sente — disse alguém mais.

—... podem agarrar seus Traje de gala Fakata e meter no traseiro.

O Rei riu em voz baixa.

—Menos mal que não é diplomático, Hollywood.

—OH, tem que me deixar lhes enviar uma mensagem. Melhor ainda, deixemos que minha besta acuda como emissário. Farei que destróia o lugar. Esses bastardos o merecem, por como trataram a Marissa.

—Sabe — anunciou Butch — sempre pensei que tem meio cérebro. Apesar do que digam outros.

Cormia deixou de passear quando o Primale apareceu na entrada da biblioteca, com um copo de porto na mão. Estava vestido com o traje que acostumava usar na Primeira Refeição quando não estava ensinando: um par de perfeitas calças de vestir feitas sob medida, cor nata nesta ocasião; camisa de seda negra, como era habitual; um cinturão negro, cuja fivela era um H, alargada e dourada. Seus sapatos de ponta quadrada tinham sido lustrados até ficar brilhantes e tinham o mesmo H do cinturão.

Hermes. Acreditou ter ouvido por acaso em um jantar.

Levava o cabelo solto, as ondas caíam sobre seus fortes ombros, algumas por diante e outras por detrás. Cheirava ao que os irmãos chamavam aftershave, e também à fumaça com fragrância de café que se acumulava em seu quarto.

Sabia exatamente como cheirava seu dormitório. Passou um só dia deitada junto a ele nesse quarto, e tudo a respeito daquela experiência foi inesquecível.

Embora este não fosse o momento de recordar o que ocorreu entre eles nessa grande cama, quando tinha estado dormindo. Já era bastante difícil estar em sua companhia com toda uma sala entre os dois e gente fora, no vestibulo. Para acrescentar, ainda por cima, esses momentos nos que ele pressionou seu corpo nu contra o seu...

—Desfrutou do jantar? —perguntou ele, tomando um gole de seu copo.

—Sim, claro. E Sua Graça?

Estava a ponto de replicar quando John Matthew apareceu atrás dele.

O Primale se girou para o jovem e sorriu.

—Oi, homem. Alegro-me de que tenha vindo.

John Matthew a olhou do outro lado da biblioteca e elevou a mão em forma de saudação.

Sentiu-se aliviada pela eleição. Não conhecia o John mais que os outros, mas durante as refeições, permanecia calado. O que fazia que seu tamanho não fosse intimidante como teria sido se fosse ruidoso.

Inclinou-se ante ele.

—Sua Graça.

Quando se endireitou, sentiu seus olhos fixos nela e se perguntou o que via. Fêmea ou Escolhida?

Que pensamento tão estranho.

—Bom, que se divirtam. — Os brilhantes olhos dourados do Primale se separaram dela— Estou de serviço esta noite, assim estarei fora.

Lutando, pensou Cormia, com uma pontada de medo.

Desejou lançar-se sobre ele e dizer que tomasse cuidado, mas isso não lhe correspondia, verdade? Em princípio era apenas sua Primeira Companheira. Por outra parte, ele era a força da raça e dificilmente necessitava de sua preocupação.

O Primale aplaudiu o ombro de John Matthew, saudou-a com a cabeça, e saiu.

Cormia inclinou a um lado para poder observar como o Primale subia as escadas. Seu modo de andar era gracioso enquanto subia, apesar da extremidade que faltava e a prótese que usava. Era tão alto, orgulhoso e encantador, e odiou o fato de que passariam horas antes de sua volta.

Quando afastou o olhar, John Matthew estava perto da mesa, tomando um pequeno bloco de papel e uma caneta. Enquanto escrevia, sustentava o papel perto de seu peito, com as grandes mãos cavadas. Parecia muito mais jovem do que sugeria o tamanho de seu corpo enquanto trabalhava em sua nota.

Nas estranhas ocasiões nas que tinha algo que dizer na mesa, tinha-lhe visto comunicar-se com as mãos, e isso a fez supor que possivelmente era mudo.

Girou o caderno para ela fazendo uma careta, como se não estivesse muito convencido do que escreveu. Você gosta de ler? A biblioteca tem um montão de livros bons.

Olhou-o nos olhos. Que encantador tom de azul tinham.

—Qual é o problema com sua voz? Se me permite perguntar.

Nenhum problema. Fiz um voto de silêncio.

Ah... Recordou-o. A escolhida Layla mencionou que assumiu tal compromisso.

—Vi você utilizar as mãos para falar — disse.

Linguagem por Gestos Americano, escreveu ele.

—É uma forma elegante de comunicar-se.

Cumpra seu encargo. Escreveu algo mais e depois mostrou novamente o bloco de papel. Ouvi que o Outro Lado é muito diferente. É certo que tudo é branco?

Elevou ao redor de sua túnica, como para mostrar um exemplo de como era o lugar de que vinha.

—Sim. O branco é tudo o que temos. —Franziu o cenho— Tudo o que necessitamos, melhor dizendo.

Têm eletricidade?

—Temos velas, e fazemos as coisas à mão.

Parece antiquado.

Não estava segura do que significava isso.

—Isso é mau?

Ele sacudiu a cabeça. Acredito que é legal.

Cormia conhecia o termo de ouvi-lo na mesa do jantar, mas ainda não entendia por que essa palavra infundia um julgamento positivo às coisas.

—É tudo o que conheço — Se aproximou de uma das altas e estreitas portas com painéis de vidro— Bom, até agora.

Suas rosas estavam tão perto, pensou.

John assobiou, e ela olhou sobre o ombro para o bloco de papel que ele sustentava de face para ela. Você gosta de estar aqui? Escreveu. E, por favor, quero que saiba que pode me dizer que não, não estou te julgando.

Manuseou sua túnica.

—Sinto-me muito diferente de todos. Perco-me nas conversações, embora fale o idioma.

Houve um longo silencio. Quando voltou a olhar ao John, este estava escrevendo, sua mão se detinha de vez em quando um momento, como se estivesse escolhendo uma palavra. Rabiscou algo. Escreveu algo mais. Quando terminou, entregou-lhe o caderno.

Sei o que é isso. Por ser mudo, muitas vezes me sinto desconsolado. Melhorou depois de minha transição, mas ainda ocorre. Entretanto aqui ninguém te julga. Agrada a todos, e nos alegramos de que esteja na casa.

Leu o parágrafo duas vezes. Não estava segura de como responder à última parte. Assumiu que a toleravam porque o Primale trouxe-a.

—Mas... Sua Graça... acreditava que tinha assumido o voto de silêncio.

Ele ruborizou, e ela disse:

—Sinto muito, isso não me concerne.

Ele escreveu e depois mostrou suas palavras. Nasci sem laringe. A seguinte frase estava rabiscada, mas foi capaz de captar a essência. Escreveu algo assim como: Mas ainda assim posso lutar bem e sou preparado e tudo.

Podia entender o subterfúgio. As Escolhidas, como a glymera, valorizavam a perfeição física como evidência de uma criação apropriada e a força dos genes da raça. Muitos teriam visto seu silêncio como uma deficiência, e inclusive as Escolhidas podiam ser cruéis com aqueles aos que consideravam inferiores a elas.

Cormia estendeu o braço e posou a mão no antebraço dele.

—Acredito que nem todas as coisas têm que ser ditas para que se entendam. E resulta bem óbvio que é adequado e forte.

As bochechas dele se entusiasmaram de cor, e inclinou a cabeça para ocultar os olhos.

Cormia sorriu. Parecia perverso que relaxasse ante a estupidez dele, mas de certo modo sentia como se estivessem no mesmo nível.

—Quanto tempo leva aqui? —perguntou.

A emoção cintilou em seu rosto quando voltou a agarrar o caderno. Oito meses ou assim. Acolheram-me porque não tinha família. Meu pai foi assassinado.

—Lamento muito sua perda. Diga-me... Fica porque você gosta de estar aqui?

Houve uma larga pausa. Logo escreveu lentamente. Quando mostrou o caderno, este dizia: Eu não gosto nem mais nem menos do que eu gostaria de qualquer outra casa.

—O que te converte em um deslocado como eu — murmurou ela— Aqui, mas sem estar aqui.

Assentiu, depois sorriu, revelando umas brilhantes presas brancas.

Cormia não pôde evitar devolver a expressão a esse arrumado rosto.

Lá no Santuário, todo mundo tinha sido como ela. Aqui? Ninguém o era absolutamente. Até agora.

Então tem alguma pergunta que você gostaria de formular? Escreveu ele. A casa? O pessoal? Phury disse que podia ter alguma.

Perguntas... OH, ocorriam-na umas poucas. Por exemplo, quanto tempo tinha estado o Primale apaixonado por Bela? Houve alguma vez algum sentimento por parte dela? Alguma vez tinham deitados juntos?

Enfocou seus olhos nos livros.

—Neste momento não tenho nenhuma pergunta — Sem nenhuma razão em especial, acrescentou — Acabo de terminar As Amizades perigosas do Choderlos do Laclos.

Fizeram um filme disso. Sarah Michelle Gellar, Ryan Phillippe e Reese Witherspoon.

—Um filme? E quem são todas essas pessoas?

Escreveu durante um momento. Conhece a televisão, não? Esse painel plano que está na sala de bilhar? Bom, os filmes se vêem em telas, podem ser até maiores, e as pessoas que aparece nelas se chamam atores. Fingem serem outras pessoas. Esses três são atores. Em realidade, todos são atores, quando estão na televisão ou nos filmes. Bom, a maioria deles.

—Só joguei uma olhada à sala de bilhar. Não entrei nela. —Sentia uma curiosa vergonha ao admitir o pouco que aventurou fora— A televisão é a caixa brilhante com imagens?

Essa mesma. Posso te mostrar como funciona quer?

—Por favor.

Saíram da biblioteca entrando no mágico vestibulo multicolorido da mansão, e como sempre, Cormia levantou o olhar para o teto, que flutuava três pisos acima do chão de mosaico. A cena esboçada acima era de guerreiros montados em grandes corcéis, todos eles partindo para a luta. As cores eram escandalosamente brilhantes, as figuras majestosas e fortes, o fundo de um azul brilhante com nuvens brancas.

Havia um guerreiro em particular, com o cabelo jateado de loiro, que tinha que avaliar cada vez que olhava. Tinha que assegurar-se que estava bem, embora fosse ridículo. As figuras nunca se moviam. Sua luta sempre estava a ponto de começar, nunca em curso.

Ao contrário da luta da Irmandade. Ao contrário da luta do Primale.

John Matthew abriu o caminho para a sala verde escuro que estava em frente à sala onde realizavam as refeições. Os Irmãos passavam muito tempo ali; com frequência ouvia suas vozes flutuando à deriva, contrastadas por suaves estalos, a fonte dos quais ela não podia identificar. Não obstante, John resolveu esse mistério. Quando passava junto a uma mesa plaina coberta por um feltro verde, pegou uma das muitas bolas multicoloridas de sua superfície e a fez rodar. Quando esta se chocou com uma de suas companheiras, o golpe seco explicou o som.

John se deteve diante de uma lona cinza vertical e recolheu um magro aparelho negro. Imediatamente, apareceu uma imagem de toda cor e o som saiu de toda parte. Cormia deu

um pulo para trás quando um rugido encheu a sala e objetos parecidos com balas passaram a toda velocidade.

John a tranqüilizou enquanto o estrondo se desvanecia gradualmente, e depois escreveu em seu bloco de papel. Sinto muito, baixei o volume. Isso é uma corrida de NASCAR. Há pessoas nos carros e correm ao redor de uma pista. O mais rápido ganha.

Cormia se aproximou da imagem e vacilando um pouco a tocou. Tudo o que sentiu foi uma superfície Lisa e elástica parecida com um tecido. Olhou detrás da tela. Nada mais que parede.

— Assombroso.

John assentiu e ofereceu o magro aparelho, agitando-o acima e abaixo, como se estivesse animando-a a agarrá-lo. Depois de mostrar como dirigir-se entre a multidão de botões, retrocedeu.

Cormia apontou a coisa para as imagens em movimento... E fez que as imagens mudassem. Uma e outra vez. Aparentemente havia um interminável número delas.

— Nenhum vampiro, entretanto — murmurou, enquanto aparecia outra paisagem amplamente iluminada pelo sol - é só para humanos.

Entretanto, nós a olhamos também. Há vampiros nos filmes... Só que normalmente, não dos bons. Nem os filmes, nem os vampiros.

Cormia afundou lentamente no sofá que havia em frente da televisão, e John se acomodou em uma cadeira junto a ela. A interminável variação resultava cativante, e John explicava cada «canal», fazendo observações para ela. Não sabia quanto tempo estavam ali juntos, mas ele não parecia impacientar-se.

Perguntou-se que canal veria o Primale.

Finalmente, John mostrou como apagar as imagens. Ruborizada pela excitação, olhou para as portas de vidro.

— Estamos a salvo lá fora? — perguntou.

Muito. Há uma enorme barreira de contenção rodeando o Complexo, além de câmaras de segurança por toda parte. Mais ainda, estamos isolados por mhis. Nenhum lesser conseguiu jamais entrar aqui, e nenhum o fará... OH, e os esquilos e os veados são inofensivos.

— Eu gostaria de sair.

E eu adorarei te acompanhar.

John meteu o bloco de papel sob o braço e se aproximou de um dos jogos de portas de vidro. Depois de abrir o ferrolho de bronze, abriu uma das folhas fazendo um galante gesto com o braço para que passasse.

O ar quente que se apressou a entrar cheirava de modo distinto ao que havia na casa. Este era rico. Complexo. Tórrido com seu aroma a jardim e calor úmido.

Cormia levantou do sofá e se aproximou de John. Além do terraço, a paisagem de jardins que contemplou de longe durante tanto tempo se estendia ao longo do que parecia ser uma vasta distância. Com suas coloridas flores e frondosas árvores, a vista não parecia em nada à

monocromática extensão do Santuário, mas era igualmente perfeita, igualmente encantadora.

—Hoje é o dia de meu nascimento — disse sem nenhuma razão em particular.

John sorriu e aplaudiu. Depois escreveu: Deveria ter te trazido um presente.

—Presente?

Sim sabe um presente. Para você.

Cormia inclinou o corpo para fora e jogou a cabeça para trás. O céu ali em cima se via de um escuro azul acetinado com luzes cintilantes marcando suas dobras. Maravilhoso, pensou. Simplesmente maravilhoso.

—Isto é um presente.

Saíram da casa juntos. As pedras lisas do terraço se sentiam frias sob seus pés nus, mas o ar era quente como um remanso, e adorou o contraste.

—OH... —Respirou profundamente— Que encantador...

Dando voltas e voltas, olhou tudo: A montanha majestosa que era a mansão. As fofas e escuras copas das árvores. A grama ondulada. As flores em suas belas seções.

A brisa que varria tudo era gentil como um hálito, carregada de uma fragrância muito complexa e impetuosa para etiquetá-la.

John a deixou adiantar-se, seus passos cautelosos os levaram perto das rosas.

Quando chegou a elas, estendeu a mão e acariciou as frágeis pétalas de uma rosa florescida tão grande quanto à palma de sua mão. Depois se inclinou e inalou seu perfume.

Quando se endireitou, começou a rir. Sem nenhuma razão aparente. Era só que... subitamente seu coração cobrou asas e estava elevando-se em seu peito, a letargia que tinha estado atormentando-a como uma praga durante o mês passado se dissipava frente a uma brilhante quebra de onda de energia.

Era o dia de seu nascimento e estava fora.

Olhou ao John e encontrou-o olhando-a fixamente, com um sorrisinho no rosto.

Sabe, pensou. Ele sabia como se sentia.

—Quero correr.

Ele abriu os braços abrangendo a extensão de grama.

Cormia não se permitiu pensar nos perigos do desconhecido nem na dignidade que as Escolhidas supostamente deviam assumir junto com suas túnicas brancas. Deixando a um lado o grande peso do «apropriado», recolheu-se a túnica e correu tão rápido quanto suas pernas puderam levá-la. A grama elástica amortecia seus pés e seus cabelos ondulavam a suas costas e o ar açoitava seu rosto.

Embora permanecesse ligada a terra, a liberdade que sentia na alma a fez voar.

Capítulo 5

No centro, no distrito dos clubes e das drogas, Phury voava através de um Beco da Rua

Décima, suas botas golpeavam contra as imundas ruas, enquanto seu impermeável negro ondeava atrás dele. Aproximadamente a quatorze metros a frente dele, havia um lesser, e dadas suas posições, tecnicamente Phury era o perseguidor. Em realidade, o assassino não tentava escapar com pressa. O que o bastardo queria era internar-se profundamente entre as sombras para que pudessem lutar, e Phury estava totalmente de acordo com isso.

A regra número um na guerra entre a Irmandade e a Sociedade Lessening era: nada de brigas em presença de humanos. Nenhum dos dois grupos necessitava esse tipo de problemas.

Essa era quase a única regra.

O doce aroma de talco de bebê chegou até Phury, a estrela de seu inimigo era um infernal aroma nauseante que enjoava o nariz. Entretanto valia a pena suportar a peste, porque esta ia ser uma grande briga. O assassino que perseguia tinha o cabelo tão branco quanto o ventre de um pescado... O que significava que o tipo estava na Sociedade há bastante tempo. Por razões desconhecidas, todos os lessers empalideciam com o tempo, perdendo sua própria cor de cabelo, olhos e pele à medida que ganhavam experiência em caçar e matar vampiros inocentes.

Grande intercâmbio. Quanto mais assassinava, mais se parecia com um cadáver.

Esquivando de um contêiner de lixo e saltando sobre o que esperava fosse uma pilha de farrapos e não um indigente morto figurou-se que em outros quarenta e cinco metros ele e seu amiguinho lesser foram conseguir por fim um pouco de privacidade. As vísceras do beco eram uma via sem saída, sem iluminar, rodeadas por edifícios de tijolos sem janelas e...

Havia um par de humanos nele.

Phury e seu assassino se detiveram em seco, devido à desilusão que levaram. Mantendo uma distância saudável um do outro, avaliaram a situação enquanto os dois humanos ficavam olhando.

—Foda-se, saiam daqui — disse o da esquerda.

OK, este era obviamente um caso de tratos interrompido. E o tipo da direita era definitivamente o comprador no intercâmbio, e não só porque não estivesse tentando fazer-se cargo da intrusão. O bastardo sarnento tremia dentro de suas sujas calças, tinha os olhos febris totalmente abertos, a pele cítrica se via sebosa e salpicada de acne. Terá que dizer, entretanto, que seguia concentrado nos bolsos do casaco de seu distribuidor, absolutamente preocupado pela possibilidade de ser despachado pelo Phury ou o assassino.

Não, o viciado estava a ponto de conseguir sua seguinte dose, e claramente se aterrava a idéia de voltar para casa sem o que necessitava.

Phury trágou com força e observou esses olhos vazios de «não há ninguém em casa» ricochetear em todas as direções. Deus, ele havia sentido esse agudo pânico... Tinha dançado o tango com ele justo antes que as venezianas houvessem se levantando na casa, devido à chegada da noite.

O distribuidor apoiou uma das mãos na parte baixa das costas.

—Eu disse, fora daqui.

Foda-se. Se o distribuidor tirava uma arma, ia desatar um inferno por que... Bom, certo, o assassino também estava colocando a mão sob seu casaco. Proferindo uma maldição, Phury se uniu à festa posando uma mão na culatra da SIG que levava no quadril.

O distribuidor se deteve, compreendendo claramente que todo mundo tinha artilharia pesada. Depois de fazer uma espécie de avaliação de risco, o tipo levantou as mãos vazias ante si.

— Pensando bem, possivelmente seja eu o que parta.

— Boa eleição — disse o lesser arrastando as palavras.

O viciado não acreditava que fosse tão boa idéia.

— Não, Oh, não... Não, necessito...

— Depois. — O distribuidor grampeou o casaco como um comerciante fecharia sua loja.

E ocorreu tão rápido, que nada poderia havê-lo detido. De alguma parte, o viciado tirou uma faca e com um torpe talho, mais produto da sorte que da habilidade, rachou a garganta de seu distribuidor de lado a lado. Enquanto o sangue salpicava por toda parte, o comprador saqueou a loja do distribuidor, revisando os bolsos do casaco e metendo os pacotes de celofane que encontrava nos bolsos traseiros de seu jeans. Quando o assalto terminou, fugiu como um rato, encurvando-se sobre si mesmo, escapuliu, muito entusiasmado com o bilhete de loteria premiado que obteve, para incomodar-se pelos dois autênticos assassinos que se interpunham em seu caminho.

Sem dúvida, o lesser o deixou partir motivado só pelo fato de limpar o campo para que a autêntica batalha pudesse começar.

Phury deixou que o humano se fosse porque se sentia como se estivesse olhando em um espelho.

A ofensiva alegria no rosto do viciado foi um absoluto gancho mental. Estava claro que o tipo pegou o expresso para o paraíso dos viciados, e o fato de que fosse grátis era somente uma pequena parte do prêmio. A autêntica bênção era o luxurioso êxtase de extremo prazer que obteria.

Phury conhecia essa subida orgânica. Experimentava-o cada vez que se encerrava em seu dormitório com uma bolsa grande e gorda de fumaça vermelha e um pacote fresco de papel de fumar.

Estava... Ciumento. Estava tão...

Uma larga correia de aço o apanhou por um lado da garganta e se envolveu ao redor de seu pescoço, uma serpente de metal com uma endemoninhada cauda retrátil. Quando o lesser puxou, os elos cravaram cortando todo tipo de coisas: a respiração, a circulação, a voz.

O centro de gravidade de Phury mudou de seus quadris a seus ombros, e caiu para frente, colocando as mãos ante si para evitar que o plantassem de rosto no chão. Quando aterrisou a quatro patas, obteve uma breve e vívida olhada do distribuidor, que gorgoteava como uma cafeteira a três metros de distância.

O distribuidor estendeu uma mão, e moveu lentamente os lábios ensangüentados. Ajude-me... Ajude-me...

A bota do lesser golpeou a cabeça de Phury como se fosse um balão de futebol, o rangente impacto fez que o mundo ficasse a dar voltas e voltas enquanto o corpo de Phury fazia de peão. Terminou chocando contra o distribuidor, e o peso morto do homem moribundo deteve seus giros.

Phury piscou e ofegou. No alto, o resplendor da cidade ocultava a maioria das estrelas da galáxia, mas não afetava às que davam voltas ao redor de seu campo visual.

Ouviu um ofego afogado junto a ele, e durante uma fração de segundo fixou seus olhos deslumbrados no vizinho do lado. Evidentemente o Grim Reaper(personificação da morte) estava oficiando o comitê de bem-vinda ao distribuidor, cujo último fôlego escapava através da segunda boca que tinham aberto na garganta. O tipo cheirava a crack, como se fosse consumidor, além de vendedor.

Este é meu mundo, pensou Phury. Este mundo de bolsinhas de celofane e maços de bilhetes, de consumir e preocupar-se com a seguinte dose, que ocupava inclusive mais tempo que a missão da Irmandade.

O feiticeiro apareceu de repente em sua mente, de pé como Atlas naquele campo de ossos. Tem toda razão, é seu fodido mundo, maldito bastardo louco. E eu sou seu Rei.

O lesser puxou a correia, interrompendo ao feiticeiro e fazendo que as estrelas que Phury tinha na cabeça brilhassem ainda mais.

Se não voltava para o jogo que tinha entre as mãos, a asfixia ia ser sua melhor e única amiga.

Subindo as mãos a punheteira correia, aferrou-se a ela com seus grandes punhos, e se ergueu até ficar em uma posição em que pudesse exercer força, logo enrolou o látego de aço ao redor de sua perna ortopédica. Utilizando a perna como alavanca, empurrou contra os elos que ficaram sob a sola de sua bota militar e conseguiu afrouxá-lo suficiente para poder respirar.

O assassino se jogou para trás como no esqui aquático, e a prótese se debilitou sob a pressão, alterando o ângulo em que estava apoiado o pé falso. Com um movimento rápido, Phury liberou sua perna da correia e afrouxou a resistência em seu extremo tencionando o pescoço e os ombros preparando-se para o puxão que viria. Quando o assassino saiu voando contra a parede de tijolo de Limpeza a seco Valurite, a força e o peso corporal do não-morto levantaram o Phury do chão.

Durante uma fração de segundo a correia ficou frouxa.

Isso foi suficiente para que Phury girasse, tirasse a correia do pescoço, e empunhasse uma adaga.

O lesser estava aturdido pelo golpe contra o edifício, e Phury aproveitou a vantagem que deu sua comoção, lançando-se para frente com a folha na mão. A ponta e o eixo do composto de aço introduziram profundamente no suave e vazio ventre do lesser, fazendo brotar um jorro que correu lustroso e negro.

O assassino baixou o olhar totalmente confundido, como se as regras do jogo tivessem trocado no meio da partida e ninguém o houvesse dito. Baixou as mãos brancas para tratar de

conter o fluxo de doce e malvado sangue e lutou inutilmente contra a corrente.

Phury limpou a boca com o reverso da manga, enquanto um formigamento de antecipação se acendia em seu interior.

O lesser jogou um olhar a seu rosto e perdeu sua expressão ausente. O medo alagou suas pálidas feições.

—É ele... — sussurrou o assassino enquanto seus joelhos cediam — O torturador.

A impaciência de Phury murchou um pouco.

—O que?

—Ouvi... Falar de ti. Primeiro despedaça... Logo matas.

Tinha uma reputação na Sociedade Lessening? Bom, enfim. Esteve fazendo purê de lessers desde já fazia alguns meses.

—Como sabe que sou eu?

—Por certo... está... sorrindo.

Enquanto o assassino deslizava até o chão, Phury foi consciente do horripilante sorriso que estava luzindo.

Era difícil saber que era mais horrível: que o sorriso estivesse ali ou que ele não tivesse reparado nele.

De repente, as pupilas do lesser dispararam para a esquerda.

—Obrigado... foda-se.

Phury parou congelado quando sentiu o canhão de uma arma pressionada contra seu rim esquerdo e uma nova quebra de onda de talco para bebê invadiu seu nariz.

A não mais de cinco quadras de distância nesta direção, em seu escritório privado no ZeroSum, Rehvenge, aliás, o Reverendo, amaldiçoou. Odiava aos incontinentes. Odiava-os.

O humano que se balançava sobre seus pés diante da mesa acabava de urinar nas calças, a mancha apareceu formando um escuro círculo azul na entre perna de seus ajustados Z Brand.

Parecia como se alguém o tivesse pegado em sua virilidade, como uma esponja molhada.

—OH, pelo amor de Deus. —Rehv sacudiu a cabeça em direção aos mouros que compunham sua guarda privada e, que nesse momento serviam de cabide a esse pedaço de merda. Trez e Iam mostravam ambos a mesma expressão enojada que ele.

A única graça que tinha concedido, supôs Rehv, era que o par do Doc Martens do tipo parecia funcionar bem como urinol. Não gotejava nada.

—Que tenho feito? — chiou o tipo, o tom de sua voz sugeria que suas pelotas estavam em algum lugar ao norte de sua úmida cueca. Um pouco mais acima e poderia ter sido um contralto—. Não tenho feito nad...

Rehv cortou a negativa da raiz.

—Chrissy apareceu com um lábio partido e um olho negro. Outra vez.

—Acredita que eu fiz? Vamos, a garota exerce a prostituição para você. Poderia ter sido qual...

Trez expôs uma objeção a seu testemunho, fechando a mão do homem e apertando o punho com força como se espremesse uma laranja.

Quando o uivo de dor do acusado baixou até transformar-se em um gemido, Rehv recolheu ociosamente um abre cartas de prata. A coisa tinha forma de espada, e provou a ponta com a gema do dedo indicador, lambendo rapidamente a gota de sangue que deixou atrás.

—Quando solicitou trabalho aqui — disse — deu uma direção, o número 1311 da Rua Vinte e três. Que também, é a direção da Chrissy. Chegam e partem juntos ao final da jornada. — Quando o tipo abriu a bocona, Rehv elevou a mão — Sim, sou consciente que isso não é concludente. Mas vê esse anel que tem na mão... Espera, por que está tentando ocultar o braço atrás das costas? Trez. Poderia ajudá-lo a colocar essa palma sobre minha mesa?

Quando Rehv golpeou um lugar de sua mesa com a ponta do abre cartas, Trez forçou ao robusto humano como se o tipo não pesasse mais que uma bolsa da lavanderia. Sem nenhum esforço absolutamente, plantou a mão do bastardo diante de Rehv e a sustentou ali.

Rehv se inclinou para frente e riscou o anel de graduação do Instituto Caldwell com o abridor.

—Sim, sabe? Ela tem uma curiosa marca na bochecha. Quando a vi pela primeira vez, perguntei-me que seria. É deste anel, verdade? Deu-lhe um reverso, não? Deu-lhe no rosto com isto.

Enquanto o tipo gaguejava como o motor de uma barça, Rehv riscou outro círculo ao redor da pedra azul do anel, e logo com a afiada ponta acariciou os dedos do homem, um por um, dos ossudos nódulos da mão até o final das unhas plainas na ponta dos dedos.

Os dois nódulos maiores estavam machucados, a pálida pele tinha um tom púrpura e estava torcida.

—Parece que não só deu um reverso — murmurou Rehv, ainda acariciando os dedos do homem com o abre cartas.

—Ela o pediu...

O punho de Rehv se estrelou contra a mesa com tanta força, que o telefone multilinhas deu um salto para voltar a cair feito uma confusão, o receptor ricocheteou e caiu fora do suporte.

—Não se atreva a terminar essa frase. — Rehv lutou por não despir as presas quando estas brotaram em sua boca — Ou que Deus me ajude, farei você comer suas próprias pelotas agora mesmo.

O maldito asno ficou inerte enquanto um sutil beep-beep-beep substituía ao tom de marcação do telefone. Iam, acalmado como sempre, estendeu tranqüilamente a mão para frente e voltou a colocar o receptor em seu lugar.

Enquanto uma gota de suor caía pelo nariz do humano e aterrissava no dorso de sua mão, Rehv controlou sua fúria.

—Bem. Por aonde íamos antes que quase conseguisse que o castrássemos? OH, sim. Mãos... Estávamos falando de mãos. Curioso, não sei o que faríamos sem duas. Quero dizer,

não poderia conduzir um carro de marchas, por exemplo. E você tem alavanca, não? Sim, vi esse alucinante Acura que conduz por aí. Bonito carro.

Rehv posou sua própria mão sobre a lustrosa madeira, justo ao lado da do tipo e como fazendo comparações, assinalou as marcadas diferenças com o abre cartas.

—Minha mão é maior que a tua em longitude... e amplitude. Os dedos são mais largos. Minhas veias destacam mais. Você tem uma tatuagem de... O que há na base de seu polegar? Uma espécie de... ah, o símbolo chinês de força. Sim, eu tenho minhas tatuagens em outra parte. Que mais, vejamos... sua pele é mais pálida. Demônios, vós os meninos brancos realmente têm que pensar um pouco em se bronzear. Parece morto sem um pouco de raios UVA.

Quando Rehv elevou o olhar, pensou no passado, em sua mãe e sua coleção de marcas roxas. Levou-lhe muito tempo, muito em realidade, endireitar as coisas em seu caso.

—Sabe qual é a maior diferença entre você e eu? —disse—. Olhe... meus nódulos não estão machucados por golpear a uma mulher.

Com um movimento rápido, elevou o abre cartas em alto e o baixou tão forte que a ponta não só atravessou a carne; mas sim penetrou na madeira da mesa.

A mão que apunhalou era a sua.

O humano gritou, Rehv não sentiu nada.

—Não te atreva a desmaiar, bicha de merda — cuspiu Rehv quando os olhos do idiota começaram a girar — Vais observar isto cuidadosamente para que recorde minha mensagem.

Rehv arrancou o abridor da mesa ao levantar a mão, de forma que esta serviu de adaga e liberou a folha. Sustentando a mão em alto onde o homem pudesse observá-la, retorceu o abridor de um lado a outro com inexorável precisão, criando um portal através de sua pele e ossos, ampliando a incisão até formar uma pequena janela. Quando teve terminado, retirou a folha e a deixou cuidadosamente junto ao telefone.

Com o sangue gotejando por dentro de sua manga e formando um atoleiro sobre seu cotovelo, olhou ao homem através do buraco.

—Estarei te vigiando. Em todas as partes. Todo o tempo. Se voltar a aparecer com outra «mancha roxa» por causa de «um escorregão na ducha» vou marcar você como a um calendário, capta-me?

O homem se inclinou a um lado e vomitou sobre a perna de sua calça.

Rehv amaldiçoou. Deveria ter sabido que ocorreria algo assim. Punheteiro bastardo valentão falso.

E menos mal que esse tolo, com a massa parcialmente digerida escorrendo-se sobre suas mijadas calças Doc Martens, não sabia do que Rehv era realmente capaz. Este humano, como outros do clube, não tinha nem idéia de que o dono do ZeroSum não só era um vampiro, a não ser um symphath. O filho da puta se cagou em cima, e que asco foi aquilo. Já estava bastante úmido, óbvio que não usava fraldas.

—Seu carro é agora meu — disse Rehv enquanto levantava o telefone e marcava o número do serviço de limpeza — Considera-o um pagamento com multas e sobrecargas pelo

dinheiro que estiveste tirando de meu bar. Está despedido por isso, e por distribuir heroína clandestinamente dentro do âmbito de meu CEP privado. Pós-escrito, a próxima vez que tente cultivar a parcela de outro? Não marques seus pacotes com a mesma águia que luz em seu fodido casaco. Faz que seja muito fácil identificar ao distribuidor oportunista. OH, e como tinha dito, será melhor que essa dama minha não apareça com algo mais que uma unha partida ou te farei uma visita. Agora, saia cagando leites de meu escritório e não volte a entrar neste clube nunca mais.

O tipo estava tão sacudido que não discutiu enquanto se arrastava como um bêbado para a porta.

Rehv voltou a estampar seu punho ensangüentado contra a mesa, para chamar a atenção de todo o mundo.

Os Mouros se detiveram igual ao imbecil. O humano foi o único que olhou sobre o ombro, e havia terror absoluto em seus olhos.

—Uma. Última. Coisa. —Rehv mostrou um sorriso tenso, ocultando seus afiados caninos— Se Chrissy renunciar, vou assumir que o faz porque você a obriga a fazê-lo, e irei a ti para cobrar as perdas pecuniárias. —Rehv se inclinou para frente — E que fique claro, não necessito o dinheiro, mas sou um sádico, assim que me põe duro fazendo mal às pessoas. A próxima vez cobrarei em sua pele, não com sua carteira ou com o que tenha estacionado na entrada de sua casa. Chaves? Trez?

O mouro colocou a mão no bolso de atrás dos Z Brands do tipo e lançou um chaveiro.

—Não se preocupe pelos papéis — disse Rehv enquanto o atalhava — Para enviar a seu merda-cura ao lugar que tenho planejado, não necessito papéis de transferência de propriedade. Adeus, por agora.

Quando a porta se fechou depois do drama, Rehv olhou fixamente ao anel de chaves. Na etiqueta que pendia dele se lia, SUNY NEW PALTZ¹.

—O que? —disse sem levantar o olhar.

A voz de Xhex foi baixa, e surgiu de uma esquina escura do escritório, da qual sempre observava como transcorriam os jogos e a diversão.

—Se o fizer outra vez, quero me ocupar pessoalmente.

Rehv apertou as chaves em um punho e se reclinou em sua cadeira. Inclusive embora negasse, se Chrissy voltava a aparecer marcada, sua chefe de segurança provavelmente desse uma patada em seu traseiro de todos os modos. Xhex não era como seus outros empregados. Xhex não se parecia com nenhuma outra pessoa.

Bom, isso não era totalmente certo. Era como ele. Meio symphath.

Ou neste caso, meio sociópata.

—Vigia à garota —disse — Se esse filho da puta fica em marcha de novo com seu anel de graduação, lançaremos uma moeda para ver quem consegue fode-lo.

—Vigio a todas as garotas. — Xhex se aproximou da porta, movendo-se com tranqüilo

¹ universidade do estado de nova York

domínio. Estava constituída como um homem, alta e musculosa, mas não era tosca. Apesar de seu corte de cabelo ao Annie Lennox e seu corpo firme, não era somente a típica cadela com sua volumosa figura de maria macho e seu clássico uniforme de camiseta negra sem mangas e calças negras de couro. Não, Xhex era letal e elegante como a folha de uma faca: rápida, decidida, agraciada.

E como a todas as adagas, adorava derramar sangue.

— É a primeira terça-feira do mês — disse ao tempo que punha uma mão sobre a porta.

Como se ele não soubesse.

— Parto-me em meia hora.

A porta se abriu e se fechou; o som do clube do outro lado floresceu, para logo apagar-se.

Rehv elevou a palma. O fluxo de sangue estava se detendo, e o buraco fecharia em outros vinte minutos. Para meia-noite não ficaria nem rastro da perfuração.

Pensou no momento em que se empalou a si mesmo. Não sentir para nada seu corpo era uma espécie de estranha paralisia. Embora se movesse, não reconhecia o peso da roupa sobre suas costas ou se os sapatos apertavam ou se o chão sob seus pés era irregular ou escorregadio.

Sentia falta de seu corpo, mas ou tomava a dopamina e tratava com os efeitos secundários ou dançava o tango com seu lado malvado. E essa era uma fodida luta que não estava seguro de poder ganhar.

Rehv aplaudiu seu bastão e se levantou cuidadosamente da cadeira. Como resultado de seu intumescimento, o equilíbrio era uma putada e a gravidade não era sua amiga, assim que a viagem até o painel da parede levou mais tempo de que deveria. Quando chegou, colocou a palma sobre um quadrado sobressalente e o painel de uma porta corrediça se deslizou, em plano Star Trek e toda essa merda.

A escura suíte de dormitório e banho que se revelou, era um de seus três apartamentos de solteiro, e por alguma razão era o que tinha a melhor ducha. Provavelmente porque com apenas algumas centenas de metros quadrados, podia fazer que todo o lugar tivesse um clima tropical com somente acionar a maldita coisa.

E quando tem frio todo o tempo, esse era um sério valor acrescentado.

Despiu-se, abriu a água e se barbeou rapidamente enquanto esperava a que o jorro alcançasse um calor nuclear. Enquanto passava o barbeador pelo rosto, o homem que devolvia seu olhar era o mesmo de sempre. Com uma crista mohawk. Olhos cor ametista. Tatuagens no peito e abdômen. Um pênis largo fazendo relaxado entre as pernas.

Pensou no lugar ao que tinha que ir essa noite e sua visão mudou, uma neblina vermelha substituiu gradualmente todas as cores à vista. Não se surpreendeu. A violência tinha uma forma muito persuasiva de libertar sua natureza malvada, como se fosse refeição exibida ante um faminto, e fazia somente um momento pode dar uma doce lambida ao prato aí mesmo, em seu escritório.

Em circunstâncias normais, este seria o momento de tomar mais dopamina. Sua química

salvadora mantinha o pior de seus impulsos symphath a raia, intercambiando-os por hipotermia, impotência e intumescimento. Os efeitos secundários instrumeciam, mas tinha que fazer o que tinha que fazer, e as mentiras requeriam certo custo.

Assim como certo grau de atuação.

Seu chantagista exigia atuação.

Rodeando com a mão seu pênis, como o protegendo do que ia ter que fazer esta noite, avançou e provou a água. Embora o vapor tivesse espessado o ar até que sentiu como se estivesse respirando nata, a fodida merda não estava o bastante quente. Nunca o estava.

Esfregou-se os olhos com a mão livre. O vermelho de sua visão persistia, mas esse era um bom sintoma. Melhor encontrar-se com seu chantagista em igualdade de condições. Maldade contra maldade. Symphath contra symphath.

Rehv se colocou sob o jorro, limpando o sangue que derramou. Enquanto ensaboava a pele, sentia-se sim sujo, absolutamente impuro. Para quando chegasse o amanhecer, a sensação só ia piorar.

Sim... Sabia precisamente por que suas garotas empanavam o vestuário ao final de seus turnos. As putas adoram água quente. Sabão e água quente. Algumas vezes e uma esponja era o único que te ajudava a sobreviver de noite.

Capítulo 6

John seguiu Cormia com o olhar enquanto ela corria e girava sobre a grama, com a túnica branca flutuando atrás dela, em parte parecendo uma bandeira, em parte assemelhando-se a asas. Não sabia que permitissem às Escolhidas correr sem destino algum e descalças e lhe deu a sensação que estava rompendo algumas regras.

Bom, bom por ela. Era algo digno de contemplar. Com sua alegria, entrava na noite, mas não formava parte de sua escuridão, era como um vaga-lume, um brilhante ponto que dançava destacando contra o denso bosque que se via no horizonte.

Phury deveria ver isto, pensou John.

Soou seu telefone emitindo um assobio e o tirou do bolso. A mensagem de texto era do Qhuinn e dizia: “Pode fazer q Fritz t leve com o Blay agora? Estamos preparados”.

Respondeu a seu amigo: Sim.

Guardou a BlackBerry e desejou como o inferno ser capaz de desmaterializar-se. Supunha-se que devia tentá-lo pela primeira vez algumas semanas depois de sua transição e nem Blay nem Qhuinn tiveram problemas com o «acima e desapareço». Quanto a ele? Era como quando começou a treinar e sempre era o mais lento, o mais débil, o pior. Tudo o que tinha que fazer era se concentrar no lugar onde queria ir e desejar estar ali. Ao menos em teoria. Ele? Simplesmente passava bastante tempo com os olhos fechados e enrugava todo o rosto como se fosse um sharpei, tratando de forçar suas moléculas para que atravessassem a

sala, e ficando exatamente no mesmo lugar. Ouviu dizer que às vezes podia levar até um ano, depois de passar pela transição, para poder obtê-lo, mas talvez fosse algo que nunca seria capaz de fazer.

Em todo caso precisava conseguir uma bendita carteira de motorista. Sentia-se como se tivesse doze anos com todo o assunto de pode-me-levar-ali. Fritz era um grande chofer, mas vamos, John desejava ser um homem, não estar a cargo de um doggen.

Cormia deu uma volta e retornou, aproximando-se da casa. Quando se deteve frente a ele, deu impressão que sua túnica queria seguir correndo, as dobras oscilaram para diante antes de acomodar-se sobre seu corpo. Tinha a respiração agitada, as bochechas da cor das cerejas, e seu sorriso era maior que a lua cheia.

Deus, com o cabelo loiro solto e esse bonito rubor, era a perfeita garota do verão. Podia imaginá-la claramente em um campo sentada sobre uma manta xadrez, comendo bolo de maçã perto de uma jarra de limonada gelada... usando um biquíni vermelho e branco.

OK, sentiu que isso estava desconjurado.

—Eu gosto de estar aqui fora — disse ela.

O exterior te agrada, escreveu e o mostrou.

—Desejaria ter vindo antes aqui. —Olhou as rosas que cresciam ao redor do terraço. Quando levou a mão ao pescoço, ele teve a sensação que desejava tocá-las, mas suas reservas estavam retornando.

Esclareceu a garganta para que o olhasse.

Pode colher uma se desejar, escreveu.

—Eu... eu acredito que o farei.

Aproximou-se das rosas como se fossem veados aos que pudesse espantar, com as mãos nos flancos, avançando lentamente pelo chão de piçarra com os pés descalços. Ela foi diretamente para as rosas de uma pálida cor lavanda, passando de comprimento os descarados pimpolhos vermelhos e amarelos.

Estava escrevendo, tome cuidado com os espinhos, quando ela estendeu a mão, deu um grito, e voltou a retirá-la. Na ponta do dedo brotou uma gota de sangue, que à luz do tênue brilho da noite parecia negra em contraste com sua pele branca.

Antes de pensar no que estava fazendo, John se inclinou e utilizou sua boca. Sugou rápido e lambeu ainda mais rápido, e ficou aturdido tanto pelo que estava fazendo como pelo delicioso que parecia.

No fundo de sua mente deu-se conta que precisava alimentar-se.

Merda.

Quando endireitou, ela o estava olhando fixamente, com os olhos muito abertos, e absolutamente imóvel. Dupla merda.

Sinto muito, rabiscou. Não queria que te manchasse a túnica.

Mentiroso. Desejava provar seu sabor.

—Eu...

Escolhe sua rosa, mas tome cuidado com os espinhos.

Assentiu e o voltou a tentar, suspeitava que o fizesse em parte porque desejava a flor e em parte para encher o incômodo silêncio que ele provocou.

A rosa que escolheu era um exemplar perfeito, justo a ponto de florescer, com um caule púrpura e prateado com o potencial de alcançar o tamanho de uma toronja(fruta).

—Obrigado — disse.

Estava a ponto de responder de nada, quando notou que estava falando com a planta e não com ele.

Cormia voltou a olhá-lo.

—As outras flores estavam em estufas com água.

Vamos conseguir um vaso, escreveu. Assim é como chamam aqui.

Assentiu e se encaminhou para as portas que davam à sala de bilhar. No momento em que entrou, dirigiu o olhar para fora. Seus olhos se aferraram ao jardim como se fosse um amante que nunca voltaria a ver.

Em outro momento podemos voltar a sair, escreveu no bloco de papel. Se estiver de acordo?

Seu rápido gesto afirmativo foi um alívio, considerando o que acabava de fazer.

—Isso eu gostaria.

Também poderíamos ver um filme. Na sala de projeção do andar de cima.

—Sala de projeção?

Fechou as portas atrás deles.

É uma sala que está especialmente desenhada para ver coisas.

—Poderíamos ver o filme agora?

O tom firme de sua voz o fez reconsiderar um pouco a impressão que tinha dela. A reserva de seu suave tom talvez só se devesse ao treinamento, decidiu, e não a sua personalidade.

Devo sair. Mas, poderia ser amanhã de noite?

—Bem. Faremo-lo depois da Primeira Refeição.

OK, a mansidão definitivamente não tinha nada que ver com sua personalidade. O que o fez perguntar-se como lutava com todo o assunto de ser uma Escolhida.

Tenho aulas, mas, poderíamos nos reunir depois de que termine?

—Sim. E eu gostaria de aprender mais a respeito de tudo o que há aqui. —Seu sorriso iluminou toda a sala de bilhar como se tratasse de um fogo ardente, e ao girar sobre um pé recordou-o essas bonitas bailarinas que aparecem nos joalheiros.

Bom, estou aqui para te ensinar, escreveu.

Deteve-se, e o cabelo solto seguiu balançando-se.

—Obrigado John Matthew. Será um bom professor.

Quando levantou o olhar para ele, mais que seu rosto ou seu corpo o que notou foi seu colorido: o vermelho das bochechas e os lábios, o lavanda da flor que tinha na mão, o brilhante verde pálido de seus olhos, o amarelo dos botões de ouro de seus cabelos.

Sem nenhuma razão aparente, pensou na Xhex. Xhex era como uma tormenta de

trovões, feita de matizes de negro e cinza resistente, poder controlado, mas não menos letal devido ao controle. Cormia era como um dia ensolarado com a aparência de um arco íris cheio de luz e calidez.

Colocou a mão sobre o coração e se inclinou ante ela, logo se foi. Enquanto subia para seu quarto, ia refletindo se gostava mais da tormenta ou da luz do sol.

Logo se deu conta que não era livre de escolher a nenhuma das duas, assim em realidade não importava.

De pé no beco com a nove milímetros pressionada contra o fígado de um Irmão, o senhor D estava mais alerta que um gato de celeiro. Teria preferido pôr o extremo de sua arma sobre a têmpora do vampiro, mas isso teria requerido uma escada. Verdadeiramente, os bastardos eram enormes.

Fazia que o primo Big Tommy não parecesse mais alto que uma lata de Bud. E igual de frágil.

—Leva o cabelo como o de uma garota — disse o Senhor D.

—E você cheira como um banho de borbulhas. Ao menos eu posso cortar isso.

—Tenho posto Old Spice.

—A próxima vez tenta-o um pouco mais forte. Como esterco de cavalo.

O senhor D o feriu com o canhão da arma.

—Quero que se ponha de joelhos. Com as mãos detrás das costas e a cabeça encurvada.

Enquanto o Irmão obedecia, ele ficou onde estava, sem fazer nenhum movimento para tratar de tirar as algemas de aço. Apesar da atitude de maricas de sua parte, este vampiro não era o tipo de coisa que desejaria que te escapasse das mãos, e não só porque a captura de um Irmão era uma façanha das que narravam nos livros de história. O senhor D tinha a uma cascavel arranca-rabo pela cauda, e era bem consciente disso.

Começou a tirar as algemas de seu cinturão...

E a maré mudou em um abrir e fechar de olhos.

O Irmão girou sobre um joelho e levantou a palma da mão golpeando o canhão da arma. Por reflexo o senhor D apertou o gatilho, e a bala saiu disparada para o céu, voando inutilmente para o infinito.

Antes que o som do disparo deixasse de ressonar, o senhor D estava de costas no chão, absolutamente aturdido e confuso, uma vez mais perdeu seu chapéu de cowboy ao ser derrubado.

Ao descer o olhar, os olhos do Irmão estavam mortos, sem vida, de uma forma que nem a brilhante cor amarela podia trocar. Mas em definitivo tinha sentido. Ninguém em seu são julgamento tentaria um giro de separação quando estava de joelhos da forma em que o tinha estado. A não ser que estivesse morto.

O irmão levantou o punho sobre sua cabeça.

Seguro como o demônio que isso ia doer.

O senhor D se moveu rapidamente, liberando do agarre que o sujeitava pelo ombro e

arrastando-se para um flanco. Logo com um rápido golpe, chutou com ambos os pés a panturrilha direita do Irmão.

Houve um rangido e... Santa merda, uma parte de sua perna saiu voando. O irmão vacilou. Desse lado a calça de couro ficou frouxa do joelho para abaixo, mas não havia tempo para dedicar-se a largar um montão de que-mal-dava-o-demo-nio. O grande bastardo caiu, derrubando-se como um edifício.

O senhor D se afastou precipitadamente de seu caminho, logo saltou sobre os despojos, condenadamente seguro de que se não tomava o controle do campo de jogo terminaria comendo-se seus próprios intestinos. Passou uma perna por cima do Irmão, agarrou um punhado desse cabelo de joaninha, e atirou para trás com força enquanto tratava de agarrar a faca.

Não o obteve. O irmão, que tinha estado quieto, encabritou-se debaixo dele, levantando do pavimento e erguendo-se. O senhor D se aferrou com as pernas e pôs um braço ao redor do pescoço que era grosso como sua coxa...

Em um instante, a terra se inclinou grosseiramente e —merda— o Irmão se virou como uma tartaruga e se deixou cair de costas, convertendo ao senhor D no colchão.

Foi como se caísse uma laje de granito sobre o peito.

O senhor D perdeu o sentido durante um segundo e meio, e o irmão tomou a vantagem, deslizando-se para um lado e usando o cotovelo como centroavante contra suas tripas. Quando o senhor D grunhiu e começou a resfolegar, viu-se o brilho de uma adaga negra sendo desencapada, logo o Irmão se elevou sobre seus joelhos.

O senhor D se preparou para receber uma punhalada, pensando que foi Fore-lesser por menos de três horas, e esse era um pobre desempenho.

Mas em vez de ser apunhalado no coração, o senhor D sentiu que tiravam a camisa fora das calças. Quando a brancura de seu estômago destacou na noite, levantou o olhar horrorizado.

Este era o Irmão que gostava de fatiar antes de matar. O que significava que o que se aproximava não era uma morte singela. Este ia ser um longo e sangrento processo. Claro que não era o Destruidor, mas o bastardo ia fazer que o senhor D trabalhasse para ganhar um passeio até as Portas Nacaradas.

E os lessers poderiam estar mortos, mas sentiam a dor como qualquer outro.

Phury deveria estar recuperando o fôlego e procurando a parte inferior de sua perna e não se preparando para brincar ao Sweeney Todd(filme o barbeiro diabólico) com esse assassino que tinha o tamanho de um copo de cerveja. Deus, o fato de escapar por um fio do encontro com essa bala que levava seu nome deveria lhe devolver o suficiente julgamento para fechar o trato e largar-se dessa merda de beco antes que chegassem mais inimigos.

Não. Enquanto expunha o estômago do lesser, sentiu que ficava congelado até a medula e ao mesmo tempo animado pela excitação, vibrando como se estivesse entrando em seu

quarto com uma bolsa cheia de fumaça vermelha e nenhum plano para sair nas seguintes dez horas.

Era igual ao viciado que fugiu, sentia-se genial como em ganhei-o-prêmio-gordo-da-loteria.

A voz do feiticeiro interrompeu sua espera, como se sua excitação fosse a carne podre que atraía ao espectro.

Este assunto dos açougues é uma sangrenta forma de te distinguir, mas bom, ser um mero soldado fracassado é um pouco prosaico, não é assim? E você pertencia a uma família nobre até que os arruinou. Assim golpeia forte, companheiro.

Phury se concentrou na pele ondulante que expôs e deixou que a sensação produzida pela adaga na mão e o medo paralisante que embargava ao lesser se filtrassem dentro dele. Quando sua mente se acalmou, Phury sorriu. Este era seu momento. Pertencia-lhe. Teria, durante o tempo que levasse fazer o que fosse que desejasse fazer a este ser malvado, a paz libertadora do caos provocado pela voz do feiticeiro.

Ao fazer este tipo de dano, curava a si mesmo. Embora fosse por pouco tempo.

Aproximou a adaga negra à pele do lesser e...

— Não se atreva.

Phury olhou sobre seu ombro. Seu gêmeo estava de pé na boca do beco, uma grande sombra negra com a cabeça raspada. O rosto de Zsadist não era visível, mas não precisava ver seu cenho franzido para que parasse. A fúria emanava dele feito ondas.

Phury fechou os olhos e lutou contra uma ira atroz. Maldita fosse, estavam-no extorquindo. Definitivamente o estavam extorquindo.

Em um rápido flash back ao passado, pensou na quantidade de vezes que Zsadist exigiu que o golpeasse até que o rosto de Z ficasse banhado de sangue. E o irmão pensava que esta merda com o lesser estava má? Que merda? Sem lugar a dúvidas o assassino matou sua boa cota de vampiros inocentes. Como podia ser pior que pedir a seu irmão de sangue que te golpeie até te converter em polpa, mesmo sabendo que decompunha seu estômago e que logo passava dias com a mente em confusão?

— Vai daqui — disse Phury, afiançando sua presa sobre o lesser quando este começou a retorcer-se — Isto é meu assunto. Não seu.

— E uma merda se não é meu assunto. E me disse que não voltaria a fazê-lo.

— Dá a volta e vai, Z.

— Para que quando chegarem reforços possam te arrebentar?

O assassino que Phury agarrou, arqueou tratando de libertar-se, e era tão pequeno e fibroso, que quase o obtém. Ah, não, demônios, pensou Phury, não ia perder sua recompensa. Antes de pensar no que estava fazendo, afundou a adaga na barriga e arrastou a folha pela zona do intestino.

O grito do lesser foi mais forte que a maldição que proferiu Zsadist, e nesse momento ao Phury não afetou nenhum dos dois sons. Estava mortalmente cansado de tudo, até de si mesmo.

Bravo - sussurrou o feiticeiro. Justo onde te quero.

No transcurso do seguinte fôlego Zsadist caiu sobre ele, tirando a adaga de sua mão com um puxão e arrojando-a do outro lado do beco. Enquanto que o lesser desmaiava, Phury se levantou de um salto para enfrentar-se a seu gêmeo.

O problema era que não tinha a parte inferior da perna.

Quando caiu pesadamente contra os tijolos, soube que devia parecer um bêbado, e isso o encheu o saco mais ainda.

Z levantou sua prótese e a atirou do outro extremo do beco.

— Volta a te pôr essa merda.

Phury apanhou a coisa com uma mão e se deixou deslizar para baixo contra o frio e áspero exterior do edifício da tinturaria.

Merda. Aprisionado. Tão fodidamente preso, pensou. E agora ia ter que lutar com seus irmãos equilibrando-se sobre ele.

Por que não teria ido Z a outro beco? Ou a este mesmo, mas em outro momento?

Demônios, necessitava isto, pensou Phury. Porque se não descarregava algo de sua fúria, ia se voltar completamente louco, e se Z, depois de todo seu fodido masoquismo, não podia entender isso. Que fosse a Merda.

Zsadist desembaiou a adaga, e apunhalou ao primeiro lesser devolvendo-o ao Omega, e logo ficou de pé junto à mancha queimada.

— Pela merda de dez cavalos — disse seu gêmeo na Antiga Língua.

— A nova loção para depois de barbear dos lessers — murmurou Phury, esfregando os olhos.

— Acredito que deveria considerar isto que tenho aqui — pronunciou um estrangulado acento do Texas.

Z se virou velozmente e Phury levantou a cabeça. O pequeno lesser recuperou sua arma e estava apontando ao Phury enquanto olhava ao Z.

A resposta de Z foi elevar seu SIG e apontar ao assassino.

— Todos nós estamos ligados — disse a coisa enquanto agachava emitindo um grunhido para levantar um chapéu de cowboy. Acomodou o Stetson na cabeça, logo voltou a sujeitar o estômago para mantê-lo dentro— Vê, se me disparar, minha mão apertará o gatilho e vou fazer voar a esse amigo teu que está ali. Se eu disparar a ele, você vai me encher de chumbo. — O lesser respirou fundo e exalou o ar com outro grunhido— Penso que é um empate, e não temos toda a noite. Já se disparou um tiro, e quem sabe quem o terá ouvido.

O bastardo texano tinha razão. O centro de Caldwell depois da meia-noite não era como o Vale da Morte ao meio dia. Havia gente nos arredores, e não todos eram da variedade de humanos drogados. Também havia policiais. E vampiros civis. E outros lessers. Certo que, o beco estava bem escondido, mas só oferecia uma relativa privacidade.

Bem dito, companheiro, disse o feiticeiro.

— Merda — amaldiçoou Phury.

— Sim, senhor — murmurou o assassino— Sinceramente acredito que aí mesmo estamos.

Como se tivessem respondido a um sinal as sirenes de polícia começaram a soar e cada vez estavam mais perto.

Ninguém se moveu, nem sequer quando o patrulheiro dobrou a esquina a toda velocidade e se aproximou derrapando pelo beco. Sim, alguém ouviu o disparo quando Phury e John Wayne-ette tinham estado lutando, e quem quer que fosse deixou que seus dedos fizessem o percurso para o telefone.

O estático quadro vivo que se desenvolvia entre os edifícios ficou iluminado pelos faróis do carro da polícia, quando este se deteve com um chiado.

Duas portas se abriram abruptamente.

—Joguem suas armas!

O lesser pronunciou lentamente e em voz tão baixa como a brisa de uma noite do verão.

—Algun de vós pode fazer-se cargo disto, verdade?

—Preferiria te voar o traseiro — respondeu Z.

—Joguem suas armas ou disparo!

Phury entrou em ação, obrigando com sua mente aos humanos a entrar em um estado de sonolência e fazendo que o que estava à direita se metesse no carro e apagasse os faróis.

—Muito agradecido — disse o lesser, enquanto começava a dirigir-se para a saída do beco. Mantinha as costas para o edifício, seu olhar sobre o Zsadist e a arma apontando ao Phury. Quando a coisa passou junto aos policiais, tomou a arma da agente que tinha mais perto, desprendendo, o que indubitavelmente era uma nove milímetros, da mão da mulher que não opôs nenhuma resistência.

O assassino levantou essa arma em direção ao Z. Com ambos os braços ocupados, o negro sangue fluíu livremente saindo de suas vísceras.

—Dispararia-lhes, mas então o pequeno joguinho de controle mental deixaria de funcionar sobre este par de representantes do melhor da equipe de Caldwell. Suponho que vou ter que me comportar bem.

—Deus! Maldito seja! — Z trocava o peso de seu corpo de um pé ao outro, como se quisesse sair disparado.

—Por favor, não tome o nome do Senhor em vão — disse o assassino quando chegou à esquina de onde apareceu a polícia— E que vocês tenham uma boa noite, cavalheiros.

O pequeno tipo se foi rápido, nem sequer se sentiu o eco de suas pegadas quando saiu disparado.

Phury induziu aos policiais para que entrassem novamente no carro e fez que a fêmea chamasse à estação e informasse que sua investigação não revelou nenhuma briga nem distúrbio público no beco. Mas a falta da arma era certamente um problema. Maldito assassino. Nenhuma lembrança implantada resolveria o fato de que uma nove milímetros tinha desaparecido.

—Me dê sua arma — disse ao Zsadist.

Enquanto avançava, seu gêmeo ia tirando as balas do carregador. Não limpou a arma antes de deixá-la no colo da mulher. Não havia razão para fazê-lo. Os vampiros não

deixavam impressões digitais identificáveis.

—Terá sorte se depois disto conserva a prudência— disse Z.

Sim. Não era sua arma e estava vazia. Phury fez o melhor que pôde para implantar a lembrança de que comprou essa nova arma, e que, ao prová-la se deu conta de que as balas estavam defeituosas e por isso se desfez delas. Não era uma grande desculpa. Especialmente considerando que todas as armas da Irmandade tinham os números de série apagados.

Phury induziu ao oficial que estava atrás do volante a dar marcha ré com o carro patrulha até sair do beco. O destino? A delegacia de polícia para fazer um descanso.

Quando estiveram a sós, Z girou a cabeça e olhou ao Phury nos olhos.

—Quer amanhecer morto.

Phury comprovou sua prótese. Não sofreu dano algum, ao menos para um uso cotidiano, só se desprende da parte onde se incrustava debaixo de seu joelho. De todos os modos já não era o suficientemente segura para lutar.

Levantando a perna da calça de couro, voltou a ajustá-la, logo ficou de pé.

—Vou para casa.

—Escutou-me?

—Sim. Escutei — Enfrentou o olhar de seu gêmeo e pensou que era incrível que o tipo fizesse semelhante pergunta. O desejo de morrer de Z foi sua força motriz até que conheceu Bela. O que, se comparava lapsos de tempo, ocorreu fazia uns dez minutos.

As sobrancelhas de Z franziram sobre os olhos que se tornaram negros.

—Vá direto para casa.

—Sim. Direto para casa. Assim o farei.

Quando estava se voltando, Z disse bruscamente:

—Não esqueceu algo?

Phury pensou em todas às vezes que açoitou ao Zsadist, desesperado por impedir que seu irmão se suicidasse ou matasse a alguém. Pensou nos dias em que não podia dormir perguntando-se se Z ia obtê-lo porque recusava a beber de uma fêmea vampira e insistia em alimentar-se só de sangue humano. Pensou na dolorosa tristeza que sentia cada vez que olhava o rosto arruinado de seu gêmeo.

Logo pensou na noite em que cuidou de seu próprio rosto no espelho, e rapou o cabelo e arrastou o fio da navalha através de sua própria frente e bochecha para poder assemelhar-se a Z... e assim ser capaz de tomar o lugar de seu gêmeo e ficar a mercê da sádica vingança dos lessers.

Pensou na perna que arrancou de um disparo para salvá-los a ambos.

Phury olhou por cima de seu ombro.

—Não. Recordo-o tudo. Absolutamente tudo.

Sem nenhum tipo de remorso, desmaterializou e reassumiu sua forma na Rua Trade.

Na calçada de frente ao ZeroSum, com o coração e a mente chiando, foi compelido a avançar, a cruzar a rua, da mesma forma como se tivesse sido escolhido para esta missão de autodestruição, como se estivessem fazendo gestos para que se aproximasse, como se o

tivessem convocado com um golpezinho no ombro, dado pelo ossudo dedo indicador de seu vício.

Não podia rechaçar o convite. O que era ainda pior, não desejava fazê-lo.

Ao aproximar-se das portas dianteiras do clube, seus pés — o real e o que era feito de titânio— estavam a serviço do feiticeiro. Ambos o levaram diretamente a atravessar a porta dianteira, a passar adiante do guarda de segurança que estava na porta da área VIP, a passar junto às mesas das pessoas importantes, até chegar ao escritório de Rehvenge.

Os Mouros assentiram e um deles falou através de seu relógio. Enquanto esperava, Phury era bem consciente que estava preso em um círculo vicioso, dando voltas e voltas como a cabeça de uma furadeira, cravando-se cada vez mais fundo. Com cada novo nível no que se afundava, abria nervuras mais profundas e ricas de substâncias venenosas, que se entrelaçavam com os alicerces de sua vida e atiravam dele fazendo-o cair ainda mais baixo. Estava-se dirigindo para a fonte, para a consumação com o inferno que era seu último destino, e cada barreira que atravessava em seu caminho descendente o brindava um malévolo estímulo.

O Mouro da direita, Trez, assentiu e abriu a porta que levava a escura cova. Aqui era onde pequenos pedacinhos do Hades eram distribuídos em bolsinhas de celofane, e Phury entrou com tremente impaciência.

Rehvenge saiu de uma porta corrediça, seus olhos cor ametista tinham uma expressão perspícaz e levemente contrariada.

—Já terminou com sua dose habitual? —perguntou em voz baixa.

Phury pensou que o devorador-de-pecados o conhecia muito bem.

—É symphath, Remmy. —Rehv se dirigiu lentamente para sua mesa, apoiando-se em seu bastão— «Devorador de Pecados» é um demérito muito desagradável. E não é preciso que meu lado mau se inteire em que anda. Assim, quanto vais levar esta noite?

O macho sabotou o impecável casaco negro cruzado e se deixou cair em uma cadeira de couro negro. Seu penteado uso mohawk brilhava como se acabasse de sair da ducha, e cheirava bem, a uma combinação do Cartier para homem e algum tipo de xampu aromático.

Phury pensou no outro fornecedor, que morreu no beco fazia um momento, que sangrou enquanto tentava pedir uma ajuda que nunca chegou. Que Rehv estivesse vestido como se saído da Quinta Avenida não trocava o que era.

Phury baixou o olhar e contemplou a si mesmo. E se deu conta de que suas roupas tampouco alteravam a realidade de quem era.

Merda... uma de suas adagas desapareceu.

Tinha-a deixado no beco.

—O habitual — disse, tirando mil dólares do bolso— Só o habitual.

No segundo andar, em seu dormitório cor vermelha sangue, Cormia não podia livrar-se da sensação de que ao sair ao exterior, desatou uma cadeia de eventos, que não podia prever como culminaria. Quão único sabia era que detrás da cortina de veludo que cobria o cenário, as mãos do destino estavam manipulando os fatos, e que quando as duas metades voltassem a abrir-se, algo novo ia ser revelado.

Não estava segura de confiar em que o destino fizesse que o próximo ato da obra fosse ser um do qual desfrutasse. Mas estava apanhada na audiência sem nenhum lugar aonde ir.

Salvo que, em realidade, isso não era inteiramente certo.

Indo para a porta, abriu uma fresta e olhou o corredor que ia para a parte oriental em direção ao alto da grande escada.

A sala das estátuas estava para a direita.

Cada vez que subia ao segundo andar, dava uma espiada nas elegantes figuras dispostas no corredor com janelas e ficava fascinada. Por sua formalidade e seus corpos congelados com túnicas brancas, recordavam-lhe ao Santuário.

Sua nudez e masculinidade eram-lhe absolutamente alheias.

Podia sair, podia ir ver as estátuas de perto. Seguro que podia.

Descalça deslizou suavemente pelo corredor, passou em frente ao dormitório do Primale, logo de frente ao do Rhage e Mary. O estúdio do Rei, que estava justo no alto das escadas, estava fechado, e o vestíbulo muito mais abaixo estava vazio.

Quando dobrou a esquina, as estátuas se estendiam ao longo de um lance que parecia não ter fim. Situadas do lado esquerdo, estavam iluminadas de acima por luzes embutidas e separadas umas de outras por janelas em arco. À direita, frente a cada uma das janelas, havia portas que assumiu que levavam a mais dormitórios.

Interessante. Se ela tivesse desenhado a casa, teria posto as habitações do lado onde estavam as janelas para que desfrutassem do benefício da vista ao jardim. Da forma em que estavam dispostas agora, se é que tinha localizado corretamente a disposição da mansão, os dormitórios tinham vista à parte de trás, a que servia de limite no lado contrário do pátio da frente. Atraente, certamente, mas era melhor ter vistas arquitetônicas nos corredores, e paisagens de jardins e montanhas nos dormitórios. Ao menos, em sua opinião.

Cormia franziu o cenho. Ultimamente estava tendo estranhos pensamentos desse estilo. Pensamentos a respeito de coisas e pessoas e até preces que nem sempre tinham uma aparência positiva. As opiniões fortuitas a faziam sentir-se intranquilha, mas não podia evitá-las.

Tratando de não pensar a respeito de onde provinham ou o que significavam, dobrou a esquina e enfrentou o corredor.

A primeira estátua era de um macho jovem — um macho humano, a julgar por seu tamanho — que estava coberto de ricas vestimentas que caíam de seu ombro direito até o quadril esquerdo. Seus olhos apontavam a meia altura, e o rosto tinha uma expressão serena, nem triste nem alegre. Seu peito era amplo, e a parte superior de seus braços era forte e ainda

assim elegante, tinha o estômago plano e lhe marcavam as costelas.

A seguinte estatua era similar, só que os membros estavam dispostos de diferente forma. E a seguinte estava em outra posição também distinta às anteriores. A quarta também... salvo que esta estava completamente nua.

O instinto fez que desejasse passar rapidamente. A curiosidade demandava que se detivesse e olhasse.

Era formoso em sua nudez.

Olhou por cima do ombro. Não havia ninguém nos arredores.

Estendendo a mão, tocou o pescoço da estátua. Sentiu o mármore quente, o que a surpreendeu, mas logo se deu conta de que sua fonte de calor era o foco que estava em cima.

Pensou no Primale.

Passaram um dia na mesma cama, esse primeiro dia que passou aqui com ele. Teve que pedir se podia unir-se a ele em seu dormitório e deitou junto a ele, e quando se estenderam sob os lençóis, o desconforto desceu sobre eles estendendo-se como uma manta de cardos sobre ambos.

Mas logo dormiu... só para despertar com o enorme corpo de um macho apertando-se contra ela, com uma dura e cálida longitude apoiada contra seu quadril. Havia se sentido muito aturdida para fazer algo além de consentir sem palavras, que o Primale despojasse seu corpo da túnica, substituindo-a por sua própria pele e o peso de sua força.

Certamente, as palavras nem sempre eram necessárias.

Com uma lenta carícia, passou a ponta de seus dedos através do quente peito de mármore da estátua, detendo-se em um mamilo que ressaltava da plaina base de músculos. Mais abaixo, as costelas e o estômago seguiam um delicioso desenho de ondulações. Suave, tão suave.

A pele do Primale era igual de suave.

Seu coração começou a pulsar mais forte quando alcançou o quadril da estátua.

Lhe fez cócegas, o calor que sentiu não tinha nada que ver com a pedra que tinha diante. Em sua mente, era ao Primale que estava tocando. Era seu corpo que estava debaixo de seus dedos. Era seu sexo e não o da estatua o que a atraía.

Sua mão vagou mais abaixo até que se deteve revoando justo em cima do osso púbico.

O som de alguém irrompendo na mansão ricocheteou deslocando-se para cima do vestibulo.

Cormia deu um salto para trás afastando-se da estátua, tão rápido que tropeçou com a barra de sua túnica.

Quando sentiu fortes pisadas que tomavam por assalto a escada e subiam pesadamente por volta do segundo andar, ficou escondida no nicho de uma das janelas e espiou da esquina.

O Irmão Zsadist apareceu no alto das escadas. Estava vestido para lutar, com adagas sobre seu peito e uma arma no quadril... e a julgar pela forma que apertava a mandíbula parecia que ainda estava em meio a um combate.

Depois que o macho passou dando pernadas e saiu de seu campo visual, ouviu que golpeavam no que deviam ser as portas do estúdio do Rei.

Movendo-se silenciosamente Cormia andou pelo corredor, e se deteve em uma esquina mais próxima ao lugar onde estava o Irmão.

Ouviu uma brusca ordem, e logo o som de uma porta abrir-se e fechar-se.

A voz do Rei ressonou atravessando a parede contra a que estava apoiada.

—Não te está divertindo esta noite, Z? Vê-te como se alguém tivesse cagado em seu jardim dianteiro.

As palavras do Irmão Zsadist foram sombrias.

—Já retornou Phury?

—Esta noite? Não, que eu saiba.

—Maldito bastardo. Disse-me que vinha para casa.

—Seu gêmeo diz muitas coisas. Por que não me dá um 411(nº de telefone para informação) com a bomba dramática em curso?

Esmagando-se contra a parede, com a esperança de passar despercebida, rezou para que ninguém entrasse no corredor. O que fez o Primale?

—Surpreendi-o fazendo Califórnia Rolls(sushi) de carne de lesser.

O Rei amaldiçoou.

—Pensei que havia dito que deixaria de fazê-lo.

—Assim o fez.

Houve um gemido, como se o Rei estivesse esfregando os olhos e talvez as têmporas.

—Então me diga exatamente com o que te encontrou.

Produziu-se uma larga pausa.

A voz do Rei se fez ainda mais baixa.

—Z, cara, me fale. Sim é que vou me inteirar do assunto, devo saber ao que me enfrento.

—De acordo. Encontrei-o com dois lessers. Tinha desprendido a perna, e tinha uma marca de queimadura ao redor do pescoço como se tivesse sido estrangulado com uma correia. Estava inclinado sobre o estômago de um assassino com a adaga na mão. Maldito seja... não era consciente do que ocorria a seu redor. Não me viu até que falei. Poderia ter sido outro fodido lesser, e se tivesse sido? Neste momento, estariam torturando-o ou estaria mais morto que os mortos.

—Que caralho vou fazer com este tipo?

A voz de Z assumiu um tom tenso.

—Não quero que o expulse.

—Não é sua decisão. E não me olhe dessa forma... sigo sendo seu chefe, impulsivo HDP(filho da puta) —produziu-se um silêncio— Merda, estou começando a pensar que seu gêmeo necessita que o fretemos via aérea para ver um condenado psiquiatra. É um perigo para si mesmo e para outros. Disse-lhe algo?

—Pescaram-nos os do DPC(departamento de policia)...

—Nisto também havia policiais envoltos? Cristo...

—Assim não, não armei um escândalo.

As vozes soaram amortecidas até que o Irmão Zsadist disse um pouco mais alto:

—Pensaste o que te faria isso? A Irmandade é sua vida.

—Você foi o que me chamou a atenção a respeito deste tema. Usa a cabeça. Uma semana de rotação e umas pequenas férias não vão ser suficientes para solucionar isto.

Houve outro silêncio.

—Olhe, devo ir ver como está Bela. Só te peço que fale com o Phury antes de obrigá-lo a abandonar seu lar. Te escutará. E lhe devolva isto.

Quando uma coisa pesada golpeou o que provavelmente era a mesa, Cormia mergulhou em um dos quartos de hóspedes. Um momento depois ouviu os pesados passos do Irmão Zsadist dirigindo-se para seu quarto.

Perigo para si mesmo e para outros.

Não podia imaginar o Primale tratando brutalmente a seus inimigos nem ficando em perigo devido a um descuido. Mas, por que ia mentir o Irmão Zsadist?

Não o faria.

Repentinamente se sentiu exausta, sentou-se na quina da cama e olhou ociosamente a seu redor. O quarto tinha o mesmo matiz lavanda que sua rosa favorita.

Que formosa cor, pensou, deixando-se cair sobre o edredom.

Certamente formoso, embora não conseguiu apaziguar seus crispados nervos.

A Galeria Caldwell tinha dois andares com o Hollister, H&M, Express, Banana Republic e Ann Taylor, e estava localizada na zona residencial da cidade. Com o JCPenny, Lord&Taylor, e Macy's ancorados nos extremos dos três cantos do andar, estava solidamente localizada em meio de dita encruzilhada, como está acostumado a ser com os centros comerciais, e a multidão que atraía era uma proporção de três partes de adolescentes e uma parte de inquietas e abnegadas mães. Na zona de restaurantes podia encontrar McD's, KuikWok, Califórnia Smoothie, Auntie Anne's, e Cinnabon. Os quiosques que estavam nos corredores centrais vendiam coisas como tecidos, bonecas com cabeças móveis, telefones celulares, e calendários com animais.

O lugar cheirava a ar rançoso e morangos de plástico.

Santa merda, ele estava no centro comercial.

John Matthew não podia acreditar que estivesse no centro comercial. O perfeito exemplo de uma alucinante volta ao ponto de partida.

O lugar tinha o aspecto modernizado desde a última vez que o tinha visto, tendo substituído os matizes de bege por uns motivos jamaicanos em rosa e verde oceano. Tudo, dos ladrilhos do chão, até os cestos de papéis, das plantas falsas dispostas em vasos de barro até as fontes gritavam: Somos o máximo.

Era um pouco parecido a um cinquentão vestindo uma camisa hawaiana. Um desequilíbrio alegre e pouco atraente.

Deus, como tinha mudado as coisas. A última vez que esteve aqui, era um órfão ossudo caminhando junto a um grupo de outros meninos não desejados. Agora aqui estava, com presas na boca, sapatos de número quarenta e oito e meio e um grande corpo que provocava que as pessoas não desejassem meter-se em seu caminho.

Não obstante, seguia sendo um órfão.

E falando de órfãos, por favor, podia recordar muito claramente esses passeios ao centro comercial. Todos os anos, o St. Francis levava a seus tutelados à Galeria antes de Natal. O que era um pouco cruel, já que nenhum dos meninos tinha dinheiro para comprar nenhuma das brilhantes e bonitas coisas que estavam à venda. John sempre sentiu medo de que os expulsassem ou algo assim, porque nenhum levava uma bolsa de compra que habilitasse ao grupo a usar os banheiros.

Mas, essa noite, isso não ia ser um problema, pensou enquanto aplaudia o bolso traseiro. Em sua carteira havia quatrocentos dólares que ganhou trabalhando no escritório do centro de treinamento.

Que alívio era ter verdes para gastar e sentir-se parte integrante da multidão de passantes.

—Se esqueceu da carteira? —perguntou-lhe Blay.

John negou com a cabeça.

Tenho-a.

À frente, a alguns passos de distância, Qhuinn ia à dianteira e se movia rápido. Tinha estado ansioso desde que tinham entrado, e quando Blaylock se deteve frente à Brookstone, o tipo olhou o relógio com viva impaciência.

—Move o traseiro, Blay —disse bruscamente— Só temos uma hora antes que seja a hora do fechamento.

—O que te passa? —disse Blay franzindo o cenho— Está tenso como o demônio, e não de uma boa maneira.

—Sim, o que você diga.

Apressaram o passo, passando grupos de adolescentes que se mantinham juntos assemelhando-se a bancos de peixes, cada um separado por espécie e sexo: as garotas não se juntavam com os meninos; os góticos e os mauricinhos não se mesclavam. Os limites eram muito claros, e John recordou exatamente como funcionava tudo isso. Ele tinha estado fora de todo grupo, assim foi capaz de observá-los a todos.

Qhuinn se deteve frente à Abecrombie and Fitch.

—Urban. Outfitters é muito forte para você. Vamos A-and-F que é mais de seu estilo.

John se encolheu de ombros e disse por gestos:

Sigo pensando que não necessito uma tonelada de roupa nova.

—Tem dois pares de Levi's, quatro camisetas Hanes, e um par de Nikes. E esse polar. — A palavra polar foi pronunciada com o mesmo entusiasmo que carne de animal atropelado.

Também tenho coletes para o treinamento.

—O que certamente te poriam na capa da GQ(revista de moda para homens). Amigo

meu — Qhuinn entrou na loja — Façamo-lo.

John o seguiu junto com o Blay. Dentro, a música estava muito alta, a roupa estava amontoada e as fotos em branco e negro dos modelos que havia na parede mostravam montões de gente perfeita.

Qhuinn começou a mover-se entre fileiras de camisas penduradas com expressão enfasiada, como se essa merda fosse algo que usaria sua avó. O que sentiu. Era definitivamente um homem do Urban Outfitters, com uma grossa correia pendurando de seu jeans negro azulado, a camiseta Affliction com o desenho de uma caveira e asas, e as botas negras que eram grandes como sua cabeça. Levava o cabelo escuro de ponta, e sete rebites de bronze de canhão na orelha esquerda, que foram do lóbulo até a parte superior da cartilagem.

John não estava completamente seguro de onde mais estava perfurado. Havia algumas coisas que simplesmente não precisava saber a respeito de seus amigos.

Blay, que encaixava perfeitamente nessa loja, separou-se e foi à seção de jeans lavados, que pareciam de seu gosto. John ficou atrás menos preocupado pela roupa que pelo fato de que as pessoas estavam lhes olhando. Pelo que via os humanos não podiam perceber os vampiros, mas, homem, por alguma razão, eles três estavam chamando muito a atenção.

—Posso lhes ajudar?

Voltaram-se. A garota que perguntou era tão alta quanto Xhex, mas a comparação entre as duas mulheres terminava justo ali. A diferença da fêmea das fantasias de John, esta dedilhava bem alto na escala feminina e sofria de uma síndrome de Tourette, mas relacionado com o cabelo, uma condição que se manifestava em um incessante movimento de cabeça e um impulso evidentemente irresistível de acariciar seus maravilhosos cachos castanhos. Mas ainda bem. De algum jeito arrumava para dirigir toda essa brincadeira com o cabelo sem tropeçar com nenhum dos exibidores de camisetas.

Francamente, era algo impressionante. Embora não necessariamente bom.

Agora bem Xhex nunca...

Foda-se. Por que Xhex sempre era o modelo?

Quando Qhuinn sorriu à moça, planos da variedade de-quatro-patas flamejaram em seus olhos.

—Justo no momento adequado. Definitivamente precisamos ajuda. Meu amigo aqui necessita uma injeção de loja. Pode ajudá-lo?

OH. Deus. Não.

Quando a garota olhou ao John, seu ardente olhar o fez sentir como se tivesse agarrado o que tinha entre as pernas e tivesse medido o pênis de um apertão.

Ficou coberto atrás de um exibidor de camisas novas-con-aspecto-de-usadas.

—Sou a gerente — disse, arrastando as palavras em uma clara rotina de sedução— Assim está em boas mãos. Todos vocês.

—Geeeeeeenial. —Os olhos desiguais de Qhuinn percorreram as suaves pernas da moça— Por que não te põe a trabalhar com ele? Eu olharei.

Blay foi parar junto ao John.

— Tudo que escolha, eu revisarei primeiro, e logo levarei ao provador.

John suspirou de alívio e gesticulou um rápido obrigado em direção ao Blay por ir a seu resgate uma vez mais. O segundo nome do tipo era amortecedor. De verdade.

Infelizmente, a gerente só sorriu ainda mais amplamente.

— Dois por um, a mim soa perfeito. Se houvesse dito, não acreditaria que esta noite íamos ter uma oferta em doces de homem.

OK, isto ia ser horrível.

Entretanto, uma hora depois, John se sentia melhor. Resultou ser que Stephanie, a gerente, tinha bom olho, e uma vez que começaram a falar de roupa se esfriou com as insinuações. John se viu metido dentro de uns jeans rasgados, um montão dessas camisas desbotadas, e algumas camisetas sem mangas, que até ele teve que admitir, destacavam seus bíceps e seus peitorais como algo digno de ver-se. Embutiram-lhe algumas gargantilhas, ao igual a um suéter com capuz negro.

Quando terminaram, John foi para a caixa registradora com a merda dobrada no braço. Quando deixou a roupa, olhou o punhado de braceletes que havia em uma cesta. Entre o matagal de couro e concha, viu um brilho de lavanda, e escavou entre a pilha para chegar a ele. Tirando um bracelete entrelaçado com miçangas da cor da rosa de Cormia, sorriu e as escondidas o pôs debaixo de uma de suas camisetas sem mangas.

Stephanie fez a conta.

O total era de seiscentos dólares. Seis. Centenas. Dólares.

John resmungou. Só tinha uns quatro...

— Eu o cubro — disse Blay, entregando um cartão negro e jogando uma olhada — Pode me pagar o resto depois.

Os olhos de Stephanie saíram das órbitas ao avistar o plástico, logo entrecerrou os olhos fixando-os no Blay, como se estivesse trocando o preço dele.

— Nunca antes tinha visto uma AmEx negra.

— Não tem importância — Blay começou a farejar um punhado de colares.

John apertou o braço de seu amigo e golpeou o balcão para chamar a atenção de Stephanie. Estendeu seu dinheiro, mas Blay sacudiu a cabeça e começou a falar por gestos.

Pague-me o resto depois, OK? Sei que é de confiança, e enfrentemo-lo, realmente quer retornar aqui a recolher a merda que não pode pagar agora? Eu não.

John franziu o cenho, encontrando difícil argumentar contra essa lógica.

Mas te pagarei o resto, disse por gestos depois de lhe entregar os quatrocentos.

Quando os tiver, respondeu Blay. No momento que te venha bem.

Stephanie passou o cartão pela maquininha, marcou o preço, e esperou com a ponta dos dedos sobre a tira de papel. Alguns segundos depois houve um som de chiado, e logo cortou o papel e o deu ao Blay junto a uma Bic azul.

— Então... já vamos fechar.

— Ah, sim? — Qhuinn apoiou o quadril contra o balcão — E exatamente o que quer dizer isso?

—Só ficarei eu aqui. Sou uma boa chefe. Deixo que os outros se vão cedo.

—Mas então ficará sozinha.

—Assim é. É verdade. Absolutamente sozinha.

Merda, pensou John. Se Blay era o amortecedor, Qhuinn era o Rei das complicações. O tipo sorriu.

—Sabe, meus amigos e eu não nos sentiríamos bem se a deixássemos aqui com sua solidão.

OH, sim... sim que o fariam, John pensou. Seus amigos se sentiriam perfeitamente bem a respeito disso.

Tragicamente, o lento sorriso de Stephanie fechou o trato. Não iria a nenhuma parte até que Qhuinn se metesse dentro de sua caixa registradora.

Ao menos era rápido. Dez minutos depois, a loja estava vazia e na parte dianteira a cortina com grade de segurança foi posta em seu lugar. E o estava arrastando pela cadeia que usava em seu jeans para um beijo francês.

John se aferrou a suas duas grandes bolsas enquanto que Blay se entreteve olhando camisas que já tinha olhado.

—Vamos a um provador — disse a gerente contra a boca de Qhuinn.

—Perfeito.

—A propósito, não temos por que ir sozinhos. —A garota olhou por cima do ombro, e seu olhar aterrissou no John. E o manteve ali — Há muito lugar.

De nenhuma forma, pensou John. De nenhuma maldita forma.

Os olhos díspares de Qhuinn brilharam agitados, e por detrás das costas da garota disse por gestos:

Vêem conosco John. É hora de que o faça.

Stephanie escolheu esse momento para tomar o lábio inferior de Qhuinn entre seus brancos dentes e sua coxa entre as pernas. Um tipo só podia imaginar as coisas que ela ia fazer-lhe. Antes que ele tomasse.

John negou com a cabeça.

Ficarei aqui.

Vamos. A primeira vez pode me observar. Mostrarei como se faz.

O fato de que Qhuinn o convidasse não era surpreendente. Ele praticava sexo com casais regularmente. Só que ainda nunca pediu a John que se unisse.

Vamos, John, vêem a parte de atrás conosco.

Não, obrigado.

Um olhar escuro atravessou os olhos de Qhuinn.

Nem sempre pode ficar a um lado, John.

John afastou o olhar. Tivesse sido mais fácil zangar-se com o tipo se ele não pensasse exatamente o mesmo.

—Está bem — disse Qhuinn — Voltaremos em um momento.

Com um sorriso indolente, deslizou as mãos sobre o traseiro da garota e a levantou.

Enquanto caminhava para trás, a saia se deslizou para cima mostrando uma calcinha rosada e uma nádega branca.

Quando o casal entrou no provador, John se voltou para o Blay para dizer por gestos algo assim como que pendão que era Qhuinn, mas freou suas mãos. Blay estava olhando na direção que tinham desaparecido os outros dois com uma estranha expressão no rosto.

John assobiou baixo para captar sua atenção.

Pode ir à parte traseira, sabe. Se desejar estar com eles. Eu estou bem aqui.

Blay sacudiu a cabeça um pouco rápido.

—Não. Fico aqui.

Salvo que, quando se escutou um gemido, seus olhos retornaram ao provador e se mantiveram fixos ali. A julgar pelo tenor do som, era difícil distinguir quem o emitia, e a expressão de Blay se voltou ainda mais ruborizado.

John voltou a assobiar.

Está bem?

—Bem poderíamos nos pôr cômodos — Blay foi até detrás da caixa registradora fechada e se sentou em um tamborete— Ficaremos aqui por um bom momento.

Seguro, pensou John. O que fosse que estava incomodando ao tipo era um assunto reservado.

John se sentou de um salto sobre o mostrador e deixou que suas pernas ficassem pendurando. Quando soou outro gemido, começou a pensar em Xhex e teve uma ereção.

Genial. Simplesmente fabuloso.

Estava tirando a camisa das calças para cobrir seu pequeno problema quando Blay perguntou:

—Então, para quem é o bracelete?

Para mim, disse rapidamente por gestos John.

—Sim, seguro. Não há forma que isso entre em seu pulso. —Houve uma pausa— Não tem que me dizer isso se não quiser.

Honestamente, não é grande coisa.

—OK — depois de um minuto, Blay disse — Assim, depois daqui quer ir ao ZeroSum?

John manteve a cabeça encurvada enquanto assentia.

Blay riu suavemente.

—Pensei que poderia querer. Igual a estaria disposto a apostar, que se decidimos ir amanhã de noite, você também estaria de acordo.

Amanhã de noite não posso, disse por gestos sem deter-se pensá-lo.

—Por que não?

Merda.

Simplesmente não posso. Devo ficar em casa.

Ainda lhes chegou outro gemido mais da parte traseira, e logo começou um tamborilar rítmico e atenuado.

Quando os sons cessaram, Blay respirou fundo, como se tivesse estado correndo a

intervalos e acabasse de terminar o treinamento. John não podia culpá-lo. Também gostaria de deixar a loja o quanto antes possível. Com as luzes baixas e sem ninguém mais nos arredores, toda essa roupa pendurada apresentava um aspecto sinistro.

Além disso, se fossem ao ZeroSum o mais rápido possível, tinha a esperança de ter ainda um bom par de horas para poder espiar a Xhex, e isso era...

Patético, em realidade.

Os minutos passavam lentamente. Dez. Quinze. Vinte.

—Merda — murmurou Blay — Que merda estão fazendo?

John encolheu os ombros. Com o tipo de preferências que tinha seu amigo, poderia ser qualquer coisa.

—Ei, Qhuinn? —Gritou Blay. Quando não houve resposta, nem sequer um grunhido, desceu da banqueta— Vou ver o que acontece.

Blay foi para os provadores e golpeou. Depois de um momento, colocou a cabeça pela porta. Repentinamente seus olhos brilharam, afrouxou a mandíbula e se ruborizou da raiz de seus cabelos ruivo todo o caminho para baixo até as Palmas de suas mãos.

Beeeeem. Evidentemente a sessão não tinha terminado. E fosse o que fosse o que estava acontecendo valia à pena vê-lo, já que Blay não se retirou imediatamente. Depois de um momento sua cabeça subiu e baixou lentamente, como se estivesse respondendo uma pergunta formulada pelo Qhuinn.

Quando Blay retornou a seu lugar atrás da registradora, tinha a cabeça baixa e as mãos metidas nos bolsos. Guardou silêncio enquanto subia novamente à banqueta, mas começou a tamborilar com o pé a uma velocidade de aproximadamente um quilômetro por minuto.

Era óbvio que o tipo não queria ficar mais tempo ali, e John podia entendê-lo perfeitamente.

Infernos, poderiam estar no ZeroSum.

Onde trabalhava Xhex.

Quando o golpeou esse feliz pensamento obsessivo, John desejou golpear cabeça contra o balcão. Cara... claramente, a palavra: patético, tinha uma nova definição.

E era J-O-H-N M-A-T-T-H-E-W.

Capítulo 8

Um dos muitos problemas da vergonha era que de fato não ficava mais baixinho, nem mais silencioso, nem menos visível. Somente se sentia como se fosse.

Phury estava de pé no pátio da mansão com o olhar fixo na ameaçadora fachada do lar da Irmandade. De uma severa cor cinza, com um montão de escuras e carrancudas janelas, o lugar era como um gigante ao que tivessem enterrado até o pescoço e não estivesse nada feliz com a imersão na terra.

Não estava mais preparado para entrar na mansão do que esta parecia querer lhe dar as boas-vindas.

Quando se elevou uma brisa, olhou para o norte. Era a típica noite de agosto no norte do estado de Nova Iorque. Ainda era verão, com suas frondosas e grossas árvores, a fonte funcionando e grandes vasos a ambos os lados da entrada da casa. Entretanto o ar era diferente. Menos seco. Menos fresco.

As estações, como o tempo, eram implacáveis, não?

Não, isso não era correto. As estações não eram mais que uma medida de tempo, igual aos relógios e calendários.

Estou ficando velho, pensou.

Quando sua mente começou a divagar em direções que pareceram piores que a patada no traseiro que provavelmente o esperasse na mansão, atravessou a entrada e entrou no vestíbulo.

Da sala de bilhar chegou a voz da Rainha, acompanhada pelo som oco de um quarteto de bolas de bilhar chocando gentilmente umas contra outras. A maldição e a risada que seguiu a isso tinham ambos os acentos de Boston. O que significava que Butch, que podia dar uma surra a qualquer outro habitante da casa, acabava de perder de Beth. Outra vez, evidentemente.

Ouvindo-os, Phury não pôde recordar a última vez que jogou bilhar ou simplesmente esteve em companhia de seus irmãos... Embora se o tivesse feito, tampouco tivesse estado completamente relaxado. Nunca o estava. Para ele, a vida era uma moeda que tinha o desastre em uma cara e o esperar ao desastre na outra.

Necessita outro néscio, macho, disse o feiticeiro arrastando as palavras. Melhor ainda, acaba com todo o fardo. Não trocará o fato de que é um estúpido bastardo, mas incrementará as possibilidades de que incendeie a cama quando desmaiar sobre ela.

Nesse plano, Phury decidiu confrontar o desagradável assunto e subir as escadas. Se tivesse sorte, a porta de Wrath estaria fechada...

Não o estava, e o Rei estava em seu escritório.

O olhar de Wrath se elevou da lupa que estava sujeitando sobre um documento. Inclusive através de seus óculos envoltos, era perfeitamente óbvio que o tipo estava de saco cheio.

—Estava te esperando.

Na cabeça de Phury, o feiticeiro ondeou com elegância sua túnica negra e se sentou em um sofá reclinável estofado em pele humana. Meu reino por umas pipocas e umas hortelãs. Isto vai ser espectacullllaaaarrr.

Phury entrou no estúdio, seus olhos logo que registraram as paredes de um tom azul francês, os sofás de seda cor nata e a bancada branca da chaminé. O persistente aroma de lesser no ar lhe disse que Zsadist acabava de estar onde ele estava.

—Suponho que Z falou com você — disse, porque não havia razão para não chamar o pão, pão e ao vinho, veio.

Wrath baixou a lupa e se recostou em sua cadeira atrás de sua escrivaninha Luis XIV.

—Fecha a porta.

Phury se encerrou com ele.

—Quer que eu fale primeiro?

—Não, já falaste suficiente — O Rei elevou suas enormes botas militares e as deixou cair sobre a delicada mesa. Aterrissaram como balas de canhão — Fala mais que suficiente.

Phury esperou que recitasse sua lista de fracassos por cortesia, não por curiosidade. Era bem consciente de sua posição: tentando fazer que o matassem no campo de batalha; assumindo o cargo do Primale das Escolhidas, mas sem completar a cerimônia, envolvendo-se além do devido na vida de Z e Bela; não prestando a suficiente atenção a Cormia; fumando todo o tempo...

Phury se concentrou firmemente em seu Rei e esperou que uma voz que não fosse a do feiticeiro enumerasse suas cagadas.

Salvo que nada ocorreu. Wrath não disse absolutamente nada.

O que parecia sugerir que os problemas eram tão grandes e óbvios que seria como apontar a detonação de uma bomba e dizer: Menino, isso foi realmente ruidoso... Além disso, vai deixar uma cratera no pavimento, né?

—Pensando-o bem —disse Wrath— me diga o que deveria fazer com você. Diga-me que caralho deveria fazer.

Quando Phury não replicou, Wrath murmurou:

—Sem comentários? Quer dizer que tampouco tem idéia do que fazer?

—Acredito que ambos sabemos qual é a resposta a isso.

—Não estou tão seguro disso. O que acredita que tenho que fazer?

—Me tirar de circulação por um tempo.

—Ah.

Mais silencio.

—Então assim estão as coisas? — perguntou Phury. Homem, realmente necessitava um néscio.

As botas militares se uniram com um golpe dos talões.

—Não sei.

—Isso significa que quer que lute? —o que seria um desenlace melhor do que se teria atrevido a esperar— Te dou minha palavra...

—Foda-se — Wrath ficou de pé com um rápido movimento e rodeou a mesa — Disse a seu gêmeo que retornaria aqui, mas aposto dólares contra pilhas de merda que foste ver o Rehvenge. Prometeu a Z que terminaria com o assunto dos assassinos e não o fez. Disse que seria o Primale e não o é. Demônios, fala até pelo traseiro de como vai a seu dormitório para dormir um pouco, mas todos sabemos o que faz ali. E esperas honestamente que aceite sua palavra em algo?

—Então me diga o que quer que faça.

Desde detrás de seus óculos de sol, os olhos pálidos e desfocados do Rei o

esquadrinhavam.

—Não estou seguro de se um tempo fora e uma maldita terapia vão ajudá-lo, porque tampouco acredito que vá fazê-la.

Um temor frio se enroscou como um cão ferido e molhado nas vísceras de Phury.

—Vai me jogar com um pontapé?

Tinha ocorrido antes na história da Irmandade. Não com frequência. Mas tinha passado. Veio-lhe à mente Murhder... Merda, se, provavelmente foi o último a ser expulso.

—Não é tão simples quanto isso, verdade? —disse Wrath— Se ficar fora, onde deixa isso às Escolhidas? O Primale sempre foi um Irmão, e não só por causa da linhagem. Além disso, Z não ficaria bem, inclusive de saco cheio como está agora com você.

Genial. Suas redes de segurança consistiam no fato de economizar a seu gêmeo uma maldita dor de cabeça e em ser a puta das Escolhidas.

O Rei foi até as janelas. Lá fora, as árvores em flor se balançavam com o crescente vento.

—Olhe, isto é o que acredito — Wrath se tirou os óculos do nariz e se esfregou os olhos como se tivesse uma dor de cabeça— Deveria...

—Sinto-o — disse Phury, porque era tudo o que podia oferecer.

—E eu. — Wrath voltou a deixar os óculos em seu lugar e sacudiu a cabeça. Enquanto voltava para sua mesa e se sentava, sua mandíbula se esticou junto com seus ombros. Abrindo uma gaveta, tirou uma adaga negra.

A de Phury. A que deixou no beco.

Z devia ter encontrado a maldita coisa e a levou para casa.

O Rei girou a arma em sua mão e se esclareceu garganta.

—Me dê sua outra adaga. Está fora das rondas de forma permanente. O assunto de consultar ou não a um psicólogo e como vais dirigir as coisas com as Escolhidas não é de minha incumbência. E não tenho nenhum conselho para você, porque o certo é, que fará o que te dê vontade. Nada do que eu te exija ou peça vai marcar uma diferença.

O coração de Phury se deteve por um momento. De todos os desenlaces que previu para esta confrontação, nunca considerou a possibilidade de que Wrath lavasse as mãos no assunto.

—Ainda sou um Irmão?

O Rei simplesmente ficou olhando fixamente a adaga... O que proporcionou a Phury a resposta de três palavras: só de nome.

Algumas coisas não fazia falta dizer, não?

—Eu falarei com Z — murmurou o Rei — Diremos que tem uma permissão administrativa. Não mais trabalho de campo para você, e já não assistirá às reuniões.

Phury sentiu um sobressalto, como se tivesse estado caindo de um edifício e acabasse de fazer contato visual com o pavimento que tinha seu nome escrito.

Não mais jogue a rede. Não mais promessas que romper. Por isso ao Rei concernia, tinha que arrumar-se por si mesmo.

Mil novecentos e trinta e dois, pensou. Tinha estado na Irmandade durante só setenta e

seis anos.

Levando a mão ao peito, aplaudiu a manga da adaga que ficava, desencapou a arma de um só puxão, e a colocou sobre a absurda mesa azul pálido.

Fez uma reverência ante seu Rei e abandonou a sala sem mais palavras. Bravo, gritou o feiticeiro. Que pena que seus pais estejam mortos, companheiro. Estariam tão orgulhosos neste soberbo momento... Espera, tragamos os de volta, quer?

Duas imagens rápidas o golpearam: Seu pai desacordado em uma sala cheia de garrafas de cerveja vazia, sua mãe jazendo em uma cama com o rosto voltado para a parede.

Phury voltou para seu quarto, tirou seu contrabando, atou um néscio, e o acendeu.

Com tudo o que aconteceu essa noite, e com o feiticeiro fazendo o papel de anti-Oprah, ou fumava ou gritava. Assim fumou.

No outro lado da cidade, Xhex não se sentia muito feliz enquanto saía do ZeroSum pela porta traseira para escoltar ao Rehvenge até seu Bentley a prova de balas. Rehv não parecia sentir-se melhor que ela, seu chefe não era mais que uma lúgubre sombra escura vestindo um casaco longo de pele enquanto avançava lentamente pelo beco.

Abriu-lhe a porta do condutor e esperou que, com ajuda de seu bastão, deslizasse-se no assento acolchoado. Apesar de que essa noite fazia uma temperatura de vinte e um graus, Rehv ligou a calefação e fechou as lapelas do casaco sobre o pescoço... Um sinal de que ainda não foram os efeitos secundários de seu último chute de dopamina. Embora isso acontecesse logo. Sempre ia tomar medicação. De outra forma não seria seguro.

Não era seguro, e ponto.

Durante vinte e cinco anos, desejou ir com ele para cobrir sua retaguarda durante estes encontros com sua chantagista, mas ser rechaçada cada vez que o pedia terminou provocando que se desse por vencida e mantivera a boca fechada. Não obstante, o custo de seu silêncio fosse um penetrante mau humor.

— Te hoperará em seu refúgio? — disse.

— Sim.

Fechou a porta e o observou partir. Nunca disse onde se celebravam as reuniões, mas ela mais ou menos podia adivinhar a localização aproximada. O sistema GPS do carro indicava que ia ao norte do estado.

Deus, odiava o que ele tinha que fazer.

Graças à cagada que se mandou duas décadas e meia atrás, a primeira terça-feira de cada mês Rehv tinha que prostituir-se para protegê-los.

A princesa symphath a que servia era perigosa. E estava faminta dele.

No princípio, Xhex esperou que a cadela os delatasse de forma anônima tanto a ele como a Xhex, com o que os deportariam a colônia symphath. Mas tinha sido mais esperta que isso. Se os despachava, teriam sorte se sobreviviam seis meses, inclusive fortes que eram. Os mestiços não podiam comparar-se com os puros-sangues, e além disso, a princesa estava emparelhada com seu próprio tio.

Que era um poderoso déspota possessivo como nunca se viu.

Xhex amaldiçoou. Não tinha nem idéia de por que Rehv não a odiava, e não podia compreender como podia suportar a parte sexual do assunto. Embora tivesse a sensação que estas noites eram o motivo pelo qual ele cuidava tanto de suas garotas. Ao contrário dos fanfarrões comuns, sabia exatamente como se sentiam as prostitutas, sabia exatamente o que se sentia ao foder com alguém a quem não desejava porque tinham algo que você necessitava, fosse dinheiro ou silêncio.

Xhex ainda tinha que encontrar uma saída para ambos, e o que fazia a situação mais insustentável era que Rehv deixou de procurar a liberação. O que uma vez foi uma situação crítica se converteu na nova realidade. Duas décadas depois, ainda seguia fodendo para protegê-los, e seguia sendo culpa de Xhex, e a cada primeira terça-feira do mês, acudia e fazia o impensável com alguém a quem odiava... e essa era sua vida.

—Foda — disse ao beco — Quando vai trocar isto?

A única resposta que obteve foram páginas de jornal e bolsas de plástico que voaram em sua direção impulsionados por uma rajada de vento.

Quando voltou para o clube, seus olhos se ajustaram aos lasers destellantes, seus ouvidos absorveram a música psicodélica e sua pele registrou uma leve descida da temperatura.

A seção VIP parecia relativamente tranqüila com tão somente os clientes habituais, mas de toda forma intercambiou olhadas com seus dois gorilas. Depois que estes assentiram indicando que tudo estava tranqüilo, comprovou às garotas que trabalhavam no balcão. Observou como as garçonetes esvaziavam suas bandejas ao repartir as novas rondas de bebidas. Mediu os níveis das garrafas depois da barra VIP.

Quando chegou à corda de veludo, olhou à multidão da zona principal do clube. A grande multidão da pista de baile se movia como um oceano instável, agitando-se e separando-se só para voltar a unir-se outra vez. Na periferia havia casais e trios manuseando-se enquanto seguiam girando, os lasers ricocheteavam sobre rostos em sombras e corpos unidos a outros corpos.

Essa noite havia relativamente pouca circulação. À medida que a semana avançava lentamente, a assistência crescia até que a concorrência alcançava o máximo às noites de sábado. Como chefe de segurança, para ela na sexta-feira era normalmente o dia mais intenso, com idiotas que pretendiam queimar os resíduos de uma má semana de trabalho consumindo muitas drogas e terminavam com uma overdose ou provocando disputas.

Para falar a verdade, como os idiotas com vícios eram nosso pão de cada dia no clube, a merda podia deteriorar-se em qualquer momento de qualquer noite.

Menos mal que ela era muito boa em seu trabalho. Rehv dirigia a venda de drogas, álcool, e mulheres, ocupava-se da frota de corredores de apostas esportivas que tratavam com a máfia de Las Vegas, e da contratação de certos projetos especiais que implicavam «reforços». Ela estava ao cargo de manter o ambiente do clube sob controle para que os negócios pudessem funcionar com a menor interferência da polícia humana e os

patrocinadores idiotas como fosse possível.

Estava a ponto de ir checar como estava o nível da sobreloja quando viu aqueles aos que ela denominava «os meninos» entrando pela porta dianteira.

Retrocedendo até ficar entre as sombras, observou aos três jovens machos transpassar a corda de veludo da seção VIP e dirigir-se à parte de atrás. Sempre iam à mesa da Irmandade que estava vazia, o que queria dizer que ou era um assunto de estratégia, já que a mesa estava perto de uma saída de emergência e em uma esquina, ou receberam instruções da plaina maior de sentar-se ali e cuidar de suas maneiras.

«Plaina maior» referindo-se ao Rei, Wrath.

Sim, os meninos não eram o que consideraria o típico grupinho de galos de briga, pensou enquanto os via acomodar-se. Por uma infinidade de razões.

O dos olhos díspares era um problema procurando pista de aterrissagem, e dito e feito, depois de pedir sua Corona se levantou e foi à parte principal do clube a procurar alguma saia. O ruivo permaneceu em seu lugar, o que não a surpreendeu em nada. Esse era o inevitável chefe dos meninos exploradores, reto como uma regra. O que a fazia suspeitar em relação ao que poderia ter debaixo dessa inocente imagem de bolo de maçã.

Dos três, entretanto, o mudo era o verdadeiro problema. Seu nome era Tehrror, também conhecido como John Matthew, e o Rei era seu whard. O que para Xhex, significava que o menino era como um prato de porcelana da China em um barraco de feira. Se algo chegava a acontecer? O clube era eliminado.

Foda, nos últimos meses, o menino mudou. Tinha-lhe visto antes que acontecesse a transição, todo fracote e débil, completamente frágil, mas agora estava frente a um tremendo macho grandão... E os machos grandes podiam dar problemas se decidiam começar a repartir golpes por aí. Embora até agora John fosse do tipo de sentar e observar, os olhos do menino eram muito velhos para seu jovem semblante, o que sugeria que superou coisas muito fodidas. E as coisas muito fodidas tendiam a ser o combustível para o fogo quando a gente estalava.

Olhos Díspares, também conhecido como Qhuinn, filho de Lohstrong, voltou com um par de prontas-e-dispostas, duas loiras que evidentemente coordenavam a cor de seus trajes para que fizesse jogo com seus cosmopolitans: o pouco que vestiam, era de cor rosa.

O ruivo, Blaylock, não era muito perito nesses jogos, mas isso não era problema, porque Qhuinn tinha bastante experiência para os dois. Demônios, o tipo tinha suficiente para cobrir ao John Matthew também, salvo que esse não jogava. Ao menos, Xhex nunca o tinha visto.

Depois de que os companheiros de John desaparecessem na parte de atrás com as barbies, Xhex se aproximou do menino sem nenhuma razão aparente. Quando a viu ficou rígido, mas sempre ocorria o mesmo, assim como também sempre estava acostumado a observá-la. Quando era a chefe de segurança, a gente tendia a querer saber onde está todo o tempo.

—Como vai? —perguntou.

Ele se encolheu de ombros e brincou com sua garrafa de Corona. Arrumado a que

desejaria que tivesse uma etiqueta para arrancar, pensou.

— Importa-te se te pergunto algo?

Os olhos arregalaram um pouco, mas logo voltou a encolher-se os ombros.

— Por que nenhuma vez vai à parte traseira com seus amigos? — não era, é obvio, maldito assunto dela, e o que é mais, não sabia por que se importava. Mas demônios... talvez fosse por toda a merda da primeira-terça-feira-do-mês. Estava procurando uma forma de tirá-lo da cabeça.

— Gosta das garotas — animou — As vi te olhando. E você as olha, mas sempre fica aqui.

John Matthew se ruborizou tão profundamente que Xhex pôde ver a tonalidade avermelhada de sua pele inclusive sob a luz tênue.

— Já te vinculaste? — murmurou, inclusive mais curiosa — O Rei te escolheu uma fêmea?

Negou com a cabeça.

De acordo, tinha que deixá-lo em paz. O pobre menino era mudo, assim como esperava que respondesse?

— Quero minha bebida agora! — a retumbante voz de um homem se elevou por cima da música, e Xhex girou a cabeça. A duas mesas de distância, um desses tipinhos com pinta de valentão estava praguejando a uma garçonete, claramente no expresso ao Capulloville.

— Me desculpe — disse Xhex a John.

Quando o bocão estendeu sua garra de urso e aferrou a saia da garçonete, a pobre garota perdeu o controle de sua bandeja e os coquetéis saíram voando.

— Hei dito que me dê minha bebida agora!

Xhex se colocou detrás da garçonete e a ajudou a recuperar o equilíbrio.

— Não se preocupe. Este já parte.

O homem se levantou de seu assento em toda sua estatura de ao redor de dois metros.

— Ah sim?

Xhex se aproximou até que estiveram peito-contra-peito. Fixou seu olhar no dele, seus impulsos symphath gritavam para ser liberados, mas se concentrou nas brocas de metal que usava sujeitas ao redor das coxas. Tomando forças da dor que se infligia a si mesmo, lutou contra sua natureza.

— Partirá agora — disse suavemente — ou te tirarei daqui te arrastando pelos cabelos.

O fôlego do tipo cheirava como um sanduíche de atum do dia anterior.

— Odeio às lésbicas. Sempre acreditei que a vida é mais dura do que é em realidade...

Xhex agarrou o pulso do homem, girou-o em um pequeno círculo, e retorceu seu braço subindo-o até a parte alta das costas. Depois rodeou os tornozelos com sua perna e o empurrou fazendo-o perder o equilíbrio. Aterrissou como uma parte de carne, quando seu corpo caiu sobre o tapete de cabelo curto, o fôlego saiu despedido de sua boca em forma de maldição.

Com um movimento rápido, inclinou-se, enterrou uma mão em seus cabelos engomados, e fechou a outra ao redor da gola de seu casaco. Ao arrastá-lo para a saída lateral,

em realidade estava realizando múltiplas tarefas: criando uma cena, cometendo assalto e agressão, e correndo o risco de que se ocasionasse um tumulto se seus colegas do Salão dos Estúpidos do Traseiro se envolvessem no assunto. Mas tinha que montar um espetáculo de vez em quando. Todos e cada um dos imbecis titulados da seção VIP estavam observando, ao igual a seus gorilas, que por si só eram pessoas irritáveis, e as garotas, a maioria das quais tinham problemas para lutar com caracteres coléricos o que era absolutamente compreensível.

Para manter a paz, tinha que sujar as mãos de tanto em tanto.

E considerando a quantidade de produto para o cabelo que utilizava este bocão, ia ter que lavar-se quando isto acabasse.

Quando alcançou a saída lateral que estava junto à mesa da Irmandade, deteve-se para abrir a porta, mas John chegou ali primeiro. Como um absoluto cavalheiro, abriu-a de par em par e a sustentou assim com seu longo braço.

—Obrigado —disse.

Fora no beco, lançou ao bocão de costas e registrou seus bolsos. Enquanto jazia ali boqueando como um peixe no fundo de um bote, a busca supôs outra infração por sua parte. Tinha poderes policiais no terreno que era propriedade do clube, mas o beco era tecnicamente propriedade da cidade de Caldwell. Entretanto, se queria ser exata, o CEP do trabalho que estava realizando era irrelevante. A busca teria sido ilegal de todas as formas, já que não tinha causa provável para acreditar que levasse drogas em cima ou armas ocultas.

De acordo com a lei, não podia registrar a alguém só por ser um idiota.

Ah... mas, olhe, aqui era onde o instinto rendia benefícios. Além de sua carteira, encontrou uma boa quantidade de coca em cima, ao igual a três tablets de êxtase. Rompeu as bolsas de celofane ante os olhos do homem.

—Poderia fazer que o prendessem — Sorriu quando ele começou a gaguejar — Sim, sim, não é tua. Não sabe como chegou ali. É inocente como um bebê de dois aninhos. Mas olhe o que há sobre essa porta.

Quando o tipo não respondeu o bastante rápido, agarrou-lhe a mandíbula com uma mão e girou seu rosto de um puxão.

—Vê esse olhinho vermelho que pisca? É uma câmara de segurança. Assim que esta merda... — agitou os pacotes ante a câmara, depois abriu esta carteira dois gramas de cocaína e três doses de êxtase que saíram do bolso do peito de seu traje, senhor... Robert Finlay... foram gravados digitalmente. Uh... olhe isto, tem dois meninos preciosos. Arrumado a que preferirão tomar o café da manhã com você manhã em vez de comer com um canguru porque sua esposa está tentando te tirar do cárcere.

Voltou a colocar a carteira no traje e ficou com as drogas.

—Eu gostaria de sugerir que a forma adequada de dirigir isto é que tomemos caminhos separados. Não volte a entrar em meu clube nunca mais. E eu não enviarei suas pelotas do tamanho de dez centavos ao cárcere. O que diz? Temos um trato ou não?

Enquanto ele considerava se aceitava a oferta do banqueiro ou abria outro caso, Xhex

ficou em pé e retrocedeu um pouco a fim de dispor de espaço para lançar um pontapé se era necessário. Entretanto, não acreditava que essa merda fosse ser necessária. A pessoa que ia brigar tinha o corpo tenso e os olhos atentos. Bocão estava lasso como água de esfregar, era evidente que ficou sem gás e sem ego.

—Vai para casa — disse.

E o fez.

Enquanto se afastava cambaleante, Xhex meteu as drogas no bolso de atrás.

—Desfrutou do espetáculo, John Matthew? —disse sem voltar-se.

Quando olhou sobre seu ombro, seu fôlego entupiu na garganta. Os olhos de John brilhavam na escuridão... o menino estava olhando-a fixamente com o tipo de decidida concentração que adquiriam os machos quando queriam sexo. Sexo duro.

Santa... merda. O que via não era a um garotinho.

Sem ser consciente do que estava fazendo, estendeu-se até a mente dele com uma pincelada de sua natureza symphath. Estava pensando em... Ele sobre uma cama com lençóis emaranhados, tinha a mão entre as pernas sobre um pênis gigantesco, sua mente visualizando-a enquanto se masturbava.

Tinha-o feito muitas vezes.

Xhex girou sobre os talões e se aproximou. Quando chegou a sua altura, ele não retrocedeu, e isso não a surpreendeu. Nesse cru instante, não era nenhum torpe juvenzinho que curte e foge. Era todo macho animal, enfrentando-a de igual a igual.

O que resultava... OH, que a fodessem, isso não era atraente. Realmente. Não. Era. Atraente.

Merda.

Quando levantou o olhar para ele, pretendia dizer que fixasse esses brilhantes gudes azuis nas mulheres humanas do clube e a deixasse em paz. Pretendia dizer que ela estava além de seus limites e que fizesse desaparecer sua fantasia. Pretendia espantá-lo, como fez com todos outros exceto com o endurecido e meio morto Butch Ou'Neill, antes que se convertesse em um Irmão.

Em vez disso, disse em um tom baixo.

—A próxima vez que pense assim em mim, pronuncia meu nome enquanto goza. Fará que seja inclusive melhor.

Quando se inclinou de lado para abrir a porta do clube, roçou-lhe o peito com o ombro.

A áspera inspiração dele se atrasou em seu ouvido.

Quando voltou para o trabalho, disse a si mesmo que seu corpo estava quente pelo esforço que efetuou arrastando ao cara de pau até a porta.

Não tinha absolutamente nada que ver com o John Matthew.

Quando Xhex voltou a entrar no clube, John ficou ali de pé como um maldito idiota. O que tinha sentido. A maior parte de seu sangue abandonou seu cérebro para lançar-se para a ereção que cresceu dentro de seus novos jeans gastos A&F. O resto da merda estava em seu rosto.

O que significava que seu cérebro ficou vazio.

Como demônios sabia o que fazia quando pensava nela?

Um de quão mouros que custodiavam o escritório de Rehvenge saiu.

— Entra ou sai?

John voltou arrastando os pés até o reservado, tomou sua Corona em dois goles, e se alegrou quando uma das garçonetes chegou com uma nova sem ter que pedi-la.

Xhex desapareceu na zona principal do clube, e a buscou, tentando ver através da cascata de água que separava a seção VIP das outras.

Não obstante, não necessitava olhos para saber onde estava. Podia senti-la. Em meio dos corpos que havia no clube, sabia qual era o dela.

Estava junto à barra.

Deus, o fato de que pudesse dirigir a um cara duas vezes seu tamanho sem derramar uma gota de suor era excitante como o inferno.

O fato de que não parecesse ofendida por que John tivesse fantasiado com ela era um alívio.

O fato de que quisesse que pronunciasse seu nome quando gozasse era... O fazia desejar gozar nesse mesmo instante.

Supunha que isto respondia à pergunta a respeito de se preferia um dia ensolarado ou uma tormenta, não? E também indicava exatamente o que ia fazer assim que chegasse em casa.

Capítulo 9

Passadas as granjas rurais de Caldwell que se estendiam como um mosaico, chegando muito mais ao norte que as cidades que havia ao longo dos retorcidos flancos do Rio Hudson, a aproximadamente três horas da fronteira canadense, as Montanhas Adirondack brotavam da terra. Majestosas, com um tapete de pinheiros e cedros sobre suas cabeças e ombros, a cordilheira tinha sido criada por geleiras que se deslocaram para baixo da fronteira do Alaska, antes que essa terra a conhecesse como Alaska e antes que existissem humanos e vampiros para considerá-la uma fronteira.

Quando a última idade de gelo se retirou aos livros de história que seriam escritos muito mais tarde, o grande vale esculpido foi o que ficou na terra antes ocupada pelo resultado do derretimento dos icebergs. Durante gerações de humanos, aos imensos charcos geológicos lhes atribuíram nomes como Lago George ou Lago Champ-lain, Lago Saranac e Lago Blue Mountain.

Os humanos, esses molestos e parasitários coelhos com seus muitos, muitos filhos, assentaram-se com o passar do curso do Rio Hudson, procurando a água, como fizeram muitos outros animais. Passaram séculos e se levantaram cidades e se estabeleceu a

«civilização», com todas suas intrusões no meio ambiente.

Não obstante, as montanhas seguiram sendo as amas. Inclusive na era da eletricidade, a tecnologia, os automóveis e o turismo, as Adirondacks ditavam a paisagem desta região do norte de Nova Iorque.

De modo que, em meio de todos esses bosques, havia um montão de paragens solitárias.

Conduzindo pelo I-87, também conhecida como Auto-estrada Norte, as saídas se foram distanciando cada vez mais umas de outras, até que encontrava trechos onde podia avançar cinco quilômetros, dez quilômetros, quinze quilômetros sem encontrar um desvio na estrada. E inclusive se punha o indicador e tomava por uma das rampas que se desviavam à direita, tudo o que encontrava era algumas lojas, um posto de gasolina e duas ou três casas.

As pessoas podiam ocultar-se nas Adirondacks.

Os vampiros podiam ocultar-se nas Adirondacks.

Ao final da noite, quando o sol se preparava para uma grande e ostentosa entrada ao cenário, um macho caminhava através dos densos bosques de Saddleback Mountain, sozinho, arrastando seu corpo murchado pelo chão como teria feito com uma bolsa de lixo em sua vida anterior. Sua fome era tudo o que o movia, seu primitivo instinto de procurar sangue era o que o mantinha em pé e lutando para caminhar entre os ramos.

Mais à frente entre um matagal de ramos de pinheiro, sua presa estava inquieta, nervosa.

O veado sabia que estava sendo rastreado, mas não podia ver o que o perseguia. Elevando o focinho, cheirou o ar, movendo as tensas orelhas adiante e atrás.

A noite era fria, nesta paragem da Saddleback Mountain, localizada tão ao norte e a tão elevada altitude. Dado que ao macho não ficava muito sobre as costas exceto farrapos, seus dentes tocavam castanholas e tinha as pontas dos dedos azuis, mas não se teria posto mais roupa em cima se a tivesse tido. Alimentar sua fome de sangue era a máxima concessão que fazia a sua existência.

Não acabaria com sua própria vida. Ouviu fazia muito que se cometia suicídio, não podia entrar no Fade, e ali era onde tinha que terminar. Assim passava seus dias em um estreito largo de faixa de sofrimento, esperando morrer de fome por desnutrição ou resultar gravemente ferido.

O processo estava levando um tempo endemoniadamente longo. Não obstante, sua escapada de sua velha vida meses e meses atrás havia o trazido para estes bosques por azar mais que por intuito. Tinha pretendido enviar-se a si mesmo a outra parte, a um lugar incluso mais perigoso.

Entretanto, não podia recordar qual tinha sido esse lugar.

O fato que neste longínquo e profundo ponto das Adirondacks não se encontrasse com seus inimigos o salvou a princípio, mas agora o frustrava. Estava muito fraco como para desmaterializar-se por aí tentando encontrar assassinos, e tampouco estava o suficientemente forte para realizar largas caminhadas.

Estava preso aqui nas montanhas, esperando que a morte o encontrasse.

Durante o dia, ocultava-se do sol em uma cova, uma cavidade no granito da montanha

que era seu refúgio. Não dormia muito. A fome e as lembranças o mantinham implacavelmente alerta e consciente.

Por diante, sua presa deu dois passos afastando-se.

Tomando um profundo fôlego, obrigou-se a si mesmo a juntar forças. Se não fazia isto agora, estaria acabado por esta noite, e não só porque o céu estivesse começando a iluminar-se pelo leste.

Precipitadamente, desapareceu e tomou forma ao redor do pescoço do veado. Sujeitando-o pelas magras ancas, afundou as presas no jugular que surgia desde seu tremente coração cheio de pânico.

Não matou ao encantado animal. Tomou só o suficiente para sobreviver outro escuro dia e outra noite ainda mais escura.

Quando terminou abriu os braços de par em par e deixou que o animal se afastasse saltando em seu vôo quadrúpede. Ouvindo-o escapar ruidosamente através da saia do bosque, invejou a liberdade do animal.

Foi pouca a energia que retornou ao macho. Ultimamente, havia pouca margem entre a energia que consumia para alimentar-se e a que conseguia em troca. O que significava que o final estava perto.

O macho se sentou sobre o leito de agulhas de pinheiro em decomposição do bosque e olhou para cima através dos ramos. Por um momento, imaginou que o céu noturno não era escuro, a não ser branco, e que as estrelas de acima não eram a luz refletida de frios planetas, a não ser as almas dos mortos.

Imaginou que estava olhando ao Fade.

O fazia com frequência, e entre a grande galáxia de brilhos de acima, encontrou os dois que tomou como próprios, os dois que lhe tiraram: um par de estrelas, uma maior e de resplendor superbrillante, a outra menor e mais vacilante. Estavam perto uma de outra, como se a pequena procurasse o casaco de sua M...

O macho não podia pronunciar essa palavra. Nem sequer em sua cabeça. Igual a não podia pronunciar os nomes que associava com as estrelas.

Entretanto não importava.

Essas duas eram delas.

E logo se uniria a elas.

Capítulo 10

O relógio que estava junto a Phury mudou fazendo que o visor digital formasse um padrão de palitos: onze e onze da manhã.

Comprovou seu contrabando. Era um pouco escasso, e inclusive fumando como estava teve um acesso de taquicardia. Enquanto processava a matemática tentou fumar mais

devagar. Fazia aproximadamente sete horas que estava inundando-se dentro da aberta bolsinha de fumaça vermelha... assim se fazia uma extrapolação, ia terminar às quatro da tarde.

O sol caía às sete e meia. Não conseguiria chegar ao ZeroSum antes das oito.

Uma zona morta de quatro horas. Ou, para ser mais precisos, quatro horas durante as que provavelmente estaria muito lúcido.

Se quisesse, disse o feiticeiro, posso ler um conto para dormir. Este é o não vai mais. Trata-se de um macho que se molda a si mesmo a imagem e semelhança de seu pai alcoólatra. Termina morto em um beco. Ninguém chora por ele. Um clássico, virtualmente shakesperiano.

A não ser que o tenha ouvido antes, companheiro.

Phury subiu o volume da «Donna non vidi may» e inalou com força.

Quando a voz do tenor remontou os acordes segundo os ditados do Puccini, pensou em Z cantando. Que voz tinha esse irmão. Como o órgão de uma igreja, sua fila ia das alturas líquidas a baixos tão profundos que convertiam sua medula em um tambor de ressonância, e se ouvia algo uma vez, podia reproduzi-lo perfeitamente. Depois dar seu próprio giro à melodia ou pensar em algo completamente novo. Seu talento podia com tudo: ópera, blues, jazz, rock and roll antigo. Era sua própria rádio FM.

E sempre era ele que conduzia os cânticos no templo da Irmandade.

A Phury resultava duro assumir que nunca voltaria a ouvir essa voz na caverna sagrada.

Ou pela casa, já que estávamos nisso. Passaram-se meses da última vez que Z tinha cantado algo, provavelmente porque a preocupação por Bela não o punha de um humor muito Tony Bennett, e não havia forma de saber se voltariam ou não, a ouvir seus concertos improvisados.

O destino de Bela seria o que decidiria isso.

Phury tomou outra imersão do néscio. Deus, desejava ir vê-la. Queria assegurar-se por si mesmo de que estava bem. A confirmação visual era tão diferente a uma abundância de nenhuma-notícia-so-boas-notícias.

Mas não estava em condições de visitar ninguém, e não só porque estivesse fumando. Estendendo o braço, colocou as mãos no pescoço e mediu o machucado da correia que esteve envolta ao redor de sua garganta. Sanava rapidamente, mas não tão rápido, e os olhos de Bela funcionavam muito bem. Não havia razão para desgostá-la.

Além disso, Z estaria com ela, e estar cara a cara com seu gêmeo era como jogar roleta russa, considerando como ficaram as coisas nesse beco.

Um estalo continuado sobre a cômoda o fez elevar a cabeça.

Do outro lado do quarto, o medalhão Primale estava vibrando, o antigo talismã de ouro funcionava como uma procura. Observou-o mover-se sobre a madeira, dançando em pequenos círculos como se estivesse procurando um companheiro entre o jogo de escovas de prata colocado junto a ele.

Não ia ao Outro Lado. Não. Ter que lambeir as botas da Irmandade já era suficiente por

um dia.

Terminando seu néscio, levantou-se e abandonou seu quarto. Quando saiu ao corredor, olhou para a porta de Cormia por costume. Estava ligeiramente entreaberta, o que era incomum, e ouviu um som como de sacudida.

Aproximou-se e chamou.

—Cormia? Está bem?

—OH! Sim... sim, estou-o — Sua voz soava amortecida.

Como ela não disse nada mais, apareceu.

—Sua porta está aberta. — Bom, para isso não terei que ser Einstein — Quer que a feche?

—Não tive a intenção de deixá-la assim.

—Importa-te se entrar? - disse perguntando-se como teria ido com o John Matthew

—Por favor.

Abriu a porta de tudo...

OH... ou. Cormia estava sentada com as pernas cruzadas sobre a cama, trançando o cabelo úmido. Havia uma toalha perto, o que explicava o som de sacudida, e sua túnica... Sua túnica estava aberta formando um profundo V e o suave inchaço de seus seios estava em perigo de ficar totalmente expostos.

De que cor seriam seus mamilos?

Rapidamente olhou a outra parte. Só para encontrar uma só rosa cor lavanda em um vaso de vidro junto à mesinha.

Quando seu peito se esticou sem nenhuma boa razão, franziu o cenho.

—Então John e você aproveitaram?

—Sim, claro. É realmente encantador.

—Seriamente?

Cormia assentiu enquanto colocava uma cinta de cetim branco ao redor do extremo da trança. A tênue luz do abajur, a grossa corda de cabelo reluzia como se fosse de ouro, e odiou vê-la enrolar a larga extensão em círculos na base de sua nuca. Desejava olhar seus cabelos um momento mais, mas teve que conformar-se com as mechas que começavam a soltar-se ao redor de seu rosto.

Grande imagem apresenta, pensou, desejando ter sua caneta e um pouco de papel.

Que estranho... Parece diferente, pensou. Embora, possivelmente fosse porque havia cor em suas bochechas.

—O que têm feito?

—Eu corri lá fora.

Phury sentiu como se aprofundava seu cenho.

—Porque algo te assustou?

—Não, porque era livre.

Teve uma intensa visão dela correndo sobre a grama no pátio de atrás, com o cabelo ondulando a suas costas.

—E o que fez John?

—Observou.

Ah sim.

Antes que Phury pudesse dizer algo, ela continuou:

—Tinha razão, ele é muito amável. Esta noite vai mostrar-me um filme.

—Sim?

—Ensinou-me a usar a televisão. E olhe o que me deu. —Estendeu o braço. Nela havia um bracelete feito de contas cor lavanda e elos de prata — Nunca tive nada como isto antes. Quão único tive sempre é minha pérola de Escolhida.

Quando tocou a lágrima iridescente que tinha na garganta, ele entreteceu os olhos. Parecia tão cândida, tão pura e encantadora quanto o casulo da rosa que havia do outro lado do quarto.

A atenção que teve John para ela fez que Phury visse sua negligência mais claramente.

—Sinto-o — disse ela com voz fraca — Tirarei o bracelete...

—Não. Fica bem. Belamente.

—Disse que era um presente — murmurou ela — Eu gostaria de conservá-lo...

—E assim o fará — Phury tomou um profundo fôlego e percorreu o dormitório com o olhar, divisando uma complexa estrutura feita de palitos de dentes... e ervilhas? — O que é isso?

—Ah... sim —Ela se aproximou rapidamente, como se quisesse proteger o que quisesse que fosse.

—O que é?

—É algo que está em minha cabeça — girou-se para ele. Logo lhe deu as costas — Só algo que estive fazendo.

Phury atravessou o quarto e se ajoelhou junto a ela. Com cuidado, passou os dedos por algumas uniões.

—É fantástico. Parece a forma de uma casa.

—Gosta? — ajoelhou-se — Em realidade simplesmente o inventei.

—Eu adoro a arquitetura e a arte. E isto é... as linhas são geniais.

Ela inclinou a cabeça a um lado como se avaliasse a estrutura, e ele sorriu, pensando que ele fazia o mesmo ao estudar seus desenhos.

Em um impulso, disse:

—Você gostaria de ir ao corredor das estátuas? Estava a ponto de ir dar uma volta. Está depois das escadas.

Quando elevou os olhos para os seus, havia um reconhecimento neles que o tomou de surpresa.

Talvez não fosse que tivesse um aspecto muito diferente, compreendeu. Era que o estava olhando de um modo diferente.

Merda, talvez de verdade gostasse de John. E gostar de sentir-se atraída pelo John. Grande volta de rosca seria essa.

—Eu gostaria de ir com você — disse ela — Eu gostarei de ver a arte.

—Bem. Isso está... bem. Vamos — ficou de pé e estendeu a mão sem nenhuma razão aparente.

Depois de um momento, ela deslizou sua palma na dele. Enquanto afiançavam o apertão um sobre o outro, Phury compreendeu que a última vez que tiveram algum contato físico foi naquela bizarra manhã em sua cama... Quando teve aquele sonho erótico e tinha despertado com seu corpo duro sobre o dela.

—Vamos — murmurou. E a conduziu para a porta.

Quando saíram ao corredor, Cormia não podia acreditar que sua mão estivesse na do Primale. Depois de ter desejado passar algum momento em privado com ele durante tanto tempo, era surrealista que finalmente não só tivesse isso, mas também, além disso, tivesse um autêntico contato físico.

Enquanto se dirigiam para onde ela esteve, ele deixou cair sua mão, mas permaneceu perto. Sua claudicação apenas se notava, só uma ligeira sombra em seu andar elegante, e como de costume resultava para ela mais precioso que qualquer obra de arte que tivesse possibilidade de contemplar.

Entretanto estava preocupada com ele, e não só pelo que tinha ouvido dizer.

A roupa que usava não era quão mesma vestia para as refeições. Eram as calças de couro e a camisa negra com que esteve lutando, e estavam marcadas com manchas.

Sangue, pensou. Dele e dos inimigos da raça.

Isso não era o pior. Havia uma linha pálida ao redor de seu pescoço, como se algum dano tivesse sobrevindo à pele ali, e tinha machucados também, no dorso das mãos e o flanco do rosto.

Pensou no que o Rei havia dito sobre ele. Um perigo para si mesmo e para outros.

—Meu irmão Dárius era colecionador de arte — disse o Primale enquanto passavam frente ao estúdio de Wrath — Como todo o resto nesta casa, todas estas eram deles. Agora são de Beth e John.

—John é filho de Darius, filho de Marklon?

—Sim.

—Tenho lido sobre o Darius — E sobre Beth, a rainha, sendo esta sua filha. Mas não havia nada sobre o John Matthew. Que estranho... como filho do guerreiro, deveria ter estado enumerado na página dianteira junto com o resto da origem do Irmão.

—Tem lido a biografia de D?

—Sim. — Esteve procurando informação sobre o Vishous, o Irmão ao que originariamente esteve prometida. Entretanto, se soubesse quem ia terminar sendo o Primale teria que ter procurado nas fileiras de volumes de couro vermelho as de Phury, filho de Ahgony.

O Primale fez uma pausa ante a entrada do corredor das estátuas.

—O que fazem quando morre um Irmão? — perguntou — Com seus livros.

—Uma dos escribas marca todas as páginas em branco com um símbolo negro, e a data é cotada na página dianteira do primeiro volume. Também se praticam cerimônias. Realizamo-

las pelo Darius e por consideração... esperamos para praticá-las no caso de Tohrment, filho de Hharm.

Ele assentiu uma vez e avançou, como se não tivessem estado discutindo nada de particular importância.

—Por que o pergunta? —disse ela.

Houve uma pausa.

—Estas estátuas são todas do período grego-romano.

Cormia fechou mais as lapelas da túnica no pescoço.

—Sim.

O Primale passou por cima as primeiras quatro estátuas, incluindo o nu completo, graças à Virgem Escriba, mas se deteve junto a uma a que faltavam partes.

—Estão um pouco desfeitas, mas considerando que têm dois mil anos, é um milagre que alguma parte delas tenha sobrevivido. Era... espero que o nu não te ofenda.

—Não. — Mas se alegrava de que ele não soubesse como havia tocado a que estava nua — Acredito que são formosas sem importar se estiverem cobertas ou não. E não me importa que sejam imperfeitas.

—Recordam-me ao lugar onde cresci.

Ela esperou agudamente consciente do muito que desejava que ele terminasse o pensamento.

—Em que modo?

—Tínhamos estátuas — Franziu o cenho — Entretanto, estavam cobertas de hera. Todo o jardim o estava. Havia hera por toda parte.

O Primale reatou o passeio.

—Onde cresceu? —perguntou.

—No Antigo País.

—Seus pais estão...?

—As estátuas foram compradas nos quarenta ou cinqüenta. Darius experimentou uma etapa tridimensional, e como sempre odiou a arte moderna, isto foi o que comprou. — Quando chegaram ao final do corredor, deteve-se diante da porta de um dos dormitórios e a olhou fixamente — Estou cansado.

Bela está nesse quarto, pensou ela. Resultava óbvio por sua expressão.

—Comeu? —perguntou-lhe, pensando em que ficaria encantado em ir em direção oposta.

—Não me lembro — Baixou o olhar a seus pés, calçados com botas — Bom... Deus. Não me troquei, não? — Havia uma estranha vacuidade em sua voz, como se a compressão desse fato o tivesse deixado em branco — Deveria ter me trocado. Antes de fazer isto.

Estende o braço, disse-se a si mesmo. Estende o braço e segura sua mão. Igual ele segurou a sua.

—Deveria me trocar — disse o Primale baixo — Tenho que me trocar.

Cormia respirou fundo, e, estendendo o braço, segurou-lhe a mão. Estava fria ao tato.

Alarmanamente fria.

— Voltemos para seu quarto — disse — Voltemos ali.

Ele assentiu mas não se moveu, e antes de saber o que acontecia, era ela que estava conduzindo a ele. Ou ao seu corpo, em qualquer caso. Pressentia que sua mente se partiu a alguma outra parte.

Levou-lhe a seu banheiro, para os limites de mármore de seu banho, e quando o deteve, ele ficou ali de pé onde o deixou, diante de dois lavabos e o amplo espelho. Enquanto abria a câmara que orvalhava água, a que chamavam ducha, ele esperou tão pacientemente quanto se estivesse inconsciente.

Quando o jorro de água esteve o bastante quente sob sua mão, girou-se para ele.

— Sua Graça, tudo está preparado. Pode lavar-se.

Os olhos amarelos dele olhavam diretamente para diante, a um dos espelhos, mas não havia nenhum sinal de reconhecimento para o reflexo de seu arrumado rosto. Era como se um estranho o confrontasse no espelho, um estranho que não confiava nem aprovava.

— Sua Graça? — disse ela. A imobilidade dele era alarmante, e se não estivesse em pé, teria comprovado o batimento de seu coração — Sua Graça, a ducha.

Pode fazê-lo, disse-se a si mesmo.

— Posso te despir, Sua Graça?

Depois de que assentira levemente, ficou ante ele e hesitantemente elevou as mãos até os botões da camisa. Um por um os desabotoou, o objeto negro se abriu gradualmente expondo seu amplo peito. Quando soltou o botão do umbigo, atirou das abas para libertar-los das calças e seguiu. Todo o tempo, ele permaneceu imóvel e não opôs resistência, com os olhos fixos no espelho, inclusive quando ela separou as duas metades da camisa e as retirou de seus ombros.

Era magnífico a tênue luz do banho, deixando em vergonha a todas as estátuas. Seu peito era enorme, a amplitude de seus ombros era quase três vezes a dos dela. A cicatriz em forma de estrela de seu peitoral esquerdo parecia ter sido esculpida em sua pele por outra parte Lisa e sem pêlo, e desejou tocar esse lugar, riscar os raios que irradiavam do centro da marca.

Desejou pressionar os lábios sobre ele ali, pensou, pressioná-los sobre seu coração. Sobre a marca de carne da Irmandade.

Deixando cair à camisa a beira da profunda banheira, esperou a que o Primale acabasse de despir-se. Não fez nada parecido.

— Deveria... tirar suas calças?

A cabeça dele assentiu.

Quando soltou a fivela do cinturão, tremeram-lhe os dedos, depois desabotoou o botão das calças de couro. O corpo dele se movia adiante e atrás pelos puxões, mas não muito, e a assombrou quão sólido era.

Doce Virgem Escriba, cheirava de um modo fantástico.

O zíper de cobre baixou lentamente, e teve que sustentar as duas metades da cintura

unidas por causa do ângulo que estava operando. Quando as soltou, a parte dianteira se abriu de repente. Sob o couro, usava uma apertada tanga negra, o que foi um alívio.

De certo modo.

A protuberância de seu sexo a fez tragar com força.

Estava a ponto de lhe perguntar se devia continuar quando levantou o olhar e compreendeu que ele se foi, a todos os efeitos. Ou seguia com o que estava fazendo, ou o colocava sob a água parcialmente vestido.

Enquanto atirava do couro para baixo deslizando-o pelas coxas até os joelhos, seus olhos estavam fixos na carne masculina embalada pelo suave algodão. Recordou como havia sentido quando ele se apoiou contra seu corpo durante seu sonho. O que estava olhando agora pareceu muito maior então, e estava rígida quando se pressionou contra seu quadril.

Essa era a mudança da ereção, não? As lições prévias da Directrix sobre o ritual marital foram detalhadas sobre o que ocorria quando os machos estavam preparados para o sexo.

Também narrou de forma detalhada a dor que sofriam as fêmeas quando o membro se endurecia.

Obrigando-se a deixar de seguir com essa linha de pensamento, colocou-se de joelhos para terminar de tirar suas calças e compreendeu então que deveria primeiro ter tirado as botas. Lutando por abrir passo entre as dobras de couro dos tornozelos, as arrumou para tirar uma bota apoiando-se nas pernas dele e obrigando-o a trocar o peso. Continuou com o trabalho na outra... e se encontrou com o pé que não era autêntico.

Seguiu, sem deter-se sequer um momento. Sua condição não importava, embora desejasse saber como resultou tão gravemente ferido. Devia ter sido lutando. Sacrificar tanto pela raça...

As calças saíram do mesmo modo que as botas: com uma série de puxões torpes que o Primale não pareceu advertir. Simplesmente ficava de pé sobre qualquer que fosse o pé que deixava apoiado sobre o mármore, tão firme quanto um carvalho.

Quando finalmente levantou o olhar de novo, não ficava nada mais que dois adornos em seu corpo: a tanga, que tinha as palavras Calvin Klein ao redor da cintura, e nas barras e o pé de metal que enchiam o espaço entre o joelho direito e o chão.

Aproximou-se e abriu a porta da câmara de água.

—Sua Graça, seu banho está preparado.

A cabeça dele girou para ela.

—Obrigado.

Com um rápido movimento tirou a tanga e caminhou para ela, nu.

A respiração de Cormia se deteve. O enorme sexo pendurava suave e comprido de sua base, a cabeça arredondada se balançava ligeiramente.

—Ficará enquanto me banho? —perguntou.

—O que... ah, é o que deseja?

—Sim.

—Então eu... Sim, ficarei.

Capítulo 11

O Primale se meteu atrás do Box, e Cormia observou como se colocava sob a ducha e como seu magnífico cabelo se esmagava ao molhar-se. Com um gemido, arqueou as costas e subiu as mãos à cabeça, o corpo formando uma elegante e poderosa curva enquanto a água corria através do cabelo e sobre o peito.

Cormia mordeu o lábio inferior quando estendeu a mão e segurou um frasco. Houve um ruído como de sucção quando o apertou sobre sua palma uma... duas vezes... O devolveu a seu lugar, logo se levou as mãos para o cabelo para massagear suas mechas. A espuma se deslizou para baixo percorrendo os antebraços até chegar aos cotovelos para cair sobre os ladrilhos a seus pés. O perfume de especiarias que flutuava no ar a recordou o ar livre.

Sentindo os joelhos pouco estáveis, e a pele tão quente quanto à água em que ele estava, Cormia se sentou na beira de mármore da jacuzzi.

O Primale tomou um sabonete, esfregou-o entre suas Palmas, e se lavou os braços e os ombros. Pelo aroma soube que era do mesmo tipo que ela usava e se mesclava magnificamente com o que fosse que tivesse usado para lavar o cabelo.

Para sua mortificação, pensou que a espuma que descia pelo seu torso, os quadris e as fortes e suaves coxas era digna de ciúmes, e se perguntou se lhe teria deixado unir-se. Não havia forma de saber com segurança. A diferença de certas irmãs, não podia adivinhar os pensamentos de outras pessoas.

Mas sinceramente, poderia imaginar-se estando de pé frente a ele com as mãos sobre sua pele debaixo dessa ducha quente...?

Sim. Sim, podia.

O Primale baixou o sabonete, para o peito e o estômago. Logo cavou as mãos sobre o que estava entre suas coxas, deslizando as mãos por cima e debaixo de seu sexo. Igual como o resto de suas ações, moveu-se com decepcionante economia de movimentos.

Foi uma estranha tortura, uma dor prazerosa observá-lo em um momento privado. Quis que durasse para sempre, mas soube que teria que arrumar-se com as lembranças.

Quando fechou a água e saiu, deu-lhe uma toalha tão rapidamente quanto pôde para defender de sua vista essa pesada e oscilante carne masculina.

Enquanto se secava, seus músculos se flexionavam sob a pele dourada, contraindo-se com força e afrouxando-se ao esticar-se. Depois de envolver a toalha ao redor dos quadris, alcançou outra e secou o cabelo esfregando as espessas e molhadas mechas de trás para frente. O agitar da toalha parecia retumbar no banheiro de mármore.

Ou talvez fosse o tamborilar de seu próprio coração.

Quando terminou, tinha o cabelo emaranhado, mas ao levantar o olhar para olhá-la não pareceu notá-lo.

—Deveria ir à cama agora. Tenho quatro horas que ocupar, e talvez pudesse começar a fazê-lo agora.

Não soube a que se referia, mas assentiu.

—Bem, mas seus cabelos...

O tocou, como se só agora se dessa conta que pegou a sua cabeça.

—Gostaria que o escovasse? —perguntou.

Uma estranha expressão cruzou seu rosto.

—Se quiser. Alguém... Alguém me disse uma vez que sou muito rude com ele.

Bela, pensou ela. Bela o havia dito.

Não saberia dizer por que, mas estava mortalmente segura...

OH! A quem estava enganando? Havia dor em sua voz. Assim foi como soube. O tom foi o equivalente verbal para o que havia em seus olhos quando se sentava frente à fêmea na mesa de refeição.

E embora parecesse mesquinho, Cormia quis escovar seus cachos para substituir a Bela. Queria imprimir sua lembrança sobre a que tinha da outra fêmea.

A possessividade era um problema, mas não podia trocar a forma em que sentia.

O Primale lhe entregou uma escova, e embora esperasse que se sentasse na beira da profunda banheira, saiu do banho e se sentou na chaise que estava perto da cama. Pôs as Palmas em cima dos joelhos, inclinou a cabeça e a esperou.

Enquanto se aproximava, pensava nas centenas de vezes que escovou o cabelo de suas irmãs no banheiro. Neste momento, entretanto, o objeto que tinha na mão com todas essas cerdas, era uma ferramenta que não estava segura de como usar.

—Me avise se te fizer mal — disse.

—Não o fará — se estirou e tomou o controle remoto. Quando pressionou um botão, essa música que ele sempre escutava, a ópera, estendeu-se pelo quarto.

—Que formoso! — disse, deixando que os sons do tenor se filtrassem dentro dela — Que idioma é?

—Italiano. É Puccini. Uma canção de amor. É a respeito de um homem, um poeta, que encontra a uma mulher cujos olhos lhe roubam a única riqueza que tem... Um olhar a seus olhos e os sonhos, visões e castelos no ar foram roubados e substituídos pela esperança. Agora está dizendo quem é ele... e ao final do solo perguntará quem é ela.

—Qual é o nome da canção?

—«Che Gelida Manina».

—A escuta freqüentemente, verdade?

—De todos os solos este é meu favorito. Zsadist...

—Zsadist, o que?

—Nada — sacudiu a cabeça — Nada...

Quando a voz do tenor se elevou, estendeu-lhe os cachos sobre os ombros e começou pelas pontas, passando a escova pelas ondas com cuidadosas e suaves escovadas. O áspero ruído das cerdas se uniu à ópera, e o Primale devia sentir-se relaxado por ambos, porque seu

peito se expandiu quando inspirou lenta e profundamente.

Ainda quando o desembarçou completamente, seguiu fazendo-o, continuou passando a mão livre depois do rastro da escova para alisá-lo. À medida que o cabelo ia secando, apareciam suas cores e retornava sua espessura, depois de cada passada os cachos ficavam formados, surgindo a juba que tão bem conhecia.

Não podia seguir com isto para sempre. E era uma pena.

— Acredito que terminei.

— Não tem feito a frente.

Em realidade, fez em sua maior parte.

— Bem.

Rodeou-o e se deteve frente a ele, e não houve forma de ignorar a forma que abriu as coxas, como se quisesse que se colocasse entre elas.

Cormia entrou no espaço que abriu entre suas pernas. Tinha os olhos fechados, as pestanas douradas descansavam sobre suas altas maçãs do rosto, e seus lábios estavam ligeiramente abertos. Elevou a cabeça para ela com o mesmo tipo de convite, oferecida por sua boca e seus joelhos.

Ela a aceitou.

Voltando a passar a escova através do cabelo, seguiu a parte solta que se formou no centro. Com cada puxão, os músculos do pescoço esticavam para conservar a cabeça em seu lugar.

As presas de Cormia saíram disparadas, desde seu paladar.

Nesse preciso instante ele abriu os olhos. E se encontrou com o brilhante amarelo de seu olhar.

— Tem fome — disse com um tom estranhamente gutural.

Deixou cair a um lado a mão em que levava a escova. Tendo perdido a voz, quão único pôde fazer foi assentir. No Santuário, as escolhidas não precisavam alimentar-se. Entretanto, aqui, deste lado o corpo exigia sangue. Devido ao qual esteve lutando contra a letargia.

— Por que não me disse isso antes? — Inclinou a cabeça para um lado — Embora se for devido a que não me quer, está bem. Podemos encontrar alguém mais para que utilize.

— Por que... por que não te quereria?

Golpeou-se ligeiramente a perna artificial.

— Não estou inteiro.

Era certo, pensou tristemente. Não estava inteiro, embora não tinha nada que ver com a parte que faltava de uma extremidade.

— Não quis me impor — disse — Esse é o único motivo. Parece-me atraente, com ou sem a parte inferior da perna.

A surpresa cintilou em seu rosto, e logo emitiu um estranho som de bombeamento... um ronrono.

— Não é uma imposição. Se quiser tirar de minha veia, dar-lhe-ei isso.

Ficou imóvel, sustentada pelo olhar de seus olhos e a forma em que os rasgos de seu

rosto trocaram quando algo, que não viu antes em nenhum outro rosto, apoderou-se de sua expressão.

Desejava-o, pensou. Muito.

— Te ajoelhe — disse com um enigmático tom de voz.

Quando Cormia colocou-se de joelhos, a escova caiu de sua mão. Sem dizer uma palavra, o Primale se inclinou para ela e a rodeou com seus enormes braços. Não a atraiu para ele. Desfez-lhe o penteado, tudo, o coque e logo a trança.

Ao lhe estender o cabelo sobre os ombros, emitiu um grunhido, e ela se deu conta que lhe tremia todo o corpo. Sem prévio aviso, segurou-a pela nuca e a arrastou para sua garganta.

— Tira de mim — demandou.

Cormia deixou escapar um chiado que soou como uma cobra, e antes de saber o que estava fazendo, cravou-lhe as presas na jugular. Quando o mordeu, ele soltou uma maldição e seu corpo saltou.

Santa Mãe das Palavras... Seu sangue era fogo, primeiro na boca logo em suas vísceras, uma onipotente onda que a encheu de fora para dentro, lhe dando uma força que nunca conheceu antes.

— Mais forte — disse mordendo os lábios — Me Chupe...

Passou os braços por debaixo dos dele, afundou-lhe as unhas nas costas e sugou com força de sua veia. Enjoou-se... não, espera, estava-a empurrando para trás, levando-a para baixo, ao chão. Não importava o que fizesse ou onde terminassem, porque enquanto tomava se sentia consumida por esse sabor entristecedor. Tudo o que precisava era a fonte de vida que tinha em seus lábios; descendo por sua garganta e dentro do estômago, e isso era tudo o que importava.

A túnica... estava-lhe subindo a túnica até os quadris. Coxas... as dela abrindo-se, esta vez abrindo-se sob as mãos dele...

Sim.

O cérebro de Phury estava sobre um suporte em alguma parte, fora de seu alcance, fora de sua vista. Era puro instinto com a alimentação de sua fêmea, seu pênis a ponto de acabar, enfocado unicamente em entrar nela antes que isso acontecesse.

Tudo a respeito dela, a respeito dele, repentinamente era diferente. E urgente.

Precisava estar dentro dela de todas as formas possíveis, e não só dentro do tipo temporário que o sexo provia. Precisava permanecer nela, marcá-la completamente, enchê-la de seu sangue e sua semente, e logo repetir o processo de novo amanhã e ao outro dia e ao dia seguinte. Tinha que estar sobre toda ela, para que cada maldito idiota do planeta soubesse que se aproximassem dela, iam ter que enfrentar a ele, que os faria cuspir os dentes e precisariam de gesso para seus braços e pernas.

Minha.

Phury tirou bruscamente da túnica apartando-a do caminho de seu sexo e... OH, sim, aí estava. Podia sentir o calor surgir e...

—Merda — gemeu. Estava molhada, escorregadia, derramando-se.

Se tivesse havido alguma maneira de mantê-la em sua veia enquanto ele descia para seu centro, teria trocado de posição imediatamente. Mas o melhor que podia fazer era afundar sua mão nela, para logo meter-lhe dentro da boca e chupar...

Phury tremeu ante o sabor, lambendo e chupando os dedos enquanto seus quadris empurravam para diante e a cabeça de seu pênis se acomodava em sua entrada.

Justo quando pressionava e sentia que a carne dela cedia ante ele... esse maldito, filho da puta do medalhão Primale soou na mesa que havia justo ao lado deles. Estridente, como um alarme de incêndios.

Ignora-o, ignora-o, ignora...

A boca de Cormia rompeu o contato com sua garganta, e levantou os olhos, muito abertos e desfocados pela luxúria de sangue e o sexo, para o som metálico.

—O que é isso?

—Nada.

A coisa se sacudiu até mais forte, como se estivesse protestando. Era isso ou estava celebrando o fato de que tinha arruinado o momento.

Talvez se tivesse posto de acordo com o feiticeiro.

De nada, cantarolou o feiticeiro.

Phury saiu de cima de Cormia e a cobriu. Com uma obscena e viciosa enxurrada de maldições, afastou-se até ficar recostado contra a cama e pôs a cabeça entre as mãos.

Ambos ficaram ofegantes e a porcaria desse ouro continuou vibrando e dando-se golpes contra o jogo de escovas.

O som da coisa lhe recordou que não havia privacidade entre ele e Cormia. O manto da tradição e as circunstâncias os rodeavam e tudo que fizessem tinha enormes repercussões que foram muito mais à frente que a simples alimentação e o sexo entre um macho e uma fêmea.

Cormia ficou de pé como se soubesse exatamente o teor de seus pensamentos.

—Obrigado pelo presente de sua veia.

Não havia nada que pudesse dizer em resposta. Tinha a garganta muito cheia de frustração e maldições.

Quando a porta se fechou detrás dela, soube exatamente por que se deteve, e não tinha nada que ver com a interrupção. Se tivesse querido, podia ter continuado.

Mas a coisa era, que se dormia com ela, tinha que dormir com todas elas.

Aproximou-se da mesinha de noite, tomou um néscio, e o acendeu.

Se deitasse com a Cormia, não haveria volta. Teria que criar quarenta Belas... Fecundar a quarenta Escolhidas e as deixar a mercê da cama de parto.

Teria que ser um amante para todas elas, um pai para todas as suas crianças e um líder para todas as tradições, em um momento que sentia que apenas podia lutar com seus dias e suas noites sem ninguém mais de quem ocupar-se que de si mesmo.

Phury cravou os olhos na resplandecente ponta do charuto. Foi uma comoção dar-se conta de que teria tomado a Cormia se só se tratasse deles. Desejava-a muitíssimo.

Franziu o cenho. Jesus... A desejou todo o tempo, certo?

Mas era mais que isso. Verdade?

Pensou nela escovando seus cabelos, e se deu conta, emocionado, de que realmente conseguiu se acalmar nesses momentos e não só através das escovadas. Sua presença relaxava-o, da essência de jasmim e a forma em que se movia tão correntemente, até o suave som de sua voz.

Ninguém, nem sequer Bela, podia relaxá-lo. Fazer que seu peito relaxasse. Permitindo-o respirar profundamente.

Cormia podia.

Cormia o fazia.

O que significava que a estas alturas a ansiava mais ou menos a todo desolado nível de sua existência.

E isso não a converte em uma garota afortunada, disse o feiticeiro lenta e pesadamente. Ouça, por que não lhe diz que quer convertê-la em sua nova droga de primeira qualidade. Ela se sentirá extasiada ao saber que pode ser seu seguinte vício, a que usasse em um intento de fugir do lixo que há em sua fodida cabeça.

Ela se sentirá emocionada, companheiro, porque esse é o sonho de toda moça e além disso, todos sabemos que é o Rei das relações saudáveis. Um verdadeiro ganhador da medalha de ouro nesse departamento.

Phury deixou cair à cabeça para trás, inalou profundamente, e sustentou a fumaça até que os pulmões arderam como um incêndio de matagais.

Capítulo 12

Aquela tarde, enquanto a noite caía sobre Caldwell sem fazer absolutamente nada por melhorar a umidade do ambiente, o senhor D estava no quente banho do segundo andar da granja separando a vendagem que tinha aplicado horas e horas antes sobre suas tripas. A gaze estava manchada de negro. O emplastro de pele debaixo melhorou muito.

Ao fim estava saindo tudo bem, embora se tratasse só disso. Fazia menos de vinte e quatro horas que assumiu o cargo do Fore-lesser e sentia que alguém tinha mijado no depósito de gasolina de sua caminhonete, alimentado a seu cão com carne podre e incendiado seu celeiro.

Deveria ter permanecido como soldado.

Embora não fosse como se pudesse ter escolha.

Atirou a vendagem suja no cubo que a pessoa morta aparentemente utilizava como cesto de papéis e decidiu não substituí-lo. A julgar pela grande dor que havia sentido e quão profundamente penetrou a adaga negra, o dano interno devia ter sido realmente importante. Mas para os lessers, o espaço intestinal era imprestável. Que suas tripas fossem um

emaranhado desastre não era para nada importante, para tanto a hemorragia foi estancada.

Homem, passada a noite apenas se conseguiu sair com vida daquele beco. O senhor D estava condenadamente seguro de que, se não tivessem refreado ao irmão com o cabelo de maricas, este teria estripado-o como a um bagre.

Um golpe na parte de baixo fez que levantasse a cabeça. As dez em ponto.

Ao menos eram pontuais.

Freou sua veemência, recolheu seu Stetson, e baixou as escadas. Fora havia três caminhonetes e um carro usado no caminho de terra e dois esquadrões de lessers no alpendre dianteiro. Enquanto deixava entrar os meninos, pensou que os fodidos ultrapassavam-no por ao menos trinta centímetros e podia dizer que não estavam muito impressionados por sua promoção.

— A sala de refeição — lhes disse.

Enquanto os oito desfilavam, pegou a correia de sua pistola, tirou a Magnum 357, e a apontou para o último que entrou na casa.

Apertou o gatilho uma vez. Duas vezes. Três vezes.

O ruído foi como um trovão; nada daqueles sutis estalos que obtém com uma nove milímetros. Os projéteis entraram na parte baixa das costas do lesser, arrasando sua coluna vertebral e arrebentando em um buraco através de seu torso. O tipo golpeou o andrajoso tapete com um golpe surdo, levantando uma pequena nuvem de pó.

Enquanto o senhor D embainhava sua arma, perguntava-se quando foi aspirado o lugar pela última vez. Provavelmente não desde que foi construído.

— Temo-me que tenho que testar minhas esporas — disse rodeando ao assassino que se retorcia.

Enquanto um sangue negro e gorduroso gotejava sobre o carpete marrom, o senhor D pôs o pé sobre a cabeça do assassino e tirou a seção de empapelado sobre a que o Omega gravou a imagem.

— Quero me assegurar de que na outra noite as coisas ficaram claras — disse enquanto levantava a imagem — Encontrem a este macho. Ou lhes liquidarei um por um e começarei com uma nova equipe.

Os assassinos cravaram os olhos nele guardando um silêncio coletivo, como se tivessem um único cérebro e estivesse dando voltas para tratar de entender a nova ordem de seu mundo.

— Agora, deixem de me olhar e olhem isto que tenho aqui — sacudiu a imagem — Me Tragam isso Vivo. Ou juro por meu Senhor e Salvador que encontrarei alguns rastreadores novos e lhes darei a comer suas tripas. Estamos na mesma sintonia?

Um por um assentiram enquanto o homem caído emitia um gemido.

— Bem — o senhor D apontou à cabeça do lesser com o canhão da Magnum e fez voar a aquele filho da puta em pedacinhos — Agora nos ponhamos em movimento.

Aproximadamente vinte e quatro quilômetros ao leste, no vestuário do centro de

treinamento subterrâneo, John Matthew se apaixonava. O que não era algo que esperasse que ocorresse naquele lugar em particular.

—Sapatilhas de Ed Hardy — disse Qhuinn, enquanto levantava um par de sapatilhas — Para você.

John estendeu a mão e as segurou. Muito bem, eram geniais. Negras. Sola branca. Desenho de caveiras em cada uma, com a assinatura de Hardy nas cores do arco íris.

—Uau — disse um dos outros recrutas que ia de caminho à porta de saída do vestiário — Onde as conseguiste?

Qhuinn arqueou as sobrancelhas para o tipo.

—Estão metidos, né? — Eram de Qhuinn, pensou John. Provavelmente, morria por usar e devia ter economizado para adquiri-las.

—Prova-lhe isso John.

São impressionantes, mas realmente, não posso.

Quando o último de seus companheiros saiu, a porta se fechou com suavidade e as bravatas de Qhuinn diminuíram. Agarrou as sapatilhas, colocou-as aos pés de John, e levantou o olhar.

—Sinto ter tirado sarro ontem à noite. Já sabe, na A e F, com aquela garota... Comportei-me como um imbecil.

Está tudo bem.

—Não, não é assim. Estava de mau humor e descontei em ti, e isso não está bem.

Vê, esse era o tema com o Qhuinn. Podia extrapolar e podia ser que se saísse de suas casinhas, mas sempre voltava e o fazia sentir como se fosse a pessoa mais importante no mundo para ele e que de verdade sentia ter ferido seus sentimentos.

É um maníaco. Mas, realmente não posso as aceitar...

—Foi criado em um estábulo? Não seja groseeeeeeeiro amigo meu. É um presente.

Blay sacudiu a cabeça.

—Aceite, John. Vais perder esta discussão, e nos economizará a comédia.

—Comédia? — Qhuinn se levantou de um salto e adotou a pose de um orador romano — Sabe diferenciar seu traseiro de seu cotovelo, jovem escriba?

Blay se ruborizou.

—Venha já...

Qhuinn se lançou sobre o Blay, aferrando-se aos ombros do tipo e deixando que suportasse todo seu peso.

— Me sujeita. Seu insulto me deixou sem fôlego. Estou boquituaberto.

Blay grunhiu e se revolveu para evitar que Qhuinn caísse ao chão.

—Diz-se boquiaberto.

—Boquituabertoo soa melhor.

Blay estava tentando não sorrir, não deixar-se conquistar, mas tinha os olhos faiscantes como safiras e suas bochechas estavam se pondo vermelhas.

Com uma silenciosa gargalhada, John se sentou em um dos banquinhos do vestiário,

sacudiu veementemente um par de meias brancas, e as pôs sob seus novos jeans gastos.

Está seguro, Qhuinn? Porque tenho a sensação de que vão ficar bem e você poderia trocar de idéia.

Abruptamente, Qhuinn se separou de Blay e se arrumou a roupa com um enérgico puxão.

—E agora ofende minha honra — Enfrentando ao John, estirou-se adotando uma postura de esgrima — Touché.

Blay pôs-se a rir.

—É um grande, condenado, idiota.

Qhuinn lançou um olhar por sobre o ombro.

—Lá vai, Brutus?

—E você!

—Isso quer dizer tutu, acredito, e já pode te guardar o travestismo para você mesmo, pervertido — Qhuinn irradiou um brilhante sorriso, que demonstrava os doze níveis distintos de satisfação que sentia por ser tão pronto — Agora te ponha as fodidas sapatilhas, John, e terminemos com isto. Antes que tenhamos que pôr ao Blay em um pulmão de aço.

—Quererá dizer, sanatório!

—Não, obrigado, tomei um grande almoço.

As sapatilhas serviram perfeitamente e de algum jeito fizeram que John se sentisse mais alto, embora ainda tivesse que se pôr de pé com elas.

Qhuinn fez um movimento afirmativo com a cabeça e atuou como se estivesse apreciando uma obra prima.

—Vêem-se bem. Sabe, possivelmente deveríamos endurecer sua aparência um pouco. Fazer-te usar algumas correias. Ele, poderíamos te perfurar a orelha como a minha e acrescentar mais negro...

—Sabe por que o Qhuinn gosta do negro?

Todos eles giraram as cabeças e olharam para as duchas. Lash estava saindo delas, sustentando uma toalha branca diante de suas partes privadas, com a água jorrando por seus amplos ombros.

—É porque é daltônico, certo, primo? — Lash perambulou até seu armário e o abriu com força fazendo que golpeasse contra a do lado — Sabe que tem os olhos de distinta cor só porque as pessoas dizem.

John se pôs em pé, notando que as sapatilhas tinham uma tração impressionante. O que, dada a forma em que Qhuinn estava olhando o traseiro nu de Lash, poderia ser útil em questão de um segundo e meio.

—Sim, Qhuinn é especial não é verdade? — Lash vestiu calças de camuflagem e uma camiseta sem mangas, logo deslizou um anel de selo de ouro no dedo indicador da mão esquerda, fazendo toda uma exibição a respeito — Algumas pessoas não encaixam e nunca o farão. É foddidamente lamentável que sigam tentando-o.

—Vamos, Qhuinn — sussurrou Blay

Qhuinn apertou os dentes.

— Deveria fechar a boca, Lash. De verdade.

John ficou frente ao rosto de seu amigo e disse por gestos. Somente deixa estar e vamos à casa de Blay nos relaxar, de acordo?

—Hei, John me acaba de ocorrer uma pergunta. Quando esse humano te violou no espaço da escada, gritou com as mãos? Ou só respirou muito forte?

John ficou imóvel, absolutamente devastado. E o mesmo aconteceu com seus dois amigos.

Ninguém se moveu. Ninguém respirou.

O vestuário ficou tão silencioso que o gotejar das duchas soava como um rufo de tambor.

Lash fechou seu armário com um sorriso e olhou aos outros dois.

—Li seu prontuário médico. Está tudo ali. Enviaram-no para o Havers para fazer terapia porque mostrava sinais de - Lash fez aspas no ar — «estresse pós-traumático». Assim vamos, John, quando o tipo te violou, tentou gritar? Gritou, John?

Certamente. Que. Isto. Era. Um. Pesadelo, pensou John enquanto suas pelotas se encolhiam.

Lash riu enquanto embutia os pés nas botas de combate.

—Olhe só. Os três golpeados pelo estupor. Parecem os três Retardados e mosqueteiros.

A voz de Qhuinn adquiriu um tom que nunca antes tinha assumido. Não era um matiz fanfarrão, nem um arrebatamento de ira. Era uma dureza cheia de perigosa frieza.

—Melhor rogar que não saia daqui. Que ninguém saiba.

—Ou o que? Vamos Qhuinn. Sou um filho primogênito. Meu pai é o irmão mais velho de seu pai, realmente pensa que pode me tocar? Hmmm... não, não me parece, moleque. Nem um pouco.

—Nenhuma palavra, Lash.

—Sim seguro. Se me perdoarem, vou. Sua turma me está tirando as vontades de viver.

— Lash fechou a bilheteria e caminhou para a porta. Naturalmente, deteve-se e olhou sobre seu ombro, alisando o cabelo loiro— Certeza que não gritou, John. Certeza que pediu mais. Certeza que suplicou...

John se desmaterializou.

Pela primeira vez em sua vida, moveu-se de um lugar a outro através do ar. Tomando forma frente à Lash e plantando seu corpo contra a porta para bloquear a saída do tipo, olhou para trás os seus amigos e descobriu suas presas. Lash era dele e só dele.

Quando ambos assentiram, começou o combate.

Lash se preparou para o primeiro murro, com as mãos em alto e o peso distribuído em suas coxas. Então em lugar de lançar um murro, John se agachou, arremeteu, e apertou a cintura do bastardo com um abraço de urso, estrelando-o de costas contra a fileira de armários.

Lash não pareceu desconcertado no mais mínimo e se vingou dando uma joelhada que quase parte o rosto de John. Retrocedendo pelo golpe, John se cambaleou, mas logo contra-

atacou, agarrando ao Lash pelo pescoço, enganchando os polegares sob a mandíbula do menino, e apertando forte. Deu-lhe uma cabeçada no nariz, destroçando o maldito safado, fazendo que brotasse um geiser, mas ao Lash não importou uma merda. Sorriu através do sangue que corria por sua boca e lançou um murro baixo, direto ao seu abdômen que enviou o fígado de John até seus pulmões.

Intercambiavam golpes adiante e atrás, adiante e atrás, golpeando-se ambos contra fileiras de armários, banquinhos e cestos de papéis. Em algum momento, alguns recrutas tentaram entrar mas Blay e Qhuinn os obrigaram a sair e bloquearam a porta.

John agarrou ao Lash pelo cabelo, jogou-o atrás e mordeu a parte alta do seu ombro. Quando este mordeu, a carne se rasgou, e os dois giraram, foi quando Lash uniu suas palmas e deu ao John um golpe na têmpora com as duas mãos unidas. O impacto o lançou para a ducha dançando sapateado, mas conseguiu recuperar o equilíbrio antes de cair. Infelizmente, seus reflexos não foram o bastante rápido para evitar que lhe conectasse um golpe na mandíbula.

Foi como se o tivessem golpeado com um taco de beisebol, e se deu conta que Lash de algum modo se deslizou um par de velhos punhos americanos... provavelmente porque necessitava a vantagem, dado que John era maior. Outro golpe aterrissou em algum lugar do rosto de John, e de repente estalou em 4 de Julho em sua cabeça, foguetes por toda parte. Antes que pudesse piscar para esclarecer a visão, seu rosto foi estampado contra a parede ladrilhada da ducha e retido no lugar.

Lash estendeu a mão até chegar à parte dianteira das calças de John.

—O que te pareceria uma repetição, John, moço? — espetou o tipo — Ou o seu traseiro só gosta dos humanos?

A sensação de um grande corpo pressionando o seu detrás congelou ao John no lugar.

Deveria havê-lo alterado. Deveria havê-lo voltado irracional. Entretanto, voltou a ser o frágil menino que foi, indefeso, assustado e a mercê de alguém muito, muito maior. No ato foi transportado aonde tinha estado naquele decrepito espaço de escada, pressionado contra a parede, preso e dominado.

Os olhos se alagaram com lágrimas. Não, isto não... isto outra vez, não. Chegado de nenhuma parte, ressonou um grito de guerra, e se viu livre do peso que comprimia seu corpo.

John caiu de joelhos e vomitou no chão de ladrilhos molhados.

Quando suas arcadas remeteram, deixou-se cair sobre o flanco e se enroscou, adotando uma posição fetal, tremendo como a bicha que era...

Lash estava convexo sobre o ladrilhado junto a ele... e tinha a garganta talhada de lado a lado.

O menino estava tentando respirar, tentando conter o sangue, e não estava conseguindo-o.

John levantou o olhar horrorizado.

Qhuinn permanecia sobre eles, ofegando. Na mão direita tinha uma ensangüentada faca de caça.

—OH, Jesus... — disse Blay — Que caraio fez, Qhuinn?

Isto era mau. O suficientemente mau para te alterar a vida para sempre. A de todos eles. O que começou como uma briga... era provável que acabasse com um assassinato.

John abriu a boca para pedir ajuda. Naturalmente, nada saiu dela.

—Trarei alguém —disse Blay, e saiu correndo.

John se levantou, tirou rapidamente a camisa, e se inclinou sobre o Lash. Tirando as mãos do menino, pressionou o que esteve em suas costas contra a ferida aberta e rogou que o sangue parasse. Lash encontrou seus olhos, depois levantou suas mãos para ajudar.

Fica quieto, articulou John. Somente fica quieto. Posso ouvir que se aproxima alguém.

Lash tossiu e de sua boca saiu sangue, salpicando o lábio inferior para logo deslizar-se por seu queixo. Merda, a substância vermelha o cobria tudo.

Mas tinham feito isto antes, disse-se John. Ambos tinham lutado justo aqui nesta mesma ducha, e naquela oportunidade o deságüe também se tingiu de vermelho, e tudo saiu bem.

Não esta vez, advertiu-lhe uma voz dentro de sua mente. Não esta vez...

Logo estalou com um rugido de pânico, e começou a rezar para que Lash vivesse. Depois rezou por voltar atrás no tempo. Logo desejou que isto fosse um sonho...

Alguém estava de pé junto a ele e dizia seu nome.

—John? — levantou o olhar. Era a doutora Jane, o médico privado da Irmandade, e a shellan de Vishous. O translúcido e fantasmal rosto estava acalmado, sua voz regular e tranqüilizadora. Quando se ajoelhou, voltou-se tão sólida quanto ele— John, necessito que retroceda para poder dar uma olhada de acordo? Quero que o solte e te aparte. Fez um bom trabalho mas agora eu devo me ocupar dele.

Ele assentiu. Mas ainda assim, teve que tocar suas mãos para fazê-lo soltar sua camisa.

Alguém o levantou. Blay. Sim, era Blay. Sabia pela loção pós barbear que usava o tipo. Jump do Joop!

Havia muitas outras pessoas no vestuário. Rhage estava justo ao lado da ducha, e junto a ele estava V. Butch também estava ali.

Qhuinn... Onde estava Qhuinn?

John olhou a seu redor e o viu um pouco mais afastado. Já não tinha a ensangüentada faca na mão, e Zsadist estava ao lado do menino, com aparência ameaçadora.

Qhuinn estava mais pálido que os ladrilhos brancos, seus olhos díspares não piscavam ao contemplar ao Lash.

—Está sob prisão domiciliar na casa de seus pais — disse Zsadist ao Qhuinn — Se ele morrer, será acusado de assassinato.

Rhage se aproximou de Qhuinn, como se pensasse que o duro tom de Z não estava sendo de ajuda.

—Vamos, filho. Vamos recolher seus pertences do armário.

Foi Rhage que acompanhou ao Qhuinn quando saiu do vestiário, e Blay os seguiu.

John permaneceu justo onde estava. Por favor deixa que Lash viva, pensou. Por favor...

Foda, não gostava da forma em que a doutora Jane sacudia a cabeça enquanto se

ocupava do menino, abriu a maleta de médico com brutalidade, os instrumentos voavam enquanto tentava suturar o pescoço de Lash.

— Me conte.

John saltou e voltou à cabeça. Era Z.

— Me conte como ocorreu, John.

John voltou a descer o olhar para o Lash e reviveu a cena. OH, Jesus... não queria falar dos porquês. Embora Zsadist conhecer seu passado, não podia obrigar-se a dizer ao Irmão a razão pela que Qhuinn perdeu o controle.

Possivelmente era porque ainda não podia acreditar que seu passado tivesse ressurgido dessa forma. Possivelmente era porque o antigo pesadelo acabava de ser reatado.

Possivelmente era porque era um covarde que não podia dar a cara por seus amigos.

Z esticou o lábio desfigurado.

—Escuta John, Qhuinn está fundo na merda. Legalmente ainda é menor, mas isto é ataque com arma mortal contra um primogênito. A família vai atrás de sua cabeça, embora Lash sobreviva, e vamos precisar saber que ocorreu aqui.

A doutora Jane se levantou.

—Está fechada, mas corre o risco de sofrer uma parada cardíaca. Quero levá-lo para o Havers. Já.

Z assentiu e fez gestos aos dois doggens que tinham a maca, para que se adiantassem.

—Fritz está preparado com o carro, e eu irei com eles.

Enquanto levantavam o Lash do chão, o Irmão cravou seus implacáveis olhos no John.

—Se quer salvar a seu amigo, vais ter que nos dizer o que foi que aconteceu.

John observou ao grupo tirar o Lash do vestiário.

Quando a porta se fechou com suavidade, tremeram-lhe os joelhos, e olhou o lago de sangue que havia no centro da ducha.

Em uma esquina do vestiário, havia uma mangueira que era usada para a limpeza diária das instalações. John forçou a seus pés a cobrir a distância até onde estava montada na parede. Desenrolando-a, abriu a água, aproximou o extremo à ducha, depois girou a boquilha para abri-la. Deslizou o pulverizador para diante e para trás uma e outra vez, movendo-o centímetro a centímetro, deslocando o sangue para o ralo, onde era tragada com um som de fervura.

Atrás e adiante. Atrás e adiante

Os ladrilhos passaram do vermelho à rosa e logo ao branco. Mas isso não conseguia limpar o desastre. Merda. Nem no mais mínimo.

Capítulo 13

Phury sentia mãos sobre sua pele, pequenas mãos de dedos ligeiros, que viajavam para

baixo por seu estômago. Encaminhavam-se à união de suas coxas, e dava graças a Deus por isso. Sua ereção estava torcida, ardente e faminta de alívio, e quanto mais se aproximavam as mãos, mais se elevavam e retrocediam seus quadris, seu traseiro se esticava e relaxava enquanto se deixava levar pelos embates que morria por realizar.

Seu pênis gotejava... podia sentir a umidade em seu estômago. Ou possivelmente já gozou uma vez?

OH, essas mãos, fazendo cócegas sobre a pele. Esse toque especial como uma caneta fazia que sua ereção se esticasse ainda mais, como se pudesse estender-se mais e ficar no caminho dessas mãos se o tentava com suficiente força.

Mãos pequenas, dirigindo-se a seu...

Phury despertou com uma sacudida que lançou seu travesseiro disparado fora da cama.

Merda.

Sob o embrulho de mantas, seu pênis pulsava, e não pela acostumada necessidade que sentia um macho quando despertava em meio da noite. Não... isto era específico. Seu corpo desejava algo muito específico de uma fêmea em particular.

Cormia.

Está justo no quarto do lado, lembrou a si mesmo.

E grande prêmio é você, devolveu o disparo o feiticeiro. Por que não vai a ela, companheiro? Estou seguro de que estará verdadeiramente emocionada ao verte depois de como a deixou ir a noite passada. Sem dizer nenhuma palavra. Sem sequer um gesto de reconhecimento pela gratidão que te demonstrou.

Incapaz de discuti-lo, Phury olhou a chaise longe.

Era a primeira vez que alimentava a uma fêmea.

Quando se tocou o pescoço procurando a marca da dentada, notou que desapareceu, tinha sanado de tudo.

Um dos grandes marcos de sua vida se cumpriu... E isso entristecia-o. Não é que se arrependesse de ter estado com ela. Absolutamente. Mas desejaria ter dito que era sua primeira vez.

Apartando o cabelo dos olhos, olhou ao relógio. Meia-noite. Meia-noite? Deus, dormiu ao redor de oito horas, claramente por causa da alimentação. Entretanto não se sentia descansado. Tinha o estômago revoltado e lhe palpitava a cabeça.

Estendeu a mão em busca do nésio do despertar, que preparou antes de cair rendido, e se deteve de repente. Tremia-lhe tanto a mão, que duvidava de sua capacidade para poder levantar a coisa, e ficou olhando fixamente sua palma, ordenando mentalmente que ficasse quieta, o que não teve nenhum efeito em absoluto.

Levou-lhe três intentos conseguir agarrar o nésio da mesinha de noite, e observou seus torpes intentos da distância, como se fosse a mão de algum outro, o nésio de algum outro. Uma vez que o molho de folhas e papel esteve entre seus lábios, lutou por colocar o acendedor em posição e acionar a roda de pederneira.

Duas impregnadas e o tremor se deteve. A dor de cabeça se evaporou. Seu estômago se

acalmou.

Infelizmente, um estalo continuado percorreu o quarto e os três voltaram: sobre a cômoda o medalhão Primale voltava a começar outra de suas rotineiras danças.

Deixou a coisa onde estava e se dedicou a fumar o néscio enquanto pensava na Cormia. Duvidava que houvesse dito que precisava alimentar-se. O que ocorreu durante as horas diurnas neste quarto foi uma combustão espontânea gerada pela luxúria de sangue dela, e não podia tomá-lo como sinal de que Cormia o desejasse sexualmente. A noite anterior não se negou ao sexo, certo, mas isso era muito diferente a desejar especificamente a ele, não? A necessidade não era igual à eleição. Ela necessitava o sangue dele. Ele necessitava o corpo dela.

As escolhidas necessitavam que os dois cumprissem com o programa.

Esmagando o pouco que ficava do néscio, olhou através de seu dormitório para a mesa. O medalhão finalmente se deteve.

Levou-lhe menos de dez minutos tomar banho, vestir-se de seda branca, e passar a tira de couro do medalhão Primale pela cabeça. Quando a peça de ouro se aquietou entre seus peitorais, resultou ser uma carga cálida, provavelmente a causa do exercício.

Viajou diretamente ao Outro Lado, em sua qualidade de Primale tinha uma dispensa especial pelo que podia evitar a passagem prévia pelo pátio da Virgem Escriba. Tomando forma na parte dianteira do anfiteatro do Santuário, onde todo o assunto começou cinco meses atrás, era difícil de acreditar que realmente tivesse tomado o lugar de Vishous como Primale.

Era algo assim como ver sua mão tremente: Este simplesmente não era ele.

Sim, salvo que em realidade sim o era.

Frente a ele, sob a estranha e implacável luz do Outro Lado, brilhava a branca plataforma com sua pesada cortina branca. Aqui não havia sombras, já que não havia sol no pálido céu, e ainda assim havia suficiente iluminação, como se cada coisa fosse sua própria fonte de luz. A temperatura era de vinte e um graus centígrados, nem muito frio nem muito quente, e não havia nenhuma brisa que acariciasse a pele nem fizesse ondear a roupa. Tudo era de uma suave e tranqüilizadora cor branca.

O lugar era a paisagem equivalente ao que em música seria o Muzak (música ambiente que se escuta em ambientes públicos).

Caminhando sobre a curta erva branca, atravessou a parte traseira do anfiteatro greco romano, e se dirigiu para os diversos templos e habitações. Nos arredores, estendia-se um bosque branco que rodeava todo o Complexo, e cortava qualquer possível vista do horizonte. Perguntou-se o que haveria do outro lado. Provavelmente nada. O Santuário dava a sensação de ser a maquete de um arquiteto ou a de um trem, como se, ao caminhar até a beira tudo o que podia encontrar fosse uma queda pronunciada para um gigantesco chão atapetado de parede a parede.

Enquanto continuava seu caminho, não estava seguro de como conseguiria chamar a atenção da Directrix, mas igual não tinha nenhuma pressa para que isso ocorresse. Para

atrasá-lo, foi ao templo do Primale e utilizou seu medalhão de ouro para abrir as portas duplas. Depois de atravessar o vestíbulo de mármore branco, entrou na única e majestosa sala do templo e olhou a plataforma da cama com seus lençóis brancos de cetim.

Recordou a aparência que tinha Cormia atada e nua, com um lençol branco caindo de acima e acumulando-se em sua garganta para ocultar seu rosto. Ele tinha arrancado a coisa e ficou horrorizado ao ver seus olhos chorosos e aterrorizados.

Tinha sido amordaçada.

Levantou o olhar para o teto, onde esteve pendurada a cortina que lhe cobria o rosto. Havia dois diminutos ganchos de ouro incrustados no mármore. Desejou tirá-los com um fodido martelo hidráulico.

Enquanto olhava para cima, recordou involuntariamente a conversa que teve com o Vishous justo antes que toda esta merda do Primale tivesse desabado sobre ele. Os dois tinham estado na sala de refeição da mansão e V havia dito algo sobre que teve uma visão de Phury.

Phury não quis entrar em detalhes, mas de toda forma os tinha dado, e as palavras que o irmão pronunciou resultavam estranhamente claras agora, como uma conversa gravada: Vi-te de pé em uma encruzilhada em um campo imaculado. Era um dia tormentoso... Sim, muitas tormentas. Mas quando tomou uma nuvem do céu e a envolveu ao redor do poço, a chuva deixou de cair.

Phury olhou os dois ganchos com os olhos entrecerrados. Tinha arrancado o lençol dali e envolveu a Cormia. E ela tinha deixado de chorar.

Ela era o poço... o poço que se supunha ele devia encher. Ela era o futuro da raça, a fonte de novos Irmãos e Escolhidas. O manancial.

Como o eram todas suas irmãs.

—Sua Graça.

Voltou-se. A Directrix estava de pé na soleira do templo, sua larga túnica branca roçava o chão, e tinha o cabelo escuro recolhido no alto da cabeça. Com seu tranqüilo sorriso e a paz que irradiava de seus olhos, tinha a expressão beatífica dos espiritualmente iluminados.

Invejou toda essa serena convicção.

Amalya fez uma reverência, seu corpo luzia magro e elegante com o vestido cerimonioso de Escolhida.

—Agrada-me verte.

Devolveu-lhe a reverência.

—E a mim verte a ti.

—Obrigado por esta audiência — ergueu-se e houve uma pausa.

Ele não a encheu.

Quando finalmente ela o fez, pareceu estar escolhendo suas palavras com muito cuidado.

—Pensei que talvez você gostasses de te reunir com alguma outra Escolhida?

Que tipo de reunião teria ela em mente? Perguntou-se.

OH, só um lanche tardio, interveio o feiticeiro. Com sanduíches de sexo oral, pão-doces em forma de sessenta e nove e mãos cheias de suas nozes.

—Cormia está bem — disse ele, esquivando a oferta.

—Vi-a ontem. —O tom da Directrix era amável mas neutro, como se não estivesse de acordo com ele.

—Seriamente?

Ela fez outra reverência.

— Me perdoe, Sua Graça. Era o aniversário de seu nascimento, e o costume requeria que lhe desse um pergaminho. Quando não pude falar com você, apareci-me ante ela. Tentei me pôr em contato com você de novo durante o dia.

Meu deus, o aniversário de Cormia chegou e passou e ela não havia dito nada a respeito?

Entretanto, havia dito ao John, não? Hei aí o motivo para o bracelete.

Phury desejou amaldiçoar. Ele deveria ter dado algo a ela.

Esclareceu-se garganta.

—Lamento não ter respondido.

Amalya se ergueu.

—É sua prerrogativa. Por favor, não te desculpe.

No longo silencio que seguiu, leu a pergunta nos amáveis olhos da Directrix.

—Não, não se fez ainda.

Os ombros da mulher se encurvaram.

— Negou-se a ti?

Ele voltou a pensar no chão diante de seu chaise longue. Foi ele quem se deteve.

—Não, sou eu.

—Nenhuma falta poderia ser nunca tua.

—Falso. E confia em mim nisto.

A Directrix passeou, manuseando o medalhão que pendia de seu pescoço. Era uma cópia exata do que levava ele, só que o dela estava suspenso por uma fita de cetim branco, e a cadeia dele era negra.

Deteve-se junto à cama, roçando ligeiramente com os dedos o travesseiro.

—Penso que talvez devesse conhecer alguma das outras.

OH, demônios, não. Não ia deixar a Cormia por outra Primeira Companheira.

—Vejo aonde quer apontar com isto, mas o problema não é que não a deseje.

—Está bem, mas ainda assim, deveria conhecer outra.

Estava claro que essa era a forma que tinha a Directrix de exigir que se deitasse com a Cormia ou escolhesse a outra Primeira Companheira. Não podia dizer que isso o surpreendesse. Passaram-se cinco longos meses.

Deus, o melhor isso resolveria alguns problemas. O problema era que tomar outra Primeira Companheira seria equivalente a lançar uma maldição sobre a Cormia. As escolhidas a veriam como a que tinha falhado, e ela se sentiria igual, embora esse não fosse o

caso em absoluto.

— Como hei dito, vai bem com a Cormia.

— Indubitavelmente... Só que possivelmente o emparelhamento seria mais provável com alguma outra de nós? Layla, por exemplo, é bastante formosa de rosto e extremidades, e está adestrada como ehros.

— Não vou fazer isso a Cormia. A mataria.

— Sua Graça... está sofrendo agora mesmo. Vi-o em seus olhos. — A Directrix caminhou lentamente para ele — E além disso, o resto de nós estamos apanhadas em nossa tradição. Tínhamos grandes esperanças que nossas funções voltassem a ser o que tinham sido. Se tomar a outra como Primeira Companheira e completar o ritual, libertará a todas desta carga de futilidade, e isso inclui a Cormia. Ela não é feliz, Sua Graça. Não mais que você.

Pensou nela outra vez, nessa cama, atada... Cormia não desejou isto desde o começo, verdade?

Pensou nela tão calada na mansão. Pensou nela que não se sentia o bastante cômoda para dizer que tinha que alimentar-se. Pensou nela não dizendo nada sobre seu aniversário. Nada sobre seu desejo de sair. Nada sobre essas construções de seu dormitório.

Um passeio por um corredor não compensava o muito que a abandonou.

— Estamos presos, Sua Graça — disse a Directrix — Tal e como estão às coisas agora, todos estamos presos.

E se estava aferrando-se a Cormia porque, sendo ela sua Primeira Companheira, não teria que preocupar-se com todo o assunto do sexo? Certamente, queria protegê-la e fazer o correto por ela, e essas eram verdades honoráveis, mas suas ramificações protegiam a ele também.

Tinha Escolhidas que o desejavam, que desejavam a ele. Quando emprestou juramento havia sentido seus olhares fixos.

Tinha dado sua palavra. E estava endemoniadamente cansado de romper os votos que tinha feito.

— Sua Graça, posso pedir que venha comigo? Desejo lhe mostrar um lugar aqui no Santuário.

Seguiu a Amalya fora do Templo Primale, e os dois permaneceram em silêncio enquanto baixavam a colina para um conjunto de estruturas brancas de quatro pisos com colunas.

— É a residência das Escolhidas — murmurou ela — mas você e eu não nos dirigimos a ela.

Menos mal, pensou ele, jogando uma olhada.

Enquanto passava de comprimento, notou que nenhuma das janelas tinha vidros, e imaginou que não havia razão para incomodar-se com isso. Não havia insetos nem animais... nem tampouco chuva, supôs. E a falta de vidraças significava, é óbvio, que não havia barreiras entre ele e as Escolhidas que devolviam seu olhar desde suas habitações.

Havia uma fêmea em cada janela de cada apartamento de cada edifício.

OH, Jesus.

— Aqui estamos. — A Directrix se deteve diante de uma estrutura de um só piso e abriu um par de portas duplas. Quando as abriu de tudo, o coração de Phury se afundou.

Berços. Filas e filas de berços brancos vazios.

Enquanto tentava seguir respirando, a voz da Directrix se fez cada vez mais triste.

— Este costumava ser um lugar de alegria, cheio de vida, prolífico com o futuro. Se só tomasse a outra... Sente-se indisposto, Sua Graça?

Phury retrocedeu. Não podia respirar. Não podia... respirar.

— Sua Graça? — Ela estendeu a mão.

Ele se separou de um puxão.

— Estou bem.

Respira, demônios. Respira.

Isto é o que aceitou. Enfrenta-o.

Em sua mente, o feiticeiro dava um exemplo atrás de outro de como ele decepçionava as pessoas, começando no presente com Z e Wrath e essa merda dos lessers, indo todo o caminho até o passado expondo seus fracassos ante seus pais.

Era deficiente em todos os aspectos de sua vida, e também, sentia-se aprisionado em toda parte.

Ao menos Cormia podia ver-se livre disto. Livre dele.

A voz da Directrix se esticou cheia de alarme.

— Sua Graça, possivelmente deveria tomar um descanso...

— Tomarei a outra.

— Você...

— Tomarei a outra Primeira Companheira.

A Directrix pareceu atônita, mas logo fez uma profunda reverência.

— Sua Graça, obrigado... obrigado... Verdadeiramente é a força da raça e liderará a todos...

Deixou-a seguir recitando frases vazias enquanto a cabeça dava voltas e se sentia como se tivessem deixado cair uma carga de gelo seco em suas vísceras.

A Directrix aferrou seu medalhão, a alegria impregnava seu rosto sereno.

— Sua Graça, o que prefere em um casal? Tenho a um par em mente.

Perfurou categoricamente a Amalya com olhos duros.

— Tem que desejar isto. Sem coerção. Nem ataduras. Têm que desejá-lo. Cormia não o desejava, e isso não foi justo para ela. Eu me ofereci voluntário para isto, ela não teve eleição.

A Directrix pôs uma mão em seu braço.

— Entendo, e é mais, estou de acordo. Cormia nunca encaixou nesse papel, de fato por essa causa teve que ser coagida especificamente para ser Primeira Companheira pela Directrix anterior. Eu nunca seria tão cruel.

— E Cormia estará bem. Quero dizer, não a jogarão daqui, entendido?

— Será bem-vinda de volta a seu lugar. É uma boa fêmea. Só que não... tão bem adaptada a esta vida como algumas de nós.

Nos silenciosos instantes que seguiram, teve uma imagem dela o despindo para a ducha, seus cândidos e inocentes olhos verdes o olhando enquanto abria torpemente o cinturão e as calças de couro.

Ela só queria fazer o que era correto. Naquela época, quando toda esta confusão começou, embora tivesse estado aterrada, faria o correto por seguir com sua tradição e o teria tomado. O que a fazia mais forte que ele, não? Ela não estava fugindo. Era ele, que estava pondo poeira nos pés.

—Dirá às outras que não sou digno dela — Quando a Directrix ficou boquiaberta, assinalou-a com o dedo — É uma maldita ordem. Dirá a todas... que ela é muito boa para mim. Quero que a elevem a uma fila especial. Quero-a malditamente consagrada, entende-me? Faça justiça a ela ou converterei este lugar em ruínas.

Quando foi evidente que a mente da Directrix era muito confusão, ajudou-a a recompor-se recordando:

— Este aqui é meu mundo. Eu dou as ordens, não é assim? Eu sou a força da maldita raça, assim fará o que te digo. Agora concorde.

Quando ela o fez, tranqüilizou-se um pouco.

—Bem. Me alegro que estejamos de acordo. Agora, É necessário fazer outra cerimônia?

—Ah... ah, quando pronunciou as p-palavras ante a Cormia, uniu-te com todas nós. — Voltou a pôr a mão sobre seu medalhão mas esta vez Phury teve o pressentimento que não foi em um arrebatamento de alegria. Era mais como se precisasse sustentar-se em algo para recuperar a confiança.

—Quando... virá aqui para ficar ?

Pensou na gravidez de Bela. Não podia perder o nascimento, e tal e como iam às coisas entre ele e Z, pode que este nem sequer o avisasse.

—Não durante um tempo. Poderia ser um ano.

—Então devo enviar à primeira delas para que se encontre com você no Outro Lado, verdade?

—Sim — Deu-lhe as costas à creche, sentindo como se ainda necessitasse mais ar — Escuta, vou passear um momento.

—Direi às demais que lhe concedam privacidade.

—Obrigado, e lamento ser tão inflexível — Fez uma pausa — Uma última coisa... Quero ser eu o que fale com a Cormia. Eu direi a ela.

—Como deseja — A Directrix fez uma profunda reverência — Precisarei alguns dias para preparar ritualmente...

—Só me avise quando você as enviar.

—Sim, Sua Graça.

Quando partiu, continuou olhando fixamente a paisagem branca, e depois de um momento, o espaço mudou ante seus olhos, alterando-se até formar outro panorama completamente distinto. Desapareceram todas as bem ordenadas e incolores árvores e a erva que parecia estar coberta por uma fina capa de neve. Em vez disso, viu os sufocados jardins

da casa que sua família tinha no Antigo País.

Detrás da enorme casa de pedra em que cresceu havia um jardim murado ao redor de um hectare de extensão. Dividido em quadrantes por corredores empedrados com cascalhos, pretendeu-se que fosse uma amostra de espécimes de plantas e que oferecesse um lugar de beleza natural e calma para a mente. As paredes de alvenaria que encerravam a paisagem tinham estado dominadas por quatro estátuas nas esquinas, as figuras refletiam as etapas da vida, de uma criança nos braços de seu pai, logo um jovem e atlético macho de pé sozinho, passando pelo macho sujeitando a uma cria em seus braços, para terminar sentado em sua sábia velhice com o filho adulto de pé atrás dele.

Recém construído o jardim, devia ter sido verdadeiramente elegante, um autêntico espetáculo, e Phury podia imaginar a alegria de seus pais enquanto o contemplavam em todo seu esplendor como recém emparelhados.

Ele não conheceu nenhuma das perfeições prometidas na elegante armação do desenho. O que viu do jardim foi só o caos da negligência. Pois quando foi maior para ser consciente do que o rodeava, os leitos de flores tinham ficado cobertos de matos, os bancos de reflexão estavam nadando entre algas aquáticas, e a erva invadiu os caminhos. O mais triste para ele eram as estátuas. A hera se enroscava ao redor destas, as consumindo mais e mais cada ano, as folhas obscureciam cada vez mais o que a mão do escultor tinha desejado mostrar.

O jardim era a representação visual da ruína de sua família.

E ele desejou arrumá-lo. Tudo.

Depois de sua transição, que quase o matou, afastou-se da derrota da casa familiar, e podia recordar a partida tão claramente quanto via em sua mente o miserável jardim. A noite de sua marcha estava marcada por uma lua cheia de outubro, e tinha empacotado algumas das velhas e mais finas roupas de seu pai sob sua brilhante luz.

Phury teve só um plano impreciso: retomar o rastro que seu pai deixou esfriar. Na noite do seqüestro de Zsadist, ficou claro que a babá levou ao menino, e Ahgony, como teria feito qualquer pai, foi atrás dela procurando vingança. Entretanto, a mulher foi preparada, e ele não encontrou nada concreto até passados dois anos. Seguindo pistas, suspeitas e uma trama de rumores, o Irmão procurou por todo o Antigo País e finalmente localizou a mantinha de bebê de Zsadist entre as coisas da mulher... Que tinha morrido só uma semana antes.

Esta falha por escassa margem foi só outra página na tragédia.

Tinha sido nesse momento que Ahgony foi informado que seu filho foi recolhido por um vizinho e vendido no mercado de escravos. O vizinho pegou o dinheiro e fugiu, e embora Ahgony tivesse ido ao negociante de escravos mais próximo, havia muito meninos sem pais sendo comprados e vendidos para rastrear ao Zsadist.

Ahgony se rendeu, voltou para casa e começou a beber.

Já que Phury se preparava para retomar a busca de seu pai, parecia apropriado vestir os trajes e sedas de seu progenitor. Também era importante. Aparentar ser um cavalheiro sem dinheiro poderia fazer ficar mais fácil infiltrar-se nas grandes casas, que era onde se retinha os escravos. Com o velho guarda-roupa de seu pai, Phury poderia ser tomado por outro

vagabundo bem educado, procurando pagar por sua manutenção com seu engenho e seu encanto.

Vestido na moda de vinte e cinco anos atrás, e com uma maltratada mala de couro na mão, enfrentou-se a seus pais para lhes contar o que planejou fazer.

Sabia que sua mãe estava na cama no porão da casa, porque era ali onde vivia. Também sabia que não o olharia quando entrasse. Nunca o fazia, e não a culpava por isso. Ele era a réplica exata do que lhe foi arrebatado, o aviso vivo, andante e falante de sua tragédia. Que fosse um indivíduo separado de Zsadist, que levasse luto pela perda como fazia ela, porque perdeu a metade de si mesmo desde que seu gêmeo foi raptado, que necessitasse apoio e carinho, estava além da compreensão dela por causa de sua própria dor.

Sua mãe nunca o havia tocado. Nenhuma só vez, nem sequer para banhá-lo quando tinha sido menino.

Depois de bater na porta, Phury teve cuidado em dizer quem era antes de entrar para que pudesse preparar-se psicologicamente. Quando não respondeu, abriu a porta e ficou de pé na soleira, enchendo o marco da porta com seu recém transformado corpo. Quando disse o que ia fazer, não estava seguro do que esperava dela, mas não conseguiu nada. Nenhuma só palavra. Nem sequer levantou a cabeça de seu andrajoso travesseiro.

Tinha fechado a porta e ido às habitações de seu pai.

O macho perdeu o conhecimento, bêbado entre as garrafas de cerveja que o mantinham, se não cordato, ao menos o suficientemente perto da alienação mental como para não pensar muito. Depois de tentar falar, Phury rabiscou uma nota, deixando-a sobre o peito de seu pai, depois subiu as escadas e saiu da casa.

De pé nos restos do terraço cheio de folhas da que uma vez tinha sido a grandiosa casa familiar, escutou a noite. Sabia que havia muita possibilidade de não voltar a ver nunca mais a seus pais, e o preocupava que o único doggen que ficava morresse ou resultasse ferido. E então, o que fariam eles?

Olhando a majestosidade do que uma vez tinha sido, pressentiu que seu gêmeo estava em algum lugar na noite, esperando ser encontrado.

Enquanto uma fileira de leitosas nuvens passava à deriva descobrindo a cara da lua, Phury procurou profundamente dentro de si mesmo algum tipo de força.

A verdade, havia dito uma voz baixa dentro de seu crânio, poderia buscar até contar mil amanheceres e inclusive encontrar o corpo vivo de seu gêmeo, embora indubitavelmente não fique nada que possa ser resgatado. Não está à altura desta tarefa, e, além disso, seu destino decreta que falhará sem importar qual seja a meta que te imponha, e atrairá sobre todos a maldição do exige dhoble.

Tinha sido o feiticeiro falando pela primeira vez.

E enquanto as palavras impregnavam nele, nesse momento em que se sentia muito fraco para a viagem que tinha por diante, fez seu voto de celibato. Levantando o olhar para o grande disco brilhante no céu negro azulado, jurou pela Virgem Escriba que se manteria afastado de toda distração. Seria O Salvador puro e concentrado. Seria o herói que traria de

volta a seu gêmeo. Seria o curador que ressuscitaria a amargurada e emaranhada massa de sua família e os devolveria a sua anterior condição de saúde e beleza.

Seria o jardineiro.

Phury voltou para o presente quando o feiticeiro falou.

Mas eu tinha razão, não? Seus pais morreram ambos prematuramente e na miséria, seu gêmeo foi usado como uma puta, e você é um demente.

Eu tinha razão, verdade companheiro?

Phury voltou sua atenção à estranha e imensa extensão branca do Outro Lado. Era tão perfeita, tudo estava em ordem, não havia nada desconjurado. As tulipas brancas com seus caules brancos se balançavam em seus leitos ao redor dos edifícios. As árvores não se transbordavam fora dos limites do bosque. Não havia nenhuma má erva a vista.

Perguntou-se quem cortava a grama, e teve o pressentimento de que a erva, como todo o resto, simplesmente crescia assim.

Devia ser agradável.

Capítulo 14

Na mansão da Irmandade, Cormia olhou o relógio que havia em sua escrivaninha outra vez. Fazia uma hora que John Matthew deveria ter vindo procurá-la a para ver um filme e esperava que nada tivesse saído mal.

Passeando-se um pouco mais, deu-se conta que essa noite seu quarto parecia muito pequeno, muito lotado, embora não tivesse nenhum móvel novo e estivesse absolutamente sozinha.

Queridíssima Virgem Escriba, tinha muita energia.

Era pelo sangue do Primale.

Isso e uma esmagadora e insatisfeita urgência.

Deteve-se ao lado da janela, levou a gema dos dedos aos lábios, e recordou o sabor dele, sua textura. Que arrebatamento tão insensato, que êxtase tão glorioso. Mas, por que teria se detido? Essa pergunta esteve dando voltas em sua cabeça. Por que não tinha seguido? Sim, o medalhão o convocou, mas como Primale tudo se fazia segundo seus termos. Ele era à força da raça, o governante das Escolhidas, livre para ignorar a qualquer e a todas as vontades.

A única resposta a fez adoecer do estomago. Tinha sido por seus sentimentos para Bela? Pensou que estava traindo a quem amava?

Era difícil definir o que era pior: ele estando com ela e todas suas irmãs, ou ele não estando com nenhuma delas porque entregou o coração a outra.

Olhando para fora, para a noite, estava segura de que ia se voltar louca se ficava em seu quarto, e seus olhos se viram atraídos para a piscina com sua superfície ondulante. O suave movimento recordava os profundos banhos do Outro Lado, e levava implícita a promessa de

brindá-la com uma pacífica pausa de tudo o que tinha em mente.

Antes de dar-se conta Cormia abandonou o dormitório, atravessou a porta e estava fora no corredor. Movendo-se rápida e silenciosamente sobre seus pés descalços desceu pela magnífica escada para o vestíbulo e cruzou o chão de mosaicos. Na sala de bilhar, usou a porta que tinha utilizado John a noite anterior para sair ao exterior e se liberou da casa.

De pé sobre as frias pedras do terraço, deixou que seus sentidos se estendessem na escuridão e percorreu com os olhos o que podia ver do sólido muro que rodeava a propriedade. Parecia não ter nenhum perigo. Nada se movia entre as flores e árvores do jardim exceto o denso ar da noite.

Olhou para trás, à sólida casa. As luzes brilhavam nas janelas emolduradas de ferro, e podia ver os doggens movendo-se em seu interior. Havia muita gente perto se por acaso necessitava ajuda.

Entrecerrou as portas quase as fechando por completo, recolheu a barra de sua túnica, e correu atravessando o terraço em direção à água.

A piscina era retangular e estava rodeada com as mesmas pedras negras plainas que cobriam a terraço. A seu redor havia cadeiras largas feitas de tiras entrelaçadas e mesas com superfícies de vidro. Em um dos flancos, havia um dispositivo negro com um tanque branco. As flores em vasos de barro contribuíam com cor.

Ajoelhando-se, provou a água, à luz da lua sua superfície parecia oleosa, provavelmente porque o fundo da piscina fosse feito de fileiras das mesmas pedras negras que a rodeavam. A forma em que estava construída não se parecia com os banhos de seu lar; não havia níveis graduais para entrar, e suspeitava que tivesse uma profundidade considerável. Entretanto, não corria perigo de ficar presa. Os intervalos regulares nos laterais, havia partes curvas que podiam utilizar para te ajudar a sair da água.

Primeiro colocou um dedo do pé e logo o pé inteiro, a superfície da piscina ondeou pela penetração, como se a água aplaudisse animando-a.

A sua esquerda havia escadas, degraus pouco profundos que eram claramente o modo de entrar. Foi para eles, tirou a túnica e entrou nua na piscina.

Seu coração palpitava com força, mas ah, o luxo da suavidade da água o regulou. Continuou avançando até que esteve coberta por esse suave abraço imóvel do peito até os pés.

Que encantado era.

O instinto ditou que empurrasse com os pés, e assim o fez, seu corpo se deslizou para frente em um movimento leve. Descobriu que se tirava o braço para cima e logo os voltava a colocar podia deslocar-se, indo a qualquer lugar que escolhesse... primeiro à direita logo à esquerda, então adiante, adiante, adiante até o final, onde uma magra beira se sobressaía por cima da água.

Terminada a exploração, Cormia colocou-se de costas e continuou flutuando, olhando o céu. As luzes cintilantes que via ali em cima a fizeram pensar no lugar que ocupava entre as Escolhidas e em seu dever de ser uma mais entre muitas, uma molécula que era parte de um

todo. Ela e suas irmãs eram indistinguíveis dentro da magnífica tradição a que serviam: eram como a água, imperceptíveis e fluídas, sem limites; igual às estrelas ali em cima, eram todas iguais.

Olhando o céu da terra, teve outro daqueles fortuitos pensamentos heréticos, só que este não era sobre o desenho da casa ou a respeito do que alguém vestiu ou se gostava de determinada refeição ou não.

Este foi diretamente a sua alma e a marcou como a uma pecadora e uma herege:

Ela não queria ser uma de muitas.

Não com o Primale. Não para ele.

E não para si mesmo.

Do outro lado da cidade, Quinn estava sentado na cama e tinha o olhar fixo no telefone celular que descansava na palma de sua mão. Escreveu um texto que ia dirigido ao Blay e ao John, e só estava esperando para enviar ao bode.

Tinha estado sentado ali pelo que pareciam várias horas, mas provavelmente foi só uma, quando muito. Depois de ter tomado uma ducha para lavá-lo do sangue de Lash, plantou o traseiro no chão e se preparou para o que vinha.

Por alguma razão, não podia deixar de pensar na única coisa agradável, ao menos que ele recordasse, que seus pais fizeram por ele. Foi aproximadamente três anos atrás. Passou meses lhes enchendo o saco para que o permitissem ir a Connecticut a casa de seu primo Sax. Saxton tinha passado a transição e era um pouco selvagem, assim naturalmente era o herói de Quinn. E naturalmente, os pais não aprovavam ao Sax nem a seus pais... quem não estava de todo interessados nas cargas sociais que se auto-impunha a glymera.

Quinn pediu, suplicou e choramingou e não obteve nada por seus esforços. E logo quando menos esperava seu pai o informou que tinha conseguido sair-se com a sua e ia passar o fim de semana no sul.

Alegria. Uma completa e fodida alegria. Arrumou-se três dias antes, e quando subiu na parte traseira do carro depois do anoitecer e o conduziram para a fronteira com Connecticut, havia-se sentido como se fosse o Rei do mundo.

Sim, isso foi um gesto agradável da parte de seus pais.

Claro, que logo se inteirou do motivo pelo que o tinham feito.

A aventura com o Sax não funcionou de tudo bem. Terminou bebendo todo o potável com seu primo durante as horas diurnas do sábado e se pôs tão doente a base de uma combinação letal do Jägermeister e gelatinas feitas com vodca, que os pais de Sax insistiram que fosse a sua casa para recuperar-se.

Ser levado de volta por um de seus doggen foi o passeio da vergonha, e o que era pior, com frequência tinha que pedir ao chofer que se detivesse para vomitar um pouco mais. A única graça era que os pais de Sax concordaram em não dizer nada a seus pais... com a condição de que ele fizesse uma confissão completa quando o tivessem deixado frente à porta principal de sua casa. Era evidente, que eles tampouco queriam tratar com seu pai e mãe.

Quando o doggen estacionou diante da casa, Qhuinn calculou que simplesmente lhes diria que havia se sentido indisposto, o que era certo, e que tinha pedido que o trouxessem de volta a casa, o que não era certo e nunca o seria.

Não obstante as coisas não se desenvolveram conforme o planejado.

Todas as luzes do lugar estavam acesas, a música se derramava no ar, proveniente de uma tenda levantada na parte de atrás. Havia velas acesas em cada uma das janelas; e gente andando por todas as habitações.

—Que bom que conseguisse voltar a tempo — havia dito o doggen que estava ao volante em um tom feliz — Teria sido uma pena que te perdesse isto.

Qhuinn desceu do carro com sua bagagem sem notar o momento em que o criado se foi.

É obvio, pensou. Seu pai terminou seu período como leahdyre da glymera depois de um distinto período de serviço encabeçando o Conselho do Princeps. Esta era a festa para celebrar a tarefa cumprida e realizar a transferência do cargo ao pai de Lash.

E este era o motivo pelo qual o pessoal esteve tão ocupado o último par de semanas. Supôs que sua mãe estava atravessando outro de seus períodos anuais de limpeza geral, mas não. Todo o esmero foi em preparação para esta noite.

Qhuinn se dirigiu à parte de trás da casa, pegando-se às sombras lançadas pelas sebes e arrastando a mochila pelo chão. A tenda tinha um aspecto encantador. Os lustres titilavam com luzes que derramavam seu brilho sobre as mesas revestidas com formosos arranjos de flores e velas. Todas e cada uma das cadeiras foram decoradas com laços de cetim, e nos corredores havia caminhantes que delimitavam a disposição dos assentos. Supôs que a combinação de cores de todo o desenho seria em tons de turquesa e amarelo, refletindo os dois ramos de sua família.

Contemplou os rostos dos convidados, reconhecendo a todos e cada um deles. Toda sua linhagem estava ali, junto com as principais famílias da glymera, e todos os convidados estavam vestidos formalmente, as fêmeas luzindo vestidos de gala, os homens de fraque. Havia jovens revoando como vaga-lumes entre os adultos e os de idade avançada estavam sentados à margem sorrindo.

Permaneceu ali na escuridão, sentindo-se como parte dos trastes da casa que foram retirados antes que chegassem os convidados, outro objeto inútil, e feio que devia ser escondido em um armário, para que ninguém o visse. E não foi a primeira vez que desejou meter os dedos dentro das conchas de seus olhos e pressionar, para destruir assim o que o tinha destruído a ele.

Abruptamente, a grupo ficou em silêncio, e seu pai se dirigiu até o microfone que estava à frente da pista de baile. Quando todos os convidados se reuniram, a mãe de Qhuinn, seu irmão e sua irmã foram situar-se atrás de seu pai, os quatro brilhavam de um modo que não tinha nada a ver com as luzes resplandecentes.

—Se me emprestarem sua atenção — havia dito seu pai na Antiga Língua — eu gostaria de tomar um momento para saudar as famílias fundadoras que estão aqui esta noite — Uma ronda de aplausos — Os outros membros do Conselho — Ronda de aplausos — E ao resto de

vocês que formam parte do coração da glymera assim como os que formam parte de minha linha de descendência — Ronda destes aplausos - dez anos passados como leahdyre foram todo um desafio, mas progredimos muito, e sei que meu sucessor tomará as rédeas com mão firme. Com a recente ascensão do Rei é inclusive mais primitivo que nossos interesses sejam postos em ordem e sejam levados em consideração. Através do contínuo trabalho do Conselho, procuraremos que a raça avance segundo nossa visão... sem olhares ante a oposição pouco meritória daqueles que não entendem o problema tão completamente quanto o fazemos nós...

Houve uma ressonante aprovação neste ponto, seguida de um brinde pelo pai de Lash. Logo o pai de Qhuinn se esclareceu garganta e jogou uma olhada às três pessoas que tinha detrás. Com uma voz ligeiramente rouca, havia dito:

— Foi uma honra servir a glymera... e embora sentirei falta de meu posto, seria negligente por minha parte não confessar que me agrada muitíssimo ter mais tempo para minha família. Verdadeiramente, eles são a razão de minha vida e devo lhes agradecer a calidez e luminosidade que contribuem a meu coração cada dia.

A mãe de Qhuinn fazia voar um beijo e tinha piscado rapidamente. Seu irmão se pôs todo orgulhoso inchando o peito como um Robin (pássaro), com a adoração a seu herói grafite nos olhos. Sua irmã tinha aplaudido e dado saltos, fazendo saltar seus cachos de alegria.

Naquele momento, o rechaço demonstrado a ele como filho, irmão e membro da família foi tão absoluto que nenhuma palavra dirigida a ele ou falada sobre ele poderia ter intensificado sua cansativa tristeza.

Qhuinn abandonou as lembranças quando o golpe de seu pai aterrissou bruscamente na porta, o golpe dos nódulos rompeu o afeto do passado, quebrando repentinamente a cena que tinha em mente.

Pressionou o botão de enviar no celular, colocou o telefone no bolso da camisa, e disse:

— Entre.

Não foi seu pai quem abriu a porta.

Era um doggen, o mesmo mordomo que havia dito que esse ano não devia assistir ao baile da glymera.

Quando o servente fez uma reverência, não tinha intenção que fosse um gesto de respeito específico, e Qhuinn não o considerou desse modo. Os doggen faziam reverências a todo mundo. Foda-se, se interrompiam a um guaxinim assaltando o lixo, seu primeiro movimento antes de afugentá-lo seria a velha rotina de nos inclinemos-pela-cintura.

—Suponho que vou — disse Qhuinn quando o mordomo rapidamente fez os típicos gestos com a mão para proteger do mal de olho.

—Com todo o devido respeito — disse o doggen, com sua frente ainda apontando a seus pés— seu pai solicitou que abandonasse a propriedade.

—Genial — Qhuinn se levantou com a bolsa de lona na qual empacotou sua coleção de camisetas e seus quatro pares de jeans.

Enquanto balançava a correia sobre seu ombro, perguntou-se por quanto tempo estaria pagando o serviço de seu celular. O último par de meses esteve esperando que o cortassem, desde que sua pensão desapareceu repentinamente.

Tinha o pressentimento de que o T-Mobile, estava igual a ele estava BJ(bem fodido).

—Seu pai solicitou que entregasse isto — O doggen não se ergueu ao estender a mão que sustentava um pesado envelope de tamanho comercial.

O impulso de dizer ao servente que tomasse a maldita coisa e que a enviasse por correio aéreo ao traseiro de seu pai foi quase irresistível.

Quinn tomou o envelope e o abriu. Depois de olhar os papéis, tranqüilamente os pegou e voltou a guardá-los. Meteu a coisa na parte de atrás do cinto de seu jeans, e disse:

— Irei esperar meu transporte.

O doggen se endireitou.

— Ao final do caminho de entrada, se me fizer o favor.

— Sim. Seguro. Bem. — O que seja — Necessita um pouco de meu sangue, não é assim?

—Se você fosse tão amável. — O doggen sustentou uma taça de cobre, o fundo da qual estava forrado em vidro negro.

Quinn usou sua navalha do exército suíço, porque sua faca de caça foi confiscada. Abrindo uma nervura com a folha através de sua palma, fechou o punho para espremer algumas gotas vermelhas dentro da taça.

Quando saísse da casa, iriam queimar o sangue como parte de um ritual de limpeza.

Não se tratava somente de desprezar algo defeituoso; estavam-se liberando do mal.

Quinn deixou seu dormitório sem olhar para trás e caminho pelo corredor. Não se despediu de sua irmã, embora ouvisse que estava praticando com a flauta, e deixou a seu irmão em paz para que seguisse recitando versos em latim. Tampouco se deteve na sala de desenho de sua mãe quando a ouviu falando por telefone. E seguro como a merda que continuou caminhando em linha reta quando passou frente ao estúdio de seu pai.

Todos estavam a par de sua partida. A prova estava no envelope.

Quando chegou à parte de baixo, não fechou a magnífica porta principal de um golpe. Não havia nenhuma razão para montar um espetáculo. Todos sabiam que partia. Que era o motivo pelo qual todos estavam tão calculadamente ocupados em vez de estar tomando o chá na sala.

Apostava que se reuniriam tão logo o doggen lhes dissesse que estava fora da casa. Apostava que teriam algum Earl Grey (Mistura de chá preto aromatizado com azeite de bergamota) e alguns pães-doces. Apostava que exalariam um profundo, profundo suspiro de alívio e logo se lamentariam a respeito de quão difícil ia ser manter as cabeças em alto depois do que tinha feito ao Lash.

Quinn vagou pelo longo e sinuoso caminho de entrada. Quando chegou às grandes grades de ferro, estavam abertas. Depois de que as ultrapassou, fecharam-se com um som metálico como se estivessem dado um pontapé em seu traseiro.

A noite do verão era cálida e úmida, um relâmpago brilhou para o norte.

As tormentas sempre vinham do norte, pensou, e isto ocorria em ambas as estações tanto no verão como no inverno. Nos meses frios, as que vinham do norte podiam te sepultar sob tanta neve que se sentia como um...

Wow. Estava tão alterado, que estava falando do clima consigo mesmo.

Deixou a bolsa no meio-fio da calçada.

Supôs que agora deveria mandar uma mensagem ao Blay para ver se podia recolhê-lo. Desmaterializar-se com o peso da bolsa seria complicado e nunca lhe deram um carro, assim que isso é o que havia. Não ia a nenhuma parte rapidamente.

Justo quando ia agarrar o telefone, este soou. Era uma mensagem de Blay: Tem que vir a ficar conosco. Deixe-me te recolher.

Começou a devolver a mensagem a seu amigo, mas então pensou no envelope e se deteve. Pondo o telefone na bolsa, jogou a coisa com seus pertences às costas e começou a andar com o passar do caminho. Dirigiu-se ao leste, porque devido à forma em que estava disposto o caminho, ao escolher fortuitamente que direção tomar decidiu ir para a esquerda e isso apontava ao leste.

Foda-se... agora realmente era um órfão. Parecia que suas íntimas suspeitas se tornaram realidade. Sempre pensou que era adotado ou alguma merda, porque nunca encaixou com sua família... e não só devido ao assunto dos globos oculares díspares. Estava talhado de um tecido diferente. Sempre o tinha estado.

Em parte queria zangar-se, realmente enfurecer-se por ter sido expulso de casa, mas o que era que esperava? Nunca foi um deles, e derrubar a seu primo irmão com uma faca de caça, até se tivesse estado totalmente justificado, era imperdoável.

Também ia custar a seus pais alguns quanto verdes dos grandes.

Em casos de assalto — ou de assassinato, se Lash morrera — se a vítima era um membro da glymera, ele ou sua família deviam pagar uma soma, cujo montante dependia do valor relativo do ferido ou morto. Um jovem macho, pós-transição que, além disso, era o primogênito de uma das famílias fundadoras? Só a morte de um Irmão ou de uma fêmea nobre grávida seria mais custosa. E seus pais eram os responsáveis por cobrir o pagamento, não Qhuinn, já que legalmente não era considerado um adulto até um ano completo depois de sua transição.

O bom, supôs, consistia em que como ainda era tecnicamente menor, não o condenariam a morte. Mas mesmo assim, definitivamente iriam acusá-lo, e a vida tal e como a conhecia tinha terminado oficialmente.

Falando de uma mudança total. Estava fora da glymera. De sua família. Do programa de treinamento.

Salvo submeter-se a uma incompetente mudança de sexo, era difícil imaginar que mais poderia fazer para foder sua identidade.

Como estavam as coisas, tinha até o alvorecer para decidir onde iria esperar a notícia a respeito do que ia acontecer com ele. Blay seria a opção óbvia, exceto por um grande, gordo e peludo problema: dar cobertura a uma pessoa desterrada pela glymera seria como uma

bomba H (bomba de hidrogênio) para o status social dessa família, assim que isso era um de-nenhuma-manera. E John não poderia acolhê-lo tampouco. O tipo vivia com os Irmãos, e isso significava que o lugar de sua residência era tão confidencial que não podia ter convidados, muito menos um convidado a passar a noite de forma semipermanente.

Um que assaltou grosseiramente a um companheiro de treinamento. E estava esperando por seu macaco laranja.

Deus... John. Aquela merda que Lash havia dito.

Esperava que não fosse verdade, mas temia que fosse.

Sempre assumiu que John se mantinha afastado das mulheres porque era ainda mais torpe socialmente do que era Blay. Agora? Obviamente o tipo tinha sérios problemas... e Qhuinn se sentia como um imbecil de proporções épicas por dar a lata a seu companheiro sobre o sexo como fez.

Não era de surpreender que John nunca tivesse querido tomar a uma fêmea quando foram ao ZeroSum.

Maldito Lash.

Merda. Acontecesse o que acontecesse como consequência do que fez com aquela faca, não se arrependia de nada. Lash sempre foi um bastardo, e Qhuinn passou anos querendo arrebentar o focinho do filho da puta. Mas lançar-se sobre o John dessa forma? Realmente esperava que o menino morresse.

E não só porque um cruel bastardo menos no mundo era uma coisa boa.

A realidade era que Lash tinha uma grande boca, e enquanto ele respirasse aquela informação sobre o John não estava segura. E isso era perigoso. Havia alguns na glymera que considerariam que uma merda como essa era uma castração total. Se John alguma vez esperava transformar-se em um Irmão e ser respeitado na aristocracia, se tinha a esperança de aparear-se e formar uma família, ninguém podia saber que tinha sido violado por um macho, muito menos um macho humano.

Merda, o fato de que tivesse sido um humano fazia que tudo isto fosse astronomicamente pior. Aos olhos da glymera, os humanos eram ratos que caminhavam em duas patas. Ser dominado por um deles? Inaceitável.

Não, pensava Qhuinn enquanto caminhava sozinho, não trocaria nada do que tinha feito...

Capítulo 15

Depois de limpar a área das duchas do vestiário, John entrou no escritório, sentou-se na escrivaninha e só Deus soube quanto tempo passou olhando fixamente os papéis, que deveria ter estado acomodando. No silêncio, sentia que pulsava o lábio inchado igual aos nódulos, mas essas eram simples moléstias menores no meio do rugido que embotava sua cabeça.

A vida era muito fodidamente estranha.

A imensa maioria desta passava a um ritmo previsível, os acontecimentos aconteciam a uma velocidade por debaixo do limite ou como muito o igualavam. Não obstante, de vez em quando, as coisas ocorriam à velocidade de um raio, como um Porsche que te passava na estrada e a força de sua velocidade sugava suas portas. A merda chegava de um nada e trocava tudo em um só instante.

A morte da Wellsie foi assim. O desaparecimento de Tohr foi assim.

O ataque de Qhuinn ao Lash foi assim.

E a horrível coisa que aconteceu a John no espaço da escada... Sim, isso, também.

Esta era a versão do destino de ir um passo por diante.

Evidentemente a garganta de Lash tinha estado destinada a ser talhada pelo Qhuinn naquele momento, e o tempo se acelerou para que não pudesse haver nenhuma interferência de ninguém ou de nada mais.

Desistindo do trabalho administrativo, John abandonou o escritório e se dirigiu para a parte posterior do armário. Enquanto entrava no túnel subterrâneo que o levaria de retorno à mansão, odiou a si mesmo por desejar que Lash não sobrevivesse. Não gostava de pensar que era tão cruel, e, além disso, se Lash morria, as coisas seriam mais difíceis para o Qhuinn.

Não obstante, não queria que seu segredo fosse de conhecimento público.

Quando entrou no vestibulo, seu telefone emitiu um assobio. Era Qhuinn: hei deixado casa. Não sei quanto tempo funcionará o tel. M entregarei quando Wrath queira.

Merda. John respondeu rapidamente a seu amigo: Blay está indo para te recolher.

Não houve resposta.

Tentou-o outra vez: Q? Espera ao Blay, não vá sem ele. Podes esperar até quinta-feira.

John se deteve ao pé da escada e esperou uma resposta. A que obteve um minuto depois, era de Blay: Não te preocupe, ocupo-me de Q. T aviso quando tiver notícias dele. Se for mau? O recolho.

Fodidas obrigado.

Geralmente, John teria ido encontrar-se com seus amigos na casa de Blay, mas incluso não podia enfrentar a eles. Como fariam para não pensar nele de maneira diferente? E mais, o que ocorreu ia ficar gravado em suas mentes, tal e como tinha acontecido a ele no começo.

Imediatamente depois do ataque, não podia deixar de pensar no que lhe fizeram. Logo pensou nisso durante a maior parte do dia e todo o tempo durante a noite. Depois era às vezes durante o dia, logo a cada dois dias; até chegar a passar uma semana inteira sem pensar nisso. As noites haviam custado muito, muito mais tempo, mas finalmente até os sonhos se secaram também.

Sim, nesse momento não tinha nenhum interesse em olhar a seus amigos nos olhos sabendo o que estavam pensando. Imaginando. Perguntando-se.

Não, ainda não podia estar com eles.

E, além disso, não podia livrar-se da sensação que todo o assunto de Lash era culpa dele. Se ele não conduzisse com toda essa bagagem, o tipo não o teria atirado a reluzir diante de

seus amigos e não teriam brigado e Qhuinn não ia se pôr todo «Rambo» com seu primo irmão.

Outra vez, aquela fodida merda do espaço da escada causava problemas. Era como se os efeitos secundários do que ocorreu, não fossem acabar nunca, jamais.

Quando John passava frente à biblioteca em seu caminho para o andar de cima, veio o desejo de entrar e se pôs a explorar as estantes até que chegou à seção legal... que tinha uns seis metros de altura. Deus... devia ter aproximadamente setenta volumes sobre leis na Antiga Língua. Claramente os vampiros eram tão litigantes quanto os humanos.

Folheou alguns livros e a partir do código penal se fez uma idéia do que podia ocorrer. Se Lash morria, Qhuinn teria que responder ante o Wrath por um crime de assassinato e as coisas não pintavam bem, já que Qhuinn não foi atacado, por isso não poderia argumentar defesa própria. Sua melhor opção era alegar homicídio justificado por uma causa de honra, mas inclusive isso suportaria um tempo no cárcere, junto com uma elevada multa que teria que ser paga aos pais de Lash. Por outra parte, se Lash vivia, seria uma questão de agressão e lesões com arma mortal, que também conduzia a um tempo entre grades e uma multa.

Ambos os resultados expor o mesmo problema: De acordo com o que John sabia, a raça não possuía cárceres, o sistema penal dos vampiros se foi degradando ao longo de quatrocentos anos antes da ascensão de Wrath. Portanto Qhuinn estaria sob prisão domiciliar em algum lugar até que a prisão fosse construída.

Era difícil imaginar que os pais de Blay estivessem de acordo mantendo a um criminoso sob seu teto indefinidamente. Então, aonde iria o menino?

Com uma maldição, John retornou os volumes encadernados em couro às prateleiras. Enquanto se virava para afastar-se, captou uma visão à luz da lua e se esqueceu do que acabava de ler.

Ao outro lado das janelas da biblioteca, Cormia saía da piscina, os cristais de água gotejavam sobre seu corpo nu, tinha a pele tão suave que parecia polida, os compridos e elegantes braços e as pernas eram graciosos como uma brisa do verão.

OH... Uau.

Como demônios podia Phury manter-se afastado dela?

Quando colocou a túnica, voltou-se para a casa e ao vê-lo ficou paralisada. Quando levantou a mão para saudá-la torpemente se sentiu como um olheiro. Ela vacilou, como se não estivesse segura se a tinham surpreendido fazendo algo indevido, depois devolveu a saudação.

Abrindo a porta, fez os sinais sem pensar:

De verdade sinto chegar tarde.

OH, isso era brilhante. Ela não sabia o LSA...

—Sente me ter visto ou ter chegado tarde? Suponho que me há dito uma dessas duas coisas — Quando deu um toquezinho ao relógio, ela se ruborizou um pouco — Ah, é por ter chegado tarde.

Quando assentiu aproximou-se, seus pés não faziam nenhum ruído, mas deixavam

rastros úmidos sobre as lajes.

— Esperei-te....OH, queridíssima Virgem Escriba. Está ferido.

Tocou-se a contusão da boca, desejando que seu olhar não tivesse sido tão bom na escuridão. Começou a fazer sinais para desviar sua atenção, sentiu-se frustrado pela barreira da comunicação e teve um golpe de inspiração.

Tirando o telefone, escreveu no aparelho: De qualquer forma eu gostaria de ver um filme, que te parece.

Até o momento foi uma noite infernal, e sabia que quando os Irmãos retornassem da clínica e se soubesse que sorte tinha deslocado Lash, as coisas iriam ficar até mais difíceis. Como logo que podia suportar estar em sua própria pele, muito menos em sua própria mente a idéia de sentar-se na escuridão com ela e distrair-se, era tudo o que podia suportar nesse momento.

Ela o estudou durante um momento, entrecerrando os olhos.

— Está bem?

Sim, bem, escreveu. Lamento ter chegado tarde. Realmente eu gostaria de ver um filme.

— Então seria um prazer para mim — disse fazendo uma reverência — Não obstante, eu gostaria de me enxaguar e me trocar.

Os dois voltaram a entrar na biblioteca, subiram pela grande escada e ele se sentiu impressionado. Ela não se comportou como se estivesse muito incômoda, considerando tudo o que viu e isso era atraente, verdadeiramente o era.

Vamos, dispôs-se a aguardá-la enquanto entrava em seu quarto e supunha que ia estar ali um momento, mas retornou imediatamente. E tinha o cabelo solto.

OH, doce Jesus, que visão. Os cachos loiros caíam até os quadris, a cor era algo mais escuro que o pálido habitual do trigo devido a que estava úmido.

— Meu cabelo está molhado — Ruborizando-se, mostrou-lhe um punhado de grampos dourados — o prenderei assim que esteja seco.

Não por minha causa, pensou John enquanto a olhava fixamente.

— Sua Graça?

John despertou e liderou o caminho pelo corredor das estátuas até as portas batentes que marcavam a entrada às habitações do pessoal. Sustentou-as abertas para Cormia e logo se encaminhou à direita, para uma porta acolchoada com painéis de couro que abriu amplamente para revelar degraus atapetados com brilhantes luzes embutidas.

Cormia se recolheu a túnica branca e começaram a subir e ao segui-la, tentou não fixar o olhar nas pontas do cabelo que se frisava sobre a parte baixa de suas costas.

A sala de projeções do terceiro andar tinha o autentico ar das da Metro-Goldwyn-Mayer dos anos 40, dado pelas paredes art déco negras e chapeadas com relevos em forma de flor de lótus e os recarregados candelabros de parede de ouro e prata. As poltronas eram da qualidade que encontraria em um Mercedes e não em um estádio de beisebol: Vinte e uma poltronas de couro estavam agrupadas em três seções, os corredores marcados com mais luzes pequenas. Cada um dos super acolchoados palácios-para-o-traseiro era do tamanho de

uma cama gêmea, e no total tinham mais bebidas que um Boeing 747.

Ao longo da parede traseira da sala de projeção havia milhares de DVDs e ali também havia sanduíches. Junto com uma máquina de pipocas de milho, que não estava conectada, já que não avisaram ao Fritz que iriam, havia um demonstrador da Coca-cola e uma autêntica máquina de caramelos.

Deteve-se e inspecionou os Milk Duds, os Raisinets, os Swedish Fish, os M&Ms e os Twizzlers. Estava faminto, mas também sentia náuseas e teve que submeter-se ante a oleosa sensação que tinha no estômago, mas pensou que talvez Cormia gostaria de comer algo. Enquanto estava ocupada olhando o que a rodeava com os olhos muito abertos, tirou M&Ms, porque eram um clássico, e uma bolsa do Swedish Fish no caso de não gostar do chocolate. Tirou dois copos, encheu-os com toneladas de gelo e serviu duas ricas e escuras cocas.

Assobiando baixo para obter sua atenção, fez-lhe gestos com a cabeça, para a parte dianteira. Cormia seguiu-o, aparentemente fascinada pelas luzes inseridas na parte baixa dos degraus. Uma vez que conseguiu instalá-la em uma das poltronas, correu escada acima e tentou pensar que diabos pôr.

Bem, as de terror, diretamente descartadas, tanto pela delicada sensibilidade dela como pelo pesadelo real em que esteve submerso ele essa noite mais cedo. Certamente... isso eliminava aproximadamente cinquenta por cento da coleção, já que no geral era Rhage o que encomendava filmes ao Fritz.

John evitou a seção do Godzilla porque recordava ao Tohr. Comédias vândalas como American Pie e Wedding Crashers não tinham a categoria suficiente para ela. A coleção de Mary de filmes estrangeiros profundos e significativos era... sim, era muito séria para que John se sentasse para ver inclusive em uma boa noite. Procurava evasão, não um tipo diferente de tortura cansativo. De ação trepidante? De algum modo não pensava que Cormia fosse compreender as sutilezas do Bruce Willis, Stallone ou Arnold.

Isso deixava esses filmes de mulheres que os homens odeiam. Mas qual? Estavam os clássicos de John Hughes: Sixteen Candles, Pretty in Pink, The Breakfast Clube. A seção da Julia Roberts com o Mystic Pizza, Pretty Woman, Steel Magnólias, My best Friend's Wedding... Jennifer Aniston fileira sobre fileira de pouco memoráveis. Tudo da Meg Ryan dos anos noventa...

Tirou um estojo.

Enquanto dava voltas à coisa entre suas mãos, pensou na Cormia dançando sobre a grama. Bingo.

John estava justo dando a volta quando soou seu telefone. O texto de grupo era de Zsadist, que evidentemente ainda estava na clínica de Havers: Lash não tem boa pinta. Tratamento em curso. Manteremos-lhes à corrente.

A mensagem era um toque para todos os da casa e enquanto John o relia, perguntou-se se deveria reenviar-lhe ao Blay e ao Qhuinn. Ao final, voltou a guardar o telefone no bolso, imaginando que esses dois tinham bastante com que lutar sem ter que andar recebendo notícias sobre o estado de Lash. Se o tipo morria, então John ficaria em contato com seus

amigos.

Fez uma pausa e olhou a seu redor. Era completamente surrealista estar fazendo algo tão normal quanto assistir a um filme e o sentiu vagamente inadequado. Mas nesse momento quão único podia fazer era esperar. Ele e todos os outros implicados estavam em ponto morto.

Enquanto se aproximava do aparelho do DVD, e punha o disco sobre a negra bandeja da máquina, tudo o que podia ver era ao Lash atirado sobre aqueles ladrilhos, com medo nos olhos e sangue saindo a fervuras de seu pescoço.

Começou a rezar para que Lash conseguisse.

Inclusive se isso significava que tinha que viver com medo de que seu segredo ficasse exposto, era melhor isso, a que Qhuinn fosse condenado como um assassino e que John carregasse com uma morte sobre sua consciência.

Por favor, Deus, deixa que Lash viva.

Capítulo 16

No centro da cidade no ZeroSum, Rehv teve uma noite de merda e sua chefe de segurança a estava piorando. Xhex estava de pé diante de sua mesa com os braços cruzados, olhando-o por cima do nariz como se fosse merda de cão em uma noite calorosa.

Esfregou os olhos e depois lhe dedicou um olhar feroz.

— E por que me diz que fique aqui?

— Porque está intoxicado e assusta ao pessoal.

O que demonstrava que ao menos tinham meio cérebro, pensou.

— O que aconteceu ontem à noite? — perguntou-lhe suavemente.

— Disse-te que comprei esse solar quatro blocos mais abaixo?

— Sim. Ontem. O que aconteceu a Princesa?

— Esta cidade necessita um clube Gótico. Acredito que o chamarei A Máscara de Ferro.
— inclinou-se para a brilhante tela de seu notebook — O fluxo de efetivo aqui é o suficientemente forte para cobrir um empréstimo para construção. Ou simplesmente poderia emitir um cheque, embora isso faria que nos praticassem outra auditoria. O dinheiro sujo é fodidamente complicado de dirigir, e se me volta a perguntar pela fodida noite passada, vou tirar-te a patadas o traseiro daqui.

— Bom, parece que hoje nos deu de ser corteses.

Quando as presas saíram disparadas dentro de sua boca, esticou o lábio superior.

— Não me provoque Xhex. Não estou de humor.

— Olhe, pode manter a boca fechada, está bem, mas não descarregue a merda que tem na cabeça sobre o pessoal. Não tenho nenhum interesse de terminar limpando os restos interpessoais de seus... por que te está esfregando os olhos outra vez?

Estremecendo-se, jogou um olhar ao relógio. Em meio de sua visão plaina e avermelhada, compreendeu que tão somente tinham passado três horas da última dose de dopamina.

—Já necessita outra dose? — perguntou Xhex.

Não se incomodou em assentir, tão somente abriu a gaveta e tirou um frasquito de vidro e uma seringa de injeção. Tirando-a americana, enrolou uma manga, fez-se um torniquete no braço e logo tentou colocar a fina cabeça da agulha através do selo vermelho que tinha o recipiente.

Não podia conseguir dar no alvo. Sem a percepção de profundidade, navegava através de um espaço vazio, tentando emparelhar a ponta da agulha com o topo da pequena garrafa e obtendo um montão de saltos faltados.

Os symphaths só viam matizes de vermelho e em duas dimensões. Quando a medicação não funcionava, fosse porque estava nervoso ou se saltou uma dose, sua mudança na visão era o primeiro sintoma do problema.

—Olhe, me deixe.

Quando uma quebra de onda de enjôos o atravessou, precaveu-se de que não podia falar, por isso negou com a cabeça e continuou tratando de colocar a seringa de injeção. No ínterim, seu corpo começou a despertar de seu estado de profundo congelamento, as sensações alagaram seus braços e pernas provocando um leve formigamento.

—OK, já tive suficiente de seu ego — Xhex deu a volta a mesa ficando em modo polivalente — Somente me deixe...

Ele tentou baixá-la manga da camisa a tempo. Não o conseguiu.

—Jesus Cristo — vaiou ela.

Afastou o antebraço afastando o dela, mas era muito tarde. Muito, muito tarde.

—Me deixe fazê-lo — disse Xhex, pondo a mão sobre seu ombro — Simplesmente te relaxe, chefe... e deixa que cuide de ti.

Com mãos surpreendentemente suaves, segurou a seringa de injeção e o frasco, depois estendeu o calamitoso antebraço cheio de hematomas sobre a mesa. Tinha estado cravando-se tanto ultimamente que apesar de quão rápido sanava, suas veias estavam dizimadas, todas inchadas e furadas, cheias de fossas assemelhando-se a estradas com trânsito pesado.

— Vamos utilizar o outro braço.

Enquanto estirava o direito, Xhex atravessou a tampa do frasco com a agulha sem problemas, sugando a que deveria ter sido sua dose normal. Ele negou com a cabeça e levantou dois dedos para que ela dobrasse a dose.

—Isso é muito —disse.

Equilibrou-se para agarrar a seringa de injeção, mas ela a pôs fora de seu alcance.

Golpeou a mesa com o punho, e a atravessou com o olhar, com uma crua demanda em sua expressão.

Pronunciando um par de palavras bem escolhidas, tirou mais medicação do frasco e logo ficou a procurar uma toalhinha desinfetante dentro da gaveta, enquanto ele a observava,

rasgou a coisa para abri-la e desinfetou uma zona sobre a dobra do cotovelo. Depois de cravá-lo, liberou-o do torniquete e pôs o equipamento sobre a mesa.

Ele se afrouxou na cadeira e fechou os olhos. O vermelho persistia inclusive com as pálpebras fechadas.

— Quanto tempo faz que está acontecendo isto? — perguntou-lhe tranqüilamente — As doses duplas? O te injetar sem desinfetar o lugar previamente? Quantas vezes por dia faz isto?

Limitou-se a sacudir a cabeça.

Momentos mais tarde, ouviu-a abrir a porta e dizer ao Trez que aproximasse o Bentley. Justo quando se estava preparando para lançar um dê-nenhuma-fodida-forma, ela tirou um dos casacos de Marta Cibelina do armário.

— Vamos ver o Havers — disse — E se discutir comigo, vou chamar aos moços e vão te tirar deste escritório como um tapete enrolado.

Rehv a olhou furioso.

— Não é... o chefe aqui.

— Certo. Mas pensa que se dissesse a seus moços como tem de infectado o braço se atrasariam sequer em respirar antes de te mover a pulso? Se for agradável, pode que acabe no assento traseiro do carro em vez de no porta-malas. Se for um cretino, será o adorno do capô.

— Que se fodam.

— Tentamo-lo, recorda? E a nenhum dos dois gostamos.

Merda, isso era algo que não necessitava que lhe recordassem nesse momento.

— Seja simpático, Rehv. Não vais ganhar esta vez, assim por que te incomoda em discutir? Quanto antes vá, antes retornará. — olharam-se furiosamente um ao outro até que ela disse — Bem, omite o da dose dupla. Permite que Havers te olhe o braço. Uma palavra: septicemia.

Como se o doutor não fosse imaginar o que estava ocorrendo assim que visse seu braço?

Rehv bateu seu bastão e se levantou lentamente da cadeira.

— Tenho muito calor... para levar casaco.

— E eu o levarei para que quando a dopamina te faça efeito e te esfrie não pegue um resfriado.

Xhex ofereceu o braço sem olhá-lo porque sabia que era um cretino muito cheio de orgulho para apoiar-se nela de outra maneira. E ele precisava apoiar-se nela. Estava fraco como a merda.

— Odeio quando tem razão — disse.

— O que explica por que sempre tem tão mau gênio.

Juntos caminharam lentamente saindo do escritório para o beco.

Ali estava o Bentley esperando, com o Trez atrás do volante. O mouro não formulou perguntas nem fez comentários, como era seu costume.

E, é obvio, todo esse te esmaguem silencio sempre fazia que se sentisse pior, quando deu por si estava agindo como um imbecil.

Rehv não fez caso ao feito de que Xhex o colocasse no assento de trás e se deslizasse a seu lado como se estivesse preocupada de que pudesse enjoar-se no carro ou alguma merda assim.

O Bentley arrancou com a suavidade de um tapete mágico e isso era foddidamente pertinente, já que ele sentia como se estivesse viajando em um. Com sua natureza symphath combatendo contra seu sangue de vampiro, estava-se balançando entre seu lado mau e seu lado meio decente e as mudanças gravitacionais de sua moralidade o faziam sentir nauseabundo como a merda.

Talvez Xhex tivesse razão ao preocupar-se de que fosse ter vontade de vomitar.

Dobraram à esquerda na Trade, conectando com a Décima Avenida e aceleraram em direção ao rio, onde agarraram a estrada. Quatro saídas mais à frente, saíram-se da estrada e se deslizaram por um distrito de classe alta, onde as grandes casas, eretas sobre parcelas grandes como parques estavam separadas da estrada assemelhando reis que esperavam que se ajoelhassem ante eles.

Com sua vista vermelha e bidimensional Rehv não percebia muito com os olhos. Mas com seu lado symphath, sabia muito. Podia sentir as pessoas nas mansões, conhecia os habitantes pelo rastro emocional que emitiam, graças à energia que liberavam seus sentimentos. Enquanto que sua vista era plaina como uma tela de TV, sua percepção das pessoas era em três dimensões. Ficavam registrados como um modelo de ralo psíquico, sua interação de alegria e tristeza, culpa e luxúria, cólera e sofrimento criavam estruturas que para ele eram tão sólidas quanto suas casas.

Embora seu olhar não podia penetrar os muros de contenção e as árvores estrategicamente plantadas, não podia abrir brechas nas pedras e a argamassa das mansões, sua natureza maléfica via os homens e mulheres por dentro tão claramente quanto se estivessem nus de pé diante deles e seus instintos cobrassem vida. Concentrou-se nas debilidades que se filtravam por aqueles ralos emocionais, encontrando as partes mais fracas nas estruturas das pessoas, desejando as escavar ainda mais. Era um gato ardiloso perseguindo um camundongo manso, o caçador com garras que queria brincar com eles até que suas pequenas cabeças sangrassem por seus sujos segredos, suas escuras mentiras e suas vergonhosas preocupações.

Sua parte maléfica os odiava com sossegada indiferença. Sua natureza symphath, considerava que os fracos não eram dignos de herdar a terra. Deveriam comê-la até morrer engasgados. E depois devia amassar seus cadáveres na lama de seu sangue para chegar até a seguinte vítima.

—Odeio as vozes em minha cabeça — disse.

Xhex jogou uma olhada. No resplendor do assento traseiro, seu severo e elegante rosto resultou curiosamente formoso, provavelmente porque era quão única realmente entendia os demônios contra os que lutava e essa conexão a fazia adorável.

—É melhor aborrecer essa parte de ti — disse ela — O ódio te mantém a salvo.

—Combater isto é um caralho.

—Sei. Mas, Toleraria que fosse de outro modo?

—Às vezes, não estou tão seguro.

Dez minutos mais tarde, Trez transpassou as portas da propriedade de Havers e para então as mãos e os pés de Rehv voltavam a estar intumescidos e sua temperatura central tinha descendido. Enquanto o Bentley dava a volta dirigindo-se à parte posterior para logo deter-se frente à entrada da clínica, o casaco de Marta Cibeline foi como um presente do céu e se aconchegou dentro dele para esquentar-se. Quando saiu do carro, notou que a visão avermelhada também retrocedeu, seu olhar voltava a perceber a paleta cheia de cores do mundo normal, e sua percepção de profundidade voltava a colocar os objetos na orientação espacial a que estava acostumado.

—Fico aqui fora — disse Xhex do assento traseiro.

Ela nunca entrava na clínica. Claro que, considerando o que lhe fizeram, podia entender o porquê.

Bateu seu bastão e se apoiou nele.

—Não demorarei muito.

—Demorará tanto tempo como é necessário. Trez e eu esperaremos.

Phury retornou do Outro Lado e tele-transportou o traseiro direto para o ZeroSum. Abasteceu-se com iAm já que Rehv não estava e o mouro ficou a cargo, depois foi a casa e correu até seu dormitório.

Antes de bater à porta de Cormia para dizer que era livre para voltar ao Santuário, ia ter que fumar um néscio para tranqüilizar-se um pouco. E quando falasse com ela, ia prometer que nunca a visitaria como Primale e também diria que ia protegê-la dos falatórios e das críticas.

Também ia esclarecer que lamentava tê-la mantido afastada durante o tempo que passaram deste lado.

Ao sentar-se sobre a cama, com os papéis de fumar na mão, tentou ensaiar o que diria... E terminou pensando em como ela o despiu a noite anterior, em suas elegantes e pálidas mãos atirando de seu cinturão antes de passar a ocupar-se do cinto das calças de couro. Como uma corrente, uma injeção de raivoso erotismo ao vermelho vivo, apoderou-se da cabeça de seu pênis e embora fizesse todo o possível para não pensar nisso, fingindo-se tranqüilo, acalmado e absolutamente controlado era como estar na cozinha de uma casa em chamas.

Tendia a notar o calor e todos os alarmes contra incêndios que se disparavam.

Ah... Mas não durou. O carro de bombeiros e sua equipe de mascarados enluvados chegou em forma de uma imagem de todos aqueles berços vazios. A lembrança foi como uma arma carregada apontada sobre sua cabeça e seguro como a merda extinguiu suas chamas.

O feiticeiro apareceu em sua mente, de pé em seu campo cheio de crânios, delineado contra ao céu cinza.

Enquanto crescia, seu pai estava bêbado noite e dia. Recorda como o fazia sentir isso? Diga-me companheiro, que tipo de papai vai ser para todos esses filhos de suas vísceras,

considerando que está fumado vinte e quatro horas ao dia os sete dias da semana?

Phury deixou o que estava fazendo e pensou no número de vezes que recolheu a seu pai de entre as ervas daninhas do jardim e o levou de volta a casa justo quando o sol começava a sair. Tinha cinco anos a primeira vez que o tinha feito... E tinha estado aterrorizado, temendo não ser capaz de levar o tremendo peso de seu pai a coberto o suficientemente rápido. Que horror. Aquele enredado jardim pareceu grande como uma selva e suas pequenas mãos perdiam uma e outra vez o cabo sobre o cinturão de seu pai. Seu rosto esteve banhado com lágrimas de pânico enquanto comprovava o progresso do sol uma e outra e outra vez.

Quando finalmente conseguiu entrar em casa com seu pai, Ahgony abriu os olhos e esbofeteou ao Phury cruzando seu rosto com uma mão tão grande como uma frigideira.

Eu pretendia morrer ali, idiota.

Nesse momento se produziu um instante de silêncio; logo seu pai estalou em pranto, tinha-o agarrado, abraçado e prometido que nunca tentaria matar-se outra vez.

Salvo que houve uma próxima vez. E uma próxima vez. E uma próxima vez. Sempre com o mesmo intercâmbio ao final.

Phury seguia resgatando-o, porque estava empenhado em que ao voltar para casa Zsadist encontrasse um pai.

O feiticeiro sorriu.

E ainda assim isso não foi o que ocorreu, verdade, companheiro? Seu pai morreu de todos os modos e Zsadist nunca o conheceu.

Afinal de contas, é bom que começasse a fumar assim Z pode experimentar a herança familiar de primeira mão.

Phury franziu o cenho e olhou através das portas duplas do quarto de banho para os serviços. Fechando o punho ao redor da bolsa de fumaça vermelha, começou a levantar-se, decidido a atirá-la pelo vazo.

O feiticeiro riu.

Não será capaz de fazê-lo. Não há forma que possa renunciar a isso. Foda-se. Nem sequer pode deixá-lo durante quatro horas pela tarde sem que tivesse um ataque de pânico. Honestamente, pode imaginar os próximos setecentos anos de sua vida sem fumar alguma vez mais? Vamos, companheiro, seja razoável.

Phury voltou a sentar na cama.

OH, olhe, tem cérebro. Que impressão.

Seu coração o estava matando enquanto terminava de lambar e retorcer o néscio que tinha na mão e o punha entre os lábios. No momento em que tirava o acendedor, soou o telefone do outro lado do quarto.

A intuição lhe disse quem era e quando tirou o celular das calças de couro, viu que tinha razão. Zsadist. E o irmão chamou três vezes.

Enquanto respondia desejou que seu néscio estivesse aceso.

—Sim?

—Onde está?

—Acabo de voltar do Outro Lado.

—OK, pois leva seu traseiro à clínica. Houve uma briga no vestiário. Pensamos que John Matthew a iniciou, mas Qhuinn a terminou esfaqueando ao Lash no pescoço e o menino teve uma parada cardíaca. Dizem que o estabilizaram, mas ninguém sabe o que vai acontecer. Acabo de tentar chamar a seus pais outra vez, só obtenho a secretaria de voz, provavelmente devido a essa festa. Quero-te aqui quando eles chegarem.

Wrath não devia ter dito a Z sobre o grande pontapé no traseiro que lhe tinham dado.

—Olá? —disse bruscamente Zsadist— Phury? Tem algum problema comigo?

—Não —Com um rápido giro à tampa do acendedor e um golpe do polegar, obteve fogo. Voltou-se a pôr o canudo na boca, inclinou-se para acendê-lo e se preparou para o que viria— Mas igualmente, não posso ir.

—O que significa que não pode? Minha shellan está grávida e confinada à cama e eu me arrumei para vir. Preciso-te como representante do programa de adestramento e como membro da Irmandade...

—Não posso.

—Jesus Cristo, posso te ouvir fumando! Deixa os fodidos néscios e fixe seu maldito trabalho!

—Já não sou um Irmão.

Fez-se um absoluto silêncio no telefone. Logo a voz de seu irmão, baixa e quase inaudível disse:

—O que.

Não era uma pergunta. Era mas bem como se Z soubesse a resposta, mas esperasse um milagre de todos os modos.

Phury não podia deixar assim a seu gêmeo.

—Olhe... Wrath me jogou da Irmandade. Ontem à noite. Assumi que lhe havia dito — Phury inalou com força e deixou que a fumaça saísse de entre seus lábios lentamente como o melaço. Tão somente podia imaginar-se como se veria seu gêmeo nesse momento, o RAZR apertado em um punho, os olhos negros pela cólera e o lábio superior deformado retirado para trás.

O grunhido que se disparou em seu ouvido não foi uma surpresa.

—Genial. Bem feito bode.

O telefone ficou mudo.

Phury marcou o número de Z e foi remetido à secretaria de voz. Tampouco foi uma surpresa.

Merda.

Não só queria suavizar as coisas com o Zsadist; queria saber que demônio aconteceu no centro de treinamento. Estava John bem? Estava-o Qhuinn? Ambos os moços tinham um temperamento vivo, como todos os machos recém passados pela transição, mas eram de bom coração.

Lash devia ter feito algo horrível.

Phury fumou o nêscio em tempo recorde. Enquanto enrolava outro e o acendia, decidiu que Rhage lhe contaria os detalhes. Hollywood era sempre uma fonte de...

O feiticeiro negou com a cabeça.

Compreende, companheiro, que Wrath não apreciará que siga colocando o nariz em todos os assuntos da Irmandade. Aqui só é um convidado, um fodido bastardo. Já não é parte da família.

Acima na sala de projeção, Cormia se reclinou em um assento que era tão cômodo quanto o tinha sido a água da piscina, rodeava-a completamente, como a palma de um amável gigante.

As luzes se atenuaram e John desceu à parte dianteira da sala.

Escreveu algo no telefone e logo lhe mostrou a tela.

Está preparada?

Quando assentiu, a sala escura ficou iluminada por uma imagem enorme e o som começou a chegar de todas as partes.

—Queridíssima Virgem!

John estendeu a mão e a pôs em cima da dela. Depois de um momento, acalmou-se e se concentrou na tela propriamente, que estava banhada em matizes de azul. As imagens de humanos apareciam e desapareciam, machos e fêmeas dançando juntos, com os corpos muito juntos e os quadris girando ao compasso da música.

Letreiros em espanhol de cor rosa apareciam a intervalos regulares.

—Isto é quão mesmo a televisão? — perguntou — Funciona da mesma maneira?

John assentiu no mesmo momento que as palavras Dirty Dancing apareciam em rosa.

Repentinamente, apareceu uma máquina dessas às que chamavam carro, descendo por uma estrada rodeada de colinas verdes. Havia gente no carro. Uma família de humanos com um pai, uma mãe e duas filhas.

Uma voz feminina alagou a sala:

—Era o verão de 1963...

Quando John pôs algo em sua mão, apenas pôde suportar afastar o olhar da tela o tempo suficiente para ver o que era. A coisa resultou ser uma bolsa, uma bolsa pequena, de cor marrom escura que estava aberta na parte de acima. Ele fez a pantomima de agarrar algo dela e pô-lo em sua boca, assim colocou a mão dentro. Ao tirá-la tinha pequenas peças redondas multicoloridas e vacilou.

Definitivamente não eram brancos. E inclusive estando deste lado só comeu refeição branca, como era tradição.

Mas francamente, que dano poderia fazer?

Jogou uma olhada a seu redor, inclusive sabendo que não havia ninguém mais com eles e depois, sentindo-se como se violasse a lei, meteu-se uns quantos na bo...

Queridíssima... Virgem... Escriba!

O sabor fez que sua língua cobrasse vida de uma maneira que a fez pensar no sangue. O

que era este alimento? Cormia olhou a bolsa. Havia alguns personagens de desenho animado na parte dianteira do pacote que se pareciam com o doce. M&M's, era o que se lia.

Tinha que comer a bolsa inteira. Agora mesmo. Não importava que o que estava dentro não fosse branco.

Quando comeu mais e gemeu, John se pôs a rir e lhe deu uma bebida em um copo alto que dizia Coca Cola sobre um fundo vermelho. Dentro repicava o gelo e havia um palito perfurando a tampa. Ele levantou a sua e chupou do palito. Ela fez o mesmo e depois retornou a sua bolsa mágica e à tela.

Agora havia um grupo de gente alinhada à beira de um lago, tentando seguir o exemplo de uma bonita fêmea loira que se movia para a direita e depois para a esquerda. A jovem fêmea, Bebê, a que esteve falando no princípio, lutava por conseguir que seu corpo seguisse o passo que todos outros seguiam.

Cormia se voltou para o John para lhe fazer uma pergunta e viu que estava olhando seu telefone com o cenho franzido como se estivesse contrariado.

Algo aconteceu mais cedo essa tarde. Algo mau. John estava muito mais sério do que nunca o tinha visto, mas também era incrivelmente reservado. Embora quisesse ajudar de qualquer forma possível, não ia pressioná-lo.

Como ela guardava muitas coisas para si mesmo, entendia a importância da privacidade.

Deixando-o em paz, acomodou-se na poltrona e permitiu que o filme a envolvesse. Johnny era arrumado, embora não tanto como o Primale e OH, como se movia quando soava a música. E a melhor parte era ver bebê melhorar no baile. Olhá-la mover-se torpemente, praticar, tropeçar e finalmente fazer os movimentos bem faziam que seu coração a aclamasse.

— Adoro isto — disse Cormia ao John — Sinto como se o estivesse vivendo.

No telefone de John apareceu.

Temos mais filmes. Toneladas deles.

— Quero ver — Tomou um gole da fria bebida — Quero ver todos...

De repente, Bebê e Johnny ficaram sozinhos no espaço privado dele.

Cormia ficou paralisada quando se aproximaram um ao outro e começaram a dançar em privado. Seus corpos eram tão diferentes, Johnny era muito maior que Bebê, muito mais musculoso e ainda assim a tocava com reverência e cuidado. E não era o único que acariciava. Devolvia suas carícias, percorria-lhe a pele com as mãos e parecia que adorava o que estava sentindo.

Cormia separou os lábios e se ergueu, aproximando-se mais à tela. Em sua mente, o Primale tomou o lugar de Johnny e ela se converteu em Bebê. Juntos se acariciavam um ao outro com o corpo, friccionando os quadris, fazendo desaparecer a roupa. Estavam sozinhos na escuridão, em um lugar seguro onde ninguém podia vê-los nem interrompê-los.

Era o que aconteceu no dormitório do Primale, só que aqui não se detinham e não havia outras implicações, nenhuma pesada tradição, nenhum medo ao fracasso e suas trinta e nove irmãs ficavam fora do cenário.

Tão simples. Tão real, embora estivesse só em sua mente.

Isto era o que queria experimentar com o Primale, pensou, olhando fixamente o filme. Isto era o que queria.

Capítulo 17

Quando John se sentou junto à Cormia, comprovou seu telefone outra vez por duas razões. A cena sexual o fazia sentir torpe, e estava desesperado por saber um pouco de Qhuinn e Lash.

Maldita seja.

Ele enviou outra mensagem de texto ao Blay, que respondeu imediatamente dizendo que tampouco teve notícias e pensava que já era hora de tirar as chaves do carro.

John deixou o telefone sobre sua coxa. Era impossível que Qhuinn fizesse algo realmente estúpido. Estúpido como pendurar-se no quarto de banho. Não. De maneira nenhuma.

Seu pai, entretanto, era capaz de algo. John nunca conheceu o homem, mas ouviu as histórias de Blay... e viu a prova nesse olho negro que Qhuinn tinha brilhante na noite depois de sua transição.

John sentiu que seu pé tremia ligeiramente e o deteve colocando a palma em seu joelho. Como o filho da puta supersticioso que era, seguia pensando no conto de velhas que dizia que as más notícias sempre vinham de três em três. Se Lash morria, ficariam dois mais.

Pensou nos Irmãos, fora nas ruas com os lessers. E Qhuinn em alguma parte, somente na escuridão noite. E Bela com sua gravidez.

Comprovou o telefone outra vez e gesticulo uma maldição.

—Se precisa ir —disse Cormia— estarei encantada de ficar aqui sozinha.

Começou a negar com a cabeça, e o deteve ao lhe tocar ligeiramente o antebraço.

—Te ocupe do que seja. É óbvio que tiveste uma tarde difícil. Pediria que falasse disso, mas não acredito que o faça.

Só porque estava em sua mente, escreveu: Eu gostaria de poder retornar e não me pôr os sapatos.

—Perdoa?

Bem, merda, agora tinha que explicar-se ou ficaria como um idiota.

Algo mau ocorreu esta noite. Justo antes que passasse, meu amigo me deu este par de sapatilhas que levo postas. Se não me tivesse posto isso, os três teríamos ido antes... Vacilou, pensando que ele e seus amigos se foram antes de que Lash saísse da ducha... De que acontecesse o que aconteceu.

Cormia o olhou por um momento.

—Você gostaria de saber o que eu penso?

Quando assentiu, disse-lhe:

—Se não tivessem sido as sapatilhas, teria se demorado em qualquer lugar que estivesse por outra razão. Teria sido outra pessoa fazendo algo. Ou uma conversa. Ou uma porta que não se abrisse. Do mesmo modo que temos livre-arbítrio, o destino absoluto é imutável. O que se supõe que deve ocorrer, ocorre, de uma forma ou outra.

Meu deus, quando estava no Escritório do centro de treinamento, seguiu a mesma linha de pensamento. Salvo que...

Não obstante é minha culpa. Tratava-se de mim. Tudo ocorreu devido a mim.

—Ofendeu a alguém? — quando John negou com a cabeça, perguntou — Então como pode ser sua culpa?

Não podia entrar em detalhes. De maneira nenhuma. Simplesmente o é. Meu amigo fez algo horrível para salvar minha reputação.

—Mas essa foi sua eleição, como macho de valor — Cormia apertou seu antebraço — Não lamente seu livre-arbítrio. Em lugar disso, se pergunte o que você pode fazer para ajudar agora.

Sinto-me tão malditamente impotente.

—Essa é sua percepção. Não a realidade — disse em voz baixa — Vê e pensa. O caminho virá a ti. Sei.

Sua tranqüila fé nele era ainda mais poderosa porque se percebia em seu rosto, não simplesmente em suas palavras. E era exatamente o que ele necessitava.

É realmente estupenda, escreveu.

Cormia avermelhou de prazer.

—Obrigado, senhor.

Só John, por favor.

Entregou o controle e se assegurou de que soubesse como dirigi-lo. Quando o entendeu de primeira, não se surpreendeu. Era muito parecida com ele. Seus silêncios não significavam que não fosse inteligente.

Inclinou-se ante ela, o que o fez sentir-se um pouco estranho mas parecia ser o adequado, e logo se largou dali. Enquanto descia as escadas até o segundo piso, enviou uma mensagem de texto ao Blay. Passaram perto de duas horas da última vez que tiveram notícias de Qhuinn, e definitivamente era hora de ir investigar. Como era provável que tivesse seus pertences pessoais com ele, a desmaterialização não era uma opção, assim não podia ter ido longe, porque não tinha carro. A menos que tivesse pedido a um dos doggen da família que o levasse a alguma parte?

John empurrou as portas duplas, que se abriram para o corredor com estátuas e pensou que Cormia tinha muita razão: ficar sentado sobre o traseiro não ajudaria ao Qhuinn, enquanto lutava com o problema de ser expulso de sua família, e não ia alterar o fato de se Lash vivia ou morria.

E por muito incômodo que se sentisse pelo que seus amigos ouviram, ambos eram mais importantes que essas palavras que foram pronunciadas tão cruelmente no vestiário.

Justo quando chegava às escadas, seu telefone se iluminou com uma mensagem de texto.

Era de Zsadist: Lash teve uma parada. Não era bom.

Qhuinn caminhava por um lado do caminho, com a mochila golpeando seu traseiro a cada passo que dava. Mais adiante, um relâmpago serpenteou no céu e iluminou os carvalhos, convertendo seus troncos no que parecia uma linha de vândalos de ombros largos. O trovão que seguiu não estava muito longe, sentia-se o ozônio no ar. Tinha o pressentimento de que estava a ponto de empapar-se.

E assim foi. A princípio, as gotas da tormenta eram grosas e espaçadas, mas depois se voltaram menores e freqüentes, como se as grandes tivessem saltado das primeiras nuvens e as crias as tivessem seguido só depois de que fosse seguro fazê-lo.

A água que caía sobre a mochila de náilon soava como pequenos estalos, e o cabelo no alto de sua cabeça começou a esmagar-se. Não tomou medidas para proteger-se, porque a chuva ia ganhar. Não tinha guarda-chuva e não estava disposto a ficar de pé sob um carvalho para refugiar-se.

Extra-rangente não era considerado para nada boa pinta.

O carro se deteve no caminho detrás dele, uns dez minutos depois que tinha começado a chover. Os faróis dianteiros iluminaram suas costas e delinearam sua sombra no pavimento frente a ele. O resplendor se voltou mais brilhante quando o gemido do motor deixou de aproximar-se.

Blay veio atrás dele.

Deteve-se e se virou, defendendo os olhos com o antebraço. Sob as luzes a chuva formava um fino desenho branco, e a névoa flutuava frente aos faróis, recordando-o alguns episódios do Scooby-Doo.

—Blay, poderia apagar as luzes? Estão-me cegando.

A noite se tornou escura e as quatro portas do carro se abriram, não se via nenhuma luz interior.

Lentamente Qhuinn deixou cair a mochila ao chão. Estes não eram lessers, eram machos de sua espécie. O qual, em vista que estava desarmado, era só moderadamente reconfortante.

As portas se fecharam com uma sucessão cíclica de pams. Quando outro raio relampejou no céu, teve uma visão do que se enfrentava: os quatro vestidos de negro e com capuzes que cobriam suas feições.

Ah, sim. A tradicional guarda de honra.

Qhuinn não correu quando um por um foram tirando seus paus negros; colocou-se em posição de luta. Ia perder e perder muito bem, mas maldita seja, cairia com os punhos ensangüentados e os dentes destes meninos no chão.

A guarda de honra o rodeou na clássica posição para dar uma surra, e ele deu voltas no lugar, esperando o primeiro golpe. Estes eram tipos grandes, todos de seu tamanho, e seu propósito era exigir uma compensação física a seu corpo pelo que fez ao Lash. Como isto não era um rythe, a não ser uma revanche, podia defender-se.

Então Lash devia ter sobrevivido...

Deram-lhe com um dos paus na parte de atrás do joelho, e foi como ser eletrificado por um Taser. Esforçou-se por conservar o equilíbrio, sabendo que se caía estava fodido, mas alguém mais se encarregou de sua outra perna lhe dando um formidável golpe seco no músculo da coxa. Quando aterrissou sobre suas mãos e joelhos, os paus o golpearam nos ombros e nas costas, mas se equilibrou e apanhou a um dos guardas por ambos os tornozelos. O tipo tentou afastar-se, mas Qhuinn conservou seu prêmio, causando uma brusca mudança no centro de gravidade do homem. Felizmente, enquanto o bastardo caía como uma bigorna, foi o bastante amável para levar-se a um de seus amigos com ele.

Qhuinn necessitava um pau. Essa era sua única possibilidade.

Em um arranque impressionante, tentou tomar a arma do que tinha derrubado, mas outro pau o golpeou totalmente o pulso. A dor foi como um anúncio de néon rezando está fodido, e sua mão ficou instantaneamente incapacitada, pendurando frouxa e inútil de seu braço. O bom era que era um filho da puta ambidestro. Agarrou o pau com a esquerda e o cravou ao que estava diante dele, justo no joelho.

Depois disso as coisas ficaram divertidas. Ficar de pé estava descartado, assim é que foi letalmente rápido em terra, indo atrás de suas pernas e testículo. Era como estar rodeado de cães de presa que se equilibravam e se retiravam, segundo para onde se girasse.

Estava começando a pensar que realmente poderia mantê-los apartados, quando um deles agarrou uma pedra do tamanho de um punho e a lançou à sua cabeça. Agachou-se a tempo, mas a muito cadela ricocheteou no chão... e o acertou justo na têmpora. Deteve-se durante um instante, e isso foi tudo o que precisaram. Amontoaram-se sobre ele, e começou a verdadeira surra. Encolhendo-se como uma bola, pôs os braços sobre sua cabeça protegendo os órgãos vitais e o cérebro o melhor que pôde enquanto o amassavam.

Supunha-se que não o matariam.

Realmente não deveriam.

Mas um deles chutou a parte baixa das suas costas, acertando diretamente nos rins. Quando se arqueou, porque não pôde evitá-lo, abriu uma fossa em sua defesa que deixou ao descoberto a parte baixa de seu queixo. Foi ali onde acertaram o segundo pontapé.

Sua mandíbula não absorvia bem os golpes... de fato, era um amplificador, já que seus dentes inferiores golpeavam ruidosamente contra os superiores e o crânio absorvia todo o embate do impacto. Atordoados, afrouxou-se, ao soltar os braços, sua posição defensiva se debilitou.

Supunha-se que não o matariam, já que estavam fazendo isto, era porque Lash ainda seguia com vida. Se o tipo tivesse morrido, teria sido levado frente ao Rei pelos pais de seu primo, que teriam exigido sua execução, embora tecnicamente fosse menor de idade. Não, esta surra era um olho por olho por uma lesão corporal. Ou ao menos, assim se supunha que devia ser.

O problema foi que, chutaram-lhe até pô-lo de costas, e logo um deles tomou impulso e plantou ambas as botas de combate no centro do peito de Qhuinn.

Seu fôlego saiu disparado. Seu coração deixou de bombear. Tudo se deteve.

E então foi quando ouviu a voz de seu irmão:

—Não volte a fazer isso. Vai contra as regras.

Seu irmão... Seu irmão...?

Então, isto não era pela ofensa ao Lash.

Isto vinha de parte de sua própria família, para vingar a ofensa a sua honra.

Enquanto Qhuinn boqueava tratando de respirar sem que seus intentos valessem de nada, os quatro ficaram a discutir entre eles. A voz de seu irmão era a mais alta.

—É suficiente!

—Fodido bastardo mutante, merece morrer!

Qhuinn perdeu interesse no drama quando se deu conta que seu coração ainda não tinha começado a funcionar novamente... e nem sequer o repentino pânico que sentiu ao compreendê-lo serviu de arranque à maldita coisa. Sua vista se converteu em um tabuleiro de xadrez e começaram a intumescer-se as mãos e os pés.

Foi nesse momento que viu a luz brilhante.

Merda, o Fade vinha por ele.

—Cristo! Vamos!

Alguém se agachou até ele.

—Voltaremos por ti, bode. E a próxima vez, sem seu fodido irmão.

Houve um revôo de botas, uma série de abrir e fechar de portas, e logo um chiado quando o carro arrancou. Quando outro carro se aproximou, precaveu-se que as luzes que brilhavam sobre ele não eram as da outra vida, a não ser alguém conduzindo outro carro.

Jazendo no lamentável estado em que o deixaram, teve um fugaz pensamento de que talvez ele mesmo poderia golpear o peito. Como em Cassino Royale e fazer reanimação cardiopulmonar a si mesmo.

Fechou os olhos. Bom, se só pudesse fazê-lo ao estilo 007... Nem pensar, não tinha nem a mais mínima possibilidade. Não podia obter que seus pulmões fossem além de inspirações superficiais e seu coração não era mais que um inútil nó de músculos dentro de seu peito. O fato de que já não sentisse dor era ainda mais preocupante.

A seguinte luz branca que o iluminou era como a névoa que flutuava sobre a estrada, uma névoa suave e aprazível que o banhava e acalmava. Quando o iluminou, passou de estar aterrorizado a absolutamente destemido. Isto sabia que, não era um carro. Agora era o Fade.

Sentiu-se levitar afastando do pavimento elevando-se, leve, até que esteve frente à entrada de um corredor branco. No extremo mais afastado, havia uma porta que se sentiu compelido a abrir. Caminhou para ela com urgência crescente, e no momento em que a alcançou, segurou o trinco. Quando sua mão envolveu o metal quente, teve a vaga idéia que uma vez que a atravessasse, tudo acabaria. Estava em um ponto intermédio enquanto não abrisse a porta e cruzasse para o que havia ao outro lado.

Uma vez que estivesse dentro, não haveria forma de retornar.

Justo quando estava a ponto de girar a mão, viu uma imagem nos painéis da porta. Estava imprecisa e fez uma pausa, tratando de averiguar o que era.

OH... Deus... pensou, quando se deu conta do que via.
Santa... merda.

Capítulo 18

Cormia não estava em seu quarto, nem no banheiro.

Enquanto Phury descia ao vestibulo para procurá-la, tomou uma decisão. Se topava com o Rhage, não ia fazer as perguntas que tinha em mente. A merda com os estudantes, os lessers e a guerra já não eram seu território, e seria melhor que se acostumasse a isso.

As questões sobre os Irmãos e os estudantes já não eram assunto dele.

Cormia era sua responsabilidade. Ela e as Escolhidas. E, maldição, estava na hora de que o enfrentasse.

Quando chego à arcada que conduzia ao refeitório Phury se deteve em seco.

—Bela?

A shellan de seu gêmeo estava sentada em uma das cadeiras junto ao aparador, tinha a cabeça inclinada e a mão na barriga. Respirava com pequenos bufos.

Levantou os olhos para ele e sorriu fracamente.

—Olá.

Oh, Deus.

—Olá. O que faz?

—Estou bem. E antes que diga... que deveria estar na cama... justo me dirigia para ali... — seus olhos se deslocaram para a grande escada — É só que neste momento parece um pouco longe.

Em nome do decoro, Phury sempre tomou cuidado de não procurar a companhia de Bela fora das refeições comunitárias, inclusive antes que Cormia se mudasse a casa.

Entretanto este não era o momento para manter as distâncias.

—Por que não me permite te levar?

Houve uma pausa, e se preparou para rebater seus argumentos. Talvez, ela o deixasse ao menos agarrá-la pelo braço...

—Sim. Por favor.

OH... merda.

—Te olhe, te comportando tão razoavelmente.

Sorriu, como se não estivesse levando o susto de sua vida, e foi para ela. Parecia leve como o ar quando a recolheu acomodando um braço sob suas pernas e o outro ao redor de suas costas. Cheirava como as rosas que florescem de noite e algo mais. Algo... não completamente correto, como se os hormônios da gravidez estivessem desequilibradas.

Talvez estivesse sangrando.

—Assim o que, como se sente? —perguntou em uma voz surpreendentemente acalmada

enquanto a carregava para a escada.

— Igual. Cansada. Mas ele o bebê está dando muitos chutes, o que é bom.

— Isso certamente é bom. — Chegou ao segundo piso e percorreu a perna das estátuas. Quando Bela apoiou a cabeça sobre seu ombro, e estremeceu um pouco teve ímpetos de pôr-se a correr.

Precisamente quando chegavam a seu quarto, as portas ao final do corredor se abriram. Cormia as atravessou e titubeou, abrindo muito os olhos.

— Poderia abrir esta porta? — perguntou-lhe.

Ela deu um passo adiante e abriu o caminho para que ele pudesse passar ao interior do quarto. Dirigiu-se sem vacilar à cama e depositou a Bela no ninho criado pelos lençóis e mantas que estavam dobradas.

— Você gostaria de comer algo? — perguntou-lhe, tentando cercar a conversa para ir levando pouco a pouco à parte de vejamos-a-chamar-a-doutora-Jane.

Um pouco do antigo brilho voltou para seus olhos.

— Acredito que esse é o problema... comi muito. Terminei com dois potes de sorvete Ben&Jerry de hortelã com sementes de chocolate.

— Boa eleição, se tratar de afundar a colher — Tentou soar despreocupado ao sugerir — E o que te parece se chamar ao Z?

— Para que? Só estou cansada. E antes que o pergunte, não, não estive de pé mais que a hora que foi permitida. Não o incomode, estou bem.

Ao melhor, mas mesmo assim ia chamar a seu gêmeo. Só que não diante dela.

Jogou uma olhada sobre seu ombro. Cormia estava justo para fora do quarto, uma figura silenciosa, vestida de túnica, e com o formoso rosto cheio de inquietação. Voltou-se para Bela.

— Hei, que diz você, gostaria de ter um pouco de companhia?

— Eu adoraria — Sorriu a Cormia — Tenho no TiVo (um aparelho que grava programas da tv) uma maratona do Project Runway e estava a ponto de vê-los. Quer me fazer companhia?

Cormia o olhou rapidamente aos olhos, e devia ver a súplica em seu olhar.

— Não estou segura do que é isso, mas... sim, eu gostaria de te fazer companhia.

Quando entrou, segurou-lhe o braço e sussurrou:

— Vou procurar ao Z. Se mostrar algum sinal de dor, pulsa asterisco Z no telefone, de acordo? Esse é ele.

Cormia assentiu e disse baixinho:

— Cuidarei dela.

Apertando um pouco o braço, murmurou:

— Obrigado.

Depois de despedir-se, fechou a porta e caminhou pelo corredor uns quantos metros antes de chamar a Z a seu celular. Responde, Responde...

Secretária eletrônica.

Merda.

—Esse não é ele. Esse não é ele!

De pé sob a chuva, na parte mais afastada do beco junto ao McGrider, o senhor D queria agarrar ao assassino que tinha frente a ele e usá-lo como quebra molas em meio da Rua Trade.

—Que merda te passa? —o lesser grunhiu enquanto apontava ao vampiro civil que estava a seus pés - é o terceiro macho que apanhamos esta noite. Mais do que capturamos em um ano...

O senhor D tirou rapidamente sua navalha de metal.

—E nenhum é o que estamos procurando. Assim volta a te armar e sai à rua ou comerei seus ovos para o café da manhã.

Quando o assassino deu um passo atrás, o senhor D se agachou e cortou o casaco do civil. O macho desmaiou e dava a impressão de estar doente, o traje parecia estar folgado e era muito necessário que fizessem uma limpeza a seco. Sua roupa estava toda manchada de sangue vermelho, e seu rosto era como um test Rorschach, puras manchas.

Procurando a carteira, o senhor D teve que reconhecer que até certo ponto estava de acordo com seu subordinado, mas o guardou para si mesmo. Era difícil acreditar que conseguiram levar a cabo três seqüestros em uma noite... mas mesmo assim tinha um susto que se cagava nas calças como se tivesse estado chupando ameixas durante dias.

O problema era que, não tinha boas notícias para levar a Omega, e eram seus Levi's os que estavam em perigo.

— Leve esta coisa à casa da Rua Lowell — disse enquanto uma minivan azul pálido cheio de reforços entrou no beco — Quando voltar a si faça-me saber. Verei se pode nos dizer algo sobre o que estamos procurando.

—O que você diga, chefe. —Chefe foi pronunciado como cretino.

O senhor D considerou tirar sua navalha e esfolar ao filho da puta onde estava. Mas como já despachou a um assassino essa noite, obrigou-se a embainhar a folha e guardar a arma de volta em seu casaco. Nesse momento diminuir o grupo não era uma boa idéia.

—Eu se fosse você cuidava das minhas maneiras, moço — murmurou enquanto dois lessers saíam da minivan e se aproximavam para recolher ao civil.

—Por quê? Isto não é o Texas.

—Certo — O senhor D imobilizou os grandes grupos de músculos do assassino, agarrando ao bode pelas Pelotas, e retorcendo as jóias dessa coroa como se fossem de borracha. O assassino gritou, provando que embora fosse impotente, o ponto débil de um homem seguia sendo a melhor forma de conseguir sua atenção.

—De toda formas não há necessidade de ser grosseiro — murmurou o senhor D enquanto levantava o olhar para o rosto transfigurado do tipo — Sua mãe não te ensinou nada?

A resposta que deu poderia ter sido algo do salmo vinte e três até uma piada de uma loira ou inclusive poderia ter estado recitando uma lista de compra, por tudo o que se entendeu.

Precisamente, quando o senhor D abria a mão, sentiu que o picava cada centímetro quadrado da pele.

Estupendo. A noite ficava cada vez melhor.

—Prenham a esse macho — disse o senhor D — logo voltam aqui. Não acabamos por esta noite.

Para quando a minivan se foi, estava preparado para esfregar uma folha de lixa por todo o corpo. A incrível coceira significava que o Omega queria vê-lo, mas aonde diabos poderia ir ter uma audiência? Estava no centro, e a propriedade mais próxima da Sociedade Lessening estava a uns bons dez minutos de carro e considerando que não tinha notícias para compartilhar, pensava que não era uma boa idéia atrasar-se nem que fosse um pouco.

O senhor D correu pela Trade e verificou os edifícios abandonados. Ao final, decidiu que não podia correr o risco de ter uma audiência com o Omega em nenhum deles. Os sem-teto humanos rondavam por todo o centro, e em uma noite como essa, sem dúvida estariam procurando um lugar para cobrir-se das tormentas. A última coisa que o senhor D precisava era uma testemunha humana, nem que fosse pessoas drogadas ou bêbadas, especialmente considerando que ia levar uma surra.

Alguns blocos mais à frente, encontrou-se com uma obra em construção rodeada por uma cerca de trinta metros de altura. Esteve observando o avanço da construção do edifício da última primavera, primeiro se construiu o exoesqueleto elevando-se da terra, logo a pele de vidro envolveu as vigas, logo o sistema nervoso de cabos e tubos sobrepondo-se a tudo isso. As equipes deixaram de trabalhar pelas noites, o que significava que para sua atual necessidade era o que para um porco encontrar o lodo onde poder derrubar-se.

O senhor D tomou carreira e saltou, aferrou-se com as duas mãos a beira superior da cerca, e passou o traseiro por cima da mesma. Golpeou o chão ficando em cócoras e permaneceu quieto.

Ninguém se aproximou dele e nenhum cão precipitou-se em sua direção, assim com a mente fez que se apagassem algumas lâmpadas em seus receptáculos gradeados e escapulisse em meio das sombras para uma porta que estava — sim! — sem ferrolho.

O edifício tinha o aroma seco do cimento e o gesso, e entrou em seu interior, suas pegadas ressonando a seu redor. O lugar era um espaço padrão para escritórios, um espaço grande e aberto que breve estaria cheio de cubículos. Pobres bastardos. Ele nunca teria podido suportar um emprego de escritório. Primeiro não foi um estudante aplicado, e segundo, se não podia ver o céu se sentia como se fosse gritar.

Quando estava no meio do edifício, colocou-se de joelhos, tirou-se o chapéu de cowboy, e se preparou para um inferno de recriminações.

Precisamente, quando se abria a si mesmo ao Amo, a tormenta pareceu estalar em todo seu esplendor, seus trovões percorreram o centro da cidade, e logo seguiam retumbando ao ricochetear contra os altos edifícios. Uma coordenação perfeita. A chegada do Omega soou justo igual a um trovão e o Amo irrompeu na versão da realidade do mundo de Caldwell, aparecendo de um nada como se estivesse surgindo de um lago. Quando completou sua

chegada, a cortina de fundo formada pela obra em construção oscilou como se fosse de borracha retomando bruscamente sua forma.

A túnica branca se assentou ao redor da negra forma fantasmagórica do Omega, e o senhor D se preparou para disparar todo o discurso de estamos-fazendo-o-melhor-que-podemos.

Mas o Omega falou primeiro:

— Encontrei o que me pertence. Sua morte esta a caminho. Deve me entregar quatro homens, deve conseguir o necessário e deve ir à granja para prepará-la para a iniciação.

De acordo, isso não era o que esperava que saísse da boca do Amo.

O senhor D se levantou e segurou o celular.

— Há um esquadrão na Terceira rua. Direi a eles que venham aqui.

— Não, os recolherei ali e viajam comigo. Quando voltar à granja, me assistirá no que te indique, e logo deverá me brindar um serviço.

— Sim, Amo.

O Omega estendeu os braços, sua túnica branca desdobrando-se como um par de asas.

— Te regozije, porque nos faremos dez vezes mais forte. Meu filho volta para casa.

Dizendo isto, o Omega se elevou e desapareceu, um cilindro de pergaminho caiu ao chão de concreto à esteira de sua partida.

— Filho? — O senhor D se perguntou se tinha ouvido bem — Filho?

Agachou-se e levantou o cilindro de pergaminho. A lista era larga e de certo modo horripilante, mas não exótica.

Barato e fácil. O que era bom porque sua carteira estava fodidamente vazia.

Pôs a lista no casaco e se voltou a pôr o chapéu de cowboy.

Filho?

Do outro lado da cidade na clínica subterrânea de Havers, Rehv esperava em uma sala de reconhecimento, já esgotada toda sua paciência. Olhando o relógio pela milionésima vez, sentiu-se como um piloto de formula 1 cuja equipe de boxes estava formado por anciões de noventa anos.

De todos os modos, que diabos estava fazendo aqui? A dopamina fez efeito e o pânico se evaporou, e agora se sentia ridículo com seus mocassins Bally balançando-se no extremo da maca de um doutor. Tudo era normal e estava sob controle, e pelo amor de Deus, seu antebraço terminaria curando-se. O fato de que estivesse demorando em curar-se, provavelmente significasse que precisava alimentar-se. Uma rápida sessão com a Xhex e estaria preparado para ir-se.

Assim realmente, deveria ir-se, sem mais.

Sim, o único problema com isso era o fato de que Xhex e Trez estavam esperando-o no estacionamento. Se não saía daí com alguma vendagem uso múmia em cima das marcas de agulha, iriam romper seu traseiro como se tratasse de ovos.

A porta se abriu e entrou uma enfermeira. A fêmea estava vestida com um vestido

branco, e sapatos brancos de sola de borracha, uma rotina diretamente saída da Central Casting que formava parte dos antiquados costumes e critérios de Havers. Enquanto fechava a porta manteve a cabeça enterrada em sua história clínica, e embora não duvidasse que estivesse comprovando o que tinha escrito ali, era bem consciente que o valor agregado era que não tinha que encontrar seu olhar.

Todos os doentes faziam o mesmo quando estavam com ele.

—Boa noite — disse rigidamente enquanto passava as paginas — Vou tirar uma amostra de sangue, se não se importar.

—Parece bem — Pelo menos, algo estava ocorrendo.

Enquanto tirava um dos lados de seu casaco de Marta e se tirava o casaco, ela se apressou a lavar as mãos e por as luvas.

Nenhuma das enfermeiras gostava de tratar com ele. Era intuição feminina. Embora não houvesse nenhuma menção em sua história clínica a que era meio symphath, podiam sentir o mal nele. Sua irmã, Bela, e seu antigo amor, Marissa, eram as únicas exceções significativas, porque ambas tiravam seu lado bom: ele lhes tinha carinho e elas o percebiam. Entretanto, quanto ao resto da raça? A gente anônima não significava absolutamente nada para ele, e de algum jeito o belo sexo sempre notava isso.

A enfermeira se aproximou com uma pequena bandeja de tubos e um torniquete de borracha, e ele se arregaçou. Trabalhou rápido e não disse nada enquanto tirava o sangue, logo se dirigiu para a porta o mais rápido que pôde.

—Quanto mais vai demorar? — perguntou antes que pudesse escapar.

—Chegou uma emergência. Vai demorar um momento.

A porta se fechou com um som afogado.

Merda. Não queria deixar o clube só toda a noite. Com o Trez e Xhex fora... Sim, isso não estava nada bem. IAm era um tipo duro, certo, mas inclusive os sólidos valentões necessitavam apoio quando enfrentavam uma multidão de quatrocentos humanos fodidos.

Rehv abriu seu celular, marcou o número de Xhex, e discutiu com ela durante quase dez minutos. O que não foi divertido, mas o ajudou a matar o tempo. Ela não cederia quanto a deixar que ele partisse dali sem ver o médico, mas ao menos conseguiu que aceitasse retornar ao clube com o Trez.

Claro, isso foi só depois que lhes desse uma ordem direta a ambos.

—Bem — disse ela bruscamente.

—Bem — resmungou ele pondo fim à chamada.

Guardou o celular no bolso. Amaldiçoou algumas vezes. Voltou a agarrar a maldita coisa e escreveu: Sinto-o sou um merda. Perdoa-me?

Justo quando ia enviar, chegou uma mensagem de texto dela: Quando se trata deste tema sempre te comporta como um pedaço de merda. Só te levei porque me importa.

Teve que rir, especialmente quando mandou outra mensagem de texto: Está perdoado mas sigo pensando que é uma merda. Falamos depois.

Rehv voltou a guardar o celular no bolso e olhou a seu redor, catalogando os depresores

de língua em seus botes de vidro junto a pia e os punhos do medidor de pressão sangüínea, pendurados da parede e a mesa e o computador montado em uma esquina. Tinha estado nesta sala antes. Esteve em todas as salas de reconhecimento antes.

Ele e Havers tinham estado seguindo a rotina de médico/paciente por bastante tempo, e era uma merda delicada. Se alguém tinha evidências que havia um symphath nos arredores, embora fosse um mestiço, por lei tinham que denunciar ao indivíduo para que pudesse ser afastado da população geral e abandonado na colônia que havia no norte. O que arruinaria tudo. Assim que cada vez que Rehv vinha a uma destas visitas, pinçava no cérebro do bom doutor e abria o que preferia denominar seu baú pessoal no mezanino de Havers.

O truque não era tão distinto ao que os vampiros podiam fazer para apagar as memórias a curto prazo nos humanos, só que mais exaustivo. Depois de pôr ao doutor em transe, Rehv tirava a informação sobre si mesmo e sua «enfermidade», e Havers era capaz de tratá-lo adequadamente, sem todas as desagradáveis ramificações sociais. Quando a consulta acabava, Rehv empacotava seus «pertences» no cérebro do tipo e as voltava a assegurar, as encerrando na casca cerebral do doutor até a próxima vez.

Era um pouco oculto? Sim. Havia outra opção? Não. Necessitava o tratamento, não era como Xhex, que conseguia sufocar seus impulsos por si mesmo. Embora só Deus soubesse como o fazia...

Rehv se endireitou, sua coluna vertebral formigou como alagada por uma corrente, seus instintos ficaram em estado de alerta.

Sua palma encontrou o bastão e desceu da maca, aterrissando sobre dois pés que não podia sentir. A viagem até a porta era de três passos, e logo sua mão tomou o pomo e o girou. Fora, o corredor estava vazio em ambas as direções. Longe à esquerda, o posto de enfermeiras e a sala de espera pareciam ocupados como sempre. À direita, havia mais habitações de pacientes e mais à frente, as portas duplas que levavam a depósito de cadáveres.

Sem dramas.

Sim... nada parecia desconjurado. O pessoal médico se movia com determinação. Alguém tossiu na sala do lado. O zumbido do sistema de ventilação, calefação e ar condicionado emitia um constante ruído de fundo.

Entortou os olhos para poder enfocar bem o olhar e se sentiu tentado a deixar sair seu lado symphath, mas era muito arriscado. Logo acabava de estabilizar-se. Pandora e sua caixa tinham que permanecer fechadas.

Inundando-se novamente na sala de reconhecimento, tirou o celular e começou a marcar o número de Xhex para pedir que retornasse à clínica, mas a porta se abriu antes que a chamada se iniciasse.

Seu cunhado, Zsadist, colocou sua cabeça.

—Ouvi que estava aqui.

—Hei! — Rehv guardou o celular e atribuiu a quebra de onda de ansiedade à paranóia que parecia atacá-lo com as dose dupla. Ah! A alegria dos efeitos secundários.

Merda.

— Me diga que não está aqui por causa de Bela.

—Não. Ela está bem. — Z fechou a porta e se reclinou contra ela, encerrando aos dois eficazmente.

Os olhos do Irmão estavam negros. O que significava que estava de saco cheio.

Rehvenge aproximou o bastão e o deixou pendurando entre suas pernas no caso de necessidade. Ele e Z tinham estado tolerando um ao outro de bom grau desde que o Irmão e Bela iniciaram sua relação, mas as coisas podiam trocar. E dado o modo em que esse olhar agora estava escuro como o interior de uma cripta, evidentemente tinham mudado.

—Tem algo em mente, grandalhão? — perguntou Rehv.

—Quero que me faça um favor pessoal.

O termo favor foi como uma má palavra.

—Fala.

—Não quero que abasteça mais a meu irmão. Vais cortar seu fornecimento. — Z se inclinou para diante, deixando os quadris apoiados contra a porta — E se não o fizer, farei que te seja impossível vender nenhuma fodida palha de coquetel nesse teu antro.

Rehv deu um golpe com a ponta do bastão na maca e se perguntou se o Irmão trocaria o tom se soubesse que os benefícios do clube mantinham ao irmão de seu shellan fora da colônia sympath. Z sabia o da mestiçagem; não sabia nada sobre a princesa e seus jogos.

—Como está minha irmã? — perguntou Rehv arrastando as palavras— Se encontra bem? Está tranqüila? Isso é importante para ela, não? Não desgostar-se desnecessariamente.

Zsadist entreceitou os olhos até formar duas frestas, seu rosto com cicatrizes se converteu no tipo de coisas que se vêem nos pesadelos.

—Realmente não acredito que queira seguir por esse caminho, verdade?

—Me fode o negócio e as repercussões também a danificam. Confia em mim — Rehv colocou o bastão de forma que ficasse vertical em sua palma — Seu gêmeo é um macho adulto. Se tiver problemas com seu vício talvez deva falar com ele, né.

—OH! Vou encarregar-me de Phury. Mas quero sua palavra. Não lhe venderá mais.

Rehv olhou seu bastão enquanto este se mantinha vertical no ar, perfeitamente equilibrado. Fazia tempo que fez as pazes com sua linha de trabalho, sem dúvida com a ajuda de seu lado symphath, que fazia que se aproveitasse da fraqueza de outros fosse uma espécie de imperativo moral.

A maneira em que justificava seu tráfico era que as eleições de seus clientes não tinham nada que ver com ele. Fodiam suas vidas devido ao que lhes vendia, era seu direito... e não era diferente das maneiras socialmente mais aceitáveis que as pessoas faziam para destruir a si mesmas, como comendo até ter doenças cardíacas devido ao que McDonalds vendia, ou bebendo até ter uma falha renal graças à boa gente do Anheuser-Busch, ou jogando em cassinos até que perdiam suas casas.

As drogas eram um artigo e ele era um empresário, e os consumidores de drogas encontrariam a devastação em outro lugar se suas comportar se fechassem. O melhor que podia fazer era garantir que se compravam dele, sua merda não estaria poluída com cheios

perigosos, e a pureza era consistente de maneira que pudessem cortar sua dose com confiança.

—Sua palavra, vampiro — grunhiu Zsadist.

Rehv baixou o olhar à manga que cobria seu antebraço esquerdo e pensou na expressão do rosto de Xhex quando viu o que se tinha feito. Estranhos paralelismos. Só porque a droga que se injetava era receita, não significava que fosse imune a abusar da merda.

Rehv levantou o olhar, então fechou as pálpebras e deixou de respirar. Estendeu-se através do ar entre ele e o Irmão e entrou na mente do macho. Se... sob seu aborrecimento subjazia um absoluto terror.

E lembranças... de Phury. Uma cena de fazia algum tempo... setenta anos ou assim antes... um leito de morte. De Phury.

Z estava envolvendo a seu gêmeo com mantas e aproximando-o de um fogo de carvão. Estava preocupado... Pela primeira vez desde que perdeu sua alma durante a escravidão, estava olhando a alguém com preocupação e compaixão. Na cena, secou a frente de Phury que estava empapada pela febre e logo se atou as armas e partiu.

—Vampiro... — murmurou Rehv — te olhe, acompanhando-o, cuidando-o como uma enfermeira.

—Sai de meu fodido passado.

—Salvou-o, não é certo? — Rehv voltou a abrir os olhos — Phury estava doente. Foste procurar ao Wrath porque não tinha nenhum outro lugar aonde ir. O selvagem se converteu em salvador.

—Para sua informação, estou de mau humor, e me está voltando letal.

—Assim é como ambos acabaram na Irmandade. Interessante.

—Quero sua palavra, Devorador de Pecados. Não um relato aborrecido.

Movido por algo que não queria nomear, Rehv se colocou a mão sobre o coração. Na Antiga Língua, disse claramente:

—Aqui e agora te faço uma promessa solene a ti. Nunca mais seu gêmeo de sangue sairá de meu estabelecimento levando drogas.

A surpresa cintilou no rosto com cicatrizes de Z. Depois assentiu.

—Dizem que nunca se deve confiar em um symphath. Assim vou confiar na metade de ti que é o irmão de minha Bela, compreendido?

—Boa idéia — murmurou Rehv enquanto deixava cair a mão — Porque esse é o lado com o que tenho feito a promessa. Mas me diga algo. Como te assegurará de que não compre de alguém mais?

—Para ser honesto, não tenho nem idéia.

—Bem, a melhor das sortes com ele.

—Vamos precisar — Zsadist se dirigiu para a porta.

—Ouça, Z?

O Irmão olhou por cima do ombro.

—O que?

Rehv se esfregou o peitoral esquerdo.

—Há... ah! Não captaste uma má vibração esta noite?

Z franziu o cenho.

—Sim, mas que diferença há? Não tive uma boa noite em só Deus sabe quanto tempo.

A porta se fechou lentamente, e Rehv voltou a pôr a mão sobre o coração. A maldita coisa andava rápido sem motivo aparente. Merda, ao fim e ao cabo era melhor que visse o doutor. Sem importar quanto demorasse...

A explosão rasgou a clínica retumbando como se fosse um trovão.

Capítulo 19

Phury se materializou entre os pinheiros que havia detrás das garagens da clínica de Havers, justo quando os alarmes de segurança do lugar começaram a soar. Os estridentes gritos eletrônicos faziam que os cães da vizinhança ladrassem, mas não havia perigo de que se chamasse à polícia. Os sons de advertência estavam calibrados para que fossem muito altos para os ouvidos humanos.

Foda... Estava desarmado.

Foi correndo para a entrada da clínica de todos os modos, preparado para lutar com as mãos nuas se tivesse que fazê-lo.

Era um cenário ainda-mais-mau-que-pior. A porta de aço pendurava aberta como um lábio partido, e dentro do vestibulo as portas do elevador foram forçadas expondo um túnel com suas veias e artérias de cabos e arames. Abaixo, o teto da caixa do elevador tinha um buraco produto de uma explosão, o equivalente a um balaço no peito de um macho.

Aspirais de fumaça e o aroma de talco de bebê se elevavam, subiam da clínica subterrânea montados sobre uma corrente de ar. A combinação de doce e amargo, junto com os sons de luta que chegavam de abaixo, fizeram que Phury descobrisse as presas e fechasse os punhos.

Não perdeu tempo perguntando-se como os lessers descobriram onde estava a clínica, e não se preocupou tampouco pela escada que tinha embutida na parede de concreto do espaço do elevador. Desceu de um salto e aterrissou na parte do teto do elevador que ainda era sólida. Outro salto o levou através da parte voada e se encontrou enfrentando um caos total.

Na sala de espera da clínica, um trio de assassinos com cabelo branco estavam dançando com o Zsadist e Rehvenge, a luta tinha feito pedaços o pé das cadeiras de plástico, as revistas tediosas e as novelas tristes. Os pálidos bastardos obviamente eram veteranos bem treinados, dado o forte que eram e o seguro de si mesmos que se sentiam, mas Z e Rehv tampouco ficavam atrás.

Com o combate movendo-se tão rápido, sua única opção era saltar dentro e unir-se. Phury agarrou uma cadeira de metal que estava perto do balcão de recepção e a balançou

como um taco de beisebol contra o assassino que tinha mais perto. Quando o lesser caiu, levantou a cadeira e o apunhalou no peito com uma das pernas de ferro.

Quando o brilho e o som que faziam ao desaparecer se extinguiram, chegou-lhe uma quebra de onda de gritos do corredor que levava a bloco das habitações dos pacientes.

—Vai! — ladrrou Z enquanto lançava um murro e dava a um dos lessers na cabeça — Os reteremos aqui!

Phury atravessou voando as portas duplas de vaivém.

Havia corpos no vestíbulo. Muitos. Jazendo sobre o pálido linóleo verde inundados em atoleiros de sangue vermelho.

Embora o matasse não deter-se para checar o estado dos que ia passando, tinha que centrar-se no pessoal médico e quão pacientes estavam definitivamente muito vivos. Um grupo deles fugia para ele absolutamente aterrorizado, suas batas brancas e as camisolas de hospital ondeando atrás deles como se tratasse de um lençol posto a secar ao vento.

Atalhou-os agarrando-os pelos braços e ombros.

—Entrem nas habitações dos pacientes! Tranquem-se dentro! Fechem essas malditas portas!

—Não há fechaduras! — gritou alguém — E estão levando aos pacientes!

—Maldita seja! — olhou a seu redor e viu um rótulo — Esse armário de remédios tem fechadura?

Uma enfermeira assentiu enquanto soltava algo da cintura. Com mão tremente entregou uma chave.

—Embora só do exterior. Terá que... trancar-nos.

Fez-lhes gestos com a cabeça para a porta onde se lia: SÓ PESSOAL.

—Se movam.

O desconexo grupo se arrastou e agrupou na sala de trinta por trinta que tinha estantes para remédios e fornecimentos do chão ao teto. Enquanto fechava a porta, soube que nunca esqueceria a maneira em que se viam, apinhados sob as luzes fluorescentes do teto: sete rostos assustados, quatorze olhos suplicantes, setenta dedos que se encontravam e se uniam entre si até que seus corpos separados formaram uma sólida e única unidade de temor.

Estas eram pessoas que conhecia: pessoas que cuidaram dele com o tema de sua prótese. Pessoas que eram vampiros como ele. Pessoas que desejavam que esta guerra terminasse. E se viam forçados a confiar nele porque nesse momento tinha mais poder que eles.

Assim que isto era o que se sentia ser Deus pensou, não o invejando em nada o trabalho.

—Não lhes esquecerei — Disse e fechou a porta, passou a chave e se deteve por um segundo. Ainda lhe chegavam sons de luta da área de recepção, mas todo o resto estava em silêncio.

Não mais pessoal. Não mais pacientes. Esses sete eram os únicos sobreviventes.

Dando as costas ao armário de fornecimentos, afastou-se do lugar onde Z e Rehv estavam lutando, rastreando um penetrante aroma adocicado que o levava em sentido contrário. Passou correndo frente ao laboratório de Havers, também deixou atrás a oculta sala

de quarentena onde Butch esteve alguns meses atrás. Ao longo de todo o caminho, foi encontrando manchas negras de rastros deixados pelas reveste das botas de combate meladas com sangue vermelho de vampiro.

Cristo, quantos assassinos tinham entrado aqui?

Qualquer que fosse a resposta, tinha uma idéia de onde se dirigiram os lessers: aos túneis de evacuação e era provável que tivessem seqüestrado gente. A pergunta era, como sabiam da existência desta saída?

Phury abriu bruscamente outro par de portas duplas e colocou a cabeça no depósito de cadáveres. Os bancos de unidades refrigeradas, as mesas de aço inoxidável e as escalas pendentes não foram tocados. Lógico. Queriam só os que estavam com vida.

Entrou mais pelo corredor e encontrou a saída que os assassinos utilizaram para escapar junto com os seqüestrados. Não ficou nada do painel de aço que protegia a entrada do túnel, tinham-na feito explodir igual à entrada traseira e o teto do elevador.

Merda. Uma operação completamente limpa. Entraram e saíram. E estava disposto a apostar que esta era só a primeira ofensiva. Outros deveriam saquear, porque a Sociedade Lessening era assim de medieval.

Phury empreendeu a toda pressa o caminho de volta ao lugar onde se estava desenvolvendo a luta na área de recepção se por acaso Z e Rehv não tivessem acabado com o negócio. Pelo caminho, levou-se o telefone à orelha, mas antes que V respondesse a chamada, Havers pôs a cabeça pela porta de seu escritório privado.

Phury pendurou para poder tratar com o médico, e rogou que o sistema de segurança de V tivesse sido notificado ao disparar os alarmes. Pensou que provavelmente assim foi, já que se supunha que os sistemas estavam interconectados.

—Quantas ambulâncias tem? — perguntou aproximando-se de Havers.

O médico piscou detrás de seus óculos e levantou a mão. Em seu tremente punho havia uma nove milímetros.

—Tenho uma arma.

—A qual meterá em seu cinturão e não usará. — A última coisa que precisavam era o dedo de um aficionado no gatilho — Vamos, guarda-a e te centre em mim. Temos que tirar os vivos fora daqui. Quantas ambulâncias tem?

Havers manipulou torpemente o canhão da Beretta tratando de meter-lhe no bolso, e fez que Phury se preocupasse com a possibilidade de que se pegasse um tiro no traseiro.

—C- c- quatro...

— Me dê isso — Phury tomou a arma, verificou que o seguro estivesse em seu lugar, e a meteu no cinto da calça do doutor — Quatro ambulâncias. Bem. Precisaremos de condutores...

Cortou-se a eletricidade, ficando tudo escuro como a boca de um lobo. A repentina escuridão o fez perguntar se o segundo grupo de assassinos não estaria descendo pelo espaço do elevador.

Quando o gerador de apoio ficou em funcionamento e as luzes de segurança piscaram,

segurou o braço do doutor e deu uma sacudida ao macho.

—Podemos chegar às ambulâncias através da casa?

—Sim... a casa, minha casa... túneis... — Três enfermeiras apareceram detrás dele. Estavam mortas de medo, brancas como as luzes de emergência que havia sobre suas cabeças.

—OH, Virgem querida — disse Havers — a doggen da casa. Karolyn...

—Me encarregarei deles — disse Phury — Os encontrarei e os tirarei. Onde estão as chaves das ambulâncias?

O médico se estirou até detrás da porta.

—Aqui.

Obrigado.

—Os lessers encontraram o túnel do sul, assim teremos que tirar todos pela casa.

—B- bem.

—Começaremos a evacuação logo que tenhamos esta instalação temporalmente assegurada — disse Phury — Vocês quatro permaneçam trancados aqui até que tenham notícias de um de nós. Serão nossos condutores.

—C- como nos encontraram?

—Não tenho idéia — Phury empurrou ao Havers de volta ao consultório, fechou a porta, e gritou ao tipo que se trancasse.

Para quando voltou para a recepção, a luta tinha terminado, o último lesser estava sendo apunhalado para o esquecimento pela espada vermelha de Rehv.

Z se enxugou a frente com a mão deixando um borrão negro. Levantando o olhar, perguntou ao Phury:

—Estado?

—Pelo menos nove mortos entre membros do pessoal e pacientes, número desconhecido de seqüestros, a área não está assegurada — Porque só Deus sabia quantos lessers estavam ainda dentro do labirinto de corredores e habitações da clínica — Sugiro que estabilizemos a entrada e o túnel do sul igual à saída para a casa. A evacuação requererá o uso da escada traseira à casa e logo uma rápida saída com ambulâncias e veículos privados. O pessoal médico conduzirá. O destino é a localização da clínica de apoio na Rua Cedar.

Zsadist piscou durante um minuto, como se surpreendesse pela clara lógica.

—Muito bem.

Um instante depois chegou a cavalaria, Rhage, Butch, e Vishous aterrissaram um, dois, três no elevador. O trio estava armado como tanques e de saco cheio.

Phury jogou uma olhada a seu relógio.

—Eu vou levar aos civis e ao pessoal fora daqui. Vocês se encarreguem de encontrar a qualquer lesser solto que haja na instalação e façam de comitê de bem-vinda para a próxima quebra de onda.

—Phury — chamou Zsadist enquanto se virava.

Quando Phury olhou por cima do ombro, seu gêmeo lhe atirou uma do par do SIGs que sempre carregava consigo.

—Te cuide — disse Z.

Phury tomou a arma e assentiu com a cabeça e se foi correndo pelo corredor. Depois de fazer um balanço rápido das distâncias entre o armário médico de fornecimentos, o consultório de Havers, e o espaço da escada, sentiu como se os três pontos estivessem separados por quilômetros, não metros.

Abriu a porta do oco da escada. As luzes vermelhas de segurança resplandeciam e havia um absoluto silêncio. Movendo-se rapidamente, subiu os degraus, inseriu o código da fechadura da porta da casa, e apareceu a cabeça a um corredor com painéis de madeira. O aroma de cera de limão provinha do brilhante chão. O perfume de rosas vinha de um ramo que havia sobre um suporte de mármore. A combinação de cordeiro e romeiro provinha da cozinha.

Não se distinguia nenhum talco de bebê.

Karolyn, a criada de Havers, apareceu por uma esquina e fez uma reverência.

—Senhor?

—Reúne aos serventes...

—Estamos todos juntos. Aqui mesmo. Ouvimos os alarmes — Fez um gesto com a cabeça por cima de seu ombro — Somos doze.

—A casa é segura?

—Nenhum de nossos sistemas de segurança disparou.

—Excelente. — Atirou-lhe as chaves que Havers deu a ele — Vai pelos túneis para as garagens e se tranquem nelas. Arranquem cada ambulância e carro que tenham, mas não os levem para fora, e deixa uma pessoa perto da porta para que eu possa entrar com outros. Golpearei e me identificarei. Não abra a ninguém mais que a mim ou a um Irmão. Entende-o?

Era doloroso olhar ao doggen tragar seu temor e assentir.

—Nosso Amo...

—Havers está bem. Vou trazer-lo — Phury estendeu a mão e apertou a dela — Vai. Agora. E te apresse. Não temos muito tempo.

Esteve de retorno na clínica em um abrir e fechar de olhos. Podia ouvir seus irmãos movendo-se pelos arredores, reconhecia-os pelos sons de suas botas, seus aromas e a cadência de suas vozes. Evidentemente não encontraram mais assassinos de momento.

Foi primeiro ao consultório de Havers e se lançou primeiro sobre os quatro que estavam aí dentro, porque não confiava que Havers pudesse manter-se inteiro e razoável. Felizmente, o médico se armou de valor e fez o que disse, subindo rapidamente pelas escadas para a casa principal com as enfermeiras. Phury os acompanhou até os túneis que comunicavam com as garagens, e correu junto com eles pela estreita rota de escapamento que corria sob o estacionamento por detrás da mansão.

—Qual dos túneis se dirige diretamente às ambulâncias? — perguntou quando chegaram a uma bifurcação com quatro saídas.

—Segundo da esquerda, mas as garagens estão todos interconectados.

—Quero a ti e às enfermeiras nas ambulâncias com os pacientes. Assim aí é aonde

vamos.

Moveram-se tão rapidamente quanto puderam. Quando chegaram a uma porta de aço, Phury golpeou e gritou seu nome. A fechadura se abriu e fez passar a sua tropa.

— Retornarei com mais — disse, enquanto todos se abraçavam.

Voltou a descer à clínica e se encontrou com o Z.

— Algum assassino mais?

— Nenhum. Tenho a V e ao Rhage cobrindo a parte da frente, e Rehv e eu vamos postar-nos no túnel do sul.

— Viria bem um pouco de cobertura para os veículos.

— Entendido. Enviarei ao Rhage. Sairá por detrás, correto?

— Sim.

Ele e seu gêmeo se separaram, e Phury se dirigiu ao armário de fornecimentos. Tinha a mão firme como uma rocha quando tomou a chave da enfermeira de seu bolso e bateu na porta.

— Sou eu — Pôs a chave e girou o trinco.

Encontrou-se com seus rostos uma vez mais e captou os brilhos de alívio. Que não duraram muito quando viram a arma que levava na mão.

— Vou tirar-lhes através da casa — disse — Temos algum problema de mobilidade?

O pequeno grupo se afastou para revelar a um macho mais velho que estava no chão. Tinha uma intravenosa no braço, a qual sustentava uma das enfermeiras por cima de sua cabeça.

Merda. Phury olhou para o vestibulo. Seus irmãos não estavam por nenhuma parte.

— Você — disse, apontando a um macho técnico de laboratório — Levanta-o. Você. — Assinalou com a cabeça à fêmea que sustentava a bolsa — Permanece perto deles.

Enquanto o técnico levantava o paciente do chão e a enfermeira loira mantinha a bolsa da intravenosa em alto, Phury reuniu por pares ao pessoal restante, um por cada paciente.

— Movam tão rapidamente quanto podem. Vamos usar a escada que leva a casa e continuaremos diretamente para os túneis da garagem. Imediatamente depois de ter entrado na mansão, têm que dobrar à direita. Estarei atrás de vocês. Vamos. Agora.

Embora o fizessem o melhor que puderam, levou-lhes anos.

Anos.

Estava a ponto de sair fora de sua pele, quando finalmente chegaram à escada iluminada de vermelho e fecharam a porta de aço detrás deles o que lhes proporcionou uma escassa sensação de alívio considerando que os lessers tinham explosivos. Os pacientes eram lentos, com dois deles que acabavam de sair de cirurgia fazia aproximadamente um dia ou algo assim. Queria carregar a um ou a ambos mas não podia arriscar-se a não ter a arma pronta.

No patamar, um paciente, uma fêmea com uma atadura ao redor da cabeça, teve que deter-se.

Sem que o pedissem, a enfermeira loira deu rapidamente a bolsa da intravenosa ao técnico macho.

—Só até que estejamos no túnel — Logo levantou a fêmea enjoadada em seus braços — Vamos.

Phury assentiu e cedeu seu lugar para que seguisse subindo as escadas.

O grupo se escorreu dentro da mansão entre sons de arrastar de pés e algumas tosses. A total ausência de alarmes foi algo espetacular quando fechou a porta da clínica detrás deles e os levou a entrada do túnel.

Enquanto o grupo entrava cambaleando-se, a enfermeira loira com a fêmea em seus braços se deteve.

— Tem outra arma? Porque posso disparar.

Phury arqueou as sobrancelhas rapidamente.

— Não tenho outra...

Seus olhos captaram o brilho de duas espadas decorativas que havia na parede sobre uma das portas.

— Toma minha arma. Sou bom com coisas afiadas.

A enfermeira ofereceu seu quadril, e ele colocou a SIG de Z no bolso de sua bata branca. Logo se deu meia volta e se afastou internando-se no túnel enquanto ele tirava as duas espadas de suas vagens de metal, e logo corria para alcançá-los.

Quando chegaram à porta da garagem onde estavam as ambulâncias, golpeou com o punho, gritou seu nome, e a coisa se abriu amplamente. Em vez de atravessá-la, cada um desses vampiros que guiou para fora o olhou.

Sete rostos. Quatorze olhos. Setenta dedos ainda fechados com força.

Mas agora era diferente.

Sua gratidão era a outra metade do trabalho de Deus, e ele se viu afligido por sua devoção e alívio. A compreensão coletiva de que sua fé em seu salvador foi bem colocada e que a recompensa foi suas vidas era uma força evidente.

— Ainda não terminou — lhes disse.

Quando Phury olhou outra vez seu relógio, tinham passado trinta e três minutos.

Vinte e três pessoas entre civis, pessoal médico, e doggens da casa foram evacuados pelas garagens. As ambulâncias e os carros não saíram pelas portas habituais que se encontravam na parte traseira da casa, mas sim pelos painéis traseiros retratável que permitiram que os veículos saíssem com rapidez ao bosque que havia na parte traseira da mansão. Desde um em um, partiram-se sem luzes e sem reduzir a marcha. E de um em um, tinham obtido sua liberdade fundindo-se na noite como fantasmas.

A operação foi um êxito total, e ainda assim tinha um mau pressentimento a respeito de tudo isso.

Os lessers nunca retornaram.

Não era próprio deles. Sob circunstâncias normais, uma vez que se infiltravam, moviam-se como enxame. Era seu POE (procedimento operante padrão) para tomar tantos civis como fosse possível para o interrogatório e logo roubar os objetos de valor que encontrassem em qualquer estabelecimento ao que tivessem entrado. Por que não enviaram mais homens?

Especialmente dada à quantidade de objetos valiosos que havia na clínica de Havers e na casa, e o fato de que os assassinos tinham que saber que os Irmãos estariam por toda parte, preparados para lutar.

Quando esteve de retorno na clínica, Phury caminhou pelo corredor, voltando a checar para assegurar-se de que não ficasse nenhum sobrevivente nas habitações dos pacientes. Foi uma revisão penosa. Havia corpos. Muitos corpos. E toda a instalação estava totalmente destroçada, tão mortalmente ferida quanto qualquer de quão mortos estavam esparramados por toda parte. Os lençóis das camas estavam no chão, os travesseiros esparramados por aí, os monitores de coração e carrinhos de intravenosas caídos por toda parte. Nos corredores, os fornecimentos estavam atirados ao azar aqui e lá, e se viam todas essas marcas horríveis e rabiscadas de rastros negros de reveste de botas mescladas com sangue vermelho e brilhante.

Uma evacuação rápida não era o tipo de coisas de Martha Stewart. (empresaria que construiu um império com sua via e cozinha) Tampouco a luta.

Enquanto se dirigia à área de recepção, parecia algo sobrenatural que não houvesse mais agitação e bulício no lugar, só o zumbido do sistema de calefação, ventilação e ar condicionado junto com o dos computadores. Ocasionalmente um telefone soava, mas ninguém respondia.

A clínica tinha morrido verdadeiramente, somente perduravam alguns poucos restos de atividade cerebral.

Nem a clínica nem tampouco a formosa mansão de Havers seriam utilizadas outra vez. Os túneis assim como todas as portas de contenção exteriores e interiores que estivessem intactas seriam fechados e os sistemas de segurança e venezianas da casa seriam ativados. Às entradas que tinham feito explodir para abri-las assim como às portas do elevador as selariam com folhas de aço fundido. Finalmente, lhes permitiria entrar com uma escolta armada para que retirassem os móveis e os pertences pessoais através dos túneis que não foram comprometidos, mas levaria um tempo. E dependia se os lessers finalmente voltavam com seus carrinhos da compra.

Felizmente, Havers tinha outra casa para utilizar como refúgio, assim que ele e seus serventes tinham um lugar onde aterrissar, e os pacientes estavam sendo assentados na clínica temporária. Os históricos médicos e os resultados do laboratório estavam armazenados em um servidor que não estava guardado na clínica, assim ainda estariam acessíveis, mas as enfermeiras teriam que abastecer-se rapidamente de fornecimentos para a nova localização.

O verdadeiro problema ia ser montar outro serviço completo, uma clínica permanente, mas isso ia levar meses e milhões de dólares.

Enquanto Phury desembocava frente ao balcão de recepção, um telefone que ainda estava sobre seu suporte soou. O repico da chamada se deteve quando se ativou a secretaria de voz, a mensagem de bem-vinda acabava de ser trocado por um que dizia: «Este número não está em serviço. Por favor, refira-se ao seguinte número de informação geral ».

Vishous estabeleceu o segundo número como um lugar onde as pessoas podiam deixar

sua informação de contato e uma mensagem. Uma vez que sua identidade e a informação fossem verificadas, o pessoal da nova clínica lhes devolveria a chamada. Com V dirigindo tudo com os Quatro Brinquedos que tinha no Pit, seria capaz de capturar os números de qualquer que chamasse, assim se os lessers tentavam infiltrar-se furtivamente, os Irmãos poderiam tratar de interferir suas linhas.

Phury se deteve e escutou atentamente, com o punho fechado sobre a SIG. Havers teve a inteligência de esconder uma arma sob o acento do condutor de cada uma das ambulâncias, assim que a nove de Z estava de volta na família, por assim dizê-lo.

Relativo silêncio. Nada fora do normal. V e Rhage estavam na nova clínica em caso de que a caravana tivesse sido rastreada pelo inimigo. Zsadist fazia um trabalho de solda na entrada arrebitada do túnel sul. Era provável que Rehvenge se foi.

Embora a clínica fosse bastante segura, estava preparado para disparar a matar. As operações como esta sempre o punham nervoso...

Merda. Provavelmente esta fosse sua última operação. E fez parte dela só porque veio procurar o Zsadist, não porque o tivessem chamado como a um membro da Irmandade.

Tratando de não pensar muito nisso, Phury caminhou por outro corredor, este o levando a parte dos serviços de urgência da clínica. Estava passando frente a uma sala de fornecimentos quando ouviu o som de vidro contra vidro.

Levantou a arma de Z apertando-a contra seu rosto enquanto se apoiava na ombreira. Aparecendo rapidamente pôde ver o que acontecia: Rehvenge estava de pé diante de um armário fechado que tinha um buraco do tamanho de um punho na porta, e estava transferindo frascos das prateleiras aos bolsos de seu casaco de Marta.

— Tranquilo, vampiro — disse o macho sem dar volta é só dopamina. Não estou no mercado negro da OxyContin nem nenhuma merda.

Phury deixou cair a arma a um flanco de seu corpo.

— Por que te está levando...?

— Porque a necessito.

Quando tirou o último frasco, Rehv se virou afastando do armário. Os olhos de ametista eram peculiarmente sagazes, como os de uma víbora. Homem, sempre parecia como se estivesse medindo a distância para atacar, inclusive quando estava entre os Irmãos.

— Assim, como pensa que encontraram este lugar? — perguntou Rehv.

— Não sei — Phury assinalou para a porta com a cabeça — Vamos, saiamos. Este lugar não é seguro.

O sorriso que esboçou revelou umas presas que ainda estavam largos.

— Estou bastante seguro de que me posso arrumar isso.

— Não o duvido. Mas provavelmente seja uma boa idéia que saia.

Rehv cruzou a sala de fornecimentos com cuidado, vadeando as caixas caídas de ataduras, luvas de látex e coberturas de termômetro. Apoiava-se pesadamente em seu bastão, mas só um idiota pensaria que sofria de alguma incapacidade.

Seu tom foi o mais amável que podia assumir ao perguntar suavemente:

—Onde estão suas adagas negras, celibatário?

—Não é de sua incumbência, Devorador de Pecados.

—Efetivamente — Rehv deu um golpe com seu bastão a um punhado de depressores como se estivesse tratando de devolvê-los a sua caixa — Acredito que deveria saber que seu gêmeo falou comigo.

—Ah sim?

—Hora de ir-se.

Ambos olharam para o corredor. Zsadist estava de pé detrás deles, as sobrancelhas franzidas sobre uns olhos negros.

— Como que neste mesmo instante — disse Z.

Rehv sorriu com calma enquanto seu telefone soava.

— O que lhes parece? Meu transporte está aqui. É um prazer fazer negócios com vocês, cavalheiros. Até mais tarde.

O tipo passou ao lado de Phury, saudou Z com a cabeça, e se levou o celular à orelha enquanto partia com seu bastão.

O som de seus passos se foi atenuando, até que se fez um completo silêncio.

Phury respondeu a pergunta antes que seu gêmeo pudesse formulá-la:

— Vim porque não respondia a minhas chamadas.

Sustentou a SIG, oferecendo a culatra da arma ao Z.

Zsadist aceitou a nove milímetros, verificou a antecâmara e a embainhou.

— Estava muito de saco cheio para falar com você.

— Não chamava por nós. Encontrei a Bela na cozinha e me pareceu que se via fraca assim a levei acima. Penso que seria bom que Jane lhe fizesse uma visita, mas isso é sua decisão.

O rosto de Zsadist perdeu toda a cor.

— Disse Bela que algo andava mal?

— Quando estive instalada na cama se via bem. Disse que comeu muito e que esse era o problema. Mas... — Possivelmente se equivocou a respeito de seu sangramento? — Realmente penso que Jane deveria visitá-la...

Zsadist saiu correndo como alma que leva o diabo, suas botas ressonaram no vazio vestíbulo, o som ensurdecido reverberava através da clínica vazia.

Phury seguiu caminhando atrás dele. Enquanto pensava em seu rol como Primale, imaginou a si mesmo correndo para ir ver como estava Cormia com a mesma preocupação, urgência e desespero. Deus, podia imaginar-lhe com tal clareza... a ela com um bebê em seu interior, a ele todo alterado e cheio de ansiedade, exatamente igual a Z.

Deteve-se e esquadrinhou um quarto de paciente.

Como teria sentido seu pai estando junto ao leito de sua mãe quando deu a luz dois filhos sãos? Provavelmente deveria ter sentido uma alegria além do imaginável... até que Phury saiu e resultou ser um excesso de bênção.

Os nascimentos eram uma aposta em tantos níveis.

Enquanto Phury seguia seu caminho pelo corredor para o elevador quebrado, pensava

que sim, que seus pais provavelmente sabiam desde o começo que o nascimento de dois filhosãos levaria a uma vida de miséria. Foram crentes ferventes do sistema de valores de equilíbrio da Virgem Escriba. A certo nível não deveria ficar surpreso com seqüestro de Z, já que tinha restabelecido o equilíbrio da família.

Possivelmente por isso seu pai abandonou a busca de Zsadist depois de inteirar-se que a babá tinha morrido e que o filho que perdeu foi vendido como escravo. Possivelmente Ahgony se figurou que sua busca somente condenaria ao Zsadist ainda mais... que ao procurar a volta do que foi roubado, tinha causado a morte da babá e provocado não só graves conseqüências, mas também, além disso, umas que eram totalmente insustentáveis.

Possivelmente se jogava a culpa de que Z tivesse acabado como escravo.

Phury podia sentir-se muito identificado com isso.

Deteve-se e olhou a sala de espera, que estava tão revolta e desordenada quanto um bar depois de uma briga geral.

Pensou em Bela e na gravidez que a fazia pender por um fio, e se preocupava com a possibilidade de que a maldição não tivesse terminado ainda de estender seu maldito legado.

Ao menos ele liberou a Cormia desse legado.

O feiticeiro assentiu. Bom trabalho, macho. Salvaste-a. É a primeira coisa de valor que tem feito na vida.

Ela estará muito, muito melhor sem ti.

Capítulo 20

O senhor D estacionou detrás da granja e desligou o motor do Focus. As bolsas do Target (cadeia de supermercado) estavam no assento do passageiro, e pegou enquanto saía. O recibo que tinha em sua carteira dizia 147,73 dólares.

Tinham-lhe rechaçado o cartão de crédito, assim emitiu um cheque, o qual não tinha a certeza de poder pagar, acaso não era igual a nos velhos tempos? Seu pai foi um professor do reboate, e não exatamente por jogar basquete na escola secundária.

Quando o senhor D fechou a porta do condutor de um pontapé, perguntou-se se a razão de que os lessers conduzissem essas sucatas de merda era que a Sociedade desejava manter um perfil baixo, ou em realidade se tratava de que estavam escassos de dinheiro. Antes nunca tinha que preocupar se seu cartão de crédito funcionava nem de se poderia conseguir novas armas, assim que as necessitasse. Merda, quando estavam sob o mando do senhor R como Fore-lesser? Lá pelos anos oitenta? A Sociedade funcionava gloriosamente.

Já não era assim. E agora era seu problema. Provavelmente deveria investigar onde estavam todas as contas, mas não tinha nem idéia por onde começar. Houve tantas mudanças com os Fore-lesser. Quando tiveram o último com uma boa organiz...

O senhor X.

Quando o senhor X estava ao mando tudo tinha ido bem, e tinha uma cabana no bosque... o senhor D foi ali uma ou duas vezes. O mais provável era que se existia algum tipo de informação a respeito da contas, devia estar ali de uma ou outra forma.

A questão era, que se seus cartões de crédito estavam falhando, as dos outros também. O que significava que provavelmente os assassinos estivessem procurando dinheiro por si mesmos, roubando aos humanos ou conservando coisas que confiscaram.

Possivelmente quando encontrasse a informação que estava procurando descobriria que o sujo das economias estava cheia e que simplesmente se perdeu com toda a confusão reinante. Mas tinha a sensação de que esse não seria o caso.

Quando a chuva começou a cair novamente, abriu a porta mosqueteira traseira da granja e a sustentou com o quadril, enquanto abria a outra porta com a chave, e logo entrou na cozinha. Conteve a respiração ante o fedor que emanava dos dois corpos. O homem e a mulher, como resultaram ser, ainda continuavam oferecendo sua melhor atuação como horripilantes tapetes, mais um aspecto positivo de ser um lesser era que vinha com seu próprio ambientador. Depois de um momento já não os cheirava absolutamente.

Guardou as bolsas na parte baixa do balcão, captou um som do mais estranho que flutuava por toda a casa, era um cantarolo... como um arrulho.

—Amo? — era isso ou alguém estava sintonizando Rádio Disney.

Entrou na cozinha e se deteve em seco.

O Omega estava de pé junto à desmantelada mesa, inclinando-se sobre o corpo nu de um vampiro loiro, que estava completamente estendido sobre a mesa. Ao vampiro fatiaram a garganta de lado a lado perto do queixo, mas a lesão foi costurada, e não da maneira em que se fazia durante as autópsias. Eram pontos pequenos e muito precisos.

Estaria vivo ou morto? Não poderia dizê-lo... não, espera, o grande peito baixava e subia ligeiramente.

—É tão formoso, não é assim? — a translúcida mão negra do Omega delineou as linhas faciais do macho — Também é loiro. A mãe era loira. Certo! Disseram-me que não poderia criar. Não como ela. Mas nosso pai estava equivocado. Olhe a meu filho. Carne de minha carne.

O senhor D sentiu como se devesse dizer algo, como se o estivessem mostrando um bebê para que o elogiasse.

—É arrumado, sim, Amo.

—Tem o que te pedi?

—Sim, Amo.

—Me traga as facas.

Quando o senhor D retornou com as bolsas do Target, o Omega colocou uma mão sobre o nariz do macho e outra sobre sua boca. Os olhos do vampiro se abriram abruptamente, mas o tipo estava muito fraco e quão único conseguiu fazer foi gesticular a túnica branca do Omega.

—Meu filho, não lute — sussurrou o mal cheio de satisfação — chegou o momento de

que volte a nascer.

A espasmódica luta foi em aumento até que o vampiro esteve esperneando com os pés sobre a mesa e fazendo chiar a madeira ao deslizar a palma de suas mãos sobre ela. Meneava-se como uma marionete, suas extremidades se convulsionavam sem coordenação em um contravapor de inútil pânico. E logo tudo terminou e o macho ficou olhando para cima com os olhos em branco e a boca frouxa.

Enquanto a chuva açoitava as janelas, o Omega tirou o capuz branco da cabeça e se desabotoou a túnica. Com um elegante movimento, despojou-se de sua vestimenta, fazendo que o cetim saísse navegando através da sala. A túnica foi situar-se em uma esquina, em posição vertical, como se estivesse sobre um manequim.

O Omega se expandiu, cresceu comprido e magro, como um homem de borracha, estirando-se para o candelabro barato que pendurava sobre a mesa. Agarrou a correia do mesmo no ponto onde se conectava com o teto, e com um rápido puxão arrancou o acessório e o atirou contra uma esquina. A diferença da túnica, este não aterrissou elegantemente, mas sim terminou sua vida útil, se é que ainda a tinha, em um intrincado montão de lâmpadas quebradas e braços de metal torcidos.

Em seu lugar, os cabos expostos penduravam do manchado teto, como videiras do pântano, suspensos sobre o corpo do vampiro.

—Faca, por favor — disse o Omega.

—Qual?

—A de folha curta.

O senhor D rebuscou nas bolsas, encontrou a faca correta, depois lutou por romper o amparo plástico, a prova de consumidores, que o envolvia, era tão resistente, que o fez desejar apunhalar-se a si mesmo pela frustração.

—Basta — estalou o Omega, e estendeu a mão.

— Necessito umas tesouras...

— Dêem-me isso.

No instante que o pacote tocou a palma translúcida de seu amo, o plástico se incinerou, retorcendo-se até deixar livre a faca e caindo ao chão todo contraído como a pele chamuscada de uma serpente.

O Omega se voltou para o vampiro, e provou o fio em seu próprio antebraço translúcido, sorrindo enquanto o azeite negro brotava do talho que tinha feito.

Foi como estripar a um porco, e aconteceu rapidamente. Enquanto os trovões rondavam a casa como se estivessem procurando a forma de entrar, o Omega deslizou a folha da faca, pelo centro do corpo do macho para baixo, da ferida que tinha o tipo na garganta até o umbigo. O aroma do sangue e da carne se elevou, tampando o fresco aroma de bebê do amo.

—Me traga a vasilha — O Omega pronunciou a palavra como vassiga, não vasilha.

O senhor D extraiu um pote de cerâmica azul que encontrou na seção de artigos para o lar. Quando este mudou de mãos, esteve tentado a apontar a seu amo que era muito cedo para tirar o coração, porque primeiro tinha que circular o sangue do Omega por todo o corpo.

Mas recordou que de toda forma o macho já estava morto, assim o que importava?

Isto claramente não era uma indução rotineira à Sociedade.

O Omega cortou o esterno do vampiro queimando-o com a gema do dedo indicador, o aroma de osso queimado fez que o senhor D enrugasse o nariz. Logo as costelas se separaram, como abertas por mãos invisíveis a vontade de seu amo e o imóvel coração ficou exposto.

O Omega colocou a palma translúcida e penetrou a membrana que recobria o coração, formando um novo ninho para o órgão. Com uma expressão de chateio, arrancou o nó do músculo liberando-o de suas cadeias de artérias e veias, o sangue vermelho baixou como uma cascata pela pálida pele do peito do macho.

O senhor D tinha a vasilha preparada, desentupiu-a e a sustentou sob a mão do Omega. O coração estalou em chamas, e no recipiente caiu um montão de cinzas.

—Traz os cubos — disse o Omega.

O senhor D pôs a tampa à vasilha e a depositou em uma esquina, depois procurou na bolsa e tirou quatro cubos vermelhos do Rubbermaid, do tipo que sua mãe utilizou para o lixo. Colocou um debaixo de cada braço e perna do vampiro enquanto o Omega o rodeava cortando o interior dos pulsos e os tornozelos para drenar o corpo de sangue. Foi assombroso o rapidamente que perdeu cor a pele do vampiro, mudando-se no espectro cromático do extremamente branco a uma cinza azulada.

—Agora a faca de serra.

O senhor D nem sequer se incomodou com o envoltório de plástico. O Omega a torrou, depois tomou a faca e pôs a mão livre sobre a mesa. Logo depois de curvar os dedos e formar um punho, o amo cortou seu próprio pulso, o som foi tão agudo quanto se estivesse serrando dura madeira envelhecida. Quando terminou, devolveu-lhe a faca, recolheu sua mão, e a colocou no interior do peito vazio.

—Te alegre, meu filho — sussurrou o Omega enquanto outra mão surgia do extremo rumo de seu antebraço — Em tão somente um momento, sentirá correr meu sangue dentro de ti.

Dizendo isto, o Omega passou a outra faca sobre o pulso da mão recém enchente e sustentou a ferida sobre o punho negro enterrado no peito.

O senhor D recordava esta parte de sua própria indução. Tinha gritado ante uma dor mais que física. Tinha sido extorquido. Muito extorquido. O que prometeram não foi o que recebeu, e ficou desacordado devido à agonia e ao terror. Quando despertou, era algo completamente distinto, um membro dos mortos viventes, um corpo vagabundo e impotente com um trabalho maligno.

Tinha acreditado que só eram uma turma. Pensou que o que fariam seria algo assim como um trote, que possivelmente lhe poriam uma marca que o identificasse como um deles.

Não soube que nunca mais poderia sair. Nem que não seria humano.

Todo esse assunto o recordava algo que sua mãe estava acostumada dizer: Se fizer acordo com uma víbora venenosa, não te surpreenda se te morder.

De repente, foi a eletricidade.

O Omega deu um passo atrás e começou a cantarolar. Esta vez não era nenhuma canção de berço da Disney, a não ser o eco de uma grande reunião de energia, uma ameaçadora fusão de incrível potencial. Enquanto que as vibrações subiam de tom, a casa começou a estremecer-se, o pó caía das gretas do teto, os cubos vibravam no chão até que começaram a rodar de adiante para trás e vice-versa. O senhor D pensou nos corpos que estavam na cozinha e se perguntou se estes também dançariam.

Colocou as mãos sobre os ouvidos e agachou a cabeça, bem a tempo.

Um raio golpeou o telhado da granja no que devia ser uma descarga direta. Com o ruído que fez, era impossível que se tratasse de um rebote nem do eco de algum outro maior.

Sim, estes não eram nenhuma areia fina que te mete no olho; esta era a rocha inteira que te caía justo sobre a cabeça.

O som poderia ser catalogado como uma dor de ouvidos, ao menos para o senhor D, e a força destruidora do impacto lhe fez perguntar-se se a casa não iria derrubar-se sobre eles. Aparentemente, o Omega não tinha esse tipo de preocupações. Acabava de levantar o olhar e nela se via o mesmo zelo de um pregador dominical, totalmente extasiado e orgástico, como se fosse um verdadeiro crente e alguém acabasse de trazer para colação as serpentes venenosas e a estricnina.

O relâmpago se canalizou através das estradas elétricas da casa, ou para ser mais precisos pelas rotas alternas e os atalhos pisados, e brotou como uma lança líquida de brilhante energia amarela justo em cima do corpo. Os cabos pendentes do candelabro serviram de guia e o peito aberto do vampiro com o oleoso coração dentro foi sua vasilha.

O corpo estalou sobre a mesa, os braços e as pernas bateram as asas, o peito se inflou. Imediatamente, o amo cobriu ao macho com seu corpo, adotando a forma de uma segunda pele que o envolvia de modo que os quatro quadrantes de carne não voassem seccionados como pneumáticos arrebentados.

Quando o espamos se retirou, o macho ficou suspenso no meio do ar com o Omega cobrindo-o como uma manta que brilhava na escuridão.

O tempo... se deteve.

O senhor D podia afirmá-lo porque o barato relógio cucú que estava pendurado na parede se deteve. Por um instante, não houve um momento-a-momento, somente um infinito agora, durante o qual o que tinha estado sem respiração encontrava seu caminho de volta à vida que tinha perdido.

Ou melhor, que tinham arrebatado.

O macho flutuou suavemente de retorno à mesa, e o Omega se separou a si mesmo dele, voltando a tomar forma uma vez mais. Sons ofegantes saíram dos lábios cinza do vampiro, e cada inalação ia seguida por um assobio quando o ar entrava em seus pulmões. O novo coração tremeu dentro do peito aberto, depois conseguiu organizar-se e começou a bombear a sério.

O senhor D se fixou em seu rosto.

A palidez da morte era lentamente substituída por um estranho resplendor rosado, o tipo de cor que se vê no rosto de um menino depois de ter estado correndo fora com o vento. Mas isto não era nada saudável. Não. Isto era uma reanimação.

—Vêem a mim, meu filho — O Omega passou a mão sobre o peito e os ossos e a carne se fundiram e se soldaram fechando a ferida do umbigo até a garganta costurada — Vive para mim.

O macho vampiro descobriu as presas. Abriu os olhos. E rugiu.

Qhuinn não flutuou de retorno a seu corpo. Não. No momento em que deu um passo atrás se afastando da porta branca em frente a ele preparando-se para dar a volta e sair correndo como um bastardo, retornou precipitadamente à vida na Terra, seu espírito aterrissou dentro de sua pele como se o Fade o tivesse dado um chute no traseiro com o Todo-poderoso Converse All Star.

Alguém tinha os lábios esmagados contra sua boca, e estavam colocando ar nos seus pulmões. Logo golpearam seu peito, enquanto alguém contava com cada golpe que propinava. Houve uma pequena pausa, seguida por mais respiração.

Era uma boa combinação. Respiração. Golpes. Respiração. Respiração. Golpes...

O corpo de Qhuinn fez uma brusca inspiração, como se tivesse aborrecido de ter que seguir as rondas de treinamento para respirar. Aproveitando o tremente espasmo, rompeu o contato com a outra boca e aspirou por si mesmo.

—Graças a Deus — disse Blay com voz estrangulada.

Qhuinn teve uma breve impressão dos olhos exagerados e chorosos de seu amigo, depois ficou de flanco e se enrolou sobre si mesmo, formando uma bola. Levando ar a seu interior com bufos superficiais, sentiu que seu coração tomava a iniciativa e se fazia cargo do assunto, encolhendo-se e relaxando-se por si mesmo. Experimentou um momento de oh-que-bom-que-estou-vivo, mas em seguida o golpeou a dor, banhando-o, fazendo-o desejar voltar a sair de seu corpo. Sentia como se tivessem escavado na parte baixa de suas costas com um martelo pneumático.

—Coloque-o no carro — ladrou Blay — Deve ir à clínica.

Qhuinn abriu apenas um olho e olhou seu corpo. John estava a seus pés, assentindo como um desses bonecos de cabeças móveis que ficam nos carros.

Salvo que, infernos, não... Não podiam levá-lo ali. O guarda de honra não terminou com ele... Merda, seu próprio irmão...

—Clínica... não — disse Qhuinn com dificuldade.

Não me venha com essa merda, disse John por gestos

—Clínica. Não. — Era provável que não tivesse muitas razões pelas que viver, mas isso não significava que tivesse tanta pressa por comer uma Whopper Morte com batatas fritas.

Blay se inclinou, e o enfrentou cara a cara.

—Esteve jogando a golpeia-e-fuja com um fodido carro...

—Não foi... carro.

Blay guardou silêncio.

—O que foi?

Qhuinn simplesmente sustentou o olhar do tipo e esperou a que se desse conta.

—Espera... foi um guarda de honra? A família de Lash enviou um guarda de honra detrás de ti?

—A de Lash... Não...

—A tua?

Qhuinn assentiu, porque a energia que requeria mover os lábios inchados era um trabalho titânico.

—Supõe-se que não devem te matar...

—Não me diga.

Blay olhou ao John.

—Não podemos levá-lo ao Havers.

A doutora Jane, assinalou John. Então devemos levá-lo com a doutora Jane.

John tirou o telefone e Qhuinn estava a ponto de opor-se à idéia, quando sentiu que algo se agitava contra seu braço. Era a mão de Blay que tremia com tanta força, que o tipo nem sequer podia agarrar-se a algo. Merda, todo seu corpo tremia.

Qhuinn fechou os olhos e estendeu a mão em direção a essa palma. Enquanto escutava o suave som que fazia John ao escrever a mensagem de texto, apertou a mão do Blay para confortar seu amigo. E a si mesmo.

Um minuto e meio depois se ouviu um assobio anunciando a resposta à mensagem.

—O que diz?

John deve ter apontado algo, porque Blay exclamou:

—OH... meu Deus. Mas virá, não é assim? Bem. Minha casa? Feito. Perfeito. Movamo-lo.

Dois pares de mãos o levantaram, tirando-o da curva da estrada, e grunhiu pela agonia... sintoma que supunha era bom, já que significava que provavelmente todo o assunto de retorno-da-morte era real. Depois de que o colocassem no assento traseiro do carro de Blay e que seus amigos subiram, sentiu as suaves vibrações do BMW ao acelerar.

Quando voltou a abrir os olhos, encontrou-se com o olhar atento de John. O cara estava no assento dianteiro, mas girou o torso, dando-se volta completamente para poder vigiar ao Qhuinn.

O olhar fixo do menino era de preocupação e cautela. Como se não estivesse seguro de que Qhuinn fosse a obtê-lo... como se estivesse pensando no que ocorreu quatro horas e dez milhões de anos atrás no vestiário.

Qhuinn levantou suas mãos quebradas e fez gestos confusos: Segue sendo o mesmo para mim. Nada mudou.

John afastou os olhos rapidamente para a esquerda e ficou a olhar através da janela.

Os faróis de um carro que vinha detrás deles iluminaram o rosto do menino, apartando a escuridão dele. Levava a dúvida escrita tão claramente quanto um dia ensolarado nesses orgulhosos e arrumados rasgos.

Qhuinn fechou os olhos.
Que noite tão espantosa estava tendo.

Capítulo 21

—OH. Deus. Meu. Esse vestido é como um acidente de trens.

Cormia se pôs a rir e olhou a televisão de Bela e Zsadist. Project Runway resultou ser um «Show» fascinante.

—O que é o que pendura de suas costas?

Bela sacudiu a cabeça.

—O mau gosto posto de manifesto pelo cetim. Embora pense que começou como um laço.

Ambas estavam estendidas na cama do casal, apoiando-se contra a cabeceira. O gato negro da família jazia entre elas, desfrutando dos benefícios das carícias a duas mãos, e a Boa não parecia gostar do vestido mais que a Bela. Seus olhos verdes olhavam a televisão com aborrecimento.

Cormia deslocou a mão das costas do gato até seu flanco.

—Embora a cor seja bastante bonita.

—Isso não compensa o fato de que pareça o envoltório aderente para um navio. E, que tenha uma pirueta cravada com tachinhas no traseiro.

—Nem sequer sei o que é um navio. Muito menos o envoltório aderente.

Bela apontou para a tela plana que estava do outro lado do quarto.

—Está olhando-o. Só imagine algo que se pareça com um carro flutuante debaixo desse pesadelo e voilà.

Cormia sorriu e pensou que o tempo passado com a fêmea foi revelador e estranhamente desconcertante de uma vez. Gostava de Bela. Honestamente assim era. A fêmea era graciosa, cálida e considerada, tão formosa por dentro quanto o era por fora.

Com razão o Primale a adorava. E embora Cormia tivesse querido reafirmar seu direito sobre ele frente à Bela, deu-se conta que não havia nenhuma necessidade de fazer valer seu status de Primeira Companheira. O Primale não tinha surto como tema de conversa e não houve nenhuma conotação contra a que enfrentar-se.

A que tinha percebido como uma rival resultou ser uma amiga.

Cormia voltou sua atenção ao que tinha no colo. A flexível revista era grande e magra, tinha páginas brilhantes com muitos, pelo que Bela havia dito que eram, anúncios. Na capa dizia Vogue.

—Olhe todos esses tipos diferentes de roupa — murmurou — Que assombroso.

—Quase estou terminando Harper's Bazaar, se a quiser...

A porta se abriu com tal força que Cormia saltou fora da cama e enviou a Vogue voando

para uma esquina como se tratasse de um pássaro sobressaltado. O Irmão Zsadist estava na porta, e a julgar pelo aroma de talco de bebê que levava em cima e todas as armas que carregava, acabava de vir de uma luta.

—O que está passando? — exigiu.

—Bom — disse Bela devagar — acaba de nos dar um susto de morte a Cormia e a mim, Tim Gunn foi chamado pelos desenhistas, e estou começando a sentir fome outra vez, por isso estou a ponto de chamar o Fritz para pedir uma omelete francesa. Toucinho e queijo cheddar. Com batatas fritas com cebola. E suco.

O Irmão olhou a seu redor como se estivesse esperando ver lessers detrás das cortinas.

—Phury me disse que não se sentia bem.

— Estava cansada. Ajudou-me a chegar acima. Cormia começou como babá, mas agora penso que fica porque está divertindo-se um pouco, verdade? Ou pelo menos o fazia, certo?

Cormia assentiu, mas não afastou o olhar do Irmão. Com seu rosto cheio de cicatrizes e o enorme corpo, sempre a fez sentir incômoda, e não porque fosse feio de maneira nenhuma, mas sim por sua aparência feroz.

Zsadist a olhou, e aconteceu a coisa mais estranha. Falou-lhe com uma voz surpreendentemente amável e levantou a mão como se quisesse tranqüilizá-la.

—Agora, te acalme. Sinto muito ter te assustado — Gradualmente seus olhos se foram pondo amarelos e sua expressão se suavizou — É só que estou preocupado por minha shellan. Não vou te fazer mal.

Cormia sentiu que a tensão nela se afrouxava e pensou que agora compreendia melhor por que Bela estava com ele. Fazendo uma reverência, disse-lhe:

—É obvio, Sua Graça. Seguro que está preocupado por ela.

—Está bem? — perguntou-lhe Bela, enquanto olhava a roupa manchada de seu hellren — Toda a família está bem?

—Todos os Irmãos estão bem — aproximou-se de sua shellan e tocou seu rosto com uma mão tremente — Quero que a doutora Jane te examine.

—Pois não faltava mais, se isso te faz sentir melhor, faça que ela venha. Não acredito que haja nenhum problema, mas farei tudo que te faça sentir mais tranqüilo.

— Está sangrando outra vez? — Bela não respondeu — irei procurar a...

—Não é muito, e não é diferente ao que me aconteceu antes. Trazer a doutora Jane provavelmente seja uma boa idéia, salvo que não acredito que seja necessário fazer nada — Bela pôs os lábios sobre a palma da sua mão e a beijou — Mas por favor primeiro, me diga o que aconteceu esta noite?

Zsadist simplesmente sacudiu a cabeça, e Bela fechou os olhos, como se estivesse acostumada a receber más notícias... como se as recebesse tão freqüentemente que as palavras descrevendo a situação exata não fossem necessárias. A palavra dita não poderia intensificar sua tristeza nem a dele. Nem poderia mitigar o que obviamente já sentiam.

Zsadist inclinou a cabeça e beijou a sua companheira. Quando se olharam aos olhos, o amor que irradiavam era tão intenso que criou uma aura de calor, e Cormia podia jurar que

chegou a senti-la do lugar onde estava.

Bela nunca demonstrou esse tipo de conexão com o Primale. Jamais.

E já que estávamos nisso, ele tampouco o demonstrou. Embora possivelmente isso simplesmente fosse somente por discrição.

Zsadist disse umas palavras em voz baixa, logo saiu como se estivesse à espreita, o cenho franzido, e os fortes ombros enquadrados como as vigas de uma casa.

Cormia se esclareceu garganta.

—Quer que vá procurar ao Fritz? Ou que ordene algo para comer?

—Acredito que será melhor que espere se por acaso a doutora Jane vai examinar-me — A mão da fêmea se deslizou por volta de seu estômago e começou a movê-la em lentos círculos — Você gostaria de retornar mais tarde a olhar o resto do show comigo?

—Se quiser...

—Absolutamente. É muito boa companhia.

—Sou-o?

Os olhos de Bela eram incrivelmente amáveis.

—Muito. Tranqüiliza-me.

—Então serei sua acompanhante durante a iluminação. Desde onde venho, uma irmã grávida sempre tem uma companheira de iluminação.

—Obrigada... muito obrigada — Bela afastou o olhar quando o medo apareceu em seus olhos — Aceitarei toda a ajuda que possa conseguir.

—Se não te incomoda — murmurou Cormia— poderia me dizer o que é o que tanto se preocupa?

—Ele. Preocupo-me com o Z — Bela pôs os olhos em branco — E também me preocupo muito por meu filho. É tão estranho. Não me preocupo tanto por mim.

—É muito valente.

—OH, não me viu em metade do dia na escuridão. Assusto-me muito, me acredite.

—Ainda assim, penso que é muito valente — Cormia colocou a mão sobre o estômago plano — Duvido que eu possa ser tão valente.

Bela sorriu.

—Acredito que nisso te equivoca. Observei-te nestes últimos meses, e há uma força incrível dentro de ti.

Cormia não estava tão segura disso.

—Espero que o exame resulte bem, retornarei mais tarde...

—Honestamente não pensa que é fácil ser o que é, verdade? Viver com o tipo de pressões que tem uma Escolhida? Não posso imaginar como luta com isso, e faz que sinta muito respeito por ti.

Tudo o que Cormia pôde fazer foi piscar.

—Sério?

Bela assentiu.

—Sim assim acredito. E quer saber algo mais? Phury é afortunado de te ter. Estou

rezando para que se dê conta disso o mais rápido possível.

Queridíssima Virgem Escriba, não era algo que Cormia tivesse esperado escutar de ninguém, e muito menos de Bela, e sua comoção devia notar-se porque a fêmea pôs-se a rir.

— Está bem, tenho-te feito sentir estranha, sinto muito. Mas faz muitíssimo tempo que queria dizer isto aos dois — Os olhos de Bela se desviaram por volta do banho e tomou um profundo fôlego — Agora suponho que será melhor que vá, para que possa me preparar para a visita da doutora Jane e seus toques “isso Adoro a essa fêmea”, realmente o faço, mas ah, como odeio quando se ajusta essas luvas.

Cormia se despediu e se encaminhou para seu quarto, absorta em seus pensamentos.

Deu volta na esquina próxima ao estudio de Wrath e se deteve. Como se o tivesse convocado, o Primale estava no alto da escada principal, dominando o corredor e com aparência de estar exausto.

Seus olhos se aderiram a ela.

— Sente-se melhor — disse pensando que devia estar ansioso por ter notícias a respeito de Bela — Mas acredito que está ocultando algo. O Irmão Zsadist foi procurar à doutora Jane.

— Bem. Alegro-me. Obrigado por cuidar dela.

— Foi um prazer. É encantadora.

O Primale assentiu; então seus olhos a percorreram, do cabelo que tinha recolhido no alto da cabeça, até a ponta de seus pés nus. Era como se estivesse reencontrando-se com ela, como se fizesse séculos que não a via.

— De que horrores foste testemunha desde que foi? — murmurou ela.

— Por que me pergunta isso?

— Porque está me olhando como se não tivesse me visto em semanas. O que viu?

— Interpreta-me bem.

— Mais ou menos igual a que você evita minha pergunta.

Ele sorriu.

— O que faço muito bem, né?

— Não tem que falar de...

— Vi mais mortes. Mortes que poderiam ser evitadas. Tantas malditas perdas. Esta guerra é maligna.

— Sim. Sim, é — Tivesse querido tomar a mão. Em lugar disso, disse — Você gostaria de... ir comigo ao jardim? Vou caminhar um momento entre as rosas antes que saia o sol.

Ele duvidou, logo sacudiu a cabeça.

— Não posso. Sinto muito.

— Seguro — Fez-lhe uma reverência para evitar seus olhos — Sua Graça.

— Tome cuidado.

— Tomarei — recolheu-se a túnica e caminhou rapidamente para os degraus que ele acabava de subir.

— Cormia.

— Sim?

Quando o olhou por cima do ombro, perfurou-a com os olhos. Ardiam de uma forma que a levou de retorno ao momento que tinham estado juntos no chão de seu dormitório, e seu coração subiu à garganta

Mas logo só sacudiu a cabeça.

—Nada. Só te cuide.

Enquanto Cormia descia as escadas, Phury se dirigiu para o corredor das estátuas e olhou através da primeira janela que dava para o jardim da parte traseira.

Era impossível que fosse com ela ver as rosas. Nesse momento estava em carne viva, exposto, despojado de sua pele, embora ainda a levasse posta. Cada vez que fechava os olhos, via esses corpos no corredor da clínica e os rostos atemorizados dentro desse armário de remédios e a valentia daqueles que não deveriam ter tido que lutar por suas vidas.

Se não se deteve a ajudar a Bela, a subir a escada e logo não tivesse ido procurar ao Zsadist, possivelmente esses civis não se salvariam. Seguro como o inferno, que ninguém o teria chamado como reforço, porque já não era um Irmão.

Abaixo, Cormia apareceu no terraço, sua túnica branca brilhava contra os paralelepípedos de pedra cinza escuro. Avançou como flutuando para as rosas e se inclinou pela cintura para aproximar o nariz aos pimpolhos. Quase podia escutar sua inspiração e o suspiro de alegria que soltaria quando saboreasse a fragrância.

Seus pensamentos se mudaram da fealdade da guerra para a beleza da silhueta da fêmea.

E ao que os machos faziam com as fêmeas em meio de lençóis de cetim.

Sim, a resposta a suas vontades de estar com a Cormia nesse momento era um claro não. Queria substituir a morte e o sofrimento que tinha visto essa noite com algo mais, algo vivo e quente e que tudo se tratasse do corpo e não da mente. Ao observar a sua Primeira Companheira prodigalizando seus cuidados às roseiras, desejou-a nua, retorcendo-se e úmida de suor, debaixo dele.

Ah... mas ela já não era sua Primeira Companheira, verdade?

Merda.

A voz do feiticeiro vagou através de sua mente.

Entretanto, poderia ter feito algo melhor por ela? Fazê-la feliz? Mantê-la a salvo? Passa-te umas boas doze horas do dia fumando. Poderia acender um néscio depois de outro diante dela e obrigá-la a observar como fica frouxo sobre seus travesseiros até ficar adormecido? Quer que ela veja isso?

Quer que ela te arraste até a casa ao amanhecer, como fazia você com seu pai?

Também chegaria o dia no qual a golpearia devido à frustração?

—Não! — gritou.

OH, seriamente? Seu pai te disse isso. Não é assim, companheiro? Prometeu-te olhando aos olhos que nunca mais voltaria a te golpear.

O problema é, que a palavra de um viciado é só isso. Uma palavra. Nada mais.

Phury se esfregou os olhos e se separou da janela.

Para dar um propósito, qualquer propósito, dirigiu-se para o estúdio de Wrath. Embora já não fosse um membro da Irmandade, o Rei queria saber o que tinha acontecido na clínica. Com Z ocupado com Jane e Bela, e outros Irmãos ajudando na nova clínica, bem poderia dar um relatório extra-oficial. Além disso, queria que Wrath soubesse a razão pela qual esteve ali em primeiro lugar, e assegurar ao Rei que não estava fazendo caso omissa de sua carta de demissão.

Também estava todo o problema de Lash.

O menino desapareceu.

A conta de cabeças na clínica nova e a conta dos corpos na velha revelaram que só uma pessoa foi seqüestrada, e esse era Lash. O pessoal médico indicou que estava vivo no momento do assalto, tendo sido revivido depois que seus sinais vitais tivessem paralisado. O que era trágico. O menino podia ter sido um bastardo, mas ninguém queria que caísse nas mãos dos lessers. Se ele tinha sorte, morreria no caminho ao lugar para onde o levavam, e havia uma boa possibilidade de que assim tivesse acontecido, dado o estado em que se encontrava.

Phury bateu na porta do estúdio de Wrath.

—Meu Senhor? Meu Senhor, está aí?

Quando não recebeu nenhuma resposta, tentou-o de novo.

Não obteve resposta, assim se afastou e se dirigiu a seu quarto, sabendo condenadamente bem que ia acender um após o outro e que se encheria de fumaça até conseguir chegar novamente ao ermo reino do feiticeiro.

Como se pudesse ir a outra parte, disse a sombria voz de sua cabeça arrastando as palavras.

Do outro lado da cidade, na casa dos pais de Blaylock, Qhuinn foi metido furtivamente através da entrada de serviço traseira que usavam os doggens. Fez tudo o que pôde para andar coxeando, mas Blay teve que levá-lo nas costas para subir a escada dos serventes.

Depois de que Blay deixou o quarto para ir mentir a respeito de onde esteve e o que esteve fazendo, John assumiu o posto de sentinela enquanto Qhuinn se acomodava na cama de seu companheiro sem sua frescura habitual. E não só porque se sentia como um saco de areia.

Os pais de Blay mereciam algo melhor que isso. Sempre foram bons com o Qhuinn. Demônios, muitos pais nem sequer permitiam que seus filhos se aproximassem dele, mas os de Blay foram coerentes de um princípio. E agora inadvertidamente estavam arriscando sua posição na glymera ao albergar a um repudiado, e a uma PNG (pessoa não grata) fugitiva.

Ao pensar em tudo isso Qhuinn se sentou com a intenção de partir dali, mas seu estômago tinha outros planos para ele. Uma profunda dor atravessou suas vísceras como se seu fígado tivesse se transformado em um arco e uma flecha e tivesse disparado a seus rins. Lançando um gemido, voltou a deitar-se.

Trata de ficar quieto, assinalou John.

—Entendido.

O telefone de John soou e o tirou do bolso do jeans Ao & F. Enquanto lia o que enviaram, Qhuinn recordou a vez que os três foram às compras ao centro comercial e como havia fodido a essa encarregada no provador.

Tudo mudou após. Agora o mundo inteiro era diferente.

Sentia-se anos mais velho, não só dias.

John o olhou carrancudo.

Querem que vá a casa. Algo aconteceu.

—Vai então... estou bem aqui.

Retornarei se puder.

—Não se preocupe. Blay te manterá informado.

Quando John saiu, Qhuinn jogou um olhar a seu redor e recordou todas as horas que passou estendido na cama desse mesmo quarto. Blay tinha uma bonita guarita. As paredes estavam cobertas por painéis de madeira de cerejeira, o que a fazia parecer um estúdio, o mobiliário era moderno e compacto não como essa sufocante merda antiga que todos os membros da glymera colecionavam junto com suas fodidas regra de etiqueta social. A enorme cama estava coberta com uma colcha negra e tinha os suficientes travesseiros para te fazer sentir confortável sem que resultasse marica. A tela de plasma de alta definição tinha um Xbox 360, um Wii e um PS3 sobre o chão em frente dela, e a escrivaninha onde Blay fazia os deveres estava tão pulcro e ordenado quanto todos seus cartões de jogos. À esquerda, havia um refrigerador pequeno, um cubo de lixo negro que, para falar a verdade, assemelhava-se a um pênis, e um recipiente alaranjado para as garrafas.

Blay havia se tornado ecologista desde fazia um tempo e estava muito metido no tema da reciclagem e a reutilização. O que era bem típico dele. Lia a publicação mensal de PETA, comia carne e frango só de granja, e estava a favor da refeição orgânica.

Sim tivesse existido uma versão vampira das Nações Unidas na qual internar-se, ou se tivesse podido oferecer-se como voluntário no Lugar Seguro, o teria feito imediatamente.

Blay era a coisa mais próxima a um anjo que Qhuinn tinha conhecido.

Foda-se. Tinha que partir dali antes que seu pai fizesse que expulsassem a toda essa família da glymera.

Quando se virou para tentar aliviar a dor na parte baixa de suas costas, compreendeu que não eram só as lesões internas que o estava incomodando; sobre que o doggen de seu pai tinha lhe dado permaneceu no cinturão de seu jeans incluso ao longo da surra.

Não queria ver esses papéis de novo, mas de algum modo terminaram em suas mãos sujas e ensanguentadas.

Inclusive com a visão imprecisa e seu estado de completa agonia, concentrou-se no pergaminho. Era sua árvore genealógica de cinco gerações, sua certidão de nascimento, observou os três nomes que havia na última linha. A seu estava à esquerda, no lado oposto estava o de seu irmão mais velho e o de sua irmã. Seu nome estava coberto com um grosso X e debaixo dos de seus pais e irmãos estavam suas assinaturas com a mesma tinta espessa.

Expulsa-lo da família requeria muita papelada. Os certidões de nascimento de seu irmão e irmã teriam que ser modificados, e de igual forma terei que alterar o pergaminho de matrimônio de seus pais. Também deveria enviar-se ao Conselho do Princeps da glymera uma declaração para deserdá-lo, a renúncia de sua família e uma petição de expulsão. Depois que o nome de Qhuinn fosse modificado no pergaminho de direitos da glymera e no enorme arquivo genealógico da aristocracia, o leahdyre do Conselho ditaria uma missiva que se mandaria a todas as famílias da glymera, anunciando oficialmente seu desterro.

Obviamente qualquer que tivesse fêmeas em idade apropriada para emparelhar-se, devia estar de sobre aviso.

Era tudo tão ridículo. De todas as formas, com seus olhos díspares, não era como se fosse conseguir esculpir o nome de alguma aristocrata em suas costas.

Qhuinn dobrou a certidão de nascimento e a devolveu ao envelope. Quando fechou a lapela, sentia o peito como se alguém tivesse cavado um buraco nele. Estar absolutamente só no mundo, embora fosse adulto, era aterrador.

Mas poluir a aqueles que foram amáveis com ele era muito pior.

Blay atravessou a porta com uma bandeja de refeição.

— Não sei se tem fome...

— Tenho que ir.

Seu amigo colocou o que levava na escrivaninha.

— Não acredito que essa seja uma boa idéia.

— Me ajude a me levantar. Estarei bem...

— Tolices — Disse uma voz feminina.

A médica privado da Irmandade apareceu como de um nada, justo diante deles. Sua maleta de doutor era do tipo antiquado, com duas abas na parte superior e um corpo que parecia uma barra de pão, usava uma bata branca, tal e como a que os médicos usam na clínica. O fato de que fosse um fantasma era insólito. Tudo nela, sua roupa, sua maleta, seus cabelos e seu perfume, voltou-se sólido e tangível quando terminou de chegar, exatamente como se fosse uma pessoa normal.

— Obrigado por ter vindo — disse Blay, como bom anfitrião.

— Hei, Doc — murmurou Qhuinn.

— O que temos aqui? — Jane se aproximou e se sentou na esquina da cama. Não o tocou, só o olhou de cima abaixo com o olho clínico de um médico.

— Não sou exatamente um candidato para o Playgirl, né? — disse ele torpemente.

— E quantos eram? — Seu tom de voz não soava como se estivesse brincando.

— Dezoito. Centenas.

— Quatro — interrompeu Blay — Foi uma guarda de honra de quatro.

— Guarda de honra? — sacudiu a cabeça como se não pudesse entender os costumes da raça — Pelo Lash?

— Não, da própria família de Qhuinn — disse Blay — E se supõe que não deveriam matá-lo.

Bom, esse certamente ia transformar-se no novo tema central do filme, pensou Qhuinn.

A doutora Jane abriu a maleta.

—De acordo, vejamos como está debaixo dessa roupa.

Colocou mãos à obra, cortou-lhe a camisa, escutou-lhe o coração e tomou a pressão arterial. Enquanto ela trabalhava, ele passou o tempo olhando a parede, a inanimada tela de televisão e sua maleta.

—Que prática... maleta... essa que tem aí — grunhiu, enquanto suas mãos apalpavam seu abdômen e o golpeava suavemente.

—Sempre tinha querido um. É parte de meu fetiche de Marcus Welby, *Doutor Em Medicina*.

—Quem?

—Isto também te dói? — Seu ofego quando afundou a mão foi resposta mais que suficiente, assim que o deixou aí.

A doutora Jane tirou suas calças, e como não estava usando roupa interior, apressou-se em por lençóis sobre suas partes privadas. Ela os afastou a um lado, olhou-o profissionalmente de acima a baixo e logo lhe pediu que flexionasse os braços e as pernas. Depois de tomar seu tempo sobre alguns espetaculares hematomas, cobriu-o de novo.

—Que tipo de coisa usaram para te golpear? Essas marcas roxas que tem nas coxas são bastante importantes.

—Alavancas. Grandes, enormes...

Blay o intercedeu.

—Paus. Têm que ter usado esses paus cerimoniais negros.

—Isso seria congruente com as lesões — A doutora Jane se tomou um momento, como se fosse um computador processando uma solicitude de informação — De acordo, isto é o que temos. O que acontece com suas pernas é indubitavelmente incômodo, mas as contusões deveriam sanar sozinhas. Não tem feridas abertas, e embora pareça que apunhalaram a palma da mão, assumo que aconteceu um pouco mais cedo, porque já está sanando. E não parece ter nada quebrado, o que é um milagre.

Exceto seu coração, claro. Por ter sido golpeado por seu próprio irmão...

Cale-te, joaninha, disse a si mesmo.

—Assim estou bem, verdade, Doc?

—Quanto tempo esteve morto?

Ele franziu o cenho, repentinamente essa visão do Fade se precipitou de sua memória como um corvo negro. Deus... Tinha morrido?

—Ah... não tenho idéia quanto tempo passou. E não vi nada enquanto estive fora. Era só escuridão, sabe... estava muito mal para me dar conta. — De maneira nenhuma ia falar de sua pequena e completamente natural viagem ácida — Mas estou bem, sabe...

—Nisso vou ter que estar em desacordo com você. Seu ritmo cardíaco está acelerado, sua tensão arterial é baixa, e eu não gosto como se vê seu estômago.

—Só está um pouco inflamado.

—Preocupa-me que possa estar um pouco esmigalhado.

Genial.

—Estarei bem.

—E onde te graduou como médico? — A doutora Jane sorriu, e ele riu um pouco — Eu gostaria de te fazer um ultra-som, mas a clínica de Havers foi atacada esta noite.

—O que?

—O que? —perguntou Blay ao mesmo tempo.

—Assumi que sabiam.

—Há sobreviventes? —perguntou Blay.

—Lash desapareceu.

Enquanto absorviam as implicações desse pequeno flash de notícias, Jane colocou a mão em sua bolsa de fornecimentos e tirou uma agulha selada e uma garrafa com tampa de borracha.

—Vou te dar algo para a dor. E não se preocupe — disse ironicamente — não é Demerol.

—Por quê? O Demerol é mau?

—Para os vampiros? Sim — pôs os olhos em branco — Confia em mim.

—O que você diga.

Quando acabou de injetá-lo, disse-lhe:

—O efeito deveria durar algumas horas, mas penso retornar muito antes disso.

—A alvorada deve estar próxima né?

—Sim, por isso vamos ter que nos mover rapidamente. Há uma clínica temporária...

—Não posso ir ali — disse — Não posso... essa não seria uma boa idéia.

Blay assentiu.

—Precisamos manter seu paradeiro oculto. Neste momento não está seguro em nenhuma parte.

A doutora Jane entrecerrou os olhos. Depois de um momento, disse:

—Está bem. Então terei que pensar onde posso encontrar uma localização mais confidencial onde te tratar. Em tanto, não quero que te mova desta cama. E não deve comer nem beber, no caso de que tenho que operar.

Enquanto a doutora Jane guardava as coisas em sua maleta Marcus-quem-quer-que- fosse, Quinn contou o número de pessoas que não se teriam atrevido a aproximar-se dele, e muito menos tratar de curar suas lesões.

—Obrigado — disse com uma voz humilde.

—Foi um prazer — Pôs a mão em seu ombro e apertou — Vou curar você. Pode apostar sua vida nisso.

Nesse momento enquanto olhava seus olhos verdes escuros, sinceramente acreditou que poderia compor o mundo inteiro, e a onda de alívio que o invadiu o fez sentir como se alguém tivesse envolvido uma suave manta ao redor de seu corpo. Merda, não sabia se era pelo fato de que sua vida estava em mãos capazes ou se somente era o efeito do que tinha injetado no seu braço, mas isso não importava. Ia tomar o consolo em qualquer lugar onde o

encontrasse.

—Tenho sono.

—Esse é meu plano.

A doutora Jane se aproximou de Blay e falou em sussurros durante um momento... E embora o tipo tentasse esconder sua reação, seus olhos abriram de par em par.

Ah, então estou com a merda até o pescoço, pensou Qhuinn.

Depois de que a doutora se foi, nem se incomodou em perguntar o que havia dito, porque sabia que Blay não o ia dizer de maneira nenhuma. Seu rosto era um armário fechado.

Mas ainda havia outros assuntos dos quais tinha que se ocupar, graças à maldita tormenta de merda em que estavam todos envolvidos.

—O que disse a seus pais? — perguntou Qhuinn.

—Não tem que se preocupar por nada.

A pesar do esgotamento que o devastava, sacudiu a cabeça.

—Diga-me isso — Não tem...

—Diz-me isso O... Levanto e começo a fazer o fodido Pilates.

—Como quer. Sempre há dito que isso era para maricas.

—Bem. Então farei jiu-jitsu. Fala antes que me deprima quer?

Blay tirou uma Coroa do pequeno refrigerador.

—Meus pais imaginaram que fomos nós. Acabam de retornar da grande festa da glymera. Assim que os pais de Lash devem estar inteirando-se agora.

Foda.

—Falou... Sobre mim?

—Sim, e querem que fique — A cerveja fez um som ofegante quando Blay a abriu — Simplesmente não vamos dizer nada a ninguém. Certamente especularão a respeito de seu paradeiro, mas não é muito provável que a glymera faça uma busca casa por casa, e nossos doggens são muito discretos.

—Só ficarei o dia de hoje.

— Olhe, meus pais o adoram, e não pensam te jogar daqui a pontapé. Sabem como era Lash, e também conhecem seus pais — Blay se deteve ali, mas o tom que usou adicionou muitos adjetivos a suas palavras.

Preconceituosos, críticos, cruéis...

—Não vou ser uma carga para ninguém — Disse Qhuinn jogando faíscas pelos olhos — Nem para vocês. Nem para ninguém.

—Mas é que não é uma carga — Blay olhou o chão — Só somos meus pais e eu. A quem acredita que me acudiria se acontecesse algo mal? John e você são tudo o que tenho neste mundo, além de mamãe e papai. Vocês são minha família.

—Blay, vou ao cárcere.

—Nós não temos cárceres, por isso vais precisar de um lugar para estar sob prisão domiciliar.

—E pensa que isso não será de conhecimento público? Acredita que não terei que revelar

onde fico?

Blay tragou a metade de sua cerveja, tirou seu telefone, e começou a escrever uma mensagem de texto.

—Escuta, pode deixar de brincar a-ver-se-encontro-mais-obstáculos»? Já vamos ter suficientes problemas sem necessidade de que você comece a dar pelo traseiro. Encontraremos uma maneira para que possa ficar aqui, OK?

Escutou-se um assobio.

—Vê? John está de acordo. — Blay mostrou a tela aonde se lia: genial ideia, e então terminou a cerveja com a expressão de satisfação de um macho que tinha posto em ordem seu porão e sua garagem — Tudo vai bem.

Quinn olhou seu amigo através das pálpebras, que se tornaram tão pesadas quanto um telhado.

—Sim .

Ao desmaiar, seu último pensamento foi que certamente as coisas iam funcionar... Mas não como Blay as planejou.

Capítulo 22

Lash, filho do Omega, estava renascendo com um grito que rasgou sua garganta.

Em uma confusa loucura, voltou para o mundo como tinha chegado a ele vinte e cinco anos antes: nu, ofegante e ensangüentado, somente que desta vez seu corpo era o de um homem adulto e não o de um bebê.

Seu intenso momento de retorno de consciência passou com rapidez, e depois ficou sumida na agonia, suas veias estavam cheias de ácido, cada centímetro dele se corroia do interior. Colocou as mãos sobre o estômago, rodando de flanco, e vomitou uma maré negra sobre um gasto chão de madeira. Muito consumido pelas náuseas, não se incomodou em perguntar onde estava nem o que ocorreu, e por que estava vomitando coisas que pareciam azeite usado de cárter.

Em meio de um redemoinho de desorientação, as arcadas que o incapacitavam e um pânico cego que não podia controlar, um salvador estendeu a mão para ele. Uma mão que percorreu suas costas e o acariciou uma e outra vez, a cálida palma adotou um ritmo que ralentizou seu acelerado coração, acalmou sua cabeça e aliviou seu estômago. Quando pôde, ficou de barriga para cima outra vez. Em meio de seu impreciso campo visual, conseguiu enfocar uma figura negra translúcida. Seu rosto era etéreo, uma visão de atitude masculina na flor de princípios dos vinte, mas a malevolência que havia depois dos tenebrosos olhos fazia que a face fosse terrível.

O Omega. Tinha que ser o Omega.

Este era o Mal que sua religião, folclore e treinamento haviam descrito.

Lash começou a gritar de novo, mas a mão escura se estendeu para ele e o tocou gentilmente o braço. Acalmou-se.

Em casa, pensou Lash. Estou em casa.

Sua mente flutuava da histeria à convicção. Não estava em casa. Estava... Estava claro como o inferno que nunca antes tinha visto esta decrepita sala.

Onde caralho estava?

— Tranquilo — murmurou o Omega — O recordará tudo.

E assim foi, de repente. Viu o vestiário no centro de treinamento... e ao John, essa joaninha, ficando como louco quando seu sujo segredo saiu à luz. Depois os dois se deram de murros até que... Qhuinn... Qhuinn talhou sua garganta.

Santa merda... Podia inclusive sentir a si mesmo caindo ao chão das duchas, aterrissando sobre os azulejos duros e úmidos. Reviveu a fria comoção e recordou ter colocado as mãos na garganta e começar a ofegar quando um sufocante e asfixiante apertão se apoderou de seu peito... Seu sangue... Esteve-se afogando em seu próprio sangue... Mas então tinha sido suturado e enviado à clínica, onde...

Merda, morrido, verdade? O médico havia trazido-o de volta, mas definitivamente tinha morrido.

— Assim foi como te encontrei — murmurou o Omega — Sua morte foi o sinal.

Mas por que o queria o Mal?

— Porque é meu filho — disse o Omega com voz reverente e distorcida.

Filho? Filho!

Lash sacudiu a cabeça lentamente.

— Não... não...

— Me olhe aos olhos.

Quando se produziu a conexão, mais cenas se revelaram ante ele, as visões eram como páginas que passavam em um livro de fotografias. A história que se desdobrava ante seus olhos fez que se encolhesse de medo e também que respirasse com mais facilidade. Era o filho do Mal. Nascido de uma fêmea vampiro, retida contra sua vontade nesta mesma granja mais de duas décadas atrás. Depois de seu nascimento foi abandonado em um lugar de reunião para os vampiros, foi encontrado por eles, e levado a clínica de Havers... Onde mais tarde foi adotado por sua família em um intercâmbio privado do que nem sequer ele sabia nada.

E agora, tendo alcançado a maturidade, retornou a seu progenitor.

Lar.

Enquanto Lash pesava as implicações, a fome formou redemoinhos em seu estômago, e as presas se sobressaíram de sua boca.

O Omega sorriu e olhou sobre o ombro. Um lesser do tamanho de um menino de quatorze anos estava de pé na esquina mais afastada da suja casa, tinha os olhos de rato fixos no Lash, e o pequeno corpo tenso como uma serpente enroscada.

— E agora com respeito ao serviço que te disse que deveria proporcionar — disse o Omega ao assassino.

O Mal estendeu a translúcida mão e indicou ao tipo que se adiantasse.

O lesser mais que caminhar se moveu como um bloco, como se seus braços e pernas estivessem paralisados e seu corpo estivesse sendo elevado e deslocado por cima do chão. Os pálidos olhos saíam das órbitas e giravam por causa do pânico, mas Lash tinha outras coisas em mente além do terror do homem que lhe estava sendo devotado.

Quando captou a doce fragrância do lesser, sentou-se, despindo as presas.

—Deve alimentar a meu filho — disse o Omega ao assassino.

Lash não esperou seu consentimento. Estendeu a mão, agarrou ao pequeno bode pela nuca, e arrastou ao tipo para seus bicudos caninos. Mordeu com força e sugou profundamente, o sangue era doce como o mel e igualmente espesso. Não parecia a nada ao que estivesse acostumado, mas encheu seu estômago e lhe deu forças, e esse era o objetivo.

Enquanto bebia, o Omega começou a rir, suavemente ao princípio, depois mais alto, até que a casa se sacudiu com a força da demencial e sanguinária alegria.

Phury golpeou com seu nésio a beira do cinzeiro e examinou o que fez com a caneta. O desenho resultava escandaloso, e não só pela temática.

A maldita coisa era um dos melhores que pôs alguma vez sobre uma parte de papel.

A silhueta feminina que havia sobre a cremosa superfície jazia de costas sobre uma cama coberta de cetim, com travesseiros cavados atrás de seus ombros e pescoço. Tinha um braço sobre a cabeça, com os dedos enredados entre seu longo cabelo. O outro descia por seu flanco, a mão descansava na união de suas coxas. Seus seios estavam tensos, os pequenos mamilos erguidos como por uma boca, e tinha os lábios separados em um convite... igual às pernas. Ambas estavam abertas, um com o joelho flexionado, o pé arqueado, e os dedos fortemente curvados, como se antecipasse algo delicioso.

Estava olhando diretamente à frente, para fora da página, diretamente a ele.

Além disso, o que fez não era nenhum esboço improvisado. O desenho estava totalmente acabado e delineado, perfeitamente sombreado para mostrar o atrativo da mulher. O resultado era sexo personificado em três dimensões, um orgasmo a ponto de voltar-se realidade, tudo o que um homem desejaria em uma companheira de cama.

Enquanto dava outra imersão, tentou dizer a si mesmo que esta não era Cormia. Não, não era Cormia... Não era nenhuma mulher, somente um compêndio dos atributos sexuais dos que se privou com tanto celibato. Era o ideal feminino que desejava ter tido sua primeira vez. Esta era a mulher da que teria ficado encantado de beber todos estes anos. Era sua amante de fantasia, dando e exigindo por turnos, suave e total algumas vezes, ávida e imoral outras.

Não era real.

E não era Cormia.

Exalou uma maldição, acomodado ao pênis duro dentro do pijama, e apagou o nésio.

Estava tão cheio de merda. Cheio. De. Merda. Esta definitivamente era Cormia.

Olhou para o medalhão Primale que estava sobre a mesa, pensando em seu bate-papo

com a Directrix, e voltou a amaldiçoar. Genial. Agora que Cormia não era sua Primeira Companheira, decidia que a desejava. Grande sorte.

—Jesus.

Inclinou-se sobre a mesinha, atou outro bem carregado, e acionou o acendedor. Com o cigarro entre os lábios, começou a desenhar a hera, começando pelos preciosos e curvados dedos dos pés. Enquanto acrescentava folha detrás folha ocultando o desenho, sentiu como se suas mãos percorressem para cima as lisas pernas, passando pelo estômago para chegar a seus tensos e erguidos seios.

Estava tão distraído acariciando-a com sua mente que a sensação de sufoco que normalmente o atacava quando cobria um desenho com hera não floresceu até que chegou a seu rosto.

Deteve-se. Realmente esta era Cormia e não pela metade, como o foi o desenho de Bela da outra noite. Os rasgos de Cormia estavam todos ali, a plena vista, do ângulo de seus olhos e o exuberante lábio inferior até o luxo de seus cabelos.

E o estava olhando.Desejando-o.

OH, Deus...

Rapidamente desenhou a hera ao redor de seu rosto e depois ficou olhando fixamente como a arruinou. Essa merda a cobria completamente inclusive transbordando os limites de seu corpo, enterrando-a sem pô-la clandestinamente.

Em um flashback, evocou o jardim da casa de seus pais como o viu a última vez, quando havia retornado a enterrá-los.

Deus, ainda podia recortar essa noite com total claridade. Especialmente o aroma que tiveram os resíduos que ficaram depois do fogo.

Tinha cavado a tumba em um flanco do jardim, o buraco na terra era como uma ferida aberta entre a espessa hera. Colocou a seus pais nela, mas houve um só corpo que enterrar. Viu-se obrigado a queimar os restos de sua mãe. Tinha encontrado-a em sua cama em tão avançado estado de decomposição que não foi capaz de tirá-la do porão. Acendeu o fogo ali onde jazia, e tinha pronunciado as palavras sagradas até que a fumaça o tinha afogado de tal modo que teve que sair.

Enquanto o fogo rabiava dentro da casa levantou seu pai e tirou o macho para enterrá-lo. Depois que as chamas devoraram o que havia no porão, Phury recolheu as cinzas que ficaram e as colocou em uma grande urna de bronze. Havia um montão delas, porque tinha queimado as mantas e a cama junto com sua mãe.

Colocou a urna junto à cabeça de seu pai, e depois com uma pá atirou terra solta sobre eles.

Depois disso queimou a casa inteira. Queimou-a até os alicerces. Estava maldito, todo o lugar, e estava seguro que nem sequer a feroz temperatura das chamas foram suficiente para limpar a infecção de má sorte.

Enquanto partia, seu último pensamento foi que à hera tomaria muito tempo cobrir os alicerces.

Seguro que queimou tudo, disse o feiticeiro em sua cabeça. Mas tinha razão, não fez desaparecer a maldição. Todas essas chamas não os limpam, nem a ti, verdade, companheiro? Só o converteram em um incendiário além de um salvador fracassado.

Deixando a um lado o néscio, enrugou o desenho formando uma bola, colocou a prótese, e foi para a porta.

Não pode fugir de mim nem do passado, murmurou o feiticeiro. Somos como a hera nessa parcela de terra, sempre juntos, cobrindo, sossegando a maldição que pesa sobre ti.

Atirou o desenho e, abandonou o quarto, repentinamente temeroso de ficar sozinho.

Quando saiu ao corredor, quase passou por cima de Fritz. O mordomo saltou para trás a tempo, protegendo uma tigela de... ervilhas? Ervilhas encharcadas?

A construção de Cormia pensou Phury enquanto o que havia entre os braços do doggen se derramava pelos flancos.

Fritz sorriu apesar do choque do que se livrou por pouco, seu rosto enrugado, apergaminado, estirou-se formando uma careta alegre.

—Se anda procurando à Escolhida Cormia, está na cozinha, tomando sua Última Refeição com o Zsadist.

Z? Que demônios estava fazendo ela com Z?

—Estavam juntos?

—Acredito que o amo desejava falar com ela em privado sobre Bela. É por isso que de momento estou fazendo meus trabalhos em outro lugar da casa — Fritz franziu o cenho — Está bem, amo? Posso te trazer algo?

Que tal um transplante de cérebro?

—Não, obrigado.

O doggen fez uma reverência e entrou no quarto de Cormia, justo quando se elevaram umas vozes do vestíbulo. Phury se aproximou da balaustrada e se inclinou sobre o corrimão de folhas douradas.

Wrath e a doutora Jane estavam ao pé das escadas, e a expressão fantasmal de Jane era tão estridente quanto sua voz.

—... tecnologia de ultra-som. Olhe, sei que não é o ideal, porque você não gosta que haja gente dentro da propriedade, mas desta vez não temos outra opção. Fui à clínica, e não só não o aceitarão, mas, além disso, exigiram saber onde estava.

Wrath sacudiu a cabeça.

—Cristo, não podemos trazê-lo assim sem mais...

—Sim, podemos. Fritz pode recolhê-lo no Mercedes. E antes que discuta, recordo-te que tiveste a todos esses estudantes indo ao complexo, a cada semana desde dezembro passado. Ele não saberá onde está. E quanto à glymera, que vá à merda, ninguém tem que saber que está aqui. Poderia morrer, Wrath. E não quero isso sobre a consciência de John. Quer você?

O Rei amaldiçoou baixo, longamente, enquanto deslocava o olhar pelos arredores, como se seus olhos necessitassem algo que fazer enquanto sua mente considerava a situação.

—Bem. Diga ao Fritz que vá recolhê-lo. O moço pode ser examinado e operado, se for

necessário, na sala de primeiros socorros e fisioterapia, mas depois terá que ser transportado de volta imediatamente. As opiniões da glymera importam-me tanto como uma merda de rato, o que me preocupa é o precedente. Não podemos nos converter em um hotel.

— Entendido. E escuta, quero ajudar ao Havers. É muito para ele levantar a nova clínica e ocupar-se dos pacientes. O caso é que isso vai implicar que estarei fora vários dias.

— Vishous está de acordo com esse risco de segurança?

— Não é sua decisão, e estou dizendo isso a ti somente por cortesia — A fêmea riu com secura — Não me olhe assim. Já estou morta. Não é como se os lessers pudessem me matar de novo.

— Isso não tem nada de graça.

— O humor negro é parte de ter um médico em casa. Supera-o.

Wrath ladrou uma risada.

— É muito dura. Não me surpreende que V esteja louco por ti — O Rei ficou sério — Mas, deixemos isto perfeitamente claro. Dura ou não, eu estou ao mando aqui. Este Complexo e todos os que habitam nele são meu assunto.

A mulher sorriu.

— Deus, recorda ao Manny.

— A quem?

— Meu antigo chefe. Chefe de cirurgia do St. Francis. Os dois lhes levariam maravilhosamente. O... possivelmente não — Jane estendeu o braço e colocou uma mão transparente sobre o grosso e tatuado antebraço do Rei. Quando se produziu o contato, voltou-se sólida de pés a cabeça — Wrath, não sou estúpida, não vou fazer nada precipitado. Você e eu queremos o mesmo, que todo mundo esteja a salvo... e isso inclui membros da raça que não vivem aqui. Nunca vou trabalhar para você, nem para nenhum outro, porque não está em minha natureza. Mas seguro como o inferno que vou trabalhar com você, OK?

O sorriso de Wrath estava cheio de respeito, e assentiu uma vez, o mais próximo que o Rei chegaria jamais a uma reverência.

— Posso viver com isso.

Quando Jane partiu em direção ao túnel subterrâneo, Wrath levantou a vista e olhou ao Phury.

Não disse nada.

— Estavam falando de Lash? — perguntou Phury, esperando que tivessem encontrado ao menino ou algo.

— Não.

Phury ficou esperando um nome. Quando o Rei simplesmente se girou e começou a subir as escadas, comendo a distância com suas largas e tranquilas pernadas, subindo os degraus de dois em dois, ficou claro que não ia obter nenhum.

Assuntos da Irmandade, pensou Phury.

Que estavam acostumados a ser seus, foi tão amável de apontar o feiticeiro. Até que perdeu a cabeça.

— Ia te buscar — mentiu Phury, aproximando-se de seu Rei e decidindo que um relatório extra-oficial a respeito do que ocorreu na clínica era claramente desnecessário a estas alturas — Há algumas Escolhidas que vão deixar vir por aqui. Vêm para ver-me.

O Rei franziu o cenho detrás de suas lentes envoltivas.

— Assim completaste a cerimônia com a Cormia, né. Não deveria ir você a ver as fêmeas ao Outro Lado?

— E assim será. Mais logo do que acredita — Merda, acaso isso não era certo?

Wrath cruzou os braços sobre o forte peito.

— Hão-me dito que esta noite deu uma mão na clínica. Obrigado.

Phury tragou com força.

Quando foi um Irmão, o Rei nunca te dava os obrigado pelo que fazia, porque só estava cumprindo com seu dever e fazendo seu trabalho, exercendo seu direito de nascimento. Podia conseguir um «Bravo» por chutar traseiros, ou ganhar algo de torpe simpatia à maneira cheia de testosterona dos machos se o amassavam e resultava ferido... Mas nunca lhe davam obrigado.

Phury se esclareceu garganta. De nada, não lhe passou pela garganta assim simplesmente murmurou:

— Z tinha tudo controlado... Junto com o Rehv, que casualmente estava ali.

— Sim, também vou agradecer ao Rehv — Wrath se girou para o estudo — Esse symphath está provando ser muito útil.

Phury observou as portas duplas fechar-se lentamente, a sala azul pálido além delas desapareceu da vista.

Enquanto se voltava para partir, captou uma olhada do majestoso teto do vestíbulo, com seus guerreiros tão orgulhosos e seguros.

Agora ele era um amante, não um lutador, verdade?

Sim, disse o feiticeiro. E arrumado a que no sexo será igual de mau. Agora vê se encontra a Cormia e diga que como a quer tanto decidiu deixá-la. Olhe-a nos olhos e diga que vai foder com suas irmãs. Com todas elas. Com cada uma delas.

Exceto com ela.

E te diga a ti mesmo que está fazendo-lhe um bem enquanto rompe seu coração. Porque essa é a razão pela que está fugindo. Viu a forma que olha e sabe que te ama e é um covarde.

Diga-lhe. Diga-lhe tudo.

Enquanto o feiticeiro começava um autêntico cilindro, desceu as escadas até o primeiro piso, entrou na sala de bilhar, e recolheu uma garrafa de Martini & Rossi e uma garrafa de genebra Beefeater. Segurou uma tigela com azeitonas, uma taça de Martini, Y...

A caixa de palitos de dentes o fez pensar em Cormia.

Dirigiu-se outra vez escada acima, ainda temendo estar sozinho, mas igualmente temeroso de estar em companhia de alguém mais.

Quão único sabia era que havia um método infalível de sossegar ao feiticeiro, e ia executar esse plano.

Até ficar fodidamente fora de combate.

Capítulo 23

Pelo geral, ao Rehv não gostava de ficar no estúdio da parte traseira de seu escritório no ZeroSum. Entretanto, depois de uma noite como essa, não tinha vontades de obrigar-se a sair da cidade até o refúgio onde estava vivendo sua mãe, e o panorâmico apartamento de cobertura que tinha no Commodore, com suas fachadas envidraçadas, tampouco era uma boa opção em absoluto.

Xhex foi procurar à clínica, e no caminho de volta ao clube o recriminou duramente por não havê-la chamado para que tomasse parte na luta. Ao que lhe respondeu que se deixasse de foder, se não parecia que outro symphath mestiço na salada tivesse sido muito.

Sim, seguro. Além disso, as clínicas a punham nervosa como o inferno.

Depois de havê-la posto a par da infiltração, mentiu dizendo que Havers jogou-lhe uma olhada e deu-lhe algumas drogas. Ela se deu conta que estava inventando o do braço, mas por sorte o amanhecer estava muito perto para que comesçassem uma briga particularmente virulenta. Certo que ela poderia ter ficado, para poder seguir discutindo com ele, mas Xhex sempre tinha que retornar a seu lar. Sempre.

Ao ponto que ele sempre se perguntou exatamente o que a esperava em casa. Ou quem.

Entrando no quarto de banho, conservou sua Marta Cibelina posta ainda quando o disco do termostato estava no topo na posição de lar. Enquanto fazia correr a água quente da ducha, pensou no que aconteceu na clínica e se deu conta que foi dramaticamente vigorizante. Para ele lutar era como um traje de Tom Ford: amoldava-se à perfeição e era algo que podia levar com orgulho. E as boas notícias eram que seu lado symphath permaneceu controlado, inclusive com a tentação de todo aquele sangue lesser derramada.

Em definitiva? Ele estava bem. Realmente o estava.

Quando o vapor começou a flutuar a seu redor, obrigou-se a tirar o casaco, o traje Versace e a camisa de Pink. Os objetos estavam completamente arruinados, e a sua Cibelina não tinha ido muito melhor. Pô-las em um montão para enviá-las a limpar em seco e remendar.

De caminho à água quente, passou junto ao grande espelho que havia sobre a bancada de lavabos de vidro. Voltando-se para seu reflexo, passou as mãos pelas estrelas vermelhas de cinco pontas que tinha no peito. Logo desceu mais e cavou a mão sobre o pênis.

Teria sido agradável ter um pouco de sexo depois de tudo o que aconteceu, ou ao menos que seu corpo saboreasse a depuração que o brindaria um bom trabalho manual. Ou três.

Enquanto sustentava a si mesmo entre as Palmas das mãos, não pôde passar por cima o fato de que seu antebraço esquerdo parecia como se tivesse sido passado por uma máquina de picar carne por conta de todas as injeções.

Os efeitos secundários simplesmente fediam.

Meteu-se sob a água e soube que estava quente só por causa do ar leitoso e úmido que tinha a seu redor e pelo modo em que sua temperatura interior soltou um enorme suspiro de alívio. Sua pele não lhe dizia nada, não lhe dizia quão forte golpeava a água da ducha contra seus ombros, nem que o sabonete com o que estava se banhando fosse liso e escorregadio, nem que a palma com que percorria seu corpo, para ajudar aos chorretes de espuma a escorregar para o deságüe de abaixo, fosse larga e quente.

Seguiu com a rotina de ensaboar-se durante mais tempo que o necessário. A questão era que não podia suportar deitar-se com nenhum tipo de sujeira nele, mas mais que isso, necessitava a desculpa para ficar na ducha. Essas eram umas das poucas vezes que sentia o suficiente calor, e o choque de sair era sempre uma putada.

Dez minutos mais tarde, estava nu entre os lençóis de sua cama extragrande e tinha a grossa manta de visom até o queixo como um menino. Quando a frieza que sentia em seu interior desde que se secou com a toalha se desvaneceu, fechou os olhos e apagou as luzes com a mente.

Seu clube do outro lado das paredes revestidas de painéis de aço já estaria vazio. Suas moças estariam em casa para passar o dia, já que a maior parte delas tinha meninos. Seus garçons e corredores de apostas estariam tomando um bocado e relaxando-se em algum lugar. Seu pessoal administrativo de venda estaria vendo a reposição do Star Trek: A próxima geração. E sua equipe de limpeza de vinte pessoas teria terminado com os chãos, as mesas, os quartos de banho e os privados e estariam tirando o uniforme para ir ao seu seguinte trabalho.

Gostou da idéia de estar sozinho ali. Era algo que não acontecia freqüentemente.

Enquanto seu telefone se disparava, amaldiçoou e se recordou que ainda quando estava sozinho, sempre havia gente tagarelando.

Tirou o braço para responder.

—Xhex, se quer seguir discutindo, deixa-o para amanhã...

—Não sou Xhex, symphath. — A voz de Zsadist estava tensa como um punho — E te chamo com respeito a sua irmã.

Rehv levantou, sem lhe importar que as mantas caíssem de seu corpo.

—O que.

Quando terminou com o Zsadist, voltou a recostar-se, pensando que assim devia ser como se sentia um quando acreditava que estava tendo um ataque ao coração, e ao final resultava ser só uma indigestão: aliviado, mas ainda doente do estômago.

Bela estava bem. No momento. O Irmão chamou porque se apegava ao trato que fizeram. Rehv prometeu não interferir, mas queria estar à corrente de como o estava levando.

Foder, todo esse assunto de gravidez era horrível.

Atirou das mantas subindo-as até o queixo outra vez. Tinha que chamar a sua mãe e pô-la em dia, mas o faria mais tarde. A essa hora estaria retirando-se a descansar, e não havia nenhuma razão para mantê-la todo o dia preocupada.

Deus, Bela... Sua querida Bela, não sua irmãzinha, agora a shellan de um Irmão.

Eles dois sempre tiveram uma relação intensa e complicada. Em parte, devido a suas personalidades, mas também porque ela não tinha nem idéia do que ele era. Tampouco tinha nenhuma pista sobre o passado da mãe de ambos nem de como morreu o pai dela.

Ou, melhor dizendo, quem o tinha assassinado.

Rehv matou para proteger a sua irmã, e não vacilaria em fazê-lo de novo. Desde que tinha memória, Bela foi a única coisa inocente em sua vida, a única coisa pura. Teria querido mantê-la assim para sempre. A vida teve outros planos.

Para evitar pensar em seu seqüestro por parte dos lessers, do qual ainda se sentia culpado, evocou uma das lembranças mais vividas que tinha dela. Foi aproximadamente um ano depois de que ele se feito cargo dos assuntos da casa e de enterrar ao pai dela. Ela tinha sete anos.

Rehv entrou na cozinha e a encontrou comendo de uma tigela do Frosted Flakes(cereais) na mesa da cozinha, seus pés penduravam da cadeira em que havia se sentando. Calçava umas sapatilhas de cor rosa — que não gostava, mas que tinha que ficar quando seus favoritos, da cor azul marinho, estavam lavando — e uma camisola Lanz de flanela que tinha fileiras de rosas amarelas separadas por linhas azuis e rosas.

Foi toda uma visão, ali sentada com seu longo cabelo castanho solto caindo pelas costas, aquelas pequenas sapatilhas rosa e o cenho todo franzido enquanto pescava os últimos cereais com a colher.

—Por que me olha, galo de briga? — entoou, com os pés balançando-se daqui para lá debaixo da cadeira.

Ele sorriu. Inclusive naquela época usava o cabelo com um corte mohawk, e ela era a única que se atrevia a lhe dar um apelido descarado. E, naturalmente, ele a amava ainda mais por isso.

—Por nenhuma razão.

O que foi uma mentira. Enquanto aquela colher pescava no leite açucarado, esteve pensando que essa calma, a tranqüilidade desse momento havia valido todo o sangue com que sujou as mãos. A fodidas pazadas.

Com um suspiro, ela jogou uma olhada à caixa de cereais, que estava na bancada do outro lado da cozinha. Seus pés deixaram de balançar-se, o leve piff, piff, piff que produziam as sapatilhas ao roçar a travessa, que tinham as cadeiras na parte inferior, desvanecendo-se até ficar em silêncio.

—Que olha, Lady Bell? — Quando ela não respondeu imediatamente, ele tinha posto o olhar no Tony, a Tigre. Enquanto as cenas de seu pai cintilaram por sua cabeça, teria estado disposto a apostar a que ela estava vendo quão mesmo ele via.

Com uma vozinha apenas perceptível, havia-lhe dito:

—Se quero posso comer mais.

Seu tom foi vacilante, como se estivesse inundando o pé em um lago que poderia ter sanguessugas dentro.

—Sim, Bela. Pode comer tanto como goste.

Não se levantou de um salto da cadeira. Permaneceu quieta, só respirando e expandindo seus sentidos através da mesa, na maneira que o fazem as crianças e os animais, quando querem checar se não havia perigo.

Rehv não se moveu. Ainda quando tivesse querido levar a caixa, sabia que devia ser ela a que cruzasse o lustroso chão vermelho cereja com aquelas sapatilhas para levar ao Tony o Tigre até sua tigela novamente. Tinham que ser suas mãos as que sustentaram a caixa para que outro turno de cereais fosse orvalhado sobre o leite quente. Devia ser ela a que recolhesse a colher outra vez e ficasse a comer.

Tinha que saber que não havia ninguém na casa que fosse censurá-la por tomar uma segunda ração se ainda tinha fome.

O pai dela se especializou nesse tipo de assuntos. Como muitos machos de sua geração, o pedaço de merda tinha acreditado que as fêmeas da glymera tinham que ser «mantidas esbeltas». Como gostava de assinalar uma e outra vez, a gordura no corpo feminino aristocrático era o equivalente ao pó que se acumula em uma estátua de valor incalculável.

Tinha sido ainda mais duro com a mãe de ambos.

Em silêncio, Bela baixou o olhar ao leite e moveu a colher de um lado a outro, formando uma esteira de ondas.

Não vai fazer, pensou Rehv, sentindo vontades de voltar a matar a aquele bastardo progenitor dela. Ainda está assustada.

Mas então ela deixou a colher no prato de debaixo da tigela, desceu da cadeira, e atravessou a cozinha com sua pequena camisola Lanz. Não o olhou. Tampouco pareceu estar olhando o alegre desenho do tigre Tony quando recolheu a caixa.

Estava aterrorizada. Era valente. Era pequeninha mas audaz.

Sua visão se tornou vermelha naquele ponto, mas não porque seu lado mau estivesse emergindo. Quando a segunda ração do Frosted Flakes foi servida, teve que ir. Havia dito algo alegre sobre nada em particular e se colocou rapidamente no quarto de banho do vestíbulo, encerrando-se ali.

Tinha derramado suas lágrimas de sangue a sós.

Esse momento na cozinha com o Tony e o segundo melhor par de sapatilhas de Bela demonstrou que tinha feito o correto: a conformidade pelo assassinato que cometeu chegou quando aquela caixa de cereais foi transportada através daquela cozinha em mãos de sua querida, amada e preciosa irmãzinha.

Voltando ao presente, pensou em Bela agora. Uma fêmea adulta com um poderoso companheiro e uma cria logo que sustentando-se dentro de seu corpo.

O demônio ao que se enfrentava agora não era nada no que seu grande e mau irmão pudesse ajudá-la. Não havia nenhuma tumba aberta na qual ele pudesse jogar no golpeado e sangrento despojo do destino. Ele não podia salvar a deste monstro em particular.

O tempo tinha a palavra, e isso era inevitável.

Até seu seqüestro, nunca considerou que ela pudesse morrer antes que ele. Entretanto,

durante aquelas seis horríveis semanas nas que permaneceu retida naquele subterrâneo lesser, no único que podia pensar era na ordem das mortes de sua família. Sempre assumiu que sua mãe ia primeiro, e de fato, estava iniciando a rápida deterioração que levava aos vampiros ao final de suas vidas. Foi bem consciente que ele iria depois, cedo ou tarde uma de duas coisas ia acontecer: alguém ia precaver-se de sua natureza symphath e ia ser açoitado e enviado à colônia, ou sua chantagista ia orquestrar seu falecimento ao modo dos symphaths.

O que queria dizer, de forma imprevista e brutalmente criativa...

Como se a tivesse convocado, um acorde musical brotou de seu telefone. O tom se repetiu outra vez. E outra vez.

Ainda antes de levantá-lo, sabia quem chamava. Mas assim eram as conexões entre symphaths.

Falando do diabo, pensou enquanto respondia a chamada de sua chantagista.

Quando pendurou, tinha um encontro com a Princesa para a tarde seguinte.

Que afortunado.

Qhuinn estava tendo esse longo e fodido sonho no que estava na Disney World em uma atração com um montão de ascensões e baixadas. O que era estranho, já que só tinha visto montanhas russas pela TV. Já que não podia subir à Montanha do Grande Trovão se não podia suportar o sol.

Quando terminou todo o percurso, abriu os olhos e descobriu que estava na sala de primeiros socorros e fisioterapia do centro de treinamento da Irmandade.

Ah, fodidas obrigado.

Obviamente alguém o golpeou a cabeça durante a aula de treinamento, e aquela merda com o Lash, o assunto com sua família e seu irmão integrando a guarda de honra, foi um pesadelo. Que alívio...

O rosto da doutora Jane apareceu diante dele.

—Né, vá... Está de volta.

Qhuinn piscou e tossiu.

—Onde... Fui?

—Jogaste-te uma pequena sesta. E dessa forma pude te extrair o baço.

Merda. Não foi uma alucinação. Era a nova realidade.

—Estou... Bem?

A doutora Jane pôs a mão sobre seu ombro, sua palma se sentia quente e pesada embora o resto dela fosse translúcido.

—Fê-lo muito bem.

—O estômago ainda dói. —Levantou a cabeça e baixou o olhar por seu peito nu para a atadura que enfaixava sua cintura.

—Seria mau se não o fizesse. Mas estará feliz de saber que pode voltar para a casa de Blay em uma hora. A operação foi um procedimento de rotina, e está cicatrizando muito bem. Não tenho nenhum problema com a luz do dia, assim se me necessita, posso estar em sua

casa em um minuto. Blay sabe que deve vigiar, e lhe dei alguns medicamentos para você.

Qhuinn fechou os olhos, afligido por uma espécie de fodida tristeza.

Enquanto tentava acalmar-se, ouviu que a doutora Jane dizia:

—Blay, quer vir...

Qhuinn sacudiu a cabeça, logo a girou para outra parte.

—Preciso estar um minuto a sós.

—Está seguro?

—Sim.

Quando a porta se fechou silenciosamente, colocou uma mão tremente sobre o rosto. Sozinho... Sim, estava sozinho, bem. E não só porque não havia ninguém mais na sala com ele.

Realmente gostou de pensar que as últimas doze horas foram somente um sonho.

Deus, que caralho ia fazer com o resto de sua vida?

Teve uma lembrança da visão que teve quando se aproximou do Fade. Talvez deveria ter passado diretamente por aquela maldita porta apesar do que viu. Seguro como a merda que tudo teria sido mais fácil.

Tomou um momento para recompor-se. Ou possivelmente fosse bem uma meia hora. Então gritou com uma voz tão forte quanto pôde reunir:

—Estou preparado. Estou preparado para ir.

Capítulo 24

Uma casa pode estar vazia mesmo que esteja cheia de gente. E isso era algo bom.

Faltando uma hora para o amanhecer Phury andava cambaleando-se por uma das inumeráveis esquinas da mansão, vendo-se obrigado a estender as mãos para estabilizar-se.

Embora em realidade não estivesse sozinho, verdade? Boo, o gato negro da casa, encontrava-se aí mesmo, com ele, caminhando junto a ele, fiscalizando-o. Foda, poderia dizer-se que o animal estava dirigindo o espetáculo, já que em algum ponto ao longo da linha, Phury começou a segui-lo, em vez de dirigi-lo.

Dirigir não seria uma boa idéia. Seu nível de álcool no sangue estava muito acima do limite legal para algo além de escovar os dentes. E isso foi antes que lhe somasse os entumecedores efeitos de uma bolsa cheia de erva de fumaça vermelha.

Quantos néscios? Quantas taças?

Bem, agora eram... Não tinha nem idéia de que hora era. Embora tinha que ser perto da alvorada.

Dava o mesmo. De todas as formas tentar levar a conta da farra teria sido uma perda de tempo. Considerando o enjoado que estava, era duvidoso que pudesse chegar a contar a quantidade suficiente, e, além disso, realmente não podia recordar qual foi a porcentagem de

consumo por hora. Tudo o que sabia era que deixou seu quarto quando se acabaram as três garrafas do Beefeater. Ao princípio planejou conseguir outra garrafa de genebra, mas logo se encontrou com o Boo e começou a perambular.

Considerando todas as circunstâncias, deveria ter estado desacordado em sua cama. Estava o suficientemente poluído como para a rotina de «luzes fora», e esse foi, depois de tudo, seu objetivo. O problema era, que inclusive com toda sua auto-medicação, sua cabeça sofria do que gostava de chamar a ansiedade das quatro C's: a situação de Cormia. Seu Compromisso com as Escolhidas. A infiltração na Clínica. E a Cria de Bela.

Bem, o último era um termo do reino animal. Mas ainda assim.

Ao menos o feiticeiro estava relativamente tranqüilo.

Phury abriu uma porta ao azar enquanto tratava de entender aonde o conduziu o gato. Ah, bem. Se seguia caminhando, encontraria-se em território doggen, a grande ala onde morava o pessoal. O que seria um problema. Se o encontravam vagando por ali, ao Fritz lhe arrebitaria um aneurisma dando por sentado que os criados de algum modo não desempenharam seus deveres corretamente.

Quando Phury girou à direita, a base de seu cérebro começou a arder pela necessidade de outro golpe de fumaça vermelha. Estava a ponto de dar a volta quando ouviu sons provenientes da escada traseira que conduzia ao terceiro piso. Havia alguém na sala de projeção... o que significava que realmente deveria sair por pé em direção contrária, porque topar-se com um de seus irmãos seria má coisa.

Estava afastando-se quando captou um aroma a jasmim.

Phury se imobilizou. Cormia...

Cormia estava ali acima.

Deixou-se cair contra a parede, esfregou-se o rosto e pensou naquele desenho erótico que tinha feito. E a ereção que teve enquanto trabalhava nele.

Boo soltou um miado e subiu diretamente até a porta da sala de projeção. Quando o gato o olhou por cima do ombro, seus olhos verdes pareceram dizer, Vamos, traz seu traseiro aqui acima, amigo.

— Não posso. — Melhor dizendo não deveria.

Boo não o tragou. O gato se sentou, movendo a flexível calda acima e abaixo como se estivesse esperando que Phury se decidisse a seguir com o itinerário de uma vez.

Phury travou seu olhar com o animal em um clássico desafio do jogo do sério.

Foi ele e não o gato, que piscou primeiro e afastou o olhar.

Dando-se por vencido, passou-se a mão pelo cabelo. Arrumou-se a camisa de seda negra. Atirou de suas calças cor nata. Poderia estar totalmente cozido, mas ao menos pareceria um cavalheiro.

Claramente satisfeito pela resolução que estava vendo, Boo se afastou trotando da porta e se esfregou contra a perna de Phury como se lhe desse um bravo!

Quando o gato partiu, Phury abriu a porta e pôs um de seus mocassins Gucci em um degrau. Logo o repetiu. E o repetiu. Usou o corrimão de cobre para estabilizar seu grande

corpo, e enquanto subia tratou de encontrar uma desculpa para o que estava fazendo. Não pôde. Se somente estava em condições de usar Colgate, não deveria absolutamente interagir com a fêmea Escolhida que não era oficialmente tua, mas a quem desejava de tal maneira que te doía o pênis.

Sobre tudo considerando as notícias que tinha para lhe dar.

Chegou ao alto da escada, dobrou a esquina, e olhou para baixo, às filas ligeiramente descendentes de poltronas. Cormia estava na parte dianteira, sua túnica branca de Escolhida formando um atoleiro a seus pés. Na tela as imagens piscavam rapidamente. Estava rebobinando uma cena.

Tomou fôlego. Deus, que bem cheirava... e por alguma razão essa essência a jasmim sua era especialmente intensa essa noite.

O rebobinado se deteve e Phury jogou uma olhada a enorme tela. Cristo... Santo.

Era... uma cena de amor. Patrick Swayze e essa Jennifer alguma coisa, a mulher do nariz, estavam fazendo-o em uma cama. Dirty Dancing.

Cormia se inclinou para frente na poltrona, seu rosto entrou em seu campo visual. Seus olhos estavam absortos no que ocorria frente a ela, seus lábios separados, uma mão descansava na base de sua garganta. O cabelo longo e loiro caía sobre o ombro e roçava a parte superior de seu joelho.

O corpo de Phury se endureceu, sua ereção saiu disparada formando uma loja de campanha diante de suas calças Prada, estragando as pregas feitas sob medida. Apesar da neblina de fumaça vermelha, seu sexo rugiu.

Mas não devido ao que estava na tela. Cormia foi o detonante.

Em sua mente apareceu uma súbita imagem em que recordou quando esteve em sua garganta, e sob seu corpo, e o HP (filho da puta) assinalou que era o Primale das Escolhidas, e, portanto, quem fazia as regras era ele. Mesmo que a Directrix e ele tivessem estado de acordo em que tomaria a outra como Primeira Companheira, de todas as formas podia estar com a Cormia se quisesse e se ela consentisse... simplesmente não possuiria o mesmo peso em termos de cerimônia.

Sim... Embora fosse tomar a outra para completar o rito do Primale, igualmente poderia descender os superficiais degraus, cair de joelhos diante de Cormia, e subir a túnica até os quadris. Poderia deslizar as mãos por suas coxas, separar-lhe completamente e afundar a cabeça ali embaixo. Depois de que a tivesse a tom e molhada por sua boca, poderia...

Phury deixou cair à cabeça para trás. OK, isto não estava ajudando para nada a refrear sua ansiedade. E, além disso, ele nunca se afundou em uma fêmea dessa forma antes, assim não estava seguro de como fazê-lo.

Embora supunha que se podia comer uma casquinha de sorvete, lambida e a chupada deveriam funcionar fodidamente bem.

Assim como também funcionariam as suaves dentadas.

Merda.

Como sair era a única coisa decente que fazer, deu meia volta afastando-se. Se ficava,

não ia ser capaz de resistir a ela.

—Sua Graça?

A voz de Cormia congelou seu fôlego e seus passos. E pôs o seu pênis a fazer lagartixas.

Por decoro, recordou a seu sexo que o fato de que ela dissesse algo não era um convite para representar sua fantasia com classificação X «de joelhos com a cabeça colocada entre suas coxas».

Merda.

A sala de projeção lhe deu a sensação de ser do tamanho de uma caixa de sapatos quando ela disse:

—Sua Graça, Você... necessitava algo?

Não te dê a volta.

Quando Phury olhou por cima do ombro, seus acesos olhos lançaram um brilho amarelo que iluminou os respaldos das poltronas. Cormia ficou ressaltada pela luz de seu penetrante olhar, seus cabelos capturou e manteve os raios gerados por sua necessidade urgente de gozar dentro dela.

—Sua Graça... —disse em voz baixa.

—O que está vendo? — perguntou em voz baixa, embora era perfeitamente óbvio o que se via na tela.

—OH... John escolheu o filme — manuseou o controle, pulsando os botões até que a imagem se congelou.

—O filme não, Cormia, a cena.

—Ah...

—Esta cena a escolheste você... Estiveste-a vendo uma e outra vez, verdade?

—Sim... Fiz-o. —respondeu com voz rouca.

Deus, ela estava adorável quando girou na poltrona para enfrentar a ele... Com seus grandes olhos, sua boca plena, e o cabelo claro rodeando-a por toda parte, o aroma a jasmim enchendo o espaço que havia entre eles.

Estava excitada; por isso sua fragrância natural era tão forte.

—Por que essa cena? — perguntou-lhe — Por que escolheu essa?

Enquanto esperava que respondesse, seu corpo se esticou e sua ereção pulsou ao compasso de seu coração. O que palpitava através de seu sangue não tinha nada que ver com rituais ou obrigações ou responsabilidade. Isto se tratava diretamente de sexo puro e duro, da classe que deixaria a ambos exaustos e suarentos, desalinhados e provavelmente um pouco machucados. E para sua total desonra, não importava que ela estivesse excitada devido ao que esteve vendo. Não importava que não fosse por ele. Queria que o usasse... Usasse-o até que drenasse, deixando-o seco e cada centímetro de seu corpo estivesse completamente brando, inclusive esse «sempre pronto» pênis dele.

—Por que escolheu a cena, Cormia?

Voltou a levar a elegante mão à base da garganta.

—Por que... faz-me pensar em ti.

Phury exalou em um grunhido. Bem, isso não era o que esperava que ela dissesse. E o dever era uma coisa, mas demônios, ela não tinha o olhar de uma fêmea preocupada com cumprir com a tradição. Ela queria sexo. Talvez inclusive o necessitava. Justo como o necessitava ele.

E ela o queria com ele.

Em câmara lenta, Phury se girou para ela com o corpo repentinamente muito coordenado, a confusão por toda a fumaça vermelha e a bebida totalmente desvanecida.

Ia tomá-la. Aqui. Agora.

Começou a descer os degraus, preparado para reclamar o que era dele.

Cormia se levantou da poltrona, em meio da luz cegadora que emitiam os olhos do Primale. Ele era como uma sombra poderosa ao aproximar-se dela, com suas largas pernas tragava de dois em dois os superficiais degraus. Deteve-se quando estava só a alguns centímetros de distância, e cheirava a aquela deliciosa essência defumada e também às escuras especiarias.

—Olha-o porquê te faz pensar em mim — disse com voz profunda e áspera.

—Sim...

Ele estendeu a mão e lhe tocou o rosto.

—E no que pensa?

Reuniu coragem e soltou palavras que não tinham nenhum sentido:

—Penso a respeito de que eu... Tenho certos sentimentos por ti.

A risada erótica lhe provocou um escuro estremecimento.

—Sentimentos... E eu me pergunto onde exatamente me sente? — As pontas de seus dedos vagaram desde seu rosto para seu pescoço até chegar a sua clavícula — Aqui?

Ela tragou saliva, mas antes que pudesse responder, a mão se moveu sobre seu ombro e desceu por seu braço.

—Aqui, talvez? — disse apertando seu pulso, justo em cima de suas veias, logo deslizou a mão até sua cintura e a rodeou, para ir apoiar na parte baixa de suas costas, apressando-a — Diga-Me, é aqui mesmo?

De repente, segurou-lhe os quadris com ambas as mãos, inclinou-se para seu ouvido, e sussurrou:

—Ou possivelmente é mais abaixo?

Algo se inflamou no coração dela, algo quente como a luz que emitiam os olhos dele.

—Sim — disse, contendo a respiração — Mas também aqui. Sobre tudo... Aqui. — disse pondo a mão dele sobre seu peito, diretamente sobre seu coração.

Ele ficou imóvel, e ela percebeu a mudança que experimentou, como se esfrio a corrente quente que esteve percorrendo seu sangue e como se extinguíram as chamas.

Ah, sim, pensou. Ao expor a si mesmo, deixou a descoberto a verdade a respeito dele.

Embora fosse óbvio desde o começo, verdade?

O Primale retrocedeu e passou uma mão pelo cabelo escandalosamente formoso.

—Cormia...

Apelando a sua dignidade, deu-se de ombros.

—Me diga, com qualquer Escolhida te passaria o mesmo? Ou é para mim em concreto a quem não deseja como companheira?

Ele passou a seu lado e começou a passear diante da tela. A imagem congelada do filme, de Johnny e Bebê jazendo tão intimamente juntos, projetava-se sobre o corpo dele, e ela desejou fervorosamente saber como se desligava o filme. A vista da perna de Bebê em cima do quadril de Johnny, e a mão dele agarrando a coxa enquanto se enterrava nela, não era exatamente o que precisava ver nesse momento.

—Não quero estar com ninguém — disse o Primale.

—Mentiroso — Quando ele se virou surpreso para encará-la, descobriu que já não importava fazer frente às conseqüências da franqueza — Você sabia desde o começo que não queria te deitar com nenhuma de nós, verdade? Sabia e ainda assim continuou com a cerimônia ante a Virgem Escriba, mesmo que estivesse apaixonado por Bela e não pudesse suportar estar com qualquer outra. Deu esperanças a quarenta fêmeas de valia com uma mentira...

—Fui ver a Directrix. Ontem.

A Cormia afrouxaram as pernas, mas manteve a voz firme.

—Foi? E o que decidistes os dois?

—Eu... tenho intenção de te liberar. De sua posição como Primeira Companheira.

Cormia segurou a túnica em um punho, com tanta força que se ouviu um suave som de rasgão.

—Tem a intenção ou o tem feito já.

—Tenho-o feito já.

Tragou com força e se deixou cair afundando-se novamente na poltrona.

—Cormia, por favor quero que saiba que não é por ti — aproximou-se e se ajoelhou diante dela — Você é formosa...

—Não, isto se for por mim — disse — Não é que não possa aparejar-te com nenhuma outra fêmea, é que não me deseja.

—Só quero que te veja livre de tudo isto...

—Não minta — espetou, renunciando a toda pretensão de cortesia — Te disse desde o começo que eu o tomaria dentro de mim. Não hei dito, nem feito nada para te desalentar. Assim se faz a um lado, é porque não me deseja...

O Primale segurou sua mão e pôs a palma entre suas pernas. Quando ela ofegou ante o contato, ele elevou os quadris e empurrou algo comprido e duro dentro da palma de sua mão.

—O desejo não é o problema.

Os lábios de Cormia se separaram.

—Sua Graça...

Os olhos de ambos se encontraram e não se separaram. Quando ele abriu a boca ligeiramente, como se não pudesse respirar, ela juntou o valor suficiente para apertar suavemente seu sexo rígido com a mão.

O poderoso corpo tremeu e soltou seu braço.

— Não é pelo emparelhamento — disse com voz rouca — Você foi forçada a isto.

Certo. A princípio, tinha-o sido. Mas agora... seus sentimentos por ele não eram forçados no mais mínimo.

Olhou-o aos olhos e sentiu um curioso alívio. Se ela não era sua Primeira Companheira, nada disto teria importância, realmente, verdade? Em momentos como este, no que estavam juntos... eles eram tão somente dois corpos particulares, não instrumentos de enorme significado. Eram só ele e ela. Um macho e uma fêmea.

Mas e as demais? Teve que perguntar-se. E todas suas irmãs? Ele ia estar com elas; podia vê-lo em seus olhos. Havia resolução nesse olhar amarelo dela.

E, entretanto, quando o Primale tremeu ao soltar a respiração, ela afastou tudo isso de sua mente. Nunca o teria realmente como seu próprio... Mas agora mesmo o tinha para ela sozinha.

— Já não estou sendo forçada — sussurrou, reclinando-se contra seu peito. Levantou o queixo e ofereceu o que ele queria — isto eu desejo.

Olhou-a fixamente durante um momento, e logo as palavras que disse com voz gutural não tiveram nenhum sentido para ela:

— Não sou o bastante bom para você.

— Falso. Você é a força da raça. É nossa virtude e nosso poder.

Ele negou com a cabeça.

— Se acredita nisso, é que não sou em modo algum quem você pensa que sou.

— Sim, é-o.

— Não o sou...

Ela o fez calar com sua boca, logo se retirou.

— Não pode trocar o que penso de ti.

Ele elevou a mão e acariciou seu lábio inferior com o polegar.

— Se realmente me conhecesse, tudo o que crê trocaria.

— Seu coração seria o mesmo. E isso é o que amo.

Quando os olhos dele flamejaram ante a palavra, voltou a beijá-lo para conseguir que deixasse de pensar, e evidentemente funcionou. Gemeu e tomou a iniciativa, com aqueles seus suaves lábios acariciou a boca até que não pôde respirar e não se importou. Quando sua língua lambeu a dela, sugou-a instintivamente e sentiu que o corpo dele se sacudia e se pegava contra ela.

Os beijos continuaram sem pausa. Parecia não ter fim para a quantidade de formas diferentes e as diferentes sensações que te produzia o roçar e esfregar, empurrar e chupar, e não era só sua boca a que formava parte disto... todo seu corpo sentia o que estavam fazendo, e a julgar pelo calor e a urgência, o dele também.

E o queria ainda mais envolto. Movendo o braço para cima e para trás, esfregou-lhe o sexo.

Ele se afastou bruscamente.

—Poderia querer tomar cuidado com isso.

—Com isto? — Quando o acariciou através da calça, ele jogou a cabeça para trás e vaiou... assim voltou a fazê-lo. Continuou até que esteve mordendo o lábio inferior com as presas completamente alargadas e os músculos que corriam aos lados de seu pescoço ficaram absolutamente tensos.

—Por que devo tomar cuidado, Sua Graça?

Endireitou a cabeça e lhe aproximou a boca ao ouvido.

—Vais fazer que goze.

Cormia sentiu que algo quente se derramava entre suas coxas.

—Foi isso o que fez quando estávamos em sua cama? Aquele primeiro dia?

—Sim... — Ele estirou a palavra, alargando a «s».

Com um curioso e decidido apetite se deu conta que desejava que fizesse isso outra vez. Necessitava que o fizesse.

Inclinou seu queixo de modo que se situou justo no ouvido dele.

—Faz-o para mim. Faz-o agora.

O Primale emitiu um grunhido que saiu do centro do seu peito, o som vibrou entre seus corpos. Era gracioso, se tivesse ouvido esse som de qualquer outro teria se sentido aterrorizada. Vindo dele, nesta circunstância, estava encantada: todo seu poder contido estava na palma de sua mão. Literalmente. E ela tinha o controle.

Por uma vez em sua desamparada vida, controlava a situação.

—Acredito que não deveríamos... — disse, enquanto com os quadris empurrava contra sua mão.

Fechou firmemente a mão sobre ele, roubando um gemido de prazer.

—Não me tire isto —exigiu — Não te atreva a me privar disto.

Seguindo um impulso, que só a Virgem Escriba sabia de onde vinha, mordeu-lhe o lóbulo da orelha. A resposta foi imediata. Ladrou uma maldição e se tornou em cima dela, imobilizando-a na poltrona, quase montando-a com luxúria.

Para nada disposta a retroceder, manteve a mão em seu sexo e o acariciou, e se converteu na contraparte para o impulso da parte inferior de seu corpo. Parecia que lhe agradava a fricção, assim seguiu esfregando-o inclusive quando tomou o queixo e a forçou a aproximar a cabeça a dele.

—Me deixe ver seus olhos — disse entre dentes — Quero te olhar aos olhos quando...

Quando seus olhares se encontraram, soltou um gemido selvagem, e seu corpo ficou completamente tenso. Seus quadris se sacudiram uma vez... duas vezes... três vezes, cada espasmo acentuado por um gemido.

Enquanto seu corpo expressava o prazer que sentia, o rosto alienado do Primale e seus tensos braços eram as coisas mais formosas que já tinha visto. Quando finalmente se sossegou, tragou saliva com força, mas não se separou dela. Através do fino tecido das calças, sentiu uma umidade na mão.

—Eu gosto quando faz isto — disse ela.

Ele soltou uma breve risada.

—Eu gosto disto quando você me faz isso.

Estava a ponto de perguntar se queria tentá-lo outra vez, quando a mão dele afastou o cabelo de seu rosto.

—Cormia?

—Sim... — Gracioso, ela estirou a palavra como ele o tinha feito.

—Deixaria te tocar um pouco? — Baixou o olhar, a seu corpo — Não posso te prometer nada. Não sou... bem, não posso te prometer a mesma coisa que você me deste. Mas eu adoraria te tocar. Só um pouco.

O desespero roubou o ar de seus pulmões e o substituiu por fogo.

—Sim...

O Primale fechou os olhos e pareceu que estava recompondo-se. Logo se inclinou e pressionou seus lábios a um lado de sua garganta.

—Realmente penso que é formosa, nunca duvide disso. Tão formosa...

Quando suas mãos foram para o frente de sua túnica as pontas de seus seios ficaram tão escuras que se retorceu baixo ele.

—Posso me deter — disse, vacilando — Neste mesmo momento...

—Não — aferrou-se a seus ombros, o mantendo no lugar. Não sabia o que ia acontecer depois, mas o necessitava, independentemente do que fosse.

Seus lábios subiram mais por seu pescoço, logo se atrasaram em sua mandíbula. No momento em que pressionava a boca contra a sua, sentiu um ligeiro roçar como o de uma caneta deslizando-se sobre a túnica... por volta de um de seus seios.

Quando empurrou para diante, seu mamilo entrou em contato com a mão dele e ambos gemeram.

—OH, Jesus... — O Primale se retirou um pouco e com cuidado, reverentemente, afastou a lapela da túnica de seu peito — Cormia... — Seu profundo tom aprobatorio foi como uma carícia, quase tangível e percorreu todo seu corpo.

—Posso te beijar aqui? — gemeu enquanto com o dedo riscava círculos ao redor de seu mamilo — Por favor.

—Doce Virgem, sim...

Baixou a cabeça e a cobriu com a boca, quente e úmida, atirando suavemente, amamentando-se.

Cormia jogou a cabeça para trás e enterrou as mãos profundamente em seus cabelos, suas pernas se separaram por nenhum motivo em especial e por todos os motivos. Ela o queria em seu sexo, de qualquer maneira que ele viesse a ela...

—Senhor?

A respeitosa intrusão de Fritz do distante fundo da sala de projeção rompeu a concentração de ambos. O Primale rapidamente se endireitou e a cobriu, embora a poltrona impedia que o mordomo visse algo.

—Que droga aconteceu? —disse o Primale.

—Desculpe-me, mas chegou a Escolhida Amalya com a Escolhida Selenia para vê-lo.

Uma geada onda atravessou a Cormia, congelando todo o calor e a necessidade que havia em seu sangue. Sua irmã. Aqui para vê-lo. Que perfeito.

O Primale ficou de pé, pronunciando uma palavra horrorosa que Cormia não pôde evitar repetir em sua mente, e despediu de Fritz com um movimento rápido da mão.

—Estarei ali em cinco minutos.

—Sim, amo.

Depois de que o doggen partiu, o Primale sacudiu a cabeça.

—Sinto muito...

—Vai-te fazer o que tem que fazer — Como ele vacilava, disse-lhe — Vai-te. Eu gostaria de estar sozinha.

—Podemos falar mais tarde.

Não, em realidade não, pensou. A conversa não ia solucionar nada disto.

—Só vai-te — disse, fazendo caso omisso a qualquer outra coisa que pudesse haver dito.

Quando ficou sozinha de novo, contemplou a imagem congelada na tela até que de repente foi substituída por uma capa negra, e um pequeno grupo de letras em inglês com a inscrição da Sony começou a cintilar em distintos lugares.

Sentia-se miseravelmente mau, por dentro e por fora. Além da dor que sentia no peito, seu corpo sofria retorções de fome como quando uma refeição te era negada ou não podia te alimentar de uma veia.

Salvo que não era alimento o que ela necessitava.

O que precisava acabava de sair caminhando pela porta.

Para os braços de sua irmã.

Capítulo 25

Muito ao norte nas Adirondacks, a ponto de que chegasse o amanhecer ao Saddleback Mountain, o macho que caçou o cervo a noite anterior rastreava outro. Devagar e descoordenado, sabia que o papel de caçador que interpretava era uma piada. A força que conseguia alimentando-se só do sangue animal não era suficiente. Essa noite quando deixou a cova, estava tão fraco que não estava absolutamente seguro de se poderia desmaterializar-se.

O que significava que provavelmente não ia ser capaz de aproximar-se o suficiente de sua presa. O que significava que não ia alimentar-se. O que significava que... finalmente tinha chegado o momento.

Era tão estranho. Perguntou-se, como supunha que todo mundo fazia de vez em quando, como ia morrer exatamente. Quais seriam as circunstâncias? Doeria? Quanto tempo demoraria? Assumiu, dada a linha de trabalho que tinha, que aconteceria lutando.

Em lugar disso, ia ser aqui neste tranquilo bosque, da mão da ardente glória do

amanhecer.

Surpresa.

Diante dele, o cervo levantou a pesada galhada e se dispôs a afastar-se. Reunindo a pouca energia que tinha, o macho se dispôs a cruzar a distância entre ambos os corpos... e nada ocorreu. Sua forma corpórea titilou no espaço, piscando uma e outra vez como se estivessem acionando seu interruptor, mas não mudou de posição e o cervo saiu disparado, sacudindo a branca cauda quando me chocava com a erva daninha.

O macho se deixou cair sobre seu traseiro. Quando olhou para o céu, suas penas eram muitas e profundas, e a maioria envolvia a morte. Não todas, entretanto. Não todas.

Embora estivesse desesperado pelo reencontro que esperava ter no Fade, embora estivesse faminto do abraço daqueles aos que tinha perdido tão recentemente, sabia que estava deixando atrás uma parte de si mesmo aqui na terra.

Não podia fazer nada para evitá-lo. A parte que deixava atrás, isso era.

Seu único consolo era que deixou a seu filho em muito boas mãos. As melhores. Seus irmãos cuidariam de seu filho, como era característico que ocorressem as coisas em família.

Deveria ter se despedido, pensou.

Deveria ter feito um montão de coisas.

Mas os «deveria» se acabavam agora.

Com a lenda do suicido sempre presente, o macho fez alguns intentos para levantar-se, e quando fracassaram, inclusive tratou de arrastar o peso morto de seu corpo com rumo a sua caverna. Não chegou a nenhuma parte, e foi, com um pingo de alegria em seu escuro coração, que finalmente se permitiu derrubar-se em cima das agulhas e folhas de pinheiro.

O macho jazeu de barriga para baixo, o fresco leito do bosque úmido de rocio, enchendo seu nariz com aromas que se sentiam limpos ainda quando vinham da terra.

Os primeiros raios do sol vinham desde detrás dele e logo sentiu a explosão do calor. O fim tinha chegado, e lhe deu as boas-vindas com os braços abertos e os olhos fechados pelo alívio.

A última sensação antes de morrer foi a liberação da terra, seu corpo quebrado sendo atraído para a luz brilhante, atraído à reunião que requereu oito horríveis meses encontrar.

Capítulo 26

Dezesseis horas depois quando caiu à noite, Lash se encontrava ante uma extensão de grama uniforme que conduzia a uma espaçosa casa de estilo Tudor... fazendo girar o anel que o Omega lhe deu uma e outra vez.

Cresci aqui, pensou. Aqui fui educado, alimentado e agasalhado na cama de menino. Quando fiquei maior, ali fiquei até tarde vendo filmes e lendo livros cheios de merda, havia navegando pela Rede e comido refeição lixo.

Tinha passado por sua transição e praticado o sexo pela primeira vez em seu quarto do terceiro piso.

—Quer um pouco de ajuda?

Girou-se e olhou ao lesser que estava detrás do volante do Ford Focus. Era o assassino baixinho, aquele de que tinha bebido. O tipo tinha cabelo bem pálido como o do Bo de Los Duques do Hazzard, todo encaracolado ao redor do chapéu de cowboy que usava. Seus olhos eram de um azul descolorido de aciano, o que sugeria que antes de ter sido induzido foi um autêntico menino branco do meio oeste.

O tipo sobreviveu à alimentação, graças a alguma autêntica depravação por parte do Omega, e Lash tinha que admitir que se alegrava. Necessitava ajuda para entender onde estava, e não se sentia ameaçado pelo senhor D.

—Olá? — disse o lesser — Está bem?

—Fica no carro — Sentou-lhe bem dizê-lo e saber que não ia haver nenhuma discussão — Não demorarei.

—Sim, senhor.

Lash voltou a olhar ao palácio Tudor. As luzes amarelas brilhavam nas janelas de painéis de vidro diamantino, e a casa estava iluminada por refletores que havia no chão como uma formosa Rainha de beleza sobre um cenário. Dentro, a gente se movia pelos arredores, e ele sabia quem era pelas formas de seus corpos e pelo lugar onde se encontravam.

À esquerda, no salão, estavam os dois que o criou como se fosse deles. O dos ombros amplos era seu pai, e o macho se estava passeando, subindo e baixando a mão para seu rosto como se estivesse bebendo algo. Sua mãe estava no sofá, sacudindo a cabeça com seu elaborado coque de um lado a outro sobre o pescoço esbelto. Não parava de tocar o cabelo, como tentando assegurar-se de que estivesse em seu lugar, embora sem dúvida o tivesse orvalhado com fixador até deixá-lo rígido como um arbusto podado.

À direita, na asa da cozinha, vários doggens estavam em plena atividade, deslocando do fogão ao armário e logo ao frigorífico e da bancada ao forno.

Lash podia virtualmente cheirar o jantar, e empanaram seus olhos.

A estas alturas, seus pais já deviam saber o que aconteceu no vestiário e depois na clínica. Deviam ter-lhes dito. Na noite anterior foram ao baile da glymera, mas estavam em casa todo o dia, e ambos pareciam perturbados.

Olhou ao terceiro piso e às sete janelas que marcavam seu quarto.

—Vais entrar? — perguntou o assassino, fazendo-o sentir como uma joaninha.

—Fecha a fodida boca antes que te corte a língua.

Lash desencapou a faca de caça que pendurava de seu cinturão e avançou sobre a grama recortada. A grama se sentia suave sob as novas botas de combate que tinham lhe dado.

Tivera que deixar que o pequeno lesser conseguisse um pouco de roupa, mas não gostava do que tinha posto. Tudo era do Target. Barato.

Quando chegou à porta principal da mansão, pôs a mão no teclado de segurança... mas antes de ingressar o código fez uma pausa.

Fazia um ano que seu velho cão morreu. De velhice.

Tinha sido um rottweiler com pedigree, e seus pais o presenteou quando fez onze anos. Não aprovaram a raça, mas Lash foi inflexível, assim adotaram um que tinha ao redor de um ano de idade. A primeira noite na casa, Lash havia tentando furar a orelha do inseto para colocar um pino de segurança. King lhe mordeu tão forte que as presas do cão atravessaram seu braço e saíram pelo outro lado.

Depois disso se tornaram inseparáveis. E quando o velho vira-lata estirou a pata, Lash chorou como uma pequena criança.

Estendeu a mão e introduziu o código do alarme, depois pôs a mão esquerda no trinco. A luz que havia sobre a porta se refletiu sobre a folha de sua faca.

Desejou que o cão ainda estivesse vivo. Gostaria de ter algo de sua antiga vida que levar-se a nova.

Entrou na casa e se dirigiu ao salão.

Quando John Matthew chegou até as portas do estúdio de Wrath estava calmo como um golfista em meio de uma tormenta de trovões, e ver o Rei piorou sua ansiedade. O macho estava sentado atrás de sua delicada mesa, com um cenho obscurecendo seu rosto, tamborilando com os dedos, e o olhar fixo no telefone como se acabasse de receber más notícias. Outra vez.

John meteu o que trazia na mão sob o braço e chamou suavemente ao marco da porta. Wrath não levantou o olhar.

—O que acontece, filho?

John esperou a que o olhar do Rei se elevasse, e quando o fez, disse lentamente por gestos.

A família de Qhuinn jogou a pontapés.

—Sim, e ouvi que a surra que recebeu esteve a cargo de um guarda de honra cortesia deles — Wrath se recostou em sua cadeira, a magra armação da pobre coisa rangeu — Esse pai dele... típico integrante da glymera.

O tom sugeria que esse era um completo na mesma linha de idiota.

Não pode ficar na casa de Blay para sempre, e não tem nenhum sítio aonde ir.

O Rei sacudiu a cabeça.

—De acordo, sei aonde quer ir parar com isto, e a resposta é não. Inclusive se esta fosse uma casa normal, que não o é, Qhuinn matou a um recruta, e não dou uma merda pelo que acredita que Lash poderia ter feito para merecê-lo. Sei que falaste com o Rhage e contaste o que ocorreu, mas não se trata só de que seu moço esteja fora do programa, vão apresentar cargos contra ele — Wrath se inclinou de lado e olhou além de John — conseguiste tirar o Phury da cama já?

John olhou sobre seu ombro. Vishous estava de pé na soleira da porta. O Irmão assentiu.

—Está-se vestindo. Quão mesmo Z. Está seguro que não quer que eu me encarregue disto?

—Esses dois foram professores de Lash, e Z foi testemunha das repercussões do que ocorreu na clínica. Os pais de Lash quererão falar com eles e só com eles, e prometi que estariam nessa casa logo que fosse possível.

—De acordo. Mantenham-se de prontidão.

O Irmão partiu, e Wrath pôs os cotovelos sobre a mesa.

—Olhe John, sei que Qhuinn é seu amigo, e me sinto verdadeiramente mal pelas circunstâncias nas que se encontra. Desejaria estar em posição de ajudá-lo, mas não o estou.

John pressionou, esperando não ter que chegar a seu último recurso.

E o que tem que Lugar Seguro?

—As fêmeas que vão ali têm boas razões para não sentirem-se cômodas em presença de machos. Especialmente com os que têm históricos violentos.

Mas é meu amigo. Não posso ficar sentado sem mais sabendo que não tem aonde ir, nem trabalho, nem dinheiro...

—Nada disso vai ter importância, John — As palavras «um tempo no cárcere» revoavam no ar — Você mesmo o há dito. Utilizou força mortífera no que era basicamente uma discussão entre dois tipos impulsivos. A resposta correta teria sido lhes separar a ti e ao Lash. Não tirar uma faca e abrir a garganta de seu primo irmão. Lash te atacou com uma arma mortal? Não. Pode dizer honestamente que o pirralho ia matar-te? Não. Foi um uso inapropriado da força, e os pais de Lash vão argumentar assalto com uma arma mortal e intenção de matar, e homicídio segundo a velha lei.

Homicídio?

—O pessoal médico jura que Lash foi ressuscitado quando teve lugar esse assalto. Seus pais assumem que não sobreviverá a sua captura por parte dos lessers e vão argumentar casualidade. Desde não ter sido pelas ações de Qhuinn, Lash não teria estado na clínica e não teria sido seqüestrado. Portanto, é homicídio.

Mas Lash trabalhava ali. Assim de qualquer modo poderia ter estado na clínica essa noite.

—Sim, mas não teria estado em uma das camas como paciente, verdade? — As pontas dos dedos de Wrath tamborilavam sobre a delicada mesa — Esta merda é séria, John. Lash era o único filho de seus pais e ambos procedem de famílias fundadoras. Isto não pinta bem para o Qhuinn. Esse guarda de honra é o menor de seus problemas neste momento.

No silêncio que seguiu, John sentiu uma opressão nos pulmões. Soube todo o tempo que foram terminar alcançando este ponto morto, que o que havia dito ao Rhage não seria suficiente para salvar a seu amigo. E claro, faria o que fosse para evitar isto, mas veio preparado.

John voltou para as portas duplas e fechou-as, depois se aproximou da mesa. Sua mão tremia quando tomou o arquivo que tinha sob o braço e colocava sua carta do triunfo sobre o mata-borrão do Rei.

—O que é isto?

Com o estômago utilizando sua cavidade pélvica como cama elástica, empurrou

lentamente seu relatório médico para o Rei.

Eu. O que tem que ver está na primeira página.

Wrath franziu o cenho e recolheu a lupa de aumento que tinha que utilizar para poder ler. Abriu a pasta, e se inclinou sobre o relatório que detalhava a sessão de terapia que John teve na consulta de Havers. Ficou claro quando o Rei chegou à parte interessante, porque os pesados ombros do macho se esticaram sob sua camiseta negra.

OH, Deus..., pensou John, estava a ponto de vomitar.

Depois de um momento, o Rei fechou o arquivo e voltou a colocar a lupa sobre o secante. Em silêncio, tomo o tempo para arrumar cuidadosamente as duas coisas para que estivessem uma junto à outra e perfeitamente colocadas, a manga de marfim da lupa alinhado com a parte baixa do arquivo.

Quando Wrath finalmente levantou o olhar, John não afastou os olhos, embora sentia como se cada centímetro de seu corpo estivesse destilando sujeira.

Por isso o fez Qhuinn. Lash pôde ler meu relatório porque trabalhava na clínica de Havers, e ia contar a todo mundo. A todos. Assim que seu argumento básico sobre uma discussão de dois tipos impulsivos apenas se sustenta.

Wrath subiu os óculos de sol e se esfregou os olhos.

—Cristo... Jesus. Posso entender por que não tinha nenhuma pressa em vir para me contar isto — Sacudiu a cabeça — John... Sinto muito que ocur...

John estampou o pé contra o chão para que o Rei levantasse a cabeça.

A única razão pela que o fiz saber disso é pela situação em que se encontra Qhuinn. Não vou falar disso.

Depois, com rápidos e torpes movimentos das mãos, porque tinha que terminar com essa merda o mais rápido possível, disse: Quando Qhuinn tirou a faca, Lash me sujeitou contra a parede da ducha e estava baixando as minhas calças. O que fez meu amigo não foi só para evitar que Lash falasse... entendeu? Eu... eu fiquei congelado... eu fiquei congelado...

—Está bem, filho, está bem... não tem que seguir.

John se rodeou o corpo com os braços e pegou as trementes mãos contra os flancos, as colocando sob seus braços. Apertou os olhos com força, não podia suportar ver o rosto de Wrath.

—John? — disse o Rei depois de um momento — Filho me olhe.

John apenas pode arrumar para abrir os olhos. Wrath era tão masculino, tão poderoso... O líder de toda uma raça. Admitir ante tal macho que aconteceu algo tão vergonhoso e violento era quase tão mau como havê-lo sofrido em primeiro lugar.

Wrath deu golpezinhos ao arquivo.

—Isto troca tudo. — O Rei estendeu o braço e levantou o telefone — Fritz? Sim, camarada. Escuta, quero que recolha ao Qhuinn em casa de Blaylock e o traga aqui. Diga que é uma ordem executiva.

Quando o telefone voltou para seu sítio, os olhos de John começaram a arder como se estivesse chorando. Embargado pelo pânico segurou a pasta, deu-se a volta, e correu todo o

caminho até a porta.

—John? Filho? Por favor, não vá ainda.

John não se deteve. Simplesmente não podia. Negando com a cabeça, saiu do estudo, e fugiu para seu quarto. Depois de fechar a porta e trancá-la, foi ao banheiro, ajoelhou-se diante do vaso, e vomitou.

Quinn se sentia como um porco enquanto permanecia de pé sobre a forma adormecida de Blay. O tipo dormia como sempre desde que era pirralho: com a cabeça envolta em uma manta, os lençóis subidos até o nariz. Seu enorme corpo agora era uma montanha elevando-se na planície da cama, já não o pequeno montículo de um pretrans... Mas sua posição ainda era a mesma.

Tinham passado muito juntos... todas as primeiras experiências da vida, desde beber, a conduzir e fumar, passando pelo sexo. Não havia nada que não soubessem um do outro, nem pensamento íntimo que não tivessem compartilhado de uma forma ou outra.

Bom, isso não era inteiramente certo. Havia algumas coisas que Blay não podia admitir.

Não despedir-se parecia quase um crime, mas assim estavam as coisas. Aonde ele ia, Blay não podia lhe seguir.

Havia uma comunidade vampiro no oeste; leu a respeito dela em um dos tablóides de anúncios da Rede. O grupo era uma facção que quebrou com a cultura majoritária vampiro, fazia uns duzentos anos, e formaram um enclave longe do assentamento da raça no Caldwell.

Nada de glymera ali. De fato, a maioria era foragida.

Figurava-se que poderia chegar ali em uma noite desmaterializando-se algumas centenas de quilômetros cada vez. Pareceria um cascalho quando aterrisasse, mas ao menos estaria com os de sua índole. Emparelha. Inúteis. ASP.

As leis da raça iriam alcançá-lo em algum momento, mas não tinha nada que perder fazendo que os poderes tivessem que trabalhar para encontrá-lo. Já estava desonrado a todos os níveis, e os cargos que foram apresentar contra ele não podiam ser muito piores. Bem podia aproveitar de um sopro de liberdade antes que o empacotassem e enviassem ao cárcere.

O único que o preocupava era Blay. O tipo ia passar um mau momento se o deixava para trás, mas ao menos John estaria aí para ele. E ter ao John perto, era uma boa coisa.

Quinn deu as costas a seu amigo e pendurando a mochila no ombro saiu silenciosamente do quarto. Tinha sanado como por encanto, a rápida recuperação era o primeiro e único legado do que sua família não podia o despojar. A cirurgia não lhe deixou mais que um ponto no flanco, e os machucados quase tinham desaparecido... Até de suas pernas. Sentia-se forte, e embora ia precisar alimentar-se logo, estava em boa forma.

A casa de Blay era uma grandiosa antigüidade, mas era revestida com um toque moderno, o que significava que havia tapetes de parede a parede do corredor às escadas de atrás... fodidas obrigado. Quinn as percorreu sigilosamente, sem fazer nenhum som absolutamente enquanto se dirigia ao túnel subterrâneo que conduzia do porão até o exterior.

Quando chegou ao porão, o lugar estava tão limpo quanto uma patena, e como sempre, cheirava ao Chardonnay por alguma razão. Talvez era o branqueamento regular das velhas paredes de pedra?

A entrada secreta ao túnel de evasão estava na esquina mais afastada da direita e oculta por uma prateleira de livros que se deslizava a um lado. Simplesmente estendia a mão, atirava do exemplar de Sir Gawain e o Cavaleiro Verde para diante, e se acionava o trinco, fazendo que a partição se replegara e revelasse...

—É um exímio bobo.

Qhuinn saltou como um atleta olímpico. Ali, no túnel, sentado em uma poltrona de jardim para exterior como se estivesse tomando o sol, estava Blay. Tinha um livro no colo, um abajur a pilhas sobre uma mesinha, e uma manta sobre as pernas.

O tipo elevou tranqüilamente um copo de suco de laranja parodiando um brinde, depois tomou um gole.

—Oooooooooola, Lucy.

—Que droga? Estava apostando me esperando ou algo?

—Sim.

—O que havia em sua cama?

—Travesseiros e a manta que uso na cabeça. Estive-me cortando de frio aqui sentado. Bom livro, por certo. —Mostrou a coberta de Uma Estação no Purgatório— Eu gosto de Dominick Dunne. Bom escritor. Óculos geniais.

Qhuinn olhou além de seu amigo para o túnel insuficientemente iluminado que desaparecia no que parecia ser uma imensamente escura distância. Como o futuro, pensou.

—Blay, sabe que tenho que ir.

Blay elevou seu telefone.

—Em realidade, não pode. Acabo de receber uma mensagem de John. Wrath quer verte, e Fritz vem por ti enquanto falamos.

—Merda. Não posso...

—Duas palavras: Ordem. Executiva. Foge agora e não só será um fugitivo da glymera, estará na lista de tarefas pendentes do Rei. O que significa que os Irmãos irão atrás de ti.

Iam fazer de todos os modos.

—Olhe, isto de Lash será levado ante um tribunal real. Disso vai a mensagem de John. E vão encerrar-me em alguma parte. Durante muito, muito tempo. Só me estou partindo um tempo.

Lê: tanto como possa permanecer escondido.

—Vais desafiar ao Rei?

—Sim, sim, o vou fazer. Não tenho nada que perder, e possivelmente passarão anos antes que me encontrem.

Blay afastou a manta de suas pernas e ficou de pé. Estava vestido com jeans e pulôver de lã, mas de algum modo parecia levar um smoking. Assim era Blay: formal inclusive parecendo um asco.

—Se for, eu vou com você — disse.

—Não quero que venha.

—E uma merda.

Quando Qhuinn visualizou a terra de foragidos a que se dirigia, sentiu um aumento de pressão no peito. Seu amigo era tão leal, tão sincero, tão honorável e limpo. Ainda havia uma inocência essencial e otimista nele, embora fosse um macho adulto.

Qhuinn tomou fôlego e o deixou escapar com dificuldade.

—Não quero que saiba aonde vou. Não quero voltar a ver-te.

—Não pode estar falando a sério.

—Sei... —Qhuinn se esclareceu garganta e se obrigou a continuar— Sei como me olha. Vi você me observando... Como quando estava com essa garota no provador na o & F? Não estava olhando a ela, estava me olhando, e é porque me deseja verdade? —Blay deu um passo cambaleante para trás, e, como se estivessem encetados em uma briga a murros, Qhuinn golpeou mais forte — Faz tempo que me deseja, e acredita que não o notei. Bom, pois sim. Assim não me siga. Esta merda entre nós se acaba aqui, esta noite.

Qhuinn se virou e começou a caminhar, deixando nesse frio túnel, a seu melhor amigo, o macho que mais lhe importava no mundo, mais inclusive que John.

Sozinho.

Era a única forma de salvar sua vida. Blay era exatamente o tipo de nobre idiota que seguiria a aqueles aos que amava embora tivesse que atirar-se de cabeça da Ponte do Brooklyn. E como não podia convencê-lo de nada falando, teria que resolver de uma vez.

Qhuinn caminhou rápido e depois inclusive mais rápido, apartando-se da luz. À medida que o túnel girava para a direita, Blay e o brilho do porão foram desvanecendo até que se encontrou a sós em meio de uma úmida jaula de aço nas profundidades da terra.

Durante todo o caminho teve presente o rosto de Blay tão claro quanto o dia. A cada passo que dava, a expressão afligida de seu amigo era o farol que perseguia.

Ia ficar com ele. Para sempre.

Para quando alcançou o final do túnel, introduziu o código, e abriu o caminho para um abrigo de jardinagem situado aproximadamente a um quilômetro e meio de distância da casa, compreendeu que tinha algo a perder depois de tudo... Que havia um nível ainda mais baixo do fundo que acreditava ter alcançado: destroçou o coração de Blay e o esmagou sob sua bota, e o arrependimento e a dor que sentia eram quase mais do que podia suportar.

Enquanto saía no meio de um canteiro de lilás, produziu-se nele uma mudança de opinião. Sim, estava desonrado por nascimento e circunstâncias. Mas não tinha que piorar as coisas.

Tirou o telefone, que agora tinha só uma barra de nível de bateria na tela, e escreveu uma mensagem ao John dizendo onde estava. Não estava seguro de se ainda tinha serviço...

John respondeu imediatamente.

Fritz o recolheria ali em dez minutos.

Capítulo 27

No segundo andar da mansão da Irmandade, Cormia estava sentada no chão de seu dormitório diante da construção que começou a noite anterior, com uma caixa de palitos de dentes em uma mão, e uma tigela de ervilhas na outra. Não estava utilizando nenhuma das duas coisas. Tudo o que esteve fazendo durante a boa Virgem sabia quanto tempo era brincar com a tampa da caixa abrindo e fechando... abrindo e fechando... abrindo e fechando.

Distraída e quase imóvel, já levava bastante tempo com o joguinho, e a unha de seu polegar estava deixando uma marca na beira da caixa.

Se já não era Primeira Companheira, não havia nenhuma razão absolutamente para permanecer neste lado. Não estava exercendo nenhuma função oficial, e, portanto, deveria estar de volta no Santuário com suas irmãs meditando, rezando e servindo à Virgem Escriba.

Não pertencia a esta casa nem a este mundo. Nunca pertenceu.

Mudando sua atenção da caixa à estrutura que montou, mediu as unidades e pensou nas Escolhidas e sua rede de funções, que abrangiam temas variados como cumprir com o calendário espiritual, adorar à Virgem Escriba, registrar Suas palavras e Sua história... e dar a luz Irmãos e futuras Escolhidas.

Enquanto visualizava a si mesmo vivendo no Santuário, sentiu-se como se estivesse retrocedendo, não voltando para casa. E estranhamente, o que mais devia havê-la incomodado — ter falhado como Primeira Companheira — não era o que a preocupava.

Cormia atirou a caixa de palitos ao chão. Quando aterrissaram, a tampa se abriu e o montão de palitos dourados saiu voando e se pulverizaram em um enredo.

Discórdia. Desordem. Caos.

Recolheu o que se derramou, arrumando a desordem e decidindo que tinha que fazer o mesmo com sua vida. Falaria com o Primale, empacotaria suas três túnicas, e voltaria.

Quando punha o último palito na caixa, produziu-se um golpe na porta.

— Entre — disse sem incomodar-se em levantar-se.

Fritz colocou à cabeça no batente.

— Boa noite, Escolhida, trago uma mensagem da Senhora Bela. Pergunta se desejaria ou não unir-se a ela para a Primeira Refeição em seu dormitório.

Cormia esclareceu garganta.

— Não estou segura...

— Se me permite — murmurou o mordomo — A doutora Jane acaba de sair uma vez mais. Tenho entendido que o reconhecimento suscitou dúvidas. Talvez a presença da Escolhida calmaria a nossa futura mahmen?

Cormia levantou o olhar.

— Outro reconhecimento? Quer dizer depois do de ontem à noite?

— Sim.

— Lhe diga que estarei ali imediatamente.

Fritz inclinou a cabeça reverentemente.

—Obrigado, ama. Agora, devo ir procurar a alguém, mas voltarei e cozinharei para você. Não demorarei muito.

Cormia tomou uma ducha rápida, secou-se e recolheu o cabelo, e colocou uma túnica recém engomada. Quando saiu de seu quarto, ouviu ruído de botas no vestíbulo e olhou por cima da balaustrada. O Primale estava abaixo, cruzando a pernadas o mosaico da macieira que havia no chão. Ia vestido com calças de couro negro e camisa negra, e seus cabelos, essa maravilhosa e suave profusão de cor, brilhavam por causa das luzes e contra a escura amplitude de seus ombros.

Como se a pressentisse, deteve-se e olhou para cima. Seus olhos cintilaram como citrinos, faiscantes, cativando-a.

E observou como a incandescência neles se apagava.

Foi Cormia que lhe deu as costas, porque estava bastante cansada de ser ela a abandonada. Justo quando se girava, viu Zsadist dobrando a esquina do corredor das estátuas. Quando fixou o olhar nela, viu que tinha os olhos negros, e Cormia não teve que perguntar como estava Bela. As palavras não eram necessárias, dada sua escura expressão.

—Vou ficar com ela — disse ao Irmão — mandou me procurar.

—Sei. Alegro-me. E obrigado.

No cansado silêncio, avaliou as adagas que se entrecruzavam no peito do guerreiro. E carregava outras armas em cima, pensou, embora não as podia ver.

O Primale não tinha nenhuma. Nem adagas, nem vultos sob a roupa.

Perguntou-se aonde iria. Não ao Outro Lado, já que estava vestido para este mundo. Aonde então? E para que?

—Ele está abaixo me esperando? — perguntou Zsadist.

—O Primale? — Quando o Irmão assentiu, ela disse — Er... sim, sim, ali está.

Que estranho ser a que sabia onde estava... e a que o perguntassem.

Pensou em sua falta de armas.

—Cuida dele — exigiu, saltando as formalidades.

— Por favor.

Algo se esticou no rosto de Zsadist, depois inclinou a cabeça uma vez.

—Sim, isso farei.

Quando Cormia fez uma reverência e se voltou para o corredor das estátuas, a voz baixa de Zsadist a deteve no ato.

—O bebê não está se movendo muito. Não desde que ocorreu o que fosse que ocorreu ontem à noite.

Cormia olhou sobre seu ombro e desejou que houvesse algo mais que ela pudesse fazer.

—Desencardirei o quarto. Isso é o que fazemos no Outro Lado quando... desencardirei o quarto.

—Não lhe diga que sabe.

—Não o farei. — Cormia desejou estender o braço para o macho. Em vez disso disse —

Cuidarei dela. Vai-te com ele e faz o que tenha que fazer.

O Irmão inclinou brevemente a cabeça e desceu as escadas.

Abaixo no vestíbulo, Phury esfregou o peito e depois se desesperou, tentando livrar-se da dor que sentia entre os peitorais. Surpreendia-lhe quão difícil resultava ver a Cormia lhe dando as costas.

Singularmente brutal, de fato.

Pensou na Escolhida que conheceu ao amanhecer. A diferença entre ela e Cormia era óbvia. Selena estava ansiosa por ser Primeira Companheira, seus olhos brilhavam quando o olhavam como se fosse um touro premiado. Necessitou jogar mão de toda sua boa educação tão somente para poder permanecer na mesma sala que ela.

Não era uma má fêmea e era mais que suficientemente formosa, mas seu comportamento... foda, era como se quisesse arrastar-se até seu colo ali mesmo, nesse mesmo momento e ficar a isso. Especialmente quando assegurou que estava mais que disposta a servir a ele e a sua tradição... e que «cada fibra de seu ser desejava isto».

Isto claramente significava seu sexo.

E havia outra a caminho que chegaria ao final dessa noite.

Doce. Jesus.

Zsadist apareceu no alto da escada e baixou rapidamente, com o casaco na mão.

—Vamos.

A julgar pelo apertado cenho de seu gêmeo, pensou Phury, Bela não estava bem.

—Bela está...?

—Não vou falar disso com você — Z partiu através do vestíbulo, passando junto a ele sem muito mais que um olhar — Que estejamos juntos você e eu é só por assuntos de negócios.

Quando Phury franziu o cenho e o seguiu, suas pegadas ressonaram como se fosse uma só pessoa, não dois, a que caminhava. Inclusive com a prótese de Phury, ele e Z sempre tiveram a mesma pernada, o mesmo jogo de tornozelos, o mesmo balançar dos braços.

Gêmeos.

Mas as similitudes terminavam com a biologia, não? Na vida, foram por dois caminhos distintos.

Ambas emprestavam.

Com uma súbita mudança de lógica, Phury viu as coisas sob uma luz diferente.

Merda, com tudo o que se torturou a si mesmo pelo destino de Z... Com todo o tempo que viveu sob a fria e penetrante sombra da tragédia de sua família. Ele sofreu maldita seja... Ele também sofreu, e ainda sofria. E embora respeitasse a santidade do emparelhamento de seu gêmeo com Bela, algo saltou em sua cabeça ao ser afastado como se tratasse de um absoluto desconhecido. E um hostil, além disso.

Quando saiu ao pátio empedrado, deteve-se em seco.

—Zsadist.

Z seguiu caminhando para o Escalade.

—Zsadist.

Seu gêmeo se deteve, colocou as mãos nos quadris, e não se virou.

—Se isto for dessa merda entre você e o lesser, não tente voltar a te desculpar.

Phury subiu a mão e se afrouxou a gola da camisa.

—Não é isso.

—Tampouco quero ouvir falar da fumaça vermelha. Ou de como conseguiu que o expulsassem de uma patada da Irmandade.

—Date a volta, Z.

—Por quê?

Houve uma larga pausa. Depois disse apertando os dentes e com voz dura.

—Nunca há dito obrigado.

A cabeça de Z se disparou sobre seu ombro.

—Perdão?

—Nunca. Me. O. Agradeceu.

—O que?

—O te ter salvado. Maldito seja, salvei-te dessa puta ama tua e do que lhe fazia. E você nunca me deste o obrigado — Fora se aproximou de seu gêmeo, elevando a voz cada vez mais — Te busquei durante um fodido século, e depois consegui tirar seu traseiro dali e salvei seu punheteria vida...

Zsadist se inclinou para frente sobre seus shitkickers, apontando com o dedo como se fosse uma arma.

—Quer reconhecimento por me resgatar? Não contenha a respiração. Nunca te pedi nenhum fodido favor. Todo isso foi devido a seu complexo de Bom Samaritano.

—Se eu não te tivesse resgatado, hoje não teria a Bela!

—E se não o tivesse feito, neste momento ela não estaria em perigo de morte! Quer gratidão? Melhor te aplauda você mesmo as costas, porque neste momento eu não me sinto para nada agradecido.

As palavras flutuaram na noite como se estivessem procurando outros ouvidos que encher.

Phury piscou, depois encontrou palavras saindo de sua boca, palavras que quis dizer desde fazia muito.

—Enterrei a nossos pais eu sozinho. Fui eu o que se ocupou de seus corpos, que cheirou a fumaça da incineração...

—E eu nunca lhes conheci. Eram estranhos para mim, igual a você quando apareceu...

—Queriam-lhe!

—O bastante para deixar de me buscar! Que se fodam! Acredita que não me inteirei que ele o deixou? Voltei e segui o rastro da casa que queimou. Sei o longe que chegou nosso pai antes de render-se. Acredita que daria uma merda por ele? Abandonou-me!

—Você foi mais real para eles que eu! Estava por toda parte nessa casa, foi tudo para

eles!

—OH, pobrezinho Phury — espetou Z — Não se atreva a te fazer de vítima comigo. Tem alguma idéia de como era minha vida?

—Perdi minha droga de perna por ti!

—Você escolheu sair para me buscar! Se você não gosta de como saíram às coisas, não te queixe comigo!

Phury exalou com força, absolutamente atônito.

—Bastardo ingrato. É um filho de puta ingrato. Quer dizer que preferiria ter ficado com a ama? —Quando não obtive outra resposta além do silêncio, sacudiu a cabeça— Sempre pensei que os sacrifícios que fiz valiam à pena. O celibato. O pânico. O custo físico. —A fúria ressurgiu— Isso sem mencionar o majestoso enredo mental que obtive por todas essas vezes que me pediu que te golpeasse até te deixar azul de hematomas. E agora me diz que teria preferido seguir sendo um escravo de sangue?

—De que se trata tudo isto? Quer que justifique essa autodestrutiva veia de salvador que tem em marcha estando agradecido? — Z riu baixo e com força — Como quiser. Acredita que não passo de uma puta mãe te observando fumar e beber até te cavar uma tumba prematura? Acredita que eu gosto do que vi a outra noite nesse beco? — Z amaldiçoou — A merda com você, não vou jogar a isto. Acorda, Phury. Está se matando. Deixa de procurar muletas e cuspir mentiras, e te jogue uma boa olhada.

Em algum profundo nível interno Phury compreendeu que esta colisão entre eles dois se postergou muito. E que seu gêmeo tinha razão.

Mas ele também tinha.

Sacudiu a cabeça outra vez.

—Não acredito que seja mal da minha parte pedir um pouco de reconhecimento. Fui invisível nesta família toda minha vida.

Houve um período de silêncio.

Então Z cuspiu:

—Pelo amor de Deus, baixa da cruz. Algum outro necessita a madeira.

O tom depreciativo acendeu a raiva outra vez, e o braço de Phury se disparou por conta própria, seu punho alcançou a Z de cheio na mandíbula e o rangido foi como o golpe de um taco de beisebol de madeira.

Z deu uma volta sobre si mesmo e aterrissou como um fardo sobre o GTO de Rhage.

Quando o irmão se endireitou, Phury ficou em guarda e sacudiu os nódulos. Em outro segundo e meio estariam encerrados em uma cruenta disputa física, punhos em vez de duras palavras sendo intercambiadas entre uma parte e outra até que um deles ou os dois caíssem derrubados.

E exatamente que demônios iriam conseguir com isso?

Phury baixou lentamente os braços.

Nesse momento, o Mercedes de Fritz atravessou as grades do pátio. À luz de seus faróis, Zsadist se arrumou o casaco e se aproximou tranqüilamente à porta do condutor do Escalade.

—Se não fosse pelo que acabo de prometer a Cormia, partiria-te a boca.

—O que?

—Entra na droga do carro.

—O que há dito?

Quando Z ficou atrás do volante, seus olhos negros cortavam a noite como facas.

—Sua noiva está preocupada com você, assim que me fez prometer que cuidaria de você. E a diferença de outras pessoas, eu mantenho minha palavra.

Ouch.

—E agora entra —Z fechou a porta do SUV de um golpe.

Phury amaldiçoou e foi para o lado do passageiro enquanto o Mercedes se detinha e Qhuinn saía do assento de atrás. Os olhos do menino se abriram como pratos quando levantou o olhar para a mansão.

Claramente está aqui para seu julgamento, pensou Phury enquanto deslizava no assento do passageiro junto a seu mortalmente silencioso gêmeo.

—Sabe onde é a casa dos pais de Lash, não? —disse Phury.

—É obvio.

Ele calou-se.

Enquanto o Escalade se dirigia para as grades, a voz do feiticeiro foi mortalmente séria ao retumbar na cabeça de Phury:

Tem que ser um herói para ganhar a gratidão das pessoas, e você não é do tipo cavaleiro-de-brilhante-armadura. Só quereria sê-lo.

Phury olhou pela janela, as palavras iradas que ele e Z acabavam de trocar ressonavam como disparos em um beco.

Faça um favor a todos e te largue, disse o feiticeiro. Largue-te sem mais, companheiro.

Quer ser um herói? Toma medidas necessárias para que não tenham que tratar com você nunca mais.

Capítulo 28

Qhuinn estava absolutamente seguro que suas pelotas estavam no menu de Wrath para essa noite, mas ainda assim, ficou assombrado pela visão do centro de treinamento da Irmandade. A coisa era do tamanho de uma pequena cidade, feita de blocos de pedra tão grandes quanto o torso de um homem, com janelas que pareciam ter sido reforçadas com titânio ou alguma merda parecida. O teto estava rodeado de gárgulas e até as sombras eram perfeitas. Exatamente o que tinha esperado.

—Amo? — disse o mordomo enquanto apontava a porta principal digna de uma catedral — Entramos? Devo seguir com meu trabalho na cozinha.

—Na cozinha?

O doggen amenizou seu discurso, como se estivesse dirigindo-se a um exímio bobo.

— Eu cozinho para a Irmandade igual atendo sua casa.

Santa Merda... Isto não era o centro de treinamento, era a casa da Irmandade.

Bom, imbecil. Note na segurança. Havia câmaras encarapitadas sobre as portas e sob o teto, a parede de contenção do pátio parecia um pouco tirada de um filme sobre Alcatraz. Demônios, quase esperava que um grupo de dobermann girasse a esquina mostrando as presas.

Mas bom, os cães provavelmente estariam ainda roendo os ossos do último convidado ao que tinham convertido em picadinho.

— Amo? — Repetiu o mordomo — Vamos?

— Sim... Sim, claro — Qhuinn trágou com força e avançou preparado para dançar com o Rei — Ah, escuta, vou deixar minhas coisas no carro.

— Como desejar, Amo.

Foda, graças a Deus, Blay não tinha que ser testemunha do que estava a ponto de passar...

Um dos gigantescos batentes da porta se abriu e um amigo familiar elevou a mão a modo de saudação.

OH. Genial. Blay perderia o espetáculo, mas evidentemente John tinha assento na primeira fila.

O tipo ia vestido com jeans azuis e uma dessas camisas que conseguiu no Abercrombie. Seus pés nus ressaltavam por sua palidez em contraste com a pedra negra dos degraus, e parecia relativamente tranqüilo, o que resultava bastante irritante. O muito bastardo ao menos poderia ter a decência de sofrer um suor frio ou um caso de diarreia por afinidade.

Hei, assinalou John.

— Hei.

John retrocedeu, dando lugar para que entrasse.

Como está?

— Neste momento eu gostaria de ser um fumante — Porque dessa forma poderia postergar isto o tempo que durasse o cigarro.

Não, não é certo. Você odeia fumar.

— Quando enfrento a um pelotão de fuzilamento, poderia rever essa decisão.

Cale-te.

Qhuinn atravessou um vestíbulo que o fez sentir-se inconvenientemente vestido, com seu chão de mármore branco e negro e esse candelabro... Seria de autêntico ouro? Provavelmente...

Santa merda pensou enquanto se detinha em seco.

O vestíbulo que tinha ante si era palaciano. Absolutamente apropriado para a realeza russa, com suas brilhantes cores, todo esse dourado à folha, o chão de mosaico e o teto pintado... ou, merda, talvez se parecesse mais a um mundo tirado de uma novela de Danielle Steel, com suas românticas colunas de mármore e espaços abobadados.

Não é que ele em realidade tivesse lido nenhum de seus livros.

Bom, está bem, leu somente esse, mas tinha doze anos, estava doente, e leu somente as partes eróticas.

— Aqui em cima — disse uma voz profunda e ressonante.

Qhuinn olhou ao alto de uma ornamentada escada. De pé com as botas, plantadas como se fosse o dono do mundo, vestido com calças de couro negro e uma camiseta negra, estava seu Rei.

— Vamos, acabemos com isto — ordenou Wrath.

Tragando com força, Qhuinn seguiu ao John ao segundo andar.

Quando alcançaram a parte alta da escada, Wrath disse:

— Só Qhuinn. John, você fica aqui.

John começou a indicar:

Quero ser sua testemunha...

Wrath lhe deu as costas.

— Não. Não haverá nada disso.

Merda pensou Qhuinn. Não ia permitir nenhum testemunho em sua defesa?

Estarei esperando, assinalou John.

— Obrigado, homem.

Qhuinn olhou além das portas abertas que o Rei atravessou. A sala que tinha ante ele era... bom, parecia o tipo de lugar que a sua mãe teria encantado: decorada em azul pálido com um mobiliário delicado e feminino e insípidos acessórios de vidro para as luzes que pareciam pendentes.

Não era exatamente o que esperaria de Wrath.

Quando o Rei entrou e se plantou atrás de uma delicada mesa, Qhuinn passou, fechou as portas, e entrelaçou as mãos ante si. Enquanto esperava, todo o assunto pareceu muito como algo surrealista. Não era possível compreender como sua vida chegou a este ponto.

— Tinha intenção de matar ao Lash? — perguntou Wrath.

Vá com as declarações preliminares.

— Ah...

— Sim ou não?

Em rápida sucessão, Qhuinn pesou suas respostas: Não, é obvio que não, a faca atuou por vontade própria, em realidade eu estava tentando detê-lo... Não, só pretendia barbeá-lo... Não, não me precavi que cortar o jugular a alguém poderia lhe conduzir à morte...

Qhuinn se esclareceu garganta uma vez. Duas vezes.

— Sim.

O Rei cruzou os braços sobre o peito.

— Se Lash não houvesse tentando descer as calças de John, você faria o mesmo?

Os pulmões de Qhuinn deixaram de funcionar um momento. Não deveria ficar surpreso que o Rei soubesse exatamente o que aconteceu, mas merda, ouvir as palavras resultava algo chocante. Além disso, falar do assunto era duro, dado o que Lash havia dito e feito. Depois de

tudo se tratava de John.

—E bem? — checou a ordem da mesa — Se Lash não tivesse tentado descer as calças, teria talhado seu pescoço?

Qhuinn reagrupou suas idéias.

—Olhe, John disse ao Blay e a mim que ficássemos à margem e enquanto foi uma briga justa eu estava disposto a deixá-lo assim. Mas... —Sacudiu a cabeça— Não. Essa merda que utilizou Lash não foi justa. Foi como utilizar uma arma oculta.

—Mas não tinha que o matar, verdade? Poderia o ter separado de John. Golpear algumas vezes. O deixar fora de combate.

—Certo.

Wrath estirou os braços para os lados para relaxá-los, e seus ombros rangeram.

—Agora vais ser sangrento e totalmente honesto comigo. Se mentir, saberei, porque o cheirarei. — Os olhos de Wrath ardiam atrás de seus óculos envolventes — Sou bem consciente de que odiava a seu primo. Está seguro de que não utilizou essa força mortal em seu próprio benefício?

Qhuinn passou a mão pelo cabelo e tratou de recordar tudo o que podia sobre o que aconteceu. Havia ocos em sua memória, espaços em branco esculpidos pelo matagal de emoções que o fez empunhar a faca e lançar-se para frente, mas recordava o suficiente.

—Para ser honesto... merda, não podia permitir que fizessem mal ao John e o humilhassem dessa forma. Sabe, ele estava paralisado. Quando Lash foi para suas calças, ficou congelado. Os dois estavam na ducha e de repente John ficou apertado contra os azulejos, e quando isso aconteceu ficou mortalmente quieto. Não sei se Lash teria seguido adiante com... bom, sabe... porque não posso adivinhar o que estava pensando, mas era exatamente o tipo de pessoa que o teria tentado — Qhuinn tragou com força — Eu vi acontecer, vi que John não podia defender-se e... foi como se tudo ficasse em branco... Eu só — foda — a faca estava em minha mão e então eu estava sobre o Lash e o corte foi algo rápido. A verdade? Realmente, odiava ao Lash, mas dá igual quem caralho o tivesse saído com essa merda ao John. Teria me arrojado sobre eles. E antes que a faça, sei qual vai ser sua seguinte pergunta.

—E a resposta é?

—Sim, voltaria a fazer.

—Está seguro?

—Sim — Qhuinn olhou a seu redor, às paredes azuis pálido, e pensou que não parecia adequado, estar falando de semelhante fealdade em uma sala tão foddidamente encantadora — Suponho que isso me converte em um assassino impenitente, né... Então, o que vais fazer comigo? OH, e provavelmente já saiba, mas minha família me repudiou.

—Sim, ouvi isso.

Houve um longo silencio, e Qhuinn passou o tempo olhando seu New Rocks e sentindo seu coração saltar no peito.

—John quer que fique aqui.

Os olhos de Qhuinn voaram até o Rei.

—O que?

—Já me ouviste.

—Merda. Não pode aprovar isso. Não há forma de que possa ficar aqui.

Duas negras sobancelhas se uniram.

—Perdão?

—Er... sinto muito — Qhuinn emudeceu, recordando-se a si mesmo que o Irmão era o Rei, o que significava que podia fazer tudo que lhe desse a droga vontade, incluindo, mas não se limitando, trocar o nome do sol e da lua, declarar que a gente tinha que o saudar metendo o polegar no traseiro... E aceitar a um perdedor como Qhuinn sob seu teto se sentia inclinado a fazê-lo.

Rei se soletrava como c-a-r-t-a--b-r-a-n-c-a no mundo vampiro.

Além disso, por que caralho estava dizendo que não a algo que seria de ajuda? Que estupidez.

Wrath ficou em pé, e Qhuinn lutou por não dar um passo atrás embora estavam separados por aproximadamente sete metros e meio de tapete Aubusson.

Jesus, entretanto, o macho se erguia sobre ele.

—Falei com o pai de Lash faz uma hora — disse Wrath — Sua família assinalou que não vão pagar a restituição. Como o repudiaram, dizem que essa dívida é tua. Cinco milhões.

—Cinco milhões?

—Lash foi seqüestrado pelos lessers ontem à noite. Ninguém acredita que vá retornar. Acusam-te de homicídio, sob a presunção de que os assassinos não teriam incomodado em levar um cadáver.

—Para!... — Deus, Lash... e, merda, esses eram um montão de verdes — Olhe, tenho a roupa que levo posta e uma muda sobressalente em minha bolsa. Podem ficar com isso se quiserem...

—O pai de Lash é consciente de sua situação financeira. À luz do qual, quer que te converta em um servente vinculado a sua casa.

O sangue abandonou precipitadamente a cabeça de Qhuinn. Um escravo... durante o resto de sua vida? Dos pais de Lash?

—Isso seria — retomou Wrath - depois de que fosse a prisão, é obvio. E de fato, a raça ainda tem uma operativa. Ao norte da fronteira canadense.

Qhuinn ficou ali de pé, absolutamente paralisado. Merda, sua vida podia terminar de tantas formas diferentes, pensou. A morte não era a única forma de perdê-la.

—O que tem a dizer de tudo isto? — murmurou Wrath.

Prisão... Em só Deus sabe onde, por só Deus sabe quanto tempo. Escravidão... Em uma casa em que sempre o odiariam até que estirasse a bota.

Qhuinn pensou nesse passeio através do túnel na casa de Blay e a decisão que tomou ao final do mesmo.

—Tenho os olhos díspares — sussurrou, elevando seu doído olhar para o Rei — Mas

tenho honra. Farei o que tenha que fazer para emendar isto... a condição — disse com súbita força — que ninguém me obrigue a me desculpar. Isso... Não posso fazê-lo. O que fez Lash esteve pior que mau. Foi intencionalmente cruel e pretendia arruinar a vida de John. Eu. Não. Me. Arrependo.

Wrath rodeou a mesa e atravessou a sala a pernas. Quando passava a seu lado disse energicamente.

— Boa resposta, filho. Espera aí fora com seu amigo. Estarei com você em um segundo.

— Perdão?... O que?

O Rei abriu a porta e assinalou para fora com a cabeça impacientemente.

— Fora. Já.

Qhuinn saiu a tropeções da sala.

Como foi? Gesticulou John enquanto saltava da cadeira que estava contra a parede do corredor. O que aconteceu?

Quando Qhuinn olhou a seu amigo, não estava disposto a lhe contar que estava a ponto de ir ao cárcere e que logo ia ser posto sob a custódia dos pais de Lash para ser torturado durante o resto de seus dias.

— Ah, não tão mal.

Mentira.

— Não.

Está branco como um papel.

— Bom, hoooolaaa, operaram-me, digamos, ontem.

OH, por favor. O que está passando?

— Para falar a verdade, não tenho nem idéia...

— Desculpem — Beth, a rainha, aproximou-se deles com uma expressão séria. Em suas mãos levava uma caixa de couro larga e plaina — Meninos? Tenho que entrar aí.

Quando se separaram, meteu-se no estúdio e fechou a porta.

John e Qhuinn esperaram. Depois esperaram um pouco mais... e outro pouco.

Só Deus sabia o que estava passando. Supunha que ao Rei e a Rainha lhes levaria um momento arrumar os documentos para seu cárcere. Não passa pela casinha de saída. Neste turno não cobra os \$500.

John tirou seu telefone, como se precisasse fazer algo com as mãos, e franziu o cenho enquanto comprovava a maldita coisa. Depois de escrever uma mensagem a alguém, o voltou a meter no bolso.

Que estranho que Blay não tenha chamado ainda.

Em realidade não, pensou Qhuinn, sentindo-se como um filho da puta.

O Rei abriu as portas de par em par.

— Voltem a trazer esses traseiros aqui dentro.

Houve uma confusão de pés, e depois Wrath os voltou a encerrar a todos juntos. O Rei voltou para sua mesa, estacionou-se na cadeira que parecia de brinquedo, e apoiou as enormes botas sobre a pilha de papéis. Quando Beth se localizou a um flanco da cadeira onde

ele estava sentado, estendeu e segurou sua mão.

—Meninos, estão familiarizados com o termo ahstrux nohtrum? — Quando ambos sacudiram as cabeças como idiotas, Wrath sorriu com uma fria e perigosa pequena careta — É uma posição antiquada. Uma espécie de guarda privado, só que lhes permitia utilizar força mortal quando protegiam a seu Amo. Eram assassinos com licença.

Qhuinn tragou com força, perguntando-se que demônio tinha que ver isso com eles.

O Rei continuou.

—Um Ahstrux nohtrum pode ser comissionado só por decreto real, e é mais ou menos parecido ao Serviço Secreto dos Estados Unidos. O sujeito protegido deve ser uma pessoa de interesse, e o guarda deve estar capacitado — Wrath beijou a mão de sua Rainha — Uma pessoa de interesse é alguém cuja presença é significativa a julgamento do Rei. Quer dizer eu. Agora bem... minha shellan, aqui presente é a coisa mais apreciada do mundo, e não há nada que eu não faria por assegurar que seu coração esteja protegido. Além disso, em termos da raça, como conjunto ela é a Rainha. Portanto seu único irmão definitivamente cai dentro da categoria de pessoa-de-interesse.

—Por isso respeita à parte de guardião-qualificado... Acontece que sei Qhuinn, que nas aulas de treinamento, foi o melhor lutador, além de John. É cruel no mão a mão, genial disparando a distância — A voz do Rei se voltou mais seca — E somos todos conscientes de quão bom é com uma faca, verdade?

Qhuinn sentiu uma estranha rajada o atravessar, como se uma espécie de névoa se dissipou revelando um caminho insuspeitado para sair do deserto. Estendeu a mão procurando o braço de John para estabilizar-se embora isso o pegasse total e irremediavelmente a etiqueta de Olá! Meu nome é Nancy.

—Uma coisa, entretanto — disse o Rei — Se espera que os ahstrux nohtrum sacrifiquem suas vidas por aquele a quem protegem. Se a merda chover nesse sentido, eles tomarão o golpe mortal em seu lugar. OH, e é um compromisso por toda vida, a menos que eu disponha outra coisa. Eu sou o único que pode emitir uma carta de demissão, captam-me?

A boca de Qhuinn falou por sua própria conta.

—É obvio. Absolutamente.

Wrath sorriu e alcançou a caixa que Beth havia trazido. Tirou um grosso maço de papéis, ao final do qual havia um selo dourado com fitas de cetim vermelhas e negras.

—Vamos, joguem uma olhada a isto.

Lançou casualmente o documento de aspecto oficial ao outro extremo da mesa.

Qhuinn e John se inclinaram juntos sobre ele. Na Antiga Língua, a coisa estabelecia que...

—Santa... Merda — ofegou Qhuinn, depois levantou bruscamente o olhar para Beth — Sinto, não tinha intenção de utilizar uma linguagem baixa.

Ela sorriu e beijou o cocuruto de seu hellren.

—Está bem. Ouvi coisas piores.

—Olhem a data — disse Wrath.

Tinha uma data anterior... A punheteria coisa estava datada dois meses atrás. De acordo

com o documento, Qhuinn, filho de Lohstrong, foi designado ahstrux nohtrum de John Matthew, filho de Darius, filho de Marklon em junho passado.

—Sou um autêntico desastre com a papelada — disse Wrath arrastando as palavras — Me esqueci de lhes dizer o que fiz. Culpa minha. Agora, é óbvio, isto significa que você, John, é responsável pela restituição, já que o sujeito protegido corre com os gastos de todas as dívidas incorridas como resultado do amparo.

John indicou imediatamente.

Nota promissória...

—Não, espera — interrompeu Qhuinn — Ele não tem tanto dinheiro...

—Seu companheiro vale ao redor de quarenta milhões neste momento, assim pode permitir-se perfeitamente.

Qhuinn olhou ao John.

—O que? E por que demônios está trabalhando no escritório por trocado?

Em nome de quem faço o cheque? gesticulou John, o ignorando.

—Em nome dos pais de Lash. Beth, como DF (diretora financeira) da Irmandade, te dirá de que conta tirá-lo, verdade, shellan? — Wrath apertou a mão da Rainha e lhe sorriu. Quando voltou a se concentrar no Qhuinn e John, a expressão amorosa tinha desaparecido — Qhuinn se mudará a esta casa com efeito imediato, e terá um salário de setenta e cinco mil ao ano, o qual você pagará. E, Qhuinn, está totalmente fora do programa de treinamento, mas isso não significa que os Irmãos e eu não... mmhh, não sei, pratiquemos com seu traseiro para manter suas habilidades afiadas. Depois de tudo, ocupamo-nos dos nossos. E agora é um dos nossos.

Qhuinn tomou um profundo fôlego. E depois outro. E depois...:

—Tenho... tenho que me sentar.

Como um completo e fodido branco, cambaleou-se até uma das poltronas azul pálida. Com todo mundo o olhando fixamente como se estivessem a ponto de lhe oferecer uma bolsa de papel em que respirar ou algum kleenex(remédio), colocou a mão no lugar onde foi operado com a esperança de que parecesse que estava afetado por sua ferida, e não por suas emoções.

O problema era... que não podia colocar nada de ar em seus pulmões. Não estava seguro de que caralho estava entrando em sua boca, mas fosse a merda que fosse não estava fazendo uma maldita coisa para limpar o enjôo de sua cabeça nem a sensação ardente que comprimia sua caixa torácica.

Curiosamente, quem se aproximou e se agachou diante dele não foi nem John, nem a Rainha. Foi Wrath. Repentinamente o Rei apareceu frente a sua visão aquosa, esses óculos de sol e esse rosto cruel foi uma total contradição com o suave tom de voz que utilizou.

—Ponha a cabeça entre os joelhos, filho. — A mão do Rei aterrisou em seu ombro e o empurrou gentilmente para baixo — Vamos, faz-o.

Qhuinn fez o que dizia, e começou a tremer tanto que se não tivesse sido pela enorme palma de Wrath que o mantinha firme, teria caído ao chão.

Não ia chorar. Negava-se a derramar uma só lágrima. Em vez disso ficou sem fôlego, estremeceu-se e empapou em suor frio.

Quedamente, de forma que só Wrath pudesse ouvir, sussurrou:

— Acreditava... que estava completamente sozinho.

— Não — respondeu Wrath igual, suavemente — Como já disse, agora é um dos nossos, capta-me?

Quinn elevou os olhos.

— Mas eu não sou ninguém.

— Ah, a merda com isso — O Rei sacudiu a cabeça lentamente — Salvou a honra de John. Assim como hei dito, é da família, filho.

Quinn posou os olhos na Beth e John, que estavam de pé um ao lado do outro. Através de suas lágrimas sem derramar, viu a semelhança de seus cabelos escuros e o azul profundo de seus olhos.

Família...

Quinn endireitou a coluna vertebral, ficou em pé, e se elevou em toda sua estatura. Arrumando a camisa e depois o cabelo, recompôs-se completa e absolutamente enquanto se aproximava de John.

Erguendo os ombros, estendeu a mão para seu amigo.

— Daria minha vida por você. Com ou sem essa parte de papel.

Quando as palavras saíram de sua boca, compreendeu que era a primeira coisa que dizia como macho adulto, o primeiro voto que tomou. E não podia pensar em uma pessoa melhor a que oferecer-lhe exceto possivelmente ao Blay.

John baixou o olhar, depois estreitou a palma que apresentava, seu apertão foi firme e forte. Não se abraçaram, não falaram.

E eu por você, articulou John com a boca quando seus olhares se cruzaram. E eu... por ti.

— Pode me perguntar pelo Phury se quiser. Quando terminar com isso.

Cormia se endireitou deixando a vela branca que estava acendendo e olhou sobre seu ombro. Bela jazia sobre as costas na grande cama que estava no outro lado do quarto, com sua magra e pálida mão sobre o estômago arredondado.

— De verdade pode — disse a fêmea com um sorriso — Isso me dará outra coisa em que pensar. E agora mesmo o necessito.

Cormia soprou seu fósforo.

— Como sabe que é ele quem ocupa minha mente?

— Tem o que eu chamo «cenho de macho». Que é o cenho que te põe quando está pensando em seu macho e, um dos dois ou quer chutar seu traseiro ou o envolver em seus braços e apertar até que não possa respirar.

— O Primale não é meu. — Cormia pegou o queimador dourado de incenso na mão e o moveu três vezes ao redor da vela. O cântico que recitou foi suave, mas insistente, pedindo à Virgem Escriba que cuidasse de Bela e seu filho.

—Ele não me ama — disse Bela — Não realmente.

Cormia pôs o queimador na mesa da esquina mais oriental do quarto e comprovou duas vezes que as três velas tivessem chamas boas e fortes.

Passado, presente e futuro.

—Ouviste o que disse? Ele não me ama.

Cormia fechou os olhos com força.

—Eu acredito que nisso te equivoca.

—Só acredita que me ama.

—Com todo o devido respeito...

—Deseja-lhe?

Cormia se ruborizou quando pensou no ocorrido na sala de projeção. Reviveu a sensação dele... O poder que teve ao sustentar seu sexo na mão... A forma em que a boca dele se moveu contra seu peito.

Bela riu suavemente.

—Tomarei esse rubor como um sim.

—Queridíssima Virgem, não tenho nem idéia do que dizer.

—Sente-se comigo — Bela aplaudiu a cama a seu lado — deixe-me te falar dele. E te contar por que estou segura de que não está apaixonado por mim.

Cormia sabia que se aproximasse, e escutasse falar de como o Primale possivelmente não sentia o que ele acreditava que sentia quão único ia conseguir era querê-lo ainda mais.

Assim naturalmente se sentou junto a Bela sobre a colcha.

—Phury é um bom macho. Um grande macho. Ama profundamente, mas isso não significa que esteja apaixonado por todos aqueles que importam. Se vocês dois só dessem um tempo...

—Retornarei logo.

Bela arqueou as sobrancelhas.

—Ao Outro Lado? Por quê?

—Permaneci aqui muito tempo. — Era muito duro dizer que a abandonaram. Especialmente a Bela — Estive aqui... o suficiente.

Bela pareceu entristecer-se.

—Phury partirá também?

—Não sei.

—Bom, terá que voltar a lutar.

—Ah... sim. — Estava claro que a fêmea não sabia ainda que o expulsaram da Irmandade, e este não era o momento de dar nenhuma surpresa desagradável.

A mão de Bela acariciou sua barriga.

—Contou-te alguém por que Phury se converteu no Primale? Quero dizer, em lugar de Vishous.

—Não. Nem sequer sabia da substituição até que foi o Primale, que esteve comigo no templo.

— Vishous se apaixonou pela doutora Jane, justo no momento em que tudo isso estava ocorrendo. Phury não queria que os separassem, assim interveio — Bela sacudiu a cabeça — O que acontece é que Phury sempre põe os outros por diante de si mesmo. Sempre. Está em sua natureza.

— Sei. Por isso o admiro tanto. Desde onde eu venho... — Cormia lutou por encontrar as palavras — Para as Escolhidas, o altruísmo é o maior dos valores. Servimos à raça e à Virgem Escriba, e ao fazê-lo, alegremente antepomos tudo a nosso ser individual. É a maior virtude se sacrificar a ti mesmo pelo bem maior, por um pouco mais importante que o eu. O Primale o faz. Acredito que esse é...

— É...?

— Por isso o respeito tanto. Bom, por isso e por seu... seu...

Bela riu de forma gutural.

— Sua mente aguda, não? Está claro que não tem nada que ver com seus olhos dourados e esse maravilhoso cabelo.

Cormia figurou que se seu rubor já respondeu por ela uma vez, poderia fazê-lo de novo.

— Não tem que responder — disse Bela com um sorriso — É um macho especial. Mas voltando para assunto do autosacrifício. Aí está a questão. Se passarmos muito tempo concentrado nos outros, perdemos a nós mesmo. Por isso me preocupo com ele. E por isso sei que em realidade não me ama. Acredita que eu salvei a seu gêmeo de uma forma que ele não podia. É gratidão o que sente. Intensa gratidão e idealização. Mas não é verdadeiro amor.

— Entretanto, como sabe?

Houve uma vacilação.

— Lhe pergunte sobre suas relações com as fêmeas. Aí o entenderá.

— Apaixonou-se com frequência? — abraçou-se a si mesmo esperando a resposta.

— Absoluta e positivamente não — A mão de Bela rodeou uma e outra vez sua barriga — Isto não é absolutamente meu assunto, mas vou dizer de todos os modos. Salvo a meu hellren, não há macho ao que tenha em maior estima que ao Phury, e eu gosto muito de você. Se ele ficar aqui, espero que você também. Eu gosto do modo em que o olha. E de verdade eu gosto do modo em que ele olha a ti.

— Renunciou a mim.

A cabeça de Bela se ergueu.

— O que?

— Já não sou a Primeira Companheira.

— Maldito... seja.

— Assim realmente deveria voltar para o Santuário. Embora só seja para facilitar as coisas a quem é que escolha para me substituir.

Era justo o que terei que dizer, mas em realidade não o sentia. E seus sentimentos apareceram em sua voz. Inclusive ela pôde ouvir a tensão.

Curioso, a prática de dizer uma coisa enquanto guardava para si mesmo o que realmente pensava era uma habilidade que afiou no transcurso de sua vida no Outro Lado. Quando

esteve ali, mentir foi tão fácil e cômodo quanto à túnica branca que vestia, a forma inibida em que se recolhia o cabelo e a forma mecânica de recitar os textos cerimoniais.

Agora era duro.

—Sem ofender — disse Bela — mas meu mierdímetro se disparou.

—Mier... dímetro?

—Está mentindo. Olhe, posso te oferecer um conselho não solicitado?

—É obvio.

—Não permita a ti mesma ser tragada e te perder neste assunto das Escolhidas. Se realmente acredita naquilo que lhe ensinaram, então bem. Mas se te encontra lutando com uma voz interior em sua cabeça todo o tempo, então não está onde se supõe que deve estar. Ser boa mentirosa não é uma virtude.

Isso era não? pensou Cormia. Isso era precisamente o que fez sempre. Mentir.

Bela se removeu sobre os travesseiros, erguendo-se.

—Não sei quanto terá ouvido de mim, mas tenho um irmão. Rehvenge. É um teimoso de cuidado, sempre o foi, mas o quero e estamos muito unidos. Meu pai morreu quando eu tinha quatro anos, e Rehv tomou o lugar como cabeça de família para minha mãe e para mim. Rehv cuidou muito bem de nós, mas também era dominante como o demônio, e finalmente eu abandonei a casa familiar. Tive que fazê-lo... Estava-me voltando louca. Jesus deveria ter escutado a briga. Rehv tem boas intenções, mas é da velha escola, muito tradicional, e isso quer dizer que quer tomar todas as decisões.

—Entretanto parece um macho de valia.

—OH, é-o sem dúvida. Mas a questão é que depois de vinte e cinco anos sob seu jugo, eu era só sua irmã, não eu, se é que isso tem algum sentido — Bela estendeu o braço e tomou a mão de Cormia — o melhor que fiz por mim foi partir e começar a me conhecer — Uma sombra foi a seus olhos — Não foi fácil, e houve... conseqüências. Mas inclusive com o que tive que passar, recomendo-te totalmente que averigüe quem é. Quero dizer, sabe quem é como pessoa?

—Sou uma Escolhida.

—E que mais?

—Isso... tudo.

A mão de Bela lhe deu um apertão.

—Pensa um pouco em ti, Cormia, e comece com pequenas coisas. Qual é sua cor favorita? O que você gosta de comer? Você gosta de te levantar cedo? O que te faz feliz? E o que te entristece?

Cormia olhou o queimador de incenso que havia do outro lado do quarto e pensou em todas as rezas que conhecia, orações que cobriam qualquer eventualidade. E os cânticos. E as cerimônias. Tinha um vocabulário espiritual completo ao seu dispor, não só de palavras, mas também de ações.

E isso era tudo. Ou não?

Deslocou o olhar para encontrar o de Bela.

—Sei... que eu gosto das rosas cor lavanda. E eu gosto de construir coisas em minha mente.

Bela sorriu e depois escondeu um bocejo com o dorso da mão.

—Isso, amiga minha, é um bom começo. Agora, quer terminar de ver Project Runway? Com a televisão acesa, se sentirá menos incômoda tratando de te internar em sua cabeça enquanto está comigo, e Fritz não nos trará o jantar até dentro de outros vinte minutos.

Cormia se recostou nos travesseiros junto a sua... amiga. Não sua irmã, sua... amiga.

—Obrigado, Bela. Obrigado.

—De nada. E eu adoro o incenso. Muito relaxante.

Bela apontou com o controle remoto a tela plana, pulsou alguns botões, e Tim Gunn apareceu na sala de costura, com seus cabelos prateado tão pulcro quanto roupa recém engomada. Diante dele, uma das desenhistas sacudia a cabeça e examinava seu vestido vermelho parcialmente terminado...

—Obrigado — disse de novo Cormia, sem olhá-la.

Bela só estendeu a mão e apertou a mão de Cormia, e ambas se concentraram na tela.

Capítulo 29

Lash saiu da casa de seus pais cambaleando-se e com sangue em ambas as mãos. Tinha os joelhos frouxos e suas pernadas eram torpes. Enquanto tropeçava com seus próprios pés, baixou o olhar. OH, Deus, essa substância manchava sua camisa e também suas botas.

O senhor D saiu do Ford Focus.

—Está ferido?

Lash não pôde encontrar palavras com que responder. Coxeando e aturdido, tudo que podia era manter-se em pé.

—Levou... muito mais do que pensava.

—Venha, vamos senhor, entremos no carro.

Lash deixou que o pequeno tipo o conduzisse ao lado do passageiro e o sentasse no assento.

—O que tem na mão, senhor...?

Lash empurrou a um lado ao lesser, inclinou-se, e fez algumas arcadas olhando ao chão. Algo negro e oleoso surgiu de sua boca e gotejou por seu queixo. O limpou e o examinou.

Não era sangue. Ao menos, não do tipo...

—Matei-lhes — disse roucamente.

O lesser se ajoelhou diante dele.

—É obvio que sim, seu pai estará orgulhoso. Esses bastardos não são seu futuro. Nós o somos.

Lash tentou deter as cenas que se reproduziam uma e outra vez em sua cabeça.

—Minha mãe foi a que gritou mais alto. Quando me viu matar a meu pai.

—Não era seu pai. Nem sua mãe. Eram animais. Essas coisas aí eram animais — O assassino sacudiu a cabeça — Não eram como você. Somente pensou que o eram.

Lash olhou as mãos. Havia uma faca em uma delas. Uma correia na outra.

—Tanto sangue.

—Sim, esses vampiros sangram um montão.

Fez-se um longo silêncio. Pareceu durar um ano.

—Me diga senhor, tem uma piscina com vestiário por aqui? — quando Lash assentiu, o lesser disse — Na parte de trás? — Lash assentiu de novo — Bem, vamos levar-te ali e faremos que te lave. Aqui atrás no carro, temos roupa limpa para que ponha.

Antes de dar-se conta Lash estava no vestiário da piscina, sob a ducha, lavando os restos de seus pais da pele e observando como o ralo a seus pés se tingia de vermelho. Também enxaguou a faca e a correia e quando saiu da ducha e antes de secar-se, colocou o aço inoxidável ao redor do pescoço.

Havia duas placas de identificação de cão pendurando da coisa. Aquela era a última licença de seu rottweiler, e a outra o registro das doses finais da vacina da raiva do King.

A mudança de roupa de Lash foi bastante rápida e transferiu a carteira de seu pai das calças sujas que tinha levado às limpas, que o senhor D, conseguiu para ele. Ia ter que voltar à por as mesmas botas, mas as manchas estavam obscurecendo, pareciam menos vermelhas, o que as fazia mais suportáveis. Saiu do vestiário e encontrou ao pequeno assassino sentado em uma das mesas de vidro junto às cadeiras do jardim.

O lesser se levantou de um salto.

—Quer que agora chame pedindo reforços?

Lash olhou a casa uso Tudor. De caminho para ali, teve intenção de registrar o lugar de cima a abaixo. Levar algo que valesse mais de dez centavos. Utilizar uma esquadrilha do que o Omega havia dito que eram suas tropas para despojar o lugar do papel de parede até as pranchas do piso de madeira.

Parecia o adequado se queria fazê-lo ao estilo Conan. Uma declaração perfeita de seu novo status. Não só esmagava a seus inimigos, mas também tomava seus cavalos, queimava suas choças e ficava escutando os lamentos de suas mulheres...

O problema era que sabia o que havia dentro dessa casa. Com os corpos de seus pais e os doggens dentro, converteu-se em um mausoléu, e a idéia de violar a santidade do lugar, de enviar a um enxame de lessers a profaná-lo, parecia-lhe muito imoral.

—Quero sair daqui.

—Voltaremos depois?

—Só me tire deste fodido lugar.

—Como quiser.

—Resposta correta.

Movendo-se como um ancião, Lash deu a volta a casa para voltar para a parte dianteira mantendo a vista fixa à frente, evitando olhar as janelas frente às quais passava.

Quando assassinou aos doggens na cozinha, tinha um frango assando no forno, desses que tinham um desses pitos que saltavam para te fazer saber que estavam cozidos. Depois de ter sangrado ao último dos serventes, deteve-se junto ao forno Viking e acendeu a luz. O pito do frango tinha saltado.

Abriu a estreita gaveta que estava à esquerda do forno e tirou duas luvas de tiras brancas e vermelhas que tinham etiquetas Williams-Sonoma. Apagou o forno e tirou a assadeira para por sobre os queimadores da cozinha. Estava dourado e tinha um cheiro de farinha de milho. Os miúdos estavam ao fundo, condimentando o molho.

Também apagou o fogo onde estavam fervendo as batatas.

—Me tire daqui — disse enquanto deslizava dentro do carro. Teve que impulsionar-se com as mãos para poder colocar as pernas.

Um momento depois, o preciso motor do Focus se acendeu, e começaram a percorrer o caminho de entrada. No denso silêncio que se produziu na cabine, Lash tirou a carteira de seu pai das calças limpas, abriu-a e examinou os cartões. Banco 24 horas, Visa, AmEx Negra...

—Aonde quer ir? — perguntou o senhor D quando chegaram à Rota 22.

—Não sei.

O senhor D o olhou.

—Eu matei a meu primo. Quando tinha dezesseis. Era um bastardo, senti prazer ao fazê-lo e foi uma boa decisão. Mas depois, senti-me mau. Assim não tem que desculpar-se se sentir como se tivesse feito algo mau.

A idéia de que alguém entendesse pelo que estava passando, embora fosse em parte, fazia que todo o assunto se parecesse menos a um pesadelo.

—Sinto-me... morto.

—Passará.

—Não... nunca vou deixar de me sentir como se... OH, foda-se, simplesmente cala e conduz OK?

Lash achou o último dos cartões no momento em que dobravam à direita na Rota 22. Era a carteira de motorista de seu pai. Quando seus olhos pousaram sobre a foto, revolveu seu estômago.

—Estaciona!

O Focus se deteve na sarjeta. Enquanto um enorme SUV passava junto a eles, Lash abriu a porta e vomitou algo mais dessa merda negra no chão.

Estava perdido. Completamente perdido.

Que demônios acabava de fazer? Quem era?

—Já sei aonde te levar — disse o senhor D — Se fecharmos a porta, posso te levar a um lugar onde se sentirá melhor.

O que seja, pensou Lash. Neste momento, aceitaria sugestões de uma tigela de Frise Krispies.

—A qualquer lugar... menos aqui.

O Focus girou e se dirigiu para o centro da cidade. Avançaram alguns quilômetros

quando Lash olhou ao pequeno lesser.

— Aonde vamos?

— A um lugar onde poderá tomar uma pausa. Confia em mim.

Lash olhou através da Janela e se sentiu como uma absoluta bicha. Esclarecendo a garganta, disse.

— Ordena a um esquadrão que vá ali. E que se levem tudo o que não esteja perdido.

— Sim, senhor.

Enquanto Z estacionava o Escalade junto à mansão Tudor em que viviam Lash e seus pais, Phury franziu o cenho e desabotoou o cinto de segurança. Que diabos?

A porta principal estava totalmente aberta na noite do verão, as luzes do lustre do vestibulo principal lançavam um brilho amarelado sobre o pórtico e o par de jardineiras que se erguiam em posição de firmes a cada lado da porta de entrada.

OK, isto de entrada estava mau. Supõe-se que as casas coloniais com jardineiras no alpendre e gnomos em seus maciços de flores têm as portas languidamente abertas dessa forma. Ou talvez as casas tipo rancho com bicicletas diante da garagem e desenhos de giz nas calçadas. OH, demônios, inclusive os reboques com janelas quebradas e decrépitas cadeiras de plástico pulverizadas pela grama cheia de más ervas.

Mas as mansões Tudor que jaziam sobre terrenos imaculados não se viam bem com as grandiosas portas dianteiras totalmente abertas de noite. Era como uma debutante deixando entrever o sutiã por uma falha de seu traje.

Phury saiu do SUV e soltou uma maldição. O aroma de sangue fresco e lesser eram muito familiares.

Zsadist empunhou uma de suas armas enquanto fechava sua porta.

— Merda.

Enquanto avançavam, fez-se endemoniadamente evidente que não foram falar com os pais de Lash sobre o que ocorreu a seu filho. Havia boas probabilidades de que Z e ele fossem encontrar cadáveres.

— Chama o Butch — disse o Zsadist - é a cena de um crime.

Phury tinha o telefone na mão e estava marcando.

— Estou nisso.

Quando o irmão respondeu, disse:

— Precisamos reforços aqui, imediatamente. Houve uma infiltração.

Antes que os dois entrassem na casa, detiveram-se para checar a porta. A fechadura não foi forçada, e o sistema de segurança não estava soando.

Não tinha sentido. Se um assassino se aproximou da porta e tocasse a campainha, um doggen não o teria deixado entrar. Não. Assim que o lesser devia ter irrompido de algum outro modo e saído pela porta principal.

E seguro como a merda que esteve ocupado. Havia um rastro de sangue sobre o tapete oriental do vestibulo de mármore... e não estava composto de gotas; era como se alguém

tivesse usado um pau de macarrão com essa merda.

A nervura vermelha corria entre o estudio e a sala de refeição.

Z foi à esquerda para o estúdio. Phury girou à direita e entrou na sala de refeição...

— Encontrei os corpos — disse bruscamente.

Soube quando Z viu o que ele estava observando, porque o irmão grunhiu:

— Fodido bode.

Assassinados, os pais de Lash estavam sentados em cadeiras em posição vertical no extremo mais afastado da mesa, seus ombros estavam atados aos respaldos para que se mantivessem erguidos. O sangue emanou das feridas de punhalada que tinham em seus peitos e pescoços, formando atoleiros a seus pés sobre o chão lustroso.

As velas estavam acesas. O vinho estava servido. Sobre a mesa entre os corpos havia um formoso frango assado, tão recentemente saído do forno que podia distinguir o aroma de sua carne sobre o fedor do sangue.

Os corpos de dois doggen estavam sentados nas cadeiras à direita e esquerda da mesa, os mortos serviam aos mortos.

Phury sacudiu a cabeça.

— Quanto te aposta a que não há nenhum outro corpo na casa. Ou estariam alinhados aqui também.

As finas roupas dos pais de Lash foram cuidadosamente arrumadas, as três fileiras de pérolas de sua mãe descansavam no devido lugar, a gravata e o casaco de seu pai estavam impecáveis. O cabelo de ambos parecia uma confusão e suas feridas eram cruentas, mas suas roupas ensangüentadas estavam perfeitamente dispostas. Eram como duas mórbidas bonecas Kewpie (eram estatuas baseadas nas ilustrações de Rose O'Neill).

Z golpeou o punho contra a parede.

— Fodidos bastardos doentios... Esses punheteros lessers estão doentes.

— Certamente.

— Registremos o resto da casa.

Inspecionaram a biblioteca e a sala de música e não encontraram nada. A despensa do mordomo estava intacta. A cozinha mostrava evidências de uma luta resolvida com dois assassinatos, mas isso era tudo... Não havia sinais de uma entrada forçada.

O segundo piso estava limpo, os encantadores dormitórios pareciam saídos da revista House Beautiful com suas cortinas de algodão e seus antigos e luxuosos edredons. No terceiro piso, havia uma suíte digna de um Rei que, a teor dos livros de texto e de artes marciais, o computador e o som estéreo, foi a guarida de Lash. Estava limpa e brilhante.

Não havia nada desconjurado em nenhuma parte da casa, salvo onde os assassinatos foram cometidos. Nada foi roubado.

Voltaram a descer as escadas, e Zsadist examinou rapidamente os corpos enquanto Phury inspecionava o painel principal do sistema de segurança que estava na garagem.

Quando terminou, voltou junto a seu gêmeo.

— Consegui entrar no sistema de alarmes. Nada os ativou nem tampouco foram

desconectadas por nenhum código estranho ou um corte de corrente.

—Falta a carteira do macho — disse Z — mas ainda tem o relógio Ebel nos braços. A fêmea tinha um diamante no dedo e um par de pedras brutas do tamanho de dez centímetros nas orelhas.

Phury colocou as mãos nos quadris e sacudiu a cabeça.

—Duas infiltrações, uma aqui e outra na clínica. Ambas sem pilhagem.

—Ao menos sabemos como encontraram este lugar. Quero dizer, merda, Lash foi seqüestrado e torturado até que falou. É o único modo. Não levava nenhuma identificação quando o levaram da clínica, assim que a direção teve que sair de sua própria boca.

Phury olhou a seu redor, para todas as obras de arte que havia nas paredes.

—Há algo aqui que não termina de encaixar. Normalmente o teriam levado tudo.

—Mas assumindo que levassem a carteira do pai, os autênticos bônus estarão sem dúvida no banco. Se conseguirem acesso a essas contas, seria uma forma mais limpa de roubo.

—Mas por que deixar toda esta merda?

—Onde estão? — a voz de Rhage ressonou através do vestibulo.

—Aqui — gritou Z.

—Temos que advertir às outras famílias da glymera — disse Phury — Se Lash deu sua própria direção, só Deus sabe que mais lhe terão tirado. Isto poderia ser uma fuga de implicações sem precedente.

Butch e Rhage entraram na sala e o poli sacudiu a cabeça.

—Merda, isto me leva justo de volta a Homicídios.

—Homem... — suspirou Hollywood.

—Sabemos como entraram? — perguntou o poli, rodeando a mesa.

—Não, mas vamos registrar a casa de novo — disse Phury — Não posso acreditar que entrassem sem mais pela porta principal.

Quando os quatro chegaram ao quarto de Lash, todos sacudiam as cabeças.

Phury percorreu o quarto com o olhar, seu cérebro corria.

—Temos que informar isto.

—Bom, olhem isto — murmurou Z, apontando com a cabeça para a janela.

Abaixo, no caminho de acesso, estacionou um carro. Depois outro. Depois um terceiro.

—Aí estão seus saqueadores — disse o irmão.

—Bodes — cuspiu Rhage com um sorriso sombrio — Mas ao menos chegam pontuais... Preciso descer o jantar.

—E seria endemoniadamente grosseiro não sair a lhes dar a boas-vindas na porta — resmungou Butch.

Instintivamente, Phury estendeu a mão para abrir o casaco, mas depois recordou que ali não havia armas nem adagas às que recorrer.

Houve uma fração de segundo em que se sentiram incômodos, durante o qual nenhum o olhou, assim disse:

—Voltarei para o Complexo e contatarei com as outras famílias da glymera. Também informarei ao Wrath do que está passando.

Os três assentiram e desceram ao trote as escadas.

Enquanto os três partiam a apresentar-se como comitê de bem-vinda dos lessers. Phury lançou um último olhar ao dormitório, pensando em que desejaria estar com os outros, matando aos filhos de puta que fizeram isto.

O feiticeiro o confrontou em sua mente. Não lutam com você porque não podem confiar em ti. Os soldados não querem ser respaldados por alguém a quem não têm fé.

Confronta-o, companheiro por este lado, está acabado. A questão é quanto tempo passará antes que o arruíne com as Escolhidas?

Justo quando Phury estava a ponto de desmaterializar-se, franziu o cenho.

Ao outro lado, na cômoda, havia uma mancha de algo no atirador de metal de uma das gavetas.

Foi examinar o mais de perto. Marrom escuro... Era sangue seco.

Quando abriu a gaveta, havia rastros digitais ensangüentados sobre os objetos que havia dentro: o relógio de pulso Jacob&Co que Lash usava antes de sua transição tinha manchas em cima, e também uma cadeia de diamante e um pesado pendente de botão. Obviamente levaram algo da pequena gaveta, mas por que um lesser deixaria coisas tão valiosas? Era difícil imaginar que algo valesse mais que esses diamantes e, além disso, coubesse em um espaço tão pequeno.

Phury olhou o notebook Sony VAIO e o iPod... e a outra dúzia de gavetas que havia no quarto que se dividiam entre a escrivaninha, a cômoda e as mesinhas de noite. Todos estavam firmemente fechados.

—Deve ir.

Phury se virou. Z estava de pé na soleira, arma em mão.

—Sai cagando daqui, Phury. Não está armado.

—Poderia está-lo — Olhou a escrivaninha onde jaziam um par de facas sobre os livros de texto — Em um instante

—Vai. — Z despiu as presas — Não está ajudando aqui.

Os primeiros sons de luta chegaram das escadas em forma de uma série de grunhidos e maldições ladradas.

Quando seu gêmeo saiu correndo para defender a raça, Phury o observou partir. Depois se desmaterializou do dormitório de Lash, com destino ao escritório do centro de treinamento.

Capítulo 30

—Precisa descansar — disse Cormia quando Bela bocejou de novo.

Fritz acabava de entrar e levar os pratos da Primeira Refeição. Bela comeu bife, purê de batatas e sorvete de hortelã e chocolate com sementes de chocolate.

Cormia comeu batatas... e um pouco de sorvete.

E ela pensou que os M&M eram deliciosos?

Bela se acomodou melhor entre os travesseiros.

—Sabe, acredito que tem razão. Estou cansada. Possivelmente possamos terminar a maratona mais tarde, esta noite?

—Soa encantador — Cormia se deslizou fora da cama — Necessita algo?

—Não — Bela fechou os olhos — Hei, antes de ir, me diga, do que são essas velas? São incrivelmente relaxantes.

A fêmea se via terrivelmente pálida contra a capa de encaixe branco de seu travesseiro.

—São feitas de substâncias sagradas do Outro Lado. Substâncias sagradas e curativas. Ervas e flores mescladas com uma emulsão aderente feita com água da fonte da Virgem Escriba.

—Sabia que eram especiais.

—Não estarei longe — sussurrou Cormia.

—Que bom.

Quando Cormia saiu do quarto, tomou cuidado de fechar a porta silenciosamente.

—Ama?

Olhou a suas costas.

—Fritz? Pensei que tinha saído depois de recolher a bandeja.

—Sai — Elevou o ramalhete que estava sujeitando — E agora tinha que entregar estas.

—Que flores tão encantadoras.

—São para a salinha deste piso — Extraiu uma rosa cor lavanda e a ofereceu — Para você, ama.

—Sim, obrigado — aproximou-se das delicadas pétalas ao nariz — OH, que delicioso.

Cormia saltou quando algo lhe roçou a perna.

Agachando-se, passou a mão sobre as sedosas e elásticas costas do gato negro.

—Sim, olá, Boo.

O gato ronronou e se recostou contra ela, seu corpo surpreendentemente forte a obrigou a trocar seu ponto de apoio.

—Você gosta das rosas? —perguntou-lhe, oferecendo a flor.

Boo sacudiu a cabeça e empurrou com o focinho sua mão livre, exigindo mais atenção.

—Adoro a este gato.

—E ele adora a você — disse Fritz, depois vacilou — Ama, se pudesse...

—O que acontece?

—O amo Phury está lá embaixo no escritório do centro de treinamento, e acredito que lhe viria bem um pouco de companhia. Talvez você poderia...

O gato deixou escapar um sonoro miado, trotou em direção à escada principal, e meneou a cauda. Parecia como se tivesse braços e pernas, estaria apontando abaixo para o vestíbulo.

O mordomo riu.

— Acredito que sua senhoria Boo está de acordo.

O gato miou outra vez.

Cormia apertou o caule da rosa enquanto se endireitava. Possivelmente fosse uma boa idéia. Devia dizer ao Primale que partia.

— Eu gostaria de ver sua Graça, mas está seguro de que agora é...?

— Bem, bem! Levá-la-ei ante ele.

O mordomo foi trotando para a salinha e voltou um segundo depois. Quando retornou, seu passo era elástico e tinha o rosto aceso, como se estivesse fazendo um trabalho do que realmente desfrutava.

— Vamos. Baixemos, ama.

Boo miou de novo e abriu o caminho escada abaixo, à esquerda, depois se aproximou de uma porta de painéis negros escondida em uma esquina. O mordomo introduziu um código em um teclado numérico e abriu o que resultou ser um painel de aço de quinze centímetros de grossura. Cormia seguiu ao Fritz descendo alguns degraus... E se encontrou em um túnel que pareciam estender-se eternamente em ambas as direções.

Olhando a seu redor, puxou das lapelas de sua túnica fechando-as mais. Era estranho sentir claustrofobia em meio de um espaço tão grande, mas foi bruscamente consciente de que estavam clandestinamente e presos dentro.

— Por certo, o código é 1914 — disse o mordomo enquanto os encerrava a todos dentro e comprovava que a fechadura estivesse devidamente assegurada — Esse seria o ano em que a casa foi construída. Só tem que introduzi-lo aqui nestes painéis para atravessar qualquer porta com o passar do caminho. E tudo está monitorado por um sistema de segurança. Há câmeras — assinalou ao teto — e outros aparelhos de monitorização. Aqui está tão a salvo quanto o estaria nos jardins ou na própria casa.

— Obrigado — sorriu — Eu estava me sentindo... um pouco nervosa.

— Isso é perfeitamente compreensível, ama — Boo se esfregou contra ela como se estivesse agarrando-a pela mão e lhe dando um pequeno apertão tranquilizador.

— Por aqui — O mordomo caminhava arrastando os pés, mas o enrugado rosto estava radiante — O amo Phury adorará vê-la.

Cormia apertou sua rosa e o seguiu. Enquanto caminhava, tratou de idealizar a despedida apropriada em sua mente, e se deu conta que se sentia um pouco rasgada.

No princípio lutou contra este destino, lutou contra ser a Primeira Companheira. E não obstante, agora, quando estava obtendo o que queria, lamentava a perda que vinha com sua relativa liberdade.

Acima no corredor das estátuas, John abriu a segunda porta depois de seu quarto e acendeu a luz.

Quinn entrou no dormitório com cuidado, como rezando para que não houvesse sujeira nas solas de seu New Rocks.

—Bonito lugar.

Eu estou na porta do lado, gesticulou John.

Seus dois telefones soaram ao mesmo tempo, e a mensagem era de Phury: Ficam canceladas as aulas da semana próxima. Por mais informação se conecte a Web segura.

John sacudiu a cabeça. Aulas canceladas. Clínica saqueada. Lash seqüestrado... e provavelmente torturado. As conseqüências do que ocorreu no vestiário continuavam.

Más notícias... as más notícias estavam chegando a conjuntos maiores que de três em três.

—Nada de aulas — murmurou Qhuinn enquanto parecia que se concentrava um pouco muito em deixar sua mochila — Para ninguém.

Temos que nos encontrar com o Blay, assinalou John. Não posso acreditar que não tenha enviado nem uma mensagem desde que caiu a noite. Possivelmente devêssemos ir até ali agora?

Qhuinn se aproximou de uma das janelas que iam do chão ao teto e retirou os pesados cortinados.

—Não acredito que vá querer me ver por algum tempo. E sei que está gesticulando um por quê? Às minhas costas. Somente confia em mim. Vai precisar um pouco de espaço.

John sacudiu a cabeça e escreveu uma mensagem para o Blay: Vemo-nos no ZeroSum já que não há aulas? Tenho notícias sobre mim e Q.

—Dirá que não pode ir. Assumindo que esteja escrevendo que se reúna conosco.

Qhuinn olhou sobre o ombro justo quando o telefone soava. A mensagem de Blay dizia: Esta noite não posso, ocupado com a família. Darei um toque.

John meteu o telefone no bolso. O que aconteceu?

—Nada. Tudo... Não sei...

O pesado golpe na porta era certamente produzido por um punho do tamanho da cabeça de um macho.

—Sim? —gritou Qhuinn.

Wrath entrou em pernas no quarto. O Rei parecia inclusive mais sombrio do que esteve antes, como se tivessem recebido mais más notícias sobre o telhado da Irmandade. Levava uma maleta de metal negro e uma massa de couro na mão.

Elevou a ambos e olhou duramente ao Qhuinn.

—Suponho que não é necessário te advertir que não te faça o preparado com isto, verdade?

—Ah, não... Senhor. Mas o que são?

—Suas duas novas melhores amigas. —O Rei pôs a maleta sobre a cama, acionou os dois fechamentos negros e levantou a tampa.

—Uau!

Uau, esboçou John com a boca.

—De nada.

Dentro, acurrucadas em um acolchoado da cor cinza dos cartões de ovos, havia um par

de letais Heckler&Kock de quarenta e cinco milímetros automáticas. Depois de checar a antecâmara de uma, Wrath segurou a arma negra pelo canhão e a ofereceu ao Qhuinn.

—V te vai tatuar uma identificação na Antiga Língua. Se a merda ficar crítica, a mostre e quem quer que vá frente a ti terá que ver comigo. Fritz vai ordenar que te tragam suficiente munição para fazer que um esquadrão da Marinha sofra um caso grave de diarreia. —O Rei lançou ao Qhuinn o que resultou ser um arnês de peito— Nunca vá desarmado quando estiver com ele. Nem sequer dentro desta casa. Entendemo-nos? Assim é como funciona.

Enquanto Qhuinn sopesava a pistola em sua palma, John esperava que seu amigo fizesse alguma brincadeira a respeito de quão bom era ter grandezas. Em vez disso, disse:

—Quero livre acesso à galeria de tiro. Vou querer ir ali abaixo ao menos três vezes por semana. No mínimo.

A boca de Wrath se elevou por uma comissura.

—Poremos seu nome a essa cadela, o que te parece isso?

John se sentia como um olheiro de pé entre eles dois e sem dizer nada, mas estava fascinado pela mudança produzida no Qhuinn. Para trás ficava a fachada brincalhona. Era toda responsabilidade, de repente mais inquebrável que suas roupas de tipo duro.

Qhuinn assinalou à porta.

—Isso dá a seu dormitório?

—Sim.

—Boa noite, senhoras.

Vishous entrou na sala, e os olhos de Qhuinn não foram quão únicos flamejaram. O Irmão trazia nas mãos uma pesada corrente da qual pendurava uma fina plaqueta, um par de alicate, e uma caixa com equipe para tatuar.

—Planta o traseiro, menino — disse V.

—Vamos — Wrath assinalou para a cama — Hora de ser encadeado... Esse pendente tem o emblema impresso de John. Também será tatuado. Isto, como te disse, é por toda vida.

Qhuinn se sentou sem dizer uma palavra, e V se localizou detrás dele, colocou a pesada carga ao redor de sua garganta, e depois fechou o elo aberto. O medalhão ficou pendurando justo por debaixo da clavícula.

—Sai sozinho se morrer ou o despedem — V golpeou ao Qhuinn no ombro — Como certo, se te despedir, segundo as antigas leis, sua carta de demissão é uma guilhotina, sabe? Assim é como tiraríamos a corrente. Entretanto se morre naturalmente, rompemos um dos elos. Já que profanar um cadáver é algo de mau gosto. Agora a tatuagem.

Qhuinn começou a tirar camisa.

—Sempre quis uma...

—Pode ficar com ela — Enquanto V abria sua caixa de tatuagens e tirava uma pistola de tatuar, Qhuinn subiu uma manga até o ombro — Não, não necessito seu braço tampouco.

Qhuinn franziu o cenho, enquanto Vishous conectou o cabo e colocou duas luvas negras de látex que estalaram quando as soltou sobre a pele. Sobre a mesinha, abriu um potinho negro e um vermelho e um maior que continha uma solução transparente.

—Da à volta e me olhe — O Irmão tirou uma tira de tecido branco e uma embalagem pack estéril enquanto Qhuinn girava seu New Rocks e colocava as mãos sobre os joelhos — Olhe para cima.

No rosto? Pensou John quando V limpou a parte alta da bochecha esquerda de Qhuinn.

Qhuinn não se moveu. Nem sequer quando lhe aproximou a agulha zombadora. John tentou ver o que estava desenhando e não conseguiu. Era estranho que se estivesse utilizando a cor vermelha. Ouviu dizer que o negro era a única cor permitida...

Santa... merda, pensou John quando V se afastou.

Era uma só lágrima vermelha perfilada de negro.

Wrath falou.

— Simboliza que está disposto a derramar seu próprio sangue pelo John. Também permite que todo mundo saiba, sem lugar a dúvidas, qual é sua posição. Se John morrer, será preenchida de tinta negra, significando que serviu honradamente a alguém de influência. Se não foi assim, será marcada com uma X para demonstrar sua vergonha ante a raça.

Qhuinn colocou-se de pé e foi olhar no espelho.

—Eu gosto.

—Pois bem — disse V secamente enquanto se aproximava e aplicava um pouco de unguento transparente sobre a tinta.

—Pode me fazer outro?

V olhou ao Wrath, depois encolheu os ombros.

—O que quer?

Qhuinn destacou a nuca.

—Quero «18 de agosto, 2008», na Antiga Língua, aqui. E que não seja pequeno.

A data de hoje, pensou John.

V assentiu.

—OK. Posso fazer essa merda. Entretanto terá que ser em negro. Esse vermelho é somente para ocasiões especiais.

—Sim. Está bem — Qhuinn voltou para a cama e se girou de costas para ficar sentado cruzado de pernas a beira do colchão. Inclinando a cabeça, mostrou-lhe a nuca — E ponha os números em letras, por favor.

—Vai ser grande.

—Sim.

V riu.

—Cai-me bem, seriamente. Agora sujeita a correia e me deixe fazer meu trabalho.

Foi relativamente rápido, o assobio da pistola de tinta flutuava como o motor de um carro, acelerando e afrouxando, acelerando e afrouxando. V acrescentou um bonito arabesco artístico debaixo das letras, depois o rodeou tudo, de forma que a tatuagem parecesse uma fantástica placa.

Desta vez, John estava de pé detrás de V e observou todo o assunto. As três linhas de texto eram magníficas, e dado quão larga era a nuca de Qhuinn e quão curto tinha o cabelo,

sempre se veriam.

John desejou um. Mas o que se faria?

—É de confiar — disse V enquanto limpava a pele com um tecido que foi branco, e que agora estava coberto de manchas.

—Obrigado — disse Qhuinn enquanto V aplicava mais desse ungüento, a tinta fresca ressaltava vividamente contra sua pele dourada — Muito obrigado.

—Não o viu ainda. Por isso sabe poderia ter te tatuado «imbecil» aí detrás.

—Não. Nunca duvidaria de ti — disse Qhuinn, sorrindo amplamente ao Irmão.

Vishous sorriu um pouco, em seu duro rosto tatuado se podia ver aprovação.

—Sim, bom, não é dos que se sobressaltam. Os que se sobressaltam estão fodidos. Os firmes conseguem as melhores tatuagens.

V chocou a mão com o tipo, depois recolheu suas coisas e saiu enquanto Qhuinn ia ao banheiro e usava o espelho de mão para ver o trabalho.

É formoso, disse John por gestos a suas costas. Realmente formoso.

—É exatamente o que queria — murmurou Qhuinn enquanto olhava a tinta que cobria toda a parte de atrás de seu pescoço.

Quando os dois voltaram para a sala, Wrath meteu a mão no bolso traseiro da calça, tirou um jogo de chaves de carro, e as deu ao Qhuinn.

—Estas são do Mercedes. A qualquer parte que vá com ele, vai nesse carro até que possamos te conseguir outras rodas. É a prova de balas, e mais rápido que qualquer outra coisa em estrada.

—E posso levá-lo ao ZeroSum?

—Não é um prisioneiro.

John estampou o pé contra o chão e gesticulou: Tampouco sou uma joaninha.

Wrath ladrou uma risada.

—Nunca disse que fosse. John dê a ele as contra-senhas de todas as portas, do túnel e a grade.

—E o que tem com as aulas? — perguntou Qhuinn — Quando começarem de novo, permaneço junto ao John de qualquer modo, inclusive embora tenham me expulsado?

Wrath se dirigiu para a porta e se deteve antes de sair.

—Cruzaremos essa ponte quando chegarmos a ela. O futuro é foddidamente incerto. Como de costume.

Depois que o Rei partiu, John pensou no Blay. Realmente deveria ter estado com eles durante todo este assunto.

Eu gostaria de ir ao ZeroSum, disse por gestos.

—Por quê? Porque pensa que Blay vai ali? — Qhuinn se aproximou da maleta e carregou à outra arma, o carregador ficou embutido em seu lugar com um sussurro e um estalo.

Deve me dizer o que está passando. Agora.

Qhuinn colocou a pistolera e embainhou as armas sob as axilas. Tinha um aspecto... poderoso. Mortífero. Com o cabelo negro curto, esses piercings na orelha e a tatuagem sob o

olho azul, se John não o tivesse conhecido, teria jurado que estava frente a um Irmão.

O que aconteceu entre Blay e você?

—Cortei com ele e fui cruel a respeito.

Bom Deus... Por quê?

—Eu ia a caminho do cárcere por assassinato, recorda? Teria se consumido vivo de preocupação por mim. Isso teria arruinado sua vida. Pensei que era melhor que me odiasse a que sentisse nostalgia o resto de seus dias.

Sem ofender, mas realmente é tão importante para ele?

Os olhos desiguais de Qhuinn brocaram os de John.

—Sim. Sou-o. E não faça mais pergunta a respeito.

John reconhecia um limite quando o via: informalmente falando, acabava de topar-se de repente com uma parede de cimento com arame de espinheiro ao redor.

Ainda assim quero ir ao ZeroSum, e ainda assim quero lhe dar a oportunidade de reunir-se conosco.

Qhuinn tirou um casaco ligeiro de sua bolsa e pareceu recompor-se enquanto o punha. Quando se virou, seu característico sorriso de pronto estava de volta em seu lugar.

—Seus desejos são ordens, meu príncipe.

Não me chame assim.

Enquanto se dirigia à saída, John enviou uma mensagem de texto ao Blay, esperando que finalmente aparecesse. Talvez cederia se o importunava o suficiente?

—Então como devo te chamar? — disse Qhuinn enquanto se adiantava de um salto para abrir a porta com um floreio — Prefere «meu soberano»?

Me dê uma tempo, sim?

—Que tal o velho e querido «Amo»? — Quando John simplesmente o fulminou com um olhar por cima do ombro, Qhuinn se encolheu de ombros — Está bem, seguirei com cabeçudo então. Mas é tua escolha, eu te dei opções.

Capítulo 31

Havia duas coisas que a glymera gostava acima de todas as demais: uma boa festa e um bom funeral.

Com o massacre dos pais de Lash, tiveram ambos.

Phury se sentou frente ao computador do escritório do centro de treinamento, com uma dor de cabeça que se alojava diretamente sobre seu globo ocular esquerdo. Sentia como se o feiticeiro estivesse lhe cravando o nervo óptico com um click.

De fato, é uma furadeira, companheiro, disse o feiticeiro.

Claro, pensou Phury. É obvio que o é.

Isso acaso é sarcasmo? Disse o feiticeiro. Ah, que bom. Fazia planos para te converter em

um drogado e em uma desilusão para seus irmãos, e agora que tiveste êxito te volta descarado. Sabe, possivelmente deva começar um seminário para outras pessoas. Algo assim como: Phury, filho de Ahgony e seus dez passos para ser um completo e absoluto fracassado.

Ponho a máquina em funcionamento? Me deixa começar com o básico: nascer.

Phury plantou os cotovelos, um a cada lado do notebook e esfregou as têmporas, tratando de permanecer no mundo real em lugar de ir parar no cemitério do feiticeiro.

A tela do computador que tinha a frente brilhava sim, e enquanto a olhava fixamente, pensava em toda a merda que estava chegando ao correio eletrônico geral da Irmandade. A glymera simplesmente não entendeu. Na mensagem que lhes enviou, informava sobre os ataques e insistia à aristocracia a que abandonasse Caldwell e se resguardasse em seus refúgios. Teve muito cuidado com a redação, já que não era sua intenção incitar ao pânico, mas aparentemente, não imbuiu à notícia com o suficiente horror.

Embora as pessoas pensassem que o assassinato do leahdyre e sua shellan em seu próprio lar bastariam para assustá-los.

Deus, a noite passada a Sociedade Lessening cobrou muitas vidas e esta noite... tendo em conta as respostas da glymera, provavelmente se perderiam muitas mais. Muito em breve.

Lash sabia onde viviam todas as famílias da aristocracia da cidade, assim existia uma grande possibilidade de que uma parte muito significativa da aristocracia estivesse em perigo. Além disso, o pobre menino tampouco tinha por que lhes ter dado todas as direções sob coação. Se os lessers acessavam somente algumas dessas casas, encontrariam pistas que os levariam a muitas outras, como agendas de endereços, convites a festas e calendários de reuniões. A falta de informação por parte de Lash ia ser igual a um terremoto que golpeava um enguiço tectônico, faria voar toda a paisagem.

Mas tinha tomado a glymera medidas inteligentes contra essa ameaça? Não.

Segundo o correio que acabava de receber da parte do Conselho do Princeps, os idiotas não iriam a nenhum lugar seguro. Em troca, deviam condoer-se pela «dolorosa perda de um macho de boa situação e de uma fêmea de valor» dando uma festa.

Sem lugar a dúvidas, tinham a intenção de empreender uma luta de poderes para decidir quem ia ser o próximo leahdyre.

E para terminar? O tipo alinhavou uma pequena cantinela onde dizia que o Conselho do Princeps seria o que cobraria a dívida que lhe devia à família de Lash como resultado das ações de Qhuinn.

Bom, olhe se isso não era a imagem da generosidade. Não se tratava de que queriam ficar com o dinheiro para... digamos... fazer uma celebração quando nomeassem ao novo leahdyre. OH, infernos, não. Eles estavam «protegendo o importante precedente de assegurar que as más ações sempre fossem castigadas».

Certamente o eram.

Graças a Deus Qhuinn se liberou deles, embora fosse algo surpreendente que Wrath nomeasse ao menino ahstrux nohtrum de John. Foi uma jogada intrépida, sobre tudo porque o fez com retroatividade. E tudo isso se passou só porque Qhuinn deteve uma luta de forma

inapropriada? Certamente aconteceu algo mais nessas duchas, algo que estava mantendo em segredo. De outra forma não teria nenhum sentido.

A glymera ia se inteirar que Wrath estava protegendo ao Qhuinn, e em algum momento iria reprovar essa nomeação a Rei. De todas as formas, Phury estava contente com a forma em que se deram as coisas. John, Blay e Qhuinn foram a nata e nata da colheita de estudantes, e Lash... bom, Lash sempre foi um problema.

Qhuinn podia ter os olhos díspares, mas Lash era quem tinha o defeito. Sempre houve algo mau nesse menino.

O computador emitiu um som para indicar que outro correio eletrônico ingressou na caixa de entrada da Irmandade. Esta vez era da mão direita do último leahdyre. E te haja aqui, que o tipo propugnava uma «postura firme contra o que foi uma série de trágicas perdas, mas que em definitivo só era uma ameaça insignificante para a segurança de nossos lares. É melhor que neste momento nos reunamos e façamos os rituais de luto apropriados para nossos amados desaparecidos...»

Bom, falando de coisas estúpidas. Qualquer que tivesse meio cérebro empacotaria seu jogo de malas Louis Vuitton e abandonaria rapidamente a cidade até que passasse a tormenta. Mas não, eles preferiam tirar suas perneiras e suas luvas para dizer que estavam em um filme do Merchant Ivory, com toda a roupa negra e as expressões cerimoniosas de condolência. Até podia escutar as falsas e elaboradas saudações de condolências, que ricocheteariam daqui para lá enquanto os doggens uniformizados repartiam pães-doces com molho de cogumelos e se iniciava uma educada luta pelo controle político.

Só esperava que recuperassem a razão, porque inclusive embora fossem um chateio, não queria que despertassem mortos, por assim dizê-lo. Wrath podia tratar de lhes ordenar que saíssem de Caldwell, mas o mais provável era que isso lhes fizesse afundar os talões em terra ainda mais veementemente. O Rei e a aristocracia não eram amigos. Infernos, apenas eram aliados.

Chegou outro correio eletrônico, e só era mais do mesmo. Ficaremos e faremos uma festa.

Por Deus, necessitava um néscio.

E necessitava...

A porta do armário se abriu, e Cormia saiu do passadiço secreto que levava ao túnel. Tinha uma rosa cor lavanda em sua elegante mão e uma expressão de distinguida circunspeção no rosto.

—Cormia? — disse, sentindo-se ridículo. Como se tivesse trocado seu nome a Trixie ou a Irene em algum momento do dia — Aconteceu alguma coisa?

—Não tinha intenção de te incomodar. Fritz sugeriu... — Se voltou como se esperasse que o mordomo estivesse detrás dela — Ah... trouxe-me aqui.

Phury ficou de pé, pensando que esta poderia ser a retribuição do mordomo por sua interrupção inoportuna da noite anterior. E acaso isso não converteria ao doge em um herói?

—Alegra-me.

Bom, possivelmente alegre não era exatamente a palavra adequada. Desgraçadamente, seu impulso de fumar foi substituído pela urgente necessidade de fazer algo mais com a boca. Embora a ação de chupar ainda seguisse sendo parte do assunto.

Outro correio eletrônico chegou, e o notebook fez seu anúncio. Ambos olharam ao computador.

—Se está ocupado, posso ir...

—Não estou. — A glymera era como uma parede de tijolos e considerando que já tinha dor de cabeça, não havia nenhuma razão para seguir golpeando o cérebro contra sua obstinação. Embora fosse trágico, não havia nada que pudesse fazer até que o seguinte feito terrível acontecesse e novamente enviasse um correio...

Embora não seria ele que o enviasse, certo? Esteve à frente do teclado só porque todos os outros tinham as mãos ocupadas com as adagas.

—Como está? — perguntou-lhe, para calar a si mesmo. E porque sua resposta importava.

Cormia jogou uma olhada ao escritório.

—Nunca teria imaginado que isto estava aqui embaixo.

—Você gostaria de dar uma volta pelo lugar?

Ela duvidou e adiantou a perfeita rosa lavanda... a qual era da mesma cor que o bracelete que John Matthew a presenteou.

—Acredito que minha flor necessita água.

—Posso arrumar isso. — Querendo lhe dar algo, o que fosse, estendeu a mão para um pacote de vinte e quatro garrafas do Poland Spring e tirou uma. Abrindo o plugue, tomou um gole para baixar o nível e a pôs sobre a mesa.

—Acredito que isto será suficiente para mantê-la contente.

Observou as mãos de Cormia enquanto colocava a rosa no vaso provisório. Eram tão encantadoras e pálidas e... realmente necessitava que as deslizesse sobre sua pele.

Sobre tudo seu corpo.

Quando Phury ficou de pé, antes de rodear a mesa, tirou a camisa de dentro das calças cuidando que as abas cobrissem a frente. Odiava desarrumar a roupa, mas era melhor ver-se pouco atraente que arriscar a que ela se desse conta que estava excitado.

E o estava. Totalmente. Tinha o pressentimento de que sempre ia ser assim quando estivesse com ela. Algo no fato de haver se deslocado em sua mão a noite anterior mudou tudo.

Manteve aberta a porta que dava ao corredor.

—Vêem conhecer nosso centro de treinamento.

Seguiu-o para fora do escritório e ele a guiou pelos arredores, descrevendo as coisas que faziam no ginásio, a sala de equipamento, a sala de primeiros socorros e fisioterapia e o campo de tiro. Mostrava-se interessada, mas muito silenciosa, e tinha o pressentimento de que queria dizer algo.

E podia adivinhar do que se tratava.

Ia retornar ao Outro Lado.

Deteve-se na porta do vestiário.

— Aqui é onde os moços se banham e trocam de roupa. As salas de aula estão mais à frente.

Cristo, não queria que se fosse. Mas que demônios esperavam que fizesse? Tinha-a deixado sem nada que fazer aqui.

Você é quem não tem nada que fazer aqui, assinalou-lhe o feiticeiro.

— Vamos, me deixe te mostrar um das salas de aula — disse para seguir com o itinerário.

Levou-a para sala-de-aula que ele usava, sentindo um curioso orgulho ao mostrar o lugar aonde trabalhava.

Aonde trabalhou.

— O que é tudo isto? — perguntou, enquanto apontava o quadro coberto de figuras.

— OH... sim... — se adiantou e tomou um rascunho de feltro, passando-o rapidamente sobre uma análise que descrevia às possíveis vítimas se uma bomba detonava no centro da cidade de Caldwell.

Ela cruzou os braços sobre o peito, mas era mais como se estivesse contendo-se que fazendo um grande gesto defensivo.

— Pensa que não sei a que se dedica a Irmandade?

— Isso não significa que queira lhe recordar isso.

— Vais retornar à Irmandade?

Ele se paralisou e pensou: Bela tem que ter lhe dito.

— Não sabia que informaram que estava fora.

— Sinto muito, não é algo de minha incumbência...

— Não, está bem... e, bom, acredito que meus dias de guerreiro terminaram — Olhou-a por cima do ombro e estremeceu pelo perfeita que se via, com o traseiro apoiado contra uma das mesas dos estudantes e os braços entrelaçados — Ei... te incomodaria que te desenhasse?

Ruborizou-se.

— Suponho que... bom, se o desejar. Devo fazer algo?

— Só fique onde está. — voltou-se para pôr o rascunho na pequena prateleira do quadro e tomou um pedaço de giz — Em realidade... poderia soltar o cabelo?

Como não respondeu, olhou para trás e se surpreendeu ao encontrá-la com as mãos sobre seus cabelos, tentando tirar os passadores dourados. Um por um, as mechas de cachos loiros se soltaram e caíram emoldurando seu rosto, o pescoço e os ombros.

Inclusive sob as pouco favorecedoras luzes fluorescentes da sala-de-aula, luzia radiante.

— Sente-se na mesa — disse com voz rouca — Por favor.

Fez o que pediu e cruzou as pernas... e, Santo inferno, a túnica se abriu, separando-se generosamente até a altura da coxa. Quando tratou de fechar-la ele sussurrou:

— Deixa-a assim.

Deixou as mãos quietas, e logo as levou para trás e as apoiou sobre a mesa para suportar o peso de seu corpo.

— Assim está bem?

— Não se mova.

Phury tomou seu tempo para desenhá-la, o giz se converteu em suas mãos ao percorrer seu corpo, atrasando-se em seu pescoço, o inchaço de seus seios, a curva de seu quadril e a larga extensão de suas suaves pernas. Fez-lhe amor enquanto transferia sua imagem para o quadro, o roçar do giz produzia um ruído áspero.

Ou possivelmente era sua própria respiração.

— É muito bom — disse ela, em um dado momento.

Tinha os olhos muito ocupados e famintos para responder, e ele estava muito preocupado com o que estava imaginando que faria quando terminasse.

Depois de uma eternidade que durou só um instante, deu um passo atrás para avaliar sua obra. A perfeição. Era ela, mas mais... embora houvesse um tom sexual subjacente na composição que inclusive ela devia ter notado. Não queria comovê-la, mas não teria trocado esse aspecto de sua obra. Estava em cada linha de seu corpo, em sua pose e em seu rosto. Era o ideal sexual feminino. Ao menos para ele.

— Terminei — disse tempestuosamente.

— Essa... sou eu?

— Assim é como eu te vejo.

Houve um longo silencio. Então disse um pouco assombrada:

— Acredita que sou formosa.

Ele seguiu com o dedo as linhas que desenhou.

— Sim, acredito. — O silêncio que seguiu ampliou a distância que havia entre eles, fazendo-o sentir um pouco tolo — Bom, agora... — disse — Não podemos deixar isto aqui...

— Por favor! Não! — disse, estendendo a mão — Me Deixe olhar um pouco mais. Por favor.

De acordo. Muito bem. Tudo o que ela desejasse. Demônios, a essas alturas, ela poderia ter ordenado a seu coração que deixasse de pulsar, e a coisa teria acatado sua ordem alegremente. Converteu-se em sua torre de controle, na proprietária de seu corpo, e faria tudo que pedisse que fizesse, dissesse ou conseguisse. Sem perguntas. Sem importar quão meios tivesse que usar para obtê-lo.

No fundo de sua mente, sabia que tudo isso era característico em um macho emparelhado: sua fêmea ordenava e você obedecia. Exceto também sabia que não podia ter-se vinculado com ela. Verdade?

— É tão formoso — disse, com os olhos verdes fixos no quadro.

Voltou-se para enfrentá-la.

— Essa é você, Cormia. Você é assim.

Seus olhos se iluminaram, e então como se sentisse incômoda, levou as mãos para a abertura da túnica e a fechou.

— Por favor, não — sussurrou, repetindo suas palavras — Me deixe olhar um pouco mais. Por favor.

A tensão se elevou entre eles, encurralando-os definitivamente.

—Sinto-o — disse, chateado consigo mesmo — Não quis te fazer sentir...

Ela soltou a túnica, e essa deliciosa malha branca se abriu com tal absoluta obediência que sentiu desejos de bater a cabeça e dar um osso.

—Sua essência é muito penetrante — disse ela com voz profunda.

—Sim. — Soltou o giz e inalou, cheirando jasmims — Igual à tua.

—Quer me beijar, verdade?

Ele assentiu.

—Sim. Desejo-o.

—Tirou a camisa fora da calça. Por quê?

—Porque tenho uma ereção. Excitei-me no mesmo instante em que entrou no escritório.

Ela vaiou ante essas palavras, e deslizou o olhar por seu corpo do peito até os quadris. Quando entreabriu os lábios, ele soube exatamente o que estava pensando: imaginava gozando em sua mão.

—É incrível — disse suavemente — Quando estou com você assim, nada mais me importa. Nada mais que...

Caminhou em sua direção.

—Sei.

Quando se deteve frente a ela, levantou o olhar.

—Vai me beijar?

—Se me permitir isso.

—Não deveríamos — disse, pondo-lhe as mãos no peito. Mas, entretanto, não o afastou. Apertou sua camisa como se fosse um salva-vidas — Não deveríamos fazê-lo.

—Certo. — Afastou uma mecha de seus cabelos e o pôs atrás da orelha.

Seu desespero de entrar nela de algum jeito, de qualquer maneira, fez que seu lóbulo frontal sofresse um curto-circuito. Ao estar de pé frente a ela o invadiu um sentimento que nascia de sua natureza mais primitiva, dos instintos mais básicos de um macho.

—Mas isto pode ser algo pessoal, Cormia. Algo que só se trate de ti e de mim.

—Pessoal... eu gosto do pessoal. — Levantou o queixo, oferecendo o que ele desejava.

—A mim também — grunhiu, enquanto ficava de joelhos.

Ela pareceu um pouco desconcertada.

—Acreditei que queria me beijar...

—E assim é. — Deslizou as Palmas das mãos ao redor de seus tornozelos e acariciou suas panturrilhas — Morro por te beijar.

—Mas então por que...

Ele descruzou suavemente as pernas e benzeu o meio dessa maldita túnica, que tinha se aberto deslizando-se completamente aos lados, para revelar tudo: seus quadris, suas coxas e a pequena abertura que tanto necessitava.

Phury lambeu os lábios enquanto deslizava as mãos pelo interior de suas pernas, as separando lenta e inexoravelmente. Com um suspiro erótico, ela se reclinou para trás para lhe

dar espaço, afirmando dessa forma que estava de acordo com o que estava ocorrendo, tão preparada para isso quanto ele o estava.

—Se recline para trás — disse — Se recline e se deite.

OH, merda... para ele era suave como a nata, deixando cair para trás até que esteve completamente deitada sobre a mesa.

— Assim?

— Sim... exatamente assim.

Com a palma da mão percorreu a parte traseira de uma de suas pernas e lhe estendeu o pé para apoiá-lo no ombro. Os beijos começaram na panturrilha, e seguiam o caminho que foram abrindo suas mãos, que foram subindo cada vez mais e mais. Deteve-se na metade da coxa e voltou a olhá-la para ver se estava verdadeiramente de acordo. Estava observando-o com os olhos verdes enormemente abertos, os dedos sobre os lábios, e a respiração ofegante.

— Está de acordo com isto? — perguntou com um tom de voz baixo e rouco — Porque uma vez que comece, será muito difícil me deter, e não quero te assustar.

— O que vai me fazer?

— O mesmo que me fez ontem à noite com a mão. Salvo que eu vou utilizar a boca.

Ela gemeu e pôs os olhos em branco.

— OH, querida Virgem Escriba...

— Isso é um sim?

— Sim.

Ele estendeu a mão para cima até alcançar o laço de sua túnica.

— Vou cuidar de ti. Confia em mim.

E, merda, sim, sabia que o faria. Uma parte dele sabia com absoluta certeza que ia dar prazer, embora nunca tivesse feito isso antes.

Ele desatou o laço e abriu a túnica.

Seu corpo foi revelado, desde seus seios firmes e erguidos até a plaina extensão de seu estômago e os adoráveis lábios pálidos de seu sexo. Quando baixou a mão para pô-la sobre o montículo de seu sexo, converteu-se no desenho que ele fez no dia anterior, era toda sexualidade, feminina e poderosa... mas esta vez era real em carne e osso.

— Jesus... Bendito. — Suas presas cravaram o interior da boca, recordando-o que já fazia um tempo que não se alimentava. Quando um ruído surgiu de sua garganta que era uma exigência e uma súplica de uma vez, não podia estar seguro de que parte do gemido era provocada pelo desejo de seu sexo e que parte era provocada pelo desejo de seu sangue.

Embora realmente fosse tão importante as separar?

— Cormia... Necessito-te.

A forma em que ela separou as pernas foi um presente como nenhum que tivesse recebido empacotado e etiquetado para ele: quando se abriu um pouco mais, pôde vislumbrar o centro cor rosa que estava desejando. Já estava umidamente brilhante.

E ele ia incrementar essa umidade.

Com um grunhido, equilibrou-se e pôs a boca sobre ela, dirigindo-se diretamente para o

coração de seu corpo.

Ambos gritaram. Enquanto as mãos dela se enterravam em seus cabelos, agarrou-lhe as coxas com força e se internou ainda mais profundamente. Sentia-a tão cálida contra seus lábios, ardente e molhada, e a fez ficar mais ardente e mais molhada dando beijos franceses a seu sexo. Quando gemeu, o instinto se apoderou de ambos, pavimentando o caminho para que ele a lambesse e ela fizesse girar os quadris.

Deus, os sons eram incríveis.

Mas saboreá-la era muito melhor.

Quando olhou por cima de seu estômago para seus seios, teve a imperiosa necessidade de tomar seus pequenos mamilos. Estendendo a mão, os beliscou suavemente e logo os acariciou com os polegares.

A forma que se arqueou o levou quase ao ponto do orgasmo. Simplesmente era muito.

—Mova os quadris mais rápido — disse — Por favor... Deus, move seus quadris contra mim.

Quando sua pélvis começou a balançar-se, estendeu sua língua e deixou que ela a montasse da forma que quisesse, que usasse sua carne para dar prazer a si mesmo. Mas entretanto, não durou muito tempo dessa forma. Precisava estar ainda mais perto. Apanhando seus quadris com as mãos, pressionou o rosto do queixo até o nariz contra ela, e se converteu em tudo o que saboreava, cheirava e conhecia.

E então chegou o momento de ficar realmente sério.

Deslocou-se para cima e começou a dar golpezinhos insistentes com a língua na parte superior de seu sexo, sabendo que estava no lugar correto pelos ofegantes sons que emitia. Quando começou a mover os quadris com crescente frenesi, estirou-se para tomar a mão e tranqüilizá-la. Aferrou-se à palma que lhe ofereceu com tanta força, que ia deixar as marcas de suas unhas, e isso era absolutamente fantástico. Queria ter essas meias luas sobre suas costas e também... sobre seu traseiro, quando a penetrasse.

Queria estar sobre toda ela, dentro dela.

Ele também queria deixar suas marcas.

Cormia sabia que seu corpo estava fazendo exatamente quão mesmo fez o do Primale no dia anterior. A tormenta que estava se acumulando em seu interior e a urgência e o calor que rugiam através de seu corpo a fizeram saber que estava no mesmo lugar onde ele esteve.

Na beira.

O Primale se sentia enorme entre suas pernas, seus largos ombros a abriam amplamente. Seu formoso cabelo multicolorido estava esparramado em cima das coxas, e sua boca se deslizava uma e outra vez contra seu núcleo, lábios unindo-se a outros lábios, sua escorregadia língua contra as escorregadias dobras. Tudo parecia tão glorioso, aterrador e inevitável... e a única razão de que não se sentisse completamente afligida era o peso da mão dele contra a sua.

Esse contato era melhor que qualquer palavra de apoio a muitos níveis... mas principalmente porque se ele tivesse tentado lhe falar, teria tido que deixar de fazer o que

estava fazendo e isso teria sido um crime.

Justo quando pensou que se fragmentaria em mil pedaços, uma onda de energia estalou ao longo de seu corpo, impulsionando-a para cima, para outro lugar enquanto seu corpo se agitava ritmicamente. Com toda essa maravilhosa tensão liberando-se, a descarga foi tão satisfatória que fez saltar lágrimas de seus olhos, e gritou algo... ou possivelmente não foi nada só uma explosão de fôlego.

Quando terminou, o Primale levantou a cabeça, deu-lhe uma última e lenta carícia ascendente com a língua antes de afastar-se de seu centro.

— Está bem? — perguntou-lhe, com uma expressão selvagem nos olhos amarelos.

Ela abriu a boca para falar. Mas como nada coerente saiu de seus lábios, assentiu.

O Primale lambeu os lábios de forma agradável e lenta, mostrando as pontas de suas presas... que se fizeram mais pronunciados quando olhou seu pescoço.

Inclinar a cabeça a um lado e oferecer sua veia foi a coisa mais natural do mundo.

— Tira de mim — disse.

Seus olhos brilharam e se ergueu sobre seu corpo, beijando o estômago, detendo-se para lamber conscientemente um dos mamilos. E logo suas presas pousaram sobre sua garganta.

— Está segura?

— Sim... Oh, Deus!

A dentada foi dura e profunda, e aconteceu muito rapidamente... como imaginou que seria. Ele era um Irmão necessitado daquilo que os sustentava a todos, e ela não era algo frágil que pudesse quebrar-se. Ela deu e ele tomou, e outra onda de tensão selvagem começou a crescer em seu interior novamente.

Removeu-se sobre a mesa, e abriu as pernas.

— Tome. Enquanto faz isso... entra dentro de mim.

Sem deixar de sugar de sua garganta, grunhiu ferozmente e começou a desabotoar as calças, a fivela do cinturão ressonou contra a mesa. Atirou bruscamente ela para baixo, deslizou as mãos detrás de seus joelhos, e separou suas pernas.

Sentiu uma ardente e dura sondagem...

Mas então se deteve.

A sucção se converteu em uma suave lambida e logo em pequenos beijos, até que ficou absolutamente imóvel salvo por sua respiração. Ela ainda podia sentir o desejo sexual em seu sangue, ainda podia cheirar sua escura essência, ainda podia sentir a necessidade que ele tinha de sua veia, mas não se moveu embora estivesse disposta para seu uso.

Lentamente soltou as pernas, encerrou-a entre seus braços, e afundou a cabeça em seu ombro.

Ela o abraçou docemente, e ele equilibrou o tremendo peso de seus músculos e ossos entre o chão e a mesa para evitar esmagá-la.

— Está bem? — disse-lhe ao ouvido.

Sua cabeça se agitou para frente e para atrás e se aproximou um pouco mais dela.

— Há algo que deve saber.

—O que te aflige? — disse acariciando seu ombro — Fala comigo.
Disse-lhe algo que não entendeu.
—O que?
—Sou... virgem.

Capítulo 32

—Esta noite? — perguntou Xhex — Irá ao norte esta noite?

Rehv assentiu e se inclinou para voltar a revisar os planos de construção do novo clube. Os cilindros de papel estavam estirados na mesa, os desenhos arquitetônicos azuis preponderavam sobre qualquer outro trabalho de escritório.

Não. Isto não era o que queria. O fluxo não era correto... era muito aberto. Queria um esquema que estivesse cheio de pequenos lugares onde as pessoas pudessem desaparecer nas sombras. Queria uma pista de baile, seguro, mas não uma quadrada. Queria algo incomum. Horripilante. Eventualmente ameaçador e muito elegante. Queria que o clube fosse Edgar Allan Poe, Bram Stoker e Jack O Estrupador, tudo feito em cromo niquelado e uma grande quantidade de negro lustroso. O Vitoriano encontrando-se com o Gótico.

A merda que estava olhando era como qualquer outro clube na cidade.

Afastou os planos e olhou seu relógio.

—Devo ir.

Xhex cruzou de braços e parou frente à porta do escritório.

—E não, não o fará — disse ele.

—Quero ir.

—Estou tendo um desagradável déjà vu? Porque não fizemos exatamente o mesmo anteontem à noite? Assim como outras cem vezes? A resposta é e sempre será não.

—Por quê? — vaiou — Nunca entendi por que. Ao Três você o deixa ir.

—Trez é diferente. — Rehv colocou o casaco de Marta e abriu a gaveta da mesa. O novo par do Glock calibre quarenta que acabava de comprar, encaixavam perfeitamente na pistolera que se pôs debaixo do traje Bottega Veneta.

—Sei o que faz. Com ela.

Rehv ficou frio. Logo seguiu deslizando as armas nas capas.

—É obvio que sabe. Reúno-me com ela. Dou-lhe o dinheiro. Vou.

—Isso não é tudo o que faz.

Mostrou-lhe as presas.

—Sim. É-o.

—Não, não o é. É isso o que não quer que veja?

Rehv apertou os dentes e a olhou furioso da outra ponta do escritório.

—Não há nada que ver. Ponto.

Xhex não retrocedia freqüentemente, mas nesta ocasião teve o bom senso de não pressioná-lo mais. Ainda quando em seus olhos a ira fervia a fogo lento, disse:

— As mudanças na agenda não são boas. Deu-te algum motivo?

— Não. — Ele se dirigiu à porta — Mas só se trata dos negócios normais de sempre.

— Esse tipo de negócio não tem nada de normal. Esqueceste isso.

Pensou nos anos que fazia que vinha suportando esse maldito lixo e em que o futuro traria mais do mesmo.

— Está muito equivocada a respeito da parte do esquecimento. Acredite.

— Me diga algo. Se ela tratasse de te machucar, dispararia para matar?

— Farei de conta que não me tem feito essa pergunta.

O tema da conversa em si mesmo era suficiente para fazê-la querer sair de sua pele e enviar a merda à tinturaria. A idéia de que Xhex estivesse lhe chamando a atenção sobre algo que ele não queria contemplar muito atentamente era absolutamente intolerável.

Além disso, para falar a verdade, uma parte dele amava o que fazia uma vez ao mês. Mas essa realidade era totalmente insuportável quando estava no mundo no que habitava mais freqüentemente, o mundo em que a Dopamina o permitia viver, o mundo que era relativamente normal e saudável.

Essa pequena porção de fealdade que habitava em seu coração era algo que seguro como a merda não compartilharia com ninguém.

Xhex colocou as mãos nos quadris e levantou o queixo, a clássica pose que adotava cada vez que discutiam.

— Me chame quando estiver feito.

— Sempre o faço.

Juntou os planos do clube, recolheu sua bolsa, saiu do escritório e entrou no beco. Trez estava esperando no Bentley, e quando viu o Rehv, desocupou o assento do condutor.

A voz profunda e melódica do mouro apareceu na cabeça de Rehv. Estarei ali em questão de meia hora para examinar os arredores e investigar a cabana.

— Bem.

Diga-me que está sem tratamento.

Rehv aplaudiu ao tipo no ombro.

— Há uma hora. E sim, tenho a antitoxina.

- Bem. Conduz com cuidado, idiota.

— Não. Vou apontar para os caminhões de carga e os cervos errantes.

Trez fechou a porta e deu um passo atrás. Quando cruzou os braços sobre seu maciço peito, esboçou um estranho sorriso, as brancas presas resplandeceram contra o escuro e belo rosto. Por uma fração de segundo, os olhos cintilaram com uma brilhante cor verde oliva... que era o equivalente mouro de uma piscada.

Enquanto saía Rehvenge, sentiu-se contente de que Trez o respaldasse. O mouro e seu irmão, iAm, tinham um saco de seletos truques que desafiariam inclusive a um symphath. Eram, depois de tudo, membros da realeza do s'Hisbe das Sombras.

Rehv olhou o relógio do Bentley. Devia encontrar-se com a Princesa à uma da madrugada. Considerando que tinha duas horas de viagem para o norte e que eram as onze e quinze, ia ter que conduzir como um morcego saído do inferno.

Enquanto saía, também pensou na Xhex. Não queria saber como se inteirou da parte do sexo... o que se esperava realmente era que ela continuasse respeitando seus desejos e que não fosse atrás dele e se escondesse nas sombras para vigiá-lo.

Odiava que soubesse que era utilizado igual a uma puta.

Por um lado, Phury não podia acreditar que as palavras «sou virgem» tivessem saído de sua boca. Por outro, alegrava-se de ter dito.

Entretanto, não tinha idéia do que pensava Cormia. Guardava um silêncio de morte.

Tornou-se para trás o suficiente para embutir seu sexo de volta nas calças e fechá-los, logo endireitou a túnica, unindo as duas metades e cobrindo o belo corpo.

No silêncio que se produziu entre eles, começou a passear de um lado a outro, indo da porta à parede mais afastada e de volta.

Os olhos dela seguiam cada um de seus movimentos. Deus, que demônios estaria pensando?

—Suponho que não deveria ter importância — disse — Não sei por que o traga para colação.

—Como é possível... o sinto. Essa pergunta é muito inapropriada...

—Não, não me importa explicá-lo. — Fez uma pausa, não estando muito seguro a respeito de se ela leu sobre o passado de Zsadist — Fiz um voto de celibato quando era jovem. Para me fazer mais forte. E me ative a isso.

Não de tudo, companheiro, interveio o feiticeiro. Conte o da puta, por que não? Conte sobre a prostituta que comprou no ZeroSum, a que tomou em um quarto de banho e com a qual não pôde terminar.

Que típico de ti ser excepcional de uma má maneira. O único virgem manchado no planeta.

Phury se deteve diante do desenho do quadro. Tinha colocado tudo a perder.

Tomando um pedaço de giz, começou pelos pés, começando a desenhar as folhas de hera.

—O que está fazendo? — disse ela — Está arruinando.

Ah, moça, respondeu o feiticeiro. Por muito bom que ele seja desenhando, é melhor arruinando.

Antes que passasse muito tempo, o muito belo desenho dela estava coberto por um manto de folhas de hera. Quando terminou, afastou-se do quadro.

—Provei o sexo uma vez. E não resultou.

—Por que não? — perguntou com voz tensa.

—Não era conveniente. Não foi uma boa eleição. Detive-me.

Houve um momento de silêncio e logo se ouviu um som de algo se esfregando contra

outra coisa quando ela desceu da mesa.

— Tal como aconteceu agora comigo.

Ele se girou bruscamente.

— Não, isso não é...

— Deteve-se, verdade? Escolheu não seguir.

— Cormia, não é...

— Para quem está se guardando? — Seus inteligentes olhos provocaram uma dor do demônio quando se fixaram nele — Ou a pergunta seria mais do tipo «do que»? É pela fantasia que tem de Bela? É isso o que te detém? Se o é sinto lástima pelas Escolhidas. Mas se te defende no celibato para se conservar isolado e a salvo, sinto lástima por você. Essa sua fortaleza é somente um engano.

Ela tinha razão. A merda com ele, mas tinha tanta razão.

Cormia recolheu o cabelo e enquanto o fixava com forquilhas em seu lugar, contemplava-o com a dignidade de uma Rainha.

— Volto para Santuário. Desejo-te o melhor.

Quando se voltou para partir, ele se aproximou.

— Cormia, espera...

Quando tentou agarrar seu braço, ela se esquivou.

— Por que deveria esperar? O que vai trocar precisamente? Nada. Vá e jaz com as demais. Se puder. E se não poder, deve renunciar para que outra pessoa possa ser a força que a raça necessita.

Deu uma portada atrás dela.

De pé na sala-de-aula vazia, com a risada do feiticeiro trovejando nos ouvidos, Phury fechou os olhos e sentiu que o mundo se encolhia a seu redor até que seu passado, seu presente e seu futuro começaram a estrangulá-lo... Convertendo-o em uma das estátuas cobertas de hera que habitavam naquele desolado jardim familiar.

Essa tua fortaleza é somente um engano...

No silêncio que o rodeava, essas palavras se repetiam em sua mente, uma e outra vez.

Capítulo 33

— Isto é só um clube — disse o filho do Omega, com um tom de voz frustrado e chateado de uma vez.

O senhor D desligou o motor do Focus e jogou uma olhada.

— Sim. E nós vamos conseguir o que necessita aqui.

Tinham estado conduzindo sem rumo durante bastante tempo, porque o filho do Omega não podia parar de vomitar. A última sessão de arcadas foi aproximadamente quarenta minutos antes, assim que o senhor D estava bastante seguro de que agora as coisas se

assentaram. Era difícil saber se os vômitos eram pelo que o filho teve que fazer ou uma consequência de sua iniciação. De qualquer modo, o senhor D cuidou dele, em determinado momento até sujeitou a cabeça do filho, já que o tipo esteve muito fraco para fazê-lo por si mesmo.

O Screamer's era o lugar adequado para proteger-se. Inclusive embora o filho do Mal não fosse capaz de comer ou ter sexo, havia uma coisa que certamente encontrariam ali: machos humanos bêbados que podiam ser utilizados como sacos de areia.

Apesar de estar cansado e crispado como estava, o filho tinha poder em suas veias, poder que precisava ser liberado. O clube e seus idiotas eram a arma. O filho era a bala.

E uma briga poderia despertar coisas realmente boas.

—Vamos, agora — disse o senhor D, apeando-se.

—Isto é uma panaquice. — As palavras deveriam ter soado rudes, mas o tom ainda era como o do tipo cujo silo de grãos está vazio.

—Não o é. — O senhor D deu a volta, abriu a porta do filho, e o ajudou a sair — Só deve confiar em mim.

Cruzaram a rua para o clube, e quando o gorila que estava à cabeça da fila para entrar jogou uma olhada ao senhor D, este deslizou ao grande homem uma de cinqüenta, o que lhes fez entrar.

—Só vamos ficar um momento — disse o senhor D enquanto o levava para a barra através da multidão.

Um duro rap fazia vibrar todo o bar, e enquanto as mulheres vestidas com trocinhos de couro desfilavam avaliando pênis, os homens se mediam com o olhar uns aos outros.

Soube que fez bem quando os olhos do filho puseram um olho a um grupo de estudantes que estavam uivando ruidosamente e sorvendo molho picante em copos de Martini.

—Sim, só estamos tomando uma pequena pausa — disse o senhor D com satisfação.

O garçom perguntou:

—O que lhes trago?

O senhor D sorriu

—Nada para nós...

—Um disparo de Patrão — disse o filho.

Quando o garçom partiu, o senhor D se inclinou para ele.

—Já não pode comer. Tampouco pode beber nem ter sexo.

Os pálidos olhos do filho caíram sobre ele.

—O que? Está me fodendo?

—Não, senhor, essa é a forma...

—Sim, sei, a merda com isso. — Quando chegou o copo, o filho disse ao garçom — Abre uma conta.

Lash bebeu a tequila de um gole enquanto olhava ferozmente ao senhor D.

Este sacudiu a cabeça e começou a procurar o banheiro com o olhar. Seu colega, quando

ele tentou o tema da refeição, acabou vomitando durante uma hora seguida, e não tiveram bastante daquilo por essa noite?

—Onde está o segundo? — uivou Lash ao garçom.

O senhor D girou a cabeça ao redor. O filho do Omega estava ali de pé, feliz como umas páscoas, tamborilando os dedos sobre a barra. Chegou o segundo gole. Logo o terceiro.

Depois de ordenar o quarto, os pálidos olhos de Lash se deslizaram sobre ele, com a agressividade brilhando neles.

—Então, o que me dizia a respeito de não comer nem beber?

O senhor D não podia decidir se estava vendo uma bomba a ponto de estalar... ou um milagre. Nenhum lesser era capaz de tomar refeição nem bebida depois da conversão. O sangue negro do Omega os nutria e era incompatível com todo o resto. Tudo o que necessitavam para sobreviver era algumas horas de descanso a cada dia.

—Suponho que você é diferente — disse o senhor D em um respeitoso tom de voz.

—É obvio que sou — murmurou o filho, e ordenou um hambúrguer.

Enquanto o tipo comia e bebia, podia ver como a cor voltava para seu rosto e o olhar vazio era substituído por um de confiança. E enquanto olhava o hambúrguer, as batatas e toda aquela tequila descerem pela garganta de Lash, o senhor D teve que perguntar-se se o filho empalideceria como ocorria ao resto dos lessers. Obviamente as regras gerais não eram de aplicação aqui.

—E que é essa merda de não poder ter sexo? — disse o filho enquanto limpava a boca em um guardanapo negro de papel.

—Somos impotentes. Já sabe, não podemos levantar...

—Sei o que significa Professor.

O filho pôs o olho em uma loira de vida alegre que estava sentada ao final da barra. O senhor D nunca teve as guelras suficientes para ir atrás de uma mulher desse tipo, nem sequer se tivesse sido capaz de ter uma ereção. Com seu corpo digno da Playboy e seu rosto de Rainha do baile de graduação, teria a qualificado como muito a cima de sua liga. Para não mencionar que ela jamais se fixaria nele.

Entretanto ela sim se fixou no filho, e a forma em que estava olhando ao tipo fez que o senhor D valorasse a seu novo chefe mais cuidadosamente. Lash era um filho da puta atraente, muito na realidade, com o cabelo loiro talhado ao corte de barba, o rosto cinzelado e aqueles olhos cinza. E também tinha o tipo de corpo que faz que as mulheres corressem por ele, grande e musculoso, seu torso era um triangulo invertido situado sobre seus quadris, preparado para todo tipo de ação.

Ao senhor D ocorreu pensar que se estivessem ainda no colégio, estaria orgulhoso de ser visto em companhia do filho. E provavelmente nas saídas com o tipo de gente que andasse o filho.

Mas isto não era o colégio, e Lash o necessitava. Também sabia.

A garota do outro lado da barra sorriu ao filho, tirou à cereja de sua bebida azul, e formou redemoinhos a rosada língua ao redor da ceva.

Quase podia imaginá-la fazendo isso a um par de Pelotas e o senhor D teve que afastar o olhar. OH, sim, estava se ruborizando como se ainda fosse humano. Sempre se ruborizou quando se tratava de garotas.

O filho saltou do tamborete.

— Nada de refeição. Nada de sexo. Sim, seguro. Espera aqui bode.

Deu a volta e se encaminhou para a mulher.

Quando o senhor D se viu abandonado na barra com um copo vazio e um prato com manchas de ketchup e gordura, pensou que tinha feito bem. Que o filho do Omega se distraísse pensando em outras coisas além do massacre de seus pais vampiros... Embora tivesse imaginado que a distração seria uma boa briga a murros.

Em lugar disso, o filho tomou uma deliciosa comidinha e um pouco de álcool. E agora ia rematar as coisas afastando a experiência de sua mente à força de embates sexuais.

Quando o garçom perguntou se desejava algo, o senhor D fez um gesto negativo com a cabeça. Era uma maldita pena que não pudesse beber. Gostaria de seu Soco. Esse hambúrguer também teria ido bem. Tinha amado os hambúrgueres, realmente.

— Tem algo para mim, cão guardião?

O senhor D olhou em direção à voz. Um tipo grande, com sorriso de asno e um ego do tamanho de um trailer, se inclinou sobre a barra e olhava ao garçom. Sob sua jaqueta de couro negra, que tinha uma enorme águia bordada nas costas, estava vestido com jeans três talhos muito grandes e botas de trabalho. Ao redor do pescoço usava várias correntes de diamantes, e tinha um ostentoso relógio.

O senhor D não era um perito em jóias, mas tinha debilidade pelos anéis de graduação. Era de ouro amarelo, a diferença do resto de suas intrigas, e tinha uma pálida pedra azul no centro.

Ao senhor D teria gostado de graduar-se no instituto.

O garçom respondeu:

— Tenho algo sim. — Assinalou com a cabeça ao grupo de tipos que fazia um momento encheu o saco do filho — Disse a quem deviam procurar.

— Bem. — O Grande Tipo tirou algo de seu bolso e ambos se estreitaram as mãos.

Dinheiro, pensou o senhor D.

O Grande Tipo sorriu amplamente e endireitou a jaqueta de couro, o anel de graduação lançou brilhos azuis. Aproximou-se dos tipos da lateral, depois girou como se estivesse lhes mostrando as costas de sua jaqueta.

Houve um assobio, gritarias e depois um montão de mãos se meteram em bolsos e logo muitas palmas foram estreitadas e houve um pouco mais de manuseio de bolsos.

Nada dissimulado. Havia outras pessoas olhando e era bastante óbvio que não estavam intercambiando cartões de visita.

O senhor D pensou que não ia durar muito nos negócios.

— Está seguro que não quer nada? — perguntou-lhe o garçom.

O senhor D jogou um olhar em direção ao banheiro onde Lash tinha metido à loira.

—Não, obrigado. Só estou esperando a meu amigo.

O garçom sorriu burlonamente.

—Apostaria que vai demorar. Ela parecia das que proporcionam uma boa cavalgada.

No segundo andar, Cormia estava em seu dormitório empacotando tudo... que não era muito.

Olhando a pequena pilha de túnicas, livros de orações e queimadores de incenso que tinha reunido, proferiu um palavrão ao dar-se conta que deixou a rosa no escritório. Enfim, não poderia levá-la ao Santuário. As únicas coisas deste lado que eram permitidas ali eram as de importância histórica.

No sentido mais amplo, é obvio.

Olhou a volta de sua mais recente — e última — construção de palitos e ervilhas.

Era tão hipócrita, criticando ao Primale por procurar fortaleza no isolamento, quando o que era o que estava fazendo ela? Deixar este mundo que a desafiava tanto, com intenção de solicitar uma reclusão que seria inclusive mais rigorosa que a que teve antes como Escolhida.

Lhe encheram os olhos de lágrimas.

O golpe na porta foi suave.

—Um momento! — gritou, tentando acalmar-se. Quando finalmente foi abrir a porta, seus olhos arregalaram e puxou as lapelas da túnica as unindo, para esconder a marca de dentada que tinha no pescoço — Irmã minha?

A escolhida Layla estava do outro lado, vendo-se tão adorável como sempre.

—Saudações.

—Sim, saudações.

Trocaram prolongadas e profundas reverências, que era o mais próximo a um abraço que as Escolhidas permitiam.

—Teve que vir? — perguntou Cormia enquanto se endireitavam — Têm que prestar serviço de sangue aos Irmãos Rhage e Vishous?

Era gracioso, agora a formalidade de suas palavras parecia estranha. Acostumou-se a uma conversa mais informal. E se sentia mais cômoda com ela.

—Certamente, estou aqui para ver o irmão Rhage. — Houve uma pausa — E também esperava perguntar por ti. Posso entrar?

—Claro, é obvio. Por favor, vale vos você mesma de minhas dependências.

Layla entrou e com ela um incômodo silêncio.

Ah, assim que a notícia chegou ao Santuário, pensou Cormia. Todas as Escolhidas sabiam que foi descartada como Primeira Companheira.

—O que é isso? — perguntou Layla, apontando a estrutura que havia na esquina do quarto.

—OH, somente é um passatempo.

—Passatempo?

—Quando disponho de tempo livre, eu... — Bem, isso certamente era uma admissão de

culpabilidade. Se não tinha nada mais que fazer deveria empregar seu tempo rezando — Não importa...

Layla não evidenciou nenhuma condenação ante a revelação nem em sua expressão nem com palavras. E não obstante só sua presença era suficiente para que Cormia se sentisse culpada.

— Assim, irmã — disse Cormia com súbita impaciência — suponho que se inteiraram que outra será elevada ao cargo de Primeira Companheira?

Layla se aproximou dos palitos e das ervilhas e com delicadeza percorreu uma das seções com o dedo.

— Recorda quando me encontrou escondida na piscina de reflexão? Foi depois que eu ajudei ao John Matthew a passar por sua transição.

Cormia assentiu, recordando como a Escolhida esteve chorando em silêncio.

— Estava bastante alterada.

— E você foi muito amável comigo. Despedi-te, mas me senti muito agradecida, e é esse espírito o que me guiou para... vir aqui a te devolver a amabilidade que você me brindou. As cargas que levamos como Escolhidas são pesadas e outras pessoas alheias a nós nem sempre as entendem. Quero que saiba que havendo sentido como você se sente agora, neste momento sou sua irmã de coração.

Cormia fez uma profunda reverência.

— Estou... comovida.

Estava um montão de outras coisas também. Surpreendida, para começar, de que estivessem falando disso. A franqueza não era habitual.

Layla voltou a olhar a construção.

— Não deseja voltar para o redil, certo?

Depois de pesar suas opções, Cormia decidiu confiar à Escolhida uma verdade que a pouco admitia para si mesmo.

— Entende-me bem.

— Algumas de nós procuraram outro caminho. Vieram passar suas vidas neste lado. Não há desonra nisso.

— Não estou segura disso — disse Cormia com secura — a vergonha é como a túnica que vestimos. Sempre conosco, sempre nos cobrindo.

— Mas se te despoja da túnica, é livre das cargas e a eleição é sua.

— Esta tratando de me dar uma mensagem, Layla?

— Não. Para falar a verdade, se voltar para redil, de coração te digo que será bem recebida por suas irmãs. A Directrix deixou claro que não há nada impróprio na mudança de Primeiras Companheiras. O Primale te tem em sua mais alta estima. Ela o disse.

Cormia começou a passear.

— Essa é a postura oficial, é obvio. Mas com sinceridade... deve saber o que pensam as demais em seus momentos de retiro. Não há mais que duas explicações possíveis. Ou o Primale me encontrou deficiente ou me neguei a ele. Ambas são inaceitáveis e igualmente

atrozes.

O silêncio que seguiu lhe disse que tirou a conclusão correta.

Deteve-se frente à janela e olhou para a piscina. Não estava segura de ter a força para deixar a suas irmãs, pensou. Além disso a que outro lugar poderia ir?

Enquanto pensava no Santuário, disse-se que passou dias agradáveis ali.

Momentos nos que tinha experiente um sentimento de propósito e nos que se havia sentido nutrida pelo fato de ser parte integrante na consecução de um bem maior. E se chegava a transformar-se em uma escriba encerrada, como tinha intenção de ser, podia evitar o contato com as demais por ciclos inteiros.

Pensava que a intimidade era uma coisa grandiosa.

—É verdade que não te interessa pelo Primale? — perguntou Layla.

Não.

—Sim — Cormia sacudiu a cabeça — Quero dizer, preocupo-me com ele como deveria. Da mesma forma que você. Alegrei-me por quem se converta em sua nova Primeira Companheira.

Aparentemente, Layla não tinha um Mierdímetro como o de Bela, porque a mentira flutuou no ar e a Escolhida não questionou nenhuma sílaba dela... Só se inclinou em reconhecimento.

—Então posso perguntar algo? — disse Layla enquanto se endireitava.

—É obvio irmã.

—Tratou-te bem?

—O Primale? Sim. Foi muito atento.

Layla se aproximou da cama e levantou um dos livros de orações.

—Li em sua biografia que era um grande guerreiro e que salvou a seu gêmeo de um horrível destino.

—É um grande guerreiro. — Cormia olhou para baixo, ao jardim de rosas. Imaginou que a essa altura todas as Escolhidas teriam lido os volumes que tratavam dele na seção especial da biblioteca sobre a Irmandade... E desejou ter feito o mesmo antes que ele houvesse trazido-a aqui.

—Fala disso? —perguntou Layla

—Do que?

—De como resgatou a seu gêmeo, o Irmão Zsadist, de uma escravidão de sangue ilegal? Assim foi como o Primale perdeu a perna.

A cabeça de Cormia girou de repente.

—De verdade? Isso foi o que ocorreu?

—Ele alguma vez te falou sobre isso?

—Não, não o fez. É uma pessoa muito reservada. Ao menos comigo.

A informação foi uma surpresa, e pensou no que lhe havia dito a respeito de que amava a fantasia de Bela. Foi correto de sua parte fazer isso ao Primale? Sabia tão pouco de sua história, tão pouco do que o moldou para chegar a ser o macho que era.

Ah, mas conhecia sua alma não?

E o amava por isso.

Houve um golpe na porta. Quando respondeu, apareceu a cabeça de Fritz.

— Desculpe-me, mas o amo está preparado para você — disse a Layla.

Layla passou as mãos pelo cabelo e depois alisou a túnica. Enquanto Fritz saía do quarto, Cormia pensou que a Escolhida estava tomando-se especial cuidado com seu...

OH... não...

— Você vai... vai vê-lo? Ao Primale?

Layla fez uma reverência.

— Vou vê-lo agora, sim.

— Não ao Rhage.

— Lhe servirei mais tarde.

Cormia ficou rígida enquanto uma onda gelada percorria seu corpo. Mas é obvio. O que tinha esperado.

— Então será melhor que vá.

Layla entreceitou os olhos, logo os abriu amplamente.

— Irmã?

— Vai. Será melhor que não faça esperar ao Primale. — voltou-se para a janela, sentindo uma súbita vontade de gritar.

— Cormia... — sussurrou sua irmã — Cormia, você o quer? - Na verdade o quer profundamente.

— Nunca disse isso.

— Não tem que fazê-lo. Está em sua expressão e em seu tom. Irmã minha, por que alguma vez... por que te está colocando de lado?

Cormia se encolheu o estômago ao imaginar ao Primale com a cabeça entre as coxas de sua irmã, sua boca fazendo que Layla se arqueasse de prazer.

— Desejo que vá muito bem no encontro. Espero que escolha bem e escolha a ti.

— Por que está te apartando?

— Fui apartada — disse bruscamente — A decisão não foi minha. Agora, por favor, não faça esperar ao Primale. Depois de tudo, Deus não o permita, não podemos deixar que isso ocorra.

Layla empalideceu

— Deus?

Cormia agitou a mão atrás e adiante.

— É somente uma expressão que usam aqui, não uma indicação de minha fé. E agora, por favor, vai.

Layla pareceu precisar de um momento para recompor-se depois do deslize espiritual. Então sua voz se voltou gentil.

— Tenha como seguro que não me escolherá. E quero que saiba que se alguma vez precisar...

—Não o farei. — Cormia se girou e voltou a olhar pela janela com absoluta concentração.

Quando a porta finalmente se fechou, amaldiçoou. Logo partiu atravessou o quarto e chutou sua obra fazendo-a em pedaços. Destroçou até o último pedaço, rompendo cada um dos pequenos e primorosos cubos até que a ordem que houve foi reduzida a escombros no tapete.

Quando não sobrou nada mais que destruir, suas lágrimas batizaram o desastre, igual ao sangue que emanava dos dedos de seus pés nus.

Capítulo 34

No centro da cidade, no Screamer's, Lash tirava partido de um dos banhos privados.

E não porque estivesse jogando uma boa e larga mijada.

Estava enterrado até as pelotas nessa loira da barra, fodendo-a por atrás enquanto ela se apoiava contra o lavabo. A saia negra de couro estava levantada até os quadris, a tanga negra afastada a um lado, o negro pescoço em pico de sua camiseta amplamente aberto e sustentado dessa forma por seus seios. Tinha uma preciosa mariposa rosa tatuada no quadril, e um cordão com um coração ao redor da garganta, e ambos se balançavam com o ritmo de seus impulsos.

Era divertido, especialmente porque, apesar de sua fanfarrona roupa de fulana, tinha a sensação de que ela estava fora de jogo em este tipo de sexo: não levava implante, a barra de lábios não era permanente e tentou convencê-lo de que usasse uma camisinha.

Justo antes de gozar, saiu, deu-lhe a volta e a forçou a ficar de joelhos. Rugiu enquanto tinha um orgasmo em sua boca, pensando que essa pequena merda do senhor D tinha estado certo: Isto era exatamente o que necessitava. Uma sensação de domínio, uma reconexão com o que foi normal para ele.

E o sexo seguia sendo bom.

Logo que terminou, subiu o zíper, sem se importar se ela cuspiu ou tragava.

—O que tem comigo? — perguntou ela, limpando a boca.

—O que passa com você?

—Como?

Lash arqueou uma sobrancelha enquanto olhava seus cabelos no espelho. Hmm... Possivelmente deveria deixá-lo crescer outra vez. Tinha feito um corte militar completo antes de sua transição, mas gostava de sua aparência anterior. Tinha um cabelo bonito.

Deus, o colar de cão do King se via bem nele...

—Olá? — Exigiu a garota.

Vexado, olhou-a pelo espelho.

—Honestamente, não esperará que me importe se terminar ou não.

Por um momento, ela pareceu confusa, como se o filme que tivesse alugado no

Blockbuster tivesse um DVD diferente dentro da caixa.

—Perdoa?

—Que parte é a que não entendeste?

A surpresa fez que ela piscasse como um peixe.

—Eu não... o entendo.

Sim, evidentemente em sua tela estava projetando-se Debbie Does Dallas, e não Pretty Woman. Ele passeou o olhar pelo banheiro.

—Permite-me te trazer aqui, te levantar a saia e fode-la. E te surpreende que não me importe? Exatamente, o que acreditava que ia ocorrer?

O resto da excitação por Sou-uma-boa-garota-fazendo-algo-mal desapareceu de sua expressão.

—Não tem que ser grosseiro.

—Por que será que as putas como você sempre se surpreendem?

—Putas? — A fúria da hipócrita distorceu o rosto, levando-a do terreno da beleza ao da Gordona (monstro feroz, de aspecto feminino da mitologia grega)... e, entretanto, fazendo que se visse de certa forma mais intrigante — Não me conhece.

—Sim o faço. É uma prostituta que permite que um tipo que nunca tinha visto em sua vida goze na sua boca em um banheiro. Por favor. Tenho mais respeito por uma prostituta. Pelo menos é paga com algo mais que com sêmen.

—É um bastardo!

—E você está me aborrecendo. — estendeu uma mão para o pescoço.

Ela o segurou pelo braço.

—Tome cuidado, imbecil. Posso fazer que aconteçam coisas más em um instante. Sabe quem é meu pai?

—Alguém que não cumpriu com seu dever de te criar adequadamente?

Sua palma livre o golpeou com força no meio do rosto.

—Foda-se.

OK, a briga definitivamente a fazia ver-se mais interessante.

Enquanto as presas irrompiam em sua boca, preparou-se para morder sua garganta como se fosse um Twizzler recém saído do pacote. Salvo que alguém bateu na porta e lhe recordou que estavam em um lugar público e que ela era humana e a limpeza era sempre uma droga.

—Se arrependerá — ela espetou.

—OH, sim? — aproximou-se dela e se surpreendeu que se mantivesse firme — Não pode me tocar garotinha.

—Me olhe.

—Nem sequer sabe meu nome.

Seu sorriso foi gelado, acrescentando anos a sua idade.

—Sei o suficiente...

O tamborilar na porta começou outra vez.

Antes que o aporrinhasse com outra bofetada e não pudesse evitar tomar represálias, Lash escapou do banho, deixando uma broca como despedida.

— Por que não baixa a saia, anda.

O tipo que esteve golpeando do outro lado jogou um olhar e deu um passo atrás.

— Sinto-o homem.

— Não há problema — disse Lash, fazendo girar os olhos — Provavelmente salvaste a vida dessa puta.

O humano riu.

— Estúpidas rameiras. Não pode viver com elas, não pode as matar. — A porta do banheiro próximo se abriu e o tipo se virou mostrando uma enorme águia bordada na parte traseira de sua jaqueta de couro.

— Bonito pássaro leva aí — disse Lash.

— Obrigado.

Lash voltou para o bar e fez um gesto com a cabeça ao senhor D.

— É hora de ir. Terminei.

Tomou sua carteira do bolso traseiro... e ficou gelado. O moedeiro não era o seu. Era o de seu pai. Soltou rapidamente uma de cinquenta e depois enterrou a coisa no lugar em que estava.

Ele e o senhor D deixaram o ruidoso e abarrotado clube e quando pôs o pé na calçada da Rua Trade, tomou um longo e profundo fôlego. Vivo. Sentiu-se totalmente vivo.

De caminho para o Focus, Lash disse:

— Me dê seu telefone. E o número de quatro autênticos assassinos.

O senhor D lhe entregou o Nokia e recitou alguns números. Enquanto Lash chamava o primeiro e dava ao assassino uma direção na parte rica da cidade, virtualmente podia ouvir as suspeitas do bastardo... especialmente quando o lesser perguntou quem caralho estava o chamando do telefone do senhor D.

Não sabiam quem era ele. Seus homens não sabiam quem era ele.

Lash devolveu o fodido telefone ao senhor D e ladrou ao Fore-lesser que desse sua confirmação. Foda, não deveria ter ficado surpreso por esse assunto da dúvida, mas essa merda ia trocar. Ia dar a suas tropas alguns poucos lugares para atacar essa noite e assim ganhar um pouco de crédito, então a Sociedade Lessening ia ter uma reunião de boas vindas pela manhã.

Iam segui-lo ou encontrar-se com seu criador. Ponto final.

Depois que ele e o senhor D fizeram o de passar o telefone três vezes mais, Lash disse:

— Agora me leve a vinte e um quinze do Boone Lane.

— Quer que chame a mais homens para que ataquem conosco?

— Para nossa seguinte casa sim. Mas esta é pessoal.

Seu velho e querido primo Qhuinn estava a ponto de comer seu próprio traseiro para almoçar.

Depois de cinco meses sendo o Primale, Phury acostumou a não sentir-se cômodo. Todo o maldito assunto foi um traje mau talhado atrás de outro, até formar um guarda-roupa completo de eu-não-quero-fazer-não.

E entrevistar a Layla para o cargo de Primeira Companheira parecia especialmente mal. Infernalmente equivocado.

Enquanto esperava por ela na biblioteca, rogava a Deus que não deixasse cair sua túnica como fizeram as demais.

— Sua Graça?

Olhou sobre seu ombro. A escolhida permanecia de pé na dupla porta aberta da sala, sua branca túnica caindo ao chão em capas, seu magro corpo cheio de graça real.

Ela fez uma profunda reverência.

— Desejo que esteja tendo uma agradável tarde.

— Obrigado. Espero o mesmo para você.

Enquanto se incorporava, seus olhos se encontraram. Eram verdes. Como os de Cormia. Merda. Necessitava um néscio.

— Você se incomoda se o acender?

— É obvio que não. Aqui, me deixe te dar fogo. — Antes que pudesse dizer que não se incomodasse, ela levantou um acendedor de vidro e se aproximou dele.

Colocando o charuto encalacrado na mão entre seus lábios, deteve-a quando tirava a tampa. Liberando-a do peso, disse-lhe:

— Não se preocupe. Posso fazê-lo.

— É obvio Sua Graça.

A pederneira raspou e se elevou uma chama amarela, ela deu um passo atrás, seus olhos percorreram a sala.

— Recorda a meu lar — murmurou ela.

— Como é isso?

— Por todos os livros. — Foi para os livros e tocou alguns lombos de couro —. Amo os livros. Se não me tivessem treinado como ehros, teria querido ser uma escriba encerrada.

Ele pensou que parecia tão tranqüila, e por alguma razão isso o fez sentir-se ansioso. O que era uma loucura. Com as outras, havia se sentido como uma lagosta no corredor de um restaurante de fruto do mar. Com ela, eram somente duas pessoas falando.

— Posso te perguntar algo? — perguntou enquanto exalava.

— É obvio.

— Está aqui por vontade própria?

— Sim.

Sua resposta foi tão equânime, que pareceu maquinal.

— Está segura disso?

— Durante muito tempo quis servir ao Primale. Sempre me mantive firme a respeito desse desejo.

Parecia completamente sincera. Mas algo estava mau. E então se deu conta do que era.

—Não acredita que vá escolher-te, verdade.

—Não.

—E isso por quê?

Agora demonstrou algum tipo de emoção, baixou a cabeça, subiu as mãos e entrelaçou os dedos.

—Fui enviada aqui para ajudar ao Amo John Matthew a passar pela transição. E isso fiz, mas ele... Negou-se para mim.

—Como?

—Depois de passar a mudança, lavei-lhe, mas ele se negou para mim. Fui treinada na arte sexual e estava preparada para satisfazê-lo, mas ele se negou.

Uau. OK. DAVA

—E acredita que por isso não vou te escolher?

—A Directrix insistiu em que viesse vê-lo, mas foi uma amostra de respeito para você, para te dar a opção de escolher entre todas as Escolhidas. Nem ela nem eu esperamos que me eleve ao cargo de Primeira Companheira.

—Disse John Matthew por que não...? — Porque a maioria dos machos está quente como o inferno depois de sua mudança.

—Fui quando me pediu isso. Isso foi tudo. — Levantou os olhos para os de Phury — Verdadeiramente o Amo John Matthew é um macho de valor. Não está em sua natureza dar detalhes das faltas de outros.

—Estou seguro que não foi por...

—Por favor. Podemos deixar o tema, Sua Graça?

Phury exalou uma baforada de fumaça com aroma de café.

—Fritz me disse que esteve encima no quarto de Cormia. O que estava fazendo ali?

Houve uma larga pausa.

—Isso é algo entre irmãs. É obvio, o direi... Se me ordenar que o faça.

Não pôde evitar sentir aprovação pela tranqüila reserva de sua voz.

—Não, está bem. — sentiu-se tentado a perguntar se Cormia estava bem, mas sabia a resposta. Não estava. Não mais do que estava ele.

—Gostaria que me fosse? — perguntou Layla — Sei que a Directrix tem a duas de minhas irmãs preparadas para você. Estão ansiosas para vir saudá-lo.

Justo como as outras duas que vieram lhe ver a noite anterior. Excitadas. Preparadas para agradá-lo. Honradas de conhecê-lo.

Phury voltou a levar o néscio aos lábios e inspirou forte e lento.

—Você não parece muito emocionada com isso.

—Com que minhas irmãs venham a vê-lo? É obvio eu...

—Não, me conhecendo.

—Ao contrário, estou desejosa de estar com um macho. Preparei-me para o emparelhamento e quero ser algo mais que uma fonte de sangue. Rhage e Vishous não requerem todos meus serviços, e é cansativo estar sem uso... —Seus olhos foram para os

livros — Certamente, sinto-me como se estivesse posta em uma prateleira. Que me deram as palavras para escrever a história de minha vida, mas que sigo principalmente sem ler, por assim dizê-lo.

Meu Deus, ele sabia muito bem como era isso. Sentia como se sempre tivesse estado esperado que as coisas se acalmassem, que o drama se acabasse, para poder ser capaz de inspirar profundamente e começar a viver. Que irônico. Soava como se Layla se sentisse dessa forma porque nada ocorria em sua vida. Ele se sentia sem ler porque ocorreu muito durante muito tempo.

De qualquer das duas formas, o resultado final era o mesmo.

Nenhum deles estava fazendo mais que simplesmente passar o dia.

Bom, chore um rio, companheiro, disse o feiticeiro arrastando as palavras.

Phury foi até um cinzeiro e apagou o néscio.

—Diga a Directrix que não precisa me enviar a ninguém mais.

Os olhos de Layla se dispararam para os seus.

—Perdoe?

—Escolho a ti.

Qhuinn freou o Mercedes negro diante da casa de Blay e deixou a coisa em Park. Esperaram durante horas no ZeroSum, com John enviando mensagens de texto ao Blay de vez em quando. Ao não receber resposta, John se levantou de repente e aqui estavam.

—Quer que te abra a porta? — disse Qhuinn secamente enquanto parava o motor.

John lhe jogou um olhar.

Se te disser que sim, faria-o?

—Não.

Então adiante, me abra à porta.

—Maldito seja. — Qhuinn saiu do assento do carro — Me arruína a diversão.

John fechou a porta e sacudiu a cabeça.

Estou tão agradecido que seja tão manipulável.

—Isso não é uma palavra.

Desde quando estiveste na cama com o Daniel Webster? Olá? «gigantus»?

Qhuinn jogou uma olhada a casa. Quase podia escutar a voz de Blay replicando ao John «Não quererá dizer Merriam-Webster?»(famoso dicionário).

—Como é.

Os dois foram para a parte de atrás da casa, dirigindo-se à porta que dava à cozinha. O lugar era uma enorme casa ladrilhada de estilo colonial, cuja parte dianteira tinha uma aparência realmente formal, e a parte traseira resultava acolhedora, com janelas de cozinha que iam do chão ao teto, e um pórtico onde pendurava um hospitalar farol de ferro forjado.

Pela primeira vez em sua vida, Qhuinn chamou e esperou que respondessem.

Deve ter sido uma maravilha de briga, né, disse John com sinais. Entre você e Blay.

—OH, não sei. Sid Vicious (apelido de John Simon Ritchie/Beverly baixista de los Sex

Pistols), por exemplo, seguro que se comportava pior do que fiz eu.

A mãe de Blay abriu a porta, estava exatamente igual ao de sempre, igualzinha a Marion Cunningham de Dias Felizes, do cabelo vermelho até a saia. A fêmea representava tudo o que era sincero, adorável e quente no sexo débil, e enquanto a olhava, Qhuinn se deu conta, que ela e não sua glacial e enrijecida mãe, era o padrão com o que comparava às fêmeas.

Sim... Estava genial e era muito de macho trepar com tipas e tipos nos bares, mas chegado o momento de aparear-se escolheria a alguém como a mãe de Blay. Uma fêmea de valia. E lhe seria fiel até o fim de seus dias.

Assumindo que pudesse encontrar a alguém que o quisesse.

A mãe de Blay deu um passo para trás para deixá-los entrar.

—Sabe que não tem que chamar. — Olhou a correia de platina que Qhuinn tinha ao redor da garganta, logo a nova tatuagem de sua bochecha.

Olhando ao John, murmurou:

—Então assim é como o Rei o arrumou.

Sim, senhora, assinalou John.

Voltou-se para o Qhuinn, rodeou-lhe com seus braços, e o abraçou tão forte que sua coluna vertebral mudou de posição. O que era exatamente o que ele necessitava. Enquanto se aferrava a ela, tomou o primeiro fôlego profundo dos últimos dias.

Em um sussurro, disse:

—Teríamos te mantido a salvo aqui. Não tinha que ir.

—Não podia lhes fazer isso.

—Somos muito mais fortes do que você acredita — Soltou-o e assinalou com a cabeça para a escada traseira — Blay está lá em cima.

Qhuinn franziu o cenho ao ver uma pilha de bagagem junto à mesa da cozinha.

—Vão a algum lugar?

—Temos que deixar a cidade. A maior parte da glymera fica, mas com... O que está ocorrendo, é perigoso permanecer aqui.

—Uma sábia idéia. — Qhuinn fechou a porta da cozinha — Vão ao norte do estado?

—O pai de Blay tem pendentes uns dias de férias, assim que nós três faremos uma ronda de visitas familiares no sul...

Blay apareceu ao pé das escadas. Cruzando os braços, saudou com a cabeça ao John.

—O que há de novo?

Enquanto John fazia gestos devolvendo sua saudação, Qhuinn não podia acreditar que seu amigo não tivesse mencionado nada sobre deixar a cidade. Merda. Ia simplesmente largar-se sem dizer onde ou quando tinha previsto retornar?

Bem, se serei imbecil. Isso estava dizendo a frigideira à chaleira?

A mãe de Blay apertou o braço do Qhuinn e sussurrou:

—Alegra-me que tenha vindo antes que fôssemos.

Em voz alta disse:

—OK. Esvaziei o refrigerador e não há nada perecível na despensa. Acredito que irei

tirar as jóias da caixa forte.

Jesus, disse John com sinais quando se foi. Durante quanto tempo vão?

— Não sei — disse Blay — Uma temporada.

Na larga pausa que seguiu, John olhou de um ao outro. Finalmente fez um ruído de mofa e disse por gestos:

De acordo, isto é estúpido. Que merda ocorreu entre vocês dois?

— Nada.

— Nada. — Blay fez um gesto com a cabeça apontando para trás — Ouçam, tenho que subir e terminar de fazer a bagagem...

Qhuinn rapidamente interveio.

— Bem, nós temos que ir...

OH, demônios, não. John se dirigiu para as escadas. Vamos a seu quarto e esclareceremos isto. Agora mesmo.

Quando John passou à ação e começou a subir a escada, Qhuinn teve que segui-lo, devido a seu novo posto, e imaginava que Blay o seguiu provavelmente porque seu Emily Post interior não podia suportar não ser um bom anfitrião.

No segundo andar, John fechou a porta do dormitório atrás deles e colocou as mãos nos quadris. Enquanto seu olhar passava de um a outro, parecia um pai frente a dois meninos rebeldes e um acostumado a desordem.

Blay foi a seu armário, e enquanto o abria, o espelho de corpo inteiro do lateral apanhou a imagem de Qhuinn. Seus olhos se encontraram por um instante.

— Bonita peça de joalheria nova a que tem aí — murmurou Blay, olhando a corrente que assinalava a nova posição de Qhuinn.

— Não é uma jóia.

— Não, não o é. E me alegro por vocês dois. De verdade. — Tirou uma parca... o que queria dizer que a família ou ia descer ao sul até a Antártica, ou o tipo tinha a intenção de estar ausente muito tempo. Como todo o inverno.

John golpeou o chão com o pé.

Nosso tempo está acabando. Olá? Pedacos de estúpidos

— Perdão — murmurou Qhuinn ao Blay — Pelo que disse no túnel.

— O contou ao John?

— Não.

Blay deixou cair seu casaco na bolsa Prada e olhou ao John.

— Ele acredita que o amo. Referindo-se... referindo-se a que estou apaixonado por ele.

A boca de John se abriu lentamente de forma involuntária.

Blay estalou em gargalhadas e se deteve repentinamente, como se tivesse fechado sua garganta.

— Sim. Imagine. Eu apaixonado pelo Qhuinn... Um tipo que, quando não está de mau humor, é um golfo e se acredita o tipo. Entretanto, quer saber o que é o mais fodido de tudo?

Qhuinn se esticou enquanto John assentia.

Blay baixou o olhar para sua bolsa.

— Está certo.

Bom, a expressão de John foi como se o tivessem pegado no pé com uma chave de ponta.

— Sim — disse Blay — Por isso é que nunca podia me entusiasmar muito com as fêmeas. Nenhuma delas pode comparar-se a ele. Nem os outros tipos tampouco, digo de passagem. Assim estou realmente fodido, mas de todas as formas, é meu problema e não o dele ou o seu.

Cristo pensou Qhuinn. Não era esta a semana das revelações?

— Sinto muito, Blay — disse, porque não tinha idéia que mais fazer.

— Sim, claro que sim. Faz que as coisas sejam fodidamente incômodas, né? — Blay levantou a parca e colocou a bolsa Prada no ombro — Mas não passa nada. Irei da cidade por uma temporada, e vocês estarão juntos e bem. Genial. Agora devo ir. Mandarei uma mensagem em alguns dias.

Qhuinn estava mais que disposto a apostar que apesar de dizer-lhes ali em realidade se referia só ao John.

Merda.

Blay se deu meia volta.

— Vemo-nos.

Enquanto seu melhor amigo em todo mundo lhes dava as costas e se dirigia para a porta, Qhuinn abriu seus inúteis lábios e rezou para que um pouco adequado saísse deles. Quando isso não aconteceu, rezou para que ocorresse alguma outra coisa. Algo...

O grito que surgiu do primeiro andar foi agudo.

A mãe de Blay.

Os três saíram do dormitório como se ali tivesse estalado uma bomba, correram pelo corredor e suas pegadas ressonaram como trovões escada abaixo. Na cozinha, encontraram-se com o pesadelo da guerra que tinha chegado ao lar.

Lessers. Dois deles. Na fodida casa de Blay.

E um deles tinha à mãe contra o peito estrangulando-a.

Blay deixou escapar um grito primitivo, mas Qhuinn o apanhou antes que se lançasse para diante.

— Há uma faca contra sua garganta — vaiou Qhuinn — A fatiará sem deter-se pra pensá-lo.

O lesser sorriu enquanto arrastava à mãe de Blay através da cozinha para logo tirá-la da casa, em direção a uma minivan que estava estacionada frente à garagem.

Enquanto John Matthew se desmaterializava antes que o vissem, outro assassino entrou na cozinha.

Qhuinn soltou ao Blay, e os dois foram ao ataque, caindo primeiro sobre esse assassino e logo se ocupando de outro que justo estava entrando pela porta traseira.

Enquanto o mão a mão se voltava selvagem e a cozinha ficava destróçada, Qhuinn rezava como um demônio para que John tivesse tomado forma dentro da caminhonete aberta e estivesse dando uma fodida boas-vindas a dois punhos.

Por favor, não permita que a mãe de Blay fique apanhada sob o fogo cruzado.

Enquanto outro assassino mais atravessava a porta, Qhuinn deu uma cabeçada ao lesser com o que estava intercambiando murros, tirou uma de suas flamejantes e enormes quarenta e cinco e colocou o canhão sob o queixo do bastardo.

As balas dizimaram a cabeça do bode, levantando a parte superior completamente... o que deu tempo mais que suficiente ao Qhuinn para apunhalar a coisa no coração com a faca que levava no quadril.

Pum! Pum! Fez... Fizz! OH, que alívio sentia.

Enquanto a coisa desaparecia em um estalo de luz, Qhuinn não se deteve para aproveitar de seu primeiro lesser assassinado. Girou-se para ver como estava Blay e se sobressaltou até as pelotas. Seu pai entrou na cozinha propinando golpes e ambos estavam rompendo traseiros. O que era uma grande surpresa já que o pai de Blay era contador.

Era o momento de respaldar ao John.

Qhuinn atravessou a porta traseira, e justo quando suas botas tocaram a erva, um brilho de luz brilhante saído da minivan lhe disse que essa ajuda não ia ser necessária.

Com um elegante movimento, John saltou fora do Town & Country e fechou de uma portada; deu umas palmadas ao painel traseiro e a coisa retrocedeu a toda pressa. Qhuinn captou uma olhada breve dos brancos nódulos da mãe de Blay atrás do volante, enquanto retrocedia a toda velocidade pelo caminho de entrada.

—Está bem J? — disse Qhuinn, esperando como o inferno que John Matthew não resultasse morto na primeira noite de Qhuinn como seu ahstrux nohtrum.

Justo quando John levantava as mãos para falar por gestos, houve um estalo de cristais.

Os dois se giraram em direção a casa. Como um pouco tirado de um filme, alguns corpos saíram voando pela janela panorâmica da sala de estar. Blay era um deles, e aterrissou em cima do lesser que jogou fora da casa como se fosse um colchão manchado. Antes que o assassino pudesse recuperar do impacto, Blay o agarrou pela cabeça e rompeu seu fodido pescoço como se fosse o de um frango.

—Meu pai ainda está lutando dentro da casa! — gritou enquanto Qhuinn lhe lançava a faca — Abaixo no porão!

Enquanto John e Qhuinn voltavam disparados para dentro, uma terceira labareda de luz se apagou, e logo Blay alcançou as escadas do porão. Os três se equilibraram para o lugar de onde provinham novos sons de briga.

Quando chegaram à base do espaço da escada, detiveram-se de seco. O pai de Blay estava enfrentando-se a um lesser, com uma espada da Guerra Civil em uma mão e uma adaga na outra.

Detrás de seus óculos de Joe Friday, seus olhos estavam acesos como tochas, e se desviaram um segundo para olhá-los.

—Não se metam nisto. Este é meu.

Terminou com a merda antes que pudessem dizer: Papai Ninja.

O pai de Blay colocou toda Ginsu no assassino, trinchando a coisa como se fosse um

peru e apunhalando-o depois para que voltasse para o Omega. Enquanto o resplendor da exterminação se desvanecia, o homem levantou o olhar com desespero nos olhos.

— Sua mãe...?

— Foi na caminhonete deles — respondeu Qhuinn — John a libertou.

Tanto Blay como seu pai afrouxaram com as notícias. Foi quando Qhuinn notou que Blay estava sangrando por um corte no ombro, outro que atravessava seu abdômen, outro em suas costas e...

Seu pai limpou a frente com o braço.

— Temos que nos comunicar com ela...

John sustentou no alto seu telefone, do alto-falante saía o som que indicava que estava chamando.

Quando a mãe de Blay respondeu, sua voz se sentia entrecortada, mas não porque a conexão fosse má.

— John? John está...

— Estamos todos aqui — disse o pai de Blay — Segue conduzindo, querida.

John sacudiu a cabeça, entregou-lhe o telefone, e disse por gestos:

E se houver um dispositivo rastreador na caminhonete?

O pai de Blay resmungou uma maldição.

— Querida? Pare o carro. Pare-o e sai dele. Desmaterializa até o refúgio, e me chame quando estiver ali.

— Está seguro...?

— Agora, meu amor. Agora.

Ouviu-se o som de um motor desacelerando. A portada da porta do carro. Logo silêncio.

— Querida? — O pai de Blay segurou o telefone — Querida? OH, Jesus...

— Estou aqui — chegou sua voz — Aqui no refúgio.

Todo mundo respirou profundamente.

— Estarei ai em um momento.

Falou de outras coisas, mas Qhuinn estava ocupado escutando para ver se ouvia sons de passos nas escadas. E se viessem mais lessers? Blay estava ferido, e o pai do tipo parecia feito pó.

— Realmente deveríamos sair daqui — disse a ninguém em particular.

Foram para cima, colocaram as malas no Lexus do pai de Blay, e antes que Qhuinn pudesse contar até três, Blay e seu pai se perderam na noite.

Tudo ocorreu tão rápido. O ataque, a briga, a evacuação... O adeus que nunca foi dito. Blay simplesmente subiu no carro com seu pai e se foi com sua bagagem. Mas o que mais ia ocorrer se não? Esse dificilmente foi o momento de uma larga e dramática cena, e não só porque fazia dez minutos os lessers vieram fazer uma pequena excursão pela casa.

— Acredito que deveríamos ir — disse.

John negou com a cabeça.

Quero ficar aqui. Vão vir mais quando não receberem o relatório dos que matamos.

Qhuinn olhou a sala de estar, a qual agora era um alpendre graças à rotina de dupla de ação de Hollywood que protagonizou Blay. Havia muito que saquear na casa, e a idéia de que tão sequer uma caixa de kleenex de Blay pudesse cair nas mãos da Sociedade Lessening o fodia soberanamente.

John começou a mandar um sms.

Estou contando ao Wrath o que aconteceu e lhe dizendo que ficaremos aqui. Treinamo-nos para isto. É hora de entrar em ação.

Qhuinn não podia estar mais que de acordo, mas estava malditamente seguro que Wrath não ia deixar.

O telefone de John soou um momento depois. Leu o que era para si mesmo, e logo sorriu lentamente e deu volta a tela.

O texto era de Wrath.

De acordo. Chama se precisar de apoio.

Sagrada merda. Uniram-se à guerra.

Capítulo 35

Rehv estacionou o Bentley na entrada sudeste do Parque Estatal Black Snake. O lote de cascalho era pequeno, somente o suficientemente grande para dez carros, e enquanto que outros estavam fechados com correntes depois da hora, este sempre estava aberto porque dele partiam atalhos para as cabanas de aluguel.

Quando saiu do carro, tomou seu bastão, mas não porque o necessitasse para manter o equilíbrio. Sua visão se havia posto vermelha na metade de caminho e agora seu corpo estava vivo, temperado e cantarolando com um sem-fim de sensações.

Antes de fechar com chave ao Bentley, escondeu seu casaco de Marta cibelina no porta-malas, o carro era o suficientemente chamativo sem necessidade de deixar vinte e cinco mil dólares de pele russa a plena vista. Também se assegurou de levar a equipe antígeno com ele e a suficiente dopamina.

Não. Não.

Fechou o porta-malas, pôs o alarme, e se dirigiu para a densa linha de pequenas árvores que formavam os limites exteriores do parque. Sem razão aparente, as bétulas, os carvalhos e os álamos que rodeavam o lote artificial recordaram a uma multidão de pessoas em um desfile, todos apertados a beira do cascalho, com os ramos estendidos fora dos limites embora os troncos permanecessem em seu lugar correspondente.

A noite estava silenciosa, exceto por uma brisa fria e seca que anunciava a chegada do outono. Era incrível, que tão ao norte, agosto ficasse tão decididamente frio, e que como seu corpo estava agora, gostasse desse frio. Até o ponto de aproveitar-se dele.

Caminhou pelo atalho principal, deixando atrás um abandonado controle de registro e

uma série de pôsteres para excursionistas. Duzentos e cinquenta metros depois se abria um ramal que entrava no bosque, tomou o atalho de terra e se internou nas profundidades do parque. A cabana de troncos estava a um quilômetro de distância, e estava mais ou menos a duzentos metros da coisa quando um enredo de folhas caídas se agitou perto de seus pés. A sombra que provocou seu deslocamento emanava um calor tropical à altura dos tornozelos.

—Obrigado, homem — disse ao Trez.

- Reunirei-me com você ali.

—Está bem.

Quando seu guarda-costas se converteu em névoa sobre a terra, Rehv endireitou sua gravata sem nenhuma razão aparente. Merda sabia que a coisa não ia permanecer sobre seu pescoço durante muito mais tempo.

O claro onde estava localizada a cabana estava banhado pela luz da lua, mas não poderia ter assegurado qual das sombras que estavam entre as árvores era Trez. Essa era a razão pela qual seu guarda-costas valia seu enorme peso em ouro. Nem sequer um symphath poderia detectá-lo na paisagem quando ele não queria ser visto.

Rehv foi para a porta de madeira grosseiramente esculpida e se deteve para dar uma olhada a seu redor. A Princesa já estava ali: ao redor da visível paisagem bucólica havia uma densa e invisível nuvem de terror... do tipo que as crianças sentem quando vêem casas abandonadas em noites escuras e ventosas. Era a versão symphath do mhis, e garantia que não seriam incomodados por humanos. E se for o caso, tampouco por outros animais.

Não lhe surpreendia que tivesse chegado cedo. Nunca podia predizer se chegaria tarde, cedo ou se seria pontual, e, por conseguinte nunca deixava aparentar, independentemente de quando chegasse.

A porta da cabana se abriu com seu habitual rangido. Quando o som foi direto ao centro de vergonha de seu cérebro, encobriu suas emoções com a imagem de uma praia ensolarada que viu uma vez na televisão.

Provenientes de uma esquina em sombras do espaço aberto, flutuaram para ele palavras cuja entonação era turva e baixa:

—Sempre faz isso. O que faz que me pergunte que esconde a seu amor.

E podia seguir supondo. Não ia permitir que entrasse em sua mente. Além do fato de que a autoproteção era algo crítico, que a deixava fora de si e a voltava louca, e isso o fazia brilhar de satisfação como se fosse um maldito refletor.

Quando fechou a porta, decidiu que essa noite ia fazer o papel de romântico abandonado. Ela esperaria que estivesse perguntando-se que demônio aconteceu com seu encontro programado. E ele sabia que guardaria essa informação para convertê-lo em um refém todo o tempo que pudesse. Mas o encanto funcionava até com os symphaths...embora de uma maneira fodida e tortuosa. Sabia que ele a odiava e que custava simular que estava apaixonado por ela. Que chiasse os dentes e se impacientasse ao dizer bonitas mentiras era o que o fazia ganhar seu favor, não as mentiras em si mesmos.

—Como senti saudades suas — disse com uma profunda e intencionada voz.

Seus dedos foram para a gravata que acabava de ajustar e desatou o nó lentamente. A resposta foi foto instantânea. Seus olhos relampejaram como rubis diante de uma fogueira e não fez nada para esconder sua reação. Sabia que adoecia.

—Senti saudades? É obvio que sentiu saudades. — Sua voz parecia a de uma serpente, os esses se prolongavam em uma larga exalação — Mas quanto?

Mentalmente Rehv manteve a cena da praia à vanguarda, cravando a filha da puta em seu lóbulo frontal, mantendo-a fora dele.

—Senti saudades até a loucura.

Afastou o bastão, tirou-se o casaco, e soltou o botão superior da camisa de seda... logo o seguinte... e o seguinte, até que teve que puxar as abas da camisa para tirá-la de suas calças e assim poder terminar o trabalho. Quando encolheu os ombros para permitir que a seda caísse ao chão, a Princesa vaiou de verdade e isso endureceu seu pênis.

Odiava-a e odiava o sexo, mas amava o poder que tinha sobre ela. Sua debilidade produzia uma emoção sexual que era malditamente similar a quando realmente se sentia atraído por alguém. E esse era o motivo pelo qual arrumava para poder ter uma ereção embora o formigasse a pele como se estivesse envolto em uma savana cheia de vermes.

—Mantém a roupa posta — disse ela com voz aguda.

—Não. — Sempre a tirava quando queria, não quando ela o ordenava. Seu orgulho o exigia.

—Que conserve a roupa, pendão.

—Não. — Ele desabotoou o cinturão e o tirou dos quadris de um puxão, o flexível couro rangeu no ar. Deixou-o cair igual como fez com a camisa, sem nenhum cuidado.

—A roupa fica posta... — Suas palavras ficaram flutuando no ar porque estavam esgotando suas forças. E nisso consistia seu puto objetivo.

Deliberadamente, cavou a mão sobre si, e logo abriu a cremalheira, soltou o passador e deixou que as calças caíssem rapidamente ao chão áspero. Sua ereção brotava formando uma linha reta desde seus quadris, e isso virtualmente resumiu sua relação. Estava ferozmente zangado com ela, odiava-se a si mesmo, e desprezava o fato de que Trez estivesse aí fora testemunhando tudo isso.

E como resultado seu pênis estava duro como uma pedra e brilhando de umidade na ponta.

Para os symphaths, uma viagem dentro da enfermidade mental era melhor que qualquer esbanjamento do Agent Provocateur, (lingerie feminina muito sensual) e era por isso que todo esse assunto funcionava. Podia lhe proporcionar toda essa merda doentia. E também podia lhe dar algo mais. Ela ansiava o combate sexual que tinham. As uniões symphath eram como uma partida de xadrez civil com um intercâmbio de fluidos corporais ao final. Ela necessitava o grunhido carnal e o ardor que só seu lado vampiro podia dar.

—Te toque — sussurrou ela — Te toque para mim.

Não fez o que pediu. Com um grunhido, tirou os mocassins de uma patada e saiu do atoleiro formado pela pilha de roupas. Enquanto caminhava para diante, era malditamente

consciente do quadro que estava representando, todo duro e pesado. Deteve-se no meio da cabana, onde um raio de luz da lua se derramava através da janela para deslizar-se sobre os planos de seu corpo.

Odiava admiti-lo, mas ele também ansiava essa má merda com ela. Era a única vez na vida que podia ser quem realmente era, que não tinha que mentir às pessoas que estavam a seu redor. A horrível realidade era que parte dele necessitava essa relação doentia e retorcida, mais que a ameaça que pendia sobre ele e Xhex era o que o fazia retornar cada mês.

Não estava seguro de se a Princesa conhecia sua debilidade. Sempre tomava cuidado de não mostrar suas cartas, mas nunca podia estar o suficientemente seguro do que um symphath sabia sobre você. O que, é obvio, fazia tudo mais interessante porque as apostas eram mais altas.

—Pensei que esta noite podíamos começar com um pequeno espetáculo — disse, voltando-se. De costas a ela, começou a masturbar-se, tomando o grosso pênis na mão e acariciando-o.

—Aborrecido — disse ela sem fôlego.

—Mentirosa. — Apertou a cabeça de sua ereção com tanta força que lhe escapou um ofego.

A Princesa gemeu ante o som, sua dor fazia que se entusiasmasse muito mais com o jogo. Quando subiu a vista e olhou o que estava fazendo, sentiu um breve e inquietante deslocamento, como se fosse a verga de alguém mais, e fosse o braço de algum outro o que se movesse de cima abaixo. Mas a distância do ato era necessária, era a única forma em que sua natureza de vampiro decente podia suportar as coisas que faziam. Sua parte boa não estava aqui. Deixo-a na porta antes de entrar.

Esta era a terra do Devorador de Pecados.

—O que está fazendo? — gemeu ela.

—Me acariciando. Com força. A luz da lua incidi bem sobre meu pênis. Estou molhado.

Ela respirava trabalhosamente.

—Vire-se. Agora.

—Não.

Embora não fizesse nenhum ruído, sabia que ela avançou nesse momento, e a sensação de triunfo que sentiu terminou com toda a dissociação. Vivia para vencê-la. Esse poder correndo através dele, era a fodida heroína para suas veias. Sim, depois se sentiria sujo como a merda, e era seguro que por causa disto, teria pesadelos, mas nesse momento estava se excitando seriamente.

A Princesa se moveu nas sombras, e ele soube o preciso momento em que chegou a ver o que estava fazendo, porque emitiu um forte gemido, nem sequer sua reserva symphath foi o suficientemente forte para conter sua reação.

—Se for olhar — disse voltando a apertar a cabeça de seu pênis até que ficou de cor púrpura e se viu obrigado a arquear as costas pela dor — eu também quero te ver.

Ela caminhou para a luz da lua e por um segundo ele perdeu o ritmo.

A Princesa usava um vestido vermelho brilhante, os rubis que tinha na garganta brilhavam contra sua pele branca como o papel. Levava o cabelo negro azulado recolhido sobre a cabeça, e os olhos e os lábios eram da mesma cor das pedras sangrentas que tinha no pescoço. Dos lóbulos de suas orelhas, olhavam-lhe dois escorpiões albinos que penduravam pelas caudas.

Era horrorosamente formosa. Um réptil de postura erguida e olhos hipnóticos.

Tinha os braços cruzados diante da cintura, colocados dentro das mangas de seu vestido que chegavam até o chão, mas nesse momento os deixou cair, e não olhou suas mãos. Não pôde. Enojavam-lhe muito, e se as via perderia sua ereção.

Para manter-se excitado, deslizou a palma sob suas pelotas e as levou para cima de forma que emoldurassem seu pênis. Quando soltou ambas as partes de seu sexo permitindo que retornassem a seu lugar, estas ricochetearam com potência.

Havia tanto que ela queria ver dele, que seus olhos não sabiam aonde ir. Quando percorreram seu peito, atrasaram-se sobre o par de estrelas vermelhas que marcavam seus peitorais. Os vampiros pensavam que eram somente adorno, mas para os symphaths, eram a evidência de seu sangue real e dos dois assassinatos que cometeu: O patricídio te outorgava estrelas, como oposto ao matricídio, que te valia círculos. A tinta vermelha significava que era membro da família real.

A Princesa tirou o vestido, e debaixo dessas dobras luxuosas, seu corpo estava coberto com uma rede de cetim vermelho que lhe incrustava na pele. Seguindo a aparência assexual de sua classe, seus seios eram pequenos e seus quadris ainda mais pequenos. A única forma em que podia estar seguro que se tratava de uma fêmea era a abertura diminuta que tinha entre as pernas. Os machos eram igualmente andróginos, usavam o cabelo longo e o recolhiam em cima da cabeça igual às fêmeas e usavam vestidos idênticos. Rehv nunca viu nenhum dos machos nu, graças a Deus, mas assumia que seus pênis teriam a mesma pequena anomalia que a sua.

OH, que alegria.

Sua anomalia era, é obvio, outra das razões pelas que gostava de foder à Princesa. Sabia que ao final era doloroso para ela.

— Agora vou tocar-te — disse ela, enquanto se aproximava — Prostituto.

Rehv ficou rígido quando sua mão se fechou ao redor de sua ereção, mas só permitiu um momento de contato. Dando um repentino passo atrás, arrancou-lhe a pênis da mão.

— Vais terminar nossa relação? — disse arrastando as palavras, odiando as palavras que pronunciava— É por isso que me afugentou a outra noite? Esta merda é muito aborrecida para você?

Ela avançou como sabia que o faria.

— Vamos, sabe que é meu brinquedo. Sentiria saudades terrivelmente.

— Ah.

Esta vez quando o agarrou, fincou as unhas em sua vara. Ele conteve um ofego esticando os ombros até que quase quebrava suas clavículas.

—Então se perguntou onde estava? — sussurrou enquanto se apoiava contra ele. Sua boca roçou a garganta e o toque de seus lábios queimou sua pele. O baton que usava era feito de pimentas moídas, cuidadosamente calibradas para picar — Se preocupou por mim. Sofreu por mim.

—Sim. Assim foi — disse, porque a mentira a agradaria.

—Sabia que sim. — A Princesa ficou de joelhos e se aproximou. No momento em que os lábios encontraram a cabeça da verga, a sensação ardente desse baton fez que se apertassem suas pelotas como se fossem punhos — Me peça isso.

— Ah, merda, chupa-me — grunhiu.

—Que coisa. Uma mamada ou a explicação de por que reprogramaste o encontro?

—Estou começando a pensar que deveria rogar por ambas as coisas. — Tomou a ereção e a empurrou contra o estômago, logo tirou a serpenteante língua e brincou com a broca que tinha na base de sua ereção. Essa broca era a parte que ela mais gostava, a que se enganchava no lugar quando gozava e os mantinha unidos. No pessoal, odiava a coisa, mas maldição, sentia-se bem quando a acariciavam, inclusive com a dor que produzia o que tinha na boca.

—Peça-me isso - deixou que a verga caísse em seu lugar e tomou profundamente dentro de sua boca.

—Ah, merda, me chupe — grunhiu ele.

E demônios, sim que o fez. Abriu essa garganta dela e tirou dele tudo o que pôde. Era maravilhoso, mas o ardor era matador. Para vingar-se por seu pequeno labial «Chanel N° Pesadelo», agarrou-lhe o cabelo e empurrou com os quadris, fazendo que se engasgasse.

Em resposta, fincou profundamente uma das unhas na broca com a suficiente força para fazê-lo sangrar, ele gritou, e saltaram lágrimas dos olhos. Quando uma delas se deslizou por sua bochecha, ela sorriu, sem dúvida nenhuma desfrutava da cor vermelha em contraste com seu rosto.

—Vai me pedir por favor — disse — Quando me pedir que te dê uma explicação.

Estava tentado em dizer que contivesse a respiração esperando, mas em vez disso, voltou a mergulhar em sua boca e ela voltou a cravar a unha, e continuaram com o mesmo jogo durante um momento até que ambos estiveram ofegando.

A essa altura seu sexo estava ardendo, rabiando de calor, pulsando com a necessidade de gozar nessa horrível boca dela.

—Me pergunte por que — exigiu — Me pergunte por que não vim.

Ele negou com a cabeça.

—Não... dirá-me isso quando quiser. Mas o que te perguntarei é estamos perdendo o tempo aqui ou vai me deixar acabar?

Ela se levantou do chão, foi para a janela e se ateou ao parapeito com essas horríveis mãos.

—Pode gozar. Mas somente dentro de mim.

A cadela sempre fazia o mesmo. Sempre tinha que ser em seu interior.

E sempre contra a janela. Evidentemente, embora não pudesse saber com segurança que

ele vinha com reforços, a certo nível sabia que estavam sendo observados. E se fodia frente aos painéis de vidro, seu sentinela estaria obrigado a olhar.

—Goza dentro de mim, maldição.

A princesa arqueou as costas e levantou o traseiro. A rede que usava percorria as pernas e se metia entre suas coxas, e ia ter que rasgar parte da mesma para poder penetrá-la. E era por isso que a usava. Se seu batom labial era mau, a malha de merda que usava sobre o corpo era ainda pior.

Rehvenge ficou as suas costas e afundou os dedos indicadores e meio de cada mão na rede à altura da parte baixa de suas costas. Com um puxão, rompeu a malha e o separou de seu traseiro e seu sexo.

Ela estava brilhante de umidade e torcida, rogando por ele.

Olhando sobre seu ombro, sorriu-lhe, revelando uma fileira de perfeitos dentes quadrados e brancos.

—Tenho fome. Reservei-me para você. Como sempre.

Não pôde dissimular o desagrado. Não podia suportar a idéia de ser seu único amante... tivesse sido muito melhor ser parte de uma multidão de machos, para que o que acontecia entre eles não fosse tão sério. Além disso, a paridade o fazia sentir náuseia. Ela também era sua única amante.

Meteu-se com força dentro de seu sexo, empurrando-a para frente até que se golpeou a cabeça contra o vidro. Logo tomou pelos quadris e saiu lentamente. Tremaram suas pernas dando uma série de sacudidas, e odiou saber que estava dando o que queria. Assim voltou a meter-lhe lentamente, detendo-se na metade do caminho a casa para que ela não obtivesse tudo dele.

Seus olhos vermelhos arrojaram fogo ao olhá-lo por cima de seu ombro.

—Mais, obrigado.

—Por que não veio o outro dia, minha encantadora puta.

—Por que não te cala e termina?

Rehv se inclinou e percorreu seu ombro com as presas. A malha estava recoberta de veneno de escorpião, e sentiu o adormecimento instantâneo de seus lábios. Depois de que tivessem terminado de fode-la, essa má merda ia estar sobre suas mãos e sobre todo seu corpo, pelo que teria que ir banhar-se no seu refúgio o mais breve possível. Igual não ia conseguir fazê-lo suficientemente rápido. Como de costume, ia estar brutalmente doente. Como ela era uma symphath puro-sangue o veneno não fazia efeito; para ela era como o perfume, um belo acessório. Em troca para sua natureza vampira, que era especialmente suscetível, era diretamente veneno.

Lentamente saiu de seu corpo para em seguida voltar a introduzir alguns centímetros. Soube que a tinha a sua mercê quando três de seus dedos nodosos se afundaram na velha e desgastada madeira do marco da janela.

Deus, essas mãos delas, com seu trio de articulações e as unhas que cresciam vermelhas... eram como um pouco tirado de um filme de horror, o tipo de coisas que

apareciam pela beira de um ataúde antes que saísse o não morto e matasse ao tipo bom.

—Me diga... por que... puta. — O particularizaram as palavras com o movimento de seus quadris — Ou não haverá nada para agradar a nenhum dos dois.

Deus, ele odiava e amava isto, a luta que ambos mantinham por conservar a posição de poder, a fúria que os dois sentiam ao ter que fazer concessões. O fato de haver se sentido tentada a dar a volta para poder vê-lo masturbar-se, estava comendo-lhe viva, e ele desprezava a si mesmo pelo que estava fazendo a seu corpo, além disso, ela não queria dizer por que se atrasaram duas noites, mas sabia que ia ter que fazê-lo se queria conseguir um orgasmo...

E o carrossel seguiu dando voltas e voltas e mais voltas.

—Diga-me - grunhiu ele.

—Seu tio está voltando-se mais forte.

—Sério. — Premiou-a com uma rápida e tempestuosa penetração que a fez ofegar — Por que passa isso?

—Faz duas noites... — A respiração cortou na boca, quando arqueou as costas para aceita-lo da maneira mais profunda possível — Foi coroadado.

Rehv perdeu seu ritmo. Merda. Uma mudança na liderança não era boa. Os symphaths poderiam estar presos nessa colônia, isolada do mundo real, mas qualquer instabilidade política que houvesse ali ameaçava qualquer prezado pequeno controle que se tinha sobre eles.

—Precisamos-lhe — disse, estendendo as mãos para trás para afundar as unhas no traseiro — Para que faça o que sabe fazer melhor.

Não. De nenhuma maldita maneira.

Já matou suficientes parentes.

Olhou-lhe sobre seu ombro, e o escorpião que tinha na orelha fixou seu olhar nele, e suas patas largas e magras giraram, estendendo-se para ele.

—Te disse o motivo de meu atraso. Assim te ponha a trabalhar.

Rehv pôs seu cérebro sob chave, concentrou-se na cena da praia e deixou que seu corpo seguisse com o assunto. Sob seu demolidor ritmo, a Princesa teve um orgasmo, seu corpo se aferrou a ele com uma série de pulsações que ordenhavam seu pênis como um punho em um parafuso de banco.

E isso foi o que provocou que seu sexo se fixasse dentro dela e a enchesse.

Afastou-se logo que pôde e começou a escorregar para o inferno. Já, podia sentir o efeito do veneno dessa maldita malha. O corpo formigava por toda parte, os terminais nervosos de sua pele oscilavam acendendo-se e apagando-se com espasmos de dor. E ia ficar muito pior.

A Princesa se endireitou e foi para seu vestido. De um bolso oculto, tirou uma comprida e larga parte de cetim vermelho, e com o olhar fixo nele, pôs o tecido entre suas pernas e o atou com uma série de elaborados laços.

Seus olhos cor rubi brilhavam de satisfação enquanto assegurava que nenhuma gota dele escapasse.

Odiava isso, e ela sabia e era por isso que nunca se queixava quando se desprendia rapidamente ao acabar. Sabia condenadamente bem que queria colocá-la à força em um banheiro com branqueador e fazê-la lavar-se até limpar o último rastro de sexo dela como se nunca tivesse acontecido.

—Onde está meu dízimo? — disse, enquanto colocava o vestido.

Quando foi até o casaco e tirou uma pequena bolsa de veludo já via duplo por causa do veneno. Atirou-a e ela a apanhou.

Dentro da bolsa havia duzentos e cinquenta mil dólares em rubis. Cortados. Preparados para ser usados.

—Deve retornar a casa.

Estava muito cansado para seguir o jogo.

—Essa colônia não é minha casa.

—Equivocado. Está muito equivocado. Mas entrará em razão. Garanto-lhe isso. — Dizendo isso desapareceu no ar.

Rehv se cambaleou, e plantou a palma da mão na parede da cabana quando uma onda negra de puro esgotamento o percorreu.

Quando a porta se abriu, endireitou-se e recolheu suas calças. Trez não disse nada, só se aproximou e o ajudou a manter o equilíbrio.

Doente como estava, e sabendo que ficaria pior, voltou-se e colocou a roupa por si mesmo. Isso era algo importante para ele. Sempre se vestia sozinho, sem ajuda.

Quando teve o casaco em seu lugar, a gravata ao redor do pescoço, e o bastão na mão, seu melhor amigo e guarda-costas o levantou nos braços e o levou como um menino de volta ao carro.

Capítulo 36

A tensão em uma pessoa era como ar em um globo. Muita pressão, muita merda, muitas más notícias... E a festa de aniversário se desenquadrava.

Phury abriu a gaveta de sua mesinha de noite embora acabasse de olhar aí dentro.

—Merda.

Onde puta estava toda sua fumaça vermelha?

Tomou sua bolsinha quase vazia do bolso da camisa. Apenas daria para um muito magro. O que significava que tinha que apressar-se para chegar ao ZeroSum antes de que o Reverendo fechasse essa noite.

Colocou um casaco ligeiro para poder ter um lugar onde esconder a bolsa cheia a sua volta. Logo baixou ao trote a escada principal. Quando chegou ao vestíbulo, sua mente corria a toda velocidade e se retorcia, agitando-se com o Top Dez das Razões, pelas quais, Phury, Filho de Ahgony, era um Imbecil. No ranking do feiticeiro

Número dez: Se engenha para que a Irmandade o expulse de uma patada. Número nove: Drogado. Número oito: Briga com seu gêmeo quando a shellan grávida deste está atravessando por um mau momento. Número sete: Drogado. Número seis: Danifica tudo com a fêmea com a que deseja estar, afugentando-a. Número cinco: Mente para proteger seu comportamento aditivo.

OH, esta estaria incluída no nove e no sete?

Número quatro: Defraudou a seus pais. Número três: Drogado.

Número dois: apaixonou-se pela fêmea que afugentou no numeral anterior.

Merda.

Merda.

Merda.

Apixonou-se pela Cormia? Como? Quando?

O feiticeiro disparou em sua cabeça.

Ao diabo com isso, companheiro. Terminemos a lista. Venha. Muito bem... Acredito que poremos «Drogado» como o número um, não?

—Aonde vai? — A voz de Wrath lhe chegou de acima como uma espécie de consciência e Phury se congelou com a mão no trinco da porta do vestíbulo.

—Onde? —exigiu o Rei.

A nenhum lugar em especial, pensou Phury sem voltar-se. Só de caminho a me voltar fodidamente louco.

—Fora dar um passeio — disse, e levantou as chaves do carro por cima da cabeça.

Chegados a este ponto, mentir não o incomodava nem um pouco. Quão único queria era que todos se separassem de seu caminho. Quando tivesse a fumaça vermelha, quando estivesse tranqüilo e sua cabeça já não fosse uma bomba a ponto de explodir, poderia voltar para interagir.

As botas de Wrath atacaram a escada, o ritmo de suas pernadas era uma conta atrás para que lhe caísse uma bronca de três pares de saco. Phury se voltou a enfrentar ao Rei, com a ira fervendo a fogo lento dentro de seu peito.

E o assunto era que, Wrath tampouco estava de um humor Hallmark(empresa de tarjas de felicitação). Tinha as sobrelhas ocultas atrás dos óculos envolventes, as presas largas, o corpo tenso como o inferno.

Era óbvio que recebeu mais más notícias.

—O que aconteceu agora? — disse Phury entre dentes, perguntando-se quando demônio passaria a atual tormenta de merda a turvar a vida de outro grupo de gente.

—Quatro famílias da glymera foram atacadas esta noite, e não há sobreviventes. Tenho algo terrível que dizer ao Qhuinn, mas não posso me comunicar com ele nem com o John Matthew, e ambos estão grudados no Blay.

—Quer que eu vá?

—Não, quero que leve seu traseiro ao Santuário e cumpra com seu fodido dever — estalou Wrath — Precisamos mais Irmãos, e consentiu em ser o Primale, assim deixa de

postergar a merda.

Phury quase expôs suas presas, mas manteve a compostura.

— Escolhi a outra Primeira Companheira. Estão-na preparando, e eu irei a ela manhã de noite.

Wrath arqueou as sobrancelhas. Logo fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— OK. Bem. Agora, qual é o número de Blaylock? Vou pedir ao menino que volte para sua casa. Todos os Irmãos estão ocupados, e não quero que Qhuinn se inteire do que tenho que dizer por telefone.

— Posso ir...

— Nem o sonho — respondeu o Rei — Incluso se ainda fosse parte da Irmandade, com toda a merda que está ocorrendo neste momento, não correria o risco de perder ao Primale da raça, assim vê a que lhe fodam e muito obrigado. Agora, qual é o maldito número de Blay?

Phury deu ao Wrath os números, saudou com a cabeça, e saiu através do vestíbulo. Não o importou uma merda ter dito ao Wrath que ia sair de carro, deixou seu BMW estacionado no pátio e se desmaterializou para o centro da cidade.

De todos os modos Wrath sabia que estava mentindo. E não havia nenhuma razão para atrasar a viagem ao ZeroSum tomando seu carro só para conservar as aparências de uma falsidade da que ambos eram bem conscientes.

Quando chegou à entrada do clube, Phury evitou a fila de espera simplesmente aproximando-se e pedindo ao gorila que se separasse de seu caminho.

Na seção VIP, iAm guardava a porta do escritório de Rehvenge. O mouro não pareceu surpreender-se ao vê-lo, mas por outro lado era difícil tomar por surpresa a qualquer dos dois guarda-costas privados de Rehv.

— O chefe não está aqui, quer fazer uma compra? — perguntou o tipo.

Phury assentiu, iAm lhe mostrou o caminho. Rally, o servente que pesava as dose, afastou-se rapidamente depois de que Phury abrisse sua mão duas vezes.

iAm apoiou o quadril contra a mesa de Rehvenge e simplesmente ficou ali olhando-o através do escritório, com os negros olhos impassíveis, tranquilos. Seu irmão, Trez era o mais impetuoso dos dois, por isso Phury sempre pensou que iAm era o mais perigoso dos dois.

Embora supunha que era algo assim como escolher entre duas armas diferentes: uma questão de valores.

— Um conselho — disse o mouro.

— Passo.

— Resiste. Não salte a coisas mais fortes, amigo.

— Não tenho idéia do que falas.

— Mentira.

Rally saiu da porta oculta da esquina e quando Phury viu todas aquelas folhas dentro da bolsa de plástico transparente, baixou-lhe a tensão arterial e seu ritmo cardíaco se estabilizou. Deu-lhe mil dólares e saiu daquele escritório tão rápido quanto pôde, preparado para retornar a seu dormitório e dedicar-se a seu assunto.

Quando se dirigia à saída de emergência, viu Xhex apoiada na barra VIP. Dirigiu seus olhos para o braço, que tinha enterrado no casaco, logo franziu o cenho e articulou, Foda.

Quando começou a aproximar-se dele com rápidas pernadas, teve a estranha impressão de que tentaria arrebatá-lo seu contrabando, e isso não ia acontecer. Pagou um bom dinheiro em efetivo e o comprou a um preço justo. Não havia razão para que a gerência tivesse um mau rolo com ele.

Rapidamente empurrou a porta e se desmaterializou. Não tinha nem fodida idéia de qual era o problema, e tampouco o importava. Tinha o que necessitava e ia para casa.

Enquanto viajava em uma neblina de moléculas de volta à mansão, pensou no drogado do beco, que esfaqueou o seu distribuidor e logo pinçou nos bolsos do homem enquanto o sangue emanava por toda parte.

Phury tratou de acreditar que ele não era assim. Tentando não ver o desespero que havia sentido os últimos vinte minutos como o trampolim que poderia levá-lo a atuar como fez o drogado com aquela navalha.

A realidade era, entretanto, que nada nem ninguém estavam a salvo se ficava no meio de um viciado e o que ansiava.

Enquanto John percorria com o olhar o pátio traseiro da casa de Blay, sentia que tinha feito isto milhares de vezes, a espera, a vigilância... esta pausa depredadora, tudo isto parecia que fosse sua segunda natureza. O que era uma loucura.

Não, disse-lhe seu eu interior. Tudo isto não é mais que a merda habitual. Entretanto, o resto está imaginando isso.

A seu lado nas sombras, Quinn estava surpreendentemente quieto. Pelo geral o tipo sempre estava em movimento, agitando os pés e mãos, caminhando pelos arredores, conversando. Não essa noite, não nesse posto de vigilância entre os arbustos de madressilva.

Sim, bem, estavam escondidos entre a madressilva. Não era exatamente tão varonil quanto ocultar-se detrás de um grupo de carvalhos, mas a cobertura era melhor, e, além disso, era tudo o que tinham para usar como camuflagem ao lado da porta traseira de Blay.

John olhou seu relógio, estiveram esperando ali durante uma longa hora ou duas. Finalmente teriam que ir-se para evitar a alvorada e acaso não emprestava isso? Estava ali para lutar. Estava preparado para lutar.

Se não conseguia arrebanhar a outro lessem, seu fanfarrão interior ia sofrer um severo caso de frustração.

Infelizmente, tudo o que percebiam era uma brisa ocasional do verão para compensar o zumbido dos grilos.

Não sabia do Blay, gesticulou John sem nenhuma razão em particular. Quanto faz que sabia sobre... você sabe, como se sentia ele?

Agora Quinn começou a fazer tamborilar os dedos em sua coxa.

—Mais ou menos desde que começou... Que foi faz tempo.

Uau, pensou John. Com todos estes segredos emergindo, era quase como se estivessem

passando por suas transições outra vez.

E igual às mudanças que assumiram seus corpos, eles três nunca voltariam a ser o que foram uma vez.

—Blay escondia o que sentia — murmurou Qhuinn — Embora não devido ao tema sexual. Quero dizer, não tenho problema em estar com gays, especialmente se houver garotas implicadas. — Qhuinn riu — Parece impressionado. Não sabia que era assim?

Bem... Eu... Quero dizer...

Merda Santa, se alguma vez antes se havia sentido virgem, à luz do que fazia Qhuinn... Fosse o que fosse... Deu-se conta que era bem mais como VIRGEM.

—Olhe, se te faz sentir incômodo...

Não, não é isso. Demônios, realmente não estou tão surpreso. Quero dizer, entrava nos banheiros com um montão de diferentes...

—Sim. Sou a classe de tipo que ao que surja lhe planto na cara, sabe. Tudo vem bem. — Qhuinn se esfregou a frente —. Entretanto, não decidi ser assim para sempre.

Não?

—Um dia quero uma shellan própria. Não obstante, enquanto isso, vou fazer tudo e vou experimentar tudo. Assim é como sei que estou vivo.

John pensou.

Também quero uma fêmea. Mas é difícil porque...

Qhuinn não o olhou, mas assentiu o deixando saber que entendia... o que fez que se sentisse bem. Era gracioso, de certa forma, era mais fácil falar das coisas agora que seu amigo sabia exatamente por que certas coisas eram difíceis para ele.

—Sabe, vi o modo em que olha a Xhex.

John ficou vermelho. Um...

—É algo genial. Quero dizer, foda... ela é grosseiramente ardente. Em parte porque é tão endemoniadamente aterradora. Penso que poderia te fazer comer seus próprios dentes se te passar da linha. — Qhuinn se encolheu de ombros — Mas, não consideraste que poderia querer começar com alguém que seja um pouco... não sei, mais suave?

A gente não pode escolher por quem quer sentir-se atraído...

—Amém.

Ouviram ruídos de alguém que estava rodeando a casa da frente, e ambos ficaram alerta, elevando os canhões de suas armas e apontando-os para o este.

—Sou eu — vozeou Blay — Não disparem.

John saiu da madressilva.

Pensei que fosse com seus pais?

Blay contemplou ao Qhuinn.

—Os Irmãos estiveram tratando de te localizar.

—Por que me olha assim? — disse Qhuinn, pondo a arma a um flanco de seu corpo.

—Querem que retorne à mansão.

Por quê? Gesticulou John embora Blay ainda tivesse o olhar fixo no Qhuinn. Wrath disse

que estava bem que ficássemos.

—Quais são as notícias? — disse Qhuinn com voz tensa — Tem notícias, certo.

—Wrath quer que você...

—Minha família foi atacada, não é assim? — Qhuinn apertou a mandíbula — Não é assim?

—Wrath quer que você...

—A merda com o Wrath. Fala!

Blay desviou os olhos para o John antes de voltar a fixá-los em seu amigo.

—Sua mãe, pai e irmã estão mortos. Seu irmão está desaparecido.

O ar de Qhuinn o abandonou em um fôlego, como se alguém tivesse dado uma patada no seu estômago. John e Blay estenderam as mãos, mas ele se afastou.

Blay sacudiu a cabeça.

—Sinto muito.

Qhuinn não disse nada. Era como se tivesse esquecido o idioma.

Blay tratou de alcançá-lo outra vez, e quando Qhuinn voltou a afastar-se outro passo, disse-lhe:

—Olhe, Wrath me chamou quando não pôde localizar a nenhum de vocês dois, e me pediu que ambos retornassem à mansão. A glymera vai retirar-se.

Vamos ao carro, disse John ao Qhuinn por gestos.

—Eu não vou.

—Qhuinn...

Qhuinn...

A voz de Qhuinn estava cheia da emoção que seu rosto se negava a mostrar.

—A merda com tudo isto. A merda...

Uma luz se acendeu dentro da casa do Blay, e Qhuinn girou a cabeça bruscamente. Através do vidro das janelas da cozinha, viram um lessem entrar na casa a plena vista.

Não houve forma de deter o Qhuinn. Entrou na casa pela porta traseira a uma velocidade supersônica com a arma em alto. E tampouco se freou, uma vez dentro. Apontando seu H&K disparou repetidas vezes ao assassino, apertou o gatilho uma e outra vez, fazendo retroceder ao pálido bastardo até que esteve contra a parede.

Inclusive quando o lessem caiu desabado e começou a sangrar negro, Qhuinn seguiu disparando, ao papel pintado conferindo-lhe um estilo Jackson Pollock.

Blay e John se precipitaram dentro, e John pôs um braço ao redor do pescoço de seu amigo. Quando fez retroceder ao Qhuinn, agarrou com força a mão em que o tipo tinha a arma se por acaso tratasse de girar e disparar.

Outro lessen entrou como um canhão (tiro de canhão) na cozinha, Blay colocou mãos à obra, agarrando uma faca de açougueiro de um exibidor de facas do Henckels. Quando enfrentou ao pálido bastardo, o assassino fez aparecer uma navalha e os dois começaram a andar em círculos. Blay estava tenso, seu grande corpo preparado para atacar, os olhos alerta. O problema era que ainda continuava sangrando por quão feridas recebeu antes de ir-se,

estava pálido e cansado por tudo o que aconteceu.

Qhuinn levantou o canhão de sua arma apesar de que John o estava sujeitando a mão.

Quando John sacudiu a cabeça, Qhuinn vaiou.

—Me solte. Agora mesmo.

O tom de sua voz foi tão mortalmente sereno, que John obedeceu.

Qhuinn pôs uma bala precisamente entre os olhos do lessem, fazendo que a coisa caísse como um boneco.

—Que caralho? — trovejou Blay — Era meu.

—Não vou observar como o cortam em pedaços. Isso não vai acontecer.

Blay apontou ao Qhuinn com um dedo tremente.

—Não volte a fazer algo assim.

—Esta noite perdi gente a que não suportava. Não vou perder a alguém que realmente me importa.

—Não necessito que seja meu herói...

John ficou no meio dos dois.

A casa, gesticulou. Agora.

—Poderiam haver mais...

—Provavelmente haja mais...

Quando o telefone de Blay soou, os três ficaram imóveis.

—É Wrath. — Os dedos de Blay voaram sobre as teclas — Realmente nos quer em casa. E John, comprova seu telefone, acredito que não funciona.

John tomou a coisa de seu bolso. Estava morto e bem morto, mas agora não havia tempo para entender por que. Talvez pelos enfrentamentos?

Vamos, assinalou.

Qhuinn se aproximou do suporte das facas, tirou um denteado, e apunhalou tanto ao lesser que o converteu em um coador como ao que enviou de volta para o Omega com o disparo certo.

Movendo-se rapidamente, asseguraram a casa como melhor puderam, puseram o alarme, e se amontoaram no Mercedes de Fritz, com o Qhuinn no volante e Blay e John no assento traseiro.

Quando se dirigiram à Rota 22, Qhuinn começou a levantar o painel divisório.

—Se vamos voltar para a mansão, não pode saber onde está, Blay.

Que era, é obvio, só parte da razão pela que estava levantando o escudo. Qhuinn queria estar sozinho. Era o que necessitava sempre que se sentia confundido e a razão pela qual John se ofereceu a fazer-se passar pela Miss Daisy.

Na densa escuridão do assento traseiro, John jogou uma olhada ao Blay. O menino estava recostado sobre o assento de couro como se sua cabeça pesasse como um bloco de cimento e seus olhos pareciam fundos em seu crânio. Parecia ter cem anos.

Em termos humanos.

John pensou no tipo que foi só umas noites atrás, quando foram ao Abercrombie,

passeando pelas prateleiras de camisas, sustentando uma e outra para avaliá-las. Contemplando agora ao Blay, era como se aquele menino ruivo da loja fosse um primo longínquo, mais jovem que a pessoa que estava no Mercedes, alguém com o mesmo colorido e a mesma altura, mas nada mais em comum.

John deu um toque a seu amigo no antebraço.

Temos que pedir à doutora Jane que te examine.

Blay baixou o olhar por sua branca camisa e se surpreendeu de encontrá-la manchada de sangue.

—Suponho que era por isso que minha mãe andava ao meu redor. Não dói.

Bem.

Blay se voltou e olhou fixamente pela janela, embora fosse impossível ver através dela.

—Meu pai disse que podia ficar. Para lutar.

John assobiou suavemente para que girasse a cabeça.

Não sabia que seu pai podia dirigir assim a espada.

—Antes de se aparar com minha mãe, foi um soldado. Obrigou-o a deixá-lo — Blay esfregou a camisa embora o sangue estava impregnado nas fibras, as manchando — Quando Wrath me chamou e me pediu que fosse buscar a vocês dois tiveram uma grande discussão. Minha mãe se preocupa de que possa resultar morto. Meu pai quer que demonstre ser um macho de valor neste momento de necessidade da raça. Assim aí o tem.

O que quer você?

Os olhos do menino se dispararam para o painel divisório e logo examinaram todo o assento traseiro.

—Quero lutar.

John se reclinou contra o assento.

Bem.

Depois de um longo silencio, Blay disse:

—John?

John girou a cabeça lentamente, sentindo-se tão exausto quanto Blay aparentava estar.

O que? articulou, porque não tinha força para gesticular.

—Ainda quer ser meu amigo? Apesar de que seja gay.

John franziu o cenho. Logo se sentou direito, fechou a mão formando um punho, e deu um murro a seu companheiro em cheio no ombro.

—Né! Que caralho...

Por que não quereria ser seu amigo? Além do fato que seja um idiota de merda por me perguntar isso?

Blay se acariciou o lugar onde o golpearam.

—Lamento-o. Não sabia se isso trocava as coisas O... Não volte a fazer isso! Tenho uma ferida ali!

John voltou a reclinar-se no assento. Estava a ponto de gesticular outro, Estúpido idiota, ao tipo, quando se deu conta que ele se perguntou o mesmo depois do que ocorreu no

vestiário.

Olhou a seu amigo.

Para mim é exatamente o mesmo.

Blay respirou fundo.

—Não disse a meus pais. Você e Quinn são quão únicos sabem.

Bem, quando disser a eles ou a quem seja, ele e eu estaremos a seu lado. Em tudo.

A pergunta que John não tinha pelotas para formular deve ter aparecido em seus olhos, porque Blay estendeu a mão e tocou seu ombro.

—Não. Absolutamente não. Não acredito que haja nada que pudesse fazer que te valorasses menos.

Os dois soltaram idênticos suspiros e fecharam os olhos ao mesmo tempo. Nenhum dos dois pronunciou outra palavra durante o resto da viagem para casa.

Lash se sentou no assento de passageiros do Focus e teve a frustrante sensação de que apesar dos ataques que promoveu nas casas da aristocracia, a Sociedade não estava captando o panorama. Os lessers estavam recebendo ordens do senhor D, não dele.

Demônios, nem sequer sabiam que ele existia.

Jogou uma olhada ao senhor D, cujas mãos estavam situadas as dez e as dois sobre o volante. Uma parte dele queria matar ao tipo só por despeito, mas seu lado lógico sabia que tinha que manter ao bastardo vivo para usá-lo como porta-voz... ao menos até que pudesse demonstrar quem era ele ante o resto de suas tropas.

Tropas. Amava aquela palavra.

Era a segunda palavra que mais apreciava depois de delas.

Talvez pudesse desenhar um uniforme. Como o de um general ou algo assim.

Estava seguro como o inferno que o merecia, considerando a acertada que era sua estratégia militar. Era um maldito gênio... e o fato de usar o que a Irmandade lhe ensinou durante o treinamento contra eles, era condenadamente glorioso.

Entretanto, nos passados séculos, a Sociedade Lessening esteve metendo-se somente com a população de vampiros. Com pouca inteligência para continuar, e uma força de soldados descoordenada, era uma estratégia de caça e perseguição que reportou muito pouco êxito.

Não obstante, ele, pensava muito bem, e tinha o conhecimento para pôr em funcionamento seus planos.

A forma de eliminar os vampiros era romper a vontade coletiva da sociedade, e o primeiro passo era a desestabilização. Os chefes de quatro das seis famílias fundadoras da glymera foram aniquilados. Teria que ir atrás dos outros dois, e uma vez que estivessem mortos, os lessers poderiam começar com o resto da aristocracia. Tendo atacado e dizimado a glymera, o que ficava do Conselho do Princeps, voltar-se-ia contra Wrath porque era o Rei. Formariam-se facções rivais. Sobreviriam lutas pelo poder. E Wrath, como líder forçado a tratar com a inquietação civil, os desafios a sua autoridade, e com uma guerra em curso

cometeria crescentes enganos de julgamento, que exacerbariam a instabilidade.

As conseqüências não só seriam políticas. Mais assaltos a casas significavam que haveria menos díizimos para a Irmandade devido a uma diminuição na base que sustenta ao fisco. Menos aristocratas significavam menos empregos para os civis, e isso causaria apuros financeiros às classes baixas com a conseqüente erosão em seu apoio ao Rei. Todo o assunto seria um círculo vicioso que conduziria devidamente a que Wrath fosse destituído, morto ou relegado a uma figura decorativa sem poder algum... e a estrutura social dos vampiros se afundaria ainda mais profundamente na privada. Quando tudo fosse um caos total, Lash entraria e varreria o que ficava.

Só uma coisa seria melhor, uma praga de vampiro.

Até agora seu plano estava funcionando, esta primeira noite foi um completo êxito. Encheu o saco porque o filho de puta de Qhuinn não tinha estado em sua casa quando a assaltaram, já que gostaria de poder matar a seu primo, mas se informou de algo interessante. No escritório de seu tio encontrou documentos de renúncia, que expulsavam ao Qhuinn da família. O que significava que o pobre pequeno merda díspar de Qhuinn andava solto por algum lugar... embora evidentemente não onde vivia Blay já que sua casa também foi assaltada.

Sim, lamentava que Qhuinn não estivesse em casa, mas ao menos tinham capturado vivo a seu irmão. Isso ia ser divertido.

Houve várias perdas da Sociedade, sobre tudo na casa de Blay e na do mesmo Lash, mas no panorama geral, a maré se inclinava fortemente a favor de Lash.

De toda forma a rapidez era crítica. A glymera correria a seus refúgios, e embora soubesse a localização de algumas áreas nas que poderia encontrar alguns deles, a maior parte estava fora do estado, isso significava perda de tempo em viagens para seus homens. Para apressar as mortes, tinham que assaltar tantas direções como fosse possível aqui na cidade.

Mapas. Necessitavam mapas.

Enquanto Lash pensava nisso, gemeu-lhe o estômago.

Necessitavam mapas e alimento.

—Para nesse posto—ladrou.

O senhor D não pôde virar à esquerda a tempo, então parou e deu marcha ré.

—Necessito refeição — disse Lash — E mapas para...

Ao outro lado da rua, as luzes azuis de um carro patrulha do Departamento de Polícia de Caldwell, acenderam-se e Lash blasfemou.

Se a polícia viu sua infração de trânsito, estavam em graves problema. No porta-malas do Focus havia pistolas e outras armas de fogo. Roupa ensangüentada, carteiras, relógios e anéis de vampiros mortos.

Colossal. Uma cagada colossal. Evidentemente o oficial não fez uma parada urgente para comer um donut, porque se dirigia diretamente para eles.

—Estou. Fodido. — Lash olhou ao senhor D enquanto o tipo se detinha no encostamento

— Me diga que tem uma carteira de motorista válida com você.

— É obvio que sim. — O senhor D estacionou o carro e baixou o vidro enquanto um dos «para proteger e servir» de Esquente se aproximava deles — Oi, Oficial. Tenho minha carteira de motorista justo aqui.

— Também necessito os papéis do carro. — O policial se inclinou para o carro e logo fez uma careta como se não gostasse do aroma.

Deus, certo. O aroma de talco de bebê.

Lash se reclinou para trás quando o senhor D se estirou para abrir o porta-luvas, tranqüilo como se não passasse nada. Quando tirou um pedaço de papel branco do tamanho de um cartão, Lash rapidamente comprovou a documentação. Certamente parecia oficial. A maldita coisa tinha o selo do Estado de Nova Iorque, estava em nome de Richard Delano, e a direção era no 1583 da rua Dez, apartamento 4F.

O senhor D lhe entregou tudo através do vidro.

— Sei que deveria ter dado marcha ré, senhor. Só queríamos algo para comer e passei a entrada do estacionamento.

Lash contemplava ao senhor D, impressionado pela notável demonstração de talento interpretativo. Enquanto olhava à polícia, D era a combinação justa de estou infelizmente envergonhado, desculpo-me sinceramente e sou uma pessoa comum. Merda, seu rosto deveria estar na frente de uma caixa de cereais para demonstrar a forma correta de mover as mandíbulas, além disso lançava a palavra senhor como se fosse o amém em uma igreja. Ele era a personificação de tudo o que era íntegro. Cheio de vitaminas e fibra. Um pacote energético, que representava a antiga e boa nutrição americana.

O oficial olhou a documentação e a devolveu. Dirigiu a lanterna ao interior do carro e disse:

— Não o volte a fazer...

Quando viu Lash franziu o cenho.

A atitude do policial de «estou perdendo meu valioso tempo» se foi em uma fração de segundo. Inclinando o rádio que tinha preso na lapela para sua boca, pediu reforços e logo disse:

— Senhor, vou ter que pedir que saia do carro.

— Quem, eu? — disse Lash. Foda-se não tinha nenhuma identificação com ele —. Por quê?

— Senhor, por favor, saia do carro.

— Não, a menos que me diga por que.

Baixou a lanterna e iluminou a correia de cão que Lash tinha ao redor do pescoço.

— Faz aproximadamente uma hora, recebemos uma denúncia de uma mulher no Screamer's contra um homem branco, de dois metros de altura, loiro, rapado, com um colar de cão. Assim necessito que saia do carro.

— Qual foi a denúncia?

— Assalto sexual. — A outra patrulha de polícia estacionou diante deles, logo deu

marcha ré até virtualmente apoiar-se nos faróis do Focus — Senhor, por favor, saia do veículo.

Aquela puta que estava na barra foi à polícia? Tinha-lhe suplicado que o fizesse!

—Não.

—Se você não sair do carro, o tirei daí.

—Sai do carro — disse o senhor D em voz baixa.

O segundo oficial rodeou o Focus e abriu a porta de Lash.

—Senhor, saia do carro.

Não podia estar acontecendo isso. Esses fodidos humanos idiotas? Era o filho do Omega, pelo bom Cristo. Não seguia as regras dos vampiros, muito menos umas que governavam aos Homo Sapiens.

—Senhor? — disse o policial.

—Que tal se fodes com seu Taser (arma de choque)?

O oficial se inclinou e lhe segurou o braço.

—Você está preso por assalto sexual. Tudo que diga pode e será usado contra você no tribunal. Se você não pode contratar um advogado...

—Você não pode estar falando fodidamente a sério...

—... lhe proporcionará um. Entende estes direitos...

—Me solte.

—... que foram lidos?

Foram necessários dois oficiais para arrastar ao Lash para fora do carro, e como não podia ser de outra forma, reuniu-se um grupo de gente. Merda. Ainda quando facilmente pudesse arrancar os braços de ambos e meter-lhe pelo traseiro, não podia se dar ao luxo de fazer uma cena. Havia muitas testemunhas.

—Senhor, entende você estes direitos? — Isto foi dito ao Lash enquanto o faziam girar, empurravam-o contra o capô do carro, e o algemavam.

Lash olhou ao senhor D através do pára-brisa, seu rosto não era inocente como um bolo de maçãs. O tipo tinha os olhos entrecerrados, e sua única esperança era que estivesse espremendo o cérebro para encontrar a maneira de tirá-lo dessa confusão.

—Senhor? Entende você estes direitos?

—Sim — cuspiu Lash — Fodidamente bem.

O policial que estava a sua esquerda se inclinou para ele.

—A propósito, vamos adicionar a acusação de resistência à prisão. E essa loira? Tinha dezessete anos.

Capítulo 37

Atrás da mansão da Irmandade, os pés machucados de Cormia percorriam a curta

grama tão rápido quanto podiam levá-la. Corria para ocultar-se de si mesmo, corria com a esperança de encontrar um pouco de claridade, corria porque não havia nenhum lugar ao que queria ir mas tampouco podia ficar onde estava.

Sua respiração entrava e saía com força de seus pulmões, ardiam-lhe as pernas, tinha os braços intumescidos, mas ainda assim seguia correndo, correu ao longo da parede de contenção que estava nos confins do bosque, logo deu a volta e retornou para os jardins.

Layla e o Primale. Layla ditando com o Primale. Layla nua com o Primale.

Correu mais rápido.

Ele ia escolher Layla. Sentia-se incômodo com seu papel, por isso escolheria a alguém a quem tivesse visto antes, alguém que, além disso, tinha servido a seus Irmãos com discrição e graça. Teria inclinação por alguém que lhe resultasse familiar.

Escolheria a Layla.

Sem advertência prévia, a Cormia fraquejaram as pernas e se derrubou como um vulto exausto.

Quando se recuperou o suficiente para levantar a cabeça, franziu o cenho e ofegou. Caiu sobre um estranho emplastro de grama recentemente removida, uma extensão imperfeita que tinha quase dois metros de diâmetro. Era como se algo tivesse sido queimado ali e a terra ainda tivesse que recuperar-se.

Parecia apropriado a muitos níveis distintos.

Rodando para deitar-se de costas, olhou o céu noturno. Ardiam-lhe as coxas igual a seus pulmões, mas o fogo verdadeiro estava em seu cérebro. Não pertencia a este lado. Mas não podia suportar a idéia de retornar ao Santuário.

Era como o ar do verão que se estendia entre a terra verde e coberta de erva e a galáxia cheia de estrelas. Não estava nem aqui nem ali... e, além disso, era invisível.

Levantando-se, começou a caminhar lentamente de retorno ao terraço da mansão. Os abajures brilhavam nas janelas da casa e quando jogou um olhar a seu redor, compreendeu que ia sentir saudades das cores noturnas deste mundo: os vermelhos, rosas, amarelos e púrpuras das rosas de chá, luziam apagadas, como se as flores se sentissem tímidas. Dentro da biblioteca, o vermelho profundo das cortinas era como uma fogueira acesa, e a sala de bilhar parecia ter sido construída com esmeraldas, com um vívido verde escuro.

Tão encantador. Tudo era tão encantador, uma festa para os olhos.

Para postergar a partida um pouco mais, foi à piscina.

A água negra lhe falou, a superfície brilhante sussurrou melódiosos lamentos e fez gestos com faiscantes reflexos de raios de lua que se projetavam sobre suas tranqüilas ondas.

Deixando cair à bata, mergulhou na suave escuridão, penetrando a superfície da piscina, indo até o mais profundo e ficando ali enquanto bracejava na água.

Quando emergiu no extremo mais afastado, a resolução entrou em seu corpo junto com o ar que inalou. Diria ao Fritz que partia, e pediria que comunicasse a Bela. Logo iria ao Santuário e pediria uma audiência com a Directrix Amalya... na qual apresentaria a solicitude de transformar-se em escriba encerrada.

Sabia que um de seus deveres como escriba consistiria em registrar a descendência do Primale, mas era melhor tratar com eles na terra das letras que ter que ver com seus próprios olhos às legiões de meninos de cabelo multicolorido e encantadores olhos amarelos.

E haveria crianças. Embora tivesse impugnado sua força, o Primale ia fazer o que devia. Estava lutando inclusive mais que antes com seu papel, mas seu sentido de dever se sobreporia a seu ego.

Bela estava correta na valoração que fez dele.

— Bom olá.

Cormia exalou sobressaltada e ficou olhando diretamente um par de gigantescas botas com pontas de metal. Assustada, percorreu com os olhos o enorme e esbelto corpo de um macho vestido com o que eles chamavam jeans.

— E você quem é? — perguntou com voz suave e cálida, ficando de cócoras. Seus olhos eram muito chamativos, intensos... e díspares, com pestanas da mesma cor de seu denso cabelo negro.

Antes que pudesse responder, John Matthew apareceu detrás dele e assobiou ruidosamente para chamar sua atenção. Quando o macho que estava à beira da água olhou sobre seu ombro, John agitou a cabeça e fez gestos freneticamente.

— OH... merda, perdão. — O macho de cabelo escuro se levantou em toda sua estatura e elevou as mãos como se estivesse tratando de deter-se assim mesmo — Não sabia quem era.

Outro macho saiu da casa através das portas da biblioteca. Este era ruivo, tinha manchas de sangue na camisa e sobre ele se abatia um ar de esgotamento absoluto.

Eram soldados que lutavam junto ao John, pensou. Soldados jovens.

— Quem é? — perguntou-lhe, ao que tinha os encantadores olhos desiguais.

— Qhuinn. Venho com ele. — Seu polegar assinalou ao John Matthew — O ruivo é...

— Blaylock — cortou o outro abruptamente — Sou Blaylock.

— Só saí para nadar um pouco — disse ela.

— Já vejo. — O sorriso de Qhuinn era amistoso, tinha perdido sua sensualidade.

Mas ainda se sentia atraído por ela. Podia notá-lo. E ali foi quando compreendeu que devido ao caminho que tinha escolhido seguir, permaneceria intacta para sempre. Em seu papel de escriba encerrada, nunca estaria entre as que o Primale visitaria para manter relações sexuais.

Isso significava que aquela tormenta incipiente que se produziu dentro dela de forma tão gloriosa nunca mais seria convocada nem liberada de novo.

Jamais.

Quando a grande extensão de anos de vida que ficavam desdobrou ante ela, uma inquieta e desesperada corda em seu interior foi movida, e as vibrações de sua insatisfação a impulsionaram através da água quente para a escada. Agarrando os corrimões saiu à superfície e sentiu o ar fresco sobre seu corpo e soube que os três soldados estavam olhando-a.

Esse conhecimento a deprimiu e a animou ao mesmo tempo. Seria a última vez que um

macho observaria seu corpo, e era muito duro pensar que estava encerrando toda sua feminilidade para sempre. Mas não podia estar com outro que não fosse o Primale, e não podia suportar estar com ele na atual situação com todas suas irmãs. Assim que este era o fim.

Em alguns momentos, colocaria a túnica, a fecharia e diria adeus a aquilo que nunca começou realmente.

Assim não se desculparia por sua nudez nem esconderia seu corpo ao sair do gentil abraço da água.

Phury se materializou nos jardins da parte traseira da mansão da Irmandade porque não tinha vontade de encontrar-se com ninguém. Com tudo o que tinha em mente, entrar pela porta dianteira e correr o risco de...

Seus pés se detiveram, seu coração se deteve, sua respiração se deteve.

Cormia estava saindo da piscina, sua resplandecente curva de fêmea jorrando água... enquanto três machos recém passados pela transição, permaneciam aproximadamente a três metros de distância com as línguas pendurando até os umbigos.

OH... Infernos... não.

O macho vinculado que havia nele surgiu como uma besta, liberando-se das mentiras a respeito de seus sentimentos com as quais alimentava a si mesmo, rugindo da cova de seu coração, despojando-o de tudo o que era civilizado.

Tudo o que sabia era que sua fêmea estava de pé nua, sendo cobiçada por outros.

Era tudo o que importava.

Antes que tivesse consciência do que estava fazendo, Phury lançou um grunhido que penetrou o ar como o estalo de um trovão. Os olhos de John Matthew e os de seus amigos se dispararam em sua direção, e os três deram um passo atrás como se fossem um. Uma séria retirada. Como se a piscina se incendiasse.

Cormia, por outro lado, nem sequer o olhou. E tampouco correu a cobrir-se. Em vez disso, deliberadamente, tomou seu tempo para levantar a túnica e a deslizou sobre seus ombros, com desafio latente.

Isso o avivou como nenhuma outra coisa poderia havê-lo obtido.

— Entra na casa — exigiu — Agora.

Quando o olhou, sua voz era tão acalmada quanto seus olhos:

— E se não quiser fazê-lo?

— Te Porei sobre meu ombro e a levarei para dentro — Phury se voltou para os moços - É nosso problema. Não o seu. Parte, se souberem o que lhes convém. Agora.

O trio vacilou até que Cormia lhes disse:

— Tudo vai estar bem. Não se preocupem.

Quando partiram, Phury tinha o pressentimento de que não foram muito longe, mas Cormia não necessitava amparo. Os machos vinculados eram mortalmente perigosos para qualquer um menos para suas companheiras. Estava fora de controle, sim, mas era ela quem possuía seu mando a distância.

E suspeitava que ela sabia.

Cormia levantou as mãos e escorreu o cabelo serenamente.

— Por que quer que entre?

— Vai caminhando ou tenho que te levar?

— Perguntei-te por que.

— Porque vai a meu dormitório — Essas palavras foram empurradas fora de sua boca pelo rugido de sua respiração.

— Ao seu quarto? Não querará dizer ao meu? Porque faz cinco meses me disse que saísse do seu.

Seu pênis era o assento da besta, estirando-se para ser liberado e poder estar dentro dela. E a excitação era inegável: Seu trem estava sobre a via. Seu bilhete foi selado. A jornada tinha começado.

Para a Cormia também.

Phury se aproximou. O corpo dela rugia pelo calor da paixão, tanto que podia senti-lo contra sua própria pele, e o aroma de jasmim que despedia era tão denso quanto seu mesmo sangue.

Ele despiu as presas e vaiou como um gato.

— Iremos a meu quarto.

— Mas não tenho nenhuma razão para ir a seu quarto.

— Sim. Tem.

Ela jogou o cabelo retorcido descuidadamente sobre o ombro.

— Não, temo-me que não.

Dizendo isso, deu-lhe as costas e começou a caminhar lentamente para a casa.

Ele a rastreou como uma presa, seguiu-a pego a seus calcanhares através da biblioteca, pela grande escada, e a seu quarto.

Ela abriu um pouco a porta e entrou.

Antes que pudesse fechá-la, ele pôs a palma ao redor do painel de madeira e abriu caminho de um empurrão. Foi ele que fechou a porta. E pôs passou a chave.

— Tire a túnica.

— Por quê?

— Porque se não o faz, vou rasgá-la.

Levantou o queixo e deixou cair às pálpebras, por isso embora tivesse que olhar para cima para poder encontrar seus olhos, ainda podia olhá-lo de forma ativa, por cima de seu nariz.

— Por que necessita que me dispa?

Com cada osso territorial de seu corpo, grunhiu:

— Vou marcar-te.

— Sério? Compreende que isso não tem nenhum sentido.

— Tem todo o sentido do mundo.

— Antes não me desejava.

—E uma merda, se não o fazia.

—Comparou-me com outra fêmea com a que tratou de estar, mas com a qual finalmente não pôde fazer nada.

—E você não me deixou terminar de falar. Ela era uma prostituta que comprei com o único propósito de perder minha virgindade. Não era uma fêmea que eu desejasse. Não foi você — Inalou seu aroma e ronronou. — Ela não foi você.

—Mas ainda assim aceitou a Layla não é certo? — Quando não respondeu, caminhou para o banheiro e ligou a ducha — Sim, fez. Como Primeira Companheira.

—Isto não se trata dela — disse da porta.

—Como não vai tratar-se dela? As escolhidas somos uma única entidade e eu ainda sou parte delas. — Cormia se voltou, enfrentou-o e deixou cair à túnica — Ou não o sou?

A verga de Phury se estrelou contra a parte interna de seu zíper. Seu corpo definitivamente brilhava sob as luzes do teto, tinha os peitos firmes e em ponta, as coxas ligeiramente abertas.

Entrou na ducha, e ele a observou enquanto arqueava as costas para lavar o cabelo. Com cada movimento que ela fazia, ele perdia um pouco mais do escasso comportamento civilizado que ficava. Na mais oculta e distante prateleira de seu cérebro, sabia que devia sair dali, porque estava a ponto de fazer que uma situação já de por si só complicada, se convertesse em um pouco diretamente insustentável. Mas seu corpo encontrou o alimento que necessitava para sobreviver.

E no momento em que saísse dessa maldita ducha ia comê-la viva.

Capítulo 38

Sim, ia deixar-lhe.

Enquanto Cormia esfregava a espuma do cabelo, compreendeu que no momento em que deixasse a ducha, ia terminar debaixo do Primale.

Ia deixar tomá-la. E no processo ia tomar a ele.

Já tivera suficientes por pouco e quase e somos ou não somos. Teve suficiente do retorcido destino no que ambos estavam presos. Já teve suficiente de fazer o que diziam que devia fazer.

Queria-o. E ia tê-lo.

Ao diabo com suas irmãs. Era dele.

Embora só por esta noite, assinalou-lhe uma voz interior.

—Foda-se — disse à parede de mármore.

Deu um tapa a torneira fechando-a e abriu de um puxão a porta. Quando o fluxo de água se cortou, encarou ao Primale.

Estava nu. Ereto. Com as presas totalmente expostas.

O rugido que emitiu foi o de um leão, e enquanto o som reverberava por todas as paredes de mármore do quarto de banho, sentiu que se umedecia ainda mais entre as pernas.

Aproximou-se, e ela não lutou quando a segurou pela cintura e a levantou. Não foi suave, mas não queria suavidade... e para assegurar-se que ele sabia mordeu seu ombro quando estava entrando no dormitório.

Rugiu outra vez e a atirou sobre a cama, fazendo ricochetear seu corpo uma vez. Duas vezes. Voltou-se sobre seu estômago e começou a engatinhar afastando-se só para obrigá-lo a suar um pouco. Não pensou dizer não, mas maldita seja, ia ter que persegui-la...

O Primale saltou sobre suas costas e a sujeitou pelas mãos por cima da cabeça. Quando tratou de girar-se abaixo ele, separou-lhe as pernas com o joelho e a manteve no lugar com seus quadris. Sua ereção deslizou para baixo e a mediu, provocando que se arquear-se.

Concedeu-lhe o espaço suficiente, o suficiente para que pudesse girar os ombros e olhá-lo.

Beijou-a. Profunda e longamente. E lhe devolveu o beijo em igual medida, renunciando a continuar apanhada na tradição de submissão das Escolhidas.

Com um súbito movimento, ele se retirou, trocou-se um pouco de lugar, e...

Cormia gemeu quando penetrou seu corpo com um suave golpe. E logo não houve tempo para falar, pensar ou atrasar-se pensando na dor sentida quando seus quadris se converteram em uma força condutora. Sentia-se tão bem, tão correto, tudo isso, do aroma de seu escuro aroma de especiarias ao o peso de seu corpo, o modo em que o cabelo caía no seu rosto e os ofegos que saíam de ambas as bocas entreabertas.

Quando seus impulsos se fizeram mais profundos, moveu as pernas as separando ainda mais e com seus próprios quadris ecoou ao ritmo que ele impunha.

As lágrimas afluíram a seus olhos, mas não se deteve para pensar duas vezes nelas quando o ímpeto implacável dele a envolveu e um nó de fogo começou a apoderar do lugar onde ele estava bombeando dentro e fora de seu corpo até que pensou que se queimaria viva... e não lhe pareceu que isso fosse algo mau, para dizer o mínimo.

Ambos se fundiram ao mesmo tempo, e em meio a seu próprio clímax ela captou uma visão dele por cima do ombro, tinha a cabeça arremessada para trás, a mandíbula apertada e os grandes músculos de seus braços destacavam contra a suave pele. Logo quando seu próprio corpo rodeava e liberava, rodeava e liberava, esteve muito perdida para ver absolutamente nada, os ávidos puxões que dava ao sexo o faziam gemer e sacudir-se enquanto extraía a marca de sua posse.

E então pareceu.

Depois da consumação, pensou nas tormentas do verão que dominavam a mansão de vez em quando. Quando estas se retiravam, a quietude se percebia ainda mais profunda do que o habitual devido à fúria que elas desataram. Isto era o mesmo. Com seus corpos em calma, a respiração aquietando-se e os corações desacelerando-se, era difícil recordar a vivida urgência que os impeliu até ali, por volta deste agora... momento de clamoroso silêncio.

Observou como em seu semblante, a consternação e logo o abjeto horror, tomava o lugar

do que em um princípio foi um obsessivo impulso de marcá-la.

O que esperava? Que esse baile de corpos fosse fazê-lo renunciar a seu status do Primale, renegar seu voto, e declará-la sua única e verdadeira shellan? Que estivesse encantado de que justo antes de sua partida tivessem feito, como resultado de um apaixonado impulso, o que deveriam ter feito meses antes, com reverência e premeditação?

—Por favor sai de mim — disse com voz estrangulada.

Phury não podia entender o que fez, e entretanto a prova estava ali. O corpo magro da Cormia estava sob seu corpo pesado, seu rosto estava úmido pelas lágrimas, e tinha contusões nos pulsos.

Tinha tomado sua virgindade por atrás, como se fosse um cão. Dominou-a e a fez submeter-se porque era mais forte. Penetrou-a sem emprestar atenção à dor que definitivamente ela deveria ter sentido.

—Por favor sai de mim. — Tremia-lhe a voz, e a palavra por favor o matou. Só podia rogar-lhe pois estava completamente dominada.

Saiu de seu interior e se desceu da cama, tombando como um bêbado.

Cormia se girou sobre um flanco e pregou as pernas contra seu corpo. Sua coluna vertebral parecia muito frágil, a delicada coluna de ossos dava a sensação de ser completamente quebradiça sob a pele pálida.

—Sinto muito. — Deus, aquelas duas palavras eram semelhantes a cubos vazios.

—Por favor só vai.

Considerando como se impôs a ela, fazer honra a sua petição nesse momento pareceu algo transcendental. Ainda quando deixá-la era a última coisa que queria fazer.

Phury entrou no quarto de banho, colocou a roupa, e se dirigiu para a porta.

—Depois temos que falar...

—Não haverá um depois. Vou solicitar me converter em escriba encerrada. Para poder registrar a historia, sem ser parte dela.

—Cormia, não.

—É onde pertenço. — Disse olhando por cima do ombro.

Voltou a recostar a cabeça sobre o travesseiro.

—Vai — disse — Por favor.

Não teve conhecimento consciente de ir para a porta nem de sair por ela. Mais tarde se precaveu que estava de volta em seu quarto, sentado na beira da cama, fumando um nésio. No silêncio que o rodeava, tremiam-lhe as mãos, o coração funcionava como um tambor eletrônico quebrado e dava golpes no chão com o pé.

O feiticeiro ocupava a parte dianteira e central da mente de Phury, de pé com o manto negro agitando-se no vento, a silhueta de beiras irregulares contrastava contra um vasto horizonte cinza. Na mão, fazendo equilíbrio sobre sua palma, tinha um crânio.

Os olhos deste eram amarelos.

Disse-te que lhe faria mal. Disse-lhe isso.

Phury olhou o apertado canudo de fumaça vermelha que tinha na mão e tratou de ver

qualquer outra coisa além da destruição. Não pôde. Foi uma besta.

Disse-te o que ia passar. Eu tinha razão. Tive razão desde o começo. E a propósito, seu nascimento não foi a maldição. Não foi o que nascesse depois de seu gêmeo. Você é a maldição. Tanto se tivessem nascido cinco bebês com você ou nenhum, o resultado final de todas as vidas ao seu redor teria sido o mesmo.

Alargando a mão para pegar o controle remoto, Phury acendeu seu som Bose, mas no mesmo instante em que uma das deliciosas e formosas óperas de Puccini alagou o quarto, as lágrimas buliram em seus olhos. Tão preciosa, a música, e tão insuportável quando comparou o mágico tom de voz de Luciano Pavarotti com o grunhido que articulou quando tinha estado em cima de Cormia.

Tinha-a dominado. Sujeito seus braços. Montado por atrás...

Você é a maldição.

Quando a voz do feiticeiro continuou amassando em sua mente, sentiu que a hera do passado se apoderava dele novamente, todas as coisas que fracassou, todas as diferenças que não conseguiu fazer, todo o cuidado que tratou de pôr, mas não alcançou... E agora havia uma nova capa. A capa de Cormia.

Ouviu o último fôlego resfoleguem de seu pai. E o rangido do corpo de sua mãe elevando-se em chamas. E a cólera de seu gêmeo por ter sido resgatado.

E o pior de tudo, ouviu a voz de Cormia: Por favor sai de mim.

Phury tampou as orelhas com as mãos embora isto não servisse de ajuda.

Você é a maldição.

Com um gemido, apertou as Palmas das mãos a ambos os lados de seu crânio com tanta força que seus braços tremeram.

Você não gosta da verdade? Cuspiu o feiticeiro. Você não gosta de minha voz? Você sabe como fazer que vá.

O feiticeiro deixou cair o crânio no matagal de ossos a seus pés. Você sabe como fazê-lo.

Phury fumou com desespero, aterrorizado por tudo o que estava em sua cabeça.

O néscio não conseguia alcançar o ódio a si mesmo nem as vozes.

O feiticeiro pôs a bota negra com ponta em forma de garra em cima do crânio de olhos amarelos. Você sabe o que tem que fazer.

Capítulo 39

No profundo de uma cova no Parque Estatal de Black Snake, situado nas Adirondacks ao norte do estado, o macho que fazia dois dias, ao chegar à alvorada, sofreu um colapso tratava de entender por que sentia ao sol brilhando sobre ele e ainda não tinha estalado em chamas. A menos que, estaria no Fade?

Não... isto não podia ser o Fade. Os atributos e dores de seu corpo e o grito de agonia

em sua mente eram muito parecidos com os que sentia quando estava na Terra.

Mas, e o sol? Estava banhado em sua cálida incandescência, e ainda assim respirava.

Foda-se, se toda essa merda de «vampiro-na-luz-do-dia» era mentira, a totalidade de sua raça era uma reverenda idiota.

Mas, espera um momento, não estava em uma cova? Então Como podiam alcançá-los raios?

—Come isto — disse a luz do sol.

Bem, se tinha à idéia, por mais improvável que fosse, de que estava vivo, então, evidentemente estava alucinando. Porque o que estavam pondo frente a seu rosto se parecia com uma Big Mac do Mc Donald's, e isso era impossível.

A menos que realmente estivesse morto, e o Fade tivesse os Arcos Dourados em vez das portas de ouro?

—Olhe — disse a luz do sol — se seu cérebro esqueceu como comer, só abre essa tua boca. Enfiarei esta merda dentro e veremos se seus dentes recordam o que devem fazer.

O macho separou seus lábios, porque o aroma da carne estava despertando seu apetite e o fazia babar como um cão. Quando lhe encheram a boca com o hambúrguer, sua mandíbula ficou em piloto automático, fechando-se com força.

Enquanto rasgava uma parte, gemeu. Por um breve momento, a formigação de aprovação de suas papilas gustativas lembrou todo seu sofrimento, incluída a merda mental. Tragar lhe extraiu outro gemido.

—Toma mais — disse a luz do sol, voltando a pressionar a Big Mac contra seus lábios.

O comeu todo. E algumas batatas fritas que estavam mornas, mas ainda assim eram uma bênção do céu. Então elevaram sua cabeça e sorveu um pouco da Coca-cola levemente aguada.

—O Mc Donald's mais próximo está a 32 quilômetros de distância — disse a luz do sol, como se quisesse encher o silêncio — Por isso não está tão quente quanto poderia está-lo.

O macho queria mais.

—Sim, trago-te uma segunda ração. Abre grande.

Outro Big Mac. Mais batatas fritas. Mais Coca-cola.

—Fiz tudo o que estava em minhas mãos, mas necessita sangue —disse a luz do sol, como se fosse um menino — E precisa voltar para casa.

Quando o macho sacudiu a cabeça, deu-se conta que estava deitado de barriga para cima com uma rocha como travesseiro e com um sujo chão como colchão. Embora não estava na mesma cova que antes. Esta cheirava diferente. Esta cheirava A... Ar fresco, ar fresco da primavera.

Embora... Talvez fosse o aroma da luz do sol?

—Sim, deve voltar para casa.

—Não...

—Bem, então temos um problema, você e eu — resmungou a luz do sol. Houve um movimento de arrasto como se alguém de grande tamanho estivesse ficando de cócoras —

Você é o favor que tenho que devolver.

O macho franziu o cenho, tomou fôlego com dificuldade, e grasnou:

— Nenhum lugar ao que ir. Nenhum favor.

— Não é sua decisão, amigo. Nem a minha. — Pareceu que a luz do sol estava negando com a cabeça, porque as sombras imprecisas que criava na cova ondearam — Infelizmente, tenho que levar seu traseiro de volta aonde pertence.

— Não sou nada para você.

— Em um mundo perfeito, isso seria verdade. Desgraçadamente, isto não é o paraíso. Nem muito menos.

O macho não podia estar mais de acordo, mas todo o assunto de ir-se a casa era uma completa estupidez. Quando seu corpo absorveu a energia que lhe proporcionou o alimento consumido, encontrou a força para sentar-se, esfregá-los olhos, e...

Contemplou a luz do sol.

— Ah... merda.

A luz do sol assentiu turvamente.

— Sim, assim é mais ou menos como me sinto eu a respeito disto. Assim, assim estão as coisas, podemos fazê-lo do modo difícil ou do modo fácil. Você escolhe. Embora eu gostaria de assinalar que se tiver que encontrar sua casa sem que me ajude, vai requerer um pouco de esforço por minha parte, e isso me vai pôr de um humor de merda.

— Não vou voltar ali. Jamais.

A luz do sol passou uma mão pelo longo cabelo loiro e negro. Em seus dedos cintilaram aros de ouro e também cintilaram em suas orelhas, piscaram os olhos desde seu nariz e brilharam ao redor de seu grosso pescoço. Os olhos de um branco brilhante e sem pupilas se acenderam carregados de fúria, os anéis de cor azul brilhante que rodeavam suas íris, parecidos com luas cheias, tornaram-se azul marinho.

— De acordo. O modo difícil. Dê boa noite, Gracie.

Enquanto lhe obscurecia a visão, o macho ouviu o Lassiter, o anjo caído, dizer:

— Diabólico. Bode.

Capítulo 40

— Viu a expressão de Phury? — disse Blay.

John o olhou do outro lado da ilha da cozinha e assentiu com a cabeça em total acordo. Ele e seus companheiros estavam bebendo cervejas para aliviar a tensão. Bebiam como se nisso encontrassem a vida.

Nunca viu nenhum macho nesse estado. Jamais.

— Isso certamente, era a merda do macho vinculado — disse Qhuinn enquanto ia ao refrigerador, abria a porta, e tirava outras três garrafas da caixa de Sam Adams da Rainha.

Blay tomou a que foi oferecida, logo fez uma careta de dor e se levou a mão ao ombro.

John abriu sua cerveja e tomou um gole. Baixando a garrafa, disse por gestos:

Estou preocupado pela Cormia.

—Não lhe fará mal — Qhuinn se sentou à mesa — Não, de maneira nenhuma. Possivelmente nos tivesse mandado à tumba prematuramente, mas não a ela.

John olhou para a sala de jantar.

Escutaram-se portas fechando-se. Ruidosamente.

—Bom, há muitas pessoas nesta casa... — Qhuinn olhou a seu redor como se estivesse lutando mentalmente com um difícil problema de matemática — Incluindo a nós três. Quem o houvesse dito.

John ficou de pé.

Tenho que ir ver o que ocorre. Não vou a... sabe, interromper algo. Só quero me assegurar que tudo está bem.

—Irei com você — disse Qhuinn enquanto começava a levantar-se de novo.

Não, você fica aqui. E antes que me diga ``é uma merda''. Esta é minha casa, e não necessito que seja minha sombra todo o tempo.

—OK, de acordo, entendo. — Qhuinn desvio o olhar para o Blay — Então nós iremos à sala de primeiros socorros e fisioterapia. Encontramo-nos ali?

—E por que vamos à sala de primeiros socorros e fisioterapia? — perguntou Blay sem olhar ao tipo.

—Porque ainda está sangrando e não sabe como chegar até o estojo de primeiro socorros daqui.

Qhuinn olhou duramente ao Blay. Enquanto Blay olhava da mesma forma a sua cerveja.

—Por que simplesmente não me diz como chegar ali? — murmurou Blay.

—E como vai curar suas costas?

Blay tomou um gole longo de seu Sam.

—Está bem. Mas primeiro quero terminar a cerveja. E tenho que comer algo. Morro de fome.

—Bem. Que tipo de refeição quer?

Ambos eram um par de Joe Friday, rígidos e limitando-se aos fatos.

Encontrarei com vós ali. Assinalou John, e partiu. Foda, o fato de que esses dois não estivessem levando-se bem, de certa forma punha de cabeça a ordem natural mundial. Simplesmente não tinha sentido.

John saiu pela porta que dava a sala de refeição e quando chegou ao alto da escada principal virtualmente estava trotando. Quando esteve no segundo piso, cheirou fumaça vermelha e escutou a ópera fluindo do quarto de Phury, a melodia poética que estava acostumado a escutar.

Difícilmente seria o acompanhamento adequado para marcar a força a alguém. Possivelmente depois da discussão se foram cada um as suas habitações?

John se aproximou da porta do quarto de Cormia e escutou. Não se ouvia nada. Embora

a corrente de ar que saía para o corredor estava perfumada com uma fresca fragrância floral.

Figurando-se que não estaria mal checar se Cormia estava bem, John levantou seus nódulos e tocou suavemente sua porta. Quando não houve nenhuma resposta, assobiou.

—John? —disse sua voz.

Ele abriu a porta porque assumiu que isso era o que tinha querido dizer...

John ficou congelado.

Cormia estava tendida na cama entre um enredo de lençóis e edredons. Estava nua, de costas à porta, e havia sangue... na parte interna de suas coxas.

Levantou a cabeça para olhar por sobre seu ombro, e então se apressou a cobrir-se.

—Adorada Virgem!

Quando subiu o edredom até o pescoço, John permaneceu imóvel, seu cérebro estava tratando de processar a cena.

Ele lhe tinha feito mal. Phury a machucou.

Cormia agitou a cabeça.

—OH... maldição.

John pestanejou, uma e outra vez... só para ver-se a si mesmo mais jovem, em um sujo beco, depois de que o que lhe fizeram tinha terminado.

Também ficaram restos no interior de suas coxas.

Algo em seu rosto deve ter-lhe alarmado como o inferno, porque tentou chegar a ele.

—John... OH, John, não... estou bem... estou bem... acredite-me, estou-o...

John se voltou e saiu tranqüilamente pela porta.

—John!

No passado, quando era pequeno e estava necessitado, não houve oportunidade de vingar-se de seu atacante. Agora, enquanto atravessava a pernadas os dez passos que havia até a porta de Phury, estava em posição de fazer algo a respeito de seu passado e o presente de Cormia. Agora era o suficientemente grande e o suficientemente forte. Agora podia sair em defesa de alguém que tinha estado à mercê de uma pessoa mais forte do que eles eram.

—John! Não! —Cormia, saiu precipitadamente do quarto.

John não tocou a porta. Não, não ia anunciar-se. Nesse momento, seus punhos não estavam destinados a golpear madeira. Estavam dirigidos a machucar a carne.

Abrindo a porta de Phury de repente, encontrou ao Irmão sentado na cama com um néscio entre os lábios. Quando seus olhos se encontraram, a expressão no rosto de Phury era de culpa, dor e arrependimento.

E isso selou o trato.

Com um rugido silencioso, John se lançou através do quarto, e Phury não fez absolutamente nada para deter o ataque. Bom, em realidade sim fez algo, abriu-se para receber os golpes, caindo contra os travesseiros enquanto os golpes de John o fustigavam uma e outra vez sobre a boca, os olhos e a mandíbula.

Alguém estava gritando. Uma fêmea.

Chegaram pessoas correndo.

Gritando. Muita gritaria.

—Que caralho! — gritou Wrath.

John não escutou nada. Estava concentrado em dar a surra do século ao Phury. O Irmão já não era seu professor nem seu amigo, só era um bruto e um violador.

O sangue se deslizava pelos lençóis.

O que era fodidamente justo.

Finalmente alguém afastou ao John — Rhage, foi Rhage — e Cormia correu para o Phury. Entretanto, ele a manteve apartada, rodando longe dela.

—Jesus Cristo, maldita seja! — cuspiu Wrath — Acaso não se pode ter um minuto de paz nesta casa?

A ópera de fundo não concordava com a cena: Sua beleza majestosa se contradizia totalmente com o rosto destroçado de Phury, a tremente fúria de John e as lágrimas de Cormia.

Wrath se girou para o John.

—Que merda te passa?

—Eu merecia — disse isso Phury, enquanto limpava o sangue do lábio — Eu mereço isso e mais ainda.

Wrath girou bruscamente a cabeça para a cama.

—O que?

—Não, isso não é certo — disse Cormia, enquanto sustentava as lapelas de sua túnica sobre a garganta — Foi consensual.

—Não, não foi. — Phury sacudiu a cabeça — Não foi.

O Rei ficou completamente imóvel . Em um baixo e tenso tom de voz, perguntou à Escolhida:

—O que foi consensual?

Enquanto a assembléia que havia no quarto olhava de um a outro enquanto falavam, John manteve o olhar fixo no Phury. Em caso de que Rhage afrouxasse a presa, ia cair sobre o Irmão novamente. Sem importar quem estivesse ao flanco do quadrilátero.

Phury se endireitou lentamente, fazendo uma careta de dor, seu rosto começava a inchar-se.

—Não minta, Cormia.

—Segue seu próprio conselho — estalou — O Primale não fez nada mal...

—Maldição, Cormia! Tomei à força...

—Não o fez...

Alguém mais se uniu à discussão. E depois outro. Até o John se meteu na refrega, articulando maldições contra Phury enquanto se retorcia contra o peso morto de Rhage.

Wrath estendeu a mão para a mesa, tomou um cinzeiro de vidro pesado e o estrelou contra a parede. A coisa estalou em mil pedaços, deixando um oco do tamanho de uma cabeça no gesso.

—Com a próxima pessoa que diga uma puta palavra mais, farei o mesmo que acabo de

fazer, mas com seu crânio, entendido?

Todos ficaram calados. E permaneceram assim.

— Você — Wrath assinalou ao John — Sai daqui enquanto me faço cargo disto.

John negou com a cabeça, sem se importar o que aconteceu ao cinzeiro. Queria ficar. Precisava ficar. Alguém tinha que proteger...

Cormia se aproximou dele, tomou sua mão e a apertou com força.

— É um macho de valia, e sei que acredita que está defendendo minha honra, mas me olhe aos olhos e vê a verdade do que aconteceu.

John olhou fixamente o rosto da Cormia. Havia tristeza, mas era da variedade da pena profunda, do tipo que alguém sente quando vive uma situação de infelicidade. Mas também ali havia resolução e franca força.

Não havia medo. Nenhum sufocante desespero. Não havia uma terrível vergonha.

Ela não se via como ele, depois do ataque.

— Vai — disse suavemente — Tudo está bem. De verdade.

John olhou ao Wrath, quem assentiu.

— Não sei o que aconteceu aqui, mas vou averiguar. Deixa que eu me encarregue disto, filho. Encarregar-me-ei dela. Agora todo mundo, fora daqui.

John apertou a mão de Cormia e saiu com o Rhage e outros. No mesmo instante que esteve fora no corredor, a porta se fechou e se escutaram vozes baixas.

Não foi muito longe. Não pôde. Só chegou até a porta do estúdio de Wrath quando seus joelhos se tomaram um «tempo fora» e se derrubou em uma das poltronas antigas que adornavam o corredor. Depois de assegurar a todo mundo que estava bem, deixou cair à cabeça e respirou devagar.

O passado estava vivo em sua mente, reanimado pela ligeira impressão do que viu no quarto de Cormia.

Fechar os olhos não ajudava em nada. Tentar convencer a si mesmo que tudo estava bem, tampouco.

Enquanto se esforçava por voltar a colocar as capas do sofá em seu lugar, deu-se conta que passaram muitas semanas da última vez que ele e Zsadist deram um de seus passeios pelos bosques. À medida que a gravidez de Bela progredia e ia se convertendo em uma preocupação mais que nada, os percursos noturnos que ele e Z estavam acostumados a fazer cada noite, nos quais andavam pelo bosque em silêncio, fez-se cada vez menos freqüentes.

Necessitava um agora.

Levantando a cabeça, olhou em direção ao corredor das estátuas e se perguntou se Zsadist estaria na casa. Provavelmente não, já que não entrou no quarto quando se desatou o drama. Com todas as matanças que tiveram lugar essa noite, sem dúvida o Irmão tinha as mãos ocupadas no campo de batalha.

John ficou de pé e foi a seu dormitório. Depois de fechar a porta, tendeu-se na cama, e mandou mensagens ao Qhuinn e ao Blay, lhes dizendo que ia dormir. Certamente leriam suas mensagens quando retornassem do túnel.

Olhando fixamente o teto, pensou... no número três. As coisas más realmente aconteciam essa quantidade de vezes, e não sempre tinha que ver com a morte.

Três vezes se descontrolou no último ano. Três vezes sua raiva fez erupção e tinha atacado a alguém.

Duas vezes ao Lash. Uma vez ao Phury.

É instável, disse-lhe uma voz.

Bem, mas teve razões, e todas foram muito boas. A primeira vez, Lash atacou ao Qhuinn. A segunda vez, Lash o tinha mais que merecido. E esta terceira vez... a evidência circunstancial foi esmagadora, e que tipo de macho que encontrasse a uma fêmea nesse estado não tomaria cartas no assunto?

É instável.

Ao fechar os olhos, tentou não recordar o espaço das escadas desse sujo edifício de apartamentos onde viveu sozinho. Tentou não recordar o som que fizeram essas botas sobre os degraus ao persegui-lo. Tentou não recordar o mofo antigo, a urina fresca e a suarenta colônia que se infiltrou em seu nariz enquanto o que fizeram estava ocorrendo...

Não podia afastar essas lembranças. Em especial os aromas.

O do mofo foi da parede contra a qual o tinham empurrado o rosto. A urina foi a sua e se deslizou pelo interior de suas coxas até as calças que foram arrancadas de seus quadris. O suarento aroma de colônia tinha vindo do atacante.

A cena era tão vívida quanto o lugar aonde se encontrava nesse momento. Sentiu seu corpo de então tão claramente quanto o que conhecia agora, viu o espaço da escada como estava vendo o quarto no qual se encontrava nesse momento. Fresca... fresca... fresca... e nessa vasilha não parecia ter uma data de vencimento para o horrível episódio.

Não necessitava um título de psicólogo para dar-se conta que seu temperamento explosivo se devia a tudo o que guardava em seu interior.

Pela primeira vez na vida, necessitava a alguém com quem falar.

Não... não era assim exatamente.

Queria de retorno o «alguém» que lhe pertencia. Queria a seu pai.

Depois da rotina do Oscar da Cova de John, Phury sentia o rosto como se tivesse sido assado à churrasqueira e tivesse sido servido sobre uma guarnição de recém coberto e fresco ei-meio-tocado-fundo.

— Olhe, Wrath... não te zangue com o John.

— Foi um mal-entendido — disse Cormia ao Rei — Só isso.

— Que infernos aconteceu entre vocês dois? — perguntou Wrath.

— Nada — respondeu Cormia — Absolutamente nada.

O Rei não acreditou. O que demonstrava que seu intrépido líder tinha um pouco de cérebro, mas no momento Phury não tinha a suficiente força para ficar a discutir em altares de fazer valer a verdade. Por isso continuou limpando a boca arrebetada com o antebraço, enquanto Wrath seguia falando e Cormia continuava defendendo-o, só Deus sabia por que.

Wrath a olhava carrancudo por atrás de seus óculos envolventes.

—Olhe acaso preciso romper algo mais para fazer que vocês dois deixem de dizer fodidas mentiras? E uma merda que não aconteceu nada. John é impetuoso, mas não é...

Cormia interrompeu ao Rei:

—John interpretou mau o que viu.

—E o que viu?

—Nada. Digo-lhe que não foi nada e, por conseguinte, deve acreditar em mim.

Wrath a olhou de cima abaixo, como se estivesse tratando de vislumbrar algum cardeal. Logo olhou duramente ao Phury.

—E você que merda tem a dizer?

Phury sacudiu a cabeça.

—Ela está equivocada. John não entendeu mal...

—O Primale está se culpando por pouco, de forma completamente desnecessária. Minha honra não foi prejudicada de maneira nenhuma, e sinceramente penso que sou a única que tem direito a decidi-lo. Não é assim? — disse Cormia com intensidade.

Depois de um momento, o Rei inclinou a cabeça:

—Se for seu desejo.

—Obrigado, Sua Alteza — fez uma profunda reverência — Agora, me despeço de você.

—Quer que te envie um pouco de refeição com o Fritz...

—Não. Despeço-me porque abandono este lado. Retorno a casa. —Fez outra reverência, e o cabelo loiro que ainda estava úmido da ducha se deslizou por seu ombro e roçou o chão — Desejo a ambos o melhor e professo meus mais considerados respeito para o resto dos habitantes da casa. Sua Majestade. — Fez outra reverência ao Wrath — Sua Graça — inclinou-se ante o Phury.

Phury saltou da cama e se equilibrou para diante em estado de pânico... mas desapareceu no ar antes que pudesse alcançá-la.

Foi-se. Em um instante.

—Se me desculpar — disse ao Wrath. Não foi um pedido, e não se importou uma merda.

—Realmente não acredito que deva estar sozinho neste momento — disse Wrath com tom sombrio.

Nesse momento mantiveram algum tipo de conversa, um tira frouxa, que de alguma forma devia tranquilizar ao Wrath, já que o Rei finalmente partiu.

Quando foi, Phury permaneceu em meio de seu quarto, imóvel como se fosse uma estátua, olhando fixamente o oco que deixou o cinzeiro na parede. Por dentro estava retorcendo-se, mas por fora permanecia absolutamente imóvel. A sufocante hera estava crescendo debaixo de sua pele, em lugar de crescer sobre ela.

Desviando levemente o olhar, verificou seu relógio. Faltava somente uma hora para a alvorada.

Quando se dirigiu ao banho para limpar-se um pouco, sabia que tinha que fazer tudo muito rápido.

Capítulo 41

A estação de polícia de Caldwell tinha duas facetas bem distintas: a entrada dianteira que ficava sobre a Rua Décima, com todos os degraus, que era onde os canais de televisão filmavam toda a merda que se via nas notícias da tarde e a porta traseira, rodeada de barrotes de ferro, onde se fazia o trabalho. Em realidade, a fachada que dava à Rua Décima, luzia somente um pouco melhor que a outra, porque em realidade o edifício da época dos sessenta era como o perfil a uma mulher envelhecida e feia. Não tinha nenhum lado bom.

O carro de polícia aonde Lash ia retido se deteve frente à entrada traseira.

Como caralho terminou aqui?

O policial que o deteve deu a volta ao redor do carro e abriu a porta.

—Saia do carro, por favor.

Lash levantou o olhar para o tipo, logo correu as pernas, endireitou os joelhos e ficou de pé ultrapassando em altura ao humano. Suas fantasias de rasgar a garganta do homem e converter sua veia jugular em uma fonte de refrescos eram totalmente inegáveis.

—Por aqui, senhor.

—De acordo.

Estava seguro que punha ao filho da puta nervoso pela forma em que a mão do tipo foi para a culatra de sua arma apesar de estar à plena vista de toda a equipe do Departamento de Polícia de Caldwell.

Lash foi guiado através de umas portas duplas e por um vestíbulo cujo chão de linóleo luzia como se tivesse sido colocado na época em que a merda foi inventada. Detiveram-se ante uma janela que era grossa como um braço e o policial disse algo através de um círculo de metal que estava encravado na parede. A mulher que estava do outro lado, vestida com o uniforme de cor azul marinho, estava realmente atarefada, e era tão atrativa quanto o policial masculino.

Mas se ocupou da papelada rapidamente. Quando esteve satisfeita com a quantidade de formulários que reuniu para que eles preenchessem, deslizou a pilha por debaixo da janela para o policial e fez um gesto afirmativo com a cabeça. A porta que tinham ao lado emitiu um longo assobio, fez um som surdo, como se a fechadura tivesse arrotado ao abrir-se e logo começaram outro percurso através de outro trecho de linóleo desgastado até que chegaram a uma sala pequena que continha um banco, uma cadeira, e uma mesa.

Depois que estiveram sentados, o oficial tirou uma caneta e pulsou seu botão.

—Qual é seu nome completo?

—Larry Owen — disse Lash — Como o disse.

O tipo se inclinou sobre os papéis.

—Direção?

—Cale Décima, número quinze e oitenta e três, apartamento quatro F, por agora. — Supôs que bem podia dar a direção que aparecia no registro do Focus. O senhor D ia trazer sua carteira de motorista falsa que usou quando vivia com seus pais, mas não podia recordar o que dizia exatamente nela.

—Tem alguma identificação que prove que você vive ali?

—Não a trouxe comigo. Mas meu amigo trará minha identificação.

—Data de nascimento?

—Quando me permitirão fazer minha chamada Telefônica?

—Em um minuto. Data de nascimento?

—Treze de outubro de 1981. — Ao menos pensou, essa era a falsa.

O oficial aproximou uma almofadinha de tinta à mesa, levantou-se e abriu uma das algemas de Lash.

—Preciso tomar suas digitais.

Boa sorte com isso, pensou Lash.

Deixou que o tipo tomasse sua mão esquerda e a estendesse para diante, observou como fazia rodar as pontas de seus dedos sobre a almofadinha e logo as apertava sobre um pedaço de papel branco que tinha dez quadrados em duas filas.

O policial franziu o cenho e tentou com outro dedo.

—Não fica nada impresso.

—Queimei-me quando era menino.

—Não me diga. — O tipo tentou de novo, fazendo rodar as pontas pela tinta e pressionando um par de vezes mais, logo se rendeu e voltou a pôr as algemas.

—Fique frente à câmara.

Lash atravessou a sala e permaneceu quieto enquanto disparava um flash frente a seu rosto.

—Quero minha chamada telefônica.

—Terá.

—Quanto tenho que pagar de fiança?

—Ainda não sei.

—Quando sairei daqui?

—Quando o juiz determine o montante de sua fiança e a pague. Provavelmente será esta tarde, já que ainda é muito cedo na madrugada.

Lash pôs as mãos algemadas frente a ele e colocaram um telefone entre elas. O oficial pressionou um botão para ligar o alto-falante do telefone e marcou o número do senhor D enquanto Lash recitava o número.

O policial retrocedeu quando o lesser respondeu.

Lash não perdeu tempo.

—Traz minha carteira. Está em minha jaqueta na parte traseira do carro. Ainda não fixaram o montante da fiança, mas traz dinheiro vivo logo que seja possível.

—Quando quer que vá?

—Me traga a identificação agora. Logo terá que esperar a que o juiz determine a fiança.
— Olhou ao oficial — Posso chamá-lo outra vez para dizer quando pode me recolher?

—Não, mas ele pode chamar o telefone da recepção, perguntar pelo cárcere, e dessa forma averiguar quando será liberado.

—Escutou?

—Sim — disse o senhor D pelo alto-falante.

—Não deixem de trabalhar.

—Não o faremos.

Dez minutos depois, Lash estava em uma cela de reclusão.

A cela de blocos de concreto de nove por nove era padrão com as barras atravessadas à frente, e um privada de aço inoxidável e um lavabo dispostos em uma esquina. Quando se sentou no banco e apoiou as costas contra a parede, cinco tipos o olharam. Dois eram claramente drogados, porque estavam gordurentos como o toucinho e evidentemente, essa noite mais cedo, fritaram o cérebro. Jogou-lhe uma olhada aos outros três, embora fossem só humanos: na esquina oposta, afastado de outros, havia um tipo com bíceps maciços e uma dúzia de tatuagens da prisão; junto às barras, fazendo o passo-da-rata-enjaulada havia um bandido com um lenço azul tipo pirata na cabeça; e retorcendo-se junto à porta da cela havia um psicótico de cabeça rapada.

Naturalmente aos drogados não importou que tivessem agregado outro mais ao conjunto, mas os outros o mediram como se fosse uma perna de cordeiro no balcão de uma loja de frios.

Pensou no número de lessers que perdeu essa noite.

—Ei, idiota — disse Lash ao veterano — Seu namorado te fez essas tatuagens? Ou estava muito ocupado fodendo o traseiro?

O tipo entrecerrou os olhos.

—O que disse?

O bandido agitou a cabeça.

—Deve estar fodidamente louco, moço branco.

O cabeça rapada riu como uma batedeira, alto e rápido.

Quem disse que o recrutamento fosse ser tão fácil, pensou Lash.

Phury não se desmaterializou para o ZeroSum. Em vez disso foi ao Screamer'S.

Como era quase o final da noite, não havia nenhuma fila para entrar no clube, assim simplesmente passou diretamente pela porta dianteira e se dirigiu à barra. Enquanto ressonava o rap duro, a escória da festa se aferrava desesperadamente a suas bebidas alcoólicas, empilhando uns sobre os outros nas esquinas escuras, muito bombardeados inclusive para poder ter sexo.

O barman se aproximou e disse:

—Estamos servindo os últimos.

—Um Martini Sapphire.

O tipo retornou com a bebida e pôs um guardanapo na mesa antes de deixar o copo triangular em cima.

—São doze dólares.

Phury deslizou um de cinquenta sobre a barra negra e manteve a mão sobre o bilhete.

—Estou procurando algo. E não me refiro em troca.

O barman olhou o verde.

—O que está procurando?

—Eu gosto de montar a cavalo.

Os olhos do tipo começaram a procurar através do salão.

—Sério. Bom, este é um clube, não um estábulo.

—Não visto de azul. Jamais.

Os olhos do barman voltaram para ele e olhou ao Phury de cima abaixo.

—Com a roupa tão cara que leva... poderia usar qualquer cor que quisesse.

—Eu não gosto do azul.

—Vem de outra cidade?

—Pode-se dizer que sim.

—Tem o rosto feito um desastre.

—Sério? Não o tinha notado.

Houve uma pausa.

—Vê esse tipo que está aí atrás? Com a águia nas costas da jaqueta? Ele poderia te ajudar. Poderia fazê-lo. Eu não o conheço.

—É obvio que não o conhece.

Phury deixou os cinquenta e a bebida e atravessou a escassa e dispersa massa de gente com uma só idéia fixa em mente.

Justo antes de chegar a ele, o tipo em questão começou a caminhar e abandonou o local pela porta lateral.

Phury o seguiu ao beco e quando saíram, algo se disparou em sua mente, mas o ignorou. Estava interessado só em uma coisa... estava tão enfocado nisso que até a voz do feiticeiro tinha desaparecido.

—Desculpe-me — disse.

O vendedor se voltou e deu ao Phury o mesmo tipo de olhar dos pés a cabeça que tinha lhe dedicado o barman.

—Não o conheço.

—Não, claro que não. Mas conhece meus amigos.

—Não me diga — Quando Phury mostrou algumas notas de cem dólares, o tipo sorriu — Ah, sim. O que está procurando?

—H.

—Que perfeito sentido da oportunidade. Quase não fica nada. — O anel de graduação do tipo cintilou com reflexos azuis quando pôs a mão dentro da jaqueta.

Por uma fração de segundo, Phury viu novamente a imagem do distribuidor e o

drogado que estavam naquele beco, com os que ele e aquele lesser toparam tantas noites atrás. Era gracioso, esse encontro marcou o início do grande declive, não é assim? Quão pendente o conduziu até ali, a este momento, a este beco... onde uma pequena sobra cheio de heroína estava sendo depositado em sua mão.

—Estou aqui — o distribuidor assinalou em direção à porta do clube — virtualmente todas as noites...

As luzes os iluminaram de todas as direções... cortesia dos anônimos carros de polícia estacionados tanto à frente como ao fundo do beco.

—Mãos para cima! — gritou alguém.

Phury olhou fixamente os olhos aterrados do camelo e não sentiu nenhuma simpatia nem nenhuma cumplicidade com ele.

—Tenho-me que ir. Até mais tarde.

Phury se apagou da memória dos quatro policiais armados e da do distribuidor com a expressão de Ai como me foderam! No rosto e se desmaterializou com sua compra.

Capítulo 42

Qhuinn liderava o caminho através do túnel subterrâneo que ia da mansão da Irmandade até o escritório do centro de treinamento. Blay permanecia atrás dele, e o único som que se escutava era o de suas botas. Durante a refeição que compartilharam aconteceu o mesmo, só o som da baixela de prata sobre baixela de prata e um ocasional: Por favor, pode me passar o sal?

A grande aridez coloquial que se deu durante o jantar só foi interrompida pela tormenta que se produziu quando estalou uma espécie de drama no andar de cima. Quando escutaram a gritaria, ambos soltaram os garfos e correram para o vestibulo, mas Rhage os barrou no balcão e negou com a cabeça, lhes indicando que não se metessem.

O que era genial. Ambos tinham suficiente de sua própria merda para entreter-se.

Quando chegaram à porta que conduzia ao armário do escritório, Qhuinn marcou 1914 no painel de segurança, de forma que Blay pudesse ver os números.

—Evidentemente, foi o ano em que a casa foi construída. — Quando passaram através do armário e saíram perto do escritório, Qhuinn sacudiu a cabeça — Sempre me perguntei como conseguiam chegar aqui.

Blay emitiu um som que podia significar tanto “Eu também” como “Foda-se com uma serra, rato bastardo”.

O caminho à sala de fisioterapia não requeria um guia, e uma vez que entraram no ginásio, foi difícil não contar os metros que Blay pôs entre eles tão logo pôde.

—Pode ir agora — disse Blay quando chegaram à porta marcada como EQUIPAMENTO/SALA DE FISIOTERAPIA — Eu me ocuparei do corte que tenho nas costas.

— Está entre as omoplatas.

Blay segurou o pomo e voltou a fazer aquele ruído com a parte de atrás da garganta. E esta vez definitivamente não significava um «eu também» nem nada parecido.

— Seja razoável — disse Qhuinn.

Blay olhou fixamente para diante. Depois de um momento, abriu a porta.

— Lave primeiro as mãos. Antes de me tocar, quero que lave as mãos.

Quando entraram, o tipo caminhou em linha reta para a mesma maca em que Qhuinn foi operado a antepenúltima noite.

— Deveríamos alugar um tempo compartilhado com esta cadela — disse Qhuinn, enquanto passeava o olhar pela sala ladrilhada e cheia de armários de aço inoxidável e equipe médica.

Blay subiu sobre a mesa, encolheu os ombros para tirar a camisa, e fez uma careta de dor quando olhou as feridas sangrando que logo começavam a fechar-se sobre o peito.

— Merda.

Qhuinn deixou sair todo o ar que tinha nos pulmões e ficou olhando fixamente a seu amigo. A cabeça do tipo pendurava de seu pescoço enquanto examinava o peito onde foi esfaqueado, e se via formoso assim, com seus amplos ombros, as grosas almofadinhas de seus peitorais e os braços passados os laços de músculos. Entretanto o que o fazia ainda mais atraente, era sua auto-imposta reserva.

Era muito difícil não perguntar-se que havia debaixo de toda essa modéstia. Qhuinn continuou com a merda da enfermeira, segurou um pouco de gazes, algodão e loção anti-séptica dos armários, pôs em uma bandeja com rodas e logo a empurrou para aproximá-la à maca.

Tendo reunido todos os fornecimentos, dirigiu-se a pia de aço inoxidável e apertou o pedal com o pé para deixar correr a água.

Enquanto lavava as mãos, disse em voz baixa:

— Se pudesse, faria.

— Perdão?

Qhuinn fez espuma de sabão com as palmas e lavou até os antebraços. O que era um exagero, mas se Blay o queria super limpo, então assim é como ia estar.

— Se pudesse amar a um homem dessa forma, seria a ti.

— Sim, bem, pensando-o melhor, farei eu mesmo e ao inferno com minhas costas...

— Estou falando a sério. — Tirou o pé do pedal para deter a água, e sacudiu as mãos sobre a pia — Acredita que não pensei nisso? Refiro a estar com você. E não só pela merda do sexo.

— Tem-no feito? — disse Blay em um sussurro apenas audível por cima da destilação de água.

Qhuinn secou as mãos com uma pilha de toalhas cirúrgicas azuis que estavam a sua esquerda e levou uma com ele enquanto caminhava para o Blay.

— Sim, tenho-o feito. Isto sustento debaixo das feridas, quer?

Blay fez o que lhe disse, e Qhuinn derramou algo de anti-séptico sobre a ferida que o tipo tinha sobre o esterno.

— Eu não sabia... filho da puta!

— Arde, né. — Qhuinn deu a volta ao redor da mesa, dirigindo-se as costas de seu amigo — Agora vou dedicar-me a esta, e acredito que será melhor que te prepare. Esta é muito mais profunda.

Qhuinn pôs outra toalha sob a ferida e pôs alguma merda que cheirava como o Lesou. Quando Blay vaiou, fez uma careta.

— Terminarei em um segundo.

— Arrumado a que diz isso a todos os... — Blay se deteve justo aí.

— Não, isso não o digo a ninguém. Tomam como sou. Se não poderem dirigi-lo, é seu problema.

Tomando um cilindro de gaze estéril. Qhuinn rasgou a coisa para abri-la e apertou a malha branca contra a ferida que Blay tinha entre as omoplatas.

— É certo que pensei em nós... mas a longo prazo me vejo com uma fêmea. Não posso explicá-lo. Simplesmente vai ser assim.

A caixa torácica de Blay se expandiu e se comprimiu.

— Possivelmente é porque não quer ter outro defeito?

Qhuinn franziu o cenho.

— Não.

— Está seguro disso.

— Olhe, se me importasse o que pensam as pessoas, acredita que faria o que faço? — Voltou a dar a volta à maca, tampou a ferida que Blay tinha no peito, e logo atendeu a ferida de seu ombro—. Além disso, minha família está morta. A quem tenho que impressionar agora?

— Por que foi tão cruel? — perguntou Blay com voz digna — Quando estávamos no túnel de minha casa.

Qhuinn tomou um tubo de neomycin e se dirigiu novamente para as costas de seu companheiro.

— Estava bastante seguro que não ia retornar, e não quis que arruinasse sua vida por mim. Pensei que por seu bem seria melhor que me odiasse a que sentisse saudades.

Blay riu com vontade, e o som foi muito agradável.

— É tão arrogante.

— Claro que sim. Mas é verdade, ou não? — Qhuinn estendeu o unguento leitoso pela pele de Blay — O teria feito.

Quando voltou a ficar frente a ele, Blay levantou a cabeça, e os olhos. Seus olhares se encontraram, Qhuinn estendeu a mão e pôs a palma no rosto de seu amigo.

Passando suavemente o dedo polegar para frente e para trás, sussurrou:

— Quero-te ver com alguém que seja digno de ti. Que te trate bem. Que te seja fiel. Embora eu me estabelecesse com uma fêmea... Merda, digo-me mesmo que sou capaz de ser

fiel, mas no fundo de meu coração, realmente não acredito.

O desejo que viu nos olhos azuis que o olhavam fixamente rompeu seu coração. Verdadeiramente. E não podia imaginar o que era que Blay via nele que o fazia tão especial ante seus olhos.

—O que anda mal com você? — sussurrou — Por que me quer tanto?

O triste sorriso de Blay adicionou como um milhão de anos a sua idade, enchendo seu rosto com esse tipo de sabedoria que só surgia depois de que a vida te chutava as pelotas várias vezes.

—O que anda mal com você que não pode te dar conta de por que o faço?

—Vamos ter que nos pôr de acordo em estar em desacordo a respeito disso.

—Promete-me algo?

—O que seja.

—Me deixe se quiser, mas não o faça por meu próprio bem. Não sou um menino, não me rompo facilmente, e o que sinto não é de sua maldita incumbência.

—Pensei que estava fazendo o correto.

—Não foi assim. Promete-me isso?

Qhuinn exalou com dificuldade.

—Bem, prometo-lhe isso. Contanto que me jure que procurará a alguém real, de acordo?

—É real para mim.

—Jura-me isso ou vou voltar a fazer isso de «sou-uma-ilha» outra vez. Quero que esteja aberto à possibilidade de conhecer alguém que em realidade possa ter.

A mão de Blay se deslizou pelo antebraço de Qhuinn e apertou seu pulso, dessa forma o pacto se converteu em algo sólido por ambas as partes.

—OK... está bem. Mas será um tipo. Tratei que fazê-lo com fêmeas, e não o sinto correto.

—Contanto de que esteja contente. O que seja que te faça feliz.

Quando a tensão se aliviou entre eles, Qhuinn envolveu os braços ao redor de seu amigo e o manteve apertado, tentando absorver a tristeza do macho, desejando que tudo fosse diferente entre eles.

—Suponho que isto é o melhor — disse Blay em seu ombro — Não sabe cozinhar.

—Vê? Não sou nenhum Príncipe Encantado.

Qhuinn poderia jurar que Blay sussurrou, “Sim, é”, mas não estava seguro.

Ambos se afastaram, olharam-se aos olhos... e algo mudou. No silêncio do centro de treinamento, na vasta intimidade do momento, algo mudou.

—Só uma vez — disse Blay suavemente — Faz só uma vez. Assim saberei que se sente.

Qhuinn sacudir a cabeça.

—Não... não acredito que...

—Sim.

Depois de um momento, Qhuinn deslizou ambas as mãos pelo grosso pescoço de Blay e tomou a forte mandíbula do macho entre suas Palmas.

—Está seguro?

Quando Blay assentiu, Quinn inclinou a cabeça de seu amigo para trás e a um lado e a sustentou no lugar enquanto cortava a distância lentamente. Um momento antes que suas bocas se tocassem, as pestanas de Blay tremeram e logo se fecharam, seu corpo tremeu e...

OH, era tão doce. Os lábios de Blay eram incrivelmente doces e suaves.

Provavelmente não se supunha que a língua fosse parte daquilo, mas não houve forma de evitá-lo. Quinn o lambeu e logo afundou profundamente a língua no interior de sua boca, enquanto deslizava os braços ao redor de Blay e o abraçava com força. Quando finalmente levantou a cabeça, a expressão dos olhos de Blay indicou que estava disposto a deixar que passasse qualquer coisa entre eles. Permitiria que tudo passasse.

Podiam tomar essa faísca que nasceu entre eles e continuar todo o caminho a casa até que ambos estivessem nus e Quinn estivesse fazendo a seu amigo o que melhor sabia fazer.

Mas depois disso as coisas nunca voltariam a ser iguais, e isso foi o que o deteve, apesar do fato de que repentinamente desejava exatamente quão mesmo desejava Blay.

— É muito importante para mim — disse com voz rouca — É muito bom para o tipo de sexo que estou acostumado a ter.

Os olhos de Blay se atrasaram sobre a boca de Quinn.

— Neste momento, poderia estar totalmente em desacordo com isso.

Quando Quinn soltou ao menino e deu um passo atrás, compreendeu que era a primeira e única vez em sua vida, que rechaçava alguém.

— Não, tenho razão. Tenho a fodida razão nisto.

Blay tomou um profundo fôlego, afirmou os braços na maca e tentou recompor-se. Riu um pouco.

— Não posso sentir nem os pés nem as mãos.

— Ofereceria para esfregá-los, mas...

O olhar de Blay sob suas pestanas foi condenadamente sexy.

— Sentiria tentado a esfregar alguma outra parte de meu corpo?

Quinn sorriu abertamente.

— Filho da puta.

— Está bem, está bem. Que assim seja.

Blay estendeu a mão tomou o anti-séptico, colocou um pouco no peito, e logo cobriu a ferida com gaze que assegurou em seu lugar.

— Ocupa-te de cobrir a de minhas costas?

— Sim.

Enquanto cobria a carne viva com a parte de gaze, Quinn imaginou a alguém tocando a pele de Blay... deslizando as mãos sobre ele, aliviando o tipo de dor que um macho sente entre suas coxas.

— Embora, há uma coisa mais — murmurou Quinn.

— O que?

A voz que saiu de sua garganta foi muito diferente a qualquer outra que tivesse ouvido sair antes de seu interior.

—Se algum tipo te romper o coração ou te tratar como uma merda, farei pedaços dele com minhas mãos nuas e deixarei seu corpo quebrado e ensangüentado para que o termine no sol.

A risada de Blay ressonou ao redor das paredes de azulejos.

—Claro que o faria...

—Estou falando muito a sério, foda.

Os olhos azuis de Blay se cravaram nele por cima de seu ombro.

—Se alguém se atrever a te ferir — grunhiu Qhuinn na Antiga Língua — o verei prostrado ante mim porque deixarei seu corpo em ruínas.

Em seu grande rancho das Adirondacks, Rehvenge tratava desesperadamente de encontrar calor. Envolto em uma grossa bata de tecido de felpa, com uma manta de visom sobre o corpo, estava estendido sobre uma cama a uma distância de não mais de um metro e meio das chamas de um crepitante fogo.

De todas as habitações da enorme casa tipo rancho, esta era uma de suas favoritas já que a severa decoração Vitoriana de cor granada, ouro e azul marinho freqüentemente se ajustava a seu humor. Era gracioso, sempre pensou que um cão poderia descansar muito bem ao lado da chaminé de pedra maciça. Algum tipo de retriever (tipo de cão labrador). Deus, possivelmente deveria conseguir um cão. Bela sempre gostou de cães. Não obstante sua mãe não, e por isso nunca houve um na casa da família em Caldwell.

Rehv franziu o cenho e pensou em sua mãe, que estava vivendo em outra das casas da família aproximadamente a trezentos quilômetros dali. Ainda não tinha se recuperado do seqüestro de Bela. Provavelmente nunca o faria. Inclusive depois de passado tantos meses não queria abandonar o país, embora viver no estado de Caldwell, tampouco era tão mau.

Ia morrer na casa onde estava agora, pensou. Provavelmente dentro de alguns anos. Tinha envelhecido, seu relógio biológico começou a correr para a meta, seus cabelos estavam ficando branco.

—Trouxe mais lenha — disse Trez enquanto entrava com um carregamento completo de lenhas. O mouro foi até a chaminé, moveu a tela, e atçou a chama até que rugiu ainda mais forte.

O que era uma loucura para o mês de Agosto.

Ah, mas isto era Agosto nas Adirondacks. Além disso, estava duplamente carregado de dopamina, por isso tinha aproximadamente a mesma percepção sensorial e a mesma temperatura interna que um lenho petrificado.

Trez voltou a colocar a tela em seu lugar e olhou sobre seu ombro.

—Tem os lábios azuis. Quer que te prepare um pouco de café?

—É um guarda-costas, não um mordomo.

—E olhando ao nosso redor temos quantas pessoas levando bandejas de prata?

—Eu posso fazê-lo. — Rehv tentou sentar-se mas se revolveu o estômago — Foda.

—Deite outra vez antes que eu te deite com um golpe.

Quando o tipo saiu, Rehv voltou a se acomodar contra as almofadas, odiando os efeitos secundários do que fez com a Princesa. Odiava-os. Só desejava esquecer todo o assunto, ao menos até o mês seguinte. Infelizmente, a merda reproduzia continuamente em sua mente como se fosse um circuito fechado. Via o que fez essa noite na cabana, uma e outra vez, visualizava-se masturbando-se para seduzir a Princesa e depois fodendo-a sobre esse batente.

Quanto tempo fazia que sua vida sexual consistia em variações desse mesmo tipo de perversão? Merda...

Por um momento se perguntou como seria ter a alguém a quem querer, mas afastou essa fantasia condenadamente rápido. A única forma que podia ter sexo era se deixava de tomar seus medicamentos... assim com as únicas com as que podia estar era com symphaths, e nem que o condenassem ao inferno se afeiçoaria com uma dessas fêmeas. Obviamente, ele e Xhex o tinham tentado, mas foi um desastre a vários níveis.

Colocaram-lhe uma taça de café sob o nariz.

— Beba isto.

— Obrigado. — disse aceitando-a.

— OH, merda, te olhe.

Rehv mudou rapidamente de mão, colocando o antebraço mau sob a manta.

— Como disse, obrigado.

— Então foi por isso que Xhex te obrigou a ir à clínica, né? — Trez se sentou em uma poltrona cor ocre — E, não, não vou conter a respiração até que me confirme isso. Simplesmente tomarei como algo que salta à vista.

Trez cruzou as pernas, e sua aparência era a de um perfeito cavalheiro, um verdadeiro modelo da realeza: Apesar de estar vestido com calças negras, botas de combate e uma camiseta sem mangas — e de que era capaz de arrancar a cabeça a um macho e utilizá-la como bola de futebol — poderia ter jurado que quão único o separava da capa de arminho e a coroa de Rei era uma visita ao armário.

O qual, de fato, era efetivamente certo.

— Bom café — murmurou Rehv.

— Mas não me peça que asse algo. Como te está indo com o antígeno?

— Excelente.

— Ou seja que ainda tem o estômago revoltado.

— Deveria ser um symphath.

— Trabalho com dois deles. Isso já é o suficientemente perto, foda muito obrigado.

Rehv sorriu e tomou outro enorme gole da beira da xícara. Provavelmente estivesse queimando a pele da boca dada a quantidade de vapor que saía do líquido que havia no interior da xícara, mas não sentia nada.

Por outro lado, era muito consciente do olhar negro e decidido de Trez. O que significava que o mouro estava a ponto de dizer algo que não ia gostar. A diferença de outras pessoas, quando dizia algo que não queria escutar, olhava-te diretamente aos olhos.

Rehv pôs os olhos em branco.

—Sim, diga-me de uma vez? Por que não o faz?

—Fica pior cada vez que está com ela.

Era certo. Quando tudo isto começou, podia estar com a Princesa e retornar a trabalhar em seguida. Depois de alguns anos, precisava descansar um pouco. Logo foi uma sesta de algumas horas de duração. Agora, devia ficar sobre seu traseiro durante umas boas vinte e quatro horas. O assunto era que, estava desenvolvendo uma reação alérgica ao veneno. Claro que, o soro antígeno que Trez injetava depois, impedia que entrasse em estado de shock, mas sua recuperação já não era boa.

Possivelmente um dia diretamente deixasse de recuperar-se.

Enquanto calculava a quantidade de medicamentos que precisava tomar periodicamente, pensou, Merda, é melhor viver através da química. Bom, de certa forma, ao menos.

Trez continuava com o olhar fixo nele, por isso tomou outro gole e disse:

—Me afastar dela não é uma opção.

—Entretanto, poderia voar longe de Caldwell. Encontrar outro lugar onde viver. Se não souber onde te encontrar, não pode te entregar.

—Se for da cidade, irá atrás da minha mãe. Que não se mudará por Bela e o bebê.

—Isto vai matar-te.

—Entretanto, é muito viciada para arriscar-se a que isso ocorra.

—Então deve lhe dizer que corte com essa merda de esfregar-se veneno de escorpião. Entendo que queira parecer forte, mas se encontrará fodendo com um maldito cadáver se não deixar de fazer isso.

—Conhecendo-a, a necrofilia seria um grande estimulante para ela.

Detrás de Trez, um encantador resplendor atravessou o horizonte.

—OH, merda, já é tão tarde? — amaldiçoou Rehv, mergulhando-se em busca do controle que fechava as venezianas de aço da casa.

Salvo que não se tratava do sol. Ao menos, não era o sol que dava voltas no céu.

Uma figura luminosa estava passeando tranqüilamente pela grama e aproximando-se da casa.

Ao Rehv somente ocorria uma coisa que pudesse obter esse efeito.

—Que foddidamente fantástico — murmurou, voltando a sentar-se — Homem, acaso esta noite não vai terminar jamais?

Trez se pôs de pé.

—Quer que o deixe entrar?

—Bem poderia. De outra forma simplesmente atravessaria o vidro.

O Mouro deslizou uma das portas corrediças, e se pôs a um lado quando Lassiter entrou na casa. O andar como flutuando do tipo era a manifestação física do falar languidamente, tudo suave, lento e insolente.

—Tempo sem verte — disse o anjo.

—Não o suficiente.

—Sempre tão hospitalar.

—Escuta, G — Rehv piscou com força — Te importaria apagar sua bola de espelhos?

A brilhante luz foi se atenuando até que Lassiter pareceu completamente normal. Bom, normal para alguém com um fetichismo pelos piercings foddidamente doentio e com aspirações a transformar-se no padrão ouro de algum país.

Trez fechou a porta e ficou atrás dela como um muro de: foda-a-meu-menino-e-anjo-ou-não-te-demonstrarei-o-que-é-um-bom-chute-no-traseiro.

—O que te traz a minha propriedade? — disse Rehv, enquanto embalava a xícara com ambas as mãos, tratando de absorver seu calor.

—Tenho um problema.

—Não posso arrumar sua personalidade, sinto muito.

Lassiter riu, e o som repicou por toda a casa como sinos de igreja.

—Não. Eu gosto assim como sou, obrigado.

—Tampouco posso te ajudar com sua natureza ilusória.

—Preciso encontrar uma direção.

—Vejo-me como um diretório?

—Para falar a verdade, vê-te como a merda.

—Você e seus cumprimentos. — Rehv terminou seu café — O que te faz pensar que vou ajudar-te?

—Por que.

—Quer incluir alguns nomes e verbos ali? Estou perdido.

Lassiter ficou sério, e sua beleza etérea, deixou de lado a careta de «foda-se» que formava parte de seu comportamento habitual.

—Estou aqui por assuntos oficiais.

Rehv franziu o cenho.

—Sem ofender, mas pensei que seu chefe te meteu a carta de demissão no traseiro.

—Deu-me uma última oportunidade para ser um bom menino. — O anjo fixou o olhar na xícara de café que Rehv tinha entre as mãos — Se me ajudar posso te dar algo em troca.

—Seriamente.

Quando Lassiter tentou aproximar um passo, Trez se pegou a ele como se fosse pintura.

—Não, não o fará.

—Sanarei você. Se me deixa tocá-lo, te sanarei.

Trez franziu as sobrancelhas e abriu a boca como se estivesse a ponto de dizer ao anjo que fosse «sanar-se» a si mesmo e fosse da maldita casa.

—Espera — disse Rehv.

Merda, sentia-se tão cansado, dolorido e miserável, que não era difícil imaginar-se sentindo-se de igual forma quando caísse a noite. De uma semana depois de manhã.

—Só me diga a que tipo de direção te refere.

—A da Irmandade.

—Sim. Embora a conhecesse — e não é o caso — não lhe poderia dizer isso.

—Tenho algo que perderam.

Rehv estava a ponto de voltar a rir quando se acendeu seu lado symphath. O anjo era um imbecil, mas falava totalmente a sério. E, merda... Poderia ser verdade? Poderia ter encontrado...

—Sim, encontrei-o — afirmou Lassiter — Agora, vai ajudar-me a ajudá-los? E em troca, porque sou um tipo de palavra, cuidarei de seu pequeno problema.

—E que problema poderia ser esse?

—A infecção MRSA que tem no antebraço. E o fato, de que neste momento, está a duas exposições mais da anafilaxia contra esse veneno de escorpião — Lassiter sacudiu a cabeça — Não vou perguntar te nada. A respeito de nenhuma das duas coisas.

—Sente-se bem? Normalmente é mais intrometido que isso.

—Ei, se quer compartilhar...

—O que seja. Te divirta se quiser. — Rehv estendeu o antebraço feito pó — Farei o que possa por ti, mas não posso te prometer nada.

Lassiter dedicou um sorriso ao Trez.

—Então, menino grande, vai fazer uma pausa e te colocar de lado? Porque seu chefe consentiu...

—Ele não é meu chefe.

—Não sou seu chefe.

Lassiter inclinou a cabeça.

—Seu colega, então. Agora, importa-te de sair de meu caminho?

Trez despiu as presas e entrechocou as mandíbulas duas vezes, essa era a maneira que tinham as Sombras de dizer a alguém que estavam caminhando pela corda frouxa sobre um precipício muito alto. Mas de toda maneira se afastou.

Lassiter avançou, e ressurgiu seu resplendor.

Rehv encontrou os olhos cor prata esterlina e sem pupilas do tipo.

—Se fodes comigo, Trez não deixará de te fazer dano até que seu empacotamento não possa voltar a unir nem sequer com cola. Sabe o que é ele.

—Sei, mas está perdendo o tempo com sua demonstração de tipo duro. Não posso machucar aos virtuosos, assim você está seguro.

Rehv ladrou uma risada.

—Então, tem muito do que preocupar-se.

Quando Lassiter estendeu a mão e fez contato, uma corrente lambeu o braço de Rehv, o fazendo ofegar. Enquanto uma maravilhosa cura começou a verter-se dentro dele, estremeceu-se e se tendeu em seu ninho de mantas. OH, Deus... seu esgotamento se estava evaporando. O que significava que a dor que ele não sentia estava retrocedendo.

Com essa magnífica voz, Lassiter murmurou:

—Não tem nada que preocupar-se. Os virtuosos nem sempre fazem o correto, mas suas almas permanecem puras. Sua alma está imaculada. Agora fecha os olhos, louco insensível, porque estou a ponto de me acender como uma fogueira.

Rehv entreabriu os olhos e teve que afastar o rosto quando uma explosão de pura energia atravessou seu corpo. Era como um orgasmo de esteróides, uma enorme corrente que o levou longe, fazendo-o em mil pedaços até que flutuou para baixo como uma chuva de estrelas.

Quando retornou a seu corpo, ficou suspirando longo e estendido.

Lassiter o soltou e esfregou a mão nos jeans de cintura baixa que usava.

— E agora com respeito ao que necessito de ti.

— Não vai ser fácil chegar a eles.

— Me diga algo que não saiba.

— Primeiro vou ter que verificar que é o que tem.

— Ele não está muito feliz.

— Bom, é obvio que não, está junto a ti. Mas não vou servir de representante até que veja o panorama.

Houve um momento de silêncio. E logo Lassiter inclinou a cabeça.

— De acordo. Retornarei ao anoitecer e te levarei a ele.

— Está bem, anjo, está bem.

Capítulo 43

Na cúspide da alvorada, Phury foi a seu dormitório e em uma bolsa L.L. Bean empacotou seus acessórios de treinamento, tais como toalha, iPod, garrafa de água... e sua parafernália de drogas que incluía uma colher, um acendedor, uma seringa, um cinturão e seu acostumado pacote de fumaça vermelha.

Deixou sua guarida e se dirigiu para o corredor de estátuas, caminhando como se suas intenções fossem absolutamente saudáveis. Não queria estar muito perto de Bela e Z, por isso escolheu uma das habitações de hóspedes vazias próximas à escada principal. Quando se deslizou dentro, quase volta a sair para escolher outra: as paredes eram de cor lavanda cinzento, exatamente igual à cor das rosas que Cormia gostava tanto.

O rumor das vozes de uns doggens que passavam pelo corredor o obrigaram a ficar onde estava.

Entrou no banheiro, fechou essa porta também e atenuou as luzes até que pareceram as brasas de um fogo. Enquanto as venezianas se fechavam para passar o dia, sentou-se no chão de mármore, apoiou as costas contra o jacuzzi e tirou as coisas que ia precisar.

A realidade do que estava a ponto de fazer não lhe parecia significativa.

Era algo assim como inundar-se em água fria. Uma vez que passava o primeiro choque, acostumava-te ao lugar onde estava.

E o que mais o animava era o silêncio no que estava sumida sua mente. Desde que iniciou este caminho, o feiticeiro não havia dito nenhuma maldita palavra mais.

As mãos de Phury não tremeram absolutamente quando jogou um pouco de pó branco em uma colher de prata esterlina e adicionou um pouco de água da garrafa. Abrindo a tampa de seu acendedor, acionou-o para obter uma chama e o pôs debaixo da mescla.

Por nenhum motivo em particular, notou que o desenho da colher de prata era Açúcar do Vale do Gorham. De finais do século dezenove.

Depois de que a mescla ferveu, deixou a colher no chão de mármore, encheu a seringa, e tomou seu cinturão Hermés. Estendendo o braço esquerdo, rodeou-o com o couro com o que formou um laço, passando um extremo através da lustrosa fivela dourada, esticou-o, e logo o colocou sob o braço para que se mantivesse no lugar.

Suas veias incharam e tamborilaram as que se sobressaíam na curva do cotovelo. Escolheu a mais grossa, e então franziu o cenho.

A merda que havia no interior da seringa era de cor marrom.

Por um momento, invadiu-o o pânico. Marrom era uma má cor.

Sacudiu a cabeça para esclarecer-lhe logo se cravou a veia com a agulha e atirou do êmbolo para assegurar-se que entrou na veia de forma adequada. Quando viu uma labareda de vermelho, empurrou com o polegar, esvaziou a carga da seringa e soltou o cinturão.

O efeito foi muito mais rápido do que tivesse podido imaginar. Um segundo deixou que seu braço caísse frouxo a um lado e ao seguinte estava brutalmente doente do estômago e arrastando-se para a privada em uma estranha e precipitada espécie de câmara lenta.

Definitivamente esta merda não era igual à fumaça vermelha. Não havia uma entrada suave, nenhum educado golpe à porta anunciando a chegada da droga a seu cérebro. Este era um assalto à mão armada com um aríete, e enquanto vomitava, recordou a si mesmo que tinha conseguido o que queria.

Confusamente, no fundo de sua consciência, escutou que o feiticeiro começava a rir... escutou como os grasnidos divertidos de satisfação de seu vício rodavam em sua mente, até o último instante quando a heroína se apropriava do resto de sua mente e de seu corpo.

Quando se deprimiu enquanto vomitava, compreendeu que o enganaram. Em lugar de matar ao feiticeiro, tinham lhe deixado sozinho em sua terra baldia e a mercê de seu amo.

Bom trabalho, companheiro... excelente trabalho.

Merda, esses ossos que havia na terra baldia, eram os restos de quantos viciados o feiticeiro conduziu à morte com suas palavras. E o crânio de Phury estava à frente e no mesmo centro, e era sua vítima mais recente. Mas certamente não a última.

—É obvio — disse a Escolhida Amalya — Claro que pode ser encerrada... Se estiver segura que isso é o que deseja?

Cormia assentiu, e logo recordou a si mesma que estava no Santuário, e portanto tinha retornado à terra das reverências. Inclinando a parte superior de seu corpo, murmurou:

—Obrigado.

Quando se endireitou, percorreu com o olhar as habitações privadas da Directrix. As duas habitações estavam decoradas segundo a tradição das Escolhidas, quer dizer que não

tinham nenhum tipo de decoração. Tudo era singelo, escasso, e branco, com a única diferença em relação às outras habitações das Escolhidas, que Amalya dispôs um lugar com assentos para as audiências que mantinha com as irmãs.

Tudo era tão branco, pensou Cormia. Tão... branco. E as cadeiras nas quais estavam sentadas ambas eram rígidas e não tinham almofadas.

—Suponho que é algo oportuno — disse a Directrix — A última escriba encerrada, Selena, demitiu devido ao advento da ascensão do Primale. À Virgem Escriba agradou lhe permitir abandonar seu dever, dado nossa mudança de circunstâncias. Mas, entretanto, ninguém quis substituí-la.

—Eu gostaria de sugerir que também me dê à função de escriba primária.

—Isso seria muito generoso de sua parte. Liberaria as outras para o Primale. — Houve um longo silêncio— Podemos proceder?

Quando Cormia assentiu e se ajoelhou no chão, a Directrix acendeu um pouco de incenso e realizou a cerimônia de reclusão.

Quando terminou, Cormia ficou de pé e caminhou para o outro lado da sala onde havia um espaço aberto na parede que se estivesse na mansão teria chamado janela.

Ao outro lado da branca extensão do Santuário, vislumbrou o Templo das Escribas Encerradas. Estava acoplado à entrada das habitações privadas da Virgem Escriba e não tinha nenhuma janela. Dentro de seus brancos limites, não haveria ninguém mais que ela. Ela, as pilhas de pergaminhos, as tintas de cor vermelha sangue, e a história vivente da raça, para que ela registrasse como uma espectadora e não como uma participante ativa.

—Não posso fazer isto — disse.

—Sinto muito, que é o que há dito...

Escutou-se um golpe na ombreira.

—Entre — clamou Amalya.

Uma de suas irmãs entrou e fez uma profunda reverência.

—A escolhida Layla concluiu sua preparação nos banheiros para Sua Graça, o Primale.

—Ah, bem. — Amalya estendeu a mão e tomou um queimador de incenso — Instalemo-la em seu templo e depois o convocarei.

—Como deseja. — Enquanto a Escolhida inclinava a cabeça e saía da sala, Cormia captou o sorriso de antecipação no rosto da fêmea.

Provavelmente esperava ser a seguinte na lista para realizar uma viagem ao templo.

—Se me desculpar? — disse Cormia, com o coração pulsando erráticamente, como um instrumento que não podia encontrar o ritmo adequado — Vou retirar-me ao Templo das Escribas.

—É obvio. — Repentinamente os olhos de Amalia se voltaram perspicazes — Está segura que quer fazer isto, minha irmã?

—Sim. Este é um dia glorioso para todas nós. Assegurar-me-ei de registrá-lo apropriadamente.

—Me encarregarei de que levem suas refeições.

—Sim. Obrigado.

—Cormia... se necessitar algum conselho, aqui estarei. De forma pessoal.

Cormia fez uma reverência e saiu apressadamente, dirigindo-se diretamente ao sólido templo branco que agora era seu lar.

Quando fechou a porta detrás dela, ficou rodeada por uma densa escuridão tão negra quanto o carvão. A sua vontade as velas que estavam localizadas nas quatro esquinas da sala de tetos altos se acenderam, e com sua luz, viu as mesas brancas, com suas canetas de cor branca dispostas para seu uso, os frascos de tinta cor vermelho sangue e as tigelas de vidro com água para as visões. Em cestos que havia sobre o chão, havia cilindros de pergaminho atados com fitas brancas, preparados para receber os símbolos da Antiga Língua que resguardariam o progresso da raça.

Contra a parede mais longínqua, havia três beliches duplas, cada uma delas com somente um travesseiro antigo e estendido com lençóis dispostos à perfeição. Não havia nenhuma manta ao pé da cama, já que a temperatura era muito perfeita para requerer mantas extras. A um lado, havia uma cortina que conduzia ao banheiro privado.

Sobre a direita havia uma porta de prata ornamentada, que conduzia à biblioteca privada da Virgem Escriba. As escribas encerradas eram as únicas a quem Sua Santidade ditava seu jornal privado, e quando eram convocadas, usavam essa porta para chegar à audiência que lhes foi outorgada.

A abertura no centro do portal era usada para deslizar pergaminhos gerados tanto pelos que registravam como pelas escribas encerradas durante o processo de edição. A Virgem Escriba lia, aprovava ou corrigia todo documento até que se encontrasse adequado. Uma vez aceito, o pergaminho era talhado para adaptá-lo ao tamanho de outros aos que devia unir-se para transformar-se em um dos volumes da biblioteca, ou era enrolado e incluído nos sagrados arquivos da Virgem Escriba.

Cormia deu a volta em uma das mesas e se sentou em um tamborete sem respaldo.

O silêncio e o isolamento eram tão enervantes quanto uma abundante multidão, e não teve idéia de quanto tempo permaneceu ali sentada, esforçando-se por manter o controle.

Tinha assumido que poderia fazer isso... que a solução da reclusão, era a única coisa que funcionaria. Agora gritava porque desejava escapar.

Talvez só necessitasse algo distinto no que enfocar-se.

Tomando uma caneta branca em sua mão, abriu o frasco de tinta que estava a sua direita. Como aquecimento, começou compondo alguns dos caracteres mais simples da Antiga Língua.

Mas, entretanto, não pôde seguir com isso.

As letras se converteram em desenhos geométricos. Os desenhos se converteram em fileiras de cubos. Os cubos se converteram... em planos de construção.

Na mansão da Irmandade, John levantava a cabeça do travesseiro ao escutar um golpe na porta. Saindo da cama, foi até a porta e respondeu ao golpe de nódulos. No vestibulo,

estavam Qhuinn e Blay, lado a lado, ombro a ombro, como antes estavam acostumados a estar.

Ao menos parecia que algo tinha saído bem.

—Devemos encontrar um quarto para o Blay — disse Qhuinn — Tem alguma idéia de onde podemos colocá-lo?

—Depois do anoitecer deveria ir procurar algumas de minhas coisas — adicionou Blaylock — O que significa que devemos retornar a minha casa.

Não há problema, gesticulou John.

Qhuinn estava no quarto que confinava com o seu, por isso passou essa por alto, continuou até a seguinte e abriu a porta de um quarto de hóspedes cor lavanda pálido.

Podemos trocar a decoração, disse John por gestos, se te parecer muito feminina.

Blay se pôs a rir.

—Sim, não estou seguro de que possa me refugiar aqui.

Enquanto o tipo ia testar a cama, John caminhou para as portas duplas do banheiro e as abriu de um empurrão...

Phury estava inconsciente com a cabeça perto da privada, o enorme corpo frouxo e o rosto da cor da cera para velas. A seus pés havia uma agulha, uma colher e um cinturão.

—Fodido inferno! — A maldição de Qhuinn ecoou por todo o mármore cremoso.

John se girou a toda velocidade.

Vá procurar à doutora Jane. Agora mesmo. Provavelmente esteja no Pit com o Vishous.

Qhuinn saiu disparado, enquanto John corria para o Phury e lhe dava a volta para pô-lo de costas. Os lábios do Irmão estavam azuis, mas não devido aos hematomas causados pelos punhos de John. O macho não estava respirando. E não o fez durante algum tempo.

Desafiando todas as probabilidades, a doutora Jane entrou com o Qhuinn literalmente meio segundo depois.

—Estava de caminho para ver Bela... OH... merda.

Aproximou-se e fez a verificação de sinais vitais mais rápido que John tinha visto na vida. Logo abriu sua maleta de doutor e tirou uma agulha e uma ampola.

—Está vivo?

Os quatro olharam para a porta do banheiro. Zsadist estava ali, com os pés bem plantados e o rosto com cicatrizes pálido.

—Ele está... — Os olhos de Z se desviaram para o que havia no chão perto da Jacuzzi — vivo.

A doutora Jane olhou ao John e vaiou:

—Merda, o tirem daqui. Agora. Não precisa ver isto.

Ao ver a expressão de seu rosto John congelou o sangue: não estava segura de se poderia trazer de volta ao Phury.

Invaso pelo terror, ficou de pé e foi até onde estava Z.

—Não vou partir — disse Zsadist.

—Sim, irá. — A doutora Jane sustentou a seringa que tinha enchido e apertou o êmbolo.

Quando um fluido da grossura de um cabelo saiu disparado da ponta, voltou-se novamente para o corpo de Phury — Qhuinn, você ficará comigo. Blaylock vai com eles e fecha a porta.

Zsadist abriu a boca, e John se limitou a negar com a cabeça.

Foi com uma estranha calma que ficou frente ao Irmão, colocou as mãos sobre ambos os braços do tipo e o empurrou para trás.

E Z deixou que o acompanhassem para fora do quarto sumindo em um silêncio de atordoamento.

Blay fechou as portas e ficou diante delas, bloqueando o caminho de entrada.

Os olhos desolados de Z se aferraram aos de John.

Tudo o que John pôde fazer foi sustentar seu olhar firmemente.

— Ele não pode ter ido — disse Zsadist com voz rouca — Ele não pode estar...

Capítulo 44

— O que quer dizer com o de «trabalho»? — disse o tipo com as tatuagens de presidiário.

Lash apoiou os cotovelos nos joelhos e olhou nos olhos a seu novo melhor amigo. Como os dois passaram de estúpidos bocas grandes a tenros gatinhos, era uma história que bem serviria de testemunho dos poderes de sedução. Primeiro, golpeia com força para estabelecer igualdade. Logo, mostra respeito. E por último, falas de dinheiro.

Os outros dois, o bandido com o Diego RIP, ao redor das clavículas, e Mr. Clean com sua cabeça rapada e as botas de combate, aproximaram-se lentamente e também estavam escutando. O que era outra parte da estratégia de Lash: Atrai ao mais duro e outros virão sozinhos.

Lash sorriu.

— Ando procurando ajuda com a segurança.

O olhar fixo do Prison Tat (seriado) era um digno slogan de «Fazemos trabalhos sujos a preços dados de presente».

— Dirige um bar?

— Não. — Olhou ao RIP (pós morte) — Imagino que vocês o chamariam um assunto territorial.

O bandido assentiu como se conhecessem todas as regras desse jogo de tabuleiro.

Prison Tat flexionou os braços.

— O que te faz pensar que me colocaria a fazer negócios com você? Não te conheço.

Lash se reclinou para trás até apoiar os ombros contra os blocos de concreto.

— Simplesmente pensei que você gostaria de te fazer uns verdes. Meu engano.

Quando fechava os olhos como se fosse a dormir, escutou vozes que o fizeram voltar a abrir as pálpebras. Um oficial estava acompanhando a outro delinqüente à cela de detenção.

Bom, que lhes parece. Era o tipo com a jaqueta da águia que estava no Screamer.

Fizeram entrar um novo, e os três idiotas valentões formaram o habitual comitê de boas-vindas oferecendo um típico olhar olho-com-o-que-faz-cara-de-traseiro. Um dos drogados levantou o olhar e ofereceu um sorriso aquoso como se, conhecesse o tipo por assuntos de negócios.

Interessante. Assim que o tipo era um entregador.

Homem águia avaliou ao grupo e saudou o Lash com a cabeça, como reconhecendo sua supremacia, antes de tomar assento no outro extremo do banco. Via-se mais chateado que assustado.

Prison Tat se inclinou para o Lash.

— Não disse que não tinha interesse.

Lash voltou o olhar para ele.

— Como te encontro para fixar os termos?

— Conhece o Ônibus's Bikes?

— É esse lugar de reparação de Harleys que está no Tremont, verdade?

— Sim. Eu e meu irmão somos os donos. Somos motoqueiros.

— Então conhece mais gente que poderia me ser útil.

— Talvez sim. Talvez não.

— Qual é seu nome?

Prison Tat entrecerrou os olhos. Logo assinalou uma Harley modificada que tinha tatuada no braço.

— Me chame Low.

Diego RIP começou a dar golpes com o pé no chão, como se quisesse dizer algo e se continha, mas Lash não estava preparado para dançar o tango com os bandidos nem com os cabeças rapadas. Ainda não. Era mais seguro começar pouco a pouco. Veria se podia acrescentar alguns motoqueiros à mixórdia da Sociedade Lessening. Se funcionasse, então sairia à caçada. Talvez inclusive provocaria que voltassem a prendê-lo como entrada.

— Owens — gritou um policial da porta.

— Vemo-nos — disse Lash ao Low. Saudou com a cabeça ao Diego, à cabeça rapada, e ao distribuidor. Deixou a quão drogados estavam entretidos com suas conversações com o chão.

Fora na central de processamento, esperou enquanto um oficial explicava «estas página são as acusações contra você», «este é o número do escritório dos advogados de ofício... precisa chamá-los se quiser que lhe atribua um advogado», «sua data no tribunal é dentro de seis semanas», «se você não for à citação, perderia a fiança e se emitiria uma ordem de prisão», bla, bla, bla...

Assinou com o nome Larry Owens algumas vezes, e logo o conduziram pelo mesmo corredor pelo que o conduziram algemado oito horas antes. Ao final do lance de linóleo, estava o senhor D sentado em uma miserável cadeira de plástico, e quando ficou de pé pareceu aliviado.

— Vamos comer algo — disse Lash enquanto encaminhavam para a saída.

— Sim, senhor.

Lash saiu pela porta dianteira do edifício do Departamento de Polícia de Caldwell, muito distraído pensando nas coisas que tinha que fazer para prestar atenção à hora. Quando o sol deu totalmente no rosto, saltou para trás dando um grito e se estrelou contra o senhor D.

Cobrindo o rosto, lutou por retornar ao edifício.

O senhor D o apanhou pela parte superior dos braços.

—O que...

—O sol! — Lash quase atravessou as portas quando repensou... não estava ocorrendo nada. Não estalou em chamas, nenhuma grande bola de fogo, nenhum horrível e ardente falecimento.

Deteve-se... e se virou para olhar o sol pela primeira vez em sua vida.

—É tão brilhante. — defendeu os olhos com o antebraço.

—Supõe-se que não deve olhá-lo diretamente.

—É... Quente.

Deixando cair para trás contra a fachada de pedra do edifício, maravilhou-se pelo calor. Os raios o banharam, difundindo-se para seus músculos através da pele.

Antes nunca invejou aos humanos. Mas, Meu Deus, se tivesse sabido como se sentia isto, teria os invejado todo o tempo.

—Está bem? — perguntou-lhe o senhor D.

—Sim... sim estou. — Fechou os olhos e simplesmente se dedicou a respirar, inalar, exalar — Meus pais... nunca me deixaram sair fora. Supõe-se que os Pretrans podem suportar a luz do sol até a mudança, mas minha mãe e meu pai nunca quiseram arriscar-se.

—Não posso imaginar não ter sol.

Depois disto, Lash tampouco podia.

Levantando o queixo, fechou os olhos por um momento... e prometeu que a próxima vez que o visse, agradeceria a seu pai.

Isto era... magnífico.

Phury despertou com um sabor abrasador e repugnante na boca. Em realidade sentia essa sensação por todos os lados, como se alguém tivesse orvalhado o interior de sua pele com limpador para fornos.

Tinha os olhos fechados como com cola. Sentia o estômago como uma bola de chumbo. Os pulmões se inflavam e desinflavam com todo o entusiasmo de alguns drogados no dia seguinte de pegar um subidão durante um concerto dos Grateful Dead (grupo de rock dos anos 60 drogados). E encabeçando a marcha das coisas que não foram a absolutamente nenhum lugar, ia seu cérebro, o qual evidentemente morreu e não tinha ressuscitado junto com o resto de seu corpo.

E já que estava nisso, seu peito também se comportava de forma similar a uma loja fechada. Ele... Não, seu coração ainda devia estar pulsando, por que... bom, tinha que estar fazendo-o não? Ou não teria pensamentos, verdade?

Uma imagem do paramos cinza se representou na mente, o feiticeiro perfilando-se

contra esse vasto horizonte cinza.

Bem-vindo de volta, raio de sol, disse o feiticeiro. Isso foi muito divertido. Quando podemos fazê-lo de novo?

Voltar a fazer o que, perguntou-se Phury.

O feiticeiro riu.

OH, quão facilmente se esquecem dos momentos divertidos.

Phury gemeu e ouviu que alguém se movia.

—Cormia — grasnou.

—Não.

Essa voz, essa profunda voz masculina. Muito parecida com a que saía de sua própria boca. De fato, idêntica.

Zsadist estava com ele.

Enquanto Phury girava a cabeça, teve a sensação de que o cérebro chapinhava dentro de seu crânio, sua caixa óssea não era mais que um aquário com água e um pequeno cofre do tesouro que fazia borbulhas, mas não havia nada com aletas dentro dele. Nada que estivesse realmente vivo.

Z se via tão mal quanto em seus piores momentos, tinha sombras escuras sob os olhos, os lábios apertados, e a cicatriz ressaltava mais que nunca.

—Sonhei com você — disse Phury. Deus, sua voz era simplesmente um rouco murmúrio — Estava cantando para mim.

A cabeça de Z se moveu lentamente de um lado a outro.

—Não era eu. Já não sou capaz de cantar.

—Onde está ela? — perguntou Phury.

—Cormia? No Santuário.

—OH... — Certo. Ele foi a causa de que fosse ali por ter tido relações sexuais com ela. E logo ele... Chute. Com. Heroína — OH, Meu Deus.

Essa pequena e feliz revelação o ajudou a enfocar os olhos e o fez olhar a seu redor.

Tudo o que via, por toda parte, era de cor lavanda pálido, e o fez pensar em Cormia atravessando o armário do escritório com sua túnica branca e levando aquela rosa na mão. A rosa ainda estava ali, pensou. Tinha-a deixado para trás.

—Quer algo de beber?

Phury se voltou para olhar a seu gêmeo. Frente a ele, o tipo se via igual a como ele se sentia, esgotado e vazio.

—Estou cansado — murmurou Phury.

Z se levantou e lhe aproximou um copo.

—Levanta a cabeça.

Phury obedeceu, embora isso provocasse que o nível de água de seu tanque se deslocasse e ameaçasse derramar. Enquanto Zsadist sujeitava o copo contra seus lábios, tomou um gole, logo outro, e logo estava tragando desesperado de sede.

Quando acabou, deixou que sua cabeça voltasse a cair contra o travesseiro.

—Obrigado.

—Mais?

—Não.

Zsadist deixou o copo sobre a mesinha de noite e logo se reacomodou outra vez na poltrona cor lavanda claro, cruzou os braços, e baixou o queixo até quase apoiá-lo sobre seu peito.

Tinha perdido peso, pensou Phury. Suas bochechas começavam a se sobressair outra vez.

—Não tenho lembranças — disse Z suavemente.

—Do que?

—De ti. Deles. Sabe, do lugar de onde vinha antes de ser roubado e vendido.

Possivelmente foi a água ou o que Z acabava de dizer, mas uma das duas fez que Phury recuperasse completamente a consciência.

—Nunca poderia ter recordado a nossos pais... Nem nossa casa. Foi somente um bebê.

—Recordo à babá. Bom, tenho uma lembrança. Dela colocando geléia no polegar e me deixando sugá-lo. Isso é tudo o que tenho. Quão seguinte recordo... é estar naquele lugar com todas essas pessoas me olhando. — Z franziu o cenho — Cresci como moço de cozinha. Lavava montões de pratos, limpava um montão de vegetais, e levava cerveja aos soldados. Eram bons comigo. Essa parte foi... aceitável. — Z esfregou os olhos — Me Diga algo. Que tal foi para você? A parte do crescimento.

—Solitária. — Bem, isso soava egoísta — Não quero dizer...

—Eu estava sozinho, também. Sentia como se me faltasse algo, mas não sabia o que era. Era a metade de um tudo, exceto que estava só eu.

—Assim é como me sentia eu. Salvo que eu sabia o que me faltava. — você, ficou sem dizer.

A voz de Z se voltou completamente lacônica.

—Não quero falar do que aconteceu depois que passei a transição.

—Não tem que fazê-lo.

Zsadist assentiu e pareceu retrair-se em si mesmo. No silêncio que seguiu Phury nem sequer podia começar a imaginar que podia estar recordando. A dor, a degradação e a fúria.

—Lembra-se de antes que nos uníssemos à Irmandade — murmurou Z — quando parti durante três semanas? Ainda estávamos no Antigo País e não tinha nem idéia de onde fui?

—Sim.

—Matei-a. À Ama.

Phury piscou assombrado porque admitisse o que todo mundo sempre suspeitou.

—Assim não foi seu marido.

—Não. Certamente, ele era violento, mas fui eu que o fez. Sabe, tinha tomado outro escravo de sangue. Tinha-o posto nessa jaula. Eu... — A voz de Z vacilou, logo se voltou firme como a rocha outra vez — Não podia deixar que fizesse isso a alguém mais. Voltei ali... Encontrei-o... merda, estava nu e no mesmo lugar que eu estava acostumado a...

Phury reteve o fôlego, pensando que isto era tudo o que tinha querido e temido saber. Era estranho que estivessem mantendo essa conversa agora.

—Você estava acostumado ao que?

—Me sentar. Estava acostumado a me sentar nesse lugar quando não estava sendo... Sim, sentava-me ali, porque ao menos assim via o que me vinha em cima. O menino, também tinha as costas contra a parede e os joelhos levantados. Exatamente como eu acostumava me localizar. Era jovem. Muito jovem como recém passado da transição. Tinha uns olhos castanhos claros... e estavam aterrorizados. Pensou que fui ver a ele. Já sabe... como, a «vê-lo» ele. Quando entrei, não pude falar, e isso o assustou ainda mais. Tremia... tremia tanto que seus dentes tocavam castanholas, e ainda lembro como se viam os nódulos de suas mãos. Estava aferrando suas magras panturrilhas, e os nódulos quase saíam da pele.

Phury apertou os dentes, recordando quando libertou o Zsadist, recordando a visão dele encadeado e nu sobre a cama embutida em meio da cela. Z não tinha estado assustado. Foi usado muito e durante muito tempo para assustar-se por algo que pudessem lhe fazer.

Zsadist esclareceu voz.

—Disse ao moço... disse que ia solta-lo. A princípio não acreditou. Não até que levantei as mangas de meu casaco e mostrei meus pulsos. Depois que viu minhas faixas de escravo, não tive que dizer outra palavra. Estava completamente do meu lado. — Z tomou um profundo fôlego — Ela nos encontrou enquanto o guiava através do nível inferior do castelo. Estava tendo problemas para caminhar, porque imagino que no dia anterior devia ter... estado muito atarefado. Tive que carregá-lo. Em definitivo, ela nos surpreendeu... E antes que pudesse chamar os guardas, encarreguei-me dela. Esse moço... observou como rompia seu pescoço e a deixava cair ao chão. Depois que caiu, cortei-lhe a cabeça por que... sabe nenhum de nós dois poderia acreditar realmente que estivesse morta. Merda, homem, estava nesses túneis como gaiolas, onde qualquer um poderia nos surpreender, e não podia me mover. Simplesmente fiquei olhando-a fixamente. O menino, ele me perguntou se estava verdadeiramente morta. E respondi que não sabia. Não se movia, mas como podia estar seguro?

—O moço me contemplou, e nunca esquecerei o som de sua voz. «Voltará. Ela sempre volta.» Da forma em que eu o via, ele e eu já vivíamos com bastante merda, como para além de ter que nos preocupar por isso. Assim cortei totalmente sua cabeça, e ele a levou pelo cabelo enquanto eu procurava a fodida saída. — Zsadist esfregou o rosto — Depois de liberá-lo, não sabia o que fazer com o moço. Isso foi o que me levou três semanas. Levei-lhe bem ao sul, até a ponta da Itália, tão longe quanto podia levá-lo. Havia uma família ali, uma que Vishous conhecia de quando trabalhou com esse comerciante de Veneza. De qualquer forma, essa família necessitava ajuda, e eram boa gente. Acolheram-lhe como um criado a salário. Quão último soube, faz perto de uma década, foi que teve seu segundo filho com sua shellan.

—Você o salvou.

—Soltá-lo não o salvou. — Os olhos de Zsadist foram à deriva - é o ponto, Phury. Não há forma de salvá-lo. Não há forma de salvar a mim. Sei que segue esperando que ocorra, sei que

vive por isso. Mas... não vai ocorrer nunca. Olhe... não posso agradecer isso, porque... tanto como amo a Bela e minha vida e o lugar onde me encontro agora, ainda sigo retornando ali. Não posso evitá-lo. Ainda vivo todos os dias.

—Mas...

—Não, me deixe terminar. Tudo isto das drogas com você... Olhe, não me falhaste. Porque não pode falhar no impossível.

Phury sentiu uma cálida lágrima caindo do olho.

—Só quero solucionar as coisas.

—Sei. Mas as coisas nunca estiveram bem e nunca o estarão, e você não tem que te matar por isso. O máximo que chegarei é onde estou.

Não havia promessa de alegria na expressão de Z. Nenhum potencial para a felicidade. A falta de mania homicida era uma melhora, mas a ausência de toda alegria razoável pelo fato de estar vivo tampouco era motivo de celebração.

—Acreditei que Bela tinha te salvado.

—Fez muito. Mas agora mesmo, tal e como vai a gravidez...

Não teve que terminar. Não havia palavras adequadas para descrever os cruéis «e se?». E Phury notou que Z pôs à idéia que ia perdê-la. Decidiu que o amor de sua vida ia morrer.

Não era de surpreender que não quisesse andar prodigalizando agradecimentos por ter sido resgatado.

Z continuou.

—Não mantive o crânio da Ama comigo todos estes anos por algum tipo de fixação doentia. Necessitava-o para quando tinha pesadelos nos quais ela voltava a me buscar. Ao despertar, o primeiro que fazia era checar e me assegurar de que ainda estava morta.

—Isso posso entendê-lo...

—Quer saber o que estive fazendo há um mês ou dois?

—Sim...

—Me acordo com um ataque de pânico porque não sei se ainda estará vivo. — Z sacudiu a cabeça — Sabe, posso estender a mão através dos lençóis procurando Bela e sentir seu quente corpo. Mas não posso fazer isso com você... E acredito que meu subconsciente pôs à idéia de que provavelmente vocês dois não vão estar aqui dentro de um ano.

—Sinto-o... merda... — Phury levou as mãos ao rosto — O sinto.

—Acredito que deveria partir. Como, ao Santuário. Vai estar mais seguro ali. Se ficar aqui, nem sequer conseguirá durar um ano. Deve partir.

—Não sei se isso é necessário...

—Me deixe ser um pouco mais claro. Tivemos uma reunião.

Phury baixou as mãos.

—Que tipo de reunião?

—Do tipo de porta fechada. Eu, Wrath e a Irmandade. Da única forma em que pode ficar aqui é se deixar de consumir e te converte em amigo de Bill W.(programa de 12 passos de ajuda para álcool e fumo) E ninguém acredita que vás fazer isso.

Phury franziu o cenho.

—Não sabia que havia reuniões de vampiros DÁ (drogados anônimos) .

—Não há, mas há as humanas de noite. Busquei-o na Web. Mas isso não tem importância, verdade? Porque embora dissesse que vai, ninguém te acreditaria, e não acredito... não acredito que você pense que pode, tampouco.

Isso era difícil de discutir, considerando o que havia trazido para a casa e se colocou no braço.

Quando Phury pensou em deixá-lo, começaram a suar as palmas das mãos.

—Disse ao Rehv que não me vendesse fumaça vermelha, verdade? — Era por isso que Xhex foi atrás dele à última vez que foi comprar.

—Sim, pedi. E sei que não foi ele quem te vendeu a H. Havia uma águia no pacote. Ele marca os sua com uma estrela vermelha.

—Se for ao Santuário, como sabe que não seguirei consumindo?

—Não sei. — Z se levantou — Mas não terei que vê-lo. Nem tampouco o resto de nós.

—Está tão malditamente tranquilo — murmurou Phury, como se acabasse de ocorrer.

—Vi-te morto junto a um lavabo, e passei as últimas oito horas te cuidando e me perguntando como caralho ia fazer para reverter isto. Estou exausto e com os nervos aniquilados, e se você não o remedia, nos lavamos as mãos com respeito a ti.

Zsadist se virou e foi lentamente para a porta.

—Zsadist. — Z se deteve, mas não se voltou — Não vou te dar obrigado por isso. Assim que imagino que estamos em paz.

—É justo.

Quando a porta se fechou, Phury teve um estranho pensamento dissociado, que considerando tudo o que se acabava de dizer, era discutivelmente inapropriado.

Se Zsadist não voltava a cantar nunca mais, o mundo perdeu um tesouro.

Capítulo 45

No outro extremo do Complexo da Irmandade, aproximadamente a doze metros clandestinamente, John estava sentado no escritório do centro de treinamento e olhava fixamente o computador que estava diante dele. Sentia-se como se devesse estar fazendo algo para ganhar seu dinheiro, mas com as aulas interrompidas indefinidamente não havia muito que fazer.

Gostava da papelada, por isso desfrutava com seu trabalho. Habitualmente passava o tempo registrando qualificações, atualizando arquivos com informe de lesões durante o treinamento, e mantendo em dia o progresso dos currículos. Era agradável pôr em ordem todo o caos, para que tudo estivesse onde devia.

Olhou seu relógio. Blay e Qhuinn estavam fazendo exercício na sala de pesos e estariam

ali ao menos meia hora mais, no mínimo.

O que fazer... o que fazer...

Em um impulso fortuito, explorou o diretório do computador e encontrou uma pasta etiquetada Informe de Incidentes. Ao abri-la, escolheu a que Phury tinha arquivado sobre o ataque à casa de Lash.

Cristo... Jesus. Os cadáveres de seus pais foram sentados ao redor da mesa de refeição, transportados ali da salinha na qual foram assassinados. À exceção de uma gaveta nas habitações de Lash todo o resto foi deixado intacto, e Phury pôs uma nota à margem: Efeitos pessoais? Mas, quanto poderia valer para que deixassem todas as demais jóias em seu lugar?

John olhou os outros informes das casas que foram atacadas. A de Qhuinn. A de Blay. E a de outros três companheiros de classe. Cinco de outros aristocratas. Total de mortes: vinte e nove, incluindo doggens. E o saque foi extenso.

Evidentemente era a sucessão de assaltos mais bem-sucedida do saque à propriedade da família de Wrath acontecido no Antigo País.

John tentou imaginar a tortura a que se teria visto submetido Lash para que todas essas direções saíssem de sua boca. Tinha sido uma merda de pessoa, mas não tinha professado amor pelos lessers.

Torturado. Tinha que estar morto.

Sem nenhum motivo em particular, John entrou no arquivo do tipo que havia no computador. Phury, ou alguém, preencheu o certificado de falecimento. Nome: Lash, filho de Ibix, filho de Ibixes, filho de Thornsrae. Data de nascimento: Março 3 de 1983. Data de morte: aprox. Agosto de 2008. Idade ao morrer: 25. Causa do falecimento: Sem confirmar; presumivelmente tortura. Localização do corpo: Desconhecida, presume-se que a Sociedade Lessening foi a culpada. Restos entregues a: N/D.

O resto do arquivo era extenso. Lash teve muitos problemas disciplinadores, não só no programa de treinamento, mas também nas reuniões da glymera. Era uma surpresa ver estes incluídos no registro, dado que a aristocracia mantinha ocultas suas imperfeições, mas em definitivo, a Irmandade exigia a divulgação completa dos antecedentes dos recrutas antes de aceitá-los no programa.

A certidão de nascimento do sujeito também foi escaneada: Nome: Lash, filho de Ibix, filho de Ibixes, filho de Thornsrae. Data de nascimento: Março 3 de 1983, 1:14 a.m. Mãe: Rayelle, filha de sangue do soldado Nellshon. Certificado de nascimento assinado por: Havers, filho de Havers, MD. Dado de alta: Março 3 de 1983.

Resultava tão estranho que o tipo tivesse desaparecido.

Soou o telefone, fazendo-o saltar. Quando John levantou o auricular, assobiou, e a voz de V disse:

—Em dez minutos. Estúdio de Wrath. Reunimo-nos. Vocês três, estejam ali.

E a linha ficou morta.

Depois de pronunciar uns quantos «OH Meu Deus», John foi para a sala de pesos e avisou ao Qhuinn e ao Blay. Ambos fizeram exatamente à mesma pausa tipo uau! E logo

todos saíram correndo para o estúdio de Wrath, ainda que seus amigos seguissem vestidos com seus suéteres de treinamento.

No andar superior, na sala decorada em azul pálido do Rei, estava reunida toda a Irmandade, enchendo a sala de tal forma que todo o refinado e decoroso do lugar foi subjugado: Perto do suporte da chaminé, Rhage estava desembulhando um Tootsie Pop, que a julgar pelo envoltório cor púrpura, era de uva. Vishous e Butch estavam ambos sentados em um sofá antigo, fazendo temer pela integridade de suas patas magras. Wrath estava detrás de sua mesa. Z estava na esquina mais afastada, com os braços cruzados sobre o peito, olhando diretamente à frente, os olhos cravados no centro da sala.

John fechou a porta e ficou onde estava. Qhuinn e Blay seguiram seu exemplo, e os três permaneceram perto da porta, apenas dentro da sala.

— Isto é o que temos — disse Wrath, pondo as botas em cima da mesa coberta de papéis — As cabeças de cinco das famílias fundadoras estão mortas. A maioria do que fica da glymera está pulverizada no litoral oriental e em refúgios. Por fim. O total de perdas em vistas se encontra nos vinte e tantos, quase chegando aos trinta. Apesar de que houve um ou dois massacres ao longo de nossa história, este foi um golpe de gravidade sem precedentes.

— Deviam ter se mudado mais rapidamente — murmurou V — Os condenados tolos não nos escutaram.

— Certo, mas realmente acaso esperávamos que se comportassem de outra forma? Assim que isto é o que temos. Devemos esperar algum tipo de resposta negativa de parte do Conselho do Princeps em forma de proclama em contrário a mim. Minha hipótese é que vão tentar organizar uma guerra civil. Concedido, enquanto eu respire ninguém mais pode ser proclamado Rei, mas poderiam me dificultar condenadamente as coisas quanto a governar convenientemente e manter a união. — Quando os irmãos começaram a resmungar todo tipo de obscenidades, Wrath pôs a mão em alto para deter o falatório — As boas notícias são que têm muitos problemas de organização o que nos dará um pouco de tempo. Os estatutos do Conselho do Princeps dizem que este deve estar estabelecido fisicamente em Caldwell e deve convocar suas reuniões aqui. Criaram a regra faz alguns séculos para assegurar-se que a base de poder não se mudasse a outra parte. Como nenhum deles está na cidade e o «olá-conferencia-Telefônica» não existia em 1790 quando fizeram os remendos dos atuais estatutos, não podem convocar uma reunião para trocar seus estatutos nem para escolher um novo leahdyre até que arrastem seus traseiros até aqui, pelo menos durante uma noite. Devido às mortes, isso poderia demorar um tempo, mas estamos falando de semanas não de meses.

Rhage pegou com uma dentada a seu Tootsie Pop, e o rangido ricocheteou por todas as paredes da sala.

— Temos uma idéia aproximada do que ainda não foi atacado?

Wrath assinalou para a beira mais afastada de sua mesa.

— Fiz cópias para todos.

Rhage foi até ali, recolheu a pilha de papéis e foi repartindo entre outros... incluindo o Qhuinn, ao John e ao Blay.

John olhou as colunas. Na primeira havia um nome. Na segunda uma direção. A terceira era uma estimativa do número de pessoas e de doggens que havia na casa. A quarta, um valor estimativo do que havia na casa apoiado na lista de nomes dos impostos. Na última se estabelecia se a família tinha abandonado ou não a casa e se a saquearam ou não e em caso afirmativo quanto levaram.

—Quero que dividam a lista dos que ainda não tivemos notícias — disse Wrath — Se ainda há alguém nas casas, quero que os tirem, embora tenham que arrastá-los pelos cabelos. John, você e Qhuinn irão com o Z. Blay, você irá com o Rhage. Alguma pergunta?

Sem nenhuma razão aparente John se encontrou olhando a feia cadeira cor abacate que estava atrás da mesa de Wrath. Era a de Tohr.

Ou tinha sido.

Ele gostaria que Tohr o visse com a lista na mão, preparado para sair a defender a sua raça.

—Bem — disse Wrath — Agora saiam de uma puta vez daqui e façam o que necessito que façam.

No Outro Lado, no Templo das Escribas Encerradas, Cormia enrolou o pergaminho no que tinha estado esboçando casas e edifícios e o pôs no chão a um lado de seu tamborete. Não tinha idéia do que fazer com a coisa. Possivelmente podia queimá-lo? No Santuário não existiam cestos de papéis.

Quando moveu uma tigela de vidro cheio de água da fonte da Virgem Escriba que tinha diante, pensou na que Fritz estava acostumado a lhe levar com ervilhas dentro. Já sentia falta de seu passatempo. Sentia falta do mordomo. Sentia falta de...

O Primale.

Rodeando a tigela com as mãos, começou a esfregar o vidro, criando ondas na superfície da água que refletiam a luz das velas. O calor de suas mãos e o sutil movimento criou um efeito de redemoinho, e de entre os aprazíveis cheiros, chegou-lhe a visão de quem ela queria ver exatamente. Uma vez que apareceu a imagem, a água deixou de agitar e a superfície se aquietou para que pudesse olhar e descrever o que via.

Era o Primale e estava vestido da mesma maneira que a noite em que a encontrou no alto das escadas e a olhou como se não a tivesse visto durante uma semana. Mas não estava na mansão da Irmandade. Estava correndo por um corredor que estava marcado com rastros de sangue e negros rastros de tacos. Por toda parte havia corpos esparramados no chão, eram os cadáveres de vampiros que estavam vivos tão somente uns momentos antes.

Viu como o Primale reunia a um pequeno grupo de machos e fêmeas aterrorizados e os metia em um armário de fornecimentos. Viu seu rosto enquanto lhes encerrava dentro, e em seus rasgos vislumbrou o medo, a tristeza e a ira.

Tinha lutado para salvá-los, para encontrar uma via de escape para a segurança,

para cuidar deles.

Quando a visão se turvou, tomou a tigela uma vez mais. Agora que viu o que ocorreu, pôde voltar a convocá-la, e olhou uma vez mais suas ações. E logo outra vez.

Era como o filme que viu no Outro Lado, só que isto era real, eram eventos que ocorreram no passado e não uma construção fictícia do presente.

E então viu outras coisas, cenas relacionadas com o Primale, a Irmandade e a raça. OH, o horror das matanças, desses corpos mortos em casas luxuosas... os cadáveres eram muito numerosos para que ela pudesse contá-los. Um por um, viu os rostos daqueles que foram assassinados pelos lessers. Logo viu os Irmãos lutando, eram tão poucos que se viam obrigados a envolver muito cedo na guerra ao John, Blay e Qhuinn.

Se isto continuar, pensou, os lessers ganharão...

Franziu o cenho e se inclinou para aproximar-se mais à tigela.

Na superfície da água, viu um lesser loiro, o que não era estranho... mas este tinha presas.

Golpearam a porta, e como saltou ao assustar-se, a imagem desapareceu.

Ouviu-se uma voz amortecida do outro lado da porta do templo.

—Minha irmã?

Era Selena, a anterior escriba encerrada.

—Minhas saudações — Gritou Cormia.

—Trouxe sua refeição, minha irmã — disse a Escolhida. Escutou-se um som que indicava que a bandeja se deslizou pela abertura da porta — Espero que seja de seu agrado.

—Obrigado.

—Tem alguma pergunta a me fazer?

—Não. Obrigado.

—Retornarei pela bandeja. — A excitação na voz da Escolhida se elevou quase uma oitava — Depois de sua chegada.

Cormia inclinou a cabeça, e então recordou que sua irmã não podia vê-la.

—Como desejar.

A escolhida partiu, sem dúvida, para preparar-se para o Primale.

Cormia se apoiou de volta sobre a mesa e olhou a tigela, mas não em seu interior. Era muito frágil e muito fina, salvo sua base, que era pesada e sólida. A borda do vidro era afiada como uma faca.

Não soube quanto tempo permaneceu assim. Mas finalmente saiu de seu intumescido transe e forçou as palmas de suas mãos de volta à tigela.

Não se surpreendeu que o Primale saísse de novo à superfície...

Horrorizou-se.

Jazia inconsciente sobre um chão de mármore, perto de um vaso. Quando estava a ponto de saltar para fazer só a Virgem sabia o que, a imagem mudou. E ele estava na cama, em uma cama de cor lavanda.

Voltando a cabeça, olhou diretamente para fora da água, para ela e disse:

—Cormia?

OH, queridíssima, Virgem Escriba, esse som quase a faz chorar.

—Cormia?

Ela ficou rapidamente de pé. O Primale estava na porta do Templo, vestido de branco, luzindo o medalhão de sua fita ao redor do pescoço.

—Verdadeiramente... — Não pôde dizer nada mais. Queria correr, pôr os braços a seu redor e abraçá-lo com força. Havia-o visto morto. Tinha-o visto...

—Por que está aqui? — perguntou, enquanto jogava uma olhada em torno da austera sala — Absolutamente sozinha.

— Estou encerrada. — esclareceu garganta — Como te disse que o estaria.

—Então, supõe-se que eu não deveria estar aqui?

—É o Primale. Pode estar em qualquer parte.

Enquanto ele dava uma volta pela sala, ela quis formular muitas perguntas, nenhuma das quais, tinha direito a perguntar.

Ele a olhou.

—A ninguém mais permite entrar aqui?

—Não a menos que uma de minhas irmãs se una como escriba encerrada. Embora a Directrix possa entrar se lhe concedo uma licença.

—Por que é necessária a reclusão?

—Porque além de registrar a história geral da raça, nós... eu vejo as coisas que a Virgem Escriba deseja manter em... privado. — Quando o Primale entreceitou os olhos amarelos, em seguida soube o que estava pensando — Sim, vi o que fez. Nesse banheiro.

A maldição que ele lançou ecoou no teto branco.

—Está bem? — perguntou-lhe.

—Sim, estou bem. — Cruzou os braços em cima do peito — Vai estar bem aqui? Sozinha?

—Estarei bem.

Olhou-a fixamente. Larga e conscienciosamente.

A aflição era visível em seu rosto, em suas profundas rugas de dor e pesar.

—Não me fez mal — disse — Quando estivemos juntos, não me machucou. Sei que pensa que o fez, mas não é assim.

—Desejaria... que as coisas fossem diferentes.

Cormia riu tristemente e em um impulso murmurou:

—É o Primale. As troque.

—Sua Graça? — A Directrix apareceu na porta, parecia confundida — O que está fazendo aqui?

—Vim ver a Cormia.

—OH, mas... — Amalya pareceu agitar-se, como se tivesse recordado que o Primale podia ir aonde quisesse e ver quem quisesse, e que reclusão era um termo restritivo para todos menos para ele — Mas é obvio, Sua Graça. Ah... a Escolhida Layla está preparada para

você e em seu templo.

Cormia olhou para baixo, à tigela que estava frente a ela. Como os ciclos de fertilidade das Escolhidas neste lado eram muito curtos, era muito provável que Layla estivesse atravessando um período de fertilidade nesse momento ou estivesse a ponto de entrar nele. Não cabia dúvida que a palavra gravidez, seria registrada muito em breve.

— É hora de que parta — disse, levantando o olhar para o Primale.

Ele a perfurou com o olhar, literalmente.

— Cormia...

— Sua Graça? — interrompeu a Directrix.

Com um tom de voz inflexível, disse-lhe sobre seu ombro:

— Irei quando me der vontade e esteja condenadamente preparado.

— OH, por favor, me perdoe, Sua Graça, não tive intenção de...

— Está bem — disse com cansaço — Só lhe diga... que em um momento estarei ali.

A Directrix fez uma precipitada reverência e saiu, fechando a porta atrás de si.

Os olhos do Primale se centraram novamente na Cormia, imobilizando-a. E logo atravessou a sala com uma expressão grave no rosto.

Quando ficou de joelhos frente a ela, sobressaltou-se.

— Sua Graça, não deveria...

— Phury. Me chame Phury. Nunca deve me dizer «Sua Graça» nem «Primale». A partir deste mesmo momento, não quero escutar nada salvo meu nome real vindo de seus lábios.

— Mas...

— Sem mais.

Cormia sacudiu a cabeça.

— Está bem, mas não deve te pôr de joelhos. Jamais.

— Frente a ti, só deveria estar de joelhos. — Pôs as mãos suavemente sobre seus braços — Frente a ti... sempre deveria me inclinar. — Olhou seu rosto e seus cabelos — Olhe, Cormia, há algo que deve saber.

Quando baixou a vista e o olhou, seus olhos pareceram à coisa mais assombrosa que viu em toda sua vida, hipnóticos, da cor dos citrinos à luz do fogo.

— Sim?

— Amo-te.

Deteve-lhe o coração.

— O que?

— Amo-te. — Sacudiu a cabeça e se deixou cair para trás sentando-se com as pernas cruzadas — OH, Jesus... fiz um desastre contudo. Mas te amo. Queria que soubesse por quê... bom, merda, porque é importante, e porque isso significa que não posso estar com as demais Escolhidas. Não posso estar com elas, Cormia. É com você ou com ninguém.

Seu coração cantou. Por uma fração de segundo, seu coração voou em seu peito, elevando-se sobre rajadas de alegria. Isto era o que desejou, este compromisso, esta realidade...

Sua brilhante felicidade se apagou tão rapidamente quanto se acendeu.

Pensou nas imagens dos cansados, dos torturados, dos que foram cruelmente assassinados. E no fato de que quantos Irmãos guerreiros ficavam? Quatro. Somente quatro.

Em séculos anteriores seu número subia a vinte ou a trinta.

Cormia olhou a tigela que tinha diante e depois a caneta que utilizou. Existia uma possibilidade muito real que em algum ponto, em um futuro não muito distante, não houvesse história que escrever.

— Deve ir a ela, com a Layla — disse com um tom de voz tão plano quanto o pergaminho no que escreveria — E também deve ir com elas.

— Não escutou o que te disse?

— Sim. Escutei. Mas isto é mais importante que você e que eu. — ficou de pé, porque se não se movia ia voltar se louca — Já não sou uma Escolhida, não em meu coração. Mas vi o que está passando. Se seguirmos assim a raça não sobreviverá.

O Primale esfregou os olhos com uma careta.

— Desejo a ti.

— Sei.

— Se estiver com as demais, poderá suportá-lo? Porque eu não estou seguro de poder fazê-lo.

— Temo-me que... não posso. É por isso que escolhi fazer isto. — Estendeu a mão e fez um gesto abrangendo a sala — Aqui posso ter paz.

— Não obstante, posso vir ver-te. Verdade?

— É o Primale. Pode fazer tudo — deteve-se perto de uma das velas. Olhando fixamente a chama, perguntou-lhe — Por que o fez?

— Me converter no Primale? Eu...

— Não. A droga. No banheiro. Quase morre. — Como não obteve nenhuma resposta, deu-se a volta para olhá-lo — Quero saber por que.

Houve um longo silencio. E logo disse:

— Sou um viciado.

— Um viciado?

— Sim, sou a prova vivente do que pode provir da aristocracia, ter dinheiro e uma boa posição, e ainda assim te converter em um drogado. — Seus olhos amarelos estavam brutalmente serenos — E a verdade é que eu gostaria de ser um macho de valor e te dizer que posso deixá-lo, mas sinceramente não sei. Tenho-me feito promessas mesmo e a outros anteriormente. Minhas palavras... já não são de valor para ninguém, nem sequer para mim mesmo.

Sua palavra...

Pensou na Layla que estava esperando, as escolhidas esperando, toda a raça esperando. Esperando a ele.

— Phury... meu queridíssimo e adorado Phury, cumpre uma de suas promessas, agora. Vá e toma a Layla e te una a nós. Nos dê uma história para escrever, para viver e prosperar.

Te converta na força da raça, como deve ser. — Quando ele abriu a boca, ela levantou a mão para deter — Sabe que é o correto. Sabe que tenho razão.

Depois de um momento cheio de tensão Phury ficou de pé. Estava pálido e tremendo quando se endireitou o traje.

—Quero que saiba... que embora esteja com alguém mais, será você a que estará em meu coração.

Ela fechou os olhos. Toda sua vida lhe incultaram que devia compartilhar, mas deixá-lo ir com outra fêmea era como atirar algo muito prezado ao chão e pisoteá-lo até convertê-lo em pó.

—Vai em paz — disse suavemente — E retorna do mesmo modo. Porque embora não possa estar com você, nunca rechaçarei sua companhia.

Phury subiu à costa que conduzia para o Templo do Primale como se tivesse o pé envolto em correias. Correias e arame de brocas.

Deus, junto com esse sentimento de esgotamento, seu pé real e seu tornozelo ardiam como se tivesse metido em um cubo de ácido de bateria. Nunca imaginou que podia alegrar-se de ter perdido parte de sua perna, mas assim era, já que pelo menos não tinha que sentir essa merda duplamente.

As portas duplas do Templo do Primale estavam fechadas, e quando abriu uma folha, percebeu o aroma das ervas e as flores. Entrou e permaneceu de pé no vestíbulo, podia perceber que Layla estava na sala principal. Sabia que estaria na mesma posição em que encontrou Cormia a primeira vez: Deitada na cama com cilindros de tecido branco caindo do teto e acumulando-se em sua garganta para que somente seu corpo fosse visível.

Olhou fixamente os degraus de mármore branco que conduziam a grande extensão de lençóis que teria que afastar para chegar até a Layla. Havia três degraus, três degraus para cima e então estaria na sala aberta.

Phury se virou e se sentou nos degraus pouco profundos.

Sentia a cabeça estranha, provavelmente porque não fumou um néscio em doze horas. Estranha... E incrivelmente clara. Cristo, estava verdadeiramente lúcido. E o produto derivado dessa claridade era uma nova voz em sua mente que falava. Uma voz completamente nova e diferente que não era a do feiticeiro.

Era... Sua própria voz. Falando pela primeira vez em tanto tempo, que quase não a reconheceu.

Isto está mau.

Fez uma careta de dor e esfregou a panturrilha que ainda ficava. A queimação parecia estar estendendo-se desde seu tornozelo para cima, mas pelo menos quando o massageou, o músculo se sentiu um pouco melhor.

Isto está mau.

Era difícil estar em desacordo consigo mesmo. Toda sua vida viveu para outros. Para seu gêmeo. Para a Irmandade. Para a raça. E esta coisa do Primale estava diretamente relacionada com essa forma de atuar. Pagou sua vida inteira tentando ser um herói, e agora não só se

estava sacrificando a si mesmo, mas também estava sacrificando a Cormia.

Pensou nela metida nessa sala, só com suas tigelas, suas canetas e seus pergaminhos. Logo imaginou contra seu corpo, cálida e viva.

Não, disse-lhe sua voz interior. Não vou fazer isto.

—Não vou fazer isto — disse em voz alta, esfregando-se ambas as coxas.

—Sua Graça? — A voz de Layla veio do outro lado das cortinas.

Estava a ponto de responder, quando subitamente, uma ardente sensação percorreu todo seu corpo, apoderando-se dele, comendo-lhe vivo, consumindo cada centímetro vivente dele. Com os braços trementes, estendeu a mão para não cair para trás enquanto formava um nó no seu estômago.

Um som estrangulado borbulhou em sua garganta, e então teve que esforçar-se para poder respirar.

—Sua Graça? — A voz de Layla soava angustiada... e cada vez mais próxima.

Mas não pôde responder. Abruptamente, todo seu corpo se converteu em um globo de neve de cristal, sentia que seu interior estava completamente sacudido e faiscando de dor.

Que demon...

O síndrome de abstinência, pensou. Era a maldita síndrome de abstinência, porque pela primeira vez em, digamos, duzentos anos seu sistema estava livre de fumaça vermelha.

Sabia que tinha duas opções: Desmaterializar-se para o Outro Lado, encontrar a um distribuidor que não fosse Rehvenge, e seguir com o cabo do vício conectado a sua tomada atual. Ou morder a fodida bala.

E terminar com isso.

O feiticeiro piscou dentro de seu olho mental, o espectro estava de pé na vanguarda de sua terra baldia.

Ah, companheiro, não pode fazê-lo. Sabe que não pode fazê-lo. Para que tentá-lo?

Phury tomou um momento fazendo arcadas. Merda, sentia-se como se fosse morrer. Realmente se sentia assim.

Tudo o que tem que fazer é retornar ao mundo e conseguir o que necessita. Pode te sentir melhor simplesmente acionando a faísca de um acendedor. Isso é tudo. Não pode fazer que isto desapareça.

Os tremores eram tão fortes que os dentes de Phury começaram a entrecortar como os cubos de gelo em um copo.

Pode parar isto. Tudo o que precisa é acender um.

—Já mentiu uma vez. Disse que podia me desembaraçar de ti e ainda segue aqui.

Ah, companheiro, e o que é uma pequena mentirinha entre amigos?

Phury pensou no que ocorreu no banheiro do quarto lavanda e o que fez ali.

—É tudo.

Quando o feiticeiro começou a encher o saco e o corpo de Phury se estremeceu ferozmente como leite batido, estendeu suas pernas, tendeu-se sobre o mármore fresco do vestíbulo e se preparou para não ir a nenhuma parte em um montão de tempo.

—Merda — disse enquanto se entregava à síndrome de abstinência - Isso vai feder.

Capítulo 46

Ao aproximar-se de uma moderna casa de tetos baixos, John e Qhuinn estavam alguns metros atrás de Zsadist. O lugar era o número seis na lista de propriedades que ainda não foram atacadas e se detiveram entre as sombras que arrojavam algumas árvores que estavam à beira do jardim.

Estando ali, John ficou com a pele arrepiada. Com sua impecável elegância, a casa era muito parecida com a que teve durante o curto tempo que viveu com o Tohr e Wellsie.

Zsadist olhou sobre seu ombro.

—Quer ficar aqui John?

Quando John assentiu, o Irmão disse:

—Supus isso. Também a mim dá calafrios. Qhuinn fica com ele.

Zsadist atravessou a escuridão a pernas, revisando janelas e portas. Quando desapareceu na parte traseira da casa, Qhuinn o olhou.

—Por que te altera este lugar?

John se encolheu de ombros.

É só que estava acostumado a viver em um lugar como este.

—Uau, quando foste humano vivia bem.

Foi depois disso.

—OH, quer dizer com... entendido.

Deus, a casa devia ter sido construída pela mesma construtora, porque a fachada e a disposição das habitações era basicamente a mesma. Enquanto olhava as janelas, recordou seu dormitório. Tinha sido de cor azul marinho de linhas modernas e com uma porta corrediça de vidro. A princípio, quando acabava de chegar, o armário tinha estado vazio, mas foi se enchendo com a única roupa nova que teve.

As lembranças retornaram, lembranças do jantar que tiveram a noite que Tohr e Wellsie o tinham acolhido. Refeição mexicana. Ela cozinhou refeição mexicana e a serviu na mesa, fontes cheias de apimentadas e queijadinhas. Nesse então, quando era um pretrans, seu estômago era muito delicado, e podia recordar o mortificado que se havia sentido porque quão único podia fazer era brincar com a refeição no prato.

Entretanto, Wellsie tinha posto uma tigela de arroz branco com molho de gengibre diante dele.

Quando finalmente ela se sentou em seu lugar, John se pôs a chorar, simplesmente inclinou seu frágil corpo sobre si mesmo e chorou por sua bondade. Depois de ter passado toda a vida sentindo que era diferente dos outros, de repente aparecia de um nada alguém que sabia o que ele necessitava e além se preocupava o suficiente para dar-lhe .

Isso é o que fazem os pais, verdade? Conhecem-lhe melhor do que te conhece você

mesmo, e se encarregam de te cuidar quando não pode fazê-lo por ti mesmo.

Zsadist retornou e se aproximou deles.

— Está vazia e não foi saqueada. Qual é a seguinte casa?

Qhuinn olhou a lista.

— Quatro e vinte e cinco, da ruela Oriental...

O telefone de Z soou emitindo um suave repique. Quando viu o número franziu o cenho, e logo colocou a coisa na orelha.

— O que aconteceu, Rehv?

John voltou a dirigir os olhos para a casa, mas teve que voltar a olhar a Z quando o Irmão disse:

— O que? Está me fodendo? O que apareceu onde? — Houve uma larga pausa — Está falando a sério? Está seguro? Está cem por cento seguro? — Quando desligou Z ficou olhando o telefone fixamente — Tenho que voltar para casa. Neste mesmo instante. Merda.

O que aconteceu? Gesticulou John.

— Podem se encarregar das seguintes três direções? — Quando John assentiu, o Irmão o olhou estranhamente — Mantém o telefone perto, filho. Ouviste-me?

Quando John assentiu, Z desapareceu.

— OK, evidentemente, seja o que seja, não é de nossa incumbência. — Qhuinn dobrou a lista e a pôs no bolso de seu jeans — Vamos?

John voltou a olhar a casa.

Sinto o que ocorreu a seus pais, disse por gestos depois de um momento.

Qhuinn demorou em responder.

— Obrigado.

Estranho a meus.

— Pensei que fosse órfão.

Durante um tempo não fui.

Houve um longo silencio. Logo Qhuinn disse:

— Vamos, John, saiamos daqui. Devemos ir à Rua Oriental.

John pensou durante um minuto.

Importaria se nos detemos em outro lugar? Não está muito longe.

— Seguro. Onde?

Quero ir à casa de Lash.

— Por quê?

Não sei. Suponho que quero ver o lugar onde tudo isto começou. E quero revisar seu quarto.

— Mas como vamos entrar ali?

Se as venezianas ainda têm o temporizador automático, estarão abertas, e poderemos desmaterializarmos através do vidro.

— Bom... que demônios, se ali for aonde quer ir, vamos.

Ambos se desmaterializaram para o pátio lateral da casa Tudor. As venezianas estavam

levantadas de noite, e em um segundo estiveram dentro da sala de estar.

O aroma era tão penetrante, que John sentiu como se alguém o tivesse metido uma fibra metálica dentro do nariz e tivesse usado a merda como um cotonete de algodão... enterrando-o até seu lóbulo frontal.

Cobrindo-a boca e o nariz, tossiu.

—Foda— disse Qhuinn, enquanto fazia o mesmo.

Ambos olharam para baixo. Havia sangue sobre o tapete e o sofá, que ao secar-se, tinha deixado manchas de cor marrom.

Seguiram os rastros até o vestíbulo.

—OH, Jesus...

John levantou a cabeça. Através da encantadora arcada que levava a sala de refeição podia ver-se uma cena que parecia tirada de um filme de Rob Zombie. Os corpos da mãe e o pai de Lash estavam sentados nas que sem dúvida foram suas cadeiras habituais, de frente a uma mesa belamente disposta. Estavam pálidos, a cor de sua pele era como o do pavimento da calçada, um pálido cinza mate, e sua elegante roupa estava salpicada de marrom, ao igual aos tapetes.

Havia moscas.

—Homem, esses lessers estão verdadeiramente doentes.

John tragou a bília que tinha subido à garganta e se aproximou.

—Merda, realmente necessita um primeiro plano disso, amigo?

Espiando dentro da sala, John se obrigou a ignorar o horror para poder enfocar-se nos detalhes. A fonte do frango assado tinha manchas de sangue nas bordas.

O assassino a tinha posto sobre a mesa. Provavelmente depois de que tivesse acomodado os corpos.

Subamos ao dormitório de Lash.

Subir ao segundo andar era algo absolutamente espantoso, porque apesar de estar sozinhos na casa... não o estavam realmente. De algum jeito, quão mortos estavam abaixo enchiam o ar com algo que se parecia com o som. Certamente seu aroma seguiu ao Qhuinn e ao John subindo pelo espaço das escadas.

—Seu quarto é no terceiro andar — disse Qhuinn quando chegaram ao patamar do segundo.

Entraram no quarto de Lash, e foi algo totalmente intrascendente comparado com o horror da sala de jantar. Cama. Mesa. Estéreo. Computador. Televisão.

Cômoda.

John se aproximou e viu a gaveta com os rastros de sangue. Estavam muito imprecisas para dizer se ficara marcado um padrão de redemoinho tipo rastro digital humano. Recolheu uma camisa ao azar e a usou para abrir a coisa, porque isso era o que faziam nos programas de televisão. Em seu interior, havia mais marcas de sangue, muito imprecisas para poder interpretar.

Seu coração deixou de pulsar e se inclinou um pouco mais. Havia uma impressão que

estava particularmente clara, na esquina de uma caixa de um relógio Jacob & CO.

Assobiou para atrair a atenção de Qhuinn.

Os lessers deixam impressões digitais?

—Se entrarem em contato com algo, é obvio que sim.

O que quero dizer é se deixarem rastros, rastros. Não espaços em branco, a não ser a coisa com linhas.

—Sim, fazem-no. — Qhuinn se aproximou — O que está olhando?

John assinalou a caixa. Na esquina havia uma perfeita impressão de um polegar... sem nenhuma linha perceptível. Como se a tivesse deixado um vampiro.

Você não supõe...

—Não. De maneira nenhuma. Nunca converteram a um vampiro.

John tirou o telefone e tirou uma foto. Então, pensando-o melhor, tomou a caixa e a pôs dentro de seu casaco.

—Vamos? — perguntou Qhuinn — Me Faça feliz e diga que sim.

Eu só... — John duvidou — Preciso passar um momento mais aqui.

—De acordo, mas vou revisar os dormitórios do segundo andar. Não posso... eu não gosto de estar aqui.

John assentiu quando Qhuinn partiu, e também se sentiu mal. Jesus, talvez tenha sido cruel de sua parte até pedir ao tipo que viesse aqui.

Sim... era uma cagada. Estar em meio de toda a merda de Lash, o fazia sentir como se ainda estivesse vivo.

Ao outro lado da cidade, atrás do volante do Focus, Lash não era um turista feliz. O carro era um pedaço de merda, realmente. Inclusive circulando no trânsito residencial, essa batedeira não acelerava nada. Por amor de Deus, se ia de zero a trinta, em três dias.

—Precisamos nos atualizar.

No assento do passageiro, o senhor D estava examinando a pistola, os magros dedos voavam sobre a arma.

—Sim... um, com respeito a isso.

—O que?

—Acredito que vamos ter que esperar até que entre um pouco de dinheiro dos saques.

—De que merda está falando?

—Conseguí os estratos de conta, sabe, os do último Fore-lesser? O senhor X? Estavam em sua cabana. E ali definitivamente não havia nenhuma tonelada.

—Define o que para você significa «nenhuma tonelada».

—Bom, basicamente, tudo desapareceu. Não sei onde nem quem. Mas só ficaram uns cinco mil dólares.

—Cinco mil? Acaso está me fodendo? — Lash deixou que o carro perdesse velocidade. Que era como tirar um vegetal do suporte vital.

Ficaram-se sem dinheiro? Que demônios? Era algo assim como o Príncipe da Escuridão

ou alguma merda dessas. E o valor nítido de seu exército era de cinco grandes?

Claro, sempre podia contar com o dinheiro de sua família morta, mas por mais que fosse muito, não podia resolver toda uma guerra com ele.

—Homem, a merda com isto... vou retornar a minha antiga casa. Não vou seguir conduzindo está maldita caixa de fósforos. — Sim, repentinamente todo o assunto de mami/papi estava completamente superado. Necessitava um novo carro e o necessitava já, e havia uma beleza da Mercedes estacionada na garagem da casa Tudor. Ia se meter na maldita coisa e ia conduzi-la por toda parte, e não ia sentir-se em nada culpado.

A merda com toda sua criação vampira.

Entretanto, quando girou à direita e se dirigiu para sua vizinhança, começou a sentir-se doente do estômago. Mas não ia entrar na casa, assim não teria por que ver os corpos, assumindo que ainda estivessem onde os deixou...

Merda, ia ter que entrar para procurar as chaves.

Como é. Tinha que crescer de uma fodida vez.

Dez minutos mais tarde, Lash estacionou frente às garagens e saiu do carro.

—Leve-lhe isso à granja. Encontraremos ali.

—Está seguro que não quer que espere?

Lash franziu o cenho e olhou a mão. O anel que o Omega tinha lhe dado na noite anterior estava esquentando e começando a brilhar em seu dedo.

—Parece que seu progenitor deseja vê-lo — disse o senhor D, baixando do assento do passageiro.

—Sim. —Merda— Como funciona isto?

—Precisa estar em um lugar privado. Logo permanece quieto e ele virá a ti ou te levará para onde esteja.

Lash olhou a casa Tudor e supôs que serviria.

—Te verei na granja. E depois quero que me leve a essa cabana onde estão todos esses arquivos.

—Sim, senhor. — O senhor D tocou a beira do chapéu de cowboy e deslizou atrás do volante.

Quando o Focus se foi ofegando pela entrada para carros, Lash entrou pela porta da cozinha. A casa cheirava verdadeiramente mal, o fedor nauseabundo e adocicado da morte e a decomposição parecia quase sólido de tão forte que era.

Ele fez isso, pensou. Ele era o responsável pelo que fazia feder a refinada casa.

Tirou o telefone para chamar o senhor D e pedir que retornasse, mas duvidou, e depois reparou no anel. O ouro estava queimando a tal ponto, que se surpreendeu que não caísse seu dedo.

Seu senhor. Seu progenitor.

Quão mortos estavam aqui não eram deles.

Fazia o correto.

Lash atravessou a porta do mordomo e entrou na sala de refeição. Enquanto o anel

brilhava, olhou fixamente às pessoas que uma vez pensou que eram seus pais. Podia encontrar a verdade entre as mentiras, ou não? Durante toda sua vida teve que dissimular sua verdadeira natureza, camuflar o mal que havia em seu interior. Pequenas chamas de seu verdadeiro eu tinham saído à luz, certo, mas conseguiu manter oculta a essência que constituía sua mesma alma.

Agora era livre.

Enquanto olhava fixamente ao macho e à fêmea assassinados que tinha diante dele, de súbito deixou de sentir. Era como se estivesse olhando pôsteres macabros pendurados no vestíbulo de um cinema e sua mente lhes tivesse catalogado segundo o sentimento que provocavam.

Quer dizer, que não provocavam nenhum tipo de sentimento.

Tocou a correia de cão que tinha ao redor do pescoço e se sentiu estúpido pelos tolos sentimentos que o impulsionaram a tomá-la. Esteve tentado a arrancar-lhe, mas não... o animal que recordava tinha sido forte, cruel e poderoso.

Assim foi como símbolo, e não por sentimentalismo, que a deixou ao redor do pescoço.

Homem, a morte cheirava muito mal.

Lash entrou no vestíbulo e supôs que o chão de mármore era tão bom lugar quanto qualquer outro para ver seu verdadeiro pai. Tomando assento, flexionou as pernas e se sentiu um idiota sentado ali sem fazer nada. Fechou os olhos, não podia esperar para terminar com isto e roubar as chaves...

Um zumbido começou a tomar o lugar do silêncio que havia na casa, o som emanava de nenhuma direção em particular.

Lash abriu os olhos. Viria seu pai? Ou o levaria a outra parte?

Vinda de um nada, uma corrente começou a formar redemoinhos a seu redor, deformando sua visão. Ou talvez curvava o que havia a seu redor. Não obstante, em metade da voragem, ele estava firme como uma rocha, em posse de uma estranha convicção. O pai nunca faria mal ao filho. O mal sempre seria o mal, mas o vínculo sangüíneo que compartilhavam ele e seu progenitor significava que ele era o Omega.

E embora só fosse por puro interesse pessoal, o Omega não se feriria si mesmo.

Justo no momento em que estava a ponto de ser transportado, quando a voragem tinha consumido virtualmente toda sua forma corpórea, Lash levantou o olhar.

Nas escadas, frente a ele, estava John Matthew.

Capítulo 47

—Minha irmã — se escutou o gemido do outro lado da porta do templo — Minha irmã.

Cormia levantou o olhar do pergaminho no qual esteve registrando as cenas que viu do Primale salvando a esses civis.

—Layla?

—O Primale está doente. Está te chamando.

Cormia deixou que a caneta caísse de suas mãos e saiu voando para a porta. Abrindo-a rapidamente, olhou o rosto pálido e frenético de sua irmã.

—Doente?

—Está na cama, tremendo de frio. Está verdadeiramente mal. Passou um momento antes que me deixasse ajudá-lo, logo o arrastei até a cama do vestíbulo onde perdeu o sentido.

Cormia colocou o capuz de sua túnica.

—As demais estão...

—Nossas irmãs estão comendo. Todas estão comendo. Ninguém te verá.

Cormia se apressou a sair do Templo de reclusão, mas a brilhante luz do Santuário a cegou. Tomou a mão de Layla até que seus olhos se ajustaram, e então ambas correram até o Templo do Primale.

Cormia deslizou através da porta dourada e pôs a um lado as cortinas.

O Primale jazia na cama com apenas a calça de seda de seu traje do Santuário. Tinha a pele coberta de um brilho doentio e uma capa de suor. Atormentado pelos tremores, seu enorme corpo parecia terrivelmente frágil.

—Cormia? — disse, estendendo uma mão vacilante.

Foi até ele, e tirou o capuz.

—Aqui estou. — Ante o som de sua voz, super excitou-se mas o tocou nas pontas dos dedos e conseguiu acalmá-lo.

Bom Deus estava ardendo.

—O que te acontece? — disse, sentando-se a seu lado.

—Eu... cre... cre... ou... que... é... a de... sem... to... xicação.

—Desintoxicação?

—Sem... dro... droga... n-n-nnnão m-mais... droga...

Logo podia entender o que estava dizendo, mas soube de algum jeito que a última coisa que devia fazer era oferecer um dos cigarros atados à mão que ele sempre fumava.

—Há algo que possa fazer para te aliviar? — Quando começou a lambe os lábios ressecados, disse-lhe—. Você gostaria de tomar um pouco de água?

—Eu a trarei — disse Layla, dirigindo-se para o banheiro.

—Obrigado, minha irmã. — Cormia a olhou por cima do ombro — Poderia trazer toalhas também?

—Sim.

Quando Layla desapareceu detrás de uma das cortinas, Phury fechou os olhos e começou a sacudir a cabeça de um lado a outro sobre o travesseiro, abruptamente sua voz começou a soar velada.

—O jardim... o jardim está cheio de joio... OH, Deus, a hera... está por toda parte... está cobrindo as estátuas.

Quando Layla retornou com um cântaro, uma tigela e algumas toalhas brancas, Cormia

disse:

—Obrigado. Agora, por favor, nos deixe sozinhos, minha irmã.

Tinha a sensação que as coisas fossem ficar muito pior, e que Phury não gostaria de ser visto por outros em um estado tão lamentável.

Layla fez uma reverência.

—O que devo dizer às Escolhidas quando aparecer na refeição?

—Lhes diga que ele está descansado depois do emparelhamento, e que quer estar a sós durante um tempo. Eu cuidarei dele.

—Quando devo retornar?

—Falta muito para que comece o período de sono?

—Depois das orações ao Thideh.

—Correto. Retorna depois de que todas se deitaram. Se isto persiste... terei que ir até o Outro Lado a procurar à doutora Jane, e você terá que ficar com ele.

—Ir procurar a quem?

—A uma curadora. Vê. Agora. Exalta as virtudes de seu corpo e de sua mente. Seja enfática a respeito. — Cormia acariciou o cabelo de Phury para trás — Quanto mais enfaticamente fale, melhor será para ele.

—Como desejar. Retornarei.

Cormia esperou até que sua irmã partiu, e logo tentou lhe dar algo de beber. Mas estava muito fraco para tomar água, era incapaz de focar-se no que sustentava contra seus lábios. Rendendo-se, molhou uma toalha e a pressionou contra seu rosto.

Os olhos febris de Phury se abriram e se aferraram a ela, enquanto secava sua frente.

—O jardim... está cheio de joios — disse urgentemente — Cheio de joios.

—Shhh... — voltou a inundar a toalha na tigela de água, esfriando-a para ele — Tudo está bem.

Com um sussurro desesperado gemeu:

—Não, está cobrindo a todas. As estátuas... desapareceram... eu desapareci.

O terror que viu nesse olhar amarelo fez que congelasse seu sangue. Estava alucinando, evidentemente estava fora de si, mas o que fosse que estivesse vendo era muito real para ele... cada segundo que passava se agitava mais, seu corpo se retorcia e se revolia entre os lençóis brancos.

—A hera... OH, Deus, a hera está me alcançando... está cobrindo minha pele...

—Shhh. — Talvez não fosse capaz de encarregar-se disto sozinha. Talvez... mas se sua mente era o problema, então...

—Phury, me escute. Se houver hera cobrindo as coisas então teremos que nos desfazer dela.

Sua resistência diminuiu e focou um pouco os olhos.

—Nós... o faremos?

Pensou nos jardineiros que viu no Outro Lado.

—Sim, vamos libertar-nos dela.

—Não... não podemos. Ganhará... ganhará...

Inclinou-se, ficando diretamente frente a seu rosto.

—Quem o diz? — Seu imperativo tom de voz, pareceu chamar sua atenção — Agora me diga, onde deveríamos começar a podá-la?

Quando começou a negar com a cabeça, sujeitou-lhe a mandíbula com a mão.

—Onde começamos?

Piscou ante sua ordem.

—Ah... está pior nas estátuas das quatro etapas...

—OK. Então vamos ali primeiro. — Tentou imaginá-las quatro etapas... a infância, a juventude, a maturidade e a velhice — Começaremos com o menino. Que ferramentas vamos usar?

O Primale fechou os olhos.

—As tesouras de podar. Usaremos as tesouras de podar.

—E o que deveríamos fazer com essas tesouras?

—A hera... a hera está crescendo sobre as estátuas. Já não pode... ver os rostos. Isso... afoga às estátuas. Não são livres... não podem ver... — O Primale começou a chorar — OH, Deus. Já não posso ver. Nunca pude ver... além das más ervas desse jardim.

—Fica comigo. Me escute... vamos trocar isso. Vamos trocar isso juntos. — Cormia tomou sua mão e a levou aos lábios — Têm as tesouras de podar. Juntos vamos cortar a hera. E vamos começar com a estátua do menino — sentiu-se mais animada, quando Phury tomou um profundo fôlego, como se estivesse preparando-se para realizar um grande trabalho — Vou remover a hera do rosto do menino e você vai cortá-la. Pode fazer?

—Sim...

—Pode verte?

—Sim.

—Bom. Agora quero que corte o segmento de hera que estou sustentando. Faz. Agora.

—Sim... o farei... sim, fiz.

—Deixa o que cortou no chão a nossos pés — Afastou-lhe o cabelo do rosto — E agora corta de novo... e outra vez...

—Sim.

—E outra vez.

—Sim.

—Agora... Pode ver o rosto da estátua?

—Sim... sim, posso ver o rosto do menino... — Uma lágrima rodou por seu rosto — Posso vê-lo... posso ver... disse a mim nele.

No Outro Lado, na casa de Lash, John se deteve em meio das escadas e pensou que talvez o fator horripilante que reinava na casa Tudor podia ter provocado que seu cérebro entrasse em curto-circuito.

Porque era impossível que Lash estivesse abaixo, sentado com as pernas cruzadas no

chão do vestibulo, com um impreciso redemoinho girando em torno dele.

Enquanto o cérebro de John tentava separar a realidade do que era impossível que o fosse, notou que o ar estava impregnado do aroma adocicado do talco de bebê, fazendo que toda a merda virtualmente se voltasse cor de rosa. Deus, não eclipsava o nauseabundo aroma adocicado da morte... mas sim realçava esse desagradável fedor a decomposição. A razão pela qual esse aroma sempre o fez sentir náusea se devia a que era exatamente igual ao aroma da morte.

Nesse momento, Lash levantou o olhar. Pareceu tão surpreso quanto John, mas logo gradualmente começou a sorrir.

Do redemoinho em que se encontrava, a voz do tipo flutuou e subiu pelas escadas, parecendo vir de uma distância muito maior que a quantidade de metros que havia entre eles.

—Bom, olá, menino John. — A risada resultou familiar e estranha ao mesmo tempo, tinha um estranho eco.

John empunhou sua arma, nivelando-a com ambas as mãos enquanto se preparava para algo que estivesse aí abaixo.

—Te verei logo — disse Lash enquanto ficava bidimensional, convertendo-se em um holograma de si mesmo — E darei suas saudações a meu pai.

Sua silhueta titilou e logo desapareceu, tragada pelo redemoinho.

John baixou a arma, e a guardou na capa. Que era o que se fazia quando não havia ninguém a quem disparar.

—John? — chegou-lhe o som das botas de Qhuinn proveniente do espaço das escadas — Que demônios está fazendo?

Não sei... acreditei ver ...

—A quem?

Ao Lash. Vi-o justo aí abaixo. Eu... bom, acredito que o vi.

—Fique aqui. — Qhuinn tirou sua arma e baixou os degraus, fazendo um varrido do primeiro piso.

John baixou lentamente para o vestibulo. Tinha visto o Lash. Verdade?

Qhuinn retornou.

—Tudo está em ordem. Olhe, retornemos a casa. Não te vê muito bem. Comeu hoje? E falando disso, quando foi a última vez que dormiu?

Eu... não sei.

—Correto. Vamos.

Poderia jurar...

—Agora.

Enquanto se desmaterializavam para o pátio da mansão, John pensou que possivelmente seu amigo tivesse razão. Talvez deveria comer e...

Não chegaram a entrar na casa. No momento de sua chegada, os integrantes da Irmandade foram saindo pelas grandes portas duplas um por um, até as tampar. Em

conjunto, usavam suficientes armas para equipar a um completo regimento militar.

Wrath os cravou a ele e ao Qhuinn com um duro olhar através dos óculos envolventes.

—Vós dois. Subam ao Escalade com o Rhage e Blay. A menos que necessitem mais munições?

Quando ambos negaram com a cabeça, o Rei se desmaterializou junto com o Vishous, Butch e Zsadist.

Quando entraram no SUV e Blay ocupou o assento do acompanhante, John perguntou por gestos: O que está acontecendo?

Rhage pisou no acelerador. Quando o Escalade rugiu, saíram disparados do pátio, o Irmão disse secamente:

—Visita de um velho amigo/inimigo. A classe de tipo que desejas não voltar a ver nunca. Bom, esse parecia ser o motivo da tarde.

Capítulo 48

O sonho... A alucinação... Ou o que fosse parecia real. Total e absolutamente real.

De pé no meio do jardim repovoado de ervas da casa de sua família no Antigo País, sob uma brilhante lua cheia, Phury estendeu a mão para o rosto da estátua da terceira etapa e arrancou a trepadeira de hera apartando a dos olhos, o nariz e a boca do macho que tão orgulhosamente carregava a seu próprio filho em braços.

A essa altura, Phury era um curtido profissional do podar, e depois de ter obrado a magia das tesouras, atirou outro matagal de verde à lona que estava tendida sobre a terra a seus pés.

—Ali está — sussurrou — Ali... está ele...

A estátua tinha o cabelo comprido igual a ele, e um par de olhos profundos iguais aos seus, mas a felicidade radiante de seu rosto não era a sua. Nem o menino que embalava em seus braços. Ainda, faltavam coisas por libertar enquanto Phury seguia arrancando as capas de enredada hera que tinham crescido excessivamente.

Quando terminou, o mármore debaixo estava manchado com as lágrimas verdes deixadas pela morte dos joios, mas a majestuosidade da figura era inegável.

Um macho na plenitude de sua vida com seu filho em braços.

Phury olhou sobre seu ombro.

—O que pensa?

A voz de Cormia o rodeava por toda parte, escutava-a em estéreo, embora estivesse de pé junto a ele.

—Penso que é formoso.

Phury sorriu, vendo em seu rosto todo o amor que ele sentia por ela em seu coração.

—Um mais.

Ela estendeu o braço abrangendo em volta com a mão.

—Mas olhe, parece que a última já está preparada.

E assim era, a última estátua estava livre; as más ervas desapareceram, junto com qualquer sinal de abandono. O macho agora era um ancião, estava sentado com um bastão entre as mãos. Seu rosto ainda era arrumado, embora era a sabedoria, e não a flor da juventude o que o fazia luzir assim. E de pé detrás dele, alto e forte, estava o jovem que uma vez tinha embalado em seus braços.

O ciclo estava completo.

E os joios já não existiam.

Phury voltou a dirigir o olhar por volta da terceira etapa. Essa também estava magicamente podada, como o estavam as estátuas da juventude e a infância.

De fato, o jardim inteiro foi arrumado e agora descansava sob a cálida e agradável noite em plena e saudável floração. As árvores frutíferas que havia perto das estátuas estavam carregados de pêras e maçãs, e os atalhos estavam bordeados com primorosas cercas de buxo. As flores cresciam dentro de seus maciços em bonita desordem, como o faziam em todos os elegantes jardins ingleses.

Voltou-se para a casa. As venezianas que antes penduravam torcidas de suas dobradiças foram arrumadas e não havia mais buracos nas telhas do telhado. O reboco se via liso, já não apresentava gretas e todos os vidros estavam intactos. O terraço se via livre de folhas caídas e a terra, antes cheia de poços onde se juntava a água de chuva, agora estava completamente nivelada. E havia vasos de barro com viçosos gerânios e petúnias que salpicavam todo o lugar de branco e vermelho dispostas entre as cadeiras e as mesas de vime

Através da janela da sala, percebeu um movimento... Podia ser? Sim, eram.

Sua mãe. Seu pai.

Vislumbrou ao casal, e lhes aconteceu o mesmo que às estátuas: Tinham renascido. Sua mãe com seus olhos amarelos, seus cabelos loiros e seu rosto perfeito. Seu pai com o cabelo escuro, o olhar claro, e seu amável sorriso.

Eram... incrivelmente formosos para ele, seu santo grau.

—Vai com eles — disse Cormia.

Phury caminhou para o terraço, com o traje branco limpo, apesar de todo o trabalho que tinha feito. Aproximou-se de seus pais lentamente, temeroso de deslocar a visão.

—Mahmen? — murmurou.

Sua mãe apoiou a ponta dos dedos em seu lado do vidro.

Phury estendeu a mão e refletiu a posição exata de sua mão. Quando sua palma se apoiou completamente no painel, sentiu, através da janela, a calidez que ela irradiava.

Seu pai sorriu e articulou algo com a boca.

—O que? — perguntou Phury.

Estamos muito orgulhosos de ti... filho.

Phury fechou os olhos com força. Era a primeira vez que um deles o chamava assim.

A voz de seu pai continuou:

Pode ir agora. A partir de agora estaremos bem aqui. Arrumaste-o... tudo.

Phury os olhou.

— Estão seguros?

Ambos assentiram. E então a voz de sua mãe atravessou a claridade do vidro.

Agora vai e vive, filho. Vai... vive sua vida, não a nossa. Estamos bem aqui.

Phury conteve a respiração e ficou olhando fixamente a ambos, embebedando-se com sua aparência. Logo colocou a mão sobre o coração e fez uma reverência.

Era um «adeus, que vá bem». Não uma despedida definitiva, mas sim um adeus... que vá bem. E tinha o pressentimento de que assim seria.

Phury abriu os olhos. Abatendo-se sobre ele havia uma densa nuvem... não, espera, era um elevado teto de mármore branco.

Voltou à cabeça. Cormia estava sentada a seu lado, sustentando sua mão, em seu rosto se via a mesma calidez que sentia no peito.

— Você gostaria de beber algo? — perguntou-lhe.

— Q...o que?

Estendeu a mão e tomou um copo da mesa.

— Você gostaria de beber?

— Sim, por favor.

— Levanta a cabeça para mim.

Tomou um gole tentativo e achou que a água era tudo menos efêmera. Não tinha nenhum sabor e estava à mesma temperatura exata de sua boca, mas ao tragá-la se sentia bem, e antes que se dessa conta tomou todo o copo.

— Quer mais?

— Sim, por favor. — Evidentemente essa era toda a extensão de seu vocabulário.

Cormia encheu o copo do cântaro e pensou que o som tilintem era agradável.

— Aqui tem — murmurou ela. Dessa vez sustentou sua cabeça, e enquanto bebia, olhou fixamente seus encantadores olhos verdes.

Quando foi tirar o copo dos seus lábios, segurou-lhe suavemente o pulso. Na Antiga Língua disse:

— Sempre quereria despertar assim, me banhando em seu olhar e em seu aroma.

Esperava que ela se apartasse. Agitasse-se. Fizesse-lhe calar. Mas em troca, murmurou:

— Limpamos seu jardim.

— Sim...

Nesse momento se escutou um golpe nas portas duplas do templo.

— Espera um momento antes de responder — disse olhando a seu redor.

Cormia deixou o copo e caminhou descalça sobre o mármore. Depois que se escondesse entre umas cortinas de veludo branco, ele se esclareceu garganta:

— Sim? — clamou ele.

A voz da Directrix foi amável e respeitosa.

— Posso entrar, Sua Graça?

Pegou o lençol e se cobriu com ele, apesar de ter posto as calças, logo verificou que Cormia não estivesse visível.

—Sim.

A Directrix afastou a cortina do vestíbulo e fez uma reverência. Trazia uma bandeja coberta em suas mãos.

—Trouxe-lhe uma oferenda das Escolhidas.

Quando se endireitou, seu rosto resplandecente indicou que Layla tinha mentido, e que o fez bem.

Não estava seguro de que fosse capaz de sentar-se, por isso fez gestos com a mão.

A Directrix se aproximou da plataforma onde estava a cama e se ajoelhou ante ele. Quando levantou a tampa de ouro da bandeja, disse:

—De suas companheiras.

Sobre a bandeja, dobrado tão precisamente quanto um mapa, havia uma echarpe bordada. Feita de cetim e jóias incrustadas era uma obra de arte espetacular.

—Para nosso macho — disse a Directrix, inclinando a cabeça.

—Obrigado. — Merda.

Tomou a echarpe e a estendeu em suas palmas. A força da Raça estava escrito com citrinas e diamantes na Antiga Língua.

Quando as pedras preciosas cintilaram, pensou que eram como as fêmeas do Santuário, contidas hermeticamente em suas embalagens de platina.

—Tem-nos feito muito feliz — disse Amalya com a voz tremente. Voltou a levantar-se e fez outra reverência — Há algo que possamos fazer para retribuir esta alegria que nos deu?

—Não, obrigado. Só vou descansar.

Fez outra reverência mais, e logo partiu como uma aprazível brisa, saindo em um silêncio que tragicamente estava cheio de antecipação.

Agora pôde sentar-se, mas só com a ajuda de seus braços. Ao estar em posição vertical, sentiu a cabeça como se fosse um globo, ligeira e cheia de nada, oscilando sobre sua coluna vertebral.

—Cormia?

Saiu de entre as cortinas. Baixou os olhos até a echarpe e logo voltou a olhar a ele.

—Necessita à doutora Jane?

—Não. Não estou doente. Foi por causa da desintoxicação.

—Isso foi o que me disse. Mas, entretanto, não estou muito segura do que isso significa.

—A abstinência. — esfregou-se os braços, pensando que ainda não tinha terminado. Sentia comichão na pele e ardiam seus pulmões como se necessitassem ar, embora o tivessem.

Sabia que o que queriam, era fumaça vermelha.

—Há algum banheiro por aqui? — perguntou.

—Sim.

—Poderia me esperar? Não demorarei. Só vou lavar-me um pouco.

Passará toda uma vida antes que volte a ficar limpo, disse o feiticeiro.

Phury fechou os olhos, tendo perdido repentinamente, a força para mover-se.

—O que acontece?

Diga que seu antigo companheiro retornou.

Diga que seu antigo companheiro nunca se irá.

E logo vamos ao mundo real a procurar o que liberará a seus pulmões dessa sensação de sufoco e a sua pele da coceira.

—O que acontece? —perguntou Cormia de novo.

Phury tomou um fundo fôlego. Nesse momento não estava seguro de nada, apenas sabia seu próprio nome, e certamente não sabia quem era o Presidente dos Estados Unidos. Mas havia uma coisa da que estava absolutamente seguro: se voltava a escutar ao feiticeiro, terminaria morto.

Phury se concentrou na fêmea que estava frente a ele.

—Não é nada.

Isso não foi muito apreciado na terra baldia. A túnica do feiticeiro voou para cima quando foi açoitada por um vento que varreu o campo de ossos.

Está-lhe mentindo! Eu sou tudo! Sou tudo! A voz do feiticeiro era estridente e cada vez subia mais o tom. Sou...

—Nada — disse Phury fracamente, ficando de pé — Você não é nada.

—O que?

Quando sacudiu a cabeça, Cormia estendeu a mão e ele se afiançou com sua ajuda. Juntos, entraram no banheiro que tinha a mesma disposição que qualquer outro, com a única diferença de que não tinha nenhum logotipo na privada. Bom, isso e que havia um arroio correndo pela parte traseira do banheiro...o que conjecturou serviria de banheira.

—Estarei ai fora — disse Cormia, deixando-o a sós.

Depois de usar a privada, entrou no chuveiro com a ajuda de alguns degraus de mármore. A água estava como a que bebeu do copo, tinha a exata temperatura de sua pele. Em um pires que havia na esquina, encontrou uma barra do que assumiu que era sabonete, e o pegou. Era suave, em forma de meia lua; embalou a barra em suas palmas e inundou as mãos na água. A espuma que se formou era firme e pouco abundante, e cheirava a sempre vivas. Utilizou-a sobre o cabelo, o rosto e o corpo, inalando profundamente para levar o aroma do sabonete até seus pulmões... com a esperança de que pudesse limpar os séculos de automedicação que tinha estado aspirando profundamente.

Quando terminou, simplesmente deixou que a água corresse sobre sua pele aliviando o comichão e a dor de seus músculos. Fechando os olhos, isolou ao feiticeiro, o melhor que pôde, mas era difícil, porque o tipo estava tendo um chique de proporções nucleares. Em sua antiga vida, teria posto ópera mas agora não podia... e não só porque deste lado Bose não existia. Esse tipo particular de música lhe recordava muito a seu gêmeo... que já não cantava.

Ainda assim, o som do fluxo de água era encantador, seu suave e musical tinido fazia eco nas pedras lisas, como se o som estivesse saltando de uma a outra.

Não querendo fazer esperar a Cormia, pôs a planta de seus pés no leito do arroio e tirou a parte superior de seu corpo fora da corrente. A água se deslizou por seu peito descendo por seu estômago, como se fossem mãos apaziguadoras e levantando os braços a sentiu escorregar por seus dedos e seus cotovelos.

Percorrendo-o... vertendo-se... aliviando-o...

A voz do feiticeiro tentou elevar-se e tomar o controle. Phury a escutou em sua mente, lutando por conseguir tempo no ar, lutando por encontrar um patrocinador em seu ouvido interno.

Mas o tinido da água se ouvia mais alto.

Phury respirou fundo, cheirando a sempre viva e sentindo uma liberdade que não tinha nada a ver com o lugar em que encontrava seu corpo e se referia precisamente ao lugar onde estava sua mente.

Pela primeira vez, o feiticeiro não era mais poderoso que ele.

Cormia passeava pelo templo do Primale. Não está doente. Só é a abstinência.

Não está doente.

Deteve-se ao pé da plataforma onde estava a cama.

Recordou ter sido atada e escutar como entrava o macho à sala, e ter estado absolutamente aterrada. Tinha jazido ali a mercê da tradição incapaz de ver, incapaz de mover-se e sem direito a dizer não.

Toda fêmea virgem depois de passar pela transição, era apresentava ante o Primale dessa maneira.

Certamente outras deveriam ter sentido o mesmo medo que ela. E muitas mais o sentiriam no futuro.

Deus... este lugar estava sujo, pensou, olhando as paredes brancas que tinha a seu redor. Manchado com mentiras tanto expressas com palavras como deixadas para que permanecessem intrinsecamente ligadas aos corações das fêmeas que respiravam aquele ar morto.

Havia um velho refrão entre as Escolhidas, o tipo de estrofe antiga que um nunca sabia quando a tinha escutado pela primeira vez. Justa é a causa de nossa fé, sereno é nosso semblante ante o dever, nada machucará as crentes, pois a pureza é nossa força e nossa virtude, o progenitor que guiará ao broto.

Escutou-se um rugido selvagem que vinha do banho.

Phury gritando.

Cormia se virou precipitadamente e correu para o banheiro.

Encontrou-o nu dentro do arroio, com as costas arqueadas para trás, os punhos apertados, o peito levantado, e a coluna vertebral torcida. Salvo que não estava gritando. Estava rindo.

Voltou à cabeça, e quando a viu deixou cair os braços, mas não deixou de rir.

—Sinto muito... — Quando mais dessa alegria selvagem borbulhou apoderando-se dele, tratou de contê-la, mas não pôde — Deve pensar que estou louco.

—Não... — Em realidade pensava que era formoso, com a pele dourada escorregadia pela água e o cabelo caindo por suas costas em entupidos cachos — O que é tão divertido?

—Passa-me uma toalha?

Deu-lhe uma peça de tecido, e não afastou o olhar quando saiu do arroio.

—Alguma vez ouviste falar do Mágico de Oz? — perguntou-lhe.

—É uma história?

—Suponho que não. — assegurou o tecido na cintura — Possivelmente algum dia te leve a ver o filme. Mas disso estava rindo. Estava equivocado. Não era um todo-poderoso Espectro do Anel o que habitava em minha mente. Era o Mago de Oz, nada mais que um frágil ancião. Fui eu que imaginei que era aterrador e mais poderoso que eu.

—Mago?

Deu-se golpezinhos na têmpora.

—A voz em minha cabeça. Uma má voz. Fumava para escapar dela. Acreditei que era um enorme e entristecedor Espectro do Anel. Mas não o era. Não o é.

Era impossível não compartilhar a felicidade de Phury e quando sorriu, uma súbita calidez alagou seu coração e sua alma.

—Sim, era uma voz forte e clamorosa, mas nada especial. — levou a palma da mão ao antebraço, e esfregou a pele como se tivesse prurido... exceto não havia nada que danificasse sua suave perfeição — Forte... ruidosa...

O olhar de Phury mudou abruptamente ao olhá-la. E ela soube a causa. As chamas arderam em seus olhos e seu sexo que caía entre seus quadris se engrossou.

—Sinto-o — disse, procurando outro largo tecido e sustentando-o frente a ele.

—Deitou com ela? — Perguntou bruscamente Cormia.

—Com a Layla? Não. Cheguei até o vestibulo antes de decidir que não podia seguir com isso. — Negou com a cabeça — Isso não vai acontecer. Não posso estar com outra que não seja você. A pergunta é o que vamos fazer agora... e para melhor ou para pior acredito que sei a resposta. Penso que tudo isto — Moveu a mão a seu redor, como se abrangesse com ela todo o Santuário — não pode seguir assim. Este sistema, esta forma de vida, não está funcionando. Tem razão, não se trata só de nós, trata-se de todo o mundo. Não está funcionando para ninguém.

Quando suas palavras abriram passo em sua mente, pensou na posição dentro da raça em que ela tinha nascido. Pensou na grama branca, os edifícios brancos e as túnicas brancas.

Phury sacudiu a cabeça.

—Estava acostumado a ter umas duzentas Escolhidas, verdade? Na época em que havia como trinta ou quarenta Irmãos, não é certo? — Quando ela assentiu, ele baixou o olhar à água que corria no arroio — E agora quantos ficam? Sabe, não só é a Sociedade Lessening a que está nos matando. São estas malditas regras às quais estamos submetidos. Quero dizer, vamos. As escolhidas não estão protegidas neste lugar, são prisioneiras. E são maltratadas. Se não tivesse sentido atraída por mim, não teria importado. Ainda assim teria sido obrigada a ter sexo comigo, e isso é cruel. Você e suas irmãs estão apanhadas aqui, e me pergunto

quantas de vocês realmente acreditam na tradição a que servem. A vida como Escolhida... não tem nada que ver com a eleição. Nenhuma de vocês a tem. Toma seu próprio exemplo... não quer estar aqui. Retornou porque não tinha outras opções não é assim?

Três palavras saíram de sua boca, três palavras impossíveis que trocaram tudo:

— Sim, assim é.

Cormia levantou sua túnica e voltou a deixá-la cair em seu lugar pensando no pergaminho, que estava no chão do Templo das Escritas Encerradas, que tinha os esboços desenhados de edifícios que ela fez e que não soube onde pôr.

Agora foi ela quem sacudiu a cabeça.

— Nunca soube quantas coisas não sabia de mim mesma até que fui ao Outro Lado. E tenho que pensar que às demais deve ocorrer o mesmo. Elas devem estar... não pode ser que só eu seja quem tem talentos sem descobrir ou interesses ainda não revelados. — passeou pelo banheiro — E estou segura que cada uma de nós há sentido que é um fracasso... embora só seja porque as pressões são tão grandes que tudo se eleva a um nível de importância suprema e total. Um pequeno engano, seja em uma palavra escrita incorretamente, um acorde desafinado em um cântico, ou um mau ponto em um pedaço de tecido e se sente como se tivesse defraudado a toda a raça.

De repente, não pôde deter as palavras que saíam de seus lábios.

— Tem tanta razão. Isto não está funcionando. Nosso propósito é servir à Virgem Escriba, mas deve haver uma maneira de fazê-lo e ao mesmo tempo nos respeitar a nós mesmas — Cormia olhou ao Phury — Se formos suas filhas Escolhidas, Isso não significa que deseja o melhor para nós? Não é isso o que os pais desejam para seus filhos? Como pode ser... — Olhou em volta a onipresente e sufocante cor branca do banheiro — Como pode ser isto o melhor? Para a maioria de nós, parece-se mais a estar estancada que a uma vida. Estamos em animação suspensa embora sigamos nos movendo. Como... pode isto ser o melhor para nós?

Phury franziu o cenho.

— Não o é. Foda, não o é nem no mais mínimo.

Enrolou o largo tecido que tinha nas mãos e o estrelou contra o chão de mármore. Depois segurou o medalhão Primale e o arrancou do pescoço.

Ia demitir, pensou ela, ambos estavam exaltados e decepcionados pelo futuro por vir. Ia renunciar...

Phury levantou o pesado objeto de ouro, o medalhão balançava no extremo da tira de couro, e ela deixou de respirar. A expressão de seu rosto estava cheia de propósito, e de poder, não de irresponsabilidade. O brilho de seus olhos expressava propriedade e liderança, e não a intenção de esquivar nem evitar. De pé frente a ela, ele era toda a paisagem do Santuário, todos os edifícios, a terra, a água e o ar: Não era deste mundo, mas era o mundo em si mesmo.

Depois de passar uma vida olhando a história acontecer em uma tigela de água, Cormia compreendeu vendo como sustentava o medalhão no alto, que pela primeira vez estava

vendo a história ser forjada justo diante dela, em tempo real.

Nunca nada voltaria a ser igual depois disto.

Com esse emblema de sua exaltada posição balançando-se de um lado a outro pendurando de seu punho, Phury proclamou com um tom de voz firme e profundo:

—Sou a força da raça. Sou o Primale, e como tal, governarei!

Capítulo 49

Nos subúrbios de Caldwell, em uma temperada noite do verão, a Irmandade estava reunida sob uma celestial lua cheia... perguntando-se que demônios estava passando. Quando o Escalade se deteve perto do compacto grupo, John se sentia maravilhado de poder estar entre eles. Liberando do cinto de segurança, saiu enquanto Rhage fechava as portas do SUV. Blay e Qhuinn ficaram um a cada lado, e juntos, os três se aproximaram dos Irmãos.

O prado que tinham diante deles se estendia entre um anel de pinheiros, a grama estava salpicada de canteiros de varas de ouro e também havia algumas espumosas Asclepias dispersadas.

Vishous acendeu um de seus néscios, e o aroma do tabaco turco flutuou sobre eles.

—O filho da puta chega tarde.

—Te tranqüilize, V — disse Wrath em voz baixa — Relevarei seu traseiro se não ficar quieto.

—Filho da puta. Não você, ele.

—Butch, prenda a seu menino, sim? Antes que o amordace com um maldito pinheiro.

O resplendor chegou do leste, em princípio era pequeno como a chama de um acendedor, logo foi crescendo até voltar-se grande como o sol. Ao congregar-se no bosque, a luz se filtrava entre os troncos e os ramos, e John recordou os filmes de provas de bombas atômicas que viu na escola. Nos quais depois do grande estalo de energia, as árvores e tudo o que havia ao redor ficava esmagado contra o chão.

—Por favor, me digam que essa merda não é radioativa — disse Qhuinn.

—Não — respondeu Rhage — Mas amanhã pela manhã todos vamos estar bronzeados.

Butch colocou o braço sobre os olhos para defender-se da luz.

—E eu sem meu Coppertone.

John notou que não tinham tirado suas armas, mas, entretanto, todos estavam tensos como gatos.

Repentinamente, do meio das árvores saiu um homem... um homem resplandecente, que era a fonte da luz. E nos braços trazia algo coberto, uma lona ou um tapete ou...

—Filho da puta — sussurrou Wrath quando a figura se deteve uns vinte metros de distância.

O homem resplandecente riu.

—Bom, mas se não é outro que o Rei Wrath e seu grupo de meninos alegres e felizes. Juro-lhes moços que deveriam se dedicar a fazer espetáculos para meninos, pelo fodidamente alegres que são.

—Genial — murmurou Rhage — seu senso de humor segue sendo o mesmo.

Vishous disse enquanto exalava a fumaça.

—Possivelmente possa tratar de tirar-lhe a golpes.

—Usa seu próprio braço para fazê-lo, se puder...

Wrath olhou furioso a ambos, que lhe respondeu com um par de olhares: Quem, nós?

O Rei sacudiu a cabeça resignado e se dirigiu à figura resplandecente:

—Passou muito tempo. Graças a Deus. Como merda está?

Antes que o homem pudesse responder V amaldiçoou:

—Se me vejo obrigado a escutar algo do estilo Keanu Reeves no Matrix com seu merda de «Eu sou Neo», minha cabeça vai explodir.

—Não quererá dizer Néon? — interveio Butch — Porque ele me recorda ao símbolo do Citgo.

Wrath voltou à cabeça.

—Fechem a maldita boca. Todos vocês.

A figura resplandecente riu.

—Então quer seu presente adiantado de Natal? Ou vais seguir me faltando ao respeito até que parta?

—Natal? Acredito que essa é sua tradição, não a nossa — disse Wrath.

—Então, isso é um não? Porque se trata de algo que estivestes sentindo saudades há algum tempo. — Ao dizer isso a luz se dissipou, como se alguém tivesse desligado a fonte de sua energia.

Agora, de pé no claro havia um homem como qualquer outro... bom, quase como qualquer outro, dado que estava coberto com correias de ouro. Carregava alguém nos braços, era um macho barbudo com uma mecha branca em meio de seus cabelos escuros...

John começou a formigar o corpo inteiro.

—Não reconhecem a seu Irmão? — disse a figura, logo baixou o olhar de volta ao macho que estava sustentando — Que logo que esquecem.

John foi quem rompeu filas e atravessou correndo a grama. Alguém gritou seu nome, mas não ia deter-se por nada nem por ninguém. Correu tão rápido quanto suas pernas o permitiram, com o vento rugindo em seus ouvidos, e o sangue fluindo com força através de suas veias.

A grama do prado açoitou seu jeans, a fresca noite de agosto esbofeteou seu rosto, e os tensos punhos que suas mãos tinham formado fenderam o ar.

Pai, articulou. Pai!

John se deteve com um salto e então cobriu a boca com a palma da mão. Era Torment, mas era uma versão encolhida do Irmão, como se tivesse estado sob o sol durante meses. Tinha o rosto gasto, a pele pendurava frouxa de seus ossos e os olhos estavam afundados

profundamente no crânio. Tinha a barba larga e escura, o cabelo desgrenhado não era mais que um ninho negro enredado salvo pela brilhante raia branca que tinha na frente. Sua roupa era exatamente quão mesma usava na noite que desapareceu do centro de treinamento, e estava toda andrajosa e imunda.

John se sobressaltou quando uma mão aterrisou sobre seu ombro.

— Te acalme, filho — disse Wrath — Jesus Cristo...

— Em realidade é Lassiter — disse o homem — se por acaso o esqueceste.

— Como é. Então, qual é o preço? — perguntou o Rei, enquanto estendia as mãos para tomar ao Tohr.

— Eu adoro que assumas que há um.

John queria ser a pessoa que levasse ao Tohrment ao carro, mas seus joelhos tremiam tanto, que provavelmente necessitasse que alguém o levasse a ele.

— Acaso não há um preço? — Quando Wrath carregou o corpo de seu irmão, o Rei sacudiu a cabeça — Merda, não pesa quase nada.

— Esteve alimentando-se de cervos.

— Quanto faz que sabe onde está?

— Encontrei-o faz dois dias.

— O preço — disse Wrath, com o olhar ainda fixo em seu irmão.

— Bom, as coisas são assim. — Quando o Rei amaldiçoou, o homem, Lassiter, pôs-se a rir — Entretanto, não é um preço.

— O que. É. O. Que. Quer.

— É um trato de dois por um.

— Perdão?

— Eu vou junto com ele.

— Que lhe fodam.

A voz do homem perdeu todo rastro de calma.

— É parte do trato, e me acredite, tampouco eu desejo fazer isto. O fato é que esta é minha última oportunidade, assim sim, sinto muito, mas vou junto com ele. E a propósito, se disser que não, não duvidarei em nos destruir a todos assim.

O homem estalou os dedos, e uma brilhante faísca branca iluminou o céu noturno.

Depois de um momento, Wrath se voltou para o John:

— Este é Lassiter, o anjo caído. Uma das últimas vezes que estive na terra, houve uma praga na Europa Central...

— OK, mas isso não foi minha culpa absolutamente...

— ... que acabou com as duas terças partes da população humana.

— Eu gostaria de te recordar que você não gosta dos humanos.

— Cheiram mal quando estão mortos.

— Todos vós os do tipo mortal o fazem.

John apenas podia seguir a conversa; estava muito ocupado olhando fixamente o rosto de Tohr. Abre os olhos... abre os olhos... por favor, Deus...

—Vamos John. — Wrath se voltou para a Irmandade e começou a andar. Quando chegou até eles, disse-lhes suavemente:

—Nosso Irmão retornou.

—OH, Cristo, está vivo — disse alguém.

—Graças a Deus — gemeu alguém mais.

—Lhes diga — exigiu Lassiter atrás dele — Diga-lhes que vem com um companheiro de dormitório.

Como se fossem um, os Irmãos giraram as cabeças bruscamente.

—Foda-me — disse Vishous em voz baixa.

—Obrigado mas passo — resmungou Lassiter.

Capítulo 50

Phury atravessou a resplandecente extensão branca do Santuário, e se dirigiu para a entrada privada da Virgem Escriba. Golpeou uma vez e esperou, enviando mentalmente uma petição de audiência.

Quando as comporta se abriram, esperava que fosse a Directrix Amalya a que o saudasse, mas não havia ninguém ao outro lado. O pátio branco da Virgem Escriba estava vazio salvo pelos pássaros em sua florescida árvore brancos.

Os pinzones e canários estavam desconjurados, e eram muito mais encantados por isso. Suas cores se viam brilhantes contra o fundo de ramos e folhas brancas, e para ouvir suas chamadas pensou na quantidade de vezes que Vishous veio aqui com uma dessas frágeis criaturas embalada em suas palmas.

Depois que a Virgem Escriba os tivesse sacrificado por seu filho, o filho os tinha devolvido.

Phury foi até a fonte e escutou a água cair no reservatório de água de mármore. Soube quando a Virgem Escriba apareceu atrás dele, porque lhe arrepiou o cabelo da nuca.

—Pensei que foste renunciar — disse — Vi o atalho do Primale desdobrado para outras pisadas. Supunha-se que você só foste ser a transição.

Ele olhou sobre o ombro.

—Eu também pensei que ia renunciar. Mas, não.

Estranho, pensou. Sob as roupagens negras que protegiam o rosto, mãos e pés, o resplendor que emitia parecia mais fraco do que recordava.

Ela flutuou lentamente para seus pássaros.

—Deveria me saudar apropriadamente, Primale.

Ele fez uma profunda reverência e disse as palavras apropriadas na Antiga Língua. Também teve a graça de permanecer inclinado, esperando que o liberasse da postura de súplica.

— Ah, mas esse é o assunto — murmurou ela — Já liberaste a ti mesmo. E agora deseja o mesmo para minhas Escolhidas. — Ele abriu a boca, mas interrompeu — Não precisa explicar seu raciocínio. Acredita que não sei o que há em sua mente? Inclusive seu feiticeiro, como o chama, é conhecido por mim.

OK, isso o fez sentir incômodo.

— Te levante, Phury, filho de Ahgony. — Quando o fez, disse-lhe — Todos somos produtos de nossa criação, Primale. As obras que resultam de nossas eleições são depositadas sobre a base ereta por nossos pais e seus pais antes deles. Não somos mais que o seguinte nível na casa ou no pavimento do atalho.

Phury sacudiu a cabeça lentamente.

— Podemos escolher uma direção diferente. Podemos nos mover na bússola ao longo de um rumo diferente.

— Disso eu não estou segura.

— Disso eu devo estar seguro... ou não farei nada com esta vida que me deste.

— Efetivamente. — Voltou à cabeça para suas habitações privadas — Efetivamente, Primale.

No silêncio que se prolongou, pareceu entristecida, o que o surpreendeu. Tinha estado preparado para um combate. Demônios, era difícil pensar na Virgem Escriba como em outra coisa que não fosse um caminhão de dezoito rodas debaixo do adorno negro.

— Me diga, Primale, como pensa dirigir tudo isto?

— Ainda não estou seguro. Mas aquelas que se sintam mais cômodas aqui podem ficar. E aquelas que queiram aventurar-se ao Outro Lado encontrarão um refúgio seguro comigo ali.

— Está abandonando este lado para sempre?

— Há algo que necessito no outro lado, algo que devo ter. Mas voltarei uma e outra vez. Vai levar décadas, possivelmente mais, trocá-lo tudo. Cormia vai me ajudar.

— E só tomará a ela, na forma em que o faz um macho?

— Sim. Se as outras encontrarem companheiros de sua eleição, então aceitarei todas suas filhas fêmeas para que sejam educadas nas tradições das Escolhidas e insistirei com Wrath a tomar aos filhos machos na Irmandade, tanto se nascerem aqui ou no Outro Lado. Mas eu tomarei só a Cormia.

— E o que me diz da pureza do sangue? A força que vem dela? Não haverá mais padrões? A criação foi deliberada, para engendrar força da força. O que aconteceria se uma Escolhida favorece a um que não seja da linhagem da Irmandade?

Pensou no Qhuinn e Blay. Meninos fortes que com o tempo se converteriam em machos mais fortes ainda. Que motivos havia para que eles não fossem parte da Irmandade?

— Seria decisão de Wrath. Mas eu sugerirei aceitar aos dignos sem importar a linhagem. Um coração valoroso pode fazer a um macho mais alto e mais forte do que é fisicamente. Olhe, a raça está falhando, e sabe. Estamos perdendo terreno com cada nova geração, e não só por causa da guerra. A Sociedade Lessening não é o único que nos está matando. As tradições também o fazem.

A Virgem Escriba flutuou lentamente para a fonte.

Houve um longo, longo silêncio.

—Sinto como se tivesse perdido — disse suavemente — A todos vós.

—Não o tem feito. Absolutamente. É uma mãe para a raça, não uma guardiã, e obterá tudo o que desejas. Nos deixe livres e nos observe prosperar.

O som do repiquem da fonte pareceu aumentar, fazendo-se mais forte, como se recolhesse a flutuação de suas emoções.

Phury olhou a água que caía, vendo-a capturar a luz e cintilar como as estrelas. Os arco-íris que havia em cada uma das gotinhas eram impossivelmente formosos, e enquanto observava as gemas faiscantes que havia em cada fragmento do conjunto que voltava a cair, pensou nas Escolhidas e nos dons individuais que possuía cada uma delas.

Pensou em seus Irmãos.

Pensou em suas shellans.

Pensou em sua amada.

E soube os por quês de seu silêncio.

—Não nos perderá. Nunca a deixaremos atrás e não nos esqueceremos. Como poderíamos? Deu a luz, guiou-nos e nos deu força. Mas agora... agora chegou nosso tempo. Permita ir e estaremos mais perto de ti do que nunca estivemos. Permite que tomemos o futuro em nossas mãos e o formemos como melhor possamos. Tenha fé em sua criação.

—Tem força para isto, Primale? Pode ser um líder para as Escolhidas inclusive depois de tudo o que passaste? Sua vida não foi fácil, e o caminho que contempla não vai ser uniforme nem fácil de seguir. —Disse-lhe bruscamente.

Enquanto Phury se mantinha de pé sobre sua única perna e sua prótese, pensou em todos os dias de sua existência, e sopesou a têmpera que havia em sua mesma medula, e teve só uma resposta.

—Estou aqui, não? — pronunciou — Ainda me sustento em pé verdade? Você me diga se tenho a fodida força ou não a tenho.

Ele a ouviu sorrir um pouco... embora ele não pudesse ver seu rosto, percebeu seu sorriso.

A Virgem Escriba fez um gesto afirmativo com a cabeça.

—Que assim seja, então, Primale. Será como desejas.

Deu-se a volta e desapareceu em seus aposentos privados.

Phury exalou como se alguém tivesse tirado um plugue do traseiro.

Santa. Merda.

Acabava de desbaratar todo o fundamento espiritual da raça. Assim como o biológico.

Foda-se, se tivesse sabido aonde ia levar a noite, teria tomado uma tigela do Wheaties (marca de cereais) antes de descer da plataforma da cama.

Voltou-se e se dirigiu para a porta para ir para o Santuário. A primeira parada seria onde estava Cormia; logo os dois iriam ver a Directrix e...

Quando abriu a porta ficou petrificado.

A grama era verde.

A grama era verde e o céu azul... e os narcisos eram amarelos e as rosas eram um arco íris de cores Crayola (marca de pintura)... e os edifícios eram vermelhos, nata e azul escuro...

As escolhidas estavam saindo apressadamente de suas dependências, levantando suas túnicas que agora eram de cores e olhando a seu redor emocionadas e perplexas.

Cormia surgiu do templo do Primale, com o encantador rosto aturdido enquanto olhava a seu redor. Quando o viu, levou-se as mãos à boca e começou a piscar rapidamente.

Com um grito, recolheu a magnífica túnica cor lavanda claro e correu para ele, com as lágrimas correndo pelo rosto.

Apanhou-a enquanto saltava para ele e sustentou seu morno corpo contra o seu.

— Amo-te — disse ela afogando — Te amo, amo-te... te amo.

Nesse momento, com o mundo transformando-se por sua causa, e com sua shellan a salvo em seus braços, sentiu algo que nunca imaginou.

Finalmente se sentia o herói que sempre tinha querido ser.

Capítulo 51

De volta no Outro Lado, na mansão da Irmandade, John Matthew estava sentado em uma poltrona frente à cama onde Tohr dormia. O Irmão não se moveu desde que o levaram a casa fazia horas e horas.

O que parecia ser o POE (procedimento operativo padrão) para essa noite. Era como se todos na casa estivessem adormecidos, como se um esgotamento coletivo e penetrante tivesse afligido a todos.

Bem, a todos exceto ao John. E ao anjo que estava passeando-se no quarto de convidados do lado.

Tohr estava na mentes de ambos.

Deus, John nunca esperou sentir-se maior que o Irmão. Nunca esperou ser fisicamente mais forte. Certamente nunca pensou que chegaria a ter que cuidar do macho. Ou ser responsável por ele.

E agora ocorria tudo isso e mais, porque assim à primeira vista se poderia dizer que Tohr tinha perdido uns trinta quilo. E tinha o rosto e o corpo de um macho que foi à guerra e tinha sido mortalmente ferido.

Que estranho, pensou John. A princípio, desejou que o Irmão despertasse em seguida, mas agora estava assustado de ver esses olhos abertos. Não sabia se poderia suportar que o excluísse. Seguro, seria compreensível, dado tudo o que Tohr perdeu, mas o mataria.

Além disso, enquanto Tohr estivesse dormindo, John não ia quebrar-se e começar a soluçar.

Vê, havia um fantasma no quarto. Um formoso e ruivo fantasma com um ventre

arredondado de grávida: Wellsie estava com eles. Apesar de sua morte, ela estava com eles, e também seu menino não nascido. E a shellan de Tohr nunca ia estar longe. Não havia maneira de olhar ao Tohr sem vê-la. Os dois foram inseparáveis em vida, e também o eram na morte. Certamente Tohr podia estar respirando, mas, seguro como a merda que já não estava vivo.

— É você?

Os olhos de John dispararam para a cama.

Tohr estava acordado e o olhava através do espaço escuro que os separava.

John ficou de pé lentamente e endireitou a camiseta e os jeans. Sou John. John Matthew.

Tohr não disse nada, só continuou olhando-o de cima a baixo.

Atravessei a transição, John fazia gestos como um tolo.

— É do tamanho de D. Grande.

Deus, a voz era exatamente como a recordava. Profunda como a nota baixa de um órgão de igreja, e igual de imperiosa. Embora, havia uma diferença. Havia uma nova vacuidade nas palavras.

Ou possivelmente isso vinha do espaço em branco detrás desses olhos azuis.

Tive que conseguir nova roupa. Jesus Cristo, era um idiota. Tem... tem fome? Consegui sanduíches de rosbife. E Pepperidge Farm Milano. Estavam acostumados a gostar de...

— Estou bem.

Posso te trazer algo de beber? Consegui um recipiente térmico de café.

— Não. — Tohr jogou uma olhada ao banheiro — Merda, instalação de água no interior. Passou tempo. E não, não necessito ajuda.

Era doloroso olhar... um pouco tirado de um futuro que John não pensou que chegaria até dentro de centenas e centenas de anos: Tohrment como um macho velho.

O Irmão segurou com mão tremente a beira dos lençóis e as separou de seu corpo nu palmo a palmo. Deteve-se. Logo deslizou as pernas fora até que se balançaram até o chão. Houve outra pausa antes que empurrasse para cima e, os uma vez largos, ombros se esforçassem para suportar o peso que era pouco mais que o de um esqueleto.

Não caminhava. Arrastava os pés como fazia as pessoas muito velhas, com a cabeça encurvada, o espinho dorsal curvado para o chão, e as mãos estendidas como se esperasse cair a qualquer momento.

As portas se fecharam. O lavabo soou com um gorgoteo. A ducha começou a cair.

John voltou para a poltrona onde estava sentado, tinha as tripas vazias, e não simplesmente porque não tinha comido nada na noite anterior. A preocupação era tudo o que conhecia. A inquietação era o fôlego que levava a seus pulmões. Ansiedade era o mesmo pulsado de seu coração.

Esta era a outra cara da relação pai/filho. Onde o filho se preocupava com o pai.

Assumindo que ele e Tohr ainda tivessem essa conexão funcionando.

Não estava seguro. O Irmão o olhou fixamente como se fosse um estranho.

O pé de John seguiu o ritmo do tic tac dos segundos, e esfregou as palmas nas coxas. Era estranho, todo o resto que aconteceu, inclusive o assunto com o Lash, parecia irreal e pouco

importante. Só existia o agora com o Tohr.

Quando a porta se abriu quase uma hora mais tarde, ficou imóvel.

Tohr usava uma bata, e o cabelo estava em sua maior parte desenredado, embora a barba ainda se via desfiada.

Com esse vago e inseguro arrastar de pés, o Irmão voltou para a cama e se estendeu com um gemido, assentando-se com estupidez nos travesseiros.

Há algo que possa...

—Não é aqui onde queria acabar, John. Não vou poder enfrentá-lo. Não é aqui... onde quero estar.

OK, gesticulou John. OK.

Quando o silêncio se estendeu, em sua mente, teve a conversa que queria ter com o Tohr:

Qhuinn e Blay terminaram vivendo aqui, e os pais de Qhuinn estão mortos, e Lash é... Não sei que dizer sobre ele... Há uma fêmea que eu gosto, mas está fora de meu alcance, e eu estou na guerra e senti sua falta, e quero que esteja orgulhoso de mim e estou assustado e sinto falta de Wellsie e, você está bem?

E o mais importante...

Por favor, me diga que não vai outra vez. Jamais. Necessito-te.

Em vez disso, ficou de pé e gesticulou:

Suponho que te deixarei para que descanse. Se precisar de algo...

—Estou bem.

OK. Sim. Bom...

John tirou uma prega de sua camiseta e se virou. Enquanto ia para a porta, não podia respirar.

OH, por favor, não permita que encontre com ninguém no caminho a meu quarto...

—John.

Deteve-se. Girou em redondo.

Quando se encontrou com o afligido olhar azul marinho de Tohr, John sentiu como se lhe estivessem desprendendo as rótulas dos joelhos.

Tohr fechou os olhos e abriu os braços.

John correu para a cama e se aferrou a seu pai com toda a força que tinha. Enterrou o rosto no que uma vez tinha sido um largo peito e escutou o coração que ainda pulsava dentro. Deles dois, ele era o que se aferrava mais forte, não porque ao Tohr não importasse, mas sim porque ele não tinha a força.

Ambos choraram até que não tiveram mais fôlego com o qual soluçar.

Capítulo 52

Os gatilhos não tinham que estar nas armas para dar problemas, pensou Phury enquanto

olhava a fachada de aço e vidro do ZeroSum.

Merda, a desintoxicação tratava o tema do mau trato que sofria o corpo quando se enfrentava a uma mudança na química. Mas não fazia uma merda com o anseio que estava em sua mente. E seguro que o feiticeiro era menor que ele, mas o bastardo ainda não o deixou. E Phury tinha a sensação de que ia passar muito tempo antes que a voz o fizesse.

Dando um puxão de orelhas mental, aproximou-se do gorila da entrada, que lhe dirigiu um olhar estranho, mas o deixou entrar. Dentro, não emprestou nenhuma atenção à multidão, que se separou como sempre para lhe dar espaço. Não saudou com a cabeça ao gorila que sustentava o cordão de veludo diante da zona VIP. Não disse nada a iAm, o qual o deixou entrar no escritório de Rehv.

—A que devo este prazer? — disse Rehvenge desde detrás de sua mesa.

Phury cravou os olhos em seu distribuidor.

Rehv tinha posto um traje negro convencional no que não havia nada de convencional. O corte era delicioso, ainda que o macho estivesse sentado, e o tecido brilhava sob as tênues luzes, uma clara indicação de que havia um pouco de seda mesclada na malha. As lapelas caíam perfeitamente sobre o poderoso peito, e as mangas mostravam o justo dos punhos da camisa.

Rehv franziu o cenho.

—Posso sentir suas emoções daqui. Fez algo.

Phury teve que rir.

—Bom, poderia dizer-se que sim. Agora vou a caminho da casa de Wrath, porque tenho muitas coisas que explicar. Embora vim aqui primeiro, porque minha shellan e eu necessitamos um lugar onde ficar.

Rehvenge arqueou as sobrancelhas sobre seus olhos ametista.

—Shellan? Uau. Já não mais a Escolhida?

—Não. — Phury esclareceu voz — Olhe, sei que tem casas. Umas quantas. Quero saber se posso alugar uma por alguns meses. Necessito um montão de habitações. Muitas.

—A mansão da Irmandade está muito cheia?

—Não.

—Mmm. — Rehv inclinou a cabeça a um lado, mostrando a suave parte barbeada de seu penteado mohawk — Wrath tem outros lugares, não? E sei que seu irmão V os tem. Ouvi que tem um ninho do BDSM em alguma parte. Devo admitir que estou surpreso de que venha a mim.

—Só pensei que poderia começar com você.

—Mmm. — Rehv ficou de pé e se apoiou em seu bastão enquanto dava a volta e abria um painel correção que havia detrás de sua mesa — Bonito traje, por certo. Comprou-o em Vitória's Secret? Me desculpe um segundo.

Quando o macho entrou no dormitório que foi revelado, Phury baixou o olhar e olhou a si mesmo. Com razão essa gente lhe dirigiu olhares estranhos. Estava usando o conjunto de cetim branco do Outro Lado.

Rehv saiu um momento depois. Em suas mãos, levava um par de mocassins negros de pele de crocodilo com uns reveladores estribos entrelaçados.

Deixou cair os Gucci's aos pés de Phury.

—Possivelmente queira deslizar seus pés descalços nestes. E o sinto, não tenho nada que possa alugar.

Phury tomou um profundo fôlego.

—Bem. Obrigado...

—Mas pode viver grátis no rancho que tenho nas Adirondacks. Pelo tempo que queira.

Phury piscou.

—Posso p...

—Se estiver a ponto de dizer que pode me pagar, foda-se. Como te disse, não tenho nada que possa alugar. Trez pode encontrar-se com você ali, para te dar os códigos. Me verá justo antes do amanhecer de cada primeira terça-feira do mês, mas, além disso, terão o lugar para vós.

—Não sei o que dizer.

—Talvez algum dia possa me devolver o favor. Por agora deixaremos as coisas assim.

—Minha honra é tua.

—E meus sapatos são teus. Inclusive depois que recupere os teus.

Phury acomodou o par e deslizou os pés dentro. Serviram à perfeição.

—Devolverei isso...

—Não. Considera-os um presente de bodas.

—Bem... obrigado.

—De nada. Sei que você gosta de Gucci...

—Não pelos mocassins, em realidade, embora sejam fabulosos. Quero dizer... Por me pôr na lista de não compradores. Sei que Z falou com você.

Rehv sorriu.

—Assim que está se desintoxicando, né?

—Vou fazer o que puder para deixá-lo.

—Mmm. — entrecerrou o olhar de ametista — E penso que o obterá. Tem essa classe de determinação que vi muitas vezes nos olhos das pessoas que frequenta muito meu escritório, e logo uma noite, pela razão que seja, decidem não voltar nunca mais. E isso é tudo. É agradável de ver.

—Sim. Já não me verá por aqui.

O telefone de Rehv soou, e ao ver quem chamava, franziu o cenho.

—Espera. Isto poderia te interessar. É o líder de fato do Conselho do Princeps. — À medida que falava, a voz do macho era em parte aborrecimento, em parte impaciência — Vai bem. Você? Sim. Sim. Terrível, sim. Não, estou, ainda estou na cidade, sou uma pessoa comprometida.

Rehv se reclinou na cadeira e jogou com o abrecartas, que tinha forma de adaga.

—Sim. Estraguem. Bem. Já, sei, um vazio na liderança é... Perdoa? — Rehv deixou cair o

abrecartas sobre o mata-borrão — O que disse? OH, realmente. Pois bem, e o que me diz de Marissa? Ah. Sem dúvida. E não me surpreende...

Phury teve que perguntar-se que tipo de bomba acabava de cair agora.

Ao cabo de um momento, Rehv esclareceu a voz. Logo um lento sorriso se propagou por seu rosto.

— Bem, então, considerando como se sente... Estarei encantado. Obrigado. — Pendurou o telefone e levantou o olhar — Adivinha quem é o novo leahdyre do Conselho?

Phury sentiu como ficava com a boca aberta.

— Não pode ser você. Como demônios pode...

— Resulta que sou o membro sobrevivente mais velho de minha estirpe, e há uma norma que as fêmeas não podem ser leahdyre. Como sou o único macho do Conselho, adivinha quem deve jantar. — reclinou-se na cadeira de couro — Me necessitam.

— Sagrada... merda.

— Sim, se viver o suficiente, pode chegar a ver algo. Diga a seu chefe que vai ser um prazer fazer negócios com ele.

— Direi. Certamente que o farei. E escuta, obrigado outra vez. Por tudo. — Foi para a porta — Se alguma vez me necessitar, só me chame.

Rehvenge assentiu uma vez.

— Chamarei, vampiro. Os devoradores de pecados sempre colecionam favores.

Phury sorriu ligeiramente.

— O termo politicamente correto é symphath.

Enquanto saía do escritório, a risada baixa e ligeiramente maligna de Rehv ressonou como um trovão.

Phury se materializou frente à mansão da Irmandade e acomodou o traje. Em seu desejo por causar uma boa impressão, sentiu-se como se não vivesse sob seu teto.

O qual, supôs, tinha sentido: sua cabeça sofreu uma mudança de direção.

Sentindo-se torpe como o inferno, aproximou-se da casa, entrou no pátio, e pulsou na tela de vídeo como o faria um estranho. Fritz parecia igualmente surpreso quando abriu a porta.

— Amo?

— Pode dizer ao Wrath que estou aqui e que eu gostaria de falar com ele?

— É óbvio. — O doggen fez uma reverência e subiu rapidamente a escada principal.

Enquanto esperava, Phury passou o olhar pelo vestíbulo, pensando em como tinha construído seu irmão Darius o lugar... Quantos anos fazia?

Wrath apareceu na parte superior da escada, com uma expressão de cautela no rosto.

— Oi.

— Oi. — Phury levantou a mão — Posso subir um momento?

— Claro.

Phury subiu lentamente. E quanto mais se aproximava de seu quarto, mais formigava

sua pele, porque não podia evitar pensar em toda a fumaça vermelha que consumiu ali. Uma parte dele o desejava de tal maneira que quase ofegava por uma imersão, e começou a martelar a cabeça.

O tom de Wrath foi duro.

— Escuta, se veio buscar suas drogas...

Phury levantou a mão e disse com voz rouca:

— Não. Podemos fazer isto em privado.

— Muito bem.

Quando fecharam as portas do estúdio, esforçou-se em refrear os desejos e começar a falar. Não estava completamente seguro do que saía de sua boca. Primale. Cormia. A Virgem Escriba. O futuro. As escolhidas. Os Irmãos. A mudança.

A mudança.

A mudança.

Quando finalmente ficou sem gás, precaveu-se de que Wrath não havia dito nada.

— Assim nisso estou. — Acrescentou Phury — Já falei com as Escolhidas e lhes hei dito que conseguiria um lugar para nós neste lado.

— E onde vai ser?

— O grande rancho de Rehv ao norte do estado.

— De verdade?

— Sim. Ali em cima estaremos a salvo. Seguros. Não é muito ativo, não há muitos humanos. Posso proteger mais facilmente às que decidem vir aqui. Todo este assunto vai ter que ser gradual. Algumas delas estão interessadas em vir. Explorar. Aprender. Cormia e eu as ajudaremos a assimilar tudo o que queiram. Mas tudo é voluntário. Podem escolher.

— E a Virgem Escriba esteve de acordo com isto?

— Sim. Esteve-o. É obvio, o concernente à Irmandade depende de ti.

Wrath sacudiu a cabeça e ficou de pé.

Phury inclinou a cabeça, sem culpar ao tipo por duvidar do plano. Phury falou muito. Agora só podia esperar poder provar algo do que havia dito com ações.

— De acordo, bem, como te disse, tudo depende de você...

Wrath se aproximou e estendeu a mão.

— Estou absolutamente de acordo. E o que seja que necessite para as Escolhidas neste lado conta comigo. Para tudo.

Phury só pôde olhar o que oferecia. Quando estreitou a mão de seu irmão, sua voz era tensa.

— Bem... Trato feito.

Wrath sorriu.

— Tudo que você necessite, dar-lhe-ei.

— Estou bem como... — Phury franziu o cenho e olhou a mesa do Rei — Um... Posso usar seu computador um momento?

— É obvio. E quando terminar, tenho algumas boas notícias que compartilhar com você.

Bom, boas notícias, mais ou menos.

—O que acontece?

Wrath assinalou com a cabeça para a porta.

—Tohr retornou.

Ao Phury fechou a garganta.

—Está vivo?

—Mais ou menos... De certo modo. Mas está em casa. E vamos tentar mantê-lo assim.

Capítulo 53

Sentado na mesa da Irmandade na área VIP do ZeroSum, John Matthew estava bêbado como uma Cuba. Tinha bebido até pelo traseiro. Estava totalmente bêbado.

Assim nem bem terminou a cerveja número... qualquer que fosse o número de cerveja que se esteve tomando durante os últimos cinco minutos, ordenou um Jäger Bomb(coquetel).

Teria que dizer em seu favor que Qhuinn e Blay não diziam absolutamente nada.

Era difícil explicar o que o impulsionava a descer todas aquelas garrafas de repente e a ingerir tantas doses. A única explicação que ocorria era que tinha os nervos destroçados. Deixou ao Tohr em casa, dormindo naquela cama, como se fosse um ataúde, e embora fosse genial que se reuniram, faltava muito para poder dizer que o Irmão se achava fora de perigo.

John não podia perdê-lo outra vez.

E logo o preocupava essa estranha visão de Lash e o fato de que John estava de certo modo convencido que estava perdendo sua amada memória.

Quando a garçonete veio com a dose, Qhuinn disse:

—Gostaria de outra cerveja.

Amo-te, disse-lhe por gestos a seu companheiro.

—Bem, vai odiar aos dois quando chegar a casa e vomitar como um borrifador de campo de golfe, mas nos limitemos a viver o aqui e agora, o que te parece?

Entendido. John tomou a dose de um gole, e não o queimou, não aterrissou em seu estômago como uma corrente ardente. Mas, bom, realmente. Um incêndio florestal daria duas merdas por um acendedor Zippo?

Qhuinn estava certo: provavelmente fosse vomitar. De fato...

John cambaleou ao levantar-se.

—OH, merda, aqui vamos — disse Qhuinn levantando-se também.

Vou sozinho.

Qhuinn deu uns golzinhos sobre a correia que tinha ao redor do pescoço.

—Já não mais.

John plantou os punhos sobre a mesa, inclinou-se sobre ela, e mostrou as presas.

—Que caralho! — Vaiou Qhuinn enquanto Blay olhava freneticamente a outros assentos

que havia a seu redor — Que merda pensa que está fazendo?

Vou sozinho.

Qhuinn o fulminou com o olhar como se fosse discutir, mas logo voltou a sentar-se.

— Bem. Como quiser. Mas guarda esse ralo e não volte a mostrá-lo.

John se afastou assombrado de que ninguém mais no clube parecesse notar que o piso oscilava de lá para cá como uma casa de diversão. Justo antes de chegar ao corredor dos banheiros privados, mudou de opinião, rondou um pouco, e se escondeu para o outro lado da corda aveludada.

Do outro lado, perambulou entre a multidão amontoada com a graça de um búfalo, golpeando as pessoas ao passar, chocando-se contra as paredes, lançando-se para frente, para logo tornar-se atrás para evitar encalhar no chão.

Subiu as escadas até a sobreloja e abriu caminho até o banheiro dos homens.

Havia dois tipos no urinol e um no lavabo, John não olhou a nenhum deles nos olhos enquanto se dirigia até o final da fileira de cubículos. Abriu o reservado para deficientes, mas logo deu marcha ré porque se sentiu culpado e entrou no penúltimo. Enquanto fechava a porta com chave, seu estômago se agitou como uma betoneira, parecia que recolheu um pacote urgente para ser despachado por correio aéreo de forma imediata.

Merda. Por que não usou os banheiros privados que havia atrás da área VIP? Que necessidade tinha que aqueles três dons ninguém o ouvissem fazer uma imitação de um encanador submetendo à força a uma privada?

Maldita... fosse. Estava bem bêbado.

Tendo chegado a essa conclusão, deu a volta e baixou o olhar para a privada. Era negro, como quase tudo no ZeroSum, mas sabia que estava limpo. Rehv mantinha uma casa limpa.

Bom, exceto pela prostituição. E as drogas. E as apostas.

OK, estava limpo quanto a limpo e ordenado, não quanto ao código penal.

John deixou cair à cabeça para trás contra a porta metálica, fechou os olhos, e a verdadeira razão para procurar à bebida saiu à superfície.

Qual era a maldita forma de avaliar a um macho? Era por sua forma de lutar? Era por quanto peso podia levantar na sala de pesos? Era por tomar vingança dos que o danificavam?

Era por poder permanecer no controle de suas emoções quando o mundo inteiro parecia uma instável casa da risada? Era porque corria o risco de amar a alguém ainda quando sabia que poderia o abandonar para sempre?

Era pelo sexo que tinha?

OK, fechar os olhos foi um grande engano. Ou começar a pensar. Abriu as pálpebras e se concentrou no teto negro com luzes indiretas, em forma de estrelas.

Na pia deixou de correr a água. A descarga de dois urinóis se acionou. A porta que dava ao clube se abriu e se fechou, e logo voltou a abrir-se e fechar-se.

Ouviu um som como de alguém inalando alguns cubículos mais à frente. E outro mais. Logo sentiu exalar e emitir um a. Passos. Água correndo. Uma risada maníaca. Outro abrir e fechar da porta que dava ao exterior.

Sozinho. Estava sozinho. Mas não duraria muito, porque logo voltaria a entrar alguém.

John olhou para o inodoro negro e disse a seu estômago que se queria começasse com o programa assim o economizava um momento de vergonha.

Evidentemente não queria. Ou talvez... sim. Não? Merda...

Estava contemplando o inodoro, esperando que o reflexo das náuseas se decidisse, quando se esqueceu de seu estomago e se deu conta de onde estava.

Ele tinha nascido no cubículo de um banheiro. Trouxeram-no para o mundo em um lugar onde as pessoas vomitavam depois de ter bebido muito... foi um menino deixado para valer-se por si mesmo por uma mãe que nunca conheceu e um pai que nunca soube de sua existência.

Se Tohr chegasse a ir-se outra vez...

John se voltou rapidamente e não pôde fazer que seus dedos levantassem a alavanca para poder sair. Com crescente pânico, arranhou o mecanismo negro até que finalmente saltou abrindo-se. Irrompando no banheiro, dirigiu-se em linha reta para a porta, mas não conseguiu chegar.

Sobre cada um das seis pias de cobre, havia um espelho de marco dourado.

Respirando fundo, escolheu o espelho que estava mais perto da porta e parou frente a ele, enfrentando-se com seu rosto de adulto pela primeira vez.

Seus olhos eram os mesmos... seus olhos eram exatamente da mesma cor azul e tinham a mesma forma. Todo o resto não reconhecia, não reconhecia o firme corte da mandíbula nem a grossura do pescoço nem a ampla frente. Mas os olhos eram dele.

Ao menos isso supunha.

Quem sou eu, articulou.

Separando os lábios e despiando seus dentes frontais, inclinou-se e olhou as presas.

— Não me diga que nunca viu esses antes?

Voltou-se a toda velocidade. Xhex estava apoiada contra a porta, lhes encerrando eficazmente juntos.

Estava usando exatamente o mesmo de sempre, mas para ele era como se nunca antes tivesse visto a camiseta sem mangas e as calças de couro.

— Vi-te entrar aqui cambaleando. Pensei em dar uma volta para me assegurar de que estava bem — seus olhos cinza não vacilaram, e estava disposto a apostar que nunca o faziam. A fêmea tinha o olhar como a de uma estátua, direta e imperturbável.

Uma estátua incrivelmente sexy.

Quero fode-la, articulou, não se preocupando de estar fazendo ridículo.

— Não me diga.

Evidentemente, podia ler os lábios. Era isso ou lia o pênis, porque Deus era testemunha que o seu levantou a mão e estava saudando desde dentro de seu jeans.

Sim, digo-te.

— Há muitas mulheres neste clube.

Você é a única.

—Penso que estaria melhor com elas.

E eu penso que estaria melhor comigo.

De onde demônios vinha à confiança? Não se preocupava. Tanto se Deus tinha lhe proporcionado um pouco de amor próprio ou se só se devia a estupidez nascida da garrafa, ele ia aproveitá-la.

De fato, sei que é assim.

Deliberadamente deslizou os polegares sob a cintura de seu jeans, e deu aos filhos da puta um lento puxão para cima. Quando sua ereção foi evidente como o revestimento de uma casa, ela baixou os olhos, e ele soube o que estava vendo: Estava bem equipado tendo em conta a envergadura de dois metros e pico de seu corpo. E isso era sem uma ereção. Com uma, era tremendo.

Ah, já não nos parecemos tanto a uma estátua, né? Pensou quando o olhar não retornou a seu rosto, mas sim ardeu com uma ligeira faísca.

Com seus olhos sobre ele, e o chiado elétrico que havia entre eles, já não estava em seu passado. Estava absolutamente no presente. E o agora era que ela fechasse a maldita porta e o deixasse afundar a boca nela. E depois a foderia de pé.

Ela separou os lábios, e ele esperou suas palavras como esperava o advento de Deus.

Abruptamente, ela levou a mão até o auricular que tinha na orelha e franziu o cenho.

—Merda. Tenho que ir.

John arrancou precipitadamente uma toalha de papel do dispensador de parede, tirou um lápis do bolso, e escreveu umas descaradas palavras. Antes que ela pudesse sair, aproximou-se e meteu na sua mão o que tinha rabiscado.

Ela olhou a mão.

—Quer que o leia agora ou mais tarde.

Mais tarde.

Quando abriu a porta de um empurrão, estava muito mais sóbrio. E um enorme sorriso de «sou-o-melhor» cruzava seu rosto.

Quando Lash reapareceu no vestíbulo de seus pais, permaneceu quieto por um momento. Sentia o corpo como se tivesse sido pressionado entre duas folhas de papel, encerado com uma prancha, uma folha caída capturada e preservada artificialmente, e não sem um pouco de dor.

Olhou-se as mãos. Flexionou-as. Fez ranger seu pescoço.

Haviam começado as lições de seu pai. Iriam se reunir regularmente. E ele estava preparado para aprender.

Abrindo e fechando as mãos, repassou os truques que aprendeu. Truques que eram... em realidade não eram truques. Não eram truques absolutamente. Ele era um monstro. Um monstro que logo agora estava começando a compreender a utilidade das escamas de seu corpo, as chamas de sua boca e as brocas de sua cauda.

Era parecido ao que aconteceu depois da transição. Tinha que entender quem era ele e

como funcionava seu corpo.

Por sorte o Omega ia ajudar-lhe. Como qualquer bom pai deveria.

Quando pôde entendê-lo, Lash girou a cabeça e olhou para cima, recordando o lugar onde John esteve de pé.

Tinha sido genial ver seu inimigo outra vez. Positivamente reconfortante.

Hallmark realmente deveria idear uma linha de cartões de vingança, do tipo que enviaria a aquelas pessoas às quais foste perseguir para se vingar.

Lash se levantou cuidadosamente e girou sobre si mesmo lentamente inspecionando o lugar, observou o relógio do avô em um canto próximo à porta principal, as pinturas a óleo e a merda que foi cuidadosamente conservada pela família durante gerações.

Então olhou para o salão.

As pás, pensou ele, estavam na garagem.

Encontrou algumas delas alinhadas contra a parede ao lado do tabuleiro onde estavam penduradas as paletas do jardim e as tesouras de podar. A pá que escolheu tinha cabo de madeira e uma ampla palma vermelha esmaltada.

Quando saiu, surpreendeu-se ao ver que ainda era de noite, já que parecia que tinha estado horas e horas com o Omega. A menos o que isto fosse amanhã? Ou inclusive o dia depois?

Lash deu a volta para o pátio que havia no lado da casa e escolheu um ponto sob o carvalho que oferecia sombra às amplas janelas do estúdio. Enquanto cavava, seus olhos ocasionalmente se dirigiam para as janelas de vidro e à casa que havia detrás deles. O sofá ainda tinha manchas de sangue, embora fosse ridículo pensar nisso. Já que, o que esperava? Que se evaporassem das fibras de seda?

Escavou uma tumba de um metro e meio de profundidade, dois metros e meio de comprimento e um metro vinte de largura.

O resultante montão de terra era maior do que tinha esperado, e cheirava como a grama depois de um forte temporal de chuva, almiscarada e doce. Ou talvez ele fosse a parte doce.

O crescente brilho que se via no leste fez que atirasse a pá fora do buraco e saltasse fora da fossa. Tinha que mover-se rápido antes que saísse o sol e isso fez. Pôs a seu pai primeiro. Sua mãe foi a segunda. Arrumou-os de forma que estivessem aninhados, com seu pai sustentando-a.

Olhou-os fixamente a ambos.

Surpreendia-lhe que precisasse fazer isto antes que pudesse mandar a outro esquadrão de homens a casa, a esvaziar o lugar, mas enfim. Estes dois foram seus pais durante a primeira parte de sua vida, e embora houvesse dito a si mesmo que não o importavam uma merda, em realidade não era assim. Ele não ia deixar que esses lessers profanassem seus putrefatos corpos. A casa? Bem, era um jogo justo. Mas não seus corpos.

Com o sol levantando-se, e os raios solares penetrando através dos ramos frondosos do carvalho, fez uma chamada telefônica e logo pôs a terra em seu lugar.

Foda, pensou quando teve terminado. O lugar realmente parecia uma tumba, com sua

cúpula em forma de barra de pão abobadada por todo o deslocamento.

Estava devolvendo a pá a seu lugar na garagem quando ouviu o primeiro carro detendo-se na porta principal. Dele saíram dois lessers, no mesmo momento que um segundo sedam entrava lentamente na entrada para carros, seguido de um Ford-150 e uma minivan.

O grupo cheirava tão doce quanto à luz do sol enquanto entravam em fila à casa de seus pais.

O caminhão de mudança Ou-Haul, conduzido pelo senhor D foi o último em chegar.

Quando o Fore-lesser assumiu a situação e começou o saque, Lash subiu e tomou uma ducha rápida em seu antigo quarto de banho. Enquanto se secava, aproximou-se de seu armário. Roupa... roupa... de certa forma, o que esteve vestindo ultimamente, não dava a aparência adequada, assim tirou um alucinante traje Prada.

Sua etapa militar de tipo minimalista estava bem superada. Ele já não era o bom-soldadinho-que-estava-treinando com a Irmandade.

Sentindo-se como toda uma besta sensual e atrativa, aproximou-se da cômoda, abriu a gaveta de acessórios, e...

Onde merda estava seu relógio? O Jacob & CO. Com diamantes?

Que demônios havia...

Lash olhou a seu redor e cheirou o ar de seu quarto. Então acendeu sua visão azul para que os rastros de qualquer um que tivesse estado tocando seu merda se revelassem em rosado, como seu pai o ensinou.

Na cômoda havia rastros frescos e sem nenhum padrão, umas mais intensas que aquelas que ele deixou dias antes. Inalou outra vez. John havia... John e Qhuinn tinham estado aqui... e um desses miseráveis filhos da puta pegou seu fodido relógio.

Lash recolheu a faca de caça de sua escrivanhinha e, com um rugido, lançou-a através do quarto e aterrisou com a primeira folha em um de seus travesseiros negros.

O senhor D apareceu na porta.

—Senhor? Acontece algo mau...?

Lash girou em redondo e cravou seu dedo ao tipo, não para estabelecer um ponto a não ser para usar outros dos presentes que lhe deu seu verdadeiro pai.

Mas então tomou um profundo fôlego. Deixou cair o braço. E endireitou o traje.

—Me faça... — teve que esclarecê-la garganta, para livrar-se da ira.

—Me faça o café da manhã. Quero tomá-lo no terraço de dentro, não na mesa de refeição.

O senhor D partiu, e aproximadamente dez minutos mais tarde, quando Lash não se via consumido pela fúria, desceu, e se sentou diante de um agradável desdobramento de toucinho, ovos, torradas com geléia e suco de laranja.

Evidentemente o senhor D tinha espremido as laranjas ele mesmo. O que, considerando o bom que estava a merda, era suficiente justificativa para não ter picado ao filho da puta em pedacinhos deixando só suas botas de combate.

Os outros assassinos terminaram reunindo-se na porta do terraço, observando-o comer

como se estivesse realizando um truque de magia.

Justo quando estava tomando o último longo gole de sua xícara de café, um deles disse:

—Que merda é você?

Lash limpou a boca com o guardanapo e serenamente tirou a jaqueta. Enquanto ficava de pé, ia desabotoando os botões da camisa cor rosa bolo.

—Eu sou seu fodido Rei.

Dizendo isso, abriu-se a camisa e mentalmente dispôs que sua pele se abrisse sobre o esterno. Com as costelas amplamente abertas, despiu as presas e expôs seu negro e palpitante coração.

O grupo inteiro dos lessers saltou para trás. Um até fez o sinal da cruz, o filho da puta.

Lash tranqüilamente fechou seu peito, grampeou de novo a camisa e se sentou novamente.

—Mais café, senhor D.

O cowboy piscou estupidamente algumas vezes, dando uma excelente atuação de uma ovelha confrontando um problema de matemática.

—Sim... Sim, Senhor.

Lash voltou a levantar a xícara e confrontou os pálidos rostos que tinha frente a ele.

—Bem-vindos ao futuro, senhores. Agora ponham seu traseiro em movimento, quero o primeiro piso deste lugar vazio antes que chegue o carteiro às dez e meia.

Capítulo 54

O centro comunitário do leste de Caldwell estava localizado entre Esquente Pizza & Mexican e a Caldwell Tennis Academy, na Avenida Baxter. Agasalhado em uma enorme granja antiga, que foi construída fazia muitíssimo tempo quando os acres circundantes foram usados como terrenos de cultivo de milho, o lugar tinha uma bonita grama dianteira, uma haste de bandeira e algumas sebes balançando-se na parte de atrás.

Quando Phury se materializou detrás das instalações, no único que podia pensar era em ir-se outra vez. Comprovou seu relógio de pulso. Dez minutos.

Dez minutos para ter que manter-se a raia a si mesmo.

Meu Deus, queria fumaça vermelha. Seu coração estava correndo carreiras dentro de suas costelas, sentia as palmas como esponjas gotejante e a coceira que sentia na pele o estava voltando louco.

Tratando de passar de seu corpo, olhou o estacionamento. Ali havia uns vinte carros, sem nenhuma relação de marcas nem de modelos. Havia caminhonetes e Toyotas, um Saab conversível, um Volkswagen Escaravelho rosa, três minivans e um MINI Cooper.

Colocou as mãos nos bolsos e caminhou sobre a erva para a calçada que rodeava o edifício. Quando chegou ao lance de asfalto que formava o passeio e o estacionamento, seguiu

por ele até chegar às portas duplas debaixo da pérgula de alumínio.

Dentro, o lugar cheirava a coco. Talvez pela cera do chão de linóleo.

Justo quando estava pensando seriamente em sair correndo, um humano saiu por uma porta, o som de uma descarga de privada foi ficando cada vez mais fraco ao ir fechando atrás dele a porta rotulada «HOMENS».

—É você amigo de Bill W? —perguntou o tipo enquanto secava as mãos com uma toalha de papel. Tinha amáveis olhos castanhos, como os de um cachorro perdigueiro, e um casaco de uma malha similar ao tweed que parecia muito abrigada para o verão. A gravata era de ponto.

—Ah, não sei.

—Bom, se anda procurando a reunião é abaixo no porão. — Seu sorriso era tão natural e sociável que Phury quase o devolveu antes que recordasse as diferenças dentais entre as espécies — Vou para ali agora, se quer pode vir comigo. Se quer esperar um pouco, também está bem.

Phury olhou para baixo às mãos do homem. Ainda estava as secando, para frete e para trás, daqui para lá.

—Estou nervoso — disse o tipo — Me suam as mãos.

Phury sorriu um pouco.

—Sabe... acredito que possivelmente vá com você.

—Bem. Sou Jonathon.

—Eu sou Ph-Patrick.

Phury se alegrou de que não se dessem a mão. Ele não tinha uma toalha de papel, e ter as mãos nos bolsos estava piorando o estado de suas próprias palmas suarentas.

O porão do CCEC (centro comunitário do leste de Caldwell) tinha paredes de blocos de cimento que estavam branqueadas em um tom nata; o chão coberto com um carpete gasto, de alto trânsito de pelo curto cor café escuro; e uma grande quantidade de luzes fluorescentes sob o teto raso. A maior parte das trinta e tantas cadeiras que estavam distribuídas em um grande círculo tinham um ocupante. Quando Jonathon se encaminhou a uma vaga no centro da sala, Phury fez um gesto com a cabeça como dizendo te-vejo-mais-tarde e escolheu uma tão perto da porta quanto foi possível.

—São nove em ponto — disse uma mulher de curto cabelo negro. Ficando de pé, leu de uma parte de papel — «Tudo o que se diz aqui, fica aqui. Quando alguém fala, não há conversações laterais ou cruzadas...»

Não ouviu o resto porque estava muito ocupado observando quem estava ali. Ninguém mais usaava Aquascutum como ele, e eram todos humanos. Cada um deles. A faixa de idade ia do começo dos vinte até finais dos quarenta, pode ser porque a hora do dia era conveniente para pessoas que trabalhavam ou fossem à universidade.

Olhando fixamente seus rostos, tratou de imaginar o que teria feito cada um deles para terminar aqui, neste porão sombrio que cheirava a coco, com seus traseiros plantados em plástico negro.

Não pertencia a esse lugar. Esta não era sua gente, e não só porque nenhum deles tivesse presas e um problema com a luz do sol.

Ficou de toda forma, porque não tinha nenhuma outra parte aonde ir, e se perguntou se isso poderia ser certo para alguns deles também.

—Este é um grupo de bate-papo — disse a mulher — e esta noite vai falar Jonathon.

Jonathon ficou de pé. Suas mãos estavam ainda manuseando os restos da toalha de papel, esfregando-as daqui para lá sobre o que agora parecia um manuseado cigarro Bounty.

—Olá, meu nome é Jonathon. — Um murmúrio de olas ricocheteou pela sala — E sou um viciado em drogas. Eu... Eu, ah, consumi cocaína durante perto de uma década e perdi quase tudo. Fui preso duas vezes. Tive que declarar bancarrota. Perdi minha casa. Minha esposa... Ela, ah, ela se divorciou de mim e se mudou de estado com minha filha. Imediatamente depois disso, perdi meu emprego como professor de física porque simplesmente ia de farra em farra. Estou limpo desde, sim, agosto passado. Mas... ainda penso em consumir. Vivo em uma casa de recuperação porque passei por reabilitação e tenho um novo posto. Comecei faz duas semanas. De fato, ensino em uma prisão. A prisão em que estive preso. Matemática, é matemática — Jonathon esclareceu voz — Sim... Então, ah, faz um ano esta noite... Faz um ano esta mesma noite estava em um beco no centro. Estava comprando de um distribuidor e nos surpreenderam. Não os policiais. A não ser o tipo em cujo território estávamos. Dispararam-me no flanco e na coxa. Eu...

Jonathan esclareceu a garganta outra vez.

—Enquanto jazia ali sangrando, senti que me moviam os braços. Quem disparou me tirou o casaco, a carteira e o relógio de pulso, logo me golpeou com a pistola na cabeça. Eu em realidade... Eu em realidade não deveria estar aqui agora. — Houve um montão de ``Ahs`` murmurados — Comecei a vir a reuniões deste tipo porque não tinha nenhum outro lugar ao que ir. Agora escolho vir aqui porque quero estar onde estou esta noite mais do que quero estar preso. Algumas vezes... algumas vezes essa margem pelo que me dito a vir aqui, é muito pequena, assim não descido o futuro mais à frente da próxima terça-feira as nove em ponto. Quando vier aqui outra vez. Assim, sim, é aí onde estive e onde estou.

Jonathon se sentou de novo.

Phury esperava que a gente o acozasse com perguntas e comentários. Em lugar disso, alguém mais ficou de pé.

—Olá, meu nome é Ellis...

E isso foi tudo. Pessoa detrás pessoa brindando testemunho sobre seu vício.

Quando eram as nove e cinquenta e três, segundo o relógio da parede, a mulher de cabelo negro ficou de pé.

—E agora a Oração da Serenidade.

Phury ficou de pé com o resto deles e se sobressaltou quando alguém tratou de tomar sua mão.

Entretanto, sua palma já não estava molhada.

Não sabia se ia ser a longo prazo. O feiticeiro tinha estado com ele grande quantidade de

anos e o conhecia como a um irmão. Quão único sabia com segurança era que a seguinte terça-feira às nove da noite em ponto ia estar aqui outra vez.

Saiu com outros, e quando o ar da noite o golpeou, quase se dobrou pela necessidade de acender um nêscio.

Enquanto todos outros se dispersavam para seus carros, os motores arrancavam e os faróis dianteiros se acendiam, sentou-se em um dos balanços com as mãos nos joelhos e os pés plantados no emplastro de terra nua.

Por um segundo, acreditou que estava sendo observado... embora talvez a paranóia fosse uma fase da recuperação, quem caralho sabia.

Depois de uns dez minutos, encontrou uma sombra escura e se desmaterializou para o norte, para a propriedade de Rehv.

Quando tomou forma atrás do grande e ostentoso rancho das Adirondack, o primeiro que viu foi uma silhueta atrás das portas de vidro corrediças do refúgio.

Cormia o estava esperando.

Deslizando-se fora, fechou suavemente a porta corrediça e cruzou os braços para dar-se calor. O pulôver de malha de lã irlandesa que usava era dele, e as malhas as pediu emprestadas a Bela. Tinha o cabelo comprido até debaixo dos quadris e o usava solto, as luzes que se derramavam através das janelas de vidro do rancho faziam que resplandecesse como o ouro.

—Olá — disse ela.

—Olá.

Avançou, passando da grama ao terraço de pedra.

—Tem frio?

—Um pouco.

—Bem, isso significa que posso te esquentar — Abriu os braços, e ela se meteu entre eles. Inclusive através do grosso suéter, sentia seu corpo contra o dele — Obrigado por não perguntar como foi. Ainda estou tentando... Realmente, não saberia o que te dizer.

Ela deslocou as mãos desde sua cintura até seus ombros.

—Dirá-me isso sempre e quando estiver preparado.

—Vou voltar.

—Bem.

Sustentaram-se um ao outro na noite fresca, dando-se calor mutuamente, muito calor.

Deslizou os lábios pela sua orelha e sussurrou:

—Quero estar dentro de ti.

—Sim... — respondeu-lhe, arrastando a palavra.

Dentro não poderiam estar a sós, mas aqui o estavam sob o tranqüilo e escuro casaco do rancho. Empurrando-a para trás, internando-se mais profundamente entre as sombras, colocou as palmas das mãos por debaixo da beira do suéter e as deslizou sobre a pele de sua shellan. Suave, cálida, e vital, arqueou-se sob seu toque.

—Deixarei que fique com a parte superior posta — disse — Mas nos desfaremos dessas

malhas.

Enganchando os polegares no cinto, as baixou até os tornozelos e as tirou pelos pés.

— Não tem frio, verdade? — perguntou-lhe, ainda quando podia sentir e captar o aroma de sua resposta.

— Absolutamente.

A parede do rancho era de pedra, mas sabia que esse pesado tecido irlandês serviria de colchão para os ombros.

— Te recline para trás para mim.

Enquanto o fazia, rodeou-lhe a cintura com o braço para protegê-la ainda mais e com a mão livre encontrou seu peito. Beijou-a profunda, larga e lentamente, e a boca dela se moveu sob a suas, de forma que eram de uma vez familiares e misteriosas... mas, bom, fazer amor sempre era assim, certo? A essas alturas, estava bem familiarizado com ela por dentro e por fora... não havia nada dele que não tivesse estado em seu interior de uma ou outra forma. E ainda assim estar com ela era tão assombroso quanto à primeira vez.

Era a mesma, e, entretanto, sempre era distinta.

E agora ela era consciente do que estava ocorrendo. Sabia que precisava exercer o controle sobre ambos nesse momento, sabia que precisava ser o que dirigisse. Nesse instante, precisava fazer algo que fosse correto e belo e fazê-lo bem, porque depois dessa reunião em tudo o que podia pensar era em toda a fealdade que viveu, e que fez viver aos outros, e que quase faz viver a ela.

Tomou seu tempo, afundando a língua em sua boca e logo retirando-a, acariciando o peito, e os investimentos tiveram um dividendo que fez que sua ereção virtualmente se abrisse caminho a murros para sair de suas calças: Cormia se derreteu entre seus braços, voltando-se fluída e ardente.

Sua mão flutuou para baixo.

— Acredito que deveria me assegurar de que não esteja penetrando nenhuma corrente de ar.

— Por favor... faz — gemeu, deixando cair a cabeça a um lado.

Não estava seguro de se ela expôs sua garganta de propósito, mas a suas presas não importou. Instantaneamente se prepararam para a penetração, descendo de sua mandíbula superior, afiadas e famintas.

Colocou a mão entre suas coxas, e o úmido calor que encontrou fez que lhe dobrassem os joelhos. Teve a intenção de continuar fazendo as coisas lentamente, mas não teria mais disso.

— OH, Cormia — gemeu, deslizando as mãos ao redor dos contornos de seus quadris e elevando-a. Seu corpo separou as coxas amplamente — Desabotoa minhas calças... Me libere...

Enquanto seu aroma de vinculação rugia, ela liberou sua ereção e os uniu com um deslizamento que não demandou nenhum esforço, mas que, entretanto estava cheio de poder.

Jogou a cabeça para trás, enquanto ele a sustentava, e a fazia oscilar para frente e para

trás para que o cavalgasse. Também tomou sua veia em uma façanha de coordenação que foi perfeita.

Justo quando suas presas abriam uma brecha na doce pele de seu pescoço, os braços dela se ateram sobre seus ombros, e as mãos se fecharam sobre sua camisa enrugando-a dentro dos punhos.

— Amo-te...

Por uma fração de segundo, Phury congelou.

Foi um momento muito puro para ele, em todo aspecto, a percepção de seu peso na palma das mãos, seu centro rodeando seu sexo, sua garganta na boca e o aroma de ambos mesclando-se e o aroma do bosque e o ar claro como água. Distinguia o equilíbrio entre sua perna completa e sua prótese e como lhe atirava a camisa sob os braços porque ela a acumulou dentro de seus punhos. Distinguia o tamborilar de seu peito contra o seu, o pulso de ambos os sangues o dela e a seu, a acumulação da tensão erótica.

Entretanto, o principal, era que distinguiu o suporte que era o amor de um pelo outro.

Não podia recordar nada que tivesse sido assim tão intenso, assim tão verdadeiro.

Este era o dom da recuperação, pensou. A capacidade de estar aqui neste momento com a fêmea que amava e poder estar completamente consciente, completamente acordado, completamente ativo. Sem diluir.

Pensou no Jonathon e na reunião e o que o tipo havia dito: Quero estar onde estou esta noite mais que o que quero estar preso.

Sim. Maldita seja... Sim.

Phury começou a mover-se de novo, tomando e dando por turnos.

Ofegante e super excitado, seguiu experimentando como chegavam juntos... Experimentou-o vividamente.

Capítulo 55

Xhex saiu do clube às quatro e doze da madrugada. O pessoal de limpeza estava entretido em sua tarefa de aspirar, esfregar e tirar brilho, e se encarregariam de fechar as portas já que ela deixou os alarmes prontos para ativarem-se automaticamente as oito em ponto. As caixas registradoras estavam vazias, e o escritório de Rehvenge não só estava fechado com chave, mas também, além disso, era impenetrável.

Seu Ducati a estava esperando em uma esquina da garagem privada onde se estacionava o Bentley quando Rehv não necessitava suas rodas. Tirou a motocicleta negra, montou-a enquanto a porta rodava até fechar-se, e desceu o pedal de um chute.

Nunca usava capacete.

Sempre usava calças de couro e sua jaqueta de motorista.

A motocicleta rugiu entre suas pernas, e para ir a casa decidiu tomar o caminho longo,

que ziguezagueava entrando e saindo do labirinto de ruas de uma só via do centro da cidade, para logo levar a Ducati para a auto-estrada Norte. Ia a mais de cem quando ultrapassou a um carro da polícia que estava estacionado sob os pinheiros, na faixa central da estrada.

Nunca levava as luzes acesas.

O que explicava por que, assumindo que tivesse ativado o radar do tipo e que ele não estivesse dormindo detrás de sua insígnia, não foi detrás dela. Era difícil perseguir o que não podia ver.

Tinha duas casas em Caldwell para ir descansar: um apartamento que ficava em um porão no centro da cidade, que utilizava quando necessitava um lugar de retiro com urgência, e uma isolada cabana de dois dormitórios localizada à beira do rio Hudson.

O caminho de terra que levava para sua propriedade à beira do rio não era mais que um caminho, devido a que deixou crescer o mato durante os últimos trinta anos. Na parte mais afastada desse matagal, a cabana de pesca dos anos vinte descansava sobre um terreno de três hectares, era uma casa sólida, mas sem nenhum atrativo. A garagem estava separada da casa e se localizava do lado direito do terreno, e isso foi um importante valor agregado no momento de comprar a propriedade. Era o tipo de fêmea que gostava de manter muito armamento a seu redor, e se guardava as munições fora da casa reduzia a possibilidade de que explodisse acidentalmente em sonhos.

A moto entrou na garagem. Ela entrou na casa.

Ao entrar pela cozinha, deleitou-se pela maneira em que cheirava o lugar: a velhas tabuas de pinheiro do teto, as paredes e os chãos, e a doce cedro dos armários que foram construídos para guardar o equipamento de caça.

Não tinha um sistema de segurança. Não acreditava neles.

Tinha a si mesmo. E isso sempre foi suficiente.

Depois de tomar uma xícara de café instantâneo, entrou em seu dormitório e se despojou de toda a roupa de couro. Vestida só com o sutiã e as calcinhas esportivas cor negra, tendeu-se no chão nu e preparou a si mesmo.

Apesar de ser tão forte, sempre necessitava um momento para juntar o valor necessário.

Quando esteve preparada, levou as mãos até suas coxas, para tirar as bandagens com brocas de metal que tinha incrustadas em sua pele e músculos. As fechaduras dos cílios se soltaram com um estalo, e gemeu quando o sangue começou a emanar de suas feridas. Com a visão titilando, fez-se um novelo e se tendeu sobre um flanco, tentando respirar pela boca.

Essa era a única maneira em que podia controlar seu lado sympath. A dor era sua automedicação.

Quando sua pele se tornou escorregadia pelo sangue, e o sistema nervoso se estabilizou, sentiu um formigamento percorrendo seu corpo. Considerou-o como uma recompensa por ser forte, por manter a prudência. Certamente era algo químico, não era outra coisa que endorfinas da variedade de jardim correndo por suas veias, mas havia algo mágico nessa rítmica e faiscante sensação de formigamento.

Era em momentos como esse em que se sentia tentada de comprar um pouco de

mobiliário para adequar ao lugar, mas esse impulso era fácil de resistir. O chão de madeira era muito mais fácil de limpar.

Quando começou a respirar melhor, o coração estava baixando o ritmo e o cérebro começava a acender-se novamente algo apareceu repentinamente a sua mente, que reverteu a tendência à estabilização.

John Matthew.

John Matthew... esse bastardo. Por amor de Deus, ele tinha como o que? Uns doze anos? Que demônios pensava tratando de seduzi-la?

Imaginou-o sob as luzes do banheiro da sobreloja, com o rosto de um guerreiro, não o de um moço jovem, e com o corpo de um macho que podia satisfazer, não o de um menino tímido com problemas de auto-estima.

Estirando a mão para o flanco, aproximou as calças de couro e tirou a toalha de papel dobrada que lhe tinha dado. Ao desdobrá-la, leu o que tinha escrito.

A próxima vez diga meu nome. Seu orgasmo será muito mais prolongado.

Grunhiu e enrugou a maldita coisa. A metade de sua mente insistia em levantar-se e queimá-la.

Em troca, deslizou a mão livre entre suas pernas.

Enquanto saía o sol e a luz se derramava em seu dormitório, Xhex imaginou ao John Matthew deitado de costas debaixo dela, impulsionando isso que viu em seu jeans para cima para encontrar-se com os impulsos de sua cavalgada...

Não podia acreditar que estivesse tendo essa fantasia. E estava chateada como o inferno com ele por isso. Teria talhado com essa merda imediatamente, se tivesse podido.

Mas o único que fez foi pronunciar seu nome.

Duas vezes.

Capítulo 56

A Virgem Escriba tinha problemas com a autoridade.

O que não era algo tão mau considerando que era uma deusa, criadora de um mundo inteiro dentro do mundo e ferreira de uma história dentro da história do universo.

Sinceramente. Não era algo mau.

Bem, até podia ser considerado algo bom... se usava com moderação.

A Virgem Escriba flutuou até o santuário selado que tinha em seus aposentos privados, e com sua vontade, abriu as portas duplas. Do aposento recém aberto saiu neblina, que se derramou e ondulou como tecido de cetim no vento. Quando a condensação do ambiente retrocedeu, sua filha foi revelada, o poderoso corpo de Payne permanecia em estado de suspensão inanimada no ar.

Payne era igual a seu pai: agressiva, calculadora e poderosa.

Perigosa.

Não houve lugar entre as Escolhidas para uma fêmea como Payne. Tampouco houve lugar para ela no mundo dos vampiros. Quando teve lugar esse último ato final seu, a Virgem Escriba isolou ali à filha, que não encaixaria em nenhuma parte, para manter a todo mundo seguro.

Tenha fé em sua criação.

As palavras do Primale tinham estado ressonando em sua mente desde que as pronunciou. E expor uma verdade que esteve enterrada na mesma base dos pensamentos mais privados e os temores da Virgem Escriba.

A vida dos machos e as fêmeas a quem ela convocou do lago biológico, com o dom de sua vontade não podiam ser armazenadas em seções separadas como os livros da biblioteca do Santuário. Certamente a ordem era algo atrativo, igual à segurança e o amparo que brindava. Mas, entretanto, a Natureza em si mesmo e o caráter dos seres vivos, eram desordenados e imprevisíveis, e não admitiam o confinamento.

Tenha fé em sua criação.

A Virgem Escriba podia ver muitas coisas das que estavam por vir, legiões inteiras de triunfos e tragédias, mas eram meros grãos de areia na imensidão de uma praia. A totalidade do destino, não podia prever: Já que o futuro da raça que ela criou estava ligado muito estreitamente a seu próprio destino, a prosperidade ou o desaparecimento de sua gente lhe era desconhecida e impossível de discernir.

Quão único podia ver em sua totalidade era o presente, e o Primale tinha razão. Seus amados filhos não estavam prosperando, e se as coisas seguiam como até agora, logo não ficaria nada deles.

A mudança era a única esperança que tinham para o futuro.

A Virgem Escriba tirou o capuz negro da cabeça e o deixou cair sobre as costas. Estendendo a mão, enviou uma calorosa corrente de moléculas para sua filha através do ar imóvel.

Os olhos diamantinos de Payne, tão parecidos com os de seu irmão gêmeo Vishous se abriram subitamente.

—Filha — chamou a Virgem Escriba.

Não se surpreendeu pela resposta.

—Foda-se.

Capítulo 57

Mais de um mês depois, Cormia despertou da mesma forma que estava se acostumando a receber a queda da noite.

Os quadris de Phury apertados contra os seus, seu corpo saudando-a com uma ereção

dura como a pedra. Provavelmente ainda estivesse dormindo, e ao rodar sobre o estômago e se fazer lugar, sorriu, sabendo qual seria sua resposta. Sim, esteve sobre ela imediatamente, seu corpo a cobriu como uma manta cálida, envolvente e...

Gemeu quando a penetrou.

—Mmmm —disse ao ouvido — Boa tarde, shellan.

Cormia sorriu e inclinou a coluna vertebral para que pudesse entrar ainda mais profundamente

—Meu Hellren, como está você...

Ambos gemeram quando ele se introduziu mais, a poderosa estocada chegando diretamente à alma. Enquanto a montava lenta e docemente, fuçando sua nuca, beliscando-a com as presas, juntaram as mãos e entrelaçaram os dedos.

Ainda não estavam oficialmente emparelhados, já que houve muito que fazer com as Escolhidas, que queriam saber como era este mundo. Mas sempre estavam juntos, em todo momento, e Cormia não podia imaginar como alguma vez tinham podido viver separados.

Bom... havia uma noite na semana na qual se separavam por um momento. Phury ia todas as terças-feiras a sua reunião do NA.

Deixar à fumaça vermelha era muito duro para ele. Havia vezes em que ficava tenso ou seus olhos perdiam o enfoque, ou tinha que lutar para não estalar ante uma situação que o incomodasse. Teve suores diurnos durante as primeiras duas semanas, e embora estivessem diminuindo, sua pele ainda passava por períodos nos quais ficava extremamente sensível.

Entretanto, não teve nenhuma recaída. Sem importar como de mal ficassem as coisas, não se dava por vencido. E tampouco ingeriu álcool.

Independentemente disso, sim esteve tendo muito sexo. O que parecia genial.

Phury se retirou e a pôs de costas. Quando voltou a acomodar em seu lugar, em cima dela, beijou-a apaixonadamente, levou as palmas das mãos para seus seios, acariciando com a ponta dos dedos os eretos mamilos. Arqueando-se, deslizou as mãos entre seus corpos, tomou sua ereção e o acariciou como gostava da base à ponta, da base à ponta.

Sobre a cômoda, o celular emitiu um assobio, mas o ignoraram enquanto ela sorria amplamente e o guiava novamente a seu interior. Quando foram um novamente, explodiu uma tormenta de fogo que os envolveu, conferindo urgência a seu ritmo. Aferrando-se aos ombros ondulantes de seu amor e imitando seus impulsos, foi levada flutuando para as alturas por ele, e com ele.

Depois de passado e mitigado o ímpeto, abriu os olhos e foi acolhida pelo cálido olhar amarelo que lhe dava uma sensação de bem-estar interior.

—Adoro despertar — disse ele, beijando-a na boca.

—Eu também...

O alarme contra incêndios que havia no oco das escadas se ativou, seu agudo chiado era o tipo de coisas que o faziam desejar ter nascido surdo.

Phury pôs-se a rir e rodou a um lado, apertando-a contra seu peito.

—Cinco... e quatro... três... e dois...

—Peeerrrrrdaaaaaaaao! — clamou Layla no pé das escadas.

—O que foi desta vez, Escolhida? — perguntou também gritando.

—Ovos mexidos — foi seu grito de resposta.

Phury sacudiu a cabeça e sussurrou a Cormia.

—Vê, eu pensava que fossem as torradas.

—Isso não teria sido possível. Rompeu a torradeira ontem.

—Sério?

Cormia assentiu.

—Tentou pôr um pedaço de pizza. O queijo.

—Por toda parte?

—Por toda parte.

Phury gritou.

—Está bem, Layla. Sempre pode limpar a frigideira e tentar de novo.

—Não acredito que a frigideira volte a funcionar outra vez — foi a resposta que lhe chegou.

Phury baixou a voz.

—Nem penso perguntar por que.

—Não é de metal?

—Deveria sê-lo.

—Será melhor que vá ajudar-lhe. — Cormia levantou e gritou — Já desço minha irmã! Em dois segundos.

Phury puxou-a para beijá-la, e logo a deixou partir. Tomou uma ducha rápida, quer dizer à velocidade do relâmpago, e saiu vestida com uns jeans e uma das camisas Gucci de Phury.

Talvez porque durante anos se vestiu com túnicas amplas, mas o fato era que não gostava de usar roupa apertada. O que a seu hellren parecia muito bem, porque gostava de vê-la vestindo seus objetos.

—Essa cor fica perfeita — disse arrastando as palavras, enquanto a olhava trançar o cabelo.

—Você gosta da cor lavanda? — Girou sobre si mesmo exibindo-se ante ele, e no olhar amarelo se acendeu uma faísca.

—OH, sim. Eu gosto. Vêem aqui, Escolhida.

Ela colocou as mãos nos quadris e nesse momento, começou a soar o piano no andar de baixo. Escalas. O que significava que Selena despertou.

—Tenho que descer, antes que Layla incendeie a casa.

Phury sorriu com esse sorriso que ostentava quando a estava imaginando, muito, mas muito nua.

—Vêem aqui, Escolhida.

—O que te parece se for e volto com refeição?

Phury teve a audácia de jogar a um lado o enredado lençol e colocar a mão sobre a dura

e grossa ereção.

—Só você tem o que necessito para saciar minha fome.

Um aspirador se uniu ao coro de sons que vinha de abaixo, com o que ficou claro quem mais se levantou. Amalya e Pheonia tiravam pó todos os dias para ver quem ia usar a Dyson. Não importava que os tapetes do grande rancho de Rehvenge necessitassem ou não... sempre eram aspirados.

—Dois segundos — disse, sabendo que se ficava ao alcance de suas mãos, iriam estar um sobre o outro — Então retornarei e poderá alimentar minha boca, o que te parece?

O maciço corpo de Phury se estremeceu, girou os olhos nas órbitas pondo-os em branco.

—OH, sim. Isso é... OH, sim, esse é um muito bom plano.

Seu telefone emitiu um assobio de aviso, e ele gemendo, estendeu a mão para a mesinha de noite.

—De acordo vai agora, antes que te impeça de sair daqui por uma hora. Ou quatro.

Ela riu e se encaminhou para a porta.

—Deus... querido.

Cormia se girou para ele.

—O que acontece?

Phury se sentou lentamente, sustentando o telefone nas mãos como se valesse mais que os quatrocentos dólares que pagou por ele na semana anterior.

—Phury?

Ele o sustentou ante ela, mostrando a tela.

A mensagem era de Zsadist:

Menina. Faz duas horas. Nalla. Espero que esteja bem. Z.

Mordeu o lábio e suavemente pôs uma mão sobre seu ombro.

—Deve retornar a casa. Deve ir vê-lo. A vê-los.

Phury tragou com força.

—Sim. Não sei. Não vou retornar ali... penso que possivelmente seja melhor assim.

Wrath e eu podemos fazer o que precisarmos por meio do telefone e... Sim. Melhor não.

—Vai responder a mensagem?

—Sim. — cobriu os quadris com o lençol e ficou olhando fixamente ao telefone.

Depois de um momento, disse:

—Você gostaria que o fizesse eu por ti?

Assentiu.

—Por favor. Responda em nome dos dois. OK?

Beijou o topo de sua cabeça e escreveu:

Bênçãos para você, para sua shellan e sua filha. Estamos com você em espírito, carinhos.

Phury e Cormia.

Na tarde seguinte, Phury esteve tentado a não ir à reunião do NA. Muito tentado.

Não soube com segurança o que foi que o fez decidir ir. Nem sequer se deu conta de

como chegou ali.

Tudo o que queria era acender um néscio para não sentir a dor. Mas, em que tipo de pessoa horrível se converteu que sentia aflição? As pessoas diriam que o fato de que a filha de seu gêmeo tivesse vindo ao mundo sã, que Z agora fosse pai, que Bela tivesse sobrevivido e que a menina estivesse bem... lhe daria motivos para sentir-se adorado e aliviado. Era tudo pelo que ele e outros tinham estado orando.

Não cabia dúvida, de que devia ser o único que estava fodendo a cabeça com isso. O resto dos Irmãos devia estar ocupado brindando por Z e sua nova filha e consentindo a Bela. As celebrações durariam semanas e Fritz estaria extasiado preparando muitas refeições especiais e cerimônias.

Phury podia imaginar a grande entrada da mansão que estaria coberta com tecidos pendurados, de cor verde brilhante, pela linhagem de Z, e púrpura, pelo de Bela. Pendurariam-se coroas de flores em cada uma das portas da casa, inclusive nos armários e gabinetes, para simbolizar que Nalla passou a este lado. Deixariam as chaminés acesas durante dias com doces lenhas, dessas que ardiam lentamente, com peças de madeira tratada cujas chamas de cor vermelha arderiam como símbolo do novo sangue amado.

Ao começo da vigésima quarta hora de nascimento, todas as pessoas da casa levariam aos orgulhosos pais enormes laços entrelaçados com fitas de suas cores familiares. Os laços se atariam nas barras do berço de Nalla, como compromisso de velar por ela ao longo de sua vida. Ao final da hora, o lugar onde tivesse a preciosa cabecinha apoiada estaria coberto com uma cascata de laços de cetim, cujas largas pontas chegariam até o chão formando um rio de amor.

Dariam a Nalla de presente invaliáveis jóias, estaria coberta com roupagens de veludo e seria sustentada por braços gentis. Seria apreciada pelo milagre que era, e seu nascimento daria regozijo aos corações daqueles que aguardaram com esperança e temor o momento de lhe dar as boas-vindas.

Sim... Phury não soube o que o impulsionou a ir ao centro comunitário. E não soube como fez para atravessar essa porta e entrar nesse porão. Tampouco soube o que o induziu a ficar.

O que sim sabia era que quando retornou à casa de Rehvenge, não pôde entrar.

Em seu lugar se sentou no terraço da parte traseira, em uma cadeira tecida de vime, sob as estrelas. Tinha a mente em branco. E por sua vez a tinha absolutamente longe de comestíveis.

Em algum momento saiu Cormia e pôs a mão em seu ombro, como sempre fazia quando percebia que estava muito concentrado em seus pensamentos. Beijou-lhe a palma da mão e deu um beijo nos lábios e voltou a entrar, provavelmente para seguir trabalhando nos planos do novo clube de Rehvenge.

Era uma noite tranqüila e definitivamente fria. De vez em quando soprava o vento e penetrava entre as taças das árvores, as folhas outonais rangiam entrechocando-se entre elas com um som arrulhador como se desfrutassem de sua atenção.

Atrás dele na casa, podia ouvir o futuro. As escolhidas estavam estendendo os braços para este mundo, aprendendo coisas sobre elas mesmas e sobre este lado. Estava muito orgulhoso delas, e supôs que de certa forma se parecia com os Primale da velha tradição, já que mataria para proteger a suas fêmeas e faria o que fosse por elas.

Mas era um amor paternal. Seu amor de macho era para a Cormia, pura e exclusivamente para ela.

Phury esfregou o centro do peito e permitiu que as horas passassem, a seu próprio ritmo, e que o vento soprasse em rajadas como o fazia, com sua própria força. A lua alcançou seu ápice no céu e começou a descender. Dentro da casa, alguém pôs ópera. Graças a Deus, alguém a mudou a hip-hop. Alguém ligou uma ducha. Alguém passou o aspirador. Outra vez.

A vida. Em toda sua mundana majestade.

E não podia se aproveitar dela, se a pessoa permanecia sentada sobre seu traseiro nas sombras... tanto estava falando literalmente, ou metaforicamente porque estava preso na escuridão de um viciado.

Phury baixou a mão e tocou a panturrilha de sua prótese. Tinha chegado até aqui com apenas uma parte de sua perna. E viveria o resto de sua vida sem seu gêmeo e sem seus irmãos... podia fazer isso, também. Tinha muito que agradecer e isso teria que ser compensação suficiente.

Nem sempre se sentiria tão vazio.

Alguém na casa voltou a pôr a ópera.

OH, merda. Puccini esta vez.

«Che Gelida Manina».

De todas as opções que tinham, por que escolher a única que certamente o faria sentir pior? Deus, não havia tornado a escutar A Bohème desde... bom, do que parecia uma eternidade. E o som que tinha amado tanto oprimiu suas costelas tão estreitamente, que não podia respirar.

Phury apertou os braços da cadeira e começou a ficar de pé. Simplesmente era incapaz de escutar a voz desse tenor. Esse glorioso e elevado tenor o recordava tanto a...

Zsadist apareceu no limite do bosque. Cantando.

Estava cantando... era o tenor que ouvia Phury, não era um CD dentro da casa.

A voz de Z navegava os picos e os vales do ária enquanto avançava pela grama, aproximando-se cada vez mais com cada ressonante palavra perfeitamente afinada. O vento se converteu na orquestra do Irmão, fazendo flutuar esses espetaculares sons que saíam de sua boca e abriam uma brecha sobre a grama e as árvores, elevando-se para as montanhas e os céus que era o único lugar onde um talento como esse podia ter nascido.

Phury ficou de pé como se a voz de seu gêmeo e não suas próprias pernas, tivesse-o levantado da cadeira. Este era o agradecimento que não foi pronunciado. Esta era a gratidão pelo resgate e a apreciação pela vida que vivia. Essa era a garganta aberta de um pai maravilhado, ao que faltavam as palavras para se expressar como se sentia a seu irmão e que

necessitava a música para demonstrar tudo o que tivesse desejado poder lhe dizer.

— Ah, demônios... Z — sussurrou Phury em meio da glória.

Quando o solo alcançou seu ponto culminante, e as emoções do tenor golpearam com maior intensidade, um por um os membros da Irmandade foram aparecendo, emergindo da escuridão, livrando-se da noite. Wrath. Rhage. Butch. Vishous. Todos estavam vestidos com o traje cerimonioso branco que deviam usar para honrar a vigésima quarta hora de nascimento de Nalla.

Zsadist cantou a última delicada nota da peça justo quando se deteve frente a Phury.

E quando a estrofe final, «Vi piaccia dir!» elevou-se flutuando para o infinito, Z estendeu a mão.

Ondeando no vento noturno havia um enorme laço de cetim cor verde e ouro.

Cormia se situou a seu lado no momento exato. Quando passou o braço ao redor da cintura de Phury, passou a ser quão único o mantinha em pé.

Na Antiga Língua, Zsadist disse:

— Poderia ambos honrar a minha filha recém-nascida com as cores de suas linhagens e o amor de seus corações?

Z fez uma profunda reverência, oferecendo o laço.

A voz de Phury estava rouca, quando tomou a ondeante longitude de cetim.

— Seria a maior honra de toda minha vida brindar nossas cores a sua filha recém-nascida.

Quando Z se endireitou, foi impossível determinar quem deu o primeiro passo.

O mais provável é que se encontraram no meio.

Nenhum dos dois disse nada enquanto se abraçaram. Às vezes as palavras não abrangiam o suficiente, os recipientes de letras e conchas de sopa de gramática eram incapazes de conter os sentimentos do coração.

A Irmandade começou a aplaudir.

Em algum momento, Phury estendeu a mão e tomou a de Cormia, aproximando-a dele.

Deu um passo atrás e olhou a seu gêmeo.

— Me diga, tem os olhos amarelos?

Z sorriu e assentiu.

— Sim, tem. Bela diz que se parece comigo... o que significa que se parece com você. Vêem conhecer minha filha, meu irmão. Retorna e conhece sua sobrinha. Há um grande espaço vazio no berço e precisamos que vocês dois o encham.

Phury manteve a Cormia muito perto e sentiu que o acariciava o centro do peito com a mão. Respirando fundo, escrutinou seus olhos.

— Essa é minha opera favorita e meu solo favorito.

— Sei. — Z sorriu a Cormia e fez referência às duas primeiras linhas — «Che gelida manina, se a lasci riscaldar». E agora tem uma pequena mão que esquentar na tua.

— O mesmo se pode dizer de ti, irmão.

— É certo. É benditamente certo — Z ficou sério — Por favor... vêem vê-la... mas

também vêm nos ver. Os irmãos sentem saudades. Eu sinto saudades.

Phury entrecerrou os olhos, e algo encaixou em seu lugar.

—É você, verdade? Vieste ao centro comunitário. Observa-me enquanto estou sentado nesse balanço.

A Z enrouqueceu a voz.

—Estou tão condenadamente orgulhoso de ti.

Cormia concordou com ele.

—Eu também.

Phury pensou que o momento era perfeito. Perfeito porque tinha a seu gêmeo ante ele e a sua shellan ao lado, e o feiticeiro não se via em nenhuma parte.

Era um momento tão perfeito que soube que ia recordá-lo por toda vida, tão claro e tão comovedor quanto o estava vivendo nesse momento.

Phury beijou a frente de sua shellan, demorando-se contra ela, dando obrigado. Logo sorriu ao Zsadist.

—Será um prazer. Iremos ao berço de Nalla, com prazer e reverência.

—E suas fitas?

Ele olhou o verde e o ouro, as formosas peças de cetim entrelaçadas, que simbolizavam a união entre ele e Cormia. Repentinamente, ela esticou os braços ao redor dele, como se estivesse pensando exatamente a mesma coisa.

Em conclusão, os dois se compenetravam à perfeição.

—Sim, meu irmão. Não te caiba dúvida que iremos com nossas fitas. — Olhou-a profundamente aos olhos — E, sabe, se sobrar um pouco de tempo para realizar uma cerimônia de emparelhamento, seria genial por que...

Os gritos, assobios e as palmadas nas costas da Irmandade interromperam o resto do que ia dizer. Mas Cormia percebeu o essencial. Nunca viu uma fêmea sorrir tão formosa e amplamente como o fez ela enquanto o olhava.

Assim certamente devia ter entendido o que queria lhe dizer.

A frase «Te amo para sempre», nem sempre devia ser dita para ser entendida.

Fin



Antecipação do Compêndio

Da escritora J. R. Ward, Bestselling do New York Times, chega um acontecimento único na vida: Um extraordinário volume que mostra a vida atrás dos bastidores da Série «que é para morrer» da Irmandade da Adaga Negra.

Encontrará informação sobre a Irmandade, incluindo seu histórico, estatísticas e presentes especiais. Lerão entrevistas com seus personagens favoritos, incluindo uma comovedora conversa entre o Tohrment e Wellsie, acontecida três semanas antes que fosse assassinada pelos lessers. Descobrirá cenas suprimidas - acompanhadas das razões pelas quais foram suprimidas - e respostas a perguntas expostas pelos leitores da série. Saberá o que sente J. R. Ward ao escrever cada entrega da série, e em uma reviravolta fascinante, lerá uma entrevista com a autora, feita pelos Irmãos. Totalmente em exclusivo, lerá uma história curta original a respeito de Zsadist e Bela, e será testemunha do milagre do nascimento de sua filha Nalla e a intensidade do amor que se professam. Este é um compêndio que nenhum fã da Irmandade da Adaga Negra deveria deixar de ler... E uma guia confidencial que o seduzirá tão poderosamente quanto o sexy grupo de Irmãos e o «ferozmente popular» mundo alternativo em que vivem.

Continua lendo se desejas dar uma olhada furtiva...

Bela passeava sobre pernas trementes pela sala de primeiros socorros e fisioterapia do centro de treinamento, dando voltas ao redor da mesa de reconhecimento. De vez em quando se detinha para checar o relógio.

Onde estavam? Que mais poderia ter saído mal? Já passou mais de uma hora...

OH, Deus, por favor, que Zsadist esteja vivo. Por favor, que o tragam de volta com vida.

Caminhou e caminhou, uma e outra vez. Finalmente se deteve na cabeceira da maca e olhou ao longo da mesma. Possivelmente era a penetrante dor que sentia dentro dela; possivelmente era o pânico; possivelmente era o desespero; mas se encontrou pensando em quando esteve sobre essa coisa, como paciente. Dois meses atrás. Quando nasceu Nalla.

Deus, que pesadelo foi aquilo.

Deus, que pesadelo era isto... esperando a que trouxessem à seu hellren ferido, sangrando, sofrendo... e isso seria no melhor dos casos.

Para evitar voltar-se louca, ou, bem, porque já estava louca e seu cérebro desejava livrar-se de algumas lembranças que se permanecesse, fariam que continuasse na terra dos alienados, pensou no nascimento, nesse momento no qual os olhares de ambos, o dela e o de Z mudaram para sempre. Como para muitas das coisas dramáticas, preparou-se para o grande evento com antecipação, mas não obstante, quando chegou, foi totalmente aterrador. Estava no décimo primeiro mês dos dezoito de gravidez e foi uma segunda-feira de noite.

Uma má maneira de começar a semana de trabalho. Realmente.

Tivera desejo de comer chili, e Fritz a agradou, lhe levando uma porção tão picante quanto gostava... O que significava que um não queria levar-lhe aos lábios já que seguro que arderia. Entretanto quando o querido mordomo levou a fumegante tigela, foi incapaz de agüentar o aroma nem a vista da refeição. Sentindo náusea e empapada em suor, foi tomar uma ducha para refrescar-se, e ao entrar no banheiro, perguntou-se como demônios ia suportar outros sete meses, com o bebê crescendo em sua barriga.

Evidentemente, Nalla, tomou no peito esse pensamento ao azar. Porque pela primeira vez em semanas, moveu-se com força... deu um agudo chute e Bela rompeu a bolsa.

Bela levantou a bata, olhado cuidadosa para baixo todo esse líquido, e por um momento pensou que tinha perdido o controle de sua bexiga ou algo. Logo o entendeu. Tinha seguido o conselho da doutora Jane e evitou ler a versão vampira de: Que esperar quando você está esperando, mas tinha suficiente noção para saber que uma vez que rompesse águas, não havia marcha ré.

Dez minutos depois estava deitada nessa maca, e a doutora Jane a estava examinando rápida, mas cuidadosamente. Seu diagnóstico foi que o corpo de Bela não parecia estar preparado para seguir com o programa, e que teria que tirar a Nalla. Administrou-lhe Oxitocina que era um medicamento utilizado freqüentemente para induzir o trabalho nas mulheres humanas, e pouco depois Bela aprendeu a diferença entre a dor e o trabalho.

A dor conseguia chamar sua atenção. O trabalho exigia toda sua atenção.

Zsadist esteve fora no campo de batalha, e quando chegou, ficou tão frenético que os poucos cabelos que se sobressaía de seu corte ao corte de barba ficaram arrepiados. Atirou suas armas formando uma pilha de chumbo e aço inoxidável e se apressou a correr para seu lado.

Nunca o viu tão assustado. Nem sequer quando despertava sobressaltado por ter sonhado com essa sádica Ama que tivera. Os olhos ficarem negros, não pela irritação, mas sim pelo medo, e tinha os lábios tão apertados que parecia um par de raías brancas.

Entretanto, ter ele a seu lado, ajudou-lhe a sobrepor-se à dor. E tinha necessitado qualquer alívio que pudesse conseguir. A doutora Jane aconselhou que não dessem anestesia epidural, já que esta droga nos vampiros podia provocar uma diminuição alarmante da tensão arterial. Assim nada de anestesia para ela.

Não puderam levá-la à clínica de Havers, porque uma vez que a Oxitocina se disparou em seu corpo, inesperadamente o trabalho de parto progrediu muito rápido para ser transportada a qualquer parte. E como o alvorada estava perto, era impossível que o médico da raça chegasse ao centro de treinamento a tempo...

Bela retornou ao presente e passou a mão por cima do magro travesseiro que descansava na maca. Podia recordar ter agarrado a mão de Z com tanta força que poderia romper seus ossos quando se pôs tão tensa que doíam seus dentes e sentia como se estivessem rasgando-a pela metade.

E então seus sinais vitais tinham paralisado.

—Bela?

Deu-se a volta a toda velocidade. Wrath estava na porta da sala de primeiros socorros, o enorme corpo do Rei enchia o marco. Com o cabelo negro que chegava até o quadril, os óculos envoltivos, e as calças de couro negro, parecia uma versão moderna de Grim Reaper aproximando-se silenciosamente.

—OH, por favor, não — disse, aferrando-se à maca — Por favor...

—Não, está bem. Ele está bem. — Wrath se aproximou e a tirou do braço, sustentando-a — Está estável.

—Estável?

—Tem uma fratura exposta na parte inferior da perna, o que provocou que sangrasse um pouco.

Esse pouco era certamente um muitíssimo, pensou ela.

—Onde está?

—No Havers, mas o trarão para casa agora mesmo. Supus que estaria preocupada, por isso quis vir te avisar.

—Obrigado. Obrigado...

Ultimamente estavam tendo problemas, mas ainda assim, a idéia de perdê-lo era catastrófica.

—Vêm aqui, Bela.

—Não, estou bem. — E um corno se o estava — De verdade, estou...

—E um corno se o estiver. Considera-o um decreto real se isso fizer que seu ego se sinta melhor.

Bela sorriu e deixou de lutar. Quando se aproximou dele, o Rei a envolveu em seus enormes braços e a abraçou suavemente.

—Deixa que os tremores a atravessem. Dessa forma poderá respirar mais facilmente, creia ou não.

Fez o que sugeriu, afrouxando o rígido controle que esteve exercendo sobre seus músculos. Como resposta, todo seu corpo estremeceu, dos ombros até as panturrilhas, e teve que apoiar-se na força do Rei ou teria caído diretamente ao chão.

Entretanto, era gracioso. Ele tinha razão. Uma vez que passaram os tremores, foi capaz de respirar fundo uma ou duas vezes.

Quando esteve grandemente mais estável, afastou-se. Olhando fixamente a maca, franziu o cenho.

—Wrath, posso te perguntar algo?

—É óbvio

Teve que andar um pouco antes de poder formular a pergunta apropriadamente.

—Se Beth... se você e Beth tivessem um bebê, amaria ao menino tanto como ama ela?

O Rei pareceu surpreso.

—Ah...

—Sinto — disse — Isso não é de minha incumbência...

—Não, não é isso. Estou tentando imaginar a situação.

Levantou a mão e se tirou os óculos de seus brilhantes olhos cor verde pálida. Esteve pensando durante um momento e enquanto o fazia jogava com os magros braços dos óculos envoltos, seus dedos longos e fortes se moviam de um lado a outro, e o ruído de um chiar de plástico se elevou na sala ladrilhada.

—Assim é a coisa... E acredito que isto é certo para todos os machos emparelhados. Sua shellan é o coração que palpita em seu peito. Inclusive, muito mais que isso. É seu corpo, sua pele e sua mente... Tudo o que alguma vez foi e tudo o que chegará a ser. Assim um macho nunca poderá sentir tanto amor por outra pessoa como o que sente por sua companheira. Simplesmente não é possível... e penso que as coisas estão evoluindo um pouco. Quanto mais profundamente ame, mais protegerá, e manter a sua fêmea com vida a todo custo significa que ela poderá cuidar dos filhos que tenha. Tendo estabelecido esse ponto, é óbvio que ama a seus filhos. Penso no Darius e na Beth... Estava desesperado por mantê-la a salvo. E Tohr com o John... Y... sim, quero dizer, sem dúvida se sente um profundo amor por eles.

Era lógico. Mas Zsadi nem sequer segurava Nalla...

As portas duplas da clínica se abriram e Z foi trazido. Estava vestido com uma bata de hospital, sem dúvida porque suas roupas deviam ter sido cortadas na clínica de Havers, e seu rosto carecia de toda cor. Tinha ambas as mãos enfaixadas e usava um gesso na parte inferior da perna.

Estava desacordado. Mais que isso, parecia morto.

Apressou-se a ir a seu lado e pôs a mão em seu ombro.

—Zsadi? Zsadi?

As intravenosas e as pílulas nem sempre eram o melhor tratamento para um ferido. Às vezes tudo o que se precisava era o toque do ser amado, o som de sua voz e o conhecimento de que estava em casa, para que de repente retornasse a bordo.

Z abriu os olhos. Quando se encontrou com o fixo olhar azul safira dela seu olhar adquiriu o brilho das lágrimas. Bela estava inclinada sobre ele, seu espesso cabelo cor mogno escorregando por cima de seu ombro, o formoso rosto de rasgos clássicos sulcado pela preocupação.

—Olá — saudou, porque era tão único podia fazer.

Na clínica recusou que lhe administrassem medicamentos para a dor, porque o efeito de moleza que lhe dava recordava a maneira em que foi narcotizado quando estava em poder de sua Ama. Assim com a perna quebrada, e o que ocorreu nas palmas das mãos, sentia uma agonia espantosa. E ainda assim ver bela o ajudou muito com a dor.

—Olá. — Passou-lhe a mão sobre o crânio rapado — Olá...

Ele jogou uma olhada a seu redor para ver quem mais estava na sala de primeiros socorros e fisioterapia. Wrath estava falando com o Rhage na esquina próxima à banheira de hidromassagem, Qhuinn, John e Blay estavam de pé frente às fileiras de gabinetes de aço e vidro.

Quando pôde enfocar claramente os detalhes da sala, pensou na última vez que esteve

ali.

No nascimento.

—Shhh... — murmurou Bela, que evidentemente interpretou mal a razão de sua careta de dor — Só fecha os olhos e te relaxe.

Fez o que lhe pediu, porque retornou a beira do abismo, não pelo muito que estava doendo.

Deus, a noite em que tinha nascido Nalla... Quando quase perdeu a sua shellan...

Z apertou ainda mais os olhos, não desejando reviver o passado... nem olhar muito de perto o presente. Corria o perigo de perder a Bela. De novo. E era sua culpa. De novo.

—Amo-te... — sussurrou — OH, Deus, por favor, não me deixe...